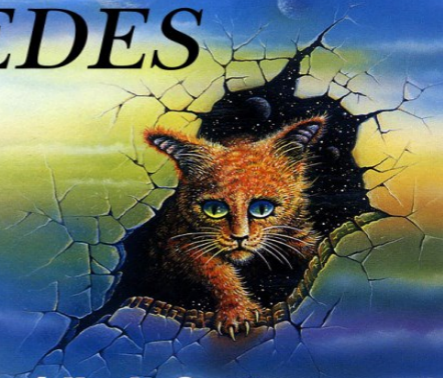


**ROBERT A.
HEINLEIN**

*O GATO QUE
ATRAVESSA
PAREDES*



Uma Comédia de Costumes

Robert A. Heinlein

O GATO QUE ATRAVESSA PAREDES

Uma Comédia de Costumes



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Título original: The cat who walks through walls

Tradução: Ruy Jungmann

Capa: Felipe Taborda

Editora Bertrand Brasil, 1990

ISBN 85-286-0099-8

*Para Jerry e Larry e Harry
e Dean e Dan e Jim Poul, Buz e Sarge,
(Homens que convém termos ao nosso lado)*
R.A.H.

*Ah, Amor! pudéssemos você e eu com Ele cooperar,
Para compreender todo este triste Esquema de Coisas,
Como o reduziríamos a frangalhos
E o remodelaríamos mais de acordo com os
Desejos do Coração!*

Rubayat, de Omar Khayyam
(Estrofe XCIX)

LIVRO UM
Honesto Indiferente

"O que quer que faça, você se arrependerá."

Allan McLeod Gray, 1905-1975

— Precisamos de você para matar um homem. Aquele estranho olhou nervoso em volta. Achei que um restaurante cheio de gente não era lugar para uma conversa dessas. O fato é que o alto nível de ruído em volta só dá mesmo uma privacidade limitada.

Sacudi a cabeça, não querendo nada com aquilo.

— Não sou assassino. Matar, para mim, é mais um *hobby*. Já jantou?

— Não vim aqui para comer. Simplesmente, deixe que eu...

— Ora, não faça cerimônia. Eu insisto...

Ele me aborrecera, interrompendo uma noite com uma garota maravilhosa. Eu lhe pagava na mesma moeda. Não adianta dar corda à má educação. A retaliação se impõe, cortês, mas firme.

A garota, Gwen Novak, dissera que precisava retocar a maquiagem e deixara a mesa. Ao que, o Sr. Anônimo se materializara e se sentara, sem ser convidado. Eu ia lhe dizer que se mandasse quando ele mencionou um nome, Walker Evans. Não há nenhum "Walker Evans".

Em vez disso, o nome é, ou deve ser, uma mensagem enviada por uma entre seis pessoas, cinco homens e uma mulher, um código a me lembrar de uma dívida. É concebível que um pagamento, em prestação, daquela antiga dívida pudesse exigir que eu matasse um homem — possível, mas improvável.

Mas não era concebível que eu matasse alguém por solicitação de um estranho porque ele mencionara aquele nome.

Embora me sentisse obrigado a lhe prestar atenção, nem de longe pensava em deixar que ele estragasse minha noite. Mas já que estava sentado à minha mesa, bem que poderia comportar-se como um convidado.

— Moço, se não quer um jantar completo, experimente as sugestões do *maitre*. Este *ragout de lapin* com torradas talvez seja rato em vez de coelho, mas o *chef* aqui dá um jeito para que tenha o sabor de ambrosia.

— Mas eu não quero...

— Por favor. — Ergui a cabeça e captei o olhar de meu garçom. — Morris.

Morris compareceu imediatamente.

— Três *ragout de lapin*, por favor, Morris, e peça ao Hans que me escolha um

vinho branco seco.

— Sim, senhor, Dr. Ames.

— Sirva apenas quando a moça chegar, por favor.

— Certamente, senhor. Esperei até o garçom se afastar.

— Minha convidada volta logo. O senhor tem alguns minutos para se explicar, em particular. Por favor, comece dizendo quem é.

— Meu nome não tem importância. Eu...

— Ora, vamos, senhor! Seu nome. Por favor.

— Mandaram que eu dissesse simplesmente: "Walker Evans".

— Serve, em parte. Mas seu nome não é Walker Evans e eu não faço negócios com um homem que não quer dizer o nome. Diga quem é, e seria bom que tivesse uma carteira de identidade que combinasse com suas palavras.

— Mas... coronel, é muito mais importante dizer quem tem que morrer e por que o senhor é o homem que tem que matá-lo! O senhor *tem* que reconhecer isso!

— Eu não tenho que reconhecer nada. Seu nome, moço! E sua carteira de identidade. E, por favor, não me chame de "coronel". Eu sou o Dr. Ames.

Tive que erguer o tom para a voz não ser abafada por um rufo de tambores. O último *show* da noite estava começando. As luzes diminuíram e um projetor focalizou o apresentador.

— Tudo bem, tudo bem! — O inesperado convidado enfiou a mão no bolso e tirou-a trazendo uma carteira. — Mas Tolliver tem que estar morto até o meio-dia de domingo ou todos nós é que estaremos!

Abriu a carteira para me mostrar a cédula de identidade. Um pequeno ponto escuro apareceu no peito de sua camisa branca. Ele pareceu surpreso e disse baixinho:

— Sinto muito, mesmo — e inclinou-se para a frente. Pareceu que estava tentando acrescentar alguma coisa, mas, de sua boca, o que jorrou mesmo foi sangue. A cabeça de meu convidado imobilizou-se em cima da toalha da mesa.

Saltei da cadeira e dei a volta para o seu lado direito. Quase com a mesma rapidez, Morris apareceu no lado esquerdo. Talvez Morris estivesse tentando socorrê-lo. Eu, não — era tarde demais. Um dardo de quatro milímetros abre um pequeno orifício de entrada e não tem ferimento de saída. Explode dentro do corpo. Quando o ferimento ocorre no tronco, a morte é rápida. O que eu estava fazendo era examinar a multidão em volta — isto é um pequeno trabalho.

Enquanto eu tentava descobrir quem fora o assassino, o chefe dos garçons e um auxiliar de serviço juntaram-se a Morris. Os três agiram com tal presteza e

eficiência que dava até para pensar que remover de uma mesa um comensal assassinado era coisa que faziam com uma das mãos amarrada nas costas. Levaram o cadáver com a rapidez e a discrição de um comparsa de palco chinês. Um quarto homem tirou a toalha e os talheres, e voltou imediatamente com uma toalha imaculada preparando a mesa para dois.

Sentei-me de novo. Não conseguira identificar o provável assassino. Nem mesmo notei pessoa alguma demonstrando uma curiosa falta de curiosidade com o que acontecera à minha mesa. Pessoas olharam fixamente, mas logo que o corpo foi levado deixaram de olhar e voltaram a atenção para o *show*. Não houve gritos nem expressões de horror. Aparentemente, os que haviam notado o fato pensaram que estavam vendo um comensal que se sentira mal de repente, ou que a bebida subira com a mesma rapidez.

A carteira do morto estava nesse momento no bolso esquerdo de meu paletó.

Quando Gwen Novak voltou, levantei-me mais uma vez e puxei a cadeira. Ela sorriu, agradecendo, e perguntou:

— Perdi alguma coisa?

— Não muito. Piadas que já eram velhas antes de você nascer. E outras ainda mais velhas, do tempo em que Neil Armstrong nem tinha nascido ainda.

— Eu gosto de piadas antigas, Richard. Com elas, sei quando devo ir.

— Pois veio ao lugar certo.

Eu também gosto de piadas velhas. Aliás, gosto de todo tipo de coisas velhas — velhos amigos, velhos livros, velhos poemas, velhas peças de teatro. Uma velha favorita fora o começo de nossa noite: *Sonhos de uma Noite de Verão*, encenada no Halifax Ballet Theater, estrelando Luanna Pauline no papel de Titânia. Balé de baixa gravidade, artistas em carne e osso e hologramas mágicos que criavam uma terra de fadas que Will Shakespeare teria adorado. Novidade não é virtude.

Pouco depois, a música abafou o idoso humor do apresentador. O corpo de baile entrou em ondulações na pista de dança, sensualmente gracioso em meia gravidade. O *ragout* chegou; com ele, o vinho. Terminado o jantar, Gwen sugeriu que dançássemos. Eu tenho esta perna cabulosa, mas à meia-gravidade dou um jeito de me safar nas danças clássicas lentas — valsa, bolero, tango, coisas assim. Gwen é uma trouxinha quente, viva, cheirosa. Dançar com ela é regalo de sibarita.

E era um final alegre para uma noite agradável. Havia ainda, claro, o caso daquele desconhecido que tivera o mau gosto de conseguir ser assassinado à minha mesa. Mas como Gwen aparentemente não tomara conhecimento do desagradável caso, eu o arquivei na mente para tratar dele depois. Para ser exato, estava pronto para, a qualquer momento, receber aquele tapinha no

ombro... mas, enquanto isso, estava curtindo a boa comida, o bom vinho e a boa companhia. A vida transborda de tragédias. Se deixarmos que elas nos peguem pelo pé, não podemos desfrutar-lhe os prazeres inocentes.

Gwen sabe que em matéria de dança minha perna só vai até certo ponto. A primeira interrupção na música, ela tomou a frente em nossa volta para a mesa. Com um sinal, pedi a conta a Morris. Ele tirou-a do meio do ar, digitei nela o código de minha conta de crédito, marquei-a para a gorjeta padrão, mais cinquenta por cento, e selei tudo com minha impressão digital.

Morris agradeceu:

— Uma saideira, senhor? Ou um conhaque? Quem sabe, a moça gostaria de tomar um licor? Com os cumprimentos do Rainbow's End.

O dono do restaurante, um egípcio idoso, acreditava num agrado. Pelo menos para os frequentadores habituais. Não sei como os turistas da Terra eram tratados.

— Gwen? — perguntei, esperando que ela recusasse. O consumo de bebida de Gwen limita-se a um cálice de vinho às refeições. Um único.

— Um *cointreau* seria bom. Eu gostaria de ficar ainda um pouco, ouvindo a música.

— *Cointreau* para a senhora — anotou Morris. — Doutor?

— *Mary Tears* e um copo d'água, por favor, Morris. Logo que Morris se afastou, Gwen comentou, tranqüila:

— Eu precisava de tempo para conversar com você, Richard. Quer dormir em minha casa hoje à noite? Não precisa ficar desconfiado. Pode dormir sozinho, se quiser.

— Eu não gosto tanto assim de dormir sozinho.

Mentalmente, examino rápido as possibilidades. Ela pedira uma bebida que não queria para me fazer um oferecimento que não combinava. Gwen é uma mulher franca. Achei que, se desejasse dormir comigo, teria dito isso mesmo — não viria com rodeios.

Por conseguinte, convidara-me para dormir em seu compartimento porque achava que era imprudente ou perigoso, para mim, ir dormir em minha própria cama. Portanto...

— Você viu.

— De longe. De modo que esperei até que as coisas se acalmassem antes de voltar para a mesa. Richard, não tenho bem certeza do que aconteceu. Mas se precisa de um lugar para bancar o morto... então venha comigo!

— Ora, muito obrigado, minha querida! — Uma amiga que oferece ajuda sem

pedir explicações é um tesouro sem preço. — Aceite ou não, estou em dívida com você. Hummm, Gwen, eu também não sei bem o que aconteceu. Um desconhecido total que é morto enquanto está tentando nos dizer alguma coisa... Um clichê, um clichê surrado. Se eu bolasse hoje uma história dessa maneira, meu sindicato me expulsaria. — Sorri para ela. — Na forma clássica, acabaria por se descobrir que você foi a assassina... um fato que só se revelaria aos poucos, enquanto você fingisse me ajudar na busca. O leitor escolado saberia desde o primeiro capítulo que foi você, mas eu, como detetive, nem desconfiaria do que era tão visível como o nariz em seu rosto. Digo: no meu.

— Oh, meu nariz é muito comum. Os homens se lembram é de minha boca, Richard. Mas não vou ajudar você a botar a culpa disso em mim. Eu, simplesmente, lhe ofereci um esconderijo. Ele foi realmente assassinado? Não pude ter certeza.

— Ahn? — A chegada de Morris com as bebidas salvou-me de responder àquilo depressa demais. — Eu não havia pensado em nenhuma outra possibilidade. Gwen, ele não foi ferido. Ou morreu quase instantaneamente... ou aquilo foi fingido. Poderia ser? Claro. Se mostrado em representação holográfica, poderia ser feito em tempo real, com apenas alguns adereços banais. — Pensei no assunto. Por que o pessoal do restaurante fora tão rápido, tão preciso, no abafamento do caso? Por que eu não havia sentido aquele tapinha no ombro? — Gwen, pego você na palavra. Se os censores quiserem me prender, eles me encontrarão. Mas eu gostaria de discutir este assunto com você em maiores detalhes do que podemos fazer aqui, por mais baixo que a gente fale.

— Ótimo. — Levantou-se. — Não me demoro querido. — E dirigiu-se para a toalete feminina.

Quando me levantei, Morris me entregou a bengala e me apoiou nela, enquanto a seguia na direção dos toaletes. Não preciso realmente usar bengala — posso até dançar, como vocês sabem — mas usando-a evito que minha perna fique cansada demais.

Saindo do toalete dos homens, tomei posição no *foyer* e esperei.

E tome espera.

Tendo esperado mais do que o razoável, procurei o *maître d'hotel*.

— Tony, você poderia mandar uma de suas auxiliares ir até o toalete das senhoras para ver o que está acontecendo com a Sra. Novak? Acho que ela pode ter adoecido ou estar com algum problema.

— Sua convidada, Dr. Ames?

— Ela mesma.

— Mas ela saiu há 20 minutos. Eu mesmo a levei até a porta.

— Saiu? Devo ter entendido mal o que ela disse. Obrigado, e boa-noite.

— Boa-noite, doutor. Vamos esperar ansiosos sua próxima visita.

Deixei o Rainbow's End, demorei-me por um instante no corredor público no lado de fora — círculo 30, nível de meia-gravidade, na direção dos ponteiros do relógio a partir do raio 2-70, na Petticoat Lane, um local movimentado, mesmo à 1h da manhã. Olhei em volta à procura de censores à minha espera, em parte esperando ver Gwen já em cana.

Nada parecido. O que vi foi uma corrente ininterrupta de pessoas, a maioria gente da superfície em férias a julgar por suas roupas e comportamento, além de mascates de lojas pornós, guias e matutos, batedores de carteira e pedras. O *hábitat* Regra de Ouro ^[1] é conhecido em todo o Sistema como lugar onde tudo está à venda e a Petticoat Lane ajuda a manter essa reputação no que interessa a locais luxuosos. Quem quiser coisas mais sóbrias basta virar no sentido contrário aos ponteiros em um arco de 90 graus, para chegar a Threadneedle Street.

Nenhum sinal dos censores. Nem de Gwen.

Ela prometera me encontrar na saída. Prometera mesmo? Não, não mesmo. As palavras exatas dela haviam sido: "Não me demoro, querido". Eu tirara a ilação de que ela esperava me encontrar à porta do restaurante.

Conheço todas aquelas piadas velhas e batidas sobre as mulheres e o tempo, *La donna è mobile*, estes troços. Não acredito em nenhuma delas. Gwen não mudara de idéia assim de repente. Por alguma razão — alguma *boa razão* — ela saíra sem mim e, nesse momento, esperaria que eu fosse ter com ela em casa.

Ou pelo menos foi isso o que disse a mim mesmo.

Se tomara uma motoneta, já estava lá. Se andara, logo chegaria à casa. Tony dissera: "Há 20 minutos." Há um posto de motonetas na esquina do círculo 30 com a Petticoat Lane. Encontrei uma desocupada, digitei círculo 1-0-5, raio 1-30-5, gravidade 6/10, o que me levaria tão perto quanto é possível, em motoneta pública, do compartimento de Gwen.

Gwen mora no Gretna Green, a um passo do Appian Way, no ponto em que corta a Yellow Brick Road — o que não significa coisa nenhuma para uma pessoa que nunca esteve no *hábitat* Regra de Ouro. Algum "especialista" em relações públicas chegara à conclusão de que os habitantes se sentiriam mais à vontade se cercados por nomes de lugares conhecidos da superfície. Há mesmo (não vomite) uma "Casa na Esquina dos Pobres". O que digitei foram as coordenadas do cilindro principal: 105, 135, 0, 6.

O cérebro da motoneta, concentrado em alguma coisa perto do círculo 10, aceitou essas coordenadas e esperou. Digitei meu código de crédito e tomei posição, agachado de costas para os coxins de aceleração.

Aquele cérebro idiota passou um tempo insultuosamente longo para chegar à conclusão de que meu crédito era bom e depois pôs uma teia em volta de mim, fechou a cápsula e, *whuff; bam!*, lá fomos nós... em vôo rápido por três quilômetros a partir do círculo 30 para o círculo 1-0-5, e logo depois *bam! bing! whuff!*, e eu estava em Gretna Green. A motoneta se abriu.

Para mim, esse serviço vale bem o preço. O administrador, porém, vem nos advertindo de que o sistema não se autofinancia: temos que usá-lo mais ou pagar mais por viagem, ou o material será sucitado e o espaço alugado a outro. Tomara que cheguem a uma solução. Algumas pessoas precisam deste serviço. (Sim, eu sei, a teoria Laffer fornece sempre duas soluções para um problema como este, uma alta e outra baixa — exceto quando a teoria afirma que as duas soluções são as mesmas... e imaginárias. O que bem poderia se aplicar aqui. Pode ser que um sistema de motonetas seja caro demais para um *habitat* espacial no estágio atual da arte de engenharia.)

Dava para andar até o compartimento de Gwen: para baixo até 7/10 de gravidade, 50 metros "para a frente" até seu número. Toquei.

A porta respondeu:

— Esta é a voz gravada de Gwen Novak. Fui me deitar e estou, espero, dormindo placidamente. Se sua visita é realmente uma emergência, deposite 100 coroas, usando seu código de crédito. Se concordar que se justifica eu ter sido acordada, devolvarei seu dinheiro. Se discordar — riso, risinho, casquinada! — gasto todo o dinheiro em bebida e deixo-o do lado de fora, de qualquer maneira. Se sua visita não é uma emergência, por favor, grave sua mensagem na trilha sonora de meu grito.

Estas palavras foram seguidas por um grito agudo, como se a pobre garota estivesse morrendo por estrangulamento.

Aquilo era uma emergência? Uma emergência de 100 coroas? Cheguei à conclusão de que não era esse tipo de emergência, de modo que gravei:

— Querida Gwen, fala aqui o seu sempre fiel namorado Richard. De alguma maneira, nossos fios se embaralharam. Mas podemos desembaralhá-los pela manhã. Pode ligar para meu compartimento quando acordar? Amor e beijinhos. Richard, o Coração-de-Leão.

Fiz um esforço para manter fora da voz o aborrecimento, que não era tão banal assim. Achava que havia sido passado para trás, mas, bem no fundo, havia a convicção de que Gwen não me maltrataria intencionalmente. Tinha que haver uma explicação honesta para aquilo, embora eu não pudesse compreender o quê.

Depois, fui pra casa, *whuff! bing! bam!.. bam! bing! whuff!*

Possuo um compartimento de luxo, com quarto separado da sala de estar. Entrei,

verifiquei se havia algum recado no terminal — nenhum — ajustei-o para condições de dormida, tanto na porta como no terminal, pendurei a bengala e entrei no quarto.

E lá estava Gwen, dormindo em minha cama.

E parecia docemente tranqüila. Recuei em silêncio, despi-me sem barulho, entrei no refrigador, fechei a porta — à prova de som. Eu disse que era um compartimento de luxo. Apesar disso, fiz o menor ruído possível enquanto me refrescava para a cama, uma vez que "à prova de som" é mais esperança do que certeza. Quando fiquei tão higiênico e inodoro quanto um símio glabro pode ficar sem passar por cirurgia, voltei silenciosamente para o quarto e, com o máximo cuidado, enfiei-me na cama. Gwen se mexeu, mas não acordou.

Acordado em alguma ocasião durante a noite, desliguei o alarme. Mas acordei na hora habitual, uma vez que minha bexiga não pode ser desligada. Levantei-me, tratei dela, refresquei-me para o dia que começava, resolvi que queria viver, enfiei-me em um roupão e, sem barulho, entrei na sala de estar, onde abri o abastecedor e verifiquei as provisões. Uma hóspede especial merecia um desjejum especial.

Deixei aberta a porta de comunicação, de modo a poder mantê-la de olho, Acho que foi o cheiro do café que a acordou.

Quando a vi abrir os olhos, disse em volta alta:

— Bom-dia, dia lindo. Levante-se e escove os dentes. O desjejum está pronto.

— Já escovei os dentes há uma hora. Volte para a cama.

— Ninfomaniaca. Suco de laranja, de cereja preta, ou ambos?

— Ahn... ambos. Não mude de assunto. Venha até aqui e enfrente seu destino, como homem.

— Coma, primeiro.

— Covarde. Richard é bicha, Richard é bicha!

— Um covarde completo... Quantos *waffles* você consegue comer?

— Humm... decisões! Você não pode descongelar um de cada vez?

— Estes não são congelados. Há apenas alguns minutos, estavam vivos e cantando. Eu mesmo os matei e esfolei. Fale, ou como todos eles.

— Oh, vergonha das vergonhas! Troca-me por *waffles*. Nada me resta senão recolher-me a um mosteiro. Dois.

— Três. Você quer dizer "convento".

— Eu sei o que quero dizer. — Levantou-se, entrou no refrigador, saiu logo,

usando um de meus roupões. Pedacos agradáveis de Gwen projetavam-se aqui e ali. Entreguei-lhe o copo de suco. Ela tomou dois goles antes de falar:

— Poxa, isto é bom. Richard, quando a gente se casar você vai me preparar o desjejum todas as manhãs?

— Essa pergunta contém suposições implícitas que não estou querendo...

— Depois que eu confiei em você e lhe dei tudo!

— ... discutir, mas admito que, com igual boa vontade, tanto prepararia desjejum para dois como para um. Por que é que presume que vou me casar com você? Que incentivos você me oferece? Está pronta para um *waffle*?

— Escute aqui, moço, nem todos os homens ficam exigentes assim quando se trata de casar com avós. Já recebi oferecimentos. Sim, estou pronta para um *waffle*.

— Passe o prato. — Sorri alegre para ela. — Vovó, uma ova. Nem mesmo se tivesse tido o primeiro filho quando ficou incomodada pela primeira vez e sua prole tivesse nascido imediatamente.

— Nem uma coisa nem outra e eu sou avó. Richard, estou querendo deixar claras duas coisas. Não, três. Em primeiro lugar, estou falando sério quando falo em querer casar com você, se você ainda topar... ou, se não quiser, eu fico com você, como meu bichinho de estimação e preparo o desjejum para você. Em segundo, sou realmente avó. Em terceiro, se, a despeito de minha avançada idade, você quer ter filhos comigo, as maravilhas da microbiologia moderna conservaram-me fecunda, além de relativamente sem rugas. Se quiser ter filhos comigo, não deve ser tão trabalhoso assim.

— Eu poderia me obrigar a isso. Xarope de bordo nesse aí, de vacínio nesse outro. Ou, quem sabe, eu fiz um filho na noite passada?

— Ocasão errada por, pelo menos, uma semana... mas o que diria você se eu tivesse dito: "Acertou no meu dia fértil!"

— Deixe de brincadeira e acabe o *waffle*. O outro já está pronto.— Você é um monstro sádico. E deformado.

— Deformado, não — protestei. — Este pé foi amputado. Não nasci sem ele. Meu sistema imunológico recusa-se a aceitar um transplante e ponto final. E é um dos motivos porque vivo em baixa gravidade.

Gwen ficou subitamente séria.

— Oh, meu querido! Eu não estava me referindo a seu pé. Oh, Deus do céu... seu pé não importa... exceto que vou tomar mais cuidado do que nunca para não pressioná-lo, agora que sei por quê.

— Desculpe. Tudo bem. Agora, que história é essa de eu ser "deformado"?

Imediatamente, ela voltou ao seu alegre habitual.

— Você devia saber! Depois de ter me estirado toda e me tornado inútil para um homem normal. E agora não quer casar comigo. Vamos voltar para a cama.

— Vamos terminar o café e resolver isto primeiro... Você não tem compaixão? Eu não disse que não casava com você... e eu *não* estirei você.

— Oh, que mentira mais pecaminosa! Passe a manteiga, sim? Você é deformado, mesmo! Qual é o tamanho desse tumor com um osso dentro! Vinte e cinco centímetros! Mais? E que grossura? Se o tivesse visto primeiro, nunca teria me arriscado a ele.

— Oh, tolice! Não tem nem mesmo 20 centímetros. E eu não estirei você. Sou apenas de tamanho médio. Você devia ter conhecido meu tio Jack Quer mais café?

— Quero, obrigada. Mas você me estirou, mesmo! Humm... seu tio Jack é mesmo maior do que você? Localmente?

— Bastante.

— Hummm... onde é que ele mora?

— Termine seu *waffle*. Ainda quer me levar de volta para a cama? Ou quer uma carta de apresentação para meu tio Jack?

— Por que não posso ter os dois? Quero, um pouco mais de *bacon*, obrigado. Richard, você é bom cozinheiro. Não quero casar com o tio Jack Estava simplesmente curiosa.— Não peça a ele que lhe mostre a ferramenta, a menos que você queira usá-la. Ele seduziu a mulher do chefe de escoteiros dele quando tinha apenas 12 anos. Fugiu com ela. O caso provocou muitos comentários no sul de Iowa porque ela não queria soltá-lo. Isso aconteceu há mais de 100 anos, quando essas coisas eram levadas a sério, pelo menos em Iowa.

— Richard, você está insinuando que tio Jack tem mais de 100 anos e que continua ainda ativo e viril?

— Cento e dezesseis e ainda metendo com as esposas, filhas, mães e gado dos amigos. E tem três esposas próprias, de acordo com o código de coabitação de cidadãos graduados de Iowa, uma delas — minha tia Cissy — ainda na escola secundária.

— Richard, às vezes acho que você nem sempre fala a verdade. Que tem uma ligeira inclinação para o exagero.

— Mulher, isto não são modos de se dirigir ao seu futuro marido. Atrás de você há um terminal. Digite aí Grinnell, Iowa. Tio Jack mora lá. Vamos chamá-lo? Converse com ele bem convincente e ele talvez lhe mostre seu orgulho e alegria. Então, querida?

— Você está simplesmente tentando evitar de me levar de volta para a cama.

— Outro *waffle*?

— Pare de tentar me subornar. Hum, metade, talvez. Divida um comigo, sim?

— Não. Um inteiro para cada um.

— "Ave, César!" Você é o mau exemplo de que sempre precisei. Logo que a gente se casar, vou engordar.

— Que bom que disse isso. Eu estava sem saber como dizer, mas você é um pouco sobre o osso. Cantos pontudos. Contusões. Um pouco de acolchoamento ajudaria.

Não vou descrever o que Gwen disse em seguida. Foi pitoresco, mesmo lírico, mas (na minha opinião) pouco refinado. Não a verdadeira Gwen, de modo que não vou deixar isso registrado.

Respondi:— Na verdade, é irrelevante! Admiro-a por sua inteligência. E por seu espírito angélico. E pela bela alma. Não vamos descer ao físico.

Mais uma vez, acho que tenho que censurar.

— Muito bem — concordei. — Se é isso o que você quer. Meta-se naquela cama e comece a pensar pensamentos físicos. Vou desligar a máquina de *waffle*.

Um pouco mais tarde, perguntei:

— Você quer um casamento na igreja?

— (*Arrulho.*) Vou ter que usar branco? Richard, você é religioso?

— Não.

— Nem eu. Acho que nem você nem eu somos gente de igreja.

— Concordo. Mas de que maneira quer casar? Tanto quanto sei, não há outra maneira de casar-se no Regra de Ouro. Nada nos regulamentos do administrador. Legalmente, o instituto do casamento não existe aqui.

— Mas, Richard, um bocado de gente se casa.

— Mas como, querida? Sei que casam, mas se não fazem isso através de uma igreja, como é que fazem, não sei. Nunca tive oportunidade de descobrir. Será que vão a Luna City? Ou descem para a superfície? Como?

— Da maneira como querem. Alugam um salão e conseguem que algum VIP amarre o nó na presença de um bocado de convidados, com música de fundo e uma grande recepção depois... ou fazem isso em casa, presentes apenas alguns amigos. Ou qualquer outra coisa entre as duas. A escolha é sua, Richard.

— Hummm, humm, minha, não. Sua. Eu simplesmente concordei em topar. Quanto a mim, acho que uma mulher se encontra em sua melhor forma quando

está um pouco tensa, sem ficar insegura de seu *status*. Isso a mantém na ponta dos pés. Não concorda? Hei! Pare com isso!

— Então, pare de me chatear. Se não quiser cantar de soprano no seu próprio casamento.— Faça isso mais uma vez, e não vai haver casamento. Querida, que tipo de casamento você quer?

— Richard, eu não preciso de uma cerimônia nupcial. Não preciso de testemunhas. Quero simplesmente lhe prometer tudo o que uma esposa deve.

— Tem certeza, Gwen? Você não está sendo precipitada? Droga, promessas que uma mulher faz na cama não devem ser de cumprimento compulsório.

— Não, não estou. Resolvi casar com você há mais de um ano.

— Resolveu? Bem, o diabo me... Hei! Nós nos conhecemos há menos de um ano. No Baile do Dia Um. Julho, dia 20, lembro-me.

— Verdade.

— E então?

— E então o quê, querido? Resolvi me casar com você antes de nos conhecermos. Há algum problema nisso? Eu não tenho. Não tive.

— Hummm. É melhor eu lhe dizer algumas coisas. No meu passado há coisas das quais não me vanglorio. Não exatamente desonestas, mas um pouco duvidosas. E Ames não é meu nome de nascimento.

— Richard, eu me sentirei orgulhosa em ser chamada de "Sra. Ames". Ou de "Sra. Campbell"... "Colin".

Fiquei calado, sonoramente calado, depois perguntei:

— O que mais você sabe?

Ela me olhou firme no olho e não sorriu.

— Tudo que eu precisava saber. Coronel Colin Campbell, conhecido como "Matador" Campbell por suas tropas... e em despachos oficiais. Um anjo salvador para os estudantes da Academia Percival Lowell. Richard, ou Colin, minha filha mais velha foi uma de suas alunas.

— O diabo me leve para sempre.

— Duvido disso.

— E por causa disso você resolveu casar comigo?

— Não, homem querido. Essa razão foi suficiente há um ano. Mas, agora, tive muitos meses para descobrir o homem que está por trás do herói das histórias em quadrinhos. E... eu, de fato, dei um jeito para levá-lo para a cama na noite passada, mas nenhum de nós dois se casaria apenas por esse motivo. Quer conhecer também seu próprio passado maculado? Eu conto.

— Não. — Tomei-lhe as mãos. — Gwendolyn, quero que você seja minha esposa. Você me aceita como marido?

— Aceito.

— Eu, Colin Richard, aceito-te, Gwendolyn, como minha esposa, para manter e conservar, amar e cuidar, enquanto você me quiser.

— Eu, Sadie Gwendolyn, aceito-te, Colin Richard, como meu marido, para manter e conservar, amar e cuidar, pelo resto de minha vida.

— Poxa! Acho que isto resolve.

— Resolve. Mas, beijei-me... Beijei.

— Quando foi que apareceu esse "Sadie"?

— Sadie Lipschitz, meu nome de família. Não gostava dele e, por isso, mudei-o. Richard, a única coisa que falta para torná-lo oficial é divulgá-lo. Isto legaliza o casamento. E quero legalizá-lo enquanto você ainda está tonto.

— Tudo bem. Divulgue-o agora.

— Posso usar seu terminal?

— *Nosso* terminal. Você não tem que pedir para usá-lo.

— "Nosso terminal." Obrigado, querido. — Levantou-se, foi até o terminal, digitou o catálogo, ligou para o *Golden Rule Herald* e pediu para falar com o colunista social. — Por favor, grave. O Dr. Richard Ames e a Sra. Gwendolyn Novak têm o prazer de anunciar seu casamento nesta data. Solicita-se que não sejam enviados presentes nem flores. Por favor, confirme. — E desligou.

Eles ligaram para nós imediatamente. Respondi e confirmei. Ela suspirou.

— Richard, eu o apressei. Mas tive que fazer isso. Agora, ninguém pode me obrigar a depor contra você em qualquer jurisdição, em qualquer lugar. Quero ajudá-lo de todas as maneiras como puder. Por que o matou, querido? E como?

II

"Para acordar um tigre, use uma vara comprida."

Mao Tse-Tung, 1893-1976

Olhei pensativamente para minha esposa.

— Você é uma mulher valente, meu amor, e sinto-me grato porque não quer depor contra mim. Mas não tenho certeza de que o princípio legal que citou possa ser aplicado nesta jurisdição.

— Mas essa é a norma geral da justiça, Richard. Não se pode obrigar uma esposa a depor contra o marido. Todo mundo sabe disso.

— A questão é: o Administrador sabe? A Companhia afirma que o *habitat* só tem uma lei, a Regra de Ouro, e alega que os regulamentos do Administrador são apenas interpretações práticas dessa regra, simplesmente diretrizes sujeitas à mudança... mudanças bem no meio de uma audiência e retroativas, se o Administrador assim decidir. Gwen, não sei. A promotoria do Administrador pode chegar à conclusão de que você é a principal testemunha da Companhia.

— Eu não farei isso! Não farei!

— Obrigado, minha querida. Mas vejamos o que seria seu depoimento caso você fosse testemunha do... o que é que vamos chamar aquilo? Ahn, suponhamos que sou acusado de ter maldosamente causado a morte do, ahn, Sr. X... sendo o Sr. X o estranho que veio à mesa quando você pediu licença para ir ao toalete. O que foi que você viu?

— Richard, eu o vi matá-lo. Eu vi!

— Um promotor pode querer mais detalhes. Viu-o chegar à nossa mesa?

— Não. Não o vi até sair do toalete e começar a me dirigir para nossa mesa... e fiquei espantada vendo uma pessoa sentada em minha cadeira.

— Tudo bem, volte atrás um pouco e me diga exatamente o que viu.

— Humm, saí do toalete, e virei à esquerda, na direção de nossa mesa. Você estava de costas para mim, como deve se lembrar...

— Não importa o que eu me lembro. Conte o que você lembra. A que distância estava você?

— Oh, não sei. Dez metros, talvez. Posso voltar lá e medir. Isso tem importância?

— Se tiver em alguma ocasião, você pode medir. Você me viu de uma distância de uns dez metros. O que eu estava fazendo? Estava de pé? Sentado? Movimentando-me?

- Você estava sentado, de costas para mim.
- Minhas costas estavam voltadas para você. A iluminação não era muito boa. Como é que você sabe que era eu?
- Ora... Richard, você está sendo intencionalmente difícil.
- Estou, porque promotores são intencionalmente difíceis. Como foi que me reconheceu?
- Humm... Era *ocê*, Richard. Conheço tão bem sua nuca como conheço seu rosto. De qualquer modo, quando você se levantou e se moveu, eu vi *de fato* seu rosto.
- O que foi que eu fiz em seguida? Levantei-me?
- Não, não. Eu o vi, em nossa mesa... depois parei quando vi alguém sentado à sua frente, em minha cadeira. Fiquei simplesmente ali e olhei.
- Reconheceu-o?
- Não. Acho que nunca o vi antes.
- Descreva-o.
- Hummm, acho que não posso, muito bem.
- Baixo? Alto? Idade? Barba? Raça? De que maneira ele estava vestido?
- Eu não o vi de pé. Ele não era moço, mas também não era velho. Acho que não usava barba.
- Bigode?
- Não sei. (Eu sabia. Não usava bigode. Devia ter uns 30 anos.)
- Raça?
- Branca. Pele clara, de qualquer maneira, mas não louro como um sueco. Richard, não houve tempo para notar todos os detalhes. Ele o ameaçou com alguma espécie de arma, você atirou nele e saltou quando o garçom se aproximou... e eu recuei até que o levaram dali.
- Para onde o levaram?
- Não sei com certeza. Recuei para o toailete das mulheres e deixei que a porta se contraísse. Podem tê-lo levado para o toailete dos homens, que fica no outro lado do corredor. Mas há outra porta no fim do corredor, com uma tabuleta: "Empregados, apenas."
- Você disse que ele me ameaçou com uma arma?
- Disse. Em seguida, você atirou nele, pegou dele a arma e guardou-a no bolso no mesmo momento em que o garçom apareceu no outro lado.
- (Ohh!) Em que bolso eu a guardei?

— Deixe ver se eu me lembro. Mentalmente, tenho que virar daquela maneira. O bolso esquerdo. O bolso esquerdo externo do paletó.

— Como era que eu estava vestido na noite passada?

— A rigor, nós tínhamos vindo diretos do *ballet*. Camisa branca de gola rolê, paletó marrom, calças pretas.

— Gwen, porque você estava adormecida no quarto, na noite passada eu me despi aqui na sala de estar e pendurei as roupas que estava vestindo naquele guarda-roupa junto à porta de entrada, pensando em tirá-las dali depois. Quer, por favor, abrir aquele guarda-roupa, procurar o paletó que usei ontem e tirar do bolso esquerdo externo a "arma" que me viu guardar nele?

— Mas...

Mas calou-se e, rosto solene, fez o que eu mandara. Um momento depois, voltou.

— Isto é tudo que estava naquele bolso. — E me entregou a carteira do estranho.

Peguei-a.

— Esta é a arma com que ele me ameaçou. — E mostrei-lhe o indicador da mão direita, sem nada. — E esta é a arma que usei para atirar nele quando ele me apontou a carteira.

— Não estou entendendo.

— Amada, é por isto que os criminologistas acreditam mais em prova circunstancial do que no depoimento de testemunhas oculares. Você é a testemunha ideal, inteligente, sincera, cooperativa e honesta. Você descreveu uma mistura do que realmente viu, o que pensou que viu, o que deixou de ver, embora estivesse bem à sua frente, e o que sua mente lógica contribuiu, como necessidade, ligando o que viu com o que pensou que viu. Esta mistura está tão sólida agora em sua mente como se fosse uma autêntica recordação, uma recordação de primeira mão de urna testemunha ocular. Mas não aconteceu.

— Mas Richard, eu *de fato* vi.

— Você viu aquele pobre palhaço ser morto. Não o viu me ameaçando, nem me viu atirando nele. Uma terceira pessoa matou-o com um dardo explosivo. Uma vez que ele estava de frente para você e o dardo pegou-o no peito, deve ter partido bem detrás de você. Notou alguém de pé ali?

— Não. Oh, havia garçons andando de um lado para o outro, auxiliares de garçom, o *maitre* e gente levantando-se e se sentando. Quero dizer, não notei ninguém em especial... e de maneira nenhuma alguém usando uma arma. Que tipo de arma?

— Gwen, talvez não parecesse uma arma. Uma arma disfarçada de assassino, capaz de disparar um dardo a curta distância... Poderia parecer com qualquer

coisa, enquanto tivesse a dimensão de uns 15cm de comprimento. Uma bolsa de mulher. Uma câmara fotográfica. Binóculos de ópera. Uma lista interminável de objetos de aparência inocente. Mas isto não nos leva a parte alguma, uma vez que eu estava de costas e você nada viu de fora do comum. O dardo provavelmente veio de um lugar atrás de suas costas. De modo que, esqueça isso. Vamos ver quem era a vítima. Ou quem dizia ser.

Tirei tudo dos compartimentos da carteira, inclusive do mal disfarça do compartimento "secreto." Este último continha certificados de ouro, emitidos por um banco de Zurique, equivalentes a umas 17 mil coroas — seu último pagamento, ao que parecia.

Havia uma espécie de carteira de identidade do tipo que o Regra de Ouro fornece a todas as pessoas que chegam ao eixo do *habitat*. Mas tudo o que ela prova é que a pessoa "identificada" tem um rosto, alega possuir nome, prestou esclarecimento sobre nacionalidade, idade, local de nascimento, etc., e depositou na Companhia uma passagem de volta, ou o equivalente em dinheiro, bem como pagou antecipadamente a taxa de respiração de 90 dias — sendo estes dois aspectos tudo o que interessa à Companhia.

Não sei com certeza se a Companhia jogaria no espaço uma pessoa que, por algum lapso, chegasse sem passagem de volta nem dinheiro para pagar pelo ar. Talvez lhe deixasse vender a dentadura. Mas eu não contaria com isso. Comer vácuo não é coisa a que eu queira me arriscar.

Essa tal carteira de identidade da Companhia dizia que o portador era Enrico Schultz, de 32 anos de idade, cidadão de Belize, nascido em Ciudad Castro, contador por profissão. A foto que acompanhava a carteira era daquele pobre-diabo que arranjara um jeito de morrer abordando-me em um lugar público demais... e pela enésima vez perguntei-me por que ele não me telefonara e, em seguida, me fizera uma visita particular. Como "Dr. Ames" eu estou no catálogo... e se mencionasse "Walker Evans" teria conseguido uma audiência, uma audiência particular.

Mostrei-o a Gwen.

— É este o nosso rapaz?

— Acho que é. Mas não tenho certeza.

— Eu tenho. Conversei com ele cara a cara durante alguns minutos.

A coisa mais estranha na carteira de Schultz era o que não continha. Além dos certificados de ouro suíços, guardava 831 coroas e aquela identidade do Regra de Ouro.

Mas isso era tudo.

Nada de cartões de crédito, nem habilitação de piloto de veículo a motor, nem

cartões de seguros, nem de sindicatos ou associações, nem outro qualquer que o identificasse, nem mesmo carteirinha de clube, neca. Carteiras de homens são como bolsas de mulheres. Acumulam lixo — fotos, recortes, listas de compras, etc. sem fim, e periodicamente precisam de uma limpeza. Mas, ao fazer isso, o indivíduo geralmente deixa uma dezena de itens que o homem moderno precisa para se mexer por aí. Meu amigo Schultz não tinha nada disso.

Conclusão: ele não estava ansioso para divulgar sua verdadeira identidade. Corolário: em algum lugar do Regra de Ouro estavam guardados, escondidos, seus documentos pessoais... outra carteira de identidade com um nome diferente, um passaporte, quase com certeza não emitido em Belize, outros itens que poderiam me dar uma pista sobre seus antecedentes, motivos e (possivelmente) como ele viera saber de "Walker Evans" e invocá-lo.

Poderiam ser encontradas essas peças?

Um problema associado me incomodava: aqueles 17 mil em certificados de ouro. Em vez de ser dinheiro para fuga, poderia ter ele esperado usar uma soma tão insignificante para me contratar para matar Tolliver? fosse isso, eu me sentia ofendido. Preferia pensar que ele alimentara a esperança de me fazer cometer o assassinato como um serviço público.

— Quer se divorciar de mim? — perguntou Gwen.

— Ahn?

— Eu forcei você a isto. Minhas intenções eram boas, eram, mesmo! Mas acabo de descobrir que fui uma estúpida.

— Oh, Gwen, eu nunca casei e me divorciei no mesmo dia. Nunca. Se quer realmente se livrar de mim, fale-me amanhã. Embora, para ser justo, eu ache que deva me experimentar por 30 dias. Ou duas semanas, pelo menos. E me permita fazer o mesmo. Até agora, seu desempenho, tanto vertical quanto horizontal, tem sido satisfatório. Se algum dia se tornar insatisfatório, eu lhe aviso. Bastante justo?

— Bastante justo. Embora eu talvez possa surrá-lo até a morte com suas próprias cavilações.

— Surrar o marido até a morte é privilégio de todas as mulheres casadas, enquanto ela puder fazer isto em particular. Por favor, acalme-se, minha querida, estou com problemas. Pode pensar em alguma boa razão por que Tolliver deveria ser morto?

— Ron Tolliver? Não. Embora eu também não consiga pensar em qualquer boa razão por que ele deva continuar vivo. Ele é um grosseirão.

— Ele é tudo isso, certo. Se não fosse um dos donos da Companhia, já lhe teriam dito para pegar sua passagem de volta e cair fora há muito tempo. Mas eu não

disse "Ron Tolliver", eu disse simplesmente "Tolliver".

— Há mais de um? Tomara que não.

— Isso veremos.

Fui até o terminal e digitei o catálogo telefônico, letra "T".

— "Ronson H. Tolliver, Ronson Q. — este é o filho dele — e aqui o da esposa, "Stella M., Tolliver". Hei! Aqui diz "Ver também Taliaferro."

— Essa é a grafia original — explicou Gwen. — Mas é pronunciada "Tolliver" da mesma maneira.

— Tem certeza?

— Toda. Pelo menos ao sul da Linha Mason e Dixon, lá na superfície. Grafar a palavra como "Tolliver" sugere ralé branca que não sabe escrever. Escrever de maneira certa e depois pronunciar todas as letras juntas faz com que pareça uma droga de nome ianque, um antigo nome que poderia ter sido "Lipschitz" ou coisa assim. O autêntico dono de fazenda, surrador de negros e fodedor de negras escrevia da maneira comprida e pronunciava-o da maneira curta.

— Lamento muito que você tenha me dito isso.

— Por quê, querido?

— Porque há três homens e uma mulher listados aqui que grafam o nome da maneira comprida, Taliaferro. Não conheço nenhum deles. De modo que não sei qual devo matar.

— Você tem que matar um deles?

— Não sei. Humm, está na hora de lhe contar algumas coisas. Se estiver pensando em ficar casada comigo pelo menos durante 14 dias. Está?

— Claro que estou! Quatorze dias e o resto de minha vida! E você é um porco chauvinista machão.

— Sócio remido.

— E um chato.

— Eu acho que você é bonitinha, também. Quer voltar para a cama?

— Só depois que você resolver quem vai matar.

— Isso pode levar algum tempo. — Fiz o melhor que pude para dar a Gwen uma descrição detalhada, factual, de meu curto conhecimento com o homem que usara o nome "Schultz". — E isso é tudo o que sei. Ele morreu cedo demais para que eu descobrisse mais alguma coisa. Deixando um bocado de perguntas sem respostas.

Virei-me para o terminal, digitei-o para o modo de processador de texto e assim

criei um novo arquivo, como se estivesse armando uma história sensacionalista:

A AVENTURA DO NOME GRAFADO ERRONEAMENTE

Perguntas a Serem Respondidas

1. *Tolliver ou Taliaferro?*

2. *Por que T. tem que morrer?*

3. *Por que "todos nós morreremos" se T. não estiver morto até o meio-dia de domingo?*

4. *Quem é esse cadáver que deu a si mesmo o nome "Schultz"?*

5. *Por que sou o capanga lógico para acabar com T.?*

6. *Este assassinato é necessário?*

7. *Qual dos membros da Sociedade em Memória de Walker Evans deu meu nome àquele trapalhão? E por quê?*

8. *Quem matou "Schultz"? E por quê?*

9. *Por que o pessoal do Rainbow's End interveio logo e abafou o assassinato?*

10. *(Geral.) Por que Gwen saiu antes de mim e por que veio parar aqui, em vez de ir para casa, e como conseguiu entrar?*

— Vamos respondê-las na ordem? — perguntou Gwen. — A número 10 é a única que posso responder.

— Essa eu simplesmente incluí de quebra — respondi. — Quanto às nove primeiras, acho que, se obtiver a resposta para qualquer três delas, poderei deduzir o resto. — E continuei a juntar palavras na tela:

AÇÕES POSSÍVEIS

"Quando Estiver em Perigo ou em Dívida

Corra em Círculos, Grite ou Berre."

— Isso ajuda? — quis saber Gwen.

— Em todas as ocasiões! Pergunte a qualquer velho militar. Agora, vamos tomar uma pergunta de cada vez:

P. 1 — Telefone para todos os Taliaferro do catálogo. Descubra a pronúncia preferida do nome. Risque os que usarem a pronúncia com todas as letras.

P. 2 — Estude os antecedentes dos que sobrarem. Comece com números velhos do arquivo do Herald.

P. 3 — Enquanto investiga a P. 2, mantenha as orelhas bem abertas para alguma coisa marcada ou esperada para o meio-dia de domingo.

P. 4 — Se você fosse um cadáver que chega ao habitat espacial Regra de Ouro e quisesse esconder sua identidade, mas pegar seu passaporte e outros documentos para partida imediata, onde os esconderia? Palpite: procure

saber quando esse cadáver chegou ao Regra de Ouro. Em seguida, verifique hotéis, armários individuais, serviços de cofre de depósito, posta restante, etc.

P. 5 — Adie.

P. 6 — Adie.

P. 7 — Procure entrar em contato telefônico com tantos membros do grupo de juramento "Walker Evans" quanto possível. Continue a tentar até que alguém dê o serviço. Nota: algum cretino pode ter falado demais sem saber.

P. 8 — Morris, ou o maître d', ou o auxiliar de garçom, ou todos eles, ou qualquer dois deles, sabe quem matou Schultz. Um ou mais de um esperavam que aquilo acontecesse. De modo que procuramos o ponto fraco de cada um — bebida, drogas, dinheiro, sexo (comme ci ou comme ça) — e qual era mesmo seu nome lá embaixo, meu velho? Algum digital sobre você, em algum lugar? Descubra esse ponto fraco. Aperte-o. Faça isso com todos os três e veja como as histórias deles combinam. Todo armário tem um esqueleto. Isto é uma lei natural — de modo que, procure-o em todos os casos.

P. 9 — Dinheiro (suposição conclusiva, até prova em contrário). (Pergunta: Quanto tudo isso vai me custar? Tenho recursos para pagar a conta? Resposta à pergunta: Posso me dar o luxo de não fazer isso?)

— Eu andei pensando sobre o caso — disse Gwen. — Quando enfiei nele meu nariz, achava que você estava muito encrencado. Mas, aparentemente, você é inocente como um anjo. Por que é que você tem que fazer alguma coisa, meu marido?

— Preciso matá-lo.

— *O quê?* Mas você não sabe qual deles é o Tolliver! Ou por que ele deve ser morto. Se deve ser.

— Não, não, Tolliver, não. Embora possamos descobrir que Tolliver deva ser morto. Não, querida, o homem que matou Schultz. Tenho que encontrá-lo e matá-lo.

— Oh. Humm, agora entendo que ele deva ser morto. É um assassino. Mas por que *você* deve fazer isso? Ambos são estranhos para você — a vítima e quem quer que o tenha matado! Na verdade, isto não é de sua conta, ou é?

— É da minha conta. Schultz, ou qualquer que seja o nome dele, foi morto enquanto era convidado à minha mesa. Isso é intoleravelmente grosseiro. Não vou tolerar isso. Gwen, meu amor, se toleramos grosserias, elas se tornam piores. Nosso agradável *habitat* poderia transformar-se no tipo de cortiço que é o Ell-Five, com gente se acotovelando, conduta imprópria, barulho desnecessário e linguagem chula. Tenho que encontrar o grosseirão que fez isso, explicar-lhe o crime que cometeu, dar-lhe uma oportunidade de se desculpar, e matá-lo.

III

"Devemos perdoar nossos inimigos, mas não antes deles serem enforcados."

Heinrich Heine, 1797—1856

Minha linda esposa olhou-me fixamente.

— Você *mataria* um homem? Por má educação?

— Você conhece uma razão melhor? Quer que eu ignore comportamento rude?

— Não, mas... Posso entender que se execute um homem por assassinato. Não sou contrária à pena de morte. Mas você não deve deixar isso aos censores e à Administração? Por que você tem que fazer justiça com suas próprias mãos?

— Gwen, eu me expliquei perfeitamente. Meu intuito não é castigar, mas erradicar... Além da satisfação estética de retaliação a comportamento grosseiro. Este assassino desconhecido pode ter tido excelentes razões para matar a pessoa que disse chamar-se Schultz... mas matá-lo na presença de pessoas que faziam uma refeição é tão repugnante como briga de marido e mulher em público. Depois, aquele grosseirão agravou seu ato intolerável fazendo o que fez enquanto a vítima era meu convidado... o que torna a retaliação tanto obrigação como prerrogativa minha. E continuei:

— O crime putativo de assassinato não é assunto meu. Mas, quanto aos censores e à Administração cuidarem do assunto, conhece algum regulamento que proíba assassinato?

— O quê? Richard, *tem* que haver um.

— Pois nunca ouvi falar. Acho que o Administrador poderia interpretar o assassinato como violação da Regra de Ouro...

— Eu acho que interpretaria, mesmo!

— Você acha? Eu nunca tenho certeza do que o Administrador pensará. Mas, Gwen, minha querida, matar não é necessariamente assassinar. Na verdade, freqüentemente não é. Se esta morte jamais chegar à atenção do Administrador, ele pode chegar à decisão de que foi homicídio justificado. Um crime contra as boas maneiras, mas não contra a moral.

— Mas... — continuei, voltando-me novamente para o terminal — o Administrador talvez já tenha resolvido o caso, de modo que vamos ver o que o *Herald* tem a dizer sobre o assunto.

Digitei novamente o jornal, desta vez selecionando o índice da edição e depois escolhendo as estatísticas vitais.

O primeiro item à passar pela tela foi "Casamento — Ames - Novak", de modo

que parei, digitei ampliação, pedi matéria impressa, destaquei-a e entreguei-a a minha esposa.

— Guarde isso para seus netos, a fim de lhes provar que vovó não está mais vivendo em pecado.

— Obrigada, querido. Você é tão galante.

— E sei cozinhar, também.

Desci para os necrológicos. Em geral leio os necrológicos primeiro, uma vez que há sempre a feliz possibilidade de que um deles me alegre o dia.

Mas não naquele dia. Nenhum nome que eu reconhecesse. Especialmente, nenhum "Schultz". Nada senão a triste lista habitual de pessoas que haviam morrido de causas naturais, e uma delas por acidente. Em vista disso, digitei notícias gerais do *habitat* e deixei o noticiário passar.

Nada. Oh, havia o interminável rosário de fatos, de chegadas e partidas de navas até (a maior de todas as notícias) o anúncio de que o mais novo acréscimo, os círculos 130-140, estavam sendo trazidos e, se tudo corresse de acordo com a programação, seriam encaixados e sua soldagem ao cilindro principal começada às 08:00 no dia seis.

Mas nada havia sobre "Schultz", nem menção a qualquer Tolliver ou Taliaferro, e nenhum cadáver de desconhecido. Consultei novamente o índice do jornal, digitei a programação de fatos do domingo seguinte e descobri que a única coisa marcada para o meio-dia do domingo era uma mesa-redonda, montada com imagens holográficas procedentes de Haia, Tóquio, Luna City, EU-Four, Regra de Ouro, Tel Aviv e Agra: "A Crise na Fé: O Mundo Moderno em uma Encruzilhada." Os co-mediadores eram o presidente da Sociedade Humanista e o Dalai Lama. Desejei boa sorte a ambos.

— Até agora só temos nada somado com nada, que dá zero. Gwen, qual é a maneira polida de eu perguntar a estranhos como eles pronunciam seus nomes?

— Deixe que eu tente, querido. Eu digo: "Sinhora Tolivá, aqui tá falando Gloria Meade Calhou, sou di Savannah. A senhora tem uma prima por nomi Stacey Mae, de Charliston?" Quando ela corrigir a maneira como lhe pronunciei o nome, peço desculpa e desligo. Mas se ela — ou ele — aceitar a forma curta mas negar conhecer Stacey Mae, eu digo: "Eu tava in dúvida. Ela disse, Talei-a-faro... mas eu sabia que tava errado." E depois, Richard? Transformo a coisa num encontro ou desligo como se fosse "linha caída"?

— Marque um encontro, se possível.

— Um encontro para você? Ou para mim?

— Para você, mas eu irei com você. Ou marque o encontro em seu compartimento. Mas, em primeiro lugar, tenho que comprar um chapéu.

— Um *chapéu*?

— Uma dessas coisas engraçadas que se bota na parte plana da cabeça. Ou botaria, se a gente estivesse lá embaixo.

— Eu sei o que é um chapéu! Eu nasci na superfície, exatamente como você. Mas duvido muito que um chapéu jamais tenha sido visto fora da Terra. Onde é que você ia comprar um?

— Não sei, garota incomparável, mas posso lhe dizer por que preciso de um. De modo a que possa inclinar polidamente o chapéu e dizer: "Senhor, ou madame, por gentileza, diga-me por que alguém quer que esteja morto, ou morta, até meio-dia de domingo?" Gwen, isto andou me preocupando... como iniciar uma conversa destas. Há maneiras polidas tradicionais para iniciar quase qualquer pergunta, de propor adultério a uma esposa antes casta e solicitar uma propina. Mas como é que a gente inicia *este* assunto?

— Você não pode simplesmente dizer: "Não olhe agora, mas há uma pessoa que está tentando matá-la."

— Não, a ordem está errada. Não vou tentar avisar esse estúpido que alguém anda querendo pegá-lo. Vou tentar descobrir *por quê*. Quando souber o motivo, posso aprová-lo com tanto prazer que simplesmente me recostarei e assistirei ao ato... ou posso mesmo ficar tão inspirado pelo motivo que realizarei o serviço pretendido pelo falecido Sr. Schultz como serviço à humanidade.

— Mas em sentido contrário — continuei —, eu poderia discordar tão veemente que sentaria praça para o resto da vida, ofereceria voluntariamente minha vida e meus serviços à causa sagrada de impedir que aconteça esse assassinato. O que é improvável, se o alvo escolhido for Ron Tolliver. Mas é cedo demais ainda para escolher lados. Preciso compreender o que está acontecendo. Gwen, meu amor, neste negócio de assassinato nunca devemos matar primeiro e perguntar depois. Isto costuma aborrecer as pessoas.

Virei-me para o terminal e olhei-o fixamente, sem tocar em tecla nenhuma.

— Gwen, antes de fazermos chamadas locais, acho que devo dar seis telefonemas com retardo temporal, um para cada um dos Amigos de Walker Evans. Afinal de contas esta é minha pista básica, que Schultz tinha mencionado esse nome. Um dos seis lhe deu o nome... e esse deve saber por que Schultz estava em tal apuro.

— Retardo temporal? Eles estão tão longe assim?

— Não sei. Um deles está provavelmente em Marte, dois outros talvez no Cinturão de Asteróides. Um ou dois podem estar mesmo na superfície, mas, mesmo assim, sob nomes falsos, exatamente como eu. Gwen, dada a *débauche* que me levou a renunciar à alegre profissão das armas e fez com que seis de

meus camaradas acabassem como meus irmãos de sangue... bem, a coisa cheirou mal para o público. Entendi perfeitamente que os repórteres dos meios de divulgação de massa, que não viram a coisa acontecer, de maneira nenhuma poderiam compreender por que ela aconteceu. Eu poderia afirmar, sem falsear a verdade, que o que fizemos foi moral no contexto naquele tempo, naquele lugar, naquelas circunstâncias. Eu poderia... não importa, querida. Basta que saiba que meus irmãos estão, todos, escondidos. Descobrir o paradeiro deles poderia ser um trabalho tediosamente demorado.

— Mas você quer falar com apenas um, não? O que entrou em contato com esse Schultz.

— Isso mesmo, mas não sei qual é ele.

— Richard, não seria mais fácil trabalhar em sentido inverso a partir de Schultz para descobrir o que você quer, em vez de localizar seis pessoas que estão escondidas, sob nomes supostos, e espalhadas por todo o Sistema Solar? Ou mesmo fora dele?

Recolhi-me dentro de mim mesmo para pensar um pouco.

— Talvez. Mas como é que eu parto de Schultz para trás? Tem alguma inspiração, meu amor?

— Não é uma inspiração. Mas eu me lembro que, quando cheguei aqui no Regra de Ouro, perguntaram-me no eixo não apenas onde eu morava, e conferiram isso com meu passaporte, mas também de onde viera antes daquela viagem... e conferiram isso com os vistos. Não apenas que eu viera de Luna — quase todo mundo chega aqui procedente de Luna — mas como cheguei a Luna. Não lhe perguntaram isso, também?

— Não. Mas eu trazia um passaporte do Estado Livre de Luna provando que nasci lá.

— Eu pensava que você tinha nascido na Terra.

— Gwen, Colin Campbell nasceu na superfície. "Richard Ames" nasceu em Hong Kong Luna... é o que diz aqui.

— Oh!

— Mas procurar refazer os passos de Schultz é realmente uma coisa que devo tentar antes de querer localizar todos os seis. Se eu soubesse que Schultz nunca esteve muito longe, eu verificaria primeiro perto de casa... em Luna, na superfície, em todos os *habitats* balisticamente ligados à Terra ou Luna. Não na Faixa de Asteróides. Ou mesmo em Marte.

— Richard? Suponha que o objetivo é... Não, isso seria tolice.

— O que é que seria tolice, querida? Experimente comigo, de qualquer maneira.

— Humm, suponha que esta — o que quer que seja — conspiração, suponha que... não visa a Ron Tolliver nem qualquer outro Tolliver, mas a você e seus seis amigos, o pessoal "Walker Evans." Poderia o objetivo ser como você toma medidas radicais para entrar em contato com todos os outros? E dessa maneira fazer com que você os levasse, a quem quer que sejam eles, todos os sete? Poderia ser por acaso uma *vendetta*? Poderia, o que quer que tenha acontecido, dar origem a uma *vendetta* contra todos vocês sete?

Senti frio na boca do estômago.

— Sim, podia ser isso. Embora não, acho, neste caso. E não explicaria por que Schultz foi morto.

— Eu disse que era tolice.

— Espera um momento. Schultz foi morto mesmo?

— Ora, nós dois vimos isso, Richard.

— Vimos? Eu pensei que vi. Mas reconheci que aquilo podia ter sido um embuste. O que vi pareceu ser morte provocada por dardo explosivo. Mas... Dois adereços simples, Gwen. Um deles faz um pequeno ponto preto aparecer na camisa de Schultz. O outro é uma pequena bexiga de borracha que ele traz na boca. Contém sangue falso. No momento certo, ele morde a bexiga, e o "sangue" escorre da sua boca. O resto é histrionismo... incluindo o comportamento estranho de Morris e dos outros empregados. Aquele "cadáver" tinha que ser tirado logo dali... através daquela porta "Empregados, Apenas"... onde lhe deram uma camisa limpa e depois o levaram pela porta de serviço.

— Você acha que foi assim que aconteceu?

— Humm... Não, droga. Não acho. Gwen, eu já vi muitas mortes. Aquela aconteceu tão perto de mim como você está neste minuto. Não acho que aquilo tenha sido uma representação. Acho que vi um homem morrer.

Estava danado comigo mesmo. Poderia ter-me enganado num ponto tão básico assim?

Claro que poderia! Não sou nenhum supergênio, dotado de poderes extra-sensoriais. Poderia me enganar, como testemunha de vista, com a mesma facilidade com que Gwen se enganara.

Soltei um suspiro.

— Gwen, eu simplesmente não sei. Pareceu-me morte provocada por dardo explosivo... mas se a intenção era falsificar a coisa e, se foi bem preparada, então, claro, pareceria exatamente isso. Um embuste planejado explica o abafamento rápido do caso. A não ser assim, o comportamento do pessoal do Rainbow's End é quase inacreditável. — Fiquei pensativo. — Melhor das mulheres, eu não tenho certeza de nada. Alguém está tentando me expulsar de

dentro de meu crânio?

Ela tratou minha pergunta como retórica, como pergunta que não merecia resposta, feita por fazer, o que era, na verdade... ou assim eu tinha esperança que fosse.

— Neste caso, o que é que nós vamos fazer?

— Ahn... vamos tentar descobrir o que pudermos sobre Schultz. E não nos preocupar com o próximo passo até que tenhamos feito isso.

— Como?

— Propina, meu amor. Mentiras e dinheiro. Mentiras pródigas e uso parcimonioso de dinheiro. A menos que você seja rica. Nunca pensei em perguntar, antes de me casar com você.

— *Eu?* — Os olhos dela se esbugalharam. — Mas, Richard, eu me casei com *você* por causa de seu dinheiro.

— Casou? Moça, você foi ludibriada. Quer consultar um advogado?

— Acho que sim. É isso que chamam de "estupro por presunção de violência"?

— Não, "estupro por presunção" significa que a vítima acha que vai haver violência, e cede... embora porque alguém deva se preocupar com isso eu nunca entendi. Acho que, aqui, não é contra os regulamentos. — Virei-me para o terminal. — Você quer aquele advogado? Ou procuramos o Schultz?

— Ahn... Richard, nós estamos tendo uma lua-de-mel muito esquisita. Vamos voltar para a cama.

— A cama pode esperar. Mas você pode comer outro *waffle* enquanto eu tento localizar um Schultz.

Digitei novamente o terminal, pedindo o catálogo, e selecionei "Schultz".

Encontrei 19 pessoas com o nome "Schultz", mas nenhum "Henrico Schultz". O que não era de espantar. Mas de fato encontrei um "Henrik Schultz" e digitei, pedindo mais detalhes.

"O Reverendo Doutor Henrik Hudson Schultz, B.S., M.A., D.D., D.H.L., K.G.B., ex-Grande Mestre da Real Sociedade Astrológica. Horoscopia científica a preços moderados. Solenização de casamentos. Aconselhamento Familiar. Terapia eclética e holística. Assessoramento sobre investimentos. Apostas aceitas a todas as horas do dia sobre os favoritos nas pistas de corridas. Petticoat Lane, círculo 95, contíguo a Madame Pompadour." Sobre essa legenda, a efigie, em holograma, dele, sorridente e repetindo seu *slogan*: "Eu sou o Padre Schultz, seu amigo nas horas difíceis. Nenhum problema é grande demais; nenhum problema é pequeno demais. Todo trabalho garantido."

Garantido a ser *o quê?* Henrik Schultz parecia exatamente igual a Papai Noel,

menos a barba, e em absoluto lembrava meu amigo Enrico, de modo que o apaguei — relutantemente, porque senti uma espécie de afinidade com o Reverendo Doutor.

— Gwen, ele não está no catálogo nem de acordo com o nome que consta da identidade no Regra de Ouro. Será que isto significa que ele nunca esteve no catálogo? Ou que o nome dele foi retirado ontem à noite, antes que o corpo esfriasse?

— Você está esperando uma resposta? Ou pensando em voz alta?

— Nenhuma das duas coisas, acho. Nosso próximo movimento é fazer indagações no eixo... certo? — Consultei o catálogo e liguei para o Departamento de Imigração, no eixo. — Aqui fala o Dr. Richard Ames. Estou tentando localizar um morador chamado Enrico Schultz. Poderia me dar o endereço dele?

— Por que o senhor não o procura no catálogo? (Ela falava exatamente igual à minha professora do terceiro primário — o que não era uma recomendação.)

— Ele não consta do catálogo. É turista, não assinante. Eu quero simplesmente o endereço dele no Regra de Ouro. Hotel, pensão, o que for.

— Ora, ora! O senhor sabe muito bem que não fornecemos informações de natureza pessoal. Se ele não consta do catálogo, então pagou bem e muito para não constar. Faça aos outros, doutor, o que quer que lhe façam. — E desligou.

— Onde é que vamos perguntar agora? — quis saber Gwen.

— No mesmo lugar, com a mesma burocrata — mas, desta vez, com dinheiro e pessoalmente. Terminais são convenientes, Gwen... mas não para propinas em somas inferiores a cem mil. Para um pequeno suborno, dinheiro na mão e uma visita em pessoa é mais prático. Vem comigo?

— Você acha que pode me deixar pra trás? No dia de nosso casamento? Simplesmente tente, meu chapa.

— Que tal vestir alguma coisa?

— Está com vergonha da maneira como estou?

— Em absoluto. Vamos.

— Desisto. Meio segundo, enquanto calço os chinelos. Richard, podemos passar antes por meu compartimento? No *ballet*, noite passada, eu me senti muito chique, mas meu vestido é produzido demais para corredores públicos nesta hora do dia. Quero me trocar.

— Seu menor desejo é uma ordem para mim, madame. Mas isso coloca outra questão. Quer se mudar para cá?

— Quer que eu me mude?

— Gwen, segundo minha experiência, o casamento pode, às vezes, resistir a camas separadas, mas quase nunca a endereços separados.

— Você não me respondeu, realmente.

— De modo que você notou, Gwen. Eu tenho um único péssimo hábito. Que torna difícil uma pessoa conviver comigo. Eu escrevo.

A querida moça pareceu confusa.

— Foi o que você me disse. Mas por que o chama de péssimo hábito?

— Ahn... Gwen, meu amor, não vou pedir desculpas por escrever... não mais do que o faria por este pé que falta... e, na verdade, um levou ao outro. Quando não pude mais seguir a profissão das armas, tive que fazer alguma coisa para comer. Não fui treinado para mais nada e, lá na superfície, outro garoto ficou com meu circuito de entrega de jornais. Escrever, porém, é uma maneira legal de evitar trabalhar sem realmente roubar e que nem precisa de talento nem de treinamento.

— Mas escrever é anti-social. É uma coisa tão solitária como masturbação. Perturbe-se um escritor quando ele está nas vascas da criação e é provável que ele se vire e morda até o osso... e nem mesmo saber que fez isso. Como mulheres e maridos de escritores e escritoras descobrem para seu horror.

— E... — escute com toda atenção, Gwen! — *não* há maneira de amestrar escritores e torná-los seres civilizados. Ou mesmo curá-los. Em uma família de mais de uma pessoa, uma das quais é escritor, a única solução conhecida da ciência é fornecer ao paciente um quarto de isolamento, onde ele possa agüentar sozinho os estágios agudos e onde a comida possa lhe ser dada empurrando-a com uma vara. Porque, se perturbar o paciente nessas ocasiões, ele pode deulhar-se em lágrimas ou tornar-se violento. Ou ele talvez não a ouça absolutamente... e, se você o sacudir nessa fase, ele morde. Sorri meu melhor sorriso e continuei:

— Não se preocupe, querida. No momento, não estou trabalhando em nenhum conto e vou evitar começar outro até que a gente arranje um quarto isolado para eu trabalhar. Este lugar aqui não é suficientemente grande, nem o seu. Humm, antes de irmos ao eixo, vou telefonar para o escritório do Administrador e verificar quais os compartimentos maiores disponíveis. Vamos precisar também de dois terminais.

— Por que dois, querido? Eu não o uso muito.

— Mas quando usa, precisa dele. Quando estou usando este em modo de processador de texto, ele não pode ser usado em nada mais — nada de jornal, correspondência, compras, programas, chamadas pessoais, nada. Acredite, querida, eu sofro desta doença há anos, sei como controlá-la. Deixe que eu tenha

uma pequena sala e um terminal, deixe que eu entre e feche as portas às minhas costas e será a mesma coisa que ter um marido normal e sadio, que vai para o escritório todas as manhãs e faz o que quer que homens façam em escritórios. Nunca soube e nunca me interessei muito em saber.

— Sim, querido. Richard, você gosta de escrever?

— Ninguém gosta de escrever.

— Eu estava curiosa. Neste caso, tenho que lhe dizer que não lhe disse toda a verdade quando lhe disse que me casei com você por seu dinheiro.

— E eu não acreditei inteiramente em você. Estamos quites.

— Sim, querido. Eu, realmente, tenho meios para mantê-lo como bichinho de estimação. Oh, não posso comprar iates para você. Mas podemos viver aqui no Regra de Ouro com relativo conforto... e ele não é o lugar mais barato do Sistema Solar. Você não precisara escrever.

Beijei-a, exaustiva e cuidadosamente.

— Estou feliz por ter casado com você. Mas eu tenho que escrever.

— Mas você não gosta de escrever e nós não precisamos de dinheiro. Realmente, não precisamos!

— Obrigado, meu amor. Mas não lhe expliquei o outro aspecto insidioso deste negócio de escrever. Não há maneira de parar. Escritores continuam a escrever muito tempo depois de isto se tornar financeiramente desnecessário... porque dói menos escrever do que não escrever.

— Não entendi.

— Eu também não, quando dei aquele primeiro passo fatal — um conto, foi isso, e honestamente pensei que podia desistir quando quisesse. Esqueça, querida. Dentro de mais de dez anos você compreenderá. Simplesmente, não preste atenção quando eu gemer. Não significa nada... é apenas dor de criação.

— Richard! Psicanálise não ajudaria?

— Não posso me arriscar a isso. Conheci um escritor que tentou esse caminho. Curou-o de escrever, certo. Mas não da necessidade de escrever. Na última vez em que o vi, ele estava agachado em um canto, tremendo. Mas essa era a fase boa dele. A simples vista de um processador de texto era suficiente para que ele tivesse um ataque.

— Humm, isso não será queda para um pouco de exagero?

— Ora, Gwen, eu poderia até levar você para conhecê-lo. Mostrar-lhe a pedra tumular dele. Esqueça, querida. Vou telefonar para o Departamento de Imóveis de Aluguel da Administração.

Virei-me para o terminal...

... exatamente no momento em que a maldita coisa iluminou-se como se fosse uma árvore de Natal e a campainha de emergência tocou insistentemente. Apertei o botão de resposta:

— Ames, aqui! Estamos sendo grampeados?

Letras brancas acompanhadas de som correram pela face do terminal e a teleimpressora começou a funcionar, sem ordem minha — e eu odeio quando isso acontece.

"Comunicação oficial para o Dr. Richard Ames. A Administração informa que há necessidade urgente do compartimento que o senhor ora ocupa, designação 715301 a 65-15-0,4. O senhor é, pelo presente, notificado a desocupá-lo imediatamente. O aluguel não devido foi creditado à sua conta, além de um bônus extra de 50 coroas a fim de compensar qualquer incômodo que esta medida lhe traga. Ordem assinada por Arthur Middlegaff, Vice-Administrador a Cargo de Habitações. Um bom-dia para o senhor!"

IV

"Continuo a trabalhar pelo mesmo motivo porque uma galinha continua a pôr ovos."

H.L. Mencilen, 1880-1956

Esubugalhei os olhos.

— Oh, maravilha das maravilhas! Cinquenta coroas... poxa vida! Gwen! Agora você pode casar comigo por causa de meu dinheiro!

— Está se sentindo bem, querido? Você pagou mais do que isso por uma garrafa de vinho na noite passada. Acho isto perfeitamente nojento. Insultuoso.

— Claro que é, querida. A intenção é me botar furioso, além do incômodo de me forçar a me mudar. De modo que não vou fazer isso.

— Não vai se mudar?

— Não, e não. Vou me mudar imediatamente. Há maneiras de lutar com a municipalidade, mas recusar-me a mudar não é uma delas. Não, quando o Vice-Administrador a Cargo de Habitações pode cortar a energia, a ventilação, a água e o serviço sanitário. Não, querida, a intenção é me irritar, arruinar minha capacidade de julgamento e me levar a fazer ameaças que não possam ser cumpridas. Sorri para o meu amor.

— De modo que não vou ficar zangado, saio daqui imediatamente, manso como um cordeiro... e a fúria intensa que sinto dentro de mim será mantida onde está, fora da vista, até que me seja útil. Além do mais, não muda coisa nenhuma, uma vez que eu ia pleitear um compartimento mais amplo — com pelo menos mais um quarto — para nós dois. De modo que vou ligar de volta para ele, para o querido Sr. Middlegaff, quero dizer.

Chamei novamente o catálogo, não sabendo de cor o código do Departamento Imobiliário. Apertei o botão "executar".

E recebi um aviso pela tela: TERMINAL DESLIGADO."

Olhei-o fixamente, enquanto contava até dez na ordem inversa, em sânscrito. O querido Sr. Middlegaff, ou o próprio Administrador, estava fazendo uma força danada para me enraivecer. De modo que, acima de tudo, não devia deixar que isso acontecesse. Pense calmo, pensamentos tranquilizadores, apropriados para um faquir deitado numa cama de pregos. Embora não houvesse nada demais em pensar em lhe fritar os testículos para almoço, logo que eu soubesse quem era ele. Com molho de soja? Ou apenas com manteiga ao alho e uma pitada de sal?

Pensar nessa opção culinária realmente me acalmou um pouco. Descobri que não fiquei surpreso e não visivelmente mais aborrecido quando o aviso mudou de

"TERMINAL DESLIGADO" para "ENERGIA E SERVIÇOS DEPENDENTES DE USO DE ENERGIA SERÃO DESLIGADOS ÀS 13:00." O aviso foi substituído por outro, em grandes números: 1231 — e que mudou para 1232 enquanto eu o fitava.

— Richard, o que, em nome de Deus, eles estão fazendo?

— Ainda tentando me expulsar de dentro de meu crânio, acho. Mas não vamos deixar que consigam. Em vez disso, vamos gastar esses 28 minutos — não, 27 — limpando o lixo de cinco anos.

— Sim, senhor. Como é que eu posso ajudar?

— É assim que se fala! O pequeno guarda-roupa ali, o grande, no quarto, jogue tudo em cima da cama. Na prateleira do grande guarda-roupa há uma sacola de lona, uma grande bolsa de pára-quedista. Ponha tudo dentro dela, o máximo que puder. Não escolha. Deixe de fora esse roupão que você usou no café da manhã e aproveite-o para fazer uma trouxa de tudo que não couber na sacola. Amarre-a com a faixa do roupão.

— Seus artigos de toalete?

— Ah, sim. Fornecedor de sacos plásticos na cozinha... Coloque-os em um saco e ponha-o na trouxa. Doçura, você vai ser uma esposa maravilhosa!

— Nisso você tem razão. Um bocado de prática, querido... Viúvas sempre são as melhores esposas. Quer saber sobre meus maridos?

— Quero, mas não agora. Reserve isso para alguma longa noite, quando você estiver com dor de cabeça e eu não estiver cansado demais.

Tendo transferido para Gwen 90% de meu trabalho de arrumação, dediquei-me aos mais áduos 10%: meus arquivos e registros de transações.

Escritores são, na maior parte, ratos de bando, enquanto que militares profissionais aprendem a viajar leve, mais uma vez a maioria. Esta dicotomia poderia ter-me tornado um tipo esquizóide, não fosse pela mais maravilhosa das invenções que aconteceu na vida dos escritores desde a borracha em uma das pontas do lápis: os arquivos eletrônicos.

Eu uso Sony Megawafers, cada um deles com capacidade de meio milhão de palavras, cada um deles com dois centímetros de largura, três milímetros de espessura, com as informações acondicionadas tão densamente que nem vale a pena pensar nisso. Sentei-me ao terminal, tirei minha prótese (pé postiço, se preferirem) e abri a porta de cima. Em seguida retirei todos os meus *wafers* de memória do seletor do terminal, coloquei-os no cilindro que é a "tíbia" de minha prótese, fechei-a e recoloquei-a no lugar.

Nesse momento, possuía todos os arquivos necessários à minha vida profissional: contratos, cartas comerciais, cópias de meus trabalhos protegidos por direitos

autorais, correspondência geral, agendas de endereços, apontamentos para histórias que pretendia escrever, comprovantes de impostos, etcetera, e assim por diante, *ad nauseam*. Antes dos dias do arquivamento eletrônico, esses registros teriam equivalido a uma tonelada e meia de papel, em meia tonelada de aço, tudo isso ocupando vários metros cúbicos. Nesse momento, pesavam alguns gramas e ocupavam um espaço não maior que meu dedo médio — 20 milhões de palavras de espaço de arquivamento.

Os *wafers* estavam inteiramente acondicionados dentro do "osso" e, por conseguinte, protegidos contra roubo, perda ou dano. Quem é que rouba a prótese de um homem? De que modo pode um aleijado esquecer seu pé artificial? Pode tirá-lo à noite, mas é a primeira coisa que pega quando acorda.

Nem mesmo um assaltante profissional presta atenção a uma prótese. No meu caso, a maioria nem sabe que a uso. Apenas uma vez me separei dela, um colega (não um amigo) tomou-a enquanto me trancafiava durante a noite — havíamos tido um arranca-rabo a respeito de um assunto profissional. Mas consegui escapar, saltando sobre uma perna só. Depois, abri a cabeleira dele no meio com um atizador de lareira e peguei meu outro pé, alguns papéis, e me mandei. Este negócio de literatura, basicamente sedentário, tem seus momentos animados.

No momento em que o terminal avisou 1254, estávamos quase no fim. Eu possuía apenas um punhado de livros — livros encadernados, palavras impressas em papel —, uma vez que fazia minhas pesquisas, o que havia neste particular, através do terminal. Esses poucos, Gwen enfiou na trouxa que fizera com meu roupão.

— O que mais? — perguntou ela.

— Acho que isso é tudo. Vou passar uma revista rápida e depois botar tudo que esquecemos no corredor e então decidir o que fazer com os troços depois que desligarem as luzes.

— E a árvore *bonsai*? — Gwen olhava nesse momento para meu pé de bordo, que tinha uns 80 anos e media apenas 39 centímetros de altura.

— Não dá para guardá-la em algum lugar, querida. Além do mais, precisa ser aguada várias vezes por dia. A coisa sensata a fazer é legá-la ao próximo inquilino.

— Uma ova, chefe. Você a leva na mão até meu compartimento, enquanto eu arrasto a bagagem atrás.

(Eu ia acrescentar que a "coisa sensata" a fazer nunca me agradara.) Mas de fato acrescentei:

— Vamos para seu compartimento?

— Para onde mais, querido? Claro que vamos precisar de um lugar maior, mas nossa necessidade urgente é de alguma espécie de teto sobre nossas cabeças. Parece que vai nevar ao anoitecer.

— Ora, é isso mesmo! Gwen, lembre-me para lhe dizer que estou feliz por ter casado com você.

— Você não pensaria nisso. Homens nunca pensam.

— É mesmo?

— De verdade. Mas eu a você, lembro de qualquer maneira.

— Faça isso. Estou contente porque você pensou em casar comigo. Estou feliz porque casou comigo. A partir de agora, promete que não deixa que eu faça as coisas sensatas?

Ela não prometeu, uma vez que as luzes piscaram duas vezes e, de repente, ficamos muito ocupados, Gwen pondo tudo lá fora no corredor, enquanto eu fazia uma última e frenética inspeção. As luzes piscaram novamente, agarrei a bengala e saí exatamente um instante antes da porta se contrair atrás de mim.

— Poxa!

— Calma aí, chefe. Respira devagar. Conte até 10 antes de exalar, depois solte o ar, devagarinho.

Gwen deu uma palmadinha nas minhas costas.

— Nós devíamos ter ido para Niagara Falls. Eu lhe disse. Eu lhe disse.

— Disse, Richard. Pegue a arvorezinha. Nesta gravidade, posso levar a sacola e a trouxa, uma em cada mão. Vamos direto para gravidade zero?

— Vamos, mas eu levo a sacola de lona e a árvore. Vou amarrar a bengala à sacola.

— Por favor, não banque o *macho*, Richard. Não quando estamos tão ocupados.

— *Macho* é uma palavra que deprime, Gwen. Usá-la novamente será um convite a uma surra. Pela terceira vez, dou-lhe uma sova com esta bengala. Banco o *macho* toda vez que tiver vontade.

— Sim, senhor. Eu, Jane, você, Tarzã. Pegue a arvorezinha. Por favor.

Chegamos a uma solução conciliadora. Levei a sacola e usei a bengala para me equilibrar. Gwen segurou a trouxa com uma das mãos e a árvore *bonsai* com a outra. Ficou desequilibrada e continuou a mudar a trouxa de lado. A solução proposta por Gwen, tenho que reconhecer, fora mais sensata, uma vez que o peso não teria sido demais para ela nessa aceleração e caiu quase ininterruptamente à medida que subíamos para a gravidade zero. Fiquei um pouco sem graça, um tanto envergonhado... mas é uma tentação para um aleijado provar,

especialmente para mulheres, que pode fazer tudo o que fazia antes. Besteira porque todo mundo pode ver que ele não pode. Mas eu não cedo freqüentemente a essa tentação.

Logo que começamos a flutuar no eixo, continuamos nosso caminho, nossa bagagem amarrada atrás de nós, enquanto Gwen protegia a pequena árvore com ambas as mãos. Ao chegarmos ao anel onde ela morava, Gwen pegou as duas peças de bagagem e não discuti. A viagem levou menos de meia hora. Eu podia ter chamado uma gôndola de carga — mas poderíamos estar ainda esperando por ela. Um "dispositivo economizador de trabalho" é o que não é.

Gwen pôs os embrulhos no chão e falou com a porta.

E ela não abriu.

Em vez disso, a porta respondeu:

— Sra. Novak, por favor, telefone imediatamente para o Departamento Imobiliário da Administração. O terminal público mais próximo fica no anel 1-100-5, raio 1-30-5, aceleração seis décimos de gravidade, contíguo à estação de transporte público. Esse terminal aceitará sua chamada gratuitamente, cortesia da Regra de Ouro.

Não posso dizer que fiquei muito surpreso. Mas reconheço que fiquei horrivelmente decepcionado. Estar sem um teto é mais ou menos como estar com fome. Talvez pior.

Gwen reagiu como se não tivesse ouvido a triste notícia. Virou-se para mim;

— Sente-se em cima da sacola de lona, Richard, e acalme-se. Acho que não vai demorar.

Abriu a bolsa, mexeu nela e puxou a mão trazendo uma lixa de unha, um pedaço de arame e um clip de papel. Cantarolando uma musiquinha monótona, começou a trabalhar na porta do compartimento.

Ajudei não dando conselho. Nem uma única palavra. Era difícil, mas consegui.

Gwen parou de cantarolar e espigou-se. — Pronto! — anunciou.

A porta escancarou-se.

Pegou minha árvore *bonsai* — nosso *bonsai* de bordo.

— Entre, querido. É melhor deixar a sacola atravessada na soleira, para que a porta não se encolha. Está escuro aí dentro.

TODOS OS SERVIÇOS DESLIGADOS

Ela ignorou o aviso, deu outra busca na bolsa e dela tirou uma lanterna-caneta, que usou para mexer numa gaveta na cozinha, de onde tirou uma comprida e

fina chave de fenda, uma chave de grifa, uma ferramenta não identificada que podia ter sido de fabricação caseira e um par de luvas do tamanho de suas esguias mãos.

— Richard, você quer segurar bonitinho para mim?

A placa de acesso que ela queria alcançar ficava bem alto acima de seu forno de microondas e era fechada e decorada com os avisos habituais alertando moradores para nem mesmo olhar para ela, quanto mais tocá-la, acompanhada de encantamentos como "Perigo! Não Mexa — Chame a Manutenção", etc. Gwen subiu, sentou-se em cima do forno e abriu a placa com apenas um toque, tendo sido antes, aparentemente, inutilizada a tranca.

Depois, trabalhou em silêncio, salvo por aquela musiquinha monótona, além de um pedido ou outro para eu mover a luz. Numa ocasião, produziu um autêntico fogo de artifício, o que a fez cacarejar de reprovação e murmurar:

— Mal-educado, mal-educado, você não devia fazer isso com Gwen!

Em seguida, trabalhou mais devagar durante mais alguns momentos. As luzes do compartimento voltaram, acompanhadas por um baixo ronronado na sala de estar — ar, micromotores, etc.

Fechou a placa de acesso.

— Pode me ajudar a descer, querido?

Ergui-a com ambas as mãos, abracei-a por um instante, exigi um beijo de pagamento. Ela sorriu para mim.

— Obrigado, senhor! Deus do céu, eu havia me esquecido como é bom ser casada. A gente devia casar mais vezes.

— Agora?

— Não. Agora almoço. O café da manhã foi reforçado mas já passa das 2h da tarde. Topa comer alguma coisa?

— É um bom exercício — assenti. — Que tal o Sloppy Joe ou a Appian Way, que fica perto do anel 1-0-5? Ou você prefere *haute cuisine*?

— Um Sloppy Joe dá pé. Não sou exigente em comida, querido. Mas não acho que a gente deva sair para almoçar. Talvez não pudéssemos entrar de novo.

— Por que não? Você faz um trabalho bacana como penetra.

— Richard, talvez não seja fácil outra vez. Eles simplesmente não notaram ainda que fechar a porta comigo não funciona. Mas quando notarem... podem soldar uma chapa de aço de um lado a outro da porta, se for necessário. Não que seja, porque não vou mais brigar para sair daqui mais do que você brigou. Vamos almoçar. Depois, arrumo minhas coisas. O que é que você gostaria de comer?

Descobri que Gwen havia tirado de minha cozinha certos itens de *gourmet* que eu mantinha no *freezer* ou em pacotes esterilizados. Eu de fato me abasteço de alimentos pouco comuns. De que modo pode um cara saber antecipadamente, quando está trabalhando num conto, no meio da noite, que vai sofrer de um desejo ardente de comer pudim de mariscos? É meramente prudente ter os materiais à mão. De outra maneira o cara podia sucumbir à tentação de abandonar o trabalho, abandonar a reclusão monástica a fim de descobrir um artigo que tem por que tem que comer — e esta é a porta aberta para a falência.

Gwen preparou um *buffet* de seus suprimentos e dos meus — nossos é o que eu devia ter dito — e almoçamos enquanto discutíamos nosso próximo movimento... porque tínhamos que nos pôr em movimento. Disse a ela que minha intenção era procurar o querido Sr. Middlegaff logo que terminássemos o almoço.

Ela pareceu pensativa.

— Acho que seria melhor eu arrumar minhas coisas primeiro.

— Se quiser. Mas por quê?

— Richard, estamos com lepra, isto é claro. Acho que devemos ter pego a doença com o assassinato de Schultz. Mas não sabemos. Qualquer que seja a causa, quando botarmos a cabeça do lado de fora é melhor que eu tenha minhas coisas à mão, exatamente como você. Talvez não possamos entrar novamente.

— Inclinou a cabeça na direção do terminal, brilhando ainda com o aviso: "TODOS OS SERVIÇOS DESLIGADOS." — Recolocar aquele terminal em funcionamento seria muito mais difícil do que mexer em alguns solenóides, uma vez que o próprio computador está em outro local. De modo que não podemos enfrentar o Sr. Middlegaff a partir deste compartimento. Por conseguinte, temos que fazer tudo que precisarmos fazer aqui, antes de sairmos por aquela porta.

— Enquanto você faz as malas, eu posso sair e telefonar para ele.

— Só sobre meu cadáver.

— Ahn? Gwen, seja sensata.

— Sensata eu enfaticamente sou. Richard Colin, você é um marido novo em folha. Tenciono obter anos e anos de uso de você. Enquanto esta confusão estiver acontecendo, não tenho a menor intenção de deixá-lo longe de minhas vistas. Você poderia desaparecer, como o Sr. Schultz. Paixão, se vão atirar em você, vão ter que atirar em mim primeiro.

Tentei raciocinar com ela. Ela tapou as orelhas.

— Não vou discutir. Não posso ouvir o que você está dizendo, não estou escutando! — Descobriu as orelhas. — Venha me ajudar a arrumar as coisas. Por favor.

— Sim, querida.

Gwen arrumou tudo em menos tempo do que eu, embora minha ajuda consistisse principalmente em não atrapalhá-la. Não estou acostumado a morar com mulheres. O serviço militar não é conducente à vida doméstica e eu tendera a evitar casamento, à parte contratos de curto prazo com camaradas amazonas — contratos automaticamente cancelados por ordens de mudança de missões. Depois que cheguei ao oficialato, tive ordenanças umas duas ou seis vezes — mas também não acho que esse relacionamento seja muito parecido com o casamento civil.

O que estou tentando dizer é que, a despeito de ter escrito muitos milhares de palavras de histórias de amor, sob cento e tantos pseudônimos femininos diferentes, não entendo muito de mulheres. Quando estava aprendendo os macetes da profissão, disse isso ao editor que me comprava essas histórias de pecado, sofrimento e arrependimento. O editor em causa era Evelyn Fingerhut, um cara sombrio, de meia-idade, uma falha no couro cabeludo e um charuto permanente na boca.

Grunhiu ele:

— Não tente compreender as mulheres. Isto só o prejudicaria.

— Mas estas são supostamente histórias verdadeiras — protestei.

— Elas *são* histórias verdadeiras. Todas são acompanhadas de uma declaração prestada sob juramento: "Esta história baseia-se em fatos verídicos." — Indicou o manuscrito que

eu acabara de lhe entregar. — Você tem uma declaração de "Fato verídico" grampeada a essa aí. Está querendo me dizer que ela não é? Não quer receber seu dinheiro?

Sim, queria. Para mim, o máximo em estilo de prosa é exemplificado pela frase simples e graciosa: "Pague-se por este cheque a quantia de..." e respondi logo:

— Bem, para ser fiel aos fatos, essa história não constitui problema. Eu não conheci realmente a mulher em causa, mas minha mãe me contou tudo sobre ela... uma coleguinha dela na escola. Já estava grávida quando a verdade apareceu... e ela então enfrentou aquele horrível dilema, segundo me contaram: o pecado do aborto ou a tragédia de um filho incestuoso, com a possibilidade de duas cabeças e nenhum queixo? Tudo é fato verídico, Evelyn, mas eu suavizei um pouco a coisa ao contar a história. Acabou-se descobrindo que Beth Lou não era parente consanguínea do tio — e foi assim que escrevi — mas também que o filho não era do marido. Essa parte eu deixei de fora.

— Então, reescreva-a e deixe essa parte e tire a outra. Simplesmente, não esqueça de mudar os nomes e lugares. Eu não quero queixas.

Mais tarde fiz isso e vendi a ele também essa versão, mas nunca me convenci a

dizer a Fingerhut que aquilo não acontecera a uma coleguinha de minha mãe, mas era uma coisa que eu havia surrupiado de um livro que pertencia a minha tia Abby: o *libretto* do *O Anel dos Nibelungen*, de Richard Wagner, que devia ter se limitado a compor música e procurado um W. S. Gilbert para lhe preparar os *librettos*. Wagner era péssimo escritor.

Os seus enredos absurdos, porém, eram exatamente certos para o ramo de confissões verdadeiras... as arestas um pouco aparadas, menos crueza e, claro, nomes e locais diferentes. Não os roubei. Ou não inteiramente. Todos eles pertencem hoje ao domínio público, *copyrights* vencidos, e tudo mais, e para começar, Wagner roubou-os de alguém.

Eu poderia ter continuado a ganhar a vida usando nada mais que os enredos wagnerianos. Mas enchi da coisa. Quando Fingerhut se aposentou e comprou um rancho de criação de perus, abandonei o ramo de confissões e comecei a escrever histórias de guerra. Isto era mais difícil — durante algum tempo até fome passei — porque assuntos militares são coisas que conheço e isso (conforme dissera Fingerhut) prejudica.

Após algum tempo, aprendi a suprimir o que sabia e não deixar que interferisse na história. Mas nunca tive aquele problema com as histórias de confissões verdadeiras, uma vez que nem Fingerhut nem eu, nem Wagner, sabíamos de coisa alguma a respeito de mulheres.

Especialmente sobre Gwen. Em algum lugar eu pegara a idéia de que, para viajar, mulheres precisam, pelo menos, de sete mulas de carga. Ou o equivalente em grandes valises. E, claro, mulheres, por natureza, são desorganizadas. Pelo menos era isso o que eu pensava.

Gwen saiu do compartimento trazendo apenas uma grande mala de roupas, menor que minha sacola de lona, com todas as roupas bem dobradas, e uma maleta menor contendo... bem, não eram roupas. Coisas.

Alinhou nossas posses — sacola de lona, trouxa, mala grande, maleta, a bolsa de sair, minha bengala, a árvore *bonsai*, e fitou-as.

— Acho que posso bolar uma maneira — disse — de levarmos todas elas de uma só vez.

— Não vejo como — protestei —, com duas mãos apenas cada. Acho que é melhor eu chamar uma gôndola de carga.

— Se quiser, Richard.

— Quero. — Virei-me para o terminal dela e... parei interdito: — Ahn...

Gwen dirigia toda sua atenção para nosso minúsculo pé de bordo.

— Ahn... — repeti. — Gwen, você tem que relaxar um pouco. Eu saio daqui, procuro a cabine de terminal mais próxima, volto em seguida...

— Não, Richard.

— Ahn? Apenas o tempo suficiente para...

— Não, Richard. Soltei um suspiro.

— Qual é a sua solução?

— Richard, concordo com qualquer curso de ação que não exija que nos separemos. Deixar tudo aqui no compartimento e acalantar a esperança de que possamos voltar a ele... bem, isto é uma maneira. Pôr tudo do lado de fora e deixar aí, enquanto vamos procurar uma gôndola de carga — e telefonamos para o Sr. Middlegaff — é outra.

— E tudo sumir quando estivermos longe? Ou será que não há ratos bípedes neste bairro?

Eu estava sendo sarcástico. Todos os *habitats* no espaço têm seus noctâmbulos, habitantes invisíveis que não possuem recursos para permanecer no espaço mas que, de todo jeito, querem evitar ser mandados de volta à Terra. No Regra de Ouro, tenho a impressão de que a Administração jogava-os no vácuo quando conseguia pegá-los... embora circulassem boatos do tipo que me faziam evitar todos os tipos de carne de porco picada.

— Há uma terceira maneira, senhor, suficiente para nós levar até aquela cabine de terminal. Sendo este o lugar mais longe onde podemos ir, até que o Departamento Imobiliário nos designe novas acomodações. Logo que soubermos nosso novo endereço, podemos chamar uma gôndola e esperar por ela.

Após uma pequena pausa, ela continuou:

— A cabine fica perto daqui. Senhor, o senhor disse antes que poderia levar sua sacola e a trouxa, com a bengala amarrada à sacola. Nesta curta distância, concordo com isso. Posso levar minhas malas, uma em cada mão, com a correia de minha bolsa aumentada para que eu possa carregá-la em volta do ombro.

E disse mais:

— O único problema é a pequena árvore. Richard, você viu alguma vez na *National Geographic* moças nativas levando trouxas na cabeça?

Não esperou que eu concordasse com a sugestão. Pegou a árvore em seu vaso, equilibrou-a em cima da cabeça, soltou as mãos, sorriu para mim, agachou-se, curvando apenas os joelhos, a espinha reta e a postura ereta — e apanhou as duas malas.

Foi até o fim do compartimento, virou-se e olhou para mim. Aplaudi.

— Obrigada, senhor. Apenas mais uma coisa. Os corredores estão às vezes muito

cheios de gente. Se alguém se chocar comigo, faço isto. — Simulou que estava cambaleando devido a um encontros, deixou cair as duas malas, pegou a *bonsai* no momento em que ela caía, recolocou-a na cabeça e, mais uma vez, levantou as malas. — Assim.

— E eu solto minhas sacolas, pego a bengala e espanco-o com ela. O cara que deu um encontros em você. Não para matar. Apenas para repreender. — E acrescentei: — Suponho que o canalha seja homem e adulto. Se não, farei com que o castigo se ajuste ao criminoso.

— Tenho certeza de que fará isso, querido. Mas, para dizer a verdade, acho que ninguém vai me empurrar, uma vez que você vai seguir na minha frente, abrindo caminho. Tudo bem?

— Tudo bem. Exceto que você deve ficar nua da cintura para cima.

— É mesmo?

— Todas as fotos desse tipo na *National Geographic* mostram mulheres com o busto nu. É por isso que as publicam.

— Tudo bem, se é isso que você quer. Embora eu não seja realmente bem-dotada nesse particular.

— Deixe de querer provocar elogios, sua fingida. Você serve perfeitamente. Mas é boa demais para a plebe comum, de modo que continue a usar a blusa.

— Não me importo. Se você realmente pensar que eu devo.

— Você é bem-disposta demais. Faça o que quiser, mas eu não estou, repito, *não* estou insistindo em que faça isso. Todas as mulheres são exibicionistas?

— São.

A discussão terminou porque a porta deu sinal. Ela pareceu surpresa.

— Deixe que eu atendo — disse eu, e dirigi-me para a porta, onde toquei o botão de áudio: — Sim?

— Mensagem do Administrador!

Tirei o dedo do botão e olhei para Gwen:

— Abro?

— Acho que devemos.

Toquei o botão do dilatador. A porta se alargou e um homem usando uniforme de censor entrou. Deixei a porta voltar a se contrair. Ele me estendeu uma prancheta.

— Assine aqui, senador. — Recolheu-a em seguida. — Hei, o senhor é o senador da Standard Oil, não?

"Ele é uma dessas pessoas que seriam imensamente melhoradas pela morte."

H. H. Munro, 1870-1916

Respondi:

— Você começou de trás para frente. Quem é *você*? Identifique-se.

— Ahn? Se o senhor não é o senador, esqueça, deram-me o endereço errado.

Ele começou a recuar e bateu de costas na porta. Pareceu surpreso, virou a cabeça e procurou o botão dilatador. Bati na mão dele para baixá-la.

— Eu lhe disse para se identificar. Essa roupa de palhaço que está usando não é identificação. Quero ver suas credenciais. Gwen! Cubra-o!

— Certo, senador!

Ele estendeu a mão para o bolso de trás e sacou rápido. Com um pontapé Gwen arrancou o que quer que ele tivesse na mão. Quanto a mim, dei-lhe uma cutelada no lado esquerdo do pescoço. A prancheta voou e ele desabou, caindo com uma indolência curiosamente graciosa naquela baixa gravidade. Ajoelhei-me ao lado dele.

— Continue a cobri-lo, Gwen.

— Um instante, senador... fique de olho nele! — Recuei e esperei. Ela continuou:

— Tudo bem, agora. Mas não fique em minha linha de fogo, por favor.

— Recebido e entendido.

Olhei para nosso convidado, desmoronando frouxamente no chão. A postura esquisita parecia dizer que ele estava sem sentidos. Ainda assim, havia a possibilidade de que estivesse fingindo. Eu não o atingira com essa força toda. Por causa disso, apliquei o polegar no ponto de pressão na vértebra cervical esquerda inferior, apertando com força suficiente para que ele gritasse e subisse até o teto, se estivesse consciente. Ele não se moveu.

Fiz uma revista nele. Em primeiro lugar, atrás. Em seguida, virei-o. As calças não combinavam com a túnica e lhe faltava o friso dourado lateral, que fazem parte do uniforme dos censores. A túnica também não estava bem no corpo. Nos bolsos, algumas coroas, em papel-moeda, um bilhete de loteria e cinco cartuchos. Eram Skodas, 6,5mm, longos, sem estojo, expansivos, usados em pistolas, metralhadoras portáteis e fuzis — e ilegal em quase toda parte. Nada de carteira, nem cédula de identidade, nada mais.

E ele precisava de um banho.

Coloquei-o novamente de costas e me levantei.

— Continue a cobri-lo com sua arma, Gwen. Acho que ele é um noctâmbulo.

— Eu também acho. Por favor, olhe para aquilo, senhor, enquanto eu o mantenho coberto.

Chamar aquilo de "pistola" dignificava-a mais do que a coisa merecia. Era uma arma letal, de fabricação caseira, da categoria tradicionalmente conhecida como "queimante de malandro". Examinei-o com todo o cuidado que me era possível, sem tocá-lo. O cano era um tubo de metal tão delgado que me perguntei se jamais havia sido disparado. Possuía empunhadura de plástico, lixada ou desbastada para se ajustar à mão. O mecanismo de disparo era ocultado por uma tampa de metal mantida no lugar (acreditem ou não) por elásticos. Parecia certo que era uma arma de um só disparo. Mas com aquele cano tão fino poderia ser também de último disparo. Achei que era tão perigosa para quem a usasse como para o alvo.

— Coisinha perigosa — comentei. — Não quero tocá-la. É uma armadilha antipessoal em si.

Olhei para Gwen. Ela o cobria com uma arma igualmente letal, mas que incluía tudo o que havia de melhor na moderna arte do armeiro, uma Miyako de nove tiros.

— Quando ele sacou, por que não atirou nele? Em vez de se arriscar a desarmá-lo! Você pode ficar bem morta dessa maneira.

— Porquê.

— Porque o quê? Se uma pessoa puxar uma arma para você, mate-a imediatamente. Se puder.

— Eu não podia. Quando você me disse para cobri-lo, minha bolsa estava ali. De modo que o cobri com isto. — Alguma coisa brilhou subitamente na outra mão e ela deu a impressão de ser uma pistoleira ambidestra. Depois, colocou-a no bolso da blusa: uma caneta. — Fui pega desprevenida, chefe.

— Oh, como pude cometer tais erros! Quando gritei para você dizendo para cobri-lo, eu estava simplesmente tentando distraí-lo. Não sabia que você só tinha o pé para mandar.

— Eu disse que sentia muito. Logo que deu tempo de pegar a bolsa, tirei este convencedor. Mas tinha que desarmá-lo primeiro.

Quando descobri, estava pensando comigo mesmo o que um comandante de campo não faria com mil Gwens. Ela pesa mais ou menos 50kg e não deve ter de altura muito mais que 1,50m — digamos, 156 centímetros, descalça. Mas tamanho pouco tem a ver com a coisa, conforme descobriu Golias há muito tempo.

Por outro lado, em parte alguma há mil Gwens. O que talvez seja bom.

Ela hesitou antes de responder:

— Se estivesse, os resultados poderiam ter sido lamentáveis, não acha?

— Retiro a pergunta. Acho que nosso amigo está acordando. Mantenha a arma apontada para ele, enquanto verifico.

Mais uma vez, apliquei-lhe o polegar. Ele soltou um uivo.

— Sente-se — ordenei. — Não tente se levantar. Simplesmente, sente-se e ponha as mãos na cabeça. Qual é o seu nome?

Ele me disse para fazer uma coisa não só improvável como imoral.

— Ora, ora — censurei-o —, nada de grosseria, por favor. Sra. Durona — continuei, olhando diretamente para Gwen —, gostaria de atirar nele apenas um pouquinho? Um ferimento na carne? O suficiente para lhe ensinar boas maneiras?

— Se quer assim, senador. Agora?

— Bem... vamos perdoá-lo por aquele erro. Mas nada de segunda oportunidade. Faça o possível para não matá-lo, queremos que ele fale. Pode atingi-lo na parte carnuda da coxa? Sem atingir o osso?

— Posso tentar.

— Isso é tudo o que uma pessoa pode pedir. Se atingir o osso, não será por rancor. Agora, vamos recomeçar. Qual é o seu nome?

— Ahn... Bill.

— Bill. E o resto do seu nome?

— Ahn, apenas Bill. Esse é todo nome que tenho.

— Um pequeno ferimento na carne agora, senador? — sugeriu Gwen. — Para avivar a memória dele?

— Quem sabe? Quer na perna esquerda, Bill? Ou na direita?

— Em nenhuma das duas! Olhe aqui, senador, Bill é mesmo o único nome que tenho... e diga a ela para não apontar aquela coisa pra mim, sim?

— Mantenha-o coberto, Sra. Durona. Bill, ela não atira enquanto você cooperar. O que foi que aconteceu com seu sobrenome?

— Nunca tive. Eu era o "Bill Número Seis" no Orfanato do Santo Nome. Lá na superfície, isto é, Nova Orleans.

— Compreendo. Estou começando a compreender. Mas o que dizia no seu passaporte quando você chegou aqui?

— Eu não tinha. Apenas um cartão de trabalho. Dizia: "William Nenhum Nome Intermediário Johnson." Mas isso foi o que o recrutador de operários escreveu.

Olhe, ela está balançando aquela arma na minha direção!

— Então não faça nada para aborrecê-la. Você sabe como são as mulheres.

— Claro que sei. Elas não deviam ter *permissão* para usar armas.

— Um pensamento interessante. Falando em armas... A respeito dessa que você trouxe: quero descarregá-la, mas tenho medo que exploda na minha mão. De modo que, em vez da minha, vamos arriscar a sua. Sem se levantar, vire-se de modo a ficar de costas para a Sra. Durona. Vou empurrar seu estilingue para um lugar onde possa pegá-lo. Quando eu lhe disser — não antes! —, pode baixar as mãos, descarregá-lo e novamente pôr as mãos sobre a cabeça. Mas escute isto com atenção. — Virei-me para Gwen: — Sra. Durona, quando Bill se virar, faça pontaria para a espinha dele, imediatamente abaixo do pescoço. Se ele fizer qualquer movimento suspeito — mate-o. Não espere ordem, e não lhe dê uma segunda oportunidade, nem faça disso um ferimento na carne — mate-o instantaneamente.

— Com grande prazer, senador! Bill soltou um gemido.

— Tudo bem, Bill, vire-se. Não use as mãos. Apenas força de vontade.

Ele girou sobre as nádegas, raspando o chão com os calcanhares para conseguir tração. Notei, aprovador, que Gwen mudara para a firme empunhadura de duas mãos. Peguei a bengala e empurrei a arma de fabricação caseira de Bill para um ponto em frente a ele.

— Bill, não faça qualquer movimento súbito. Baixe as mãos. Descarregue a pistola. Deixe-a aberta, com a bala ao lado. Depois volte a pôr as mãos sobre a cabeça.

Dei apoio a Gwen com minha bengala e prendi a respiração enquanto Bill fazia exatamente o que eu mandara. Eu não tinha a menor pena em matá-lo e estava certo de que Gwen o mataria imediatamente, se ele tentasse virar contra nós aquela arma improvisada.

Mas eu me preocupava sobre o que fazer com o cadáver. Não o queria morto. A menos que o cara esteja em um campo de batalha ou num hospital, cadáver é um embaraço, difícil de explicar. A Administração forçosamente seria exigente a esse respeito.

Soltei por isso mesmo um suspiro de alívio quando ele terminou a tarefa e recolocou as mãos na cabeça.

Estendi a bengala, ao contrário, e puxei a perigosa armazinha e seu único cartucho em minha direção — botei o cartucho no bolso, pisei com o calcanhar no cano, esmagando-o, também o mecanismo de disparo improvisado, e depois disse a Gwen:

— Pode relaxar um pouco. Não há necessidade de matá-lo neste instante.

Retorna àquele alerta para infligir ferimentos na carne.

— Sim, senhor senador. Posso fazer nele aquele ferimento?

— Não, não! Não, se ele se comportar. Bill, você vai se comportar, não vai?

— Não estou me comportando? Senador, diga a ela para, pelo menos, baixar a trava de segurança!

— Ora, ora! O seu nem trava tinha. E você não está em situação de impor condições. Bill, o que foi que você fez com o censor que matou?

— Humm!

— Ora, não me venha com essa. Você aparece aqui usando uma túnica de censor que não dá em você. E as calças não combinam com a túnica. Pedi para ver suas credenciais e você puxou uma arma — um queimante de malandro, pelo amor de Deus! E você não toma banho... há quanto tempo? Você vai dizer. Mas vai dizer primeiro o que fez com o dono da túnica. Está morto? Ou simplesmente sem sentidos e enfiado num armário? Responda logo ou vou pedir à Sra. Durona que lhe aplique um estimulante de memória. Onde está ele?

— Não sei! Não fui eu que fiz isso.

— Ora, ora, meu querido rapaz, não minta.

— É verdade! Juro pela minha santa mãe que é a pura verdade!

Eu tinha dúvidas sobre a honra da mãe dele, mas teria sido impedido manifestá-las, especialmente tratando-se de um espécime tão lamentável.

— Bill — disse eu gentilmente —, você não é censor. Tenho que explicar por que estou tão certo disso? (O Censor-Chefe Franco é um disciplinador rigoroso. Se um de seu capangas aparecesse para a chamada da manhã com a aparência — e o cheiro — daquele pobre-diabo, o delinqüente teria sorte se fosse meramente chutado de volta para a terra.) — Explicarei se insiste. Já enfiaram um alfinete embaixo da sua unha e depois aqueceram a outra extremidade? Esse remédio melhora imediatamente a memória.

Entusiasmada, Gwen disse:

— Um grampo de cabelo funciona melhor, senador... há mais massa para conservar o calor. Eu tenho um aqui. Posso fazer isso com ele? Posso?

— Você quer dizer: "O senhor deixa eu fazer isso com ele?", não é? Não, querida menina. Quero que você continue a manter Bill sob mira. Se for necessário recorrer a esses métodos, não vou pedir a uma senhora que faça isso por mim.

— Ah, senador, o senhor vai ficar com pena e parar quando ele for justamente dar o serviço. Eu, não! Deixe que lhe mostre... por favor!

— Bem...

— Não deixe essa cadela sedenta de sangue se aproximar de mim! — Bill falou em voz estridente.

— *Bill!* Você vai pedir desculpa à moça imediatamente. Se não pedir, deixo que ela faça o que desejar.

Novamente, ele gemeu:

— Moça, desculpe. Sinto muito. Mas você está me encagaçando. Por favor, não use um grampo de cabelo em mim... Eu vi um cara depois que fizeram isso com ele.

— Oh, poderia ser pior — garantiu-lhe Gwen em voz agradável. — Fio de cobre conduz o calor ainda melhor, e no corpo do homem, há lugares interessantes onde a gente pode usá-lo. Mais eficiente. Resultados mais rápidos. — E acrescentou, pensativa: — Senador, tenho um pedaço de fio de cobre na minha maleta. Se segurar esta pistola por um momento, vou buscá-lo para o senhor.

— Obrigado, minha querida, mas talvez não seja necessário. Acho que o Bill quer dizer alguma coisa.

— Nenhum problema, senhor. O senhor não quer que eu fale logo?

— Talvez Vejamos. Bill, o que foi que você fez com aquele censor?

— Não fiz. Nunca botei os olhos em cima dele! Dois babacas disseram que tinham um negócio pra mim, pagavam bem. Não os vi, não sei quem são. Mas eles sempre aparecem e Dedos diz que eles eram legais. Ele...

— Pare aí. Quem é "Dedos"?

— Ahn, o prefeito do nosso beco. *Okay?*

— Mais detalhes, por favor. Seu beco?

— Um homem tem que dormir em algum lugar, não tem? Gente importante como o senhor tem compartimento com nome na porta. Quem me dera ter essa sorte! A casa é o lugar onde a gente está... certo?

— Acho que você está me dizendo que o beco é o seu lar. Onde fica? Anel, raio, aceleração.

— Ahn... bem, a coisa não é exatamente assim.

— Seja racional, Bill. Se está dentro do cilindro principal, e não distante em um dos anexos, a localização dele pode ser descrita dessa maneira.

— Talvez possa, mas não posso descrevê-la assim, porque não é assim que se chega lá. E não vou na frente pelo caminho que o senhor tem que seguir porque...

— O rosto dele contorceu-se em total desespero e ele pareceu dez anos mais velho. — Não deixe ela aplicar o arame quente em mim e não deixe ela atirar em mim, um pouquinho de cada vez. Por favor! Simplesmente, me jogue no

espaço e acabe com tudo logo... *okay?*

— Senador?

— Sim, Sra. Durona.

— Bill está com medo de que, se o senhor o machucar muito, ele lhe diga onde se esconde para dormir. Outros noctâmbulos também dormem lá. A coisa é essa. Acho que o Regra de Ouro não é suficientemente grande para escondê-lo dos outros. Se ele disser onde dormem, eles o matarão. E talvez não depressa.

— Bill, é por isso que você está sendo teimoso?

— Eu já falei demais. Me jogue no espaço.

— Não, enquanto você estiver vivo, Bill. Você sabe de coisas que eu preciso saber e tenciono espreme-las de você, mesmo que tenha que usar o arame de cobre e as idéias mais caprichosas da Sra. Durona. Mas talvez eu não precise de resposta à pergunta que lhe fiz. O que é que vai lhe acontecer se você me disser ou me mostrar onde fica seu beco?

Ele demorou a responder. Não o apressei. Finalmente, ele começou em voz baixa:

— Os censores pegaram um babaca há seis, sete meses. Obrigaram-no a falar. Não era do meu beco, graças a Jesus. O beco dele era uma instalação de manutenção espacial, perto de 110 e com gravidade completa. De modo que os censores encheram-na de gás e um bocado de babacas morreram... mas este babaca eles soltaram. E que ajuda foi essa? Não estava solto nem 24 horas quando o pegaram e trancaram-no com ratos, ratos famintos.

— Compreendo. — E olhei para Gwen. Ela engoliu em seco e murmurou:

— Senador, ratos, não. Não gosto de ratos. Por favor.

— Bill, retire a pergunta sobre seu beco. Seu esconderijo. E não vou pedir que identifique qualquer noctâmbulo. Mas espero que responda a tudo mais, completo e rápido. Nada de embromar. E nem de perder tempo. De acordo?

— Sim, senhor.

— Volte atrás. Esses dois desconhecidos lhe ofereceram um trabalho. Conte como foi.

— Ahn, eles falaram comigo apenas uns minutos, nada demais nisso. Queriam que eu usasse esta túnica, para eu parecer um censor. Bater na porta aqui e perguntar pelo senhor. "Mensagem do Administrador", era isso o que eu devia dizer. Depois, o resto a gente faz... o senhor sabe. Quando eu dissesse "Hei? O senhor não é o senador! Ou é?", eles deviam chegar e prender o senhor.

Bill olhou-me, acusador.

— Mas o *senhor* botou tudo a perder. O senhor foi quem estragou a coisa, não eu. O senhor não fez *nada* que devia fazer. Fechou a porta às minhas costas... e não devia ter feito isso. E, no fim, era mesmo o senador... e *ela* estava com o senhor.

— A voz ficou especialmente amarga quando ele se referiu a Gwen.

Eu podia compreender a razão do ressentimento dele. De que modo pode um criminoso sincero, que se esforça muito, progredir em sua profissão se a vítima não coopera? Quase todos os crimes dependem da aquiescência da vítima. Se a vítima recusa-se a assumir o papel designado, o criminoso fica em desvantagem tão séria que, em geral, é preciso um juiz compreensivo e compassivo para endireitar as coisas. Eu quebrara as regras; reagira.

— Você certamente teve uma maré de má sorte, Bill. Vamos ver essa "Mensagem da Administração" que você devia entregar. Mantenha-o coberto, Sra. Durona.

— Posso baixar as mãos?

— Não.

A prancheta continuava no chão, entre Gwen e Bill, mas um pouco mais perto de mim. Poderia pegá-la sem interromper a linha de tiro. Apanhei-a.

Preso à prancheta havia um formulário de recibo de mensagens, com lugar para que eu (ou alguém) assinasse. Ao lado, vi o envelope azul da Mackay Três Planetas. Abri-o.

A mensagem era em grupos de códigos de cinco letras, mais ou menos uns 50 deles. Até mesmo o endereço estava em código. Mas em cursivo em cima do endereço estava escrito: "Sen. Cantor, St. Oil."

Enfie a mensagem no bolso sem comentário. Gwen interrogou-me com os olhos. Consegui não vê-los.

— Sra. Durona, o que é que nós vamos fazer com Bill?

— Dar um esfrega nele!

— Ahn? Quer dizer 'Acabar com ele'? ou está se oferecendo para esfregar as costas dele?

— Deus, não! As duas coisas. Nenhuma delas. Estou sugerindo que a gente o ponha no refrescador e deixe-o lá até que fique higiênico. Banhado, água quente e um bocado de sabão. E xampu nos cabelos. Unhas limpas, das mãos e dos pés. Tudo. Não deixar que ele saia até que cheire bem.

— Você deixaria que ele usasse seu "refrescador"?

— Do jeito que estão as coisas, não penso que vá usá-lo novamente, senador. E estou cansada do fedor dele.

— Bem, sim, ele lembra batatas podres em dia quente no Gulf Stream. Bill, tire a

roupa.

A classe criminal é o grupo mais conservador de qualquer sociedade. Bill relutou tanto em se despir em frente a uma mulher como o fizera a respeito da divulgação do esconderijo de seus amigos bandidos. Ficou chocado porque sugeriu isso, horrorizado porque a mulher topou a proposta indecente. Quanto a este último ponto, eu poderia ter concordado com ele ontem... mas eu descobrira que Gwen não se assusta à toa. Na verdade, acho que ela gostou daquilo.

Ao ficar pelado, Bill despertou-me um pouco de simpatia: parecia uma galinha depenada, com uma expressão infeliz para combinar. Quando chegou à cueca (cinzenta de sujo) parou e olhou-me.

— Tudo bem — respondi vivamente. — Tire e corra para o refrigerador. Se fizer um trabalho ordinário, repete tudo. Se botar o nariz de fora em menos de 30 minutos, nem me preocuparei em ver seu estado. Simplesmente, mando-o voltar para o banho. Agora, tire essa cueca — rápido!

Bill virou as costas para Gwen, tirou a cueca e correu de lado para o refrigerador, em uma tentativa inútil de conservar um pouco de pudor. Trancou a porta.

Gwen guardou a pistola na bolsa e depois movimentou os dedos, flexionando-os e estirando-os.

— Eu estava ficando com os dedos duros, segurando a arma. Amado, posso ficar com esses cartuchos?

— Ahn?

— Os que você tirou de Bill? Seis, não era? Cinco mais um.

— Claro, se os quer.

Devia lhe dizer que eu, também, tinha um uso em vista para eles? Não, informações desse tipo devem ser compartilhadas apenas na base do "precisa saber". Tirei-os do bolso e entreguei-os.

Gwen examinou-os, inclinou a cabeça, tirou novamente da bolsa a linda pistolinha — puxou o carregador, carregou-o com os seis cartuchos confiscados, recolocou o carregador, pôs uma bala na agulha, travou a arma e recolocou-a na bolsa.

— Corrija-me se estou errado — comecei lentamente. — Quando a chamei para me dar cobertura, você o cobriu com uma caneta. Depois de desarmá-lo, manteve-o coberto com uma arma descarregada. Correto isto?

— Richard, eu fui tomada de surpresa. Fiz o melhor que podia.

— Eu não estava criticando. Muito pelo contrário.

— Parece que nunca houve um momento apropriado, para eu lhe contar — prosseguiu ela. — Querido, você podia ceder uma calça e uma camisa? Há

algumas bem em cima das coisas em sua sacola.

— Acho que sim. Para nosso filho-problema?

— Para ele mesmo. Estou querendo botar as roupas imundas dele na calha, para que sejam recicladas. O mau cheiro não vai passar até que a gente dê um jeito nessas roupas.

— Neste caso, vamos nos livrar delas. — Enfie as roupas de Bill na calha (todas, menos os sapatos) e depois lavei as mãos na pia da cozinha. — Gwen, acho que não tenho nada mais a obter desse idiota. Poderíamos lhe deixar algumas roupas e simplesmente ir embora. Ou... poderíamos ir embora imediatamente e *não* lhe deixar roupa nenhuma.

Gwen pareceu estarecida.

— Mas os censores o pegariam, imediatamente.

— Exatamente. Querida moça, aquele cara é um perdedor nato. Os censores vão pegá-lo antes de muito tempo, de qualquer maneira. O que é que eles fazem com noctâmbulos atualmente? Ouviu algum boato a esse respeito?

— Não. Nada com aparência de verdade.

— Não acho que o mandem em uma nave de volta à Terra. Isto custaria dinheiro demais à Companhia, desta maneira violando a Regra de Ouro, da forma como é interpretada aqui. Não há xadrez ou penitenciária aqui. Isto limita as possibilidades. Neste caso...

Gwen pareceu perturbada.

— Não acho que esteja gostando do que estou ouvindo.

— E a coisa fica pior. Do outro lado desta porta, talvez não à vista, mas em algum lugar por perto, há uns dois bandidos que não têm nenhuma boa intenção a nosso respeito. Ou pelo menos não têm boas intenções a meu respeito. Se Bill sair daqui tendo botado a perder o trabalho que foi contratado para fazer, o que é que vai acontecer com ele? Servem-no aos ratos como comida?

— Ugh!

— Isso mesmo, ugh. Meu tio costumava dizer: "Nunca apanhe um gatinho perdido... a menos que já tenha resolvido que ele vai ser seu dono." Bem, Gwen?

Ela suspirou.

— Acho que ele é um bom rapaz. Poderia ser, quero dizer, se alguém se importasse com ele.

Devolvi o suspiro.

— Só há uma maneira de descobrir.

*"De que adianta escorar a casa que já caiu?"***Hartley M. Baldwin**

É difícil dar soco no nariz de um cara através de um terminal.

Mesmo que a pessoa não tenha intenção de usar esses métodos diretos de convencimento, discussão via terminal de computador é menos que satisfatória. Com um apertar de botão, o interlocutor pode nos cortar no meio da frase ou nos transferir para um subordinado. Mas se estamos fisicamente presentes no gabinete dele, podemos combater seus argumentos mais sensatos sendo simplesmente mais estupidamente obstinados do que ele. Basta a gente ficar inamovível e dizer não. Ou não dizer nada. Nós podemos dar-lhe a opção de ou concordar com nossas reivindicações (oh, tão razoáveis) ou obrigá-lo a nos mandar botar para fora.

Esta última medida provavelmente não combina com sua *persona* pública.

Por essas razões, resolvi não telefonar para o Sr. Middlegaff ou qualquer pessoa no Departamento Imobiliário e sim dirigir-me em pessoa ao gabinete do Administrador. Não tinha esperança de influenciar o Sr. Middlegaff, a quem evidentemente haviam encarregado de uma política que ele estava executando com burocrática indiferença ("Um bom-dia para o senhor", realmente!). E era mínima a esperança de obter satisfações do Administrador — mas, pelo menos, se ele recusasse me atender eu não teria que perder tempo apelando para uma instância superior. O Regra de Ouro, sendo uma companhia particular, não-licenciada por qualquer Estado soberano (isto é, sendo ele mesmo soberano), não contava com autoridade mais altamente colocada que o Administrador — e Deus Todo-Poderoso nem mesmo era sócio minoritário.

Decisões tomadas pelo Sócio Administrador poderiam ser inteiramente arbitrárias... mas eram também inteiramente finais. Não havia possibilidade de anos de litígio judicial, nenhuma maneira de uma corte superior revogar-lhe a decisão. As "demoras da justiça" que tanto maculam o funcionamento da "justiça" nos Estados democráticos lá na Terra não podiam existir aqui. Lembrome de apenas alguns casos capitais nos meus cinco anos de residência aqui... mas, em todos eles, o Administrador agira como magistrado e o condenado fora lançado ao espaço no mesmo dia.

Em um sistema desses, a questão de erro de justiça torna-se acadêmica.

Acrescente-se a isso o fato de que a profissão da lei, da mesma forma que a profissão da prostituição, não é licenciada nem proibida, e o resultado é um sistema judicial que tem pouca semelhança com a teia maluca de precedentes e

tradição que passa por "justiça" na superfície. A justiça no Regra de Ouro poderia sofrer de astigmatismo, se não fosse inteiramente cega. Mas não podia ser lenta.

Deixamos Bill na ante-sala do gabinete do Administrador, tomando conta de nossa bagagem — minha sacola de lona e a trouxa, as malas de Gwen, a árvore *bonsai* (que fora aguada antes de deixarmos o compartimento de Gwen) — com instruções para se sentar em cima da primeira, defender a *bonsai* até com a vida (no fraseado de Gwen) e vigiar o resto. Entramos.

Uma vez no lado de dentro, deixamos nossos nomes, separadamente, na recepção e depois nos sentamos para esperar. Gwen abriu a bolsa e tirou um tabuleiro eletrônico Casio.

— O que é que vai ser, querido? Carteado, gamão, *go*, ou o quê?

— Você está pensando que vamos esperar muito?

— Estou, sim senhor. A menos que a gente acenda um fogo embaixo da mula.

— Acho que você tem razão. Alguma idéia sobre como acender o fogo? Sem tocar fogo na carroça, quero dizer. Oh, que diabo, vá em frente e toque fogo na carroça. Mas como?

— Nós poderíamos usar uma variação do velho modelo: "Meu marido sabe de tudo." Ou "Sua mulher descobriu." Mas nossa variação teria que ser absolutamente nova, uma vez que o estratagema básico já é muito manjado. — E depois acrescentou: — Eu poderia entrar em trabalho de parto. Isto é sempre uma boa maneira de chamar atenção.

— Mas você não parece grávida.

— Quer apostar? Até agora ninguém me deu uma boa olhada. Simplesmente me dê cinco minutos sozinha naquele toalete de senhoras e você se convence logo que já estou no nono mês. Richard, este macete eu aprendi há muitos anos, quando era investigadora de sinistros de uma companhia de seguros. Ele sempre consegue que a gente entre em algum lugar.

— Você está me tentando — reconheci —, já que seria engraçado ver você fazer a coisa. Mas o macete que usarmos terá não apenas que nos fazer entrar mas nos manter ali dentro em circunstâncias tais que o estúpido escute nossos argumentos.

— Dr. Ames?

— Sim, Sra. Ames?

— O Administrador não vai escutar nossos argumentos.

— Por favor, explique.

— Aplaudi sua decisão de vir direto até o alto porque percebi que economizaria

tempo e lágrimas receber todas as más notícias de uma vez só. Temos lepra. O que já foi feito conosco deixa isso muito claro. A intenção do Administrador não é simplesmente nos obrigar a ir embora, mas nos chutar logo para fora do Regra de Ouro. Não sei por quê, mas não precisamos saber porquê — a coisa é simplesmente esta. Compreendo isto, estou relaxada. Uma vez que *você* compreende isso também, homem querido, poderemos traçar planos. Ir para a Terra, ou para Luna, ou então para a Terra Prometida, Ell-Four, Ceres, Marte — o que você desejar, amado meu. "Aonde fores..."

— Para Luna.

— Senhor?

— Por ora, pelo menos. O Estado Livre de Luna não é dos piores. Atualmente, está passando da anarquia para a burocracia, mas não foi ainda inteiramente engessado. Ainda permite um bocado de liberdade a pessoas que sabem enfrentar pragmaticamente a situação. E há ainda espaço para viver em Luna. E dentro de Luna. Isso mesmo, Gwen, temos que nos mandar. Eu desconfiava disso antes e tenho certeza agora. A não ser por uma coisa, poderíamos seguir até diretamente para o espaçoporto. Eu ainda quero falar com o Administrador. Droga, quero ouvir a mentira de seus próprios lábios mentirosos! Em seguida, com uma clara consciência, posso servir o veneno.

— Você tenciona envenená-lo, querido?

— Uma figura de retórica. Penso em colocá-lo em minha lista e um karma rápido dará jeito nele.

— Oh. Talvez eu possa pensar em uma maneira de ajudar o karma.

— Não é necessário. Uma vez na lista, eles nunca duram muito.

— Mas eu gostaria de fazer isso. "A mim pertence a vingança, diz o Senhor." Mas a Versão Revista diz: "A vingança a Gwen pertence... e a Mim apenas se Gwen deixar alguma coisa por fazer."

— Minha querida, você é uma menininha perversa, digo com prazer. Vai matá-lo com urticária? Com unha encravada? Talvez soluções?

— Estou pensando em mantê-lo acordado até que ele morra. Falta de sono é pior do que qualquer coisa que você listou, querido, se levado suficientemente longe. A capacidade de julgamento da vítima se desfaz em pedacinhos antes que ela pare de respirar. Tem alucinações. Incluindo todas as suas piores fobias. Morre em seu próprio inferno particular e jamais escapa dele.

— Gwen, você dá a impressão de que já usou esse método. Gwen não comentou. Encolhi os ombros.

— O que você resolver, diga-me para eu poder ajudar.

— Farei isso, senhor. Hummm, gosto muito da idéia de afogar uma pessoa em lagartas. Mas não sei como conseguir tantas assim, a não ser trazendo-as da Terra. Exceto... Bem, a gente pode sempre dar um jeito, utilizando o método da insônia. Perto do fim, pode fazer com que o condenado crie suas próprias lagartas apenas sugerindo-lhe isso. — Arrepiou-se. — *Schrecklich!* Mas não vou usar ratos, Richard. Nunca ratos. Nem mesmo ratos imaginários.

— Minha doce e terna esposa, que bom saber que você traça uma linha em *algum ponto*.

— Claro que traço! Bem-amado, você me surpreendeu com a idéia de que má educação poderia ser considerada como crime que merece força. Meu próprio interesse é no mal, e não em má educação. Acho que ratos maldosos nunca devem passar sem castigo. Os métodos de Deus para punir o mal são lentos demais para meu gosto. Quero que isto seja feito *agora*. Veja o caso de seqüestro. Seqüestradores deveriam ser enforcados no local, logo que capturados. Incendiários deveriam ser queimados vivos no tronco, no local do incêndio que iniciaram, se possível antes que as cinzas esfriem. Um estupra-dor deveria ser morto por...

Não descobri nessa ocasião que complexa maneira de morrer Gwen preferia para estupradores, porque um burocrata polido (homem, com caspas, *risus* embutido) parou à nossa frente e perguntou:

— Dr. Ames?

— Eu sou o Dr. Ames.

— Eu sou Mungerson Fitts, Vice-Administrador Assistente a cargo de Estatísticas Super-Rogatórias. Estou dando uma mãozinha aqui. Tenho certeza de que o senhor compreende que o gabinete do Administrador está numa roda viva com o novo acréscimo que está sendo trazido para se acoplar ao sistema... todos os reassentamentos temporários que têm que ser feitos e todas as perturbações em rotina que têm que ser corrigidas, antes que possamos nos acomodar todos em um Regra de Ouro mais espaçoso e melhorado. — Endereçou-me um sorriso cativante. — Acho que querem falar com o Administrador.

— Isso mesmo.

— Excelente. Devido à atual emergência, estou dando uma ajuda aqui, a fim de manter a qualidade de que nos orgulhamos dos serviços do Regra de Ouro para nossos hóspedes durante as alterações que ora se processam. Recebi todos os poderes para agir em nome do Administrador. Podem pensar em mim como seu *alter ego*... porque, para todos os fins e finalidades, eu *sou* o Administrador. Esta jovem senhora... ela está com o senhor?

— Está.

— É uma honra, madame. Um prazer. Agora, amigos, se quiserem ter a gentileza de virem comigo...

— Não.

— Perdão?

— Quero falar com o Administrador.

— Mas eu expliquei ao senhor...

— Eu espero.

— Acho que o senhor não me compreendeu. Por favor, venham comigo...

— Não.

(Nessa altura Fitts devia ter-me pegado numa chave e, com um balão, me jogado sentado no chão. Não que isso seja fácil de fazer comigo. Afinal de contas fiz meu treinamento com Dorsai. Mas era isso o que ele devia ter feito. Mas era pessoa inibida pelo costume, o hábito e a política da empresa)

Fitts fitou-me calado por um momento, parecendo perplexo.

— Ahn... mas o senhor tem que vir comigo, como sabe.

— Não, não sei.

— Estou tentando lhe dizer...

— Quero falar com o Administrador. Ele lhe disse o que fazer a respeito do senador Cantor?

— Senador Cantor? Espere aí, ele é o senador eleito por, ahn, por...

— Se o senhor não sabe quem é ele, como é que sabe o que fazer com ele?

— Ahn, se quiser esperar um momento, farei uma consulta.

— Era melhor nos levar... uma vez que o senhor não parece estar no gozo de "todos os poderes" no tocante a este assunto crítico.

— Ahn... por favor, esperem aqui. Levantei-me.

— Não, é melhor eu ir embora. O senador pode andar à minha procura. Por favor, diga ao Administrador que sinto muito não ter podido esperar. — Virei-me para Gwen. — Vamos, madame. Não devemos deixá-lo à espera.

(A mim mesmo perguntei se Mungerson notara que eu usara o caso proclítico, sem referência à pessoa.)

Gwen levantou-se e tomou-me o braço. Apressado, disse Fitts:

— Por favor, amigos, não vão embora! Humm, venham comigo. — Levou-nos por uma porta sem tabuleta ou inscrição. — Esperem apenas um momento, por favor.

Ele demorou mais que um momento, mas, apesar disso, não muito. Voltou com o rosto aureolado de sorrisos. (Acho que esta é a frase.)

— Por aqui, por favor!

Levounos pela porta sem marca, descemos uma curta passagem e entramos no gabinete do Administrador.

O Administrador ergueu os olhos da escrivanhinha e nos inspecionou, não com aquela expressão conhecida, paterna, da freqüente demais "Uma Palavra do Administrador!", aqueles avisos que aparecem em todos os terminais. Muito ao contrário, o Sr. Sethos dava a impressão de que havia encontrado no seu mingau, naquela manhã, alguma coisa repugnante.

Ignorei seu comportamento glacial. Fiquei simplesmente onde estava, no lado de dentro do gabinete, Gwen ainda pendurada no meu braço, e esperei. Morei certa vez com um gato exigente (Há algum outro tipo?) que, quando lhe era oferecida comida que não combinava perfeitamente com seu gosto, dava impressão de ofendido — uma façanha de representação por parte de um ser cuja face é inteiramente coberta de pelugem. Ele, não obstante, fazia isso principalmente através de linguagem corporal. Fiz isso nesse momento com o Sr. Sethos, pensando principalmente naquele gato. Fiquei onde estava... e esperei.

Ele nos fitou... e finalmente se levantou, fez uma ligeira mesura e disse:

— Madame... Tenha a bondade de se sentar.

Ao que, nós nos sentamos. Primeiro assalto ganho por nós, por pontos. Eu não poderia ter feito isso sem Gwen. Mas tinha a ajuda dela e logo que sentei meu traseiro na cadeira ele não ia tirá-lo de lá — até que eu conseguisse o que queria.

Continuei imóvel, calado, e esperei.

Quando a pressão sangüínea do Sr. Sethos chegou a ponto de provocar um derrame, ele disse:

— Bem? O senhor conseguiu forçar a entrada em meu gabinete. Que tolice é essa a respeito do senador Cantor?

— Espero que o senhor me diga. O senhor designou o senador Cantor para o compartimento de minha esposa?

— Ahn? Não seja ridículo. A Sra. Novak tem um compartimento de alta eficiência de um único cômodo, o menor tamanho na primeira classe. O senador da Standard Oil, se chegou aqui, iria querer uma suíte de luxo. Claro!

— O meu, talvez? Foi por isso que o senhor me despejou? Para dar meu compartimento ao senador?

— O quê? Não ponha palavras na minha boca. O senador não está a bordo. Fomos obrigados a pedir a alguns de nossos hóspedes que se mudassem, o senhor

entre eles. A nova seção, como sabe. Antes que ela possa ser soldada, todos os compartimentos e espaços adjacentes ao círculo 1-30 têm que ser evacuados. De modo que tivemos que duplicar temporariamente as acomodações, a fim de conseguir espaço para os hóspedes remanejados. O seu compartimento receberá três famílias, segundo me lembro. Isto é por pouco tempo.

— Compreendo. Neste caso foi apenas por um lapso que não me disseram para onde eu devia ir?

— Oh, tenho certeza de que o senhor foi informado.

— Não fui, de maneira alguma. Pode, por favor, me dizer qual é o meu novo endereço?

— Doutor, o senhor espera que eu guarde de cabeça as designações para todas as acomodações? Espere lá fora, alguém verificará e lhe comunicará.

Ignorei-lhe a ordem/sugestão.

— Sim, de fato acho que o senhor as guarda na cabeça.

— Há mais de 180 mil pessoas neste *habitat* — rosnou ele. — Tenho assistentes e computadores para cuidar desses detalhes.

— Tenho certeza que sim. Mas o senhor me deu fortes razões para pensar que tem esses detalhes na cabeça... quando isto lhe interessa. Vou dar um exemplo. Minha esposa não lhe foi apresentada. Mungerson Fitts não sabia o nome dela, de modo que não podia ter dito ao senhor. Mas o *senhor* sabia, sem que ele tivesse dito. Sabia o nome dela e em que compartimento residia. Residia antes, isto é, até que o fechou, deixando-a do lado de fora. É assim que o senhor aplica a Regra de Ouro, Sr. Sethos? Expulsando seus hóspedes a pontapés, sem ter mesmo a cortesia de avisar a eles antecipadamente?

— Doutor, o senhor está querendo provocar briga?

— Não. Estou tentando descobrir por que o senhor está nos perseguindo. Intimidando-nos. Fustigando-nos. O senhor e eu sabemos que isto nada tem a ver com o deslocamento causado pela nova seção que vai ser soldada. Isto é certo... porque a nova seção está sendo construída há mais de três anos e o senhor sabia com pelo menos um ano de antecedência quando ela seria trazida... Não obstante, o senhor me expulsou de meu compartimento com um aviso de menos de 30 minutos. E tratou ainda pior minha esposa. Simplesmente trancou o compartimento, deixando-a do lado de fora, sem nenhum aviso. Sethos, vocês não estão nos tirando do caminho apenas para que a nova seção seja soldada. Se isso fosse verdade, teríamos sido avisados há pelo menos um mês, juntamente com a realocação temporária e as datas para nos mudarmos para nossas novas acomodações temporárias. Agora, está nos expulsando, nada menos que isso, do *habitat* Regra de Ouro... e eu quero saber por quê!

- Saia de meu gabinete. Mandarei alguém levá-lo pessoalmente às suas novas... acomodações... temporárias.
- Isto não é necessário. Simplesmente me dê as coordenadas e o número do compartimento. Espero aqui enquanto o senhor verifica isso.
- Deus do céu, eu acredito mesmo que o senhor *quer* ser expulso do Regra de Ouro.
- Não, tenho vivido bem confortável aqui. Ficarei muito contente em permanecer aqui... se me disser onde vamos dormir hoje à noite... e nos fornecer nosso novo endereço permanente — o lugar onde vamos residir logo que a nova seção seja soldada e pressurizada, quero dizer. Precisamos de uma suíte de três cômodos, a fim de substituir o compartimento de dois que eu tinha e o de um único da Sra. Ames. Dois terminais. Um para cada um de nós, como antes. E baixa gravidade. Quatro décimos de gravidade, preferencialmente, mas não mais que meia gravidade.
- Gostaria também de um jardim particular? Por que precisa de dois terminais? Isto exigiria fiação adicional.
- De fato, e eu pago a despesa. Porque eu sou escritor. Vou usar um como processador de texto e trabalho de pesquisa em bibliotecas. A Sra. Ames precisa de outro para a rotina doméstica.
- Ohhh! O senhor pensa em usar espaço residencial para fins comerciais. Este fato implicará cobrança de tarifas comerciais. Não residencial.
- Isso importa em quanto?
- O preço terá que ser calculado. Há um fator de custo para cada tipo de uso comercial. Lojas a varejo, restaurantes, bancos e coisas assim custam aproximadamente três vezes mais por metro cúbico que o espaço residencial. Espaço para fábricas não custa tanto como o comercial para varejo, mas pode ter adicionais de risco, coisas assim. O espaço de armazenagem custa apenas um pouco mais que o residencial. De improviso, eu diria que o senhor terá que pagar tarifas de espaço para escritório — há um fator de 3,5 — mas terei que verificar isso com o contador-chefe.
- Sr. Administrador, será que o compreendi perfeitamente? O senhor está pensando em nos cobrar três vezes e meia nossos antigos alugueres combinados?
- Aproximadamente. Pode descer talvez a três vezes.
- Bem, bem. Eu não escondi o fato de que sou escritor. Diz isso no meu passaporte e estou listado dessa maneira em seu catálogo, nos últimos cinco anos. Diga-me uma coisa: por que, de repente, faz esta diferença toda se uso meu terminal para escrever cartas para casa... ou escrever ficção?
- Sethos emitiu um som que poderia ser interpretado como uma risada.

— Doutor, o Regra de Ouro é uma empresa comercial com fins lucrativos. Com esse objetivo em vista, administro-o para meus sócios. Ninguém tem que morar aqui, ninguém tem que fazer negócios aqui. O que cobro às pessoas para viverem aqui, ou para fazer negócios aqui, é decidido exclusivamente pelo lucro maximizador para a sociedade, conforme meu melhor julgamento para atingir esse fim. Se não gostar, pode ir fazer negócios em outra parte.

Eu ia justamente mudar a base da discussão (eu sei quando sou superado em peças de fogo), quando Gwen falou:

— Sr. Sethos?

— Ahn? Sim, Sra. Novak? Sra. Ames.

— O senhor começou na vida sendo cafetão de suas irmãs? Sethos adquiriu uma delicada tonalidade de berinjela. Mas por fim controlou-se o suficiente para dizer:

— Sra. Ames, a senhora está sendo intencionalmente insultuosa?

— Isto é óbvio, não é? Eu não sabia que o senhor tinha irmãs. Simplesmente parece o tipo de atividade que o atrairia. O senhor nos insultou sem nenhuma razão. Viemos aqui pedindo reparação de uma injustiça. O senhor nos respondeu com evasivas, mentiras completas, questões irrelevantes... e nova extorsão. E justificou essa nova indignidade com um serão de terceira classe sobre livre empresa. Exatamente que preço o senhor habitualmente pedia por suas irmãs? E quanto guardava de comissão? Metade? Ou mais da metade?

— Madame, tenho que lhes pedir que deixem meu gabinete... e este *habitat*. Os senhores não são o tipo de pessoas que queremos que residam aqui.

— Iremos embora com imenso prazer — respondeu Gwen, sem se mexer —, logo que o senhor encerrar minha conta. E a de meu marido.

— FORA!

Gwen levantou a mão, palma para cima.

— Dinheiro na frente, seu escroque careca. O saldo de nossas contas, mais os depósitos relativos às passagens de volta, que fizemos ao chegar. Se sairmos desta sala sem nosso dinheiro, não há nenhuma garantia de que jamais veremos a cor dele. Pague o que deve e vamos embora. Na primeira ponte aérea para Luna. Mas pague tudo e agora! Ou terá que me jogar no espaço para me calar. Se chamar seus brutamontes, seu mentiroso, boto este lugar abaixo aos gritos. Quer uma amostra?

Inclinou a cabeça para trás e soltou um grito que me fez os dentes doerem.

Os de Sethos também, aparentemente... porque o vi se encolher todo.

Ele fitou-a durante um longo tempo e, em seguida, tocou em algum botão de

controle na mesa.

— Ignatius, encerre as contas do Dr. Richard Ames e da Sra. Gwendolyn Novak, números — com uma hesitação apenas momentânea deu corretamente os números do meu compartimento e de Gwen — e traga-as imediatamente ao meu gabinete. E dinheiro para pagar o saldo deles. Com os devidos recibos. Nada de cheque. O quê? Você ouviu o que eu disse. Se isto demorar mais de 10 minutos mandarei fazer uma inspeção de alto a baixo em seu departamento... a fim de verificar quem deve ser demitido, e não apenas rebaixado.

Desligou, e não olhou para nós.

Gwen tirou da bolsa o tabuleiro de jogo, preparou-o para o jogo-da-velha, o que me agradou, sendo mais ou menos o nível intelectual a que, no momento, eu me arriscaria a subir. Ela me venceu em quatro partidas seguidas, embora em duas ocasiões me coubesse a primeira jogada. Mas minha cabeça ainda estava doendo com o grito supersônico dela.

Não marquei o tempo exato, mas uns 10 minutos depois um homem entrou trazendo nossas contas. Sethos lançou-lhes um olhar e passou-as para nós. A minha parecia estar certa. Eu ia assinar o recibo quando Gwen falou:

— E os juros sobre o dinheiro que tive que depositar?

— Ahn? Sobre o que é que a senhora está falando?

— Minha passagem de volta à Terra. Tive que depositá-la em dinheiro vivo, não sendo aceito cheque. O seu banco aqui cobra 9% sobre empréstimos pessoais, de modo que deve pagar pelo menos as taxas de poupança sobre o dinheiro imobilizado. Embora depósitos a prazo fixo ofereçam taxas mais razoáveis. Estou aqui há mais de um ano e assim... deixe-me ver... — Tirou da bolsa a calculadora que estávamos usando para manter o escore do jogo-da-velha. — O senhor me deve 871 e... — vamos arredondar — 871 coroas em juros. Em ouro suíço isso importa em...

— Nós pagamos em coroas, não em dinheiro suíço.

— Tudo bem, o senhor então me deve a importância em coroas.

— Nós não pagamos juros sobre o dinheiro relativo à passagem de volta. Nós conservamos o dinheiro simplesmente bloqueado.

Fiquei subitamente alerta.

— Não paga, hein? Deus do céu, pode me emprestar essa maquininha? Vejamos — 180 mil pessoas... e passagens em classe turista para Maui via PanAm ou Quantas importam em...

— Sete-duzentos — respondeu Gwen — não computados os fins de semana e feriados.

— Sendo assim. — Digitei o número. — Humm, bem mais de um bilhão de coroas! Um, dois, nove, seis, seguidos por seis zeros. Que coisa mais interessante! E como é esclarecedora. Sethos, meu velho, você deve estar ganhando mais de 100 milhões por ano, isentos de imposto, apenas colocando todo este dinheiro que exige de nós, palermas, em fundos monetários em Luna City. Mas não acho que o use dessa maneira — ou nem todo ele. Acho que você dirige toda essa empresa usando dinheiro de outras pessoas... sem que elas saibam ou consentam. Certo?

O laçao (Ignatius) que trouxera nossas contas escutava tudo aquilo com agudo interesse.

— Assinem esses recibos e caiam fora.

— Oh, assinaremos!

— Mas pague os nossos juros — acrescentou Gwen. Sacudi a cabeça.

— Não, Gwen. Em qualquer lugar, menos aqui, poderíamos processá-lo. Aqui ele é a lei e o juiz. Mas não me importa, Sr. Administrador, o senhor acaba de me dar uma idéia maravilhosa e vendável para um artigo na *Reader's Digest*, provavelmente, ou na *Fortune*. Vou dar-lhe o título de "Uma Mina no Céu, ou Como Ficar Rico com o Dinheiro dos Outros: A Economia dos *Habitats* Espaciais de Propriedade Privada". Cem milhões ao ano surrupiados do público apenas no *habitat* Regra de Ouro. Alguma coisa nesse sentido.

— Publique isso e eu o processo e tomo tudo que o senhor possui.

— Processa? A gente se vê no tribunal, meu velho. De alguma maneira, acho que você não vai querer lavar sua roupa suja em um tribunal em que não seja o juiz. Humm, tive outra idéia maluca. O senhor está concluindo um acréscimo muito importante — e me lembro de ter visto no *Wall Street Journal* que o senhor fez isso sem vender ações. Quanto daquele dinheiro dito bloqueado está flutuando aqui como círculos 130 a 140? E quantos de nós, indo embora na mesma semana, seriam necessários para ocasionar uma corrida ao seu banco? Pode pagar à vista, Sethos? Ou esse dinheiro bloqueado é tão falso como você?

— Diga isso em público e eu o processarei em todos os tribunais do Sistema! Assinem esse recibo e caiam fora daqui!

Gwen só assinou depois de contado todo o dinheiro em nossa frente. Assinou finalmente, e eu também.

Enquanto recebíamos o dinheiro, o terminal da escrivanhinha de Sethos acendeu. A tela era visível apenas para ele, mas a voz da pessoa que falava foi suficiente para identificá-la: o Censor-Chefe Franco:

— Sr. Sethos!

— Estou ocupado.

— Mas isto é uma emergência! Ron Tolliver foi baleado. Eu...

— O quê!

— Acabou de acontecer! Estou no escritório dele... mas ele está muito ferido, provavelmente não vai escapar. Mas tenho testemunhas oculares. O autor do crime foi aquele doutor de ataque... Richard Ames...

— Cale a boca!

— Mas, chefe...

— CALE A BOCA! Seu estúpido, seu trapalhão! Apresente-se a mim imediatamente. — Sethos virou-se para nós. — Agora, sumam daqui.

— Talvez fosse melhor eu esperar e conhecer essas testemunhas oculares.

— Fora. Fora deste *habitat*. Dei o braço a Gwen.

VII

"Você não pode enganar um homem honesto. Para começar, ele precisaria ser desonesto no fundo do coração."

Claude William Dukefield, 1880-1946

No lado de fora encontramos Bill sentado em cima de minha sacola de lona, a pequena árvore nos braços. Levantou-se, uma expressão indecisa no rosto. Mas quando Gwen lhe sorriu, ele retribuiu todo alegre.

Perguntei:

— Algum problema, Bill?

— Não, chefe. Humm, um babaca quis comprar a arvorezinha.

— Por que não a vendeu?

Ele pareceu chocado.

— *Ahn? É dela.*

— Isso mesmo. Se a tivesse vendido, sabe o que ela teria feito? Teria afogado você em um monte de lagartas, é isso o que teria feito. De modo que você foi sabido em não aborrecê-la. Mas nada de ratos. Enquanto ficar com ela, não precisa nunca ter medo de ratos. Certo, Sra. Durona?

— Correto, senador, ratos, nunca Bill, estou orgulhosa de você, não deixando que alguém o tentasse. Mas quero que pare com essa gíria — ora, alguém que o ouvisse poderia até pensar que você é um noctâmbulo —, e nós não gostaríamos disso, certo? De modo que não diga "um babaca quis comprar a árvore", mas apenas "um homem".

— Ahn, para dizer a verdade, o babaca era uma xoxota. Ahn, uma piranha. Morou?

— Morei. Mas vamos tentar outra vez. Diga "uma mulher".

— Tudo bem. Aquela babaca era uma mulher. — Sorriu envergonhado. — A senhora até parece aquelas irmãs que ensinavam a gente no Santo Nome, lá na superfície.

— Recebo isso como um elogio, Bill... E vou atazanar você ainda mais do que elas sobre sua gramática, pronúncia e escolha de palavras. Até que você consiga falar tão bonito como o senador. Isto porque, há muitos anos, um homem sábio e cínico provou que a maneira como uma pessoa fala é a coisa mais importante nela quando se trata de se sair bem neste mundo. Entendeu o que eu disse?

— Ahn... médio.

— Ninguém aprende tudo de uma só vez e não espero isso de você. Bill, se você tomar banho todos os dias e falar corretamente, o mundo chegará à conclusão de que você é um vencedor e o tratará nessa conformidade. De modo que vamos continuar a tentar.

Interrompi-os:

— Enquanto isso, é urgente para nós cair fora desta banheira.

— Senador, isto é urgente, também.

— Ah, sim, a velha regra "acostumar o cachorrinho a não fazer xixi no chão". Compreendo. Mas vamos nos mexer.

— Sim, senhor. Direto para o espaçoporto?

— Ainda não. Descer todo El Camino Real, ao mesmo tempo verificando todos os terminais públicos que aceitem moedas. Tem algumas?

— Poucas. O suficiente para um telefonema rápido, talvez.

— Ótimo. Mas fique de olho também em um cambista.

Agora que você e eu cancelamos nossos códigos de crédito, temos que usar moedas.

Pegamos novamente nossa tralha e começamos a andar. Gwen disse baixinho:

— Não quero que Bill ouça isto... mas não é difícil convencer um terminal público de que estamos usando um código de crédito correto, quando não estamos.

Respondi em voz igualmente baixa:

— Recorreremos a esse meio apenas se a honestidade não funcionar. Minha querida, quantos outros macetes você tem escondidos?

— Senhor, não sei do que está falando. A uns 100 metros à nossa frente... Aquela cabine à direita tem o sinal amarelo? Por que são tão poucas as cabines públicas equipadas para trabalhar com moedas?

— Porque o Irmão Mais Velho quer saber quem está telefonando para quem... e com o método do código de crédito estamos praticamente implorando a ele que compartilhe de nossos segredos. Sim, aquele tem o sinal. Vamos reunir nossas moedas.

O reverendo doutor Henrik Hudson Schultz respondeu imediatamente em seu terminal. A fisionomia de Papai Noel me examinou, me avaliou, contou o dinheiro em minha carteira.

— Padre Schultz?

— Em pessoa. Às suas ordens, senhor?

Em vez de responder, tirei da carteira uma nota de mil coroas, coloquei-a em frente ao mesmo. O Dr. Schultz examinou-a e ergueu as sobrancelhas eriçadas.

— O senhor me interessa, senhor.

Dei uma batidinha na orelha enquanto olhava para a esquerda e para a direita e fiz em seguida o sinal dos três macaquinhos. Ele respondeu:

— Ora, sim, eu ia mesmo sair para tomar uma xícara de café. Quer me fazer companhia? Um momento...

Pouco depois, mostrou uma folha de papel, na qual escrevera em grandes letras de fôrma:

OLD MACDONALD'S FARM

— Pode me encontrar no Sans Souci Bargrill? Fica na Petticoat Lane, bem em frente ao meu estúdio. Em uns 10 minutos?

Durante todo o tempo em que falava, cutucava com o indicador a tabuleta improvisada que me mostrava. Respondi:

— Combinado — e desliguei.

Eu não tinha o hábito de ir a território agrícola, uma vez que gravidade plena é ruim para minha perna e fazendas têm que funcionar com toda gravidade. Não, isso não é correto. Talvez haja mais *habitais* no Sistema que usam em agricultura quaisquer frações de gravidade que desejam (ou que plantas que sofreram mutações preferem) do que os que usam luz natural do sol e gravidade plena. Em nosso caso, o Regra de Ouro utilizava luz natural e gravidade completa para produzir a maior parte de seus alimentos frescos. Outros espaços no Regra de Ouro, porém, utilizam luz artificial e vários tipos de aceleração para conseguir alimentos — em que volumes, não sei. Mas o espaço imenso dos círculos 50 a 70 é a céu aberto, lado a lado, exceto pelas longarinas, amortecedores de vibração e passadiços ligando os principais corredores.

No espaço desses 20 círculos — 800 metros — os raios 0-60, 120-180 e 240-300 deixam entrar a luz solar; os raios 60-120, 180-240 e 300-0 são terras agrícolas — e nos 180-240, raio 50-70, fica a Old MacDonald's Farm.

A fim de chegar ao restaurante, tínhamos que descer até o círculo 50, caminhar para trás (a plena gravidade, droga!) até o círculo 60, numa distância de cerca de 400 metros. Distância curta, certamente — uns quatro quarteirões de cidade. Mas tente isso andando com um pé postiço, com um coto que já fora usado demais para andar e para carregar coisas em um único dia.

Gwen notou, na minha voz, rosto, andar, ou em alguma outra coisa — ou leu a minha mente, quem sabe. Não tenho certeza de que ela não possa fazer isso.

Parou.

Parei também.

— Problema, querida?

— Sim, senador. Arreie essa trouxa. Eu equilíbrio árvore-san em minha cabeça. Passe a trouxa.

— Eu estou bem.

— Sim, senhor. Certamente que está e vou mantê-lo dessa maneira. É direito seu ser *macho* quando quiser... e meu direito ser feminina, delicada, fraca e irrazoável. Agora, estou a ponto de desmaiar. E fico assim até que me passe a trouxa. Pode me dar uma surra depois.

— Humm. Quando é que chega minha vez de ganhar uma discussão?

— No dia do seu aniversário, senhor. Que não é hoje. Passe a trouxa. Por favor.

Não era uma discussão que eu quisesse vencer. Entreguei a trouxa. Bill e Gwen seguiram à frente, Bill de escoteiro, abrindo caminho. Ela nem por um momento perdeu controle do fardo equilibrado na cabeça, mesmo que a estrada não fosse um corredor macio — uma estrada de terra. Terra de verdade — uma peça de luxo inteiramente desnecessária.

Claudiquei lentamente atrás, apoiado pesadamente na bengala, quase sem pôr o peso no coto. Ao chegar ao restaurante ao ar livre, senti-me quase inteiramente recuperado.

O Dr. Schultz estava encostado no bar, um cotovelo no tampo. Ele me reconheceu mas não deu sinal até que me aproximei dele.

— Dr. Schultz?

— Ah, sim! — Não perguntou meu nome. — Vamos procurar um lugar sossegado? Eu gosto da tranquilidade de um pomar de maçãs. Peço ao gerente para mandar colocar uma pequena mesa e algumas cadeiras lá entre as árvores?

— Pode. Mas três cadeiras, não duas. Gwen reuniu-se a nós.

— Quatro, não?

— Não. Quero que Bill olhe nossas coisas, como fez antes. Estou vendo uma mesa vazia ali. Ele pode botar em cima e em volta dela nossas coisas.

Pouco depois, acomodamo-nos em uma mesa que nos fora preparada nos fundos do pomar. Após consultá-lo, pedi cerveja para o reverendo e para mim, uma Coca para Gwen, e disse à garçonne para procurar o jovem com as bagagens e lhe servir o que quisesse — cerveja, Coca, sanduiches, o que fosse. (De repente dei-me conta de que Bill talvez não tivesse comido ainda nada naquele dia.)

Quando ela se afastou, enfiei a mão no bolso, saquei a nota de mil coroas e

entreguei-a ao Dr. Schultz.

Ele a fez desaparecer num passe de mágica.

— Senhor, quer um recibo?

— Não.

— Negócio entre cavalheiros, ahn? Excelente. Em que posso ajudá-lo?

Quarenta minutos depois o Dr. Schultz sabia quase tanto a respeito de nossos problemas como nós, uma vez que não escondi nada. Ele poderia ajudar-me, ou assim me parecia, apenas se soubesse de todos os antecedentes — tanto quanto eu os conhecia — do que havia acontecido.

— O senhor disse que Ron Tolliver foi baleado? — perguntou ele finalmente.

— Não presenciei o fato. Ouvi o Censor-Chefe dizer. Correção: ouvi um homem que falava como Franco e o Administrador tratou-o como tal.

— Isso é suficiente. Ouvindo som de patas, espere um cavalo, não uma zebra. Mas eu não soube de nada ao vir para aqui. E não notei sinais de agitação no restaurante... e o assassinato ou tentativa de assassinato do segundo maior sócio da empresa neste Estado soberano *devia* causar agitação. Estive no bar durante alguns minutos antes de vocês chegarem. Ninguém comentava nada. Ora, o bar é sabidamente o lugar onde as notícias chegam primeiro. Há sempre uma tela ligada ao canal de noticiário. Hummm... poderia ser que o Administrador estivesse abafando a coisa?

— Aquela serpente mentirosa é capaz de tudo.

— Eu não estava me referindo ao caráter moral dele, a respeito do qual sua opinião coincide com a minha, mas apenas na possibilidade física. Não é tão fácil assim abafar um tiroteio. Sangue. Barulho. Uma vítima, morta ou ferida. E o senhor falou em testemunhas... ou pelo menos Franco. Ainda assim, o juiz Sethos controla o único jornal, os terminais e os censores. Sim, se quisesse se dar a esse trabalho, ele poderia certamente manter a coisa na moita durante muito tempo. Veremos... e este é mais um assunto sobre o qual lhe farei relatório depois que o senhor chegar a Luna City.

— Talvez não fiquemos em Luna City. Vou ter que lhe telefonar.

— Coronel, isso é aconselhável? A menos que nossa presença, juntos uns poucos segundos naquele bar, tenha sido notada por alguma parte interessada que nos conheça a ambos, é possível que tenhamos conseguido manter secreta nossa aliança. É realmente uma sorte que não nos tenhamos associado de qualquer maneira no passado. Não há maneira provável de me ligar ao senhor ou o senhor a mim. Pode me telefonar, claro... mas temos que supor que meu terminal estará

grampeado, que meu estúdio tem dispositivo eletrônico de escuta, ou ambas as coisas... e as duas aconteceram no passado. Sugiro, em vista disso, o correio... a não ser no caso da mais grave emergência.

— Mas correspondência pode ser violada. Por falar nisso, eu sou o Dr. Ames, não coronel Campbell, por favor. E, oh, sim! Este jovem que está comigo. Ele me conhece como "senador" e a Sra. Durona, desde aquela pequena confusão de que lhe falei.

— Eu me lembrarei. No curso de uma longa vida, somos obrigados a viver muitos papéis. O senhor acreditaria que outrora fui conhecido como o "anspeçada Finnegan, dos Fuzileiros Imperiais"?

— Posso facilmente acreditar nisso.

— O que serve de prova, porque nunca fui. Mas fiz muitos trabalhos estranhos. Correspondência pode ser aberta, é verdade, mas se eu entregar uma carta a uma nave da ponte aérea para Luna City antes que ela deixe o aeroporto é muito improvável que chegue as mãos de alguém interessado em abri-la. Na direção oposta, uma carta enviada a Henrietta van Loon, aos cuidados de Madame Pompadour, 20012 Petticoat Lane, chegará às minhas mãos com uma demora de apenas minutos. Uma velha e tradicional dona de pensão tem anos de trato suave com os segredos de outras pessoas. Temos que confiar, acho. A arte consiste em saber em quem confiar.

— Doutor, acho que confio no senhor. Ele soltou uma risadinha.

— Meu querido senhor, eu venderia com todo prazer seu próprio chapéu, se o deixasse por esquecimento em cima de meu balcão. Mas, em essência, tem razão. Uma vez que o aceitei como meu cliente, pode confiar inteiramente em mim. Ser agente duplo poderia me provocar úlceras... e eu sou um *gourmand* que nada fará que possa interferir em seus prazeres de bom de garfo.

Pareceu pensativo e acrescentou:

— Posso ver novamente aquela carteira? Enrico Schultz. Passei-lhe a carteira. Ele tirou a cédula de identidade.

— O senhor diz que a foto é fiel?

— Excelente, acho.

— Dr. Ames, o senhor deve ter compreendido que o nome "Schultz" imediatamente me despertou a atenção. O que talvez não possa desconfiar é que a natureza variada de minhas empresas torna desejável que eu tome conhecimento de cada nova chegada a este *habitat*. Leio o *Herald* todos os dias, examinando tudo mas anotando com o maior cuidado tudo de natureza pessoal. Posso lhe dizer inequivocamente que este homem não entrou no *habitat* Regra de Ouro sob o nome "Schultz". Qualquer outro nome poderia ter-me escapado. Mas

meu próprio sobrenome? Impossível.

— Aparentemente, ele deu esse nome ao chegar aqui.

— Aparentemente... o senhor fala com precisão. — Schultz voltou a olhar para o documento de identidade. — Em 20 minutos no meu estúdio — não, dê-me meia hora — eu poderia produzir uma carteira de identidade com esse rosto — e de qualidade também boa — que declararia que seu nome é "Albert Einstein".

— O senhor está dizendo que não podemos identificá-lo pela carteira?

— Espere aí. Eu não disse isso. O senhor me disse que é uma boa foto. Uma boa foto é melhor do que um nome impresso. Muitas pessoas devem ter visto este homem. Várias têm que saber quem é ele. Um número menor por que ele foi assassinado. Se foi. O senhor deixou em aberto, com todo cuidado.

— Bem... principalmente por causa daquela incrível Dança Mexicana de Chapéu que ocorreu imediatamente depois que ele foi baleado. Se foi. Em vez de confusão, aqueles quatro se comportaram como se houvessem ensaiado a coisa.

— Bem, vou investigar o assunto, empregando tanto a cenoura como o porrete. Se um homem tem consciência culpada ou natureza gananciosa — e a maioria tem as duas coisas —, meios podem ser encontrados para extrair o que ele sabe. Bem, senhor, uma vez que é improvável que voltemos a nos consultar, o senhor segue em frente com o aspecto Walker Evans, enquanto eu investigo as demais perguntas em sua lista. Nós nos manteremos informados dos progressos conseguidos, especialmente no tocante ao que entra e sai do Regra de Ouro. Mais alguma coisa? Ah, sim, aquela mensagem codificada... Tenciona investigá-la?

— O senhor tem alguma idéia a respeito?

— Sugiro que a guarde e a leve à sede da Mackay em Luna City. Se puderem identificar o código, a coisa torna-se uma questão de pagar honorários, lícitos ou ilícitos, para traduzi-la. Seu significado lhe dirá se eu precisarei ou não dela aqui. Se Mackay não puder ajudar, talvez possa levá-la ao Dr. Jakob Raskob, na Universidade Galileu. Ele é criptógrafo no departamento de ciência de computadores... e se ele não puder descobrir o que fazer, não posso sugerir nada melhor do que orações. Posso conservar esta foto de meu primo Enrico?

— Claro, claro. Mas mande-me uma cópia, por favor. Posso precisar dela para investigar o ângulo Walker Evans... Pensando bem, com certeza. Doutor, temos mais uma necessidade que não mencionei.

— Sim?

— Aquele rapaz que está conosco. Ele é um fantasma, reverendo, um andarilho da noite. E está nu. Queremos protegê-lo. O senhor conhece alguém que possa cuidar disso — e imediatamente? Gostaríamos de tomar a próxima nave da ponte aérea para Luna.

— Um momento, senhor. Devo inferir que seu carregador, o jovem que cuida de sua bagagem, é o marginal que fingiu ser um censor?

— Eu não deixei isto claro?

— Talvez eu tenha sido obtuso. Muito bem, aceito o fato, conquanto reconheça meu espanto. Quer que eu lhe forneça simplesmente um documento? De modo que ele possa andar pelo Regra de Ouro sem medo dos censores?

— Não, exatamente. Quero mais do que isso. Quero um passaporte. Para tirá-lo do Regra de Ouro e levá-lo para o Estado Livre de Luna.

O Dr. Schultz puxou o lábio inferior.

— O que é que ele vai fazer lá? Não, retiro a pergunta... problema seu, não meu. Ou dele.

Gwen interveio na conversa:

— Eu vou botá-lo em forma, padre Schultz, mesmo que tenha que espancá-lo. Ele precisa aprender a manter as unhas limpas e melhorar sua sintaxe de concordância. Além disso, precisa de uma espinha dorsal. Vou dar isso a ele. Schultz fitou-a pensativo.

— Sim, acho que a senhora tem espinha suficiente para duas pessoas. Madame, permita-me dizer que embora não anseie por imitá-la admiro-a profundamente?

— Eu odeio ver desperdícios. Bill deve ter uns 25 anos, acho, mas se comporta e fala como se tivesse 10 ou 12. Ainda assim, ele não é estúpido. — Sorriui alegre.

— Eu ensino a ele mesmo que tenha que quebrar seu coco.

— Deus a ajude. — Em seguida Schultz acrescentou suavemente: — Mas suponhamos que ele revele ser simplesmente estúpido. Que carece de capacidade para crescer.

Gwen exalou um suspiro.

— Neste caso acho que choraria um pouco e lhe arranjaría algum lugar protegido, onde ele pudesse trabalhar no que fosse capaz de fazer e ser o que é, com dignidade e conforto. Reverendo, eu não poderia devolvê-lo à sujeira, à fome, ao medo... e aos ratos. Viver assim é pior do que morrer.

— De fato, é. Porque não devemos temer a morte — ela é o consolo final. Como todos aprenderemos, no fim. Muito bem, um passaporte honesto para Bill. Tenho que procurar uma certa senhora — verificar se ela aceita ou não um trabalho a toda pressa. — Franzui as sobranceiras. — Será difícil fazer isto antes da próxima nave da ponte aérea. E preciso de uma foto dele. Diabos o levem! Isso significa uma viagem a meu estúdio. Mais tempo perdido, mais riscos para vocês dois.

Gwen enfiou a mão na bolsa e tirou uma Mini Helvetia ilegal, sem licença na maioria dos lugares, mas provavelmente não abrangida pelos regulamentos do

Administrador ali no *habitat*.

— Dr. Schultz, isto não tira uma foto suficientemente grande para um passaporte, eu sei, mas ela não podia ser ampliada para o que queremos?

— Claro que poderia. Hummm, esta é uma câmera de alta classe.

— Gosto dela. Certa vez trabalhei para... uma agência que usava estas câmeras. Quando me exonerei, descobri que a havia perdido... e tive que pagar por ela. Mais tarde, encontrei-a... Estivera em minha bolsa o tempo todo... mas bem no fundo, perdida no meio do lixo. — E acrescentou: — Vou correr e tirar uma foto de Bill.

Apressadamente, avisei:

— Use um fundo neutro.

— Pensou que eu ia usar a porta com o letreiro daqui? Licença, por favor. Volto logo.

Voltou minutos depois. A foto estava sendo revelada na máquina. Um minuto depois, ganhara nitidez. Entregou-a ao Dr. Schult.

— Isto serve?

— Excelente. Mas o que é este fundo, se posso perguntar.

— Uma toalha de bar. Frankie e Juanita estenderam-na atrás da cabeça de Bill.

— Frankie e Juanita — repeti. — Quem são eles?

— O garçom-chefe e o gerente. Gente bacana.

— Gwen, eu não sabia que você era conhecida aqui. Isto pode dar problema.

— Eu não sou conhecida aqui. Nunca estive aqui antes, querido. Eu estava acostumada a ir ao The Chuck Wagon in Lazy Eight Spread, no raio 90... lá dançam quadrilha. — Gwen olhou para cima, apertando as pálpebras para se defender da luz do sol, que vinha diretamente de cima — o *habitat*, em seu majestoso giro, estava justamente cruzando o arco que colocava o sol no zênite para a Old MacDonald's Farm. Apontou para cima — bem para 60 graus acima, tinha que estar lá. — Ali, estão vendo, o The Chuck Wagon. A pista de dança fica bem em cima dele, na direção do sol. Estão dançando lá? Podem ver alguma coisa? Uma longarina está obstruindo parcialmente minha vista.

— Está longe demais para que eu possa dizer com certeza — reconheci.

— Estão dançando — confirmou o Dr. Schultz. — Texas Star, acho. Sim, as evoluções são essas. Ah, mocidade, mocidade! Eu não danço mais, mas, às vezes, fui ao The Chunk Wagon. Eu a teria visto lá por acaso, Sra. Ames? Acho que não.

— E eu acho que sim — respondeu Gwen. — Mas naquele dia eu estava

maskarada. Gostei quando me tirou para dançar, doutor. O senhor tem um verdadeiro toque de veterano.

— Louvor mais alto eu não poderia esperar. "Maskarada..." Por acaso usava um vestido em faixas de verde e branco? E saía rodada?

— Mais do que roda inteira. Fazia ondas todas as vezes em que meu par me fazia girar — pessoas se queixaram que a vista as deixava tontas. O senhor tem excelente memória.

— E a senhora é uma excelente dançarina, madame. Um pouco irritado, interrompi-os:

— A gente não podia acabar com esta história dos velhos tempos? Há ainda coisas urgentes a fazer e ainda estou com esperança de pegar a ponte aérea das 20h.

Schultz sacudiu a cabeça.

— Vinte horas? Impossível, senhor.

— Por que é impossível? Temos mais de três horas à frente. Fico nervoso com a idéia de esperar por uma nave mais tarde. Franco pode resolver mandar seus brutamontes atrás de nós.

— O senhor pediu um passaporte para o Bill. Dr. Ames, até mesmo a pior imitação de passaporte precisa de mais tempo que isso. — Calou-se e pareceu-me menos com Papai Noel e mais com um velho cansado e preocupado. — Mas seu principal objetivo é tirar Bill deste *habitat* e levá-lo para a lua, não?

— É...

— Suponhamos que o leve em estado de servidão por período certo.

— *Ahn?* Não se pode levar um escravo para o Estado Livre de Lua.

— Sim e não. Pode levar um escravo *até* a Lua... mas ele fica automaticamente livre, na ocasião e para sempre, quando puser os pés em Lua. Isto foi o que aqueles condenados exigiram e conseguiram quando se evadiram. Dr. Ames, posso fornecer uma nota fiscal com o contrato de servidão de Bill em tempo para a nave da noite, tenho quase certeza. Tenho um suprimento de papel timbrado oficial — autêntico, mediante requisição irregular — e há tempo para enrugur e envelhecer o documento. Realmente, este método é muito mais seguro do que tentar fabricar um passaporte a toda pressa.

— Curvo-me ao seu julgamento profissional. Como, quando e onde pego o documento?

— Hummm, não no meu estúdio. Conhece um pequeno bistrô vizinho ao espaçoporto, um décimo de gravidade no raio 300? O The Spaceman's Widow?

Eu ia dizer que não, mas que o encontraria, quando Gwen falou:

— Sei onde fica. Temos que ir por trás do armazém do Macy's para chegar lá. Não tem tabuleta.

— Isso mesmo. Na verdade é um clube particular, mas eu lhes dou um cartão. Podem relaxar por lá e comer alguma coisa. Ninguém os incomodará. Os fregueses tendem a cuidar de seus próprios negócios.

(Porque os negócios deles são contrabando ou alguma outra coisa ilegal — mas eu não disse isso.)

— Serve para mim.

O reverendo doutor tirou um cartão do bolso, começou a escrever alguma coisa, parou.

— Nomes?

— Sra. Durona — respondeu imediatamente Gwen.

— Concordo — disse sério o Dr. Schultz — Uma precaução bem apropriada. Senador, qual é o seu sobrenome?

— Não pode ser "Cantor". Eu poderia por acaso topar com uma pessoa que conheça o senador Cantor. Hummm.... Durona?

— Não, ela é sua secretária, não sua esposa. "Johnson." Houve mais senadores com o nome "Johnson" do que qualquer outro, de modo que não desperta suspeitas — e combina com o sobrenome de Bill... Isto pode ser útil. — Terminou o cartão e entregou-o. — O nome do dono é Tiger Kondo e ele ensina todos os tipos de morte rápida, nos momentos de folga. Pode confiar nele.

— Obrigado, senhor. — Olhei para o cartão rapidamente, enquanto o guardava.

— Doutor, quer agora mais uma parte de seus honorários?

Ele sorriu jovialmente.

— Ora, ora! Não resolvi ainda em quanto vou sangrá-lo. Meu lema é "Tudo o que o tráfico possa fornecer", mas nunca torne a vítima anêmica.

— Razoável. Até depois, então. Seria melhor que não saíssemos juntos.

— Concordo. Dezenove horas é meu melhor palpite. Queridos amigos, foi um prazer e uma honra. E não esqueçamos a verdadeira importância deste dia. Minhas felicitações, madame. Meus parabéns, senhor. Que a vida de vocês, juntos, seja longa, tranqüila e cheia de amor.

Gwen pôs-se nas pontas dos pés e beijou-o por ter dito isso, e ambos tinham lágrimas nos olhos. Bem, e eu também.

VIII

"Os biscoitos e o melado nunca saem iguais."

Lazaraus Long, 1912—

Gwen levou-nos diretamente ao Spaceman's Widow, um lugarzinho escondido atrás dos armazéns da Macy's, exatamente como ela dissera, em um desses estranhos pequeninos cantos formados pela forma cilíndrica do *habitat* — e se a pessoa não soubesse que estava lá provavelmente nunca o descobriria. E era agradavelmente silencioso depois das multidões que havíamos encontrado na extremidade do eixo, onde ficava o espaçoporto.

De modo geral, essa extremidade era reservada apenas para naves de passageiros. Os cargueiros usavam a outra. O posicionamento do novo acréscimo para erguê-lo e soldá-lo à estrutura fizera com que todo o tráfego fosse desviado para a direção da Lua, ou extremidade fronteira — "fronteira" porque o Regra de Ouro era suficientemente comprido para apresentar um leve efeito de maré, e terá ainda mais disto quando o novo acréscimo estiver no lugar. Não quero dizer que tenha suas marés diárias. Não tem. Mas o que de fato tem...

(Posso estar falando demais. Tudo depende do quanto você sabe sobre *habitais*. Pode saltar esta parte sem perder grande coisa).

O que, de fato, tem é uma orientação de maré com Luna: a extremidade dianteira aponta sempre em linha reta para a Lua. Se o Regra de Ouro fosse do tamanho de uma nave de ponte aérea, ou estivesse tão longe como Ellfive, isto não aconteceria. O Regra de Ouro, porém, tem mais de cinco quilômetros de comprimento e descreve uma órbita em torno de um centro de massa que fica a apenas pouco mais de 2.000 quilômetros de distância. Claro, isto é apenas uma parte em 400 — mas é uma função quadrática, não há atrito e o efeito continua para sempre. Fica acoplado. A ligação de maré que a Terra tem com Luna é apenas quatro vezes maior que isso — muito menos se você levar em conta que Luna é redonda como uma bola de tênis, ao passo que o Regra de Ouro lembra mais um charuto.

O Regra de Ouro possui outra peculiaridade orbital. Descreve sua órbita de pólo a pólo (tudo bem, todo mundo sabe disso — desculpem), mas, além disso, esta órbita, elíptica mas formando um círculo quase perfeito, tem este círculo inteiramente virado para o Sol, isto é, o plano de sua órbita dá frente para o Sol, sempre, enquanto Luna gira embaixo dele. Tal como o pêndulo de Foucault. Tal como os satélites espões que patrulham a Terra.

Ou, mudando as palavras, o Regra de Ouro simplesmente segue o círculo de iluminação, a linha dia-e-noite de Luna, em volta, para sempre — nunca na

sombra. (Bem... na sombra nos eclipses lunares, se quer descer a detalhezinhos. Mas só nessa ocasião.)

Esta configuração é apenas meta-estável, não fixa. Tudo e todos o puxam, até Saturno e Júpiter. Mas há um pequeno computador-piloto no Regra de Ouro que nada faz senão certificar-se de que a órbita do *habitat* conserva-se sempre de frente para o Sol — o que dá a Old MacDonald's Farm suas abundantes colheitas. Para isso não é preciso energia que valha a pena mencionar, apenas às menores das cutucadas para corrigir os mais minúsculos dos desvios.

Tomara que você tenha saltado essa parte. A balística é interessante apenas para aqueles que a usam.

O Sr. Kondo era baixo, aparentemente de origem japonesa, muito polido, e possuía músculos tão lisos como os de um jaguar — e movia-se como um deles. Mesmo sem a dica do Dr. Schultz, eu teria sabido que não queria encontrar Tiger Kondo em um beco escuro, a menos que ele estivesse lá para *me* proteger.

A porta não se abriu de todo até que lhe mostrei o cartão do Dr. Schultz. Imediatamente ele nos colocou à vontade com uma hospitalidade formal, mas calorosa. O lugar era pequeno, cheio apenas pela metade, e as mulheres não eram (pensei) as esposas daqueles homens. Mas tampouco piranhas. À impressão que dava era de profissionais em igualdade de condições. O dono da casa nos avaliou com um olhar, chegou à conclusão que nosso lugar não era com os hábitos da casa, colocou-nos em uma pequena sala ou cabine lateral, suficiente para nós três e nossa bagagem, mas por pouco. Em seguida recebeu nossos pedidos. Perguntei-lhe se havia jantar.

— Sim e não — respondeu ele. — Há *sushi*. E *sukiyaki* cozido na mesa pela minha filha mais velha. Pode-se arranjar *hamburgers* e cachorros quentes. Há também *pizza*, mas está congelada. Nós não a fazemos. Ou recomendamos. Esta casa é principalmente um bar. Servimos comida, mas não exigimos que os frequentadores comam aqui. O senhor pode jogar *go*, xadrez ou cartas a noite toda e não pedir nada.

Gwen pôs a mão no meu braço.

— Posso?

— À vontade.

Ela lhe falou durante algum tempo e eu não entendi absolutamente nada. Mas o rosto dele se iluminou. Fez uma curvatura e se afastou. Eu disse:

— Então?

— Perguntei se podíamos comer o que experimentei na última vez... e isto não é um prato específico, mas um convite para que Mama-San use seu critério com o

que acaso tenha. O que o levou a reconhecer que estive aqui antes... o que ele nunca teria feito, se eu não tivesse dito isto, já que estive aqui com outro homem. Ele também me disse que nosso brinquedinho aqui é a melhor espécie de bordo que já viu fora do Japão... e eu lhe pedi que o aguassee para nós antes de irmos embora. Ele vai fazer isso.

— Você disse a ele que somos casados?

— Não foi necessário. A expressão idiomática que usei ao me referir a você deixou isso implícito.

Tive vontade de perguntar a ela como e quando aprendera japonês, mas não. Gwen me diria quando lhe fosse conveniente. (Quantos casamentos vão à ruína por causa daquela velha coceira de saber "tudo" sobre seu cônjuge? Como veterano de incontáveis histórias de confissões verdadeiras, garanto que a curiosidade sem freios sobre o passado da esposa é uma fórmula segura para provocar tragédia doméstica).

Em vez disso, dirigi-me a Bill:

— Bill, esta é sua última oportunidade. Se quer ficar no Regra de Ouro, a hora de ir embora é esta. Depois de ter jantado, quero dizer. Mas após o jantar vamos descer para Luna. Você pode vir conosco ou ficar aqui.

Bill pareceu espantado.

— *Ela* disse que eu tenho escolha? Gwen falou secamente:

— Claro que você tem! Pode ir conosco... caso em que exigirei que se comporte como ser humano civilizado o tempo todo. Ou você pode ficar no Regra de Ouro e voltar a seu território... e dizer a Dedos que botou a perder o trabalho que ele o encarregou.

— Eu não baguncei nada! Foi *ele*. Significando eu. Decidi:

— Isso resolve, Gwen. Ele não gosta de mim. Não o quero à minha volta — e muito menos sustentá-lo. Uma dessas noites, ele bota veneno na minha sopa.

— Ele não faria uma coisa dessas. Faria, Bill?

— Oh, não faria? — observei. — Notou como ele demorou a responder? Gwen, hoje cedo ele tentou atirar em mim. Por que eu deveria ter que tolerar seu comportamento mal-humorado?

— Richard, por favor! Você não pode esperar que ele melhore da noite para o dia.

A discussão irresponsável foi interrompida pelo Sr. Kondo, que nesse momento voltara para preparar a mesa para o jantar... incluindo pregadores para nossa pequena árvore. Um décimo de gravidade normal da Terra é suficiente para manter comida em um prato, manter os pés no chão — mas por pouco. As

cadeiras ali eram presas ao chão, havia cintos de segurança para quem quisesse usá-los... Não os usei, mas um cinto tem suas vantagens, se a gente tem que cortar um bife duro. Cálices e xícaras tinham tampas e asas. Esta era talvez a adaptação mais necessária: o cara pode facilmente escaldar-se pegando uma xícara de café quente em 1/10 de gravidade — o peso é nada, mas a inércia continua a ser a mesma... e ele derrama e dá um banho na pessoa.

No momento em que colocava os pratos e os pauzinhos de comer ao meu lado, o Sr. Kondo disse baixinho ao meu ouvido:

— Senador, é possível que o senhor tenha estado presente na descida de pára-quedistas em Solis Lacus?

Respondi, contente:

— Claro que estive, meu chapa! Você também? Ele fez uma curvatura.

— Tive essa honra.

— Que unidade?

— "Vou Até o Fim, Oahu."

— A velha "Vou Até o Fim" — retruquei, reverente. — A unidade mais condecorada de toda a história. Orgulhe-se, homem, orgulhe-se!

— Em nome de meus camaradas, agradeço. E o senhor, senhor?

— Saltei com... os "Matadores de Campbell". O Sr. Kondo sugou o ar com os dentes.

— Ah, então, ela! Motivo de orgulho, realmente.

Fez nova mesura e dirigiu-se rapidamente para a cozinha.

Olhei sombriamente para meu prato. Descoberto... Kondo havia me reconhecido. Mas quando chegar o dia em que, perguntando de cara, eu repudiar meus camaradas, não se preocupem em tomar meu pulso, nem mesmo se impoem em me mandar cremar — simplesmente me tirem dali com o lixo.

— Richard?

— Ahn? Sim, querida?

— Você me dá licença?

— Claro. Sente-se bem?

— Muito bem, obrigada, mas há uma coisa que tenho que fazer.

Saiu, dirigiu-se para o passadiço que levava à sala de estar e à saída movendo-se daquele jeito imponderável que é mais dança do que andadura — a um décimo de gravidade a caminhada normal só pode ser feita usando-se pegadores

magnéticos ou qualquer outra coisa, ou tendo muita prática. Kondo não usava pegadores... e deslizava como se fosse um gato.

— Senador?

— Sim, Bill?

— Ela está piçuda comigo?

— Acho que não. — Eu ia acrescentar que ficaria aborrecido com ele se insistisse em... depois calei-me, mentalmente.

Ameaçar deixá-lo ali parecia demais com abandonar um bebê. Ele não tinha proteção. — Ela simplesmente quer que você se torne responsável e não ponha a culpa nos outros por seus atos. Não dê desculpas.

Tendo dito minha banalidade favorita a pessoas que precisavam de um reforço, voltei à minha sombria auto-análise. *Eu dava desculpas. Sim, mas não em voz alta, apenas para mim mesmo.* Isto em si é uma desculpa, meu chapa — o que quer que você tenha feito, onde quer que tenha estado, tudo isso é, na totalidade, 100% falta sua.

Ou para crédito meu. Sim, mas danado de pouco. Ora vamos, fale a verdade.

Mas vejam só onde comecei... e, ainda assim, subi o caminho todo até coronel.

Na turma mais cheia de filhos da puta, mais ordinária, ladravaz, saqueadora, de bandidos desde as Cruzadas.

Não fale dessa maneira sobre o Regimento.

Muito bem. Mas eles não eram a Guarda da Rainha, certo?

Aqueles almofadinhas! Ora, um único pelotão dos Matadores de Campbell...

Merda.

Gwen voltou, tendo estado longe por muito tempo — oh, um bocado de tempo. Eu não havia conferido as horas, mas, naquele momento, notei, eram quase 6h. Tentei me levantar — o que não é prático com cadeiras e mesa presas ao chão. Ela perguntou:

— Atrasei o jantar?

— Nem um pouco. Comemos e jogamos o resto aos porcos.

— Tudo bem. Mama-San não vai deixar que eu passe fome.

— E Papa-San não serve o jantar sem você.

— Richard, eu fiz uma coisa sem consultá-lo.

— Não conheço nada no livro que diz que você não pode. A gente pode arrumar as coisas com os guardas?

— Nada parecido com isso. Você deve ter notado o movimento, o dia todo... de gente usando fez... excursionistas vindos da convenção dos Shriners em Luna City.

— Então é isso que eles são. Pensei que a Turquia havia nos invadido.

— Se quiser. Mas viu-os hoje, subindo e descendo a Lane e o Camino, comprando tudo que não morde. Acho que a maioria não vai passar a noite aqui. Têm um programa completo em Luna City e quartos de hotel pelos quais já pagaram. As últimas naves certamente estarão superlotadas...

— Com turcos bêbados vomitando dentro do fez. E nas almofadas.

— Sem dúvida. Eu pensei que mesmo a nave das 20h provavelmente teria toda a lotação comprada com muita antecedência. De modo que comprei passagens para nós e reservei camas.

— E agora você espera que eu a indenize? Submeta um pedido e eu o mandarei ao meu departamento jurídico.

— Richard, eu estava com medo de não conseguirmos sair absolutamente daqui hoje à noite.

— Sra. Durona, a senhora continua a me impressionar. Qual foi o total?

— Podemos acertar depois esta questão de finanças. Eu simplesmente achei que poderia jantar em um estado de espírito mais alegre se estivesse certa que poderíamos ir embora imediatamente depois. E, ahn... — Interrompeu-se e olhou para Bill. — Bill.

— Sim, madame.

— Nós vamos jantar já. Vá lavar as mãos. — Ahn?

— Não rosne. Faça o que eu mandei.

— Sim, madame.

Docilmente, Bill se levantou e saiu. Gwen voltou-se novamente para mim.

— Eu estava nervosa. Inquieta. Por causa do Limburger.

— Que Limburger?

— O seu Limburger, querido. Parte do que eu tirei de sua dispensa, e depois coloquei na bandeja de frutas e queijos quando almoçamos. Sobrou uma porção de 100 gramas, inteira, ainda na embalagem metálica, quando terminamos. Em vez de jogá-la fora, guardei-a na bolsa. Pensei que daria um bom lanche...

— Gwen.

— Tudo bem, tudo bem! Guardei-o com uma finalidade, porque o usei numa guerra de espelhos antes disso. É muito mais decente que algumas outras coisas na lista. Ora, você nem acreditaria o que...

— Gwen. Eu escrevi aquela lista. Volte ao assunto.

— No gabinete do Dr. Sethos, você deve lembrar-se de que eu me senti quase colada ao anteparo e junto da principal saída de ventilação. Senti uma corrente de ar nas pernas e desagradavelmente quente. Comecei a pensar...

— Gwen.

— Elas são todas iguais, em todo o *habitat* — controle local, tanto de calor quanto de volume. E a tampa é a pressão. Enquanto a Contabilidade trabalhava em nosso demonstrativo final e o Administrador cuidadosamente nos ignorava, baixei o volume e o calor para neutro e tirei a tampa. Passei o queijo Limburger por todas as saídas do intercambiador de calor e joguei o resto tão no fundo quanto consegui, e novamente recoloquei a tampa. Em seguida, pouco antes de sairmos de lá, liguei o controle de calor para "frio" e aumentei o volume. — Ela pareceu preocupada. — Está com vergonha de mim?

— Não. Mas estou satisfeito porque você está do meu lado. Ahn... você está, não está?

— Richard!

— Mas estou ainda mais contente porque você fez reservas na próxima nave. Quanto tempo vai demorar até que Sethos sinta frio e ligue o calor?

O que comemos no jantar foi delicioso, não sei o nome de prato nenhum, de modo que vou ficar por aqui. Havíamos chegado justamente à fase do arroz quando o Sr. Kondo apareceu, aproximou-se de minha orelha e disse:

— Senhor, por favor, venha comigo.

Segui-o até a cozinha. Mama-San levantou a cabeça do trabalho, e depois não nos deu mais atenção. O reverendo Dr. Schultz estava ali, com aparência preocupada.

— Problemas? — perguntei.

— Apenas um momento. Esta é a sua foto de Enrico. Tirei uma cópia. Aqui os documentos de Bill. Por favor, examine-os.

Em um envelope usado, os documentos estavam enrugados, gastos, um tanto amarelos e mais do que sujos em alguns lugares. A Hercules Manpower, Inc. contratara William Sem Nome Intermediário Johnson, de Nova Orleans, Ducado de Mississippi, República da Estrela Solitária, que por seu lado vendera o contrato de servidão a Bechtel High Construction Corp. (contrato endossado para espaço, queda livre e vácuo), que por sua vez o vendera ao Dr. Richard Ames, *habitat* Regra de Ouro, *circum Luna*, etc. — o resto era conversa de advogado. Grampeado ao contrato havia uma certidão de nascimento muito honesta, dizendo que Bill era um enjeitado, fora abandonado na Metairie Parish, com uma data de nascimento de três dias antes do dia em que fora encontrado.

— Grande parte disso é verdade — garantiu-me o Dr. Schultz. — Consegui arrancar alguns velhos registros do computador principal.

— Importa se for verdade ou não?

— Realmente, não. Enquanto for suficientemente honesto para tirar Bill daqui.

Gwen me seguira. Tomou-me os documentos, leu-os.

— Estou convencido, padre Schultz, que o senhor é um artista.

— Uma senhora que conheço é a artista. Mas transmitirei seus elogios. Amigos, agora as más notícias. Tetsu, pode lhes mostrar?

O Sr. Kondo recuou para os fundos da cozinha. Mama-San (a Sra. Kondo, quero dizer) deu um passo para o lado. O Sr. Kondo ligou o terminal. Digitou o *Herald*, pediu alguma coisa — notícias de última hora, acho. Descobri-me olhando para mim mesmo.

Comigo, em meia tela, Gwen — numa imagem medíocre. Eu não a teria reconhecido, não fosse o áudio:

"... Ames. Sra. Gwendolyn Novak A mulher é uma conhecida vigarista que tosquiu numerosas vítimas, principalmente homens, em bares e restaurantes da Petticoat Lane. O pretenso 'Dr.' Ames, nenhum meio de sustento conhecido, desapareceu de seu endereço no círculo 65, raio 15, a 4/10 de gravidade. Os tiros foram disparados às 20h16m esta tarde no gabinete do sócio do Regra de Ouro, Tolliver"...

— Hei! — exclamei. — Essa hora está errada. Nós estávamos...

— Isso mesmo. Vocês estavam comigo na Farm. Ouça o resto.

"... Segundo testemunhas oculares, ambos os assassinos dispararam. Acredita-se que continuem armados e sejam perigosos. Utilizem a maior cautela para prendê-los. O Administrador está profundamente abalado com a morte de seu velho amigo e ofereceu uma recompensa de dez mil coroas por..."

O Dr. Schultz estendeu a mão e desligou o aparelho.

— Daí em diante é só repetição. A proclamação está em um *loop*. Mas é transmitida como notícia de última hora em todos os canais. Por esta hora, a maioria dos habitantes deve tê-la assistido.

— Obrigado por nos avisar. Gwen, você não sabe que não se deve atirar em ninguém? Você é uma menina muito levada.

— Sinto muito, senhor. Cai em más companhias.

— Desculpas, novamente. Reverendo, que diabo vamos fazer? Aquele calhorda vai nos jogar no espaço antes do anoitecer.

— Esse pensamento me ocorreu. Hei, veja se isto dá em você.

De algum lugar em sua ampla pessoa ele tirou um fez. Experimentei-o.

— Dá bem.

— E agora isto.

Era uma venda de olho de veludo preto, com elástico. Coloquei-a e cheguei à conclusão de que não gostava de ter um olho tapado, mas fiquei calado. Papa Schultz evidentemente fizera um esforço de imaginação para impedir que eu respirasse vácuo.

— Oh, Deus! — exclamou Gwen. — Isso resolve!

— Exatamente — concordou o Dr. Schultz. — Um tapa olho atraindo de tal maneira a atenção da maioria dos observadores que é preciso um esforço consciente para ver a fisionomia. Eu sempre tenho um à mão. Esse fez e a presença dos Nobres do Santuário Místico fora uma feliz coincidência.

— O senhor tinha também um fez à mão?

— Não, exatamente. Ele, de fato, tem um antigo dono. Quando ele acordar, pode sentir falta... mas não acho que vá acordar muito cedo. Meu amigo Mickey Finns está cuidando dele. Mas seria bom evitar quaisquer membros do Templo Al Mizar. Os sotaques deles podem ajudar a identificá-los. São do Alabama.

— Doutor, vou evitar *todos* eles, tanto quanto puder. Acho que devo embarcar no último minuto. Mas, e Gwen?

O reverendo doutor mostrou outro fez.

— Experimente este, querida senhora.

Gwen obedeceu. O fez desceu sobre ela como um apaga-dor de velas. Tirou-o.

— Não acho que me melhore. Não combina com minha tez. O que é que você acha?

— Lamento dizer que acho que você tem razão.

— Doutor — disse eu —, os Shriners são duas vezes mais volumosos que Gwen, em todas as direções, e têm protuberâncias em lugares diferentes. Tem que ser outra coisa. Maquiagem de artista?

Schultz sacudiu a cabeça.

— Maquiagem de artista sempre parece maquiagem de artista.

— Foi uma foto muito ruim dela que mostraram no terminal. Ninguém vai reconhecê-la com base naquilo.

— Obrigada, meu amor. Infelizmente, há muitas pessoas no Regra de Ouro que sabem como eu sou... e apenas uma delas na câmara de embarque hoje à noite poderia reduzir drasticamente minha expectativa de vida. Hummm. Com um pouco de esforço e nada de maquiagem eu poderia mostrar minha verdadeira

idade. Papa Schultz?

— Qual é sua verdadeira idade, querida moça?

Ela me lançou um olhar, levantou-se nas pontas dos pés e murmurou alguma coisa no ouvido do Dr. Schultz. Ele pareceu surpreso.

— Não acredito nisso, E, não, não ia dar certo. Precisamos de alguma coisa melhor.

A Sra. Kondo falou rapidamente com o marido. Ele pareceu subitamente alerta, trocaram algumas palavras rápidas no que tinha que ser japonês. Ele passou ao inglês.

— Posso, por favor? Minha esposa observou que a Sra. Gwen tem a mesma altura, quase a mesma altura, que nossa filha Naomi... e, de qualquer maneira, quimonos são muito... flexíveis.

Gwen parou de sorrir.

— É uma idéia... e eu agradeço a ambos. Mas eu não pareço nipônica. Meu nariz. Meus olhos. Minha pele.

Houve mais conversas e trocas de palavras naquela língua rápida mas de palavras compridas, três pessoas ao mesmo tempo. Finalmente Gwen disse:

— Isto poderá prolongar minha vida. De modo que, com licença.

Saiu em companhia de Mama-San.

Kondo voltou ao salão principal: luzes vinham piscando há vários minutos, solicitando serviço. Ele as ignorara. Eu disse ao bom doutor:

— O senhor prolongou nossa vida simplesmente — Gwen! — exclamei. — Sim?

— Gwen, isto é maravilhoso! Mas diga-nos, rápido, que nomes usou quando fez nossas reservas?

— Ames e Novak Para combinar com nossos passaportes.

— Isto liquida a coisa. O que faremos, doutor? Gwen relanceou a vista entre nós dois.

— Por favor, qual é a dificuldade? Expliquei:

— Nós vamos ao portão de embarque, os dois bem disfarçados... e nossas reservas mostram os nomes Ames e Novak Cai o pano. Nada de flores.

— Richard, eu não lhe contei tudo.

— Gwendolyn, você nunca conta inteiramente tudo. Mais Limburger?

— Não, querido. Eu pensei que a coisa podia acabar desta maneira. Bem, acho que você pode dizer que desperdicei um monte de dinheiro. Mas eu... ahn, depois que comprei nossas passagens — passagens que não podemos mais usar e que

estão perdidas... fui até a ala das naves de aluguel e fiz um depósito por um U-Pushit. Um esportivo Volvo.

— Sob que nome? — perguntou Schultz. Eu perguntei:

— Quanto?

— Usei meu nome verdadeiro...

— Valha-nos Deus! — exclamou Schultz.

— Apenas um momento, senhor. Meu nome verdadeiro é Sadie Lipschitz... e Richard é o único que sabe disso. E o senhor, agora. Por favor, guarde segredo disto, porque não gosto do nome. Como Sadie Lipschitz reservei um Volvo para meu patrão, o senador Richard Johnson, e fiz o depósito. Seis mil coroas.

Soltei um assovio.

— Por um Volvo? Até parece que você o comprou.

— De fato, comprei-o, querido, tive que comprar. Tanto o aluguel como o depósito tiveram que ser feitos em dinheiro porque eu não tinha cartão de crédito. Oh, de fato tenho, em número suficiente para jogar paciência. Mas *Sadie Lipschitz* não tem crédito. De modo que tive que pagar seis mil simplesmente para reservá-lo... alugá-lo, mas com contrato de venda. Tentei conseguir um abatimento, mas com os Shriners na cidade, ele tinha certeza de que poderia vendê-lo.

— No que provavelmente tinha razão.

— Acho que sim. Se o pegarmos, temos ainda que completar o pagamento de lista dos preços regulares, mais 19 mil coroas...

— Meu Deus!

— ... mais seguro e propina. Mas receberemos de volta o saldo não utilizado se o entregarmos aqui, em Luna City ou em Hong Kong Luna em 30 dias. O Sr. Dockweiler explicou o motivo do contrato de compra. Mineiros de asteróides, ou melhor, garimpeiros, andaram alugando naves sem pagar todo o preço, levando-as para algum esconderijo em Luna e modificando-as para mineração.

— Um Volvo? A única maneira de levar um Volvo aos asteróides seria no porão de carga de um Hanshaw. Mas, 19 mil... não, 25 mil coroas. Mais seguro e bola. Uma deslavada roubalheira.

Schultz falou-me um tanto seco:

— Amigo Ames, sugiro que deixe de comportar-se como o escocês da fábula com um refrescador operado a moeda. Aceita o que a Sra. Ames conseguiu arranjar? Ou prefere a rota de ar fresco do Administrador? Fresco mas... rarefeito.

Tomei uma profunda respiração.

— Desculpe. O senhor tem razão. Não posso respirar dinheiro. Mas simplesmente odeio ser explorado. Gwen, perdão. Tudo bem, onde fica a Hertz, a partir daqui? Estou desorientado.

— Hertz, não, querido, Budget Jets'. A Hertz não tinha nem uma única unidade de sobra.

"Murphy era um otimista. "

(Comentário de OToole à Lei de Murphy, citada por A. Bloch)

Para chegar ao escritório da Budget Jets tínhamos que ladear os fundos da sala de espera do espaçoporto e entrar na mesma pelo eixo, e em seguida seguir diretamente até a porta da agência. A sala estava congestionada — a multidão habitual, mais Shriners e suas esposas, a maioria presa por cintos aos descansos da parede, alguns flutuando livres. E censores — um numero excessivo deles.

Talvez eu deva explicar que a sala de espera — e o balcão de venda de passagens, a câmara pneumática para o túnel de embarque de passageiros e as instalações dos escritórios de aluguel de naves — estão todos em queda livre, em estado de imponderabilidade; não fazem parte do majestoso giro que dá ao *habitat* sua pseudogravidade. A sala de espera e atividades correlatas situam-se em um cilindro dentro de outro muito maior, o próprio *habitat*. Os dois cilindros têm um eixo comum. O grande gira; o menor, não — tal como uma roda girando em torno de um eixo.

Isto exige uma válvula de vácuo na superfície externa do *habitat* no ponto onde os dois cilindros se tocam — uma de tipo mercúrio, acho, mas nunca a vi. O importante é que embora o *habitat* circundante gire, o espaçoporto *de maneira nenhuma* pode girar porque uma nave de ponte aérea (ou um transatlântico, um cargueiro ou mesmo um Volvo precisa de um lugar fixo em queda livre para atracar. As baías de atracação das naves de aluguel formam uma roseta em torno do espaço de pouso principal.

Ao cruzar a sala de espera, evitei qualquer contato olho a olho e segui direto para meu destino, uma porta em um canto à frente da sala. Gwen e Bill me seguiam. Ela trazia a bolsa pendurada no pescoço e protegia a árvore *bonsai* com uma das mãos e agarrava meu tornozelo com a outra; Bill segurava um dos tornozelos dela e rebocava um embrulho na embalagem da Macy's, o logotipo da loja proeminente e à vista de todos. Não sei o que aquele papel originariamente embrulhara, mas nesse momento escondia a valise menor de Gwen, a parte que não era de roupas.

O resto de nossa bagagem? Seguindo o primeiro princípio de quem quer salvar o pescoço, havíamos nos desfeito dela. Ela nos teria indicado como impostores — para uma viagem secundária de um único dia, Shriners em férias não levam grandes cargas de bagagem. A mala menor de Gwen podíamos salvar porque, disfarçada com o papel de embrulho da Macy's, parecia o tipo de compras que muitos Shriners haviam evidentemente feito. E o mesmo acontecia com a

minúscula árvore — exatamente o tipo de compra tola e trabalhosa de levar que turistas geralmente fazem. Mas o resto da bagagem teve que ser abandonada.

Oh, quem sabe, talvez pudesse ser-nos enviada algum dia, se por meios seguros pudessem ser encontrados. Mas eu a riscaria de nossos inventários. O Dr. Schultz, censurando-me por ter reclamado o custo da transação feita por Gwen, havia me reorientado. Eu me permitira tornar-me mole, sedentário e domesticado — ele me obrigara a trocar de marchas no mundo real, onde só há duas raças de pessoas: as rápidas e as mortas.

Verdade esta, aliás, da qual me tornei agudamente consciente ao cruzar a sala de espera: o censor-chefe Franco vinha atrás de nós. Aparentemente sem nos perceber e eu fazendo o possível para não notá-lo. Ele parecia interessado apenas em chegar ao grupo de capangas que guardavam a câmara pneumática de entrada para o túnel de passageiros. Mergulhou diretamente na direção deles, enquanto eu puxava minha pequena família ao longo de uma linha vital que se estendia da entrada até o canto que queria atingir.

E consegui, cheguei à porta da Budget Jets, que se contraiu atrás de nós, voltei a respirar e reengoli o estômago.

No escritório da Budget Jets encontramos o gerente, um tal de Sr. Dockweiler, amarrado à escrivaninha, fumando charuto e lendo a edição de Luna do *Daily Racing Form*. Ele nos olhou quando entramos e disse:

— Sinto muito amigos, mas não temos nada para alugar ou vender. Nem mesmo uma vassoura de feiticeira.

Lembrei-me de quem era — o senador Richard Johnson, representante de um sindicato imensamente rico, que se estendia por todo o Sistema, de cheiradores de sassafrás, um dos lobistas mais poderosos em Haia — e deixei que a voz do senador falasse por mim:

— Filho, eu sou o senador Johnson. Sei que uma de minhas assessoras fez uma reserva em meu nome hoje cedo... de um Hanshaw Superb.

— Oh! Prazer em conhecê-lo, senador — disse ele, prendendo o jornal à mesa e soltando o cinto de poltrona. — Sim, de fato temos sua reserva. Mas não é um Superb. É um Volvo.

— *O quê!* Ora, eu disse claramente à moça... Não importa. Mude a reserva, por favor.

— Eu gostaria muito, senhor, mas não temos mais nada.

— Lamentável. O senhor poderia ter a gentileza de consultar seus colegas das outras agências, perguntando se...

— Senador, não há uma única unidade de sobra para alugar em todo o Regra de Ouro. A Morris Garage, a Lockheed-Volkswagen, a Hertz, a Interplanet... todos estamos nos consultando nesta última hora. Nenhuma chance. Nada feito. Nenhuma unidade.

Era tempo de ser filosófico, tolerante.

— Neste caso seria melhor eu aceitar um Volvo, não, filho?

O senador tornou-se mais uma vez apenas um pouco mais ríspido quando solicitado a pagar o preço total de lista sobre o que era evidentemente uma nave muito usada — e eu me queixei dos cinzeiros sujos e exigi que fossem limpos com aspirador de pó... Depois disse que não se importasse com isso (quando o terminal atrás da cabeça de Dockweiler parou de falar sobre Ames e Novak) e ordenei:

— Vamos verificar a massa e a velocidade delta disponível. Quero partir logo.

Para verificação de massa, a Budget Jets não usa centrífuga, porém o mais moderno, mais rápido, mais barato e muito mais conveniente medidor de inércia... embora eu tenha dúvidas até que ponto é preciso. Dockweiler nos colocou todos imediatamente na rede (todos menos a *bonsai*, que ignorou e anotou como pesando dois quilos — quase o bastante, talvez), pediu-nos para nos abraçar firmemente com o pacote da Macy's entre nós, e em seguida puxou a alavanca do suporte elástico — e quase nos arrancou os dentes. Depois, anunciou que nossa massa total era de 213,6kg.

Minutos depois estávamos amarrados aos coxins, Dockweiler fechava o nariz da nave e em seguida a porta interna do berço. Não nos pedira carteiras de identidade, passaportes ou habilitação de piloto de veículos a motor. Mas contara duas vezes aquelas 19 mil coroas. Mais a taxa de seguro. Mais a propina.

Digitei "213,6kg" no computador-piloto e verifiquei os instrumentos de bordo. O medidor de combustível indicava "completo" e todas aquelas luzes idiotas brilhavam, verdes. Apertei o botão "pronto" e esperei. A voz de Dockweiler nos chegou pelo alto-falante:

— Boa aterrissagem.

— Obrigado.

A carga de ar comprimido explodiu com um *Whumpfl*, deixamos a baía e entramos em brilhante luz solar. À frente e perto divisei a parte externa do espaçoporto. Apertei o controle de precessão e ajustei-o para 1/80. Enquanto girávamos, o *habitat* afastou-se para minha vigia esquerda; à frente, a nave da ponte aérea que chegava surgiu à vista — e eu nada fiz a esse respeito: era ela que tinha que me evitar, uma vez que era eu que estava decolando — e na minha

vigia direita apareceu uma das vistas mais impressionantes do sistema: Luna em *close-up*, a uns meros 300 quilômetros de distância — tão perto que poderia estender a mão e tocá-la.

Senti-me maravilhosamente bem.

Aqueles patifes mentirosos e assassinos estavam sendo deixados para trás e estávamos para sempre fora do alcance da tirania caprichosa de Sethos. No início, viver no Regra de Ouro me parecera uma existência livre e descuidada. Mas eu aprendera. O pescoço de um monarca deve ter sempre um laço de carrasco em volta do pescoço — para mantê-lo na postura certa.

Eu ocupava o coxim do piloto, e Gwen o do co-piloto, à direita. Olhei para ela e me dei conta de que continuava a usar aquela venda idiota. Não, cortem o "idiota" — ela, com toda probabilidade, me salvara a vida. Tirei-a e enfiei-a no bolso. Depois, tirei o fecho, olhei em volta procurando um lugar para guardá-lo — e coloquei-o sob o cinto de segurança.

— Vamos ver se estamos em segurança para viajar no espaço — comecei.

— Não é um pouco tarde para isto, Richard?

— Eu sempre faço as verificações da lista depois que decolo — expliquei-lhe. — É porque sou um tipo otimista. Você tem uma bolsa e um grande pacote da Macy's. Estão seguros?

— Ainda não. Se você não acelerar a nave enquanto eu estiver fazendo isso, desamarro o cinto e vou prendê-los na prateleira. — E começou a soltar o cinto de segurança.

— Espere aí! Antes de desamarrear o cinto você precisa obter permissão do piloto.

— Eu pensei que a tinha.

— Tem, agora. Mas não cometa novamente esse erro, Sr. Christian. O *Bounty*, navio da esquadra de Sua Majestade, é um navio que obedece aos regulamentos e continuará assim. Bill! Como é que está indo aí atrás?

— Eu, legal.

— Está seguro de todas as maneiras? Quando eu virar a cauda da nave não quero dinheiro trocado voando por toda a cabine.

— Ele está devidamente amarrado — garantiu-me Gwen. — Eu mesma verifiquei. Está segurando o vaso da Árvore-San contra o estômago e prometi a ele que, se a soltar, nós o enterraremos sem nenhum rito fúnebre.

— Não tenho muita certeza de que ela resista à aceleração.

— Nem eu, mas não havia maneira de acondicioná-la. Pelo menos ela estará na posição correta para a aceleração — e eu vou fazer uns encantamentos. Homem querido, o que é que vou fazer com esta peruca? É uma das que Naomi usa em espetáculos públicos. E é valiosa. Foi realmente uma grande gentileza dela insistir em que eu a usasse — isto foi o toque final, convincente, acho — mas não vejo como protegê-la. Ela é pelo menos tão sensível à aceleração como a Árvore-San.

— O diabo me leve se sei — e isto é minha opinião oficial. Mas duvido que tenha que levar este calhambeque a mais de duas gravidades. — Pensei um pouco nisto. — Que tal o porta-luvas? Tire todos os lenços de papel da despensa e amarrote-os em volta da peruca. E alguns dentro. Acha que funciona?

— Acho que sim. Há tempo suficiente?

— De sobra. Fiz uma rápida estimativa no escritório do Sr. Dockweiler. A fim de aterrar em Hong Kong Luna, e de dia, tenho que começar a entrar em uma órbita mais baixa às 21h. Tempo à vontade. De modo que, vá, faça o que precisa ser feito... enquanto eu digo ao computador-piloto o que quero fazer. Gwen, pode ler todos os instrumentos de seu lado?

— Posso, senhor.

— Muito bem, este é seu trabalho, isto é a vigia de estibordo. Eu cuidarei da propulsão, altitude e este computador bebê. Por falar nisso, você é piloto brevetada, não?

— Não adianta me perguntar isso agora, adianta? Mas para que seu coração não fique perturbado, querido, eu estava juntando lixo espacial antes de deixar a escola secundária.

— Ótimo.

Não pedi para ver a carteira de piloto dela — como ela mesma observara, era tarde demais para importar.

E notei também que ela não respondera à minha pergunta.

(Se balística o aborrece, este é outro trecho para saltar.)

Uma órbita raspando as margaridas de Luna (supondo que Luna tem margaridas, o que me parece improvável) leva uma hora, 48 minutos e alguns segundos. O Regra de Ouro, estando 300 quilômetros mais alto do que uma alta margarida, tem que ir mais longe que a circunferência de Luna (10.919 quilômetros), isto é, 12.805 quilômetros. Quase dois mil quilômetros mais adiante — de modo que tem que ir mais rápido. Certo?

Errado. (Fiz tramóia.)

O aspecto mais maluco, contrário a todo bom senso, difícil, da balística em volta de um planeta é o seguinte: para acelerar você diminui a velocidade; para diminuir a velocidade, você acelera.

Sinto muito. Mas a coisa é assim mesmo.

Estávamos na mesma órbita do Regra de Ouro, 300 quilômetros acima de Luna fluando com o *habitat* a um e meio quilômetro por segundo (1.5477 km/s foi o que digitei no computador-piloto, porque era isso o que dizia a folha de instruções que recebi no gabinete de Dockweiler). A fim de descer à superfície eu tinha que descer para uma órbita mais baixa (e mais veloz)... E a maneira de fazer isso era reduzir a velocidade.

Porém era mais complexo do que isso. Uma aterrissagem em local sem atmosfera exige que desçamos à órbita mais baixa (e mais rápida)... mas temos que cortar essa velocidade para chegar a contato com o solo à velocidade relativa zero — temos que continuar a dobrá-la de modo que o contato seja na vertical e sem um solavanco (ou não muito) e sem derrapagem (ou não muita) — o que chamam de órbita "sinérgica" (difícil de pronunciar e ainda mais difícil de calcular).

Mas isto pode ser feito. Armstrong e Aldrin fizeram isso certo da primeira vez. (Não há segunda oportunidade.) Mas a despeito de toda a matemática cuidadosa, aconteceu que havia uma pedra danada de grande no caminho deles. Por puro virtuosismo e um pouco de gasto de combustível, conseguiram aterrissar a pouca distância dela. (Se eles não tivessem aquele pouco de combustível de sobra, as viagens espaciais teriam sido retardadas em um século, mais ou menos. Nós não homenageamos o suficiente os pioneiros).

Há outra maneira de aterrissar. Pare de súbito sobre o local onde quer descer. Caia feito uma pedra. Freie com seus jatos tão precisamente que toca o chão como um saltimbanco pegando um ovo num prato.

Uma pequena dificuldade: voltas em ângulo reto são praticamente o pior que se pode fazer em pilotagem. O gasto de *delta vee* é escandaloso — e sua nave provavelmente não leva tanto combustível assim. ("*Delta vee*" no jargão dos pilotos. Isto quer dizer "mudança de velocidade" porque, em equações, a letra grega delta significa mudança minúscula e "v" significa velocidade — e, por favor, lembre-se que "velocidade" é tanto direção como velocidade propriamente dita, o motivo porque foguetes não fazem curvas em U.)

Comecei a programar o pequeno computador-piloto do Volvo com o tipo de aterrissagem sinérgica que Armstrong e Aldrin haviam feito, mas nem de longe tão sofisticada. Principalmente tive que pedir ao computador-piloto que sacasse da memória seu programa generalizado para aterrissagem vindo de uma órbita em volta de Luna... E ele docilmente admitiu que sabia como fazer isso... E

então tive que dar os dados para aquela aterrissagem particular, usando a folha de instruções fornecida pela Budget Jets.

Terminado isto, disse ao computador que verificasse os dados que eu lhe havia fornecido. Relutantemente, ele admitiu que possuía tudo de que necessitava para aterrar em Hong Kong Luna às 22h17min48,3.

O relógio do computador marcava 19h57min. Há apenas 20h um estranho que dissera chamar-se "Enrico Schultz" sentara-se, sem ser convidado, à minha mesa no Rainbow's End — e cinco minutos depois fora assassinado. Desde então, Gwen e eu havíamos casado, sido despejados, "adotado" um dependente inútil, sido acusados de assassinato e dado no pé para salvar a vida. Um dia cheio! — e não terminara ainda.

Eu estivera vivendo em uma embotadora segurança por tempo longo demais. Nada dá mais vivacidade à vida do que correr para salvar a vida.

— Co-piloto.

— Co-piloto, sim, senhor?

— Isto é divertido! Obrigado por ter casado comigo.

— Recebido e entendido, comandante querido! Eu, também!

Aquele era meu dia de sorte, quanto a isso, nenhuma dúvida! Um golpe de sorte em programação nos mantivera vivos. Naquele momento, o chefe Franco devia estar verificando todos os passageiros que entravam na câmara da nave da ponte aérea das 20h, esperando que o Dr. Ames e a Sra. Novak viessem reclamar suas reservas — enquanto havíamos saído por uma porta lateral. Mas, embora aquela sincronização crítica nos tivesse salvo a vida, Dona Sorte ainda estava oferecendo alternativas.

Como? A partir da órbita do Regra de Ouro, nosso pouso mais fácil em Luna implicaria descermos em algum ponto da linha de iluminação — menos combustível consumido, menor *delta vee*. Por quê? Porque já estávamos nessa linha de iluminação, indo de um pólo a outro, do Sul para o Norte, do Norte para o Sul, de modo que o pouso mais simples era dobrá-la para baixo onde estávamos, nunca mudando nossa direção.

Aterrissar na direção leste-oeste implicaria jogar fora nosso movimento atual, gastar ainda mais *delta vee* fazendo aquela tola volta em ângulo reto — e em seguida programar para o pouso. Talvez sua conta bancária possa agüentar esse desperdício — mas a nave não pode nem carregar esse combustível — e vamos acabar lá em cima sem nada embaixo senão o vácuo e pedras. Desagradável.

A fim de salvar nosso pescoço, eu aceitava feliz qualquer campo de pouso em Luna... Mas aquele risco oferecido por Dona Sorte incluía aterrar em meu corpo preferido (Hong Kong Luna) mais ou menos quando ali nascia o dia, com apenas

uma hora estacionado em órbita, esperando a ocasião de dizer ao computador-piloto para nos baixar ao chão. O que mais poderia eu pedir?

Naquele momento, estávamos flutuando sobre o outro lado da Lua — tão enrugada quanto a bunda de um crocodilo. Pilotos amadores não pousam no outro lado de Luna por duas razões: 1) montanhas — o lado da Lua oculto da Terra faz com que os Alpes pareçam tão lisos como o Kansas; 2) povoados — não há nenhum que mereça menção. E não falemos dos que merecem porque poderia enfurecer alguns colonos de características impublicáveis.

Dentro de mais 40 minutos estaríamos sobre Hong Kong Luna, exatamente no momento em que o dia estivesse raiando. Antes disso, eu pediria liberação para pouso e controle de terra na última e mais delicada parte da aterrissagem — e passaria as duas horas seguintes girando e baixando suavemente o Volvo para o pouso. Nesse momento chegaria a ocasião de transferir o controle para a equipe de terra em Hong Kong Luna, mas prometi a mim mesmo que ficaria no comando e dirigiria pessoalmente o pouso, apenas para praticar. Há quanto tempo eu não fazia pessoalmente um pouso em local sem atmosfera? Calisto, fora isso? Em que ano acontecera isso? Há tempo demais!

Às 20h12min passamos por cima do pólo norte de Luna e fomos brindados com o nascer da Terra... Uma visão empolgante, por mais vezes que a tenhamos visto. Mãe Terra estava em meia fase (desde que nós estávamos na linha de iluminação de Luna), com a parte brilhante à nossa esquerda. Tendo passado apenas alguns dias do solstício de verão, a calota polar norte aparecia inclinada em plena luz, ofuscantemente brilhante. A América do Norte, porém, estava quase igualmente brilhante, amplamente nublada, exceto pela parte da costa oeste do México.

Descobri que prendera a respiração e que Gwen me apertava a mão. Quase esqueci de chamar o controle da terra HKL.

— Volvo Bee Jay Seventeen chamando controle de terra HKL. Está me ouvindo?

— Bee Jay Seventeen, afirmativo. Continue.

— Solicito liberação para pousar aproximadamente às 22h 17min40s. Solicito aterrissagem controlada de terra, com pilotagem manual. Estou vindo do Regra de Ouro e ainda na órbita do mesmo a aproximadamente seis quilômetros a oeste do *habitat*. Câmbio.

— Volvo Bee Jay Seventeen. Liberado para aterrissagem em Hong Kong Luna a aproximadamente 22h17min48s. Mude para canal de satélite 13 não mais tarde que 21h49min e prepare-se para receber controle de terra. Aviso: você tem que

iniciar programa de descida dessa órbita às 21h19min e segui-lo exatamente. Se em inserção para aterrissagem controlada de terra você estiver fora em vetor 3% ou em altitude quatro quilômetros, espere ser desconectado. Controle HKL.

— Recebido e entendido. Seguirei as instruções. — E acrescentei: — Aposto que vocês não sabem que estão falando com o Capitão Meia-Noite, o piloto mais "quente" do Sistema Solar — mas desliguei o microfone antes de dizer isso.

Ou foi isso o que pensei. Ouvi a resposta:

— E este aqui é o Capitão Colônia de Hemorróidas, o mais perverso piloto de controle de terra de Luna. Você vai me comprar uma garrafa de Glenlivet depois que eu o trouxer para baixo. Se eu o trouxer.

Examinei o controle do microfone — e não parecia haver nada de errado com ele. Resolvi não responder. Todo mundo sabe que telepatia funciona melhor no vácuo... mas devia haver uma maneira de uma cara comum se proteger contra super-homens.

(Tal como saber quando calar o bico.)

Acertei o despertador para 21h, em seguida processei o computador para uma altitude diretamente para baixo e na hora seguinte saboreei a viagem de mãos dadas com minha esposa. As incríveis montanhas da Lua, mais altas e angulosas que os Himalaias e tragicamente desoladas, corriam à frente (ou sob) de nós. O único som era o murmúrio baixo do computador e o suspiro do exaustor de ar — e uma fungadela regular e irritante de Bill. Excluí todos os sons e convidei minha alma a entrar. Nem Gwen nem eu tínhamos desejo de falar. Era um feliz interlúdio, tão tranquilo como o riacho ao lado do velho moinho.

— Richard! Acorde!

— Ahn? Eu não estava dormindo.

— Estava, querido. Já passa de 21h.

Humm... e assim era: 21h1min, e o tempo correndo. O que teria acontecido com o alarme? Isso não importava no momento: eu dispunha de cinco minutos e alguns segundos para nos certificar de que entrávamos na ocasião certa no programa de descida. Acionei o controle de precessão, de cabeça para baixo — o mais fácil para descer, embora supino para trás funcione também. Ou mesmo do lado para trás. Qualquer que seja a orientação, o local do jato *tem* que apontar contra a direção do movimento a fim de reduzir a velocidade para inserção no programa de pouso — isto é, "para trás" para o piloto, tal como a ave maluca que voa para trás. (Mas eu me sinto mais feliz quando o horizonte parece "certo" à maneira como estou preso no assento. Este o motivo porque prefiro pôr uma nave na posição cabeça para baixo e para trás.)

Logo que senti o Volvo iniciar a precessão, perguntei ao computador se estava

pronto para iniciar o programa de pouso, utilizando o código padrão constante da lista gravada em sua tampa.

Nada de resposta. Tela vazia. Mudo.

Falei cheio de desprezo dos ancestrais do computador. Gwen observou:

— Você apertou o botão "execute"?

— Claro que apertei. — E apertei novamente.

A tela iluminou-se e o som voltou em um nível de rachar dentes:

"De que maneira você escreve a palavra conforto? Para o cidadão de Luna hoje, superesgotado de trabalho, superestimulado, superestressado, é escrito como C.O.M.F.I.E.S. — isso mesmo, Comfies, ò conforto que os terapeutas recomendam para acidez estomacal, azia, úlceras gástricas, cólicas intestinais e simples dor de estômago. Comfies! Elas fazem mais! Fabricadas por Tiger Balm Pharmaceuticals, Hong Kong Luna, fabricantes de medicamentos em que você pode confiar. COMFIES *Comfies*. Eles fazem mais! Pergunte a seu terapeuta." E uivos de corujas começaram a cantar as delícias de Comfies.

— Esta droga de coisa não quer desligar!

— Bata nele! — Ahn?

— Bata nele, Richard!

Não consegui ver lógica nisso, mas atendia as minhas necessidades emocionais. Bati, e bati com força. O computador continuou a dizer bobagens sobre bicarbonato de sódio caro demais.

— Querido, você tem que bater com mais força. Eléctrons são coisinhas tímidas, mas opiniosas. Você tem que lhes mostrar quem é o chefe. Deixe que eu faço.

— E Gwen desfechou-lhe um murro que pensei que ia rachar a tampa da coisa.

O computador imediatamente reagiu:

"Pronto para descida — Hora Zero = 21-06-17,0."

O relógio do computador marcava 21-05-42,7.

... o que me dava tempo suficiente apenas para lançar um olhar ao altímetro de radar (que indicava 298 quilômetros acima do chão, regular) e uma leitura de efeito *doppler*, que mostrava que estávamos orientados ao longo de nossa linha de movimento sobre o solo, perto o suficiente para trabalho do governo... embora o que eu pudesse ter feito em cerca de 10 segundos eu não pudesse saber. Em vez de usar pequenos jatos em pares para controlar altitude, o Volvo usa giroscópios e precessiona contra eles — mais barato do que 12 pequenos jatos e um bocado de fiação. Embora sejam mais lentos.

Em seguida, de repente, o relógio chegou a tempo zero, os jatos foram ligados,

jogando-nos contra os coxins, e a tela mostrou o programa de queima de combustível — o principal sendo:

21 — 06 — 17,0 — 19 segundos
21 — 06 — 36,0

Tão suavemente como foi possível, o jato desligou após 19 segundos, sem mesmo pigarrear.

— Está vendo? — disse Gwen. — A gente tem simplesmente que ser firme com ele.

— Eu não acredito em animismo.

— Não acredita? De que modo você pode enfrentar... Desculpe, querido. Esqueça. Gwen cuidará dessas coisas.

O Capitão Meia-Noite não respondeu. Vocês podem dizer, sem falsear a verdade, que fiquei emburrado. Mas, droga, animismo é pura superstição. (Exceto no tocante a armas.)

Eu mudara para o canal 13 e estávamos justamente iniciando o quinto disparo dos foguetes. Eu ia passar o controle para o HKL GCL (Capitão Hemorróida) quando o querido idiotazinho eletrônico fundiu a cuca, isto é, o RAM — Memória de Acesso Aleatório, onde estava gravado nosso programa de descida. A tabela de disparos na tela diminuiu de clareza, tremeu, encolheu até transformar-se em um ponto e desapareceu. Freneticamente, premi a tecla de restauração — e nada aconteceu.

O Capitão Meia-Noite, intimorato como sempre, sabia exatamente o que fazer:

— Gwen! A coisa perdeu o programa!

Ela estendeu a mão e esmurrou o computador. A seqüência de queima não voltou — um RAM, uma vez fundido, está perdido para sempre, como uma bolha de sabão —, mas a coisa não tomou vergonha. Um cursor apareceu no canto superior esquerdo e piscou interrogativamente. Gwen virou-se para mim:

— A que horas deve ligar novamente os jatos, querido? E por quanto tempo?

— 21, 47, 17, acho, durante, acho, ahn, 17 segundos.

— Eu confiro para você ambos os números. De modo que, faça isso manualmente, depois pergunte ao computador para recomputar o que perdeu.

— Certo. — Digitei a ligação. — Depois deste, estou pronto para aceitar o controle de Hong Kong.

— E assim damos um jeito na coisa, querido — uma ligação manualmente e, em seguida, o controle de terra assume o controle. Mas vamos recomputar, apenas

por questão de segurança.

Ela parecia mais otimista do que eu me sentia. Não conseguia me lembrar que vetor e altitude eu devia conseguir para que o controle de terra assumisse. Mas não tinha tempo para me preocupar com isso. Tinha que comandar aquela ligação dos foguetes.

Digitei:

21 — 47 — 17,0 — 11,0 segundos

21 — 47 — 28,0

Observei o relógio e contei com ele. A exatamente 17 segundos depois de 21h47min apertei o botão de disparo e o mantive em posição. Os jatos dispararam. Não sei se eu os disparei ou se foi o computador. Mantive o dedo no botão enquanto os segundos se escoavam e ergui-o em exatamente 11 segundos.

Os jatos continuaram a queimar.

("... corra em círculos, grite e berre!") Mexi de um lado para o outro no botão de ignição. Não, não estava preso. Bati na tampa do computador. Os jatos continuaram a rugir e nos lançaram contra os coxins.

Gwen estendeu a mão e cortou a energia do computador. Os jatos pararam bruscamente. Fiz força para parar de tremer.

— Obrigado, co-piloto.

— Não há de quê, senhor.

Olhei para fora e cheguei à conclusão de que o chão parecia mais perto do que eu gostava, de modo que dei uma olhada no altímetro de radar. Noventa alguma coisa — o terceiro número continuava a mudar.

— Gwen, acho que nós não vamos a Hong Kong Luna.

— Eu também não.

— De modo que o problema é tirar esta sucata do céu sem quebrá-la,

— Concordo, senhor.

— E onde é que nós estamos? Um palpite educado, quero dizer. Não espero milágres.

A coisa à frente — atrás, para ser exato, uma vez que estávamos ainda orientados para frenagem — parecia tão acidentada como atrás. Não um lugar para um pouso de emergência.

— Poderíamos virar ao contrário? Se pudessemos ver o Regra de Ouro isto nos diria alguma coisa.

— Muito bem. Vamos ver se a nave responde. Agarrei os controles de precessão, disse à nave que virasse 1/81 de grau, passando novamente pela inversão. O terreno estava visivelmente mais próximo. Nossa nave acomodou-se, com o horizonte correndo à direita e à esquerda — mas com o céu no lado de "baixo". Irritante... mas tudo o que queríamos era olhar para o nosso ex-lar, o *habitat* Regra de Ouro.

— Consegue vê-lo?

— Não, não consigo, Richard.

— Deve estar acima do horizonte, em algum lugar. Não é de surpreender, ele estava muito longe da última vez em que olhamos — e aquela última queima foi toda errada. Demorada. De modo que, onde estamos nós?

— Quando foi que passamos por aquela grande cratera — Aristóteles?

— Não foi a de Platão?

— Não, senhor. Platão ficaria a oeste de nossa rota e ainda estaria na sombra. Pode ser alguma cratera que não conheço... mas aquele troço liso — aquele troço razoavelmente liso — ao sul me faz pensar que deve ser a de Aristóteles.

— Gwen, não importa o que seja. Vou ter que descer esta carroça naquele troço liso. Razoavelmente liso. A menos que você tenha uma idéia melhor.

— Não, senhor, não tenho. Estamos caindo. Se acelerássemos o suficiente para manter uma órbita circular a esta altitude provavelmente não teríamos combustível suficiente para fazê-la descer mais tarde. Isto é um palpite.

Olhei para o marcador de combustível — aquele longo e desastrado disparo gastara um bocado de minha *delta vee* disponível. Nenhuma folga.

— Seu palpite é uma certeza... de modo que vamos descer. Vamos ver se nosso amiguinho consegue calcular uma descida parabólica para esta altitude — porque tenciono cortar nossa velocidade avante e simplesmente deixar a nave cair logo que estivermos passando por cima de um terreno que pareça razoavelmente liso. O que é que você acha?

— Tomara que a gente tenha combustível suficiente.

— Eu também. Gwen?

— Sim, senhor?

— Doçura, foi divertido.

— Oh, Richard! Foi, sim.

Em voz abafada, Bill disse:

— Humm, eu não acho que possa...

Eu estava precessionando para nos colocar novamente em altitude de frenagem.

— Bico calado, Bill. Estamos ocupados!

O altímetro mostrava oitenta e alguma coisa — quanto tempo precisaríamos para a nave cair 80 quilômetros em um campo de 1/6 de gravidade? Ligar novamente o computador-piloto e perguntar? Ou fazer isso mentalmente? Poderia confiar que o computador não ligaria novamente os jatos se eu novamente lhe fornecesse energia?

Era melhor não arriscar. Uma aproximação em linha reta me diria alguma coisa? Vejamos... Distância é igual à meia aceleração multiplicada pelo quadrado do tempo, tudo isso em centímetros e segundos. De modo que 80 quilômetros são, ahn, 80 mil, não, 800 mil... Não, 80 *milhões* de centímetros. Estava certo?

Um sexto de gravidade... Não, metade de um, 62. De modo que pegue esse número e extraia a raiz quadrada...

Cem segundos?

— Gwen, quanto tempo até o impacto?

— Mais ou menos 17 minutos. Isto é aproximado. Fiz a conta de cabeça.

Dei outra olhada dentro de meu crânio e verifiquei que, deixando de incluir o vetor para a frente — o fator "queda em espiral" — minha "aproximação" não era nem mesmo um palpite maluco.

— Bastante perto. Vigie o *doppler*. Vou diminuir um pouco a velocidade para a frente. Não me deixe cortá-la toda. Precisamos de alguma opção sobre o lugar onde pousar.

— Sim, senhor comandante.

Fornei energia ao computador. Os jatos dispararam imediatamente. Deixei que funcionassem por cinco segundos, cortei o combustível. Os jatos soluçaram e calaram-se.

— Isto — reconheci amargamente — é uma maneira horrível de operar um acelerador. Gwen?

— Estamos simplesmente nos arrastando agora. Podemos virar e ver para onde estamos indo?

— Claro.

— Senador...

— Bill... *cale a boca!* — Virei a nave mais 180 graus. — Está vendo à frente alguma lisa e linda pastagem?

— Tudo isso parece liso, Richard, mas estamos ainda à quase 70 quilômetros de

altura. Podia descer bastante antes de cortar a velocidade à frente, talvez? De modo a que possa ver qualquer rocha adiante?

— Razoável? Perto até que ponto?

— Ahn, um quilômetro seria seguro?

— Bastante perto para nós ouvirmos o som das asas do Anjo da Morte. Quantos segundos até o impacto? Para uma altura de um quilômetro, quero dizer?

— Ahn, raiz quadrada de 1.200 mais... digamos, 35 segundos.

— Tudo bem. Continue observando a altura e o terreno. A mais ou menos dois quilômetros vou querer começar a cortar a velocidade à frente. Preciso ter tempo de virar mais 90 graus depois disso e cair de cauda para baixo. Gwen, nós devíamos ter ficado na cama.

— Eu tentei lhe dizer isso, senhor. Mas confio no senhor.

— De que vale a fé sem obras? Eu gostaria de estar em Paducach. Tempo?

— Seis minutos, por aí.

— Senador...

— Bill, cale a boca! Cortamos metade da velocidade restante!

— Três segundos?

Dei um disparo de três segundos usando o mesmo método idiota de ligar e cortar os jatos.

— Dois minutos, senhor.

— Observe o *doppler*. Diga quando. Ligue o jato.

— Agora!

Cortei-o bruscamente e comecei a pressionar, cauda para baixo, "pára-brisa" para cima.

— Como está indo a coisa?

— Estamos quase tão parados quanto podemos ir dessa maneira, acho. E eu não brincaria com isso. Olhe para esse medidor de combustível. Olhei e não gostei.

— Muito bem. Não ligo em absoluto até estarmos bem perto.

Estabilizamos na posição proa para cima — nada senão céu à nossa frente. Sobre meu ombro esquerdo via o terreno em um ângulo de uns 45 graus. Olhando para além de Gwen, podia vê-lo no lado de estibordo, também, mas a uma grande distância — um mau ângulo, talvez.

— Gwen, qual é o comprimento deste calhambeque?

— Nunca vi um deles fora do ancoradouro. Isto importa?

— Importa pra burro quando estou tentando julgar a que distância estamos do chão olhando por cima de meu ombro.

— Oh, eu pensava que você queria saber exatamente. Digamos, uns 30 metros. Um minuto, senhor.

Eu ia justamente provocar uma súbita explosão de motores quando Bill explodiu. De modo que o pobre-diabo estava enjoado, mas, naquele instante, desejei mesmo foi que estivesse morto. O jantar dele passou entre nossas cabeças e chocou-se com a vigia de proa, onde se espalhou.

— *Bill!* — gritei. — Pare com isso!

(Não se dê ao trabalho de me dizer que fiz uma exigência descabida.)

Bill fez o melhor que pôde. Virou a cabeça para a esquerda e depositou barragem na vigia da esquerda — deixando-me a pilotar às cegas.

Tentei. Com os olhos no altímetro de radar, dei um rápido disparo de motores — e perdi este, também. Tenho certeza de que algum dia solucionarão o problema de leituras de baixa confiabilidade feitas através de disparos de jatos e prejudicada pela "grama" do terreno... Eu nasci cedo demais, só isso.

— Gwen, não posso ver!

— Assumi, senhor.

Ela parecia calma, fria, relaxada... a companheira certa para o Capitão Meia-Noite. Pelo ombro direito ela olhava para o solo da Lua, a mão esquerda no controle de energia do computador-piloto, nosso "acelerador" de emergência.

— Quinze segundos, senhor... dez... cinco. Baixou a alavanca.

Os jatos queimaram por um instante, senti o mais leve dos solavancos, e tínhamos peso novamente. Ela virou a cabeça e sorriu.

— O co-piloto comunica...

E perdeu o sorriso, pareceu espantada, e sentimos a nave vacilar.

Você já jogou pião quando criança? Sabe como um pião se comporta quando desce? Gira e gira, e afunda cada vez mais, enquanto lentamente perde velocidade e pára? Foi o que o ordinário Volvo fez.

Até jazer o fio comprido na superfície e rolar. Paramos, ainda amarrados aos nossos assentos, em segurança, sem uma contusão — e de cabeça para baixo.

Gwen continuou:

— ... comunica que acabou de pousar, senhor.

— Obrigado, co-piloto.

"É inútil ovelhas votarem resoluções em favor de vegetarianismo enquanto lobos tiverem opinião diferente."

William Ralph Inge, D. D., 1860—1954

"A cada minuto nasce alguém."

P.T. Barnum, 1810—1891

E acrescentei:

— Foi uma bela aterrissagem, Gwen. A PanAm jamais pousou com tal suavidade.

Gwen afastou para o lado a saia do quimono e olhou para fora.

— Não foi tão bom assim. Simplesmente, fiquei sem combustível.

— Não seja modesta. Admirei especialmente aquela pequena gaivota que pôs a nave deitada. Conveniente, desde que não temos aqui uma escada de espaçoporto.

— Richard, o que levou a nave a fazer isso?

— Hesito em dar um palpite. Pode ter sido alguma coisa com o giroscópio de precessão... que pode ter caído. Sem dados, nenhuma opinião. Querida, você fica encantadora nessa pose. Tristram Shandy tinha razão: a mulher fica no seu melhor aspecto com as saias em cima da cabeça.

— Não acho que Tristram Shandy tenha jamais dito isso.

— Neste caso, devia ter dito. Você tem pernas lindas, minha querida.

— Obrigada. Agora, pode ter a gentileza de me tirar desta confusão toda? Meu quimono está emaranhado no cinto de segurança e não consigo soltá-lo.

— Você se importa se, antes, eu tirar uma foto? Gwen, às vezes, dá respostas rudes. Neste caso é melhor mudar de assunto. Soltei meu cinto de segurança, fiz uma rápida e eficiente descida até o teto, levantei-me, atirei-me à tarefa e libertei Gwen. A fivela do cinto não era realmente um problema: ela simplesmente não podia vê-la para soltá-la. Fiz isso e cuidei para que ela não caísse quando a libertei. Coloquei-a de pé e exigi um beijo. Eu me sentia eufórico. Minutos antes, não teria apostado em aterrissar vivo. Gwen fez o pagamento e deu sobra.

— Agora, vamos soltar o Bill.

— Por que é que ele não pode...

— Ele não está com as mãos livres, Richard.

Quando soltei minha esposa e olhei, entendi o que ela queria dizer. Bill estava pendurado de cabeça para baixo, uma expressão de paciente sofrimento no rosto. Minha... *nossa, árvore bonsai* ele a conservava junto à barriga, a planta incólume. Solenemente, olhou para Gwen.

— Não larguei ela — disse, em tom de defesa.

Em silêncio, concedi-lhe absolvição por ter vomitado durante a aterrissagem. Uma pessoa que pode cumprir um dever (mesmo simples) durante a agonia de agudo enjôo espacial não pode ser tão má assim. (Mas ele tinha que limpar aquilo. A absolvição não significava que eu ia limpar para ele. Nem Gwen. Se ela se oferecesse, eu ia ser *macho*, marital e insensato.)

Gwen pegou a arvorezinha e colocou-a sobre a parte inferior do computador. Bill soltou o cinto, enquanto eu o segurava pelos tornozelos, e em seguida descí-o para o teto e deixei que ele se espreguiçasse.

— Gwen, dê o vaso a Bill e deixe que ele continue a cuidar da árvore. Quero-a fora do caminho... porque preciso usar o computador e os instrumentos de bordo.

Devia dizer em voz alta o que estava me preocupando? Não, isto poderia fazer Bill vomitar novamente... e Gwen já devia ter calculado o que era.

Deitei-me de costas, arrastei-me para baixo do computador e do painel de instrumentos, e liguei-o.

Uma voz metálica, que reconheci, disse:

— Seventeen, está me ouvindo? Volvo Bee Jay Seventeen, responda. Este é o controle de terra Hong Kong Luna, chamando Volvo Bee Jay Seventeen...

— Bee Jay Seventeen aqui, Capitão Meia-Noite falando. Estou recebendo, Hong Kong.

— Por que, com todos os' diabos, não ficou no canal 13, Bee Jay? Você não compareceu ao ponto de encontro. Saia da onda. Não posso fazê-lo descer.

— Ninguém pode, Capitão Coceira de Hemorróida. Pouso de emergência. Disfunção de computador. Disfunção de rádio. Disfunção de jatos. Perda de visibilidade. Ao aterrar, caímos de lado. Combustível acabado e, de qualquer maneira, posição impossível para decolagem. E agora o exaustor de ar parou.

Houve um silêncio bem demorado.

— *Tovarishch*, já fez suas pazes com Deus?

— Andei ocupado demais para isso!

— Hummm. Compreensível. Como está você em matéria de pressão na cabine?

— A luz idiota está verde. Não há medidor para isso.

— Onde está você?

— Não sei. As coisas degradingolaram às 21h 47min, pouco antes de eu lhe passar o controle. Passei o tempo desde então numa descida de traseira. Embora eu não saiba onde estamos, devemos estar em algum lugar no caminho da órbita do Regra de Ouro. Nossos disparos de jatos foram todos cuidadosamente orientados. Passamos por cima do que acho que era Aristóteles às, ahn...

— Vinte e um, cinqüenta e oito — forneceu Gwen.

— Vinte e um, cinqüenta e oito, meu co-piloto anotou isso. Desci em *um maré* ao sul desse ponto. Lacus Somniorum?

— Espere um pouco. Você ficou dentro da linha de iluminação?

— Fiquei. Ainda estamos nela. O sol está justamente no horizonte.

— Neste caso você não pode estar tão distante assim a leste. Tempo de pouso?

Eu não tinha a mais vaga noção. Gwen sussurrou:

— Vinte e dois, ou vinte e três, quarenta e um.

— Humm. Deixe que eu verifique. Neste caso, você deve estar ao sul de Eudoxus, na parte mais setentrional do Maré Serenitatis. Montanhas a oeste?

— Altas.

— Cordilheira do Caucasus. Você está com sorte. Ainda pode sobreviver para ser enforcado. Há duas pressurizadas habitadas bem perto de você. Pode haver alguém interessado em salvá-lo... pelo pedaço de carne mais querido de seu coração, e mais 10%.

— Eu pago.

— Claro que paga! E se for resgatado, não se esqueça de pedir a conta do que nos deve. Pode precisar de nós outro dia. Muito bem, vou dar o alarme. Isto poderia ser por acaso mais alguma dessa sua besteira de Capitão Meia-Noite? Se for, arranco seu fígado e mando fritá-lo.

— Capitão Coceira, sinto muito a este respeito, sinto, honestamente. Eu estava simplesmente brincando com meu co-piloto e pensei que o microfone estava desligado. Devia ter estado. Sem querer, abri o canal. Um de meus problemas intermináveis com este monte de sucata.

— Você não devia fazer brincadeiras quando estivesse manobrando.

— Eu sei. Mas... oh, que diabo, meu co-piloto é minha mulher. Hoje foi o dia de nosso casamento... recém-casados. Senti vontade de rir e brincar o dia todo. É este tipo de dia.

— Se isto for verdade... tudo bem. E parabéns. Mas vou esperar que prove isto. E meu nome é Marcy, não Coceira. Capitão Marcy Choy-Mu. Vou passar os dados

adiante e tentaremos localizá-lo de órbita. Enquanto isso, é melhor entrar no canal 11 — é o de emergência — e começar a cantar S.O.S. Tenho tráfego a cuidar, de modo que...

Gwen estava de quatro ao meu lado.

— Capitão Marcy!

— Ahn? Sim?

— Eu sou realmente a mulher dele e casamos de fato hoje e, se ele não fosse um piloto "quente", eu não estaria viva hoje. Tudo saiu errado, exatamente como meu marido disse. A coisa foi como pilotar um barril por cima das Cataratas do Niágara.

— Nunca vi as Cataratas do Niágara, mas entendi o que disse. Meus melhores votos de felicidade, Sra. Meia-Noite. Desejo-lhes uma vida longa e feliz e uma penca de filhos.

— Obrigado, senhor! Se alguém nos encontrar antes de nosso ar acabar, vamos ter esses filhos.

Gwen e eu nos revesamos a irradiar "S.O.S., S.O.S!" no canal 11. Quando estava de folga, eu aproveitava o tempo para verificar os recursos e equipamento do bom e velho Volvo B.J.17, o lixo. De acordo com o Protocolo de Brasília, este carro aéreo devia ter sido equipado com água, ar e alimentos de reserva, um estojo de primeiros socorros classe dois, instalações sanitárias mínimas e macacões pressurizados de emergência (UN-SN especificação 10007A) para a capacidade máxima (quatro, incluindo o piloto).

Bill passou seu tempo livre limpando as vigias e tudo em volta, usando lenços de papel retirados do porta-luvas — a peruca de Naomi sobrevivera sem danos. Mas ele quase estourou a bexiga antes de tomar coragem de me perguntar o que fazer. Neste caso, tive que lhe ensinar como usar um balão... uma vez que as "instalações sanitárias mínimas" acabaram por ser um pequeno embrulho dos primitivos quebra-galhos e um panfleto explicando como usá-los, se obrigados.

Os outros recursos de emergência eram dos mesmos altos padrões.

Havia água em um tanque de dois litros junto ao assento do piloto — quase cheio. Nada de reserva. Mas nada para dar motivo a preocupação, uma vez que não havia ar de reserva e sufocaríamos no ar viciado antes de poder morrer de sede. O exaustor continuava sem funcionar, mas havia um aparelho para operá-lo a mão — tudo, menos a manivela, que estava faltando. Comida? Não vamos brincar a este respeito. Gwen, porém, tinha uma barra de Hershey na bolsa, que partiu em três e distribuiu. Delicioso o chocolate!

Os macacões pressurizados e respectivos capacetes ocupavam a maior parte do

— Saudável?

— Mas é querida. Foi por isso que me casei com você.

— Essa, não! Quando eu calcular o quanto fui insultada e quanto você vai ter que pagar... e pagar, e pagar, pagar! A discussão besta foi interrompida pelo rádio:

— Volvo Bee Jay Seventeen, foi seu o S.O.S.? Câmbio.

— E como!

— Aqui Jinx Henderson, Serviço de Salvamento Chance Feliz, Pressurizado Ossos Secos. O que é que você precisa?

Descrevi nossa situação e dei nossa longitude e latitude. Henderson voltou ao áudio:

— Você arranhou essa sucata com a Budget, não? O que para mim significa que não a alugou, mas comprou-a com um contrato de retrovenda... Conheço bem aqueles ladrões. De modo que agora você é o dono do troço. Certo?

Reconheci que era o proprietário oficial.

— Você pensa em decolar e levá-lo a Hong Kong? Se assim for do que vai precisar?

Pensei uns pensamentos um tanto longos em três segundos.

— Não acho que esta nave esporte possa decolar daqui. Ela precisa de revisão geral.

— O que significa levá-la por terra a Kong. Certo, posso fazer isso. Uma longa viagem, um trabalho grande. Enquanto isso, resgate pessoal, duas pessoas... certo?

— Três.

— Muito bem, três. Está pronto para gravar um contrato? Uma voz de mulher interrompeu-o:

— Pare bem aí, Jinx. Bee Jay Seventeen, fala aqui Maggie Snodgrass, Operadora Chefe Gerente-Geral da Equipe Diabo Vermelho de Incêndio, Policial e Salvamento, Pressurizado Nariz Quebrado. Não faça nada até ouvir minhas condições... porque Jinx está pensando em esfolá-lo.

— Oi, Maggie! Como vai, Joel?

— Macio como seda e mais safado do que nunca. Como vai Ingrid?

— Mais bonita do que nunca e com outro no forno.

— Que bom pra você! Parabéns! Para quando ela está esperando?

— Natal, talvez Ano-novo, tanto quanto a gente pode calcular.

— Estou pensando em dar uma passada por aí para visitá-la. Agora, você vai cair

fora e deixar que eu trate honestamente com esse cavalheiro? Ou vou encher de buraco sua cabine e deixar escapar todo o ar? Sim, vi você subindo a elevação... Comecei no mesmo momento que você, logo que Marcy deu a localização. Eu disse a Joel: "Este território é nosso... mas aquele patife mentiroso Jinx vai tentar roubá-lo bem embaixo de meu nariz" — e você não me decepcionou, rapaz, está aqui.

— E pensando em ficar, Maggie — e inteiramente disposto a lançar um lembretezinho não-nuclear no seu caminho, se você não se comportar. Você conhece as regras: nada na superfície pertence a ninguém... a menos que o cara esteja sentado em cima da coisa... ou estabeleça pressurização em cima ou embaixo da coisa.

— Essa é sua idéia de regra, não a minha. Isso é trambique daqueles advogados de Luna City... e eles não falam por mim e nunca falaram. Agora, vamos mudar para o canal 4 — a menos que queira que todo mundo em Kong ouça você implorar piedade e exalar seu último suspiro.

— Canal 4, então, Maggie, seu velho intestino cheio de gases.

— Canal 4 Quem foi que você contratou para fabricar aquele bebê, Jinx? Se fosse um cara sério em matéria de resgate, estaria aqui com um transportador, como eu... e não com seu calhambeque rolador.

Eu sintonizara para o canal 4 quando eles fizeram isso. Nesse momento, fiquei calado. Ambos apareceram no horizonte mais ou menos no mesmo momento, Maggie vindo do sudoeste e Jinx do noroeste. Uma vez que tínhamos caído com a vigia principal orientada para o oeste, podíamos vê-los facilmente. O caminhão rolador (tinha que ser Henderson, pela conversa) estava a noroeste e um pouco mais perto. Exibia o que parecia um reparo de bazuca montado bem em frente da cabine. O transportador era um veículo muito comprido, com lagartas em cada extremidade e um guincho de serviço pesado montado à ré. Não vi nenhuma bazuca nele, mas de fato vi o que poderia ser um Browning 2.54 semi-automático.

— Maggie, eu corri para aqui no rolador por razões humanitárias... uma coisa que você não compreenderia. Mas meu filho Wolf está vindo com meu transportador, com a irmã Gretchen guardando a torreta. Devem chegar logo. Ligo para eles e digo para voltarem para casa? Ou que corram para aqui e vinguem o papai?

— Jinx, você não pensou realmente que eu ia abrir a tiros buracos em sua cabine, pensou?

— Pensei, Maggie, penso com toda sinceridade que você faria isso. O que apenas me dá tempo de botar um obus embaixo de suas lagartas, que é para onde estou apontando neste exato instante. Um morto apertando o gatilho. Com o que eu

estaria morto... e você aí, incapaz de se mover, simplesmente para ver o que meus meninos fariam com a parte que fez isso com o paizinho deles... meu canhão de torreta tendo três vezes o alcance de sua espingarda de matar passarinhos. Que foi o motivo por que o arranjei... depois que Howie morreu por acaso.

— Jinx, você está tentando me escandalizar com essa velha história? Howie era meu *sócio*. Você devia ter vergonha.

— Não estou acusando você de coisa nenhuma, querida. Estou sendo apenas cauteloso. O que é que me diz? Espero por seus filhos e fico com tudo? Ou dividimos, direito e bonitinho?

Eu simplesmente desejei que esses entusiásticos empresários acabassem logo com aquilo. A nossa luz de pressão de ar piscou vermelha e eu estava sentindo uma tonteira. Acho que quando rolamos pelo chão ocorreu um pequeno furo. Lutei entre a necessidade de dizer a eles que se apressassem e a compreensão de que minha má posição de barganha cairia a zero, ou mesmo menos, se fizesse isso.

Pensativa, disse a Sra. Snodgrass:

— Bem Jinx, não faz sentido levar essa sucata à sua pressurizada — fica ao norte da minha — quando é uns 30 quilômetros mais perto levá-la a Kong passando pelo meu território — ao sul do seu. Certo?

— Simples aritmética, Maggie. E eu tenho espaço de sobra neste calhambeque para mais três... e não tenho certeza de que você pudesse receber mais três, mesmo que os empilhasse como panquecas.

— Eu poderia dar um jeito neles, mas reconheço que você tem mais espaço. Muito bem, você pega os três refugiados e esfolta-os até o ponto em que sua consciência permitir... e eu pego esta sucata e resgato o que puder dela, se é que há alguma coisa.

— Oh, não, Maggie! Você é generosa demais. Eu não ia querer passar a perna em você. Dividimos ao meio. No papel. Confirmado.

— Ora, Jinx, você pensa que eu ia enganar você?

— Não vamos discutir isso, Maggie. Só causaria sofrimento. Essa nave esporte não está abandonada. O dono está dentro dela neste exato minuto. Antes de poder movê-lo, você precisa de autorização escrita... com base em um contrato registrado. Se você não quiser ser razoável, ele pode esperar lá pelo meu transportador e não deixar nem por um momento sua propriedade. Nada de salvamento, apenas reboque de aluguel... além de transporte gratuito para o dono e seus convidados.

— Senhor, quem quer que seja, não deixe que Jinx o engane. Ele o leva e sua

nave à pressurizada dele e descasca-o como se fosse uma cebola, até que nada sobre de você, senão o cheiro. Eu lhe ofereço agora mesmo mil coroas, dinheiro vivo, por essa sucata de metal onde está sentado.

Henderson reagiu:

— Duas mil e eu o levo à pressurizada. Não deixe que ela o engane. Há mais salvados do que ela está oferecendo apenas no seu computador.

Fiquei calado enquanto os dois vampiros resolviam como iam nos sangrar. Finalmente, quando concordaram, eu concordei... apenas com uma resistência nominal. Objetei que o preço subira e que era alto demais. A Sra. Snodgrass foi dura:

— Pegue ou se vire. Henderson reforçou:

— Eu não saí de uma cama quente para perder dinheiro. Topei.

E assim vestimos aqueles trajes idiotas, gastos de tanta prateleira, tão rígidos como uma cesta de vime. Gwen protestou dizendo que a Árvore-San não podia ser exposta ao vácuo. Respondi que calasse a boca e não fosse idiota. Alguns momentos de exposição ao vácuo não iam matar a pequena criatura — e o ar havia se acabado, de modo que não havia opção. Neste caso, ela ia carregá-la. Depois, deixou que Bill carregasse. Ela se ocupou com outra coisa — comigo.

Entendam, não posso usar um traje pressurizado que não tenha sido feito especialmente para mim... enquanto uso meu pé artificial. De modo que tive que tirá-lo. E por isso tive que saltitar. Quanto a isto, tudo bem, estou acostumado a saltitar e a um sexto de gravidade saltitar não é problema. Mas Gwen tinha que cuidar de mim.

E assim fomos — Bill à frente com a Árvore-San, sob instruções de Gwen de entrar logo no veículo e conseguir um pouco de água com o Sr. Henderson para molhar a planta, e logo atrás Gwen e eu, andando como se fôssemos gêmeos siameses. Ela levava a maleta com a mão esquerda e envolvia com o braço direito minha cintura. Eu pendurara o pé artificial no ombro, usava a bengala, saltitava e me equilibrava com o braço esquerdo em volta dos ombros dela. De que modo poderia lhe dizer que teria ficado mais equilibrado sem a ajuda dela? Mantive fechada minha bocona e deixei que ela me ajudasse.

O Sr. Henderson abriu a cabine, selou-a hermeticamente e em seguida abriu generosamente a garrafa de ar — ele estivera trabalhando no vácuo, usando traje pressurizado. Apreciei devidamente este dispendioso gasto da mistura de ar — oxigênio extraído laboriosamente de rochas lunares e nitrogênio trazido desde a Terra — até que a vi no dia seguinte em minha conta a preço inflacionado.

Henderson demorou-se para ajudar Maggie a içar a velha B.J. 17 para o

transporte, enquanto ela cuidava dos controles das lagartas. Em seguida, levounos para a Pressurizada Ossos Secos. Passei parte do tempo da viagem calculando o quanto aquilo me custara. Eu tivera que vender a nave, tudo nela — líquido por pouco menos de 27 mil coroas. Pagara três mil por cabeça pelo nosso salvamento, com um desconto para oito mil por cortesia... mais 500 cada por cama e café da manhã... mais (soube depois) 1.800 no dia seguinte para que ele nos levasse à Pressurizada Dragão Feliz, o lugar mais próximo de onde poderíamos pegar um ônibus rolador para Hong Kong Luna.

Em Luna é mais barato morrer.

Ainda assim, sentia-me feliz em estar vivo, a qualquer preço. Eu tinha Gwen e dinheiro é um troço que a gente sempre pode ganhar mais.

Ingrid Henderson era uma dona-de-casa muito graciosa — sorridente, bonita, gordinha (evidentemente esperando bebê). Recebeu-nos calorosamente, acordou a filha, transferiu-a para o quarto deles, colocou-nos no quarto de Gretchen, alojou Bill no de Wolf — ponto em que compreendi que as ameaças de Jinx a Maggie não tinham apoio na força... e compreendi também que isso não era de minha conta.

A dona-de-casa desejou-nos boa-noite, disse-nos que a luz no refrigerador seria deixada acesa para o caso de... e saiu. Olhei no relógio antes de desligar a luz.

Vinte e quatro horas antes, um estranho e arrogante Schultz se sentara à minha mesa.

LIVRO DOIS

Arma Letal

XI

"Deus querido, dai-me castidade e autocontrole... mas ainda não, oh, Deus, ainda não!"

Santo Agostinho, A.D. 354-430

Aquela droga de fez!

Esse chapéu idiota e falso oriental fora 50% do disfarce que me salvara a vida. Mas, tendo-o usado, a coisa friamente pragmática a fazer teria sido destruí-lo.

Não fiz isso. Eu me sentia contrafeito em usá-lo, em primeiro lugar porque não sou nenhum tipo de maçom, e muito menos um Shriner, e em segunda porque não era meu. Fora roubado.

A gente pode roubar um trono, o resgate de um rei ou uma princesa marciana e ainda se sentir eufórico com a façanha. Mas um chapéu? Roubar um chapéu era ainda menos que desprezível. Bem, não raciocinei assim. Eu simplesmente me sentia contrafeito no que interessava ao Sr. Clayton Rassmussen (o nome que encontrei gravado no fez) e tencionava devolver-lhe o imaginoso enfeite de cabeça. Algum dia... de alguma maneira... quando pudesse fazer isso... quando a chuva parasse...

Deixando o *habitat* Regra de Ouro, eu o enfiara sob o cinto e o esquecera. Após o pouso em Luna, quando me soltei da cadeira, o fez caíra para o teto. Eu nem notara. Quando íamos vestindo aqueles trajes espaciais ventilados, Gwen pegou-o e me deu. Enfie-o na parte fronteira de meu traje e fechei o zíper.

Quando chegamos à casa dos Henderson na Pressurizada Ossos Secos e nos mostraram onde íamos dormir, despi-me tão sonolento que quase nem soube o que estava fazendo. Acho que o fez caiu nessa ocasião. Não sei. Simplesmente me aninhei contra Gwen e adormeci imediatamente — e passei minha noite de núpcias em oito horas de sono ininterrupto.

Acho que minha nova esposa dormiu também como uma pedra. Não tinha importância — havíamos feito uma grande sessão de treinamento na noite anterior.

À mesa do café da manhã, Bill entregou-me o tal fez.

— Senador, o senhor deixou cair o chapéu no chão do refrescador.

À mesa estavam também Gwen, os Henderson — Ingrid, Jinx, Gretchen, Wolf — e dois pensionistas, Eloise e Ace, além de três crianças pequenas. A ocasião era boa para que eu fizesse uma brilhante improvisação que explicasse a posse daquele chapéu engraçado. Mas o que eu disse foi:

— Obrigado, Bill.

Jinx e Ace trocaram olhares. Em seguida, Jinx me fez sinais de reconhecimentos maçônicos.

Era isso que eu devia ter suposto que eram. Na ocasião, pensei simplesmente que ele estava se coçando. Afinal de contas todos os lunáticos se coçam porque todos eles têm coceiras. Não podem evitar isso — não há banhos suficientes, não há água suficiente.

Jinx me procurou após o café. Disse:

— Nobre... Respondi:

— Ahn? (Resposta rápida!)

— Não pude deixar de notar que o senhor declinou de me reconhecer à mesa. A Ace notou isso, também. Está por acaso pensando que o trato que fizemos ontem não foi no nível e dentro do esquadro?

(Jinx, você me tirou o couro, me deixou de tanga,)

— Ora, nada disso. Não estou me queixando. (Negócio é negócio, seu safado. Bom cabrito não berra.)

— Tem certeza? Eu nunca enganei um irmão de loja — ou um estranho, por falar nisso. Mas dedico um cuidado especial a qualquer um de meu próprio sangue. Se acha que pagou demais pelo salvamento, então pague o que achar que é certo. Ou não pague nada.

E acrescentou:

— Embora eu não possa falar por Maggie Snodgrass, ela fará um ajuste comigo, e será honesto. Não há nada de mesquinho em Maggie. Mas não espere que aqueles salvados dêem um líquido muito bom. Ou talvez dê até prejuízo quando ela o vender porque... Sabe onde a Budget arranja a sucata que vende, não?

Confessei minha ignorância. Ele acrescentou:

— Todos os anos, as empresas de aluguel, de qualidade, como a Hertz e a Interplanet, vendem seus carros usados. Os bons são comprados por pessoas privadas, principalmente lunarianos. O resto vai para as revendedoras de segunda mão. A Budget Jets compra o que sobra a preços de ferro-velho, por uma ninharia. Reformam a sucata em suas oficinas nas proximidades de Loonie City, conseguindo talvez montar duas naves por três que compra e depois vende como sucata o que sobra. Aquele calhambeque que o deixou na mão — a companhia lhe cobrou o preço de lista, 26 mil... mas se a Budget teve mesmo até cinco mil empastado na coisa, eu lhe dou a diferença e lhe pago um drinque, e isto é a verdade.

Olhou-me e continuou:

— Agora, Maggie vai recondiçaná-lo novamente, mas os reparos dela serão

honestos e o trabalho garantido, e ela o venderá como a coisa é... um veículo usado, reformado, não novo. Talvez dê uns 10 mil, bruto. Depois de descontada uma parte justa por sobressalentes e mão-de-obra, se o líquido que ela dividir comigo chegar a mais de três mil, ficarei muito espantado — e pode ser um prejuízo líquido. Isto é um jogo.

Contei um bocado de mentiras sinceras e consegui (acho) convencer Jinx de que não éramos irmãos de loja, que eu não ia pedir desconto em nada e que obtivera aquele fez por acidente, no último minuto — encontrara-o no Volvo quando o alugara.

(Suposição implícita: o Sr. Rassmussen alugara aquela carroça em Luna City e deixara o chapéu nela quando entregara o Volvo na Regra de Ouro 1.)

Acrescentei que o nome do dono estava no fez e que tencionava devolvê-lo a ele.

Jinx perguntou:

— Tem o endereço dele?

Reconheci que não tinha — apenas o nome de seu templo, bordado no fez. Jinx estendeu a mão.

— Passe pra cá. Posso lhe poupar este trabalho... e a despesa de enviar um embrulho de volta a Terra.

— Como?

— Acontece que conheço um cara que vai de ônibus lunar a Luna City no sábado. A convenção dos Nobres termina no domingo, logo depois de eles inaugurarem o Hospital de Crianças Aleijadas e Mentalmente Retardadas de Luna City. Haverá uma barraca de objetos perdidos e achados no centro de convenções, sempre há. Uma vez que o nome dele está no chapéu, farão com que chegue às mãos dele... antes da noite de sábado, porque essa é a noite do concurso de evoluções em grupo... e sabem que um membro de um grupo de evoluções — se ele for — sem o seu fez está tão nu como uma garçonete de bar sem biquíni.

Entreguei-lhe o chapéu vermelho. E pensei que seria o fim da coisa.

Mais aborrecimentos antes de podermos iniciar a viagem para o Pressurizado Dragão Feliz — não havia trajes pressurizados. Ou como disse Jinx:

— Na noite passada, concordei em que usassem essas peneiras cheias de furos porque era tudo ou nada — era arriscar ou deixar que vocês morressem. Hoje, poderemos usá-las da mesma maneira — ou trazer mesmo o calhambeque para o hangar e fazer vocês entrarem sem usar os trajes. Claro, isso gastaria um volume imenso de ar. Em seguida, fazer a mesma coisa no outro lado... com um custo ainda maior de ar porque o hangar deles é maior.

Eu disse que pagaria. (Não sei como poderia evitar isso.)

— Esta não é a questão. A noite passada vocês ficaram na cabine durante vinte minutos... e foi preciso uma garrafa inteira para mantê-los respirando. Em fins da noite passada, o sol estava apenas nascendo; esta manhã ele está cinco graus alto. Os raios do sol vão bater num dos lados do veículo o tempo todo até o Dragão Feliz. Oh, Gretchen vai dirigir pela sombra o máximo que puder. Nós não criamos aqui crianças estúpidas. Mas o ar que houvesse dentro da cabine esquentaria, se dilataria e continuaria a sair pelas rachaduras. De modo que a operação normal consiste em pressurizar seu traje, mas não a cabine, e usar esta apenas como sombra.

Após uma pequena pausa, continuou:

— Bem, não vou lhe mentir. Se eu tivesse trajes para vender, insistiria em que comprasse três novos. Mas não tenho nenhum. Ninguém neste pressurizado tem trajes para vender. Nós somos menos de 150 e eu saberia. Compramos trajes em Kong e é isso o que vocês devem fazer.

— Mas eu não estou *em* Kong.

Há mais de cinco anos que eu não possuía um traje pressurizado. Na maior parte, os habitantes permanentes do Regra de Ouro não os possuem. Não precisam deles, não saem de lá. Claro, há muita gente do pessoal administrativo e turmas de manutenção que mantêm sempre trajes de prontidão, da mesma maneira que bostonianos têm suas galochas. O habitante comum, porém, idoso e rico, não as tem e nem saberia como usá-las.

Os lunarianos são diferentes. Mesmo hoje, tendo Luna City mais de um milhão e tanto- de moradores, e alguns que raramente saem de seus limites, todo lunariano tem seu traje pressurizado. Até mesmo os habitantes dessa grande cidade sabem, desde criancinhas, que esse pressurizado seguro, quente, bem-iluminado, pode ser furado — por um meteoro, uma bomba, um terrorista, um terremoto ou alguma calamidade imprevisível.

Se ele é um tipo pioneiro, como Jinx, está tão acostumado ao traje como um mineiro do cinturão de asteróides. Jinx nem mesmo cultivava sua fazenda pessoal dentro do túnel: isto cabia ao resto da família. Habitualmente ele trabalha fora, em traje pressurizado, como mecânico de construção pesada. O Resgate Feliz era apenas uma de suas dezenas de ocupações. Ele era também a Companhia de Gelo de Ossos Secos, Companhia de Transportes Terrestres Henderson, John Henry, Empreiteiros de Solda, Perfurações e Construções — basta dizer o quê e Jinx inventaria a companhia correspondente.

(Havia também a Loja Ingrid de Pechinchas, que vendia tudo, de aço estrutural a biscoitos caseiros. Mas não trajes pressurizados.)

Jinx bolou uma maneira de nos levar ao Dragão Feliz: Ingrid e Gwen eram mais ou menos do mesmo corpo, exceto que a primeira estava temporariamente distendida no equador. Possuía um traje pressurizado de gravidez, com cintura que podia ser alargada. Possuía também um traje convencional que usava quando não estava grávida, e no qual não podia entrar nessa ocasião — mas Gwen podia.

Jinx e eu tínhamos mais ou menos a mesma altura e ele possuía dois trajes, ambos de primeira qualidade, fabricação Goodrich Luna. Notei que ele estava tão disposto a emprestá-lo como um carpinteiro em emprestar suas ferramentas. Mas também trabalhava sob pressão para bolar alguma coisa, ou teria que nos agüentar como hóspedes pagantes... e depois como não-pagantes quando nosso dinheiro acabasse. E na realidade não dispunha de acomodações para nós, mesmo que pagássemos.

Passava das 10h na manhã seguinte quando vestimos nossos trajes pressurizados e subimos para o rolador — eu usando o segundo melhor de Jinx, Gwen no traje de não-gravidez de Ingrid e Bill em uma antigüidade restaurada que pertencera ao fundador do Pressurizado Ossos Secos, um certo Sr. Soupie McClanaham, que chegara à Lua há muito, muito tempo, na qualidade de hóspede involuntário do governo.

O plano era que conseguíssemos trajes de empréstimos no Pressurizado Dragão Feliz, que usaríamos até HKL, enviando-os de volta pelo ônibus de carreira, enquanto Gretchen levaria estes de volta ao pai quando nos deixasse em nosso atual destino. No dia seguinte, estaríamos em Hong Kong Luna, onde poderíamos comprar trajes que atendessem às nossas necessidades.

Falei com Jinx a respeito do pagamento. Quase pude ouvir os números estalando dentro de seu crânio. Finalmente, ele disse:

— Senador, vou-lhe dizer o que vamos fazer. Aqueles trajes que vieram com sua sucata, bem, eles não valem grande coisa. Mas há alguns salvados nos capacetes e nas guarnições de metal. Mande-me de volta meus três trajes no estado em que os recebeu e ficaremos quites. Se também pensa assim.

Claro que pensei. Aqueles trajes Michelin tinham sido ótimos... 20 anos antes. Rara mim, neste momento, nada valiam...

Restava apenas um problema — a Árvore-San.

Eu pensara que teria de ser firme com minha esposa — intenção esta nem sempre exequível. Mas descobri que enquanto Jinx e eu estiváramos resolvendo o que fazer a respeito dos trajes de pressão, Gwen estivera trabalhando no que fazer a respeito da Árvore-San... com Ace.

Não tenho motivo para pensar que Gwen seduziu *Ace*. Mas tenho certeza de que Eloise assim pensou. Não obstante, lunarianos têm lá seus costumes sobre sexo desde os dias em que homens superavam mulheres na proporção de seis a um. Segundo os costumes lunarianos, todas as opções em questões sexuais cabem às mulheres — nenhuma aos homens. Eloise não pareceu zangada, apenas divertida — o que tirou o assunto de minha alçada.

De qualquer modo, *Ace* arranjou um balão de borracha de silicone, que abriu num dos lados, e por ele introduziu a Árvore San, com vaso e tudo, e em seguida fechou-o com aplicação de calor — acrescentando um apêndice contendo uma garrafa de ar de um litro. Não cobrou nada, nem mesmo pela garrafa. Ofereci-me para pagar, mas *Ace* simplesmente sorriu largamente e Gwen sacudiu a cabeça. De modo que não sei. E não quero perguntar.

Ingrid despediu-se de nós com beijos, fez-nos prometer que voltaríamos. Isto parecia improvável. Mas era uma boa idéia.

Gretchen fez perguntas durante toda a viagem e em nenhum instante pareceu observar o caminho por onde dirigia o veículo. Era uma loura de covinhas e trancas, alguns centímetros mais alta que a mãe, mas ainda revestida de gordura infantil. Ficou muito impressionada com nossas viagens. Ela mesma fora a Hong Kong Luna duas vezes e uma vez até Novylen, onde as pessoas falam de modo engraçado. No próximo ano, quando completasse 14 anos, iria a Luna City e daria uma olhada nos rapazes — e talvez trouxesse um para casa como marido.

— Mamãe não quer que eu tenha bebê com ninguém em Ossos Secos, e nem mesmo de Dragão Feliz. Diz que é um dever meu com meus filhos procurar conseguir alguns genes novos. Sabe o que quer dizer isso? Genes novos, quero dizer.

Gwen garantiu-lhe que de fato sabia o que era isso e que concordava com Ingrid. Casar fora do grupo era uma política válida e necessária. Não fiz comentário, mas concordei: 150 pessoas não constituem um número suficiente para prover um bom reservatório de genes.

— Foi assim que mamãe pegou papai. Foi procurá-lo. Papai nasceu no Arizona. Isso é uma parte da Suécia que fica na Terra. Veio para Luna como subempreiteiro da Picardy Transmutation Plant, mamãe o fisionou em um baile de máscaras, deu a ele nosso nome de família quando teve certeza — quero dizer, sobre Wolf —, levou-o para Ossos Secos e botou um negócio para ele.

Sorriu, cheia de covinhas. Estávamos conversando através dos aparelhos de rádio de nossos trajes e pude ver-lhe as covinhas pelo capacete graças a uma feliz mudança de luz.

— E eu vou fazer a mesma coisa com meu homem, usando a quota de minha família. Mamãe, porém, disse que não devo agarrar o primeiro rapaz que esteja querendo — como se eu fosse fazer isso! — e não me apressar nem me preocupar mesmo que fique uma velha solteirona de 18 anos. E não vou. Ele tem que ser um bom homem, como papai.

Com meus botões, pensei que ela poderia ter que procurar muito. Jinx Henderson, *née* John Black Eagle, é um homem e tanto.

Quando divisamos finalmente o pátio de estacionamento de Dragão Feliz já era quase noite — em Istambul, quero dizer, como qualquer um podia ver, bastando olhar. A Terra estava quase diretamente ao sul de nós e bem alta no céu, uns 60 graus. Sua linha de iluminação cruzava o deserto a partir do norte da África e subia pelas Ilhas Gregas e Turquia. O sol estava ainda baixo no céu, nove ou dez graus, e subindo. Haveria quase 14 dias mais de luz solar no Dragão Feliz antes da longa noite seguinte. Perguntei a Gretchen se ela tencionava voltar imediatamente.

— Oh, não — garantiu-me ela. — Mamãe não ia gostar disso. Vou passar a noite aqui — há roupas de cama lá atrás — e voltarei descansada amanhã. Depois que vocês, gentes, pegarem o ônibus.

— Isto não é necessário, Gretchen — respondi. — Logo que tirarmos estes trajes de pressão poderemos devolvê-los a você, e assim não há razão para esperar.

— Sr. Richard, está doido para que eu leve uma surra?

— Você? "Uma surra?" Ora, seu pai não faria uma coisa dessas. Com *ocê*? Quase uma mulher feita!

— Você bem que poderia dizer isso a mamãe. Papai, não me bateria, ele não faz isso há anos, muitos anos. Mamãe, porém, diz que sou candidata até o dia em que casar. Mamãe é uma peste, descendente direta de Hazel Stone. Ela disse: "Gret, veja esse negócio dos trajes deles. Leve-os a Charlie para que eles não sejam enganados. Se ele não puder fornecê-los, deixe que usem os nossos até Kong e combine com Lilybet para ir buscar os nossos mais tarde. E é melhor também que os veja tomar o ônibus".

— Mas Gretchen — lembrou Gwen —, seu pai nos avisou que o ônibus não parte até completar a lotação. Isto poderia demorar um dia ou dois. Mesmo vários dias. Gretchen soltou uma risadinha.

— Isso não seria horrível? Eu ganharia umas férias. Nada pra fazer senão ver de novo capítulos atrasados de *O Outro Marido de Sylvia*. Todo mundo com pena de Gretchen! Sra. Gwen, a senhora pode ligar para mamãe neste exato minuto, se quiser... mas eu tenho instruções terminantes.

Gwen calou-se, aparentemente convencida. Paramos a uns 50 metros da câmara pneumática de Dragão Feliz, instalada na vertente de uma colina. Dragão Feliz se situa nos sopés meridionais das Cordilheiras Caucasus, 32 graus 27 minutos norte. Esperei, apoiado sobre um pé e segurando-me na bengala, enquanto Bill e Gwen davam ajuda desnecessária a uma mocinha altamente eficiente na armação de um toldo inclinado para manter o rolator fora da luz solar direta nas 24 horas seguintes, mais ou menos.

Gretchen ligou em seguida para a mãe pelo rádio do veículo, comunicou nossa chegada e prometeu voltar a falar pela manhã. Passamos pela câmara pneumática, Gwen levando a maleta e a bolsa e me amparando, Bill carregando a Árvore-San e um embrulho com a peruca de Naomi, e Gretchen arrastando um volumoso saco de roupas de cama. Uma vez do outro lado, ajudamo-nos uns aos outros a tirar os trajes pressurizados. Recoloquei meu pé no lugar enquanto Gretchen pendurava meu traje no dela, e Bill e Gwen faziam o mesmo com os seus em longos cabides em frente à câmara.

Gwen e Bill apanharam seus fardos e dirigiram-se para o refrescador público à direita da câmara. Gretchen virou-se para segui-los, quando eu a detive.

— Gretchen, não seria melhor eu esperar aqui até que vocês três voltassem?

— Para quê, senhor senador?

— O traje de seu pai é valioso e também o que a Sra. Gwen esteve usando. Talvez todos aqui sejam honestos... mas os trajes não são meus.

— Oh. Talvez todos aqui *sejam* honestos, mas não confie nisso. Ou é isso o que papai diz. Eu não deixaria abandonada aquela linda arvorezinha, mas nunca se preocupe com um traje pressurizado: ninguém jamais toca no traje de outro lunariano. Eliminação automática na câmara pneumática mais próxima. Nada de desculpas ou justificativas.

— Simples assim, ahn?

— Sim, senhor. Apenas, não acontece porque todos sabem que isso não se faz. Mas sei de um caso, que aconteceu antes de eu nascer. Um cara novo, talvez ele não soubesse que isso não se faz. Mas nunca mais fez porque um grupo foi atrás dele e trouxe de volta o traje pressurizado, mas não ele. Deixaram-no simplesmente para secar nas pedras. Eu o vi, o que sobrou dele. Horrível. — Enrugou o nariz e depois encheu-se de co-vinhas. — Agora, pode me dar licença, senhor? Estou para molhar minha calcinha.

— Desculpe!

(Sou um estúpido. A instalação hidráulica em um traje pressurizado de homem é adequada, embora apenas isso. Mas o que os grandes cérebros inventaram para as mulheres não é. Tenho forte impressão que a maioria das mulheres prefere

agüentar um grande desconforto a usá-lo. Certa vez ouvi uma delas referir-se depreciativamente à coisa como "a caixa de areia".)

À porta do refrigerador, encontrei minha esposa à espera. Ela me estendeu meia coroa.

— Não tinha certeza se você tinha uma moeda, querido.

— Ahn?

— Para o refrigerador. Já providenciei o ar. Gretchen pagou nosso consumo de um dia e eu paguei a ela. Estamos de volta à civilização, querido... Nada de almoço gratuito.

Nem nada gratuito. Agradei.

Convidei Gretchen para jantar conosco. Respondeu:

— Obrigado senhor, aceito. Mamãe disse que eu podia aceitar. Mas por ora o senhor não se contentaria com sorvete em casquinha? Mamãe me deu dinheiro para que eu pudesse oferecê-lo aos senhores. Porque há várias coisas que temos que fazer antes do jantar.

— Mas claro. Estamos em suas mãos, Gretchen. Você é a veterana. Nós somos os jecas.

— O que é um "jeca"?

— Um cara novo por aqui.

— Oh. Em primeiro lugar, temos que ir ao túnel Sonhos Tranqüilos e estender nossas roupas de cama, a fim de marcar nossos lugares para que todos possamos dormir juntos. — Ponto em que descobri por que as roupas de cama de Gretchen eram tão volumosas. Mais uma vez, o espírito de previsão da mãe. — Mas antes disso é melhor dar nossos nomes a Lilybet para reservar lugares no ônibus... e, antes disso, vamos pegar aqueles sorvetes em casquinha, se estão com tanta fome como eu. Depois, a última coisa antes do jantar, a gente deve ir falar com Charlie sobre os trajes pressurizados.

O sorvete de casquinha estava à mão, no mesmo túnel que os cabides: duas bolas borodin com guarnição, servido pela própria Kelly Borodin, que me ofereceu ainda à venda (além dos generosos sorvetes) revistas usadas da Terra, revistas quase sem uso de Luna City e Tycho Subsolo, balas, bilhetes de loteria, horóscopos, o *Lunaya Pravda* e o *Luna City Lunatic*, postais (autênticas imitações Hallmark), comprimidos garantidos para restaurar a virilidade e uma cura certa para ressaca, fabricada segundo antiga fórmula cigana. Em seguida, ofereceu-se para disputar nos dados o pagamento em dobro ou nada pelos sorvetes. Gretchen captou meu olhar e sacudiu de leve a cabeça.

Saindo dali, ela me disse:

— Kelly tem duas pares de dados, um para estranhos e outro para gente que conhece. Mas ela não sabe que eu sei disso. O senhor pagou o sorvete... e agora, se não deixar que eu retribua, vou levar aquela surra. Porque mamãe vai me perguntar e eu vou ter que contar a ela.

Pensei no caso.

— Gretchen, é difícil para mim acreditar que sua mãe lhe dê uma surra por alguma coisa que eu fiz.

— Oh, mas ela daria, senhor! Vai dizer que eu devia ter estado com o dinheiro à mão. E devia, mesmo.

— E ela bate mesmo com força? No bumbum, sem nada?

— Oh, Deus, bate, sim! Brutal.

— Isto é um pensamento intrigante. Seu pequeno bumbum ficando vermelho enquanto você chora.

— Eu não choro! Bem, não demais.

— Richard.

— Sim, Gwen?

— Pare com isso.

— Agora, ouça bem, mulher. Não interfira em minhas relações com outra mulher. Eu...

— Richard!

— Disse alguma coisa, querida?

— Mamãe *bate*.

Aceitei de Gretchen o pagamento dos sorvetes de casquinha. É, ela manda em mim.

A tabuleta dizia:

*COMPANHIA DE ÔNIBUS APOCALIPSE
E O SEGUNDO ADVENTO
Viagens Regulares para Hong Kong Luna
Lotação Mínima — doze (12) passageiros
Afretamento para qualquer lugar, por hora
Próxima viagem para HKL não antes
de amanhã, ao meio-dia, 3 de julho*

Sentada sob a tabuleta, balançando-se em uma cadeira e tricotando, uma negra

idosa. Gretchen cumprimentou-a:

— Como vai, tia Lily bet?

Ela ergueu os olhos, pôs o tricô no colo e sorriu.

— Gretchen, doçura! Como vai sua mamãe, querida?

— Muito bem. Engordando a cada dia. Tia Lily bet, quero que conheça meus amigos, o senhor senador Richard, Sra. Gwen e Sr. Bill. Eles precisam ir com você a Kong.

— Prazer em conhecê-los, amigos, e será uma satisfação levá-los a Kong. Penso em viajar amanhã ao meio-dia, uma vez que, com vocês, tenho já 10 passageiros, e se não conseguir mais dois até o meio-dia, é possível completar com carga. Tudo bem?

Garanti a ela que sim, que estaríamos ali antes do meio-dia, usando traje pressurizado e prontos para rolar. Gentilmente ela sugeriu pagamento antecipado, observando que havia ainda assentos no lado da sombra, uma vez que alguns passageiros tinham feito reservas mas não pago ainda. De modo que pensei — 1.200 coroas pelos três.

Fomos em seguida para o túnel Sonhos Tranqüilos. Não sei se devo chamá-lo de hotel ou o quê — talvez "albergue" descreva-o melhor. Era um túnel de pouco mais de três metros de largura por uns cinquenta e tantos rocha adentro, onde terminava. O meio e o lado esquerdo do túnel eram uma prateleira de pedra de meio metro acima da passagem à direita. Esta prateleira era disposta em forma de espaços de dormir, marcados por faixas pintadas e por grandes números na parede. O espaço mais perto do corredor tinha o número "50". Cerca de metade dos espaços tinha roupas ou sacos de dormir.

A meio caminho do túnel, à direita, a costureira luz verde indicava onde ficava o refrescador.

À entrada do túnel, sentado a uma mesa e lendo alguma coisa, um cavalheiro chinês, usando um traje fora de moda já na época em que Armstrong dera seu "primeiro e pequeno passo". Usava óculos tão antiquados como a roupa e ele mesmo parecia ser uns 90 anos mais velho que Deus e duas vezes mais sério.

Ao nos aproximarmos, pôs o livro de lado e sorriu para Gretchen.

— Gretchen, que bom vê-la de novo. Como vão seus estimados pais?

Ela respondeu com uma medida e disse:

— Eles vão bem, Dr. Chan, e lhe enviam cumprimentos. Posso lhe apresentar nossos convidados, o senhor senador Richard, a Sra. Gwen e o Sr. Bill?

Ele fez uma curvatura sem se levantar do lugar e apertou mãos consigo mesmo.

— Hóspedes da Casa Henderson são muito bem-vindos à minha casa.

Gwen fez uma mesura, eu, uma curvatura, e o mesmo fez Bill, depois que enfiei um polegar em suas costelas — o que o Dr. Chan notou sem declinar ter notado. Murmurei a formalidade apropriada. Gretchen continuou:

— Gostaríamos de dormir aos seus cuidados hoje à noite, Dr. Chan, se nos aceitar. Se assim, chegamos cedo o suficiente para termos quatro lugares lado a lado?

— Na verdade, sim... porque sua graciosa mãe não me falou antes. Suas camas são de números quatro, três, dois e um.

— Oh, ótimo! Obrigado, vovô Chan.

E assim paguei por três, não por quatro. Não sei se Gretchen pagou ou se tinha conta corrente, ou o quê: não vi dinheiro mudar de mãos. Cinco coroas por pessoa por noite, nenhum custo extra pelo uso do refrescador, mas duas coroas se quiséssemos água para o banho de chuveiro — água sem limite. Sabão, extra — meia coroa.

Terminada a transação, o Dr. Chan perguntou:

— A *bonsai* não precisa de água?

Quase em coro respondemos que sim. O hospedeiro examinou a película de plástico que a envolvia, abriu-a e, com todo cuidado, tirou árvore e vaso. O depósito que havia em sua mesa era uma garrafa d'água. Encheu um cálice e, usando apenas as pontas dos dedos, borrifou-a repetidamente. Enquanto ele fazia isso, dei uma olhada no livro que ele estava lendo. Era *A Marcha dos Dez Mil*, em grego.

Deixamos com ele a Árvore-San e também a maleta de Gwen.

Fizemos a parada seguinte na Churrascaria Jake. Jake era chinês como o Dr. Cham, mas de outra geração e estilo. Recebeu-nos com um:

— Oi, gente. O que é que vai ser? *Hamburgers*? Ovos mexidos? Café ou cerveja?

Gretchen falou-lhe em uma língua tonal — cantonês, acho. Jake pareceu aborrecido e respondeu. Gretchen replicou, no mesmo tom. Trocaram insultos. Finalmente, parecendo revoltado, ele disse:

— Okay, em quarenta minutos... — deu-nos as costas e se afastou.

Gretchen virou-se para nós:

— Venham, por favor. Vamos agora conversar com Charlie Wang sobre os trajes pressurizados.

Enquanto nos afastávamos, ela disse baixinho:

— Ele estava querendo evitar que a gente pedisse os melhores pratos. Dão muito

mais trabalho. Mas a pior discussão foi sobre preço. Jake queria que eu ficasse calada enquanto ele lhes cobraria preços de turistas. Eu disse a ele que se cobrasse mais do que cobra a meu pai, então meu pai, na próxima vez que viesse aqui, lhe cortaria as orelhas e as daria a ele para comer, cruas. Jake sabe que papai faria exatamente isso.

Gretchen sorriu, orgulhosa, e continuou:

— Meu pai é muito respeitado em Dragão Feliz. Quando eu era menina, papai eliminou um vagabundo que tentou explorar uma prostituta daqui, que não quis pagar a ela o que prometera. Todo mundo se lembra disso. As prostitutas de Dragão Feliz fizeram mamãe e eu membros honorários da associação delas.

A tabuleta dizia: Wang Chai-Lee, Trajes sob Medida para Cavalheiros e Senhoras — especialidade em consertos de trajes pressurizados. Gretchen, mais uma vez, apresentou-nos e explicou nossas necessidades. Charlie Wang inclinou a cabeça.

— Viagem de ônibus ao meio-dia? Estejam aqui às 10h30min. Em Kong vocês devolvem os trajes a meu primo Johnny Wang, na Sears Montgomery, departamento de trajes pressurizados. Vou telefonar para ele.

Depois disso voltamos à Churrascaria do Jake. Não era churrasco, nem *chop suey* nem *chowmein* — mas que era uma delícia, era. Comemos até que a comida começou a sair pelo ladrão.

Ao voltarmos ao túnel Sonhos Tranquilos as luzes do alto haviam sido apagadas e muitos dos espaços estavam ocupados por pessoas adormecidas. Uma fita luminosa corria ao lado dos espaços, numa posição que não brilhava no rosto das pessoas adormecidas mas era suficiente para iluminar o caminho de quem andasse por ali. Notei uma luz de leitura à mesa do Dr. Chan, protegida de um lado para não incomodar os que dormiam. Ele parecia estar trabalhando em suas contas, operando um terminal com uma das mãos e um ábaco com a outra. Cumprimentou-nos sem falar; nós murmuramos boa-noite.

Instruídos por Gretchen, preparamo-nos para a cama: dispa-se, dobre suas roupas e coloque-as e os sapatos sob a cabeceira da tralha de cama, como travesseiro. Fiz isso e acrescentei meu pé de cortiça. Mas continuei de cueca, tendo notado que Gwen e Gretchen haviam conservado as calcinhas — e Bill, atrasado, vestiu a sua quando notou o que havíamos feito. Depois, dirigimo-nos todos ao refrescador.

Mas essa homenagem nominal à modéstia não durou: tomamos banho de chuveiro juntos. Havia três homens no refrescador quando entramos, todos nus. Seguimos o preceito antigo: "A nudez é freqüentemente vista mas nunca olhada." E os três homens seguiram rigorosamente a regra: nós não estávamos ali, éramos

invisíveis. (Salvo que, acho, não, tenho certeza, que nenhum homem pode ignorar totalmente Gwen e Gretchen.)

Eu não pude ignorar totalmente Gretchen, nem tentei. Nua, ela parecia anos mais velha e deliciosamente apetitosa. Acho que tinha um bronzado de lâmpada ultravioleta. Sei que tinha covinhas que eu não vira antes. Não vejo necessidade de entrar em detalhes. Todas as mulheres são belas no ponto em que desabrocham em plena feminilidade, e Gretchen tinha a beleza adicional de boas proporções e disposição alegre. Ela poderia ter sido usada para tentar Santo Antônio.

Gwen entregou-me o sabão:

— Muito bem, querido, pode esfregar as costas dela... mas ela mesma pode lavar a parte da frente.

Respondi, cheio de dignidade:

— Não sei do que é que você está falando. Não estou pensando em lavar as costas de ninguém, uma vez que preciso de mão livre para agarrar alguma coisa e manter o equilíbrio. Você se esquece que sou uma futura mãe.

— É mãe, sim, disto não há dúvida.

— Quem é que está chamando quem de mãe? Eu agradeceria se você se mostrasse educada no que diz.

— Richard, isto está descendo até abaixo de minha dignidade. Gretchen, você esfrega as costas dele. Eu servirei de árbitro.

A coisa acabou com todo mundo lavando o que ele/ela podia alcançar — até Bill — e a coisa não foi eficiente, mas que foi engraçado, foi, com um bocado de risadas. Pertenciam ambas a um sexo extremamente oposto e tê-las em volta era divertido.

Às 22h estávamos prontos para a noite, Gretchen junto à parede dos fundos. Gwen ao lado dela, eu e depois Bill. A um sexto de gravidade, uma prateleira de rocha é mais macia do que um colchão de espuma em Iowa. Adormeci rapidamente.

Algum tempo depois — uma hora? duas horas? — acordei com um corpo quente colado ao meu. Murmurei:

— Agora, querida? — Depois, acordei mais um pouco: — Gwen?

— Sou eu, Sr. Richard. O senhor gostaria *realmente* de ver meu bumbum vermelho? E eu chorar?

Tenso, murmurei:

— Doçura, volte para junto da parede.

— Por favor.

— Não, querida.

— Gretchen — disse Gwen baixinho —, volte para seu lugar, querida... antes que acorde os outros. Venha, eu ajudo você a rolar por cima de mim.

Fez isso, pegou a mulher-criança nos braços e lhe falou. Ficaram assim e (acho) dormiram.

Mas eu precisei de muito tempo para fazer o mesmo.

XII

"Somos orgulhosos demais para lutar. "

Woodrow Wilson 1856-1924

"A violência jamais resolve coisa alguma."

Genghis Khan, 1162-1227

"Os ratos votaram para amarrar uma campainha ao pescoço do gato. "

Esopo, c. 620 - c. 560 a.C.

Dar beijo de despedida usando trajes pressurizados é depressivamente anti-séptico. Assim penso eu e acho que Gretchen também pensou o mesmo. Mas foi assim que transcorreu a coisa.

Na noite anterior, Gwen me salvara de "um destino pior do que a morte" e por isso eu estava grato. Bem, moderadamente grato. Certamente um velho caído por uma fêmea que mal chegou à puberdade (Gretchen só faria 13 anos dentro de dois meses) é um espetáculo ridículo, objeto de desprezo de todos aqueles que têm a cabeça no lugar. Mas desde o momento, na noite anterior, em que Gretchen deixara claro para mim que não me considerava tão velho assim, eu estivera me sentindo cada vez mais jovem.

De modo que conste em ata que estou grato. E isto é oficial.

Gwen ficou aliviada, tenho certeza, quando ao meio-dia Gretchen acenou um adeus da cabine do caminhão rolador do pai e nós rolamos para o sul no ônibus rolador de tia Lilybet, o *Valha-me, Jesus*.

O *Valha-me* era muito mais amplo e enfeitado do que o caminhão de Jinx: pintado em cores berrantes com cenas da Terra Santa e trechos da Bíblia. Podia transportar 18 passageiros, além de carga, motorista e guarda — este último em uma torreta bem acima do motorista. Os pneumáticos do ônibus eram imensos, duas vezes a minha altura, muito acima do espaço destinado aos passageiros, cujo piso ficava na altura dos eixos, ou ao nível de minha cabeça. Havia escadas de cada lado para permitir acesso às portas situadas entre os pneumáticos dianteiros e traseiros.

Essas rodas enormes tornavam difícil ver o que havia nos lados. Os lunarianos, porém, não estão muito interessados em paisagens, uma vez que a maior parte é

interessante apenas quando vista de órbita. Do Caucasus às Montanhas Haemus — nossa rota — o fundo do Mare Serenitatis tem seus encantos escondidos. Inteiramente escondidos. Quase todo o terreno é liso como uma panqueca e tão interessante como panquecas frias sem manteiga e mel.

A despeito disto, eu estava satisfeito porque tia Lilybet nos colocara na primeira fila à direita — Gwen à janela, eu junto, e Bill à minha esquerda. Isto significava que podíamos ver tudo o que a motorista via à frente e também um pouco à direita, porque estávamos à frente do eixo dianteiro e portanto podíamos divisar alguma coisa do outro lado do pneumático. Mas nem assim a visão era clara à direita, porque o plástico da janela de pressão era velho, riscado e amarelecido. Mas à frente tia Lilybet levantara sua grande vigia de motorista e a prendera, e a visão era tão clara quanto o permitiam nossos capacetes — excelente, em nosso caso. O equipamento alugado a Charlie Wang aliviava a feroz claridade solar sem interferir na visão, o que acontece também com bons óculos de sol.

Não conversamos muito porque os rádios dos trajes dos passageiros estavam todos ligados em uma frequência comum — e era uma babel, de modo que conservamos os nossos desligados. Gwen e eu podíamos conversar tocando nossos capacetes, mas não com muita facilidade. Eu me divertia tentando seguir o percurso que fazíamos. Nem bússolas magnéticas nem giroscópias são úteis em Luna. O magnetismo aqui (em geral nenhum) significa a presença de uma ocorrência de minério e não uma direção e a revolução da Lua, conquanto exista (uma revolução por mês!), é lenta demais para poder afetar bússolas giroscópicas. Um rastreador por inércia funciona bem, mas um bom é extraordinariamente caro — embora eu não entenda por quê: a arte foi aperfeiçoada há muito tempo para emprego em mísseis teleguiados.

Nessa fase de Luna sempre temos a Terra para servir como baliza de navegação e na metade do tempo também o Sol. As estrelas? Claro, as estrelas estão sempre lá — não há chuva, nem nuvens, *nem amog*. Oh, claro! Escute, tenho boas notícias para qualquer terráqueo que esteja escutando: é mais fácil ver estrelas em Iowa do que em Luna.

Você estará usando um traje pressurizado certo? O capacete tem uma lente e um visor construídos para lhe proteger os olhos — o que equivale a *amog* embutido. Se o Sol está alto, esqueça as estrelas: suas lentes escureceram para lhe proteger os olhos. Se o Sol está ausente, então a Terra está em alguma fase entre cheia e semicheia e o brilho terreno é ofuscante — oito vezes mais superfície refletora com cinco vezes o albedo tornam a Terra pelo menos 40 vezes mais brilhante que a luz da Lua é para ela.

Oh, as estrelas estão lá, nítidas e brilhantes. Luna é um lugar maravilhoso para telescopia astronômica. Mas para *ver* estrelas a olho "nu" (isto é, de dentro do capacete de seu traje pressurizado) procure um ou dois metros de cano de fogão

— poxa!, esqueci, não há fogões em Luna. Assim, utilize uns dois metros de um duto de ar. Olhe através dele; o duto corta o fulgor e as estrelas brilham "como uma boa obra em um mundo perverso".

À minha frente, a Terra já passara um pouco da fase de semicheia. À esquerda, o Sol estava um dia e meio alto, 20 graus ou menos, tornando brilhante o solo do deserto, com longas sombras destacando nada mais que a lisura perfeita, o que tornava o dirigir fácil para tia Lilybet. Segundo o mapa que havia na câmara pneumática do Pressurizado Dragão Feliz, havíamos partido da latitude norte de 32 graus e 27 minutos, com longitude de 6 graus 56 leste, e dirigiamos-nos para 14 graus 11 minutos leste, por 17 graus e 32 minutos norte, ou seja, um lugar próximo a Menelaus. Isto nos dava um curso em geral na direção sul — mais ou menos 25 graus a sudeste, tanto quanto pude ler naquele mapa — e um destino a cerca de 550 quilômetros de distância. Não era de espantar que nosso TEC (tempo estimado de chegada) falasse em 3h da manhã seguinte.

Não havia estrada. Tia Lilybet aparentemente não dispunha de rastreador ou qualquer coisa parecida em matéria de instrumentos de navegação, salvo um odômetro e um velocímetro. Aparentemente, pilotava como se dizia que os comandantes de barcos dos rios de antanho descobriam o caminhos: simplesmente conhecendo a rota. Talvez fosse assim — mas na primeira hora notei outra coisa: havia marcos em toda a rota. Logo que chegávamos a um, víamos outro no horizonte.

Não notara esses marcos na véspera e acho que não os havia. Acho que Gretchen pilotava realmente no estilo Mark Twain. Na verdade penso que tia Lilybet fazia a mesma coisa. Notei também que com grande freqüência ela não se aproximava do marco ao passar por ele. Aqueles indicadores provavelmente haviam sido postos ali para motoristas ocasionais ou para os motoristas de reserva do *Valha-me*.

Comecei a tentar descobri-los, fazendo um jogo disto. Se perdia um, marcava um ponto contra mim. Dois erros seguidos valiam uma "morte" no jogo de "Perdidos na Lua" — algo que acontecera com grande freqüência nos primeiros dias — e ainda acontece hoje. Luna é um lugar amplo, maior que a África, quase tão grande como a Ásia — e cada metro quadrado dela é letal, bastando que se cometa um pequeno erro.

Definição de lunariano: um ser humano, de qualquer cor, tamanho, ou sexo que *nunca* comete um erro onde ele possa prejudicá-lo.

Ao chegar à nossa primeira parada de descanso, eu "morrera" duas vezes, não tendo conseguido descobrir os marcos.

Às 15h 5min, tia Lilybet parou o ônibus e projetou uma transparência que dizia: PONTO DE DESCANSO — 20 MINUTOS — e embaixo: Multa por atraso — Uma Coroa por Minuto.

Nós todos descemos. Bill agarrou o braço de tia Lilybet e encostou seu capacete no dela. Ela começou a se soltar, mas depois escutou. Não tentei dissuadi-lo: vinte minutos não é muito para uma parada de descanso quando isto envolve mexer num traje pressurizado. Claro que a situação torna-se ainda pior para mulheres e leva mais tempo. Tínhamos uma passageira acompanhada de três crianças — e o braço direito de seu traje terminava imediatamente abaixo do cotovelo, em um gancho. Como era que ela dava um jeito? Resolvi ficar atrás dela, de modo que a multa por atraso fosse cobrada a mim e não a ela.

Aquele "refrescador" era medonho. Tratava-se de uma câmara pneumática à boca de um buraco na rocha que se ligava à casa de um colono que combinava agricultura em túnel com mineração de gelo. Pode ter havido na câmara algum oxigênio pressurizado para nos receber, mas o mau cheiro não me deu certeza. Lembrou-me as masmorras de um castelo onde fiquei certa vez aquartelado durante a Guerra das Três Semanas — no Reno, isto mesmo, perto de Ramagem. Possuía uma privada de pedras de grande profundidade que se dizia nunca ter sido limpa em mais de 900 anos.

Nenhum de nós foi multado por atraso, uma vez que nossa motorista atrasou-se ainda mais. E o mesmo aconteceu com Bill. O Dr. Chan vedara Árvore-San com um dispositivo de enrolar e prender que permitia que fosse aguada com maior facilidade. Bill pedira ajuda a tia Lilybet. Haviam conseguido fazer a coisa juntos, mas não rapidamente. Não sei se Bill teve tempo de urinar ou não. A titia, claro, teve — o *Valha-me* não podia rolar até que ela voltasse.

Fizemos uma parada para almoço às 19h30min em uma pequena pressurizada, quatro famílias, denominada Rob Roy. Após a última parada, esta parecia ser o máximo em civilização. O lugar era limpo, o ar tinha o cheiro certo e o pessoal mostrou-se cordial e hospitaleiro. Não havia opções no cardápio — frango e bolinho de massa assado e torta de amoras lunarianas, — e o preço era salgado. Mas o que queria você no meio de lugar nenhum na face da Lua? Havia uma barraca de *souvenirs* feitos à mão, com um garoto tomando conta. Comprei uma carteira para dinheiro trocado de que não precisava, porque aquelas pessoas haviam sido boas para nós. A decoração na carteirinha dizia: "Rob Roy City, Capital do Mar da Serenidade". Presenteei-a à minha mulher.

Gwen ajudou a mulher maneta com as três crianças e soube que estavam voltando para Kong de uma visita aos avós dos meninos, no Dragão Feliz. O nome da mãe era Ekaterina OToole e, dos filhos, Patrick, Brigid e Igor, idades oito, sete e cinco. Os três outros passageiros eram Lady Diana Kerr-Shapley e seus maridos — ricos e pouco inclinados a confraternizar conosco, plebeus. Os

homens dela usavam armas à cintura — dentro de seus trajes. Que sentido fazia isso?

A partir desse ponto, o terreno não foi tão plano e achei que a titia conservava-se um pouco mais perto dos marcos. Mas ainda guiava rápido e ousadamente, levando-nos em torno daquelas corcovas grandes e de baixa pressão de uma maneira que me levou a pensar no estômago delicado de Bill. Pelo menos ele não estava tendo que segurar a *Árvore-San*: tia Lilybet ajudara-o a amarrá-la no compartimento de carga à ré. Desejei-lhe boa sorte. Vomitar dentro de um capacete é horrível... Isto me aconteceu uma vez, há gerações. Ugh!

Fizemos outra parada de descanso pouco antes de meia-noite. Aceitável. O Sol estava nesse instante apenas alguns graus mais alto, e continuava a subir. Titia nos disse que tínhamos mais uns 115 quilômetros para percorrer e que chegaríamos em Kong mais ou menos no horário, Deus querendo.

Deus não deu à titia a ajuda que ela merecia. Estávamos viajando fazia uma hora quando, saindo de lugar nenhum (de trás de um afloramento rochoso?) apareceu outro rolador, menor, mais rápido, cortando em diagonal nosso caminho.

Dei uma batida no braço de Bill, agarrei o ombro de Gwen e nos abaixamos, abaixo da vigia do motorista e um tanto protegido pela chapa de aço lateral do ônibus. Quando me abaixei, vi o relâmpago que partia do estranho veículo.

Nosso ônibus rolou e parou, o outro veículo bem à nossa frente. Titia levantou-se. Abateram-na.

Gwen pegou o homem que havia disparado o feixe contra titia, apoiando a Miyako no peitoral da vigia — pegou-o na lente do capacete, o melhor lugar para acertar um homem vestindo traje pressurizado se você usa balas em vez de *laser*. Eu peguei o motorista, apontando com todo cuidado, uma vez que minha bengala só dispara cinco vezes — e sem munição mais perto do que no Regra de Ouro (e em minha sacola de lona, droga). Outros tipos também usando trajes pressurizados saíram dos lados do veículo atacante. Gwen ergueu um pouco a mira e continuou a atirar.

Tudo isso aconteceu num vácuo fantasmagoricamente silencioso.

Comecei a apoiar Gwen com meu fogo quando outro veículo apareceu. Não um rolador, mas aparentado — e algo que eu nunca vira antes. Possuía apenas um pneumático, uma rosca supergigante de pelo menos oito metros de altura. Talvez 10! O orifício na rosca estava cheio do que pode ter sido (ou tinha que ser?) a unidade propulsora. A partir desse cubo de roda, de cada lado, projetava-se uma plataforma em balanço. No lado superior de cada plataforma, a bombordo e a

estibordo, havia um artilheiro preso à sua sela. Abaixo do artilheiro ficava o piloto, ou motorista, ou engenheiro — um de cada lado, e não me perguntem como eles se coordenavam.

Não vou jurar por cada detalhe. Eu estava ocupado. Havia feito pontaria para o artilheiro do lado virado para mim e ia apertar o gatilho e disparar um de meus preciosos tiros quando parei: a arma dele estava virada para baixo, atacando nossos atacantes. Ele utilizava uma arma de energia — *laser*, feixe de partículas, não sei —, uma vez que tudo o que eu via com cada disparo era o relâmpago parasita e... o resultado.

A grande rosca virou um quarto de volta. Vi o outro par, motorista e artilheiro, no outro lado — e este artilheiro estava apontando para nós. O projetor dele relampejou.

Peguei-o na chapa facial.

Depois tentei pegar o motorista e acertei-o (acho) na junção do pescoço. Não tão bom como abrir um buraco em sua chapa facial, mas a menos que ele estivesse equipado para fazer um rápido e difícil conserto, ia respirar coisa rala em segundos.

A rosca virou o círculo todo. Quando parou, peguei o outro artilheiro em um nano-segundo antes de ele me pegar. Tentei me alinhar para um tiro no motorista, mas não pude me firmar no alvo e não tinha munição para desperdiçar. A rosca começou a rolar, para longe de nós, na direção leste — ganhou velocidade, atingiu um calhau, subiu alto no ar e desapareceu no horizonte.

Olhei para o outro rolator. Além dos dois que havíamos liquidado na primeira troca de tiros, ainda estirados ao lado do carro, havia cinco outros corpos no chão, dois a bombordo, três a estibordo. Nenhum dava a impressão de que voltaria a se mover. Encostei meu capacete no de Gwen.

— Mais algum deles?

Ela me deu uma cotovelada forte na costela. Virei-me. Uma cabeça envolvida em capacete estava justamente aparecendo na porta esquerda. Ergui a bengala e abri um buraco em forma de losango na chapa facial. Saltei sobre os pés de alguém e olhei para fora — ninguém mais à esquerda, e me virei, e lá estava outro, subindo pela porta da direita. Em vista disso, atirei nele...

Corrijo-me: *tentei* atirar nele. Não tinha mais munição. Cai na direção dele, dando uma estocada com a bengala. Ele agarrou a ponteira da bengala, e este foi seu erro, pois a puxei para trás, expondo 20cm de aço de Sheffield, que enfiei em seu traje e entre suas costelas. Puxei-a e, mais uma vez, mergulhei-a. Esse estilete, de apenas meio centímetro de largura de lâmina triangular, três lados

estriados, necessariamente não mata depressa, mas minha segunda estocada prendeu-lhe a atenção, a atenção enquanto ele morria, mantendo-o ocupado demais para que me matasse.

Desmoronou, em parte para dentro da porta, e soltou a parta de bainha de minha bengala. Recuperei-a e recoloquei-a no lugar. Depois, empurrei-o para fora, agarrei-me ao assento mais perto, apoiei-me no meu pé, agüentei o pequeno desconforto, saltitei de volta para meu assento e me acomodei. Sentia-me cansado, embora o entrevero inteiro não pudesse ter demorado mais de dois ou três minutos. É a adrenalina — eu sempre me sinto exausto depois.

Isto foi o fim da coisa, e foi bom que assim tivesse sido, também, porque minha munição e a de Gwen haviam acabado inteiramente e não posso usar mais de uma vez o macete da lâmina escondida — só funciona se conseguirmos fazer com que o adversário pegue a ponteira da bengala. Houvera nove naquele rolator e todos estavam mortos. Eu e Gwen havíamos acabado juntos com cinco, cabendo aos artilheiros da gigantesca rosca liquidar os outros quatro. A contagem dos corpos estava certa porque não há como confundir um buraco de bala com uma queimadura.

Não estou contando, notem, os dois, ou três, que acertei entre o pessoal da rosca... porque não havia corpos para contar. Se houvesse, estavam do outro lado do horizonte.

Nossas baixas somavam quatro pessoas.

Em primeiro lugar, nosso artilheiro, que viajara como guarda de diligência na torreta sobre a motorista. Rastejei lá para cima e dei uma olhada — a um sexto de gravidade posso subir uma escada vertical quase com a mesma facilidade que qualquer outra pessoa. Nosso artilheiro estava morto. Provavelmente aquele primeiro relâmpago fora o fim dele. Estivera dormindo durante a vigia? Quem é que sabe e se importa agora? Estava morto.

Nossa segunda baixa, tia Lilybet, porém, não estava, e isto para crédito de Bill. Botara rapidamente nela dois remendos de pressurização, um no braço esquerdo e o outro no alto do capacete — e fora inteligente o bastante para cortar o ar enquanto fizera isso, contara 60 segundos antes de mexer na válvula e reinflar o traje dela. E assim lhe salvara a vida.

Era a primeira prova que eu via que Bill tinha inteligência bastante até para mexer concreto. Notara onde era guardado o estojo com os remendos de pressurização, perto do assento do motorista, e depois se desincumbira do resto como indivíduo bem-treinado, sem perder movimentos e sem dar atenção à luta que se desenvolvia em torno de nós.

Acho que não devia ter ficado surpreso. Sabia que Bill trabalhara como operário em construção de mecânica pesada — e no caso de um *habitat* espacial, isso

significa trabalho com trajes pressurizados, com treinamentos e simulações de emergência de situações reais. Mas não é suficiente ser treinado. Em um aperto, é preciso ser sabido e ter cabeça fria para aplicar até mesmo o melhor treinamento.

Bill mostrou-nos o que fizera, não para se bravatear, mas porque compreendeu que parte do trabalho poderia ter que ser refeito: ao vedar às pressas o traje da titia, ele não pudera chegar ao ferimento no braço e estancar o sangramento, e não sabia se ele fora ou não cauterizado pela queimadura. Se ela estivesse sangrando, o traje teria que ser reaberto, uma bandagem de pressão aplicada ao ferimento, e fechado novamente o traje — e rápido! Tendo em vista a localização do ferimento — um braço — a única maneira de fazer isto seria cortar o tecido do traje para abrir um orifício maior, pegar o braço e estancar o sangramento, remendar o orifício maior, e esperar os intermináveis segundos até completar um minuto antes de sujeitar novamente à pressão o traje remendado.

Há um limite muito estreito de tolerância ao vácuo de um paciente. Titia era velha e estava ferida, e isto já fora feito com ela naquele dia. Agüentaria pela segunda vez?

Abrir o capacete estava fora de cogitação. O raio que a atingira arrancara uma fatia no alto do capacete mas não na cabeça — caso este em que não estaríamos pensando em se ela deixava abrir ou não o traje pressurizado.

Gwen encostou o capacete no de titia, conseguiu despertá-la e chamar-lhe a atenção. Estava sangrando?

Titia achava que não. O braço estava dormente mas não doía muito. Eles o haviam pegado? Pegado o quê? Alguma coisa na carga. Gwen garantiu-lhe que não haviam tocado em nada, estavam todos mortos. Isto pareceu satisfazer titia. E acrescentou:

— Taddie pode dirigir — e pareceu cair no sono.

Nossa terceira baixa era um dos maridos de Lady Diana. Morto. Mas não por nenhum dos bandos de malfeitores. Na verdade, ele se ferira acidentalmente no pé.

Acho que disse que ele estivera preparado — com a arma, pelo amor de Deus, *dentro* do traje. Quando começou o tiroteio, ele tentou sacar a arma da cintura, descobriu que não podia pegá-la e abriu a parte fronteira do traje para sacá-la.

É possível abrir um traje de pressão e fechá-lo novamente no vácuo, e acho que o lendário Houdini poderia ter aprendido a fazer isso. Mas esse palhaço ainda procurava atabalhoado sacar a arma quando entrou em colapso e afogou-se no vácuo. O seu co-marido era um nadinha mais sabido. Em vez de procurar puxar a arma, tentou tirar a do sócio depois que ele emborcou. Conseguiu, porém tarde

demaís para soltá-la e usá-la na luta. Espigou-se exatamente no momento em que eu me espigava sobre um pé só, depois de ter espetado o último bandido.

E ali estava aquele boboca brandindo uma arma em minha cara.

Minha intenção não era quebrar-lhe o pulso, mas simplesmente desarmá-lo. Afastei a arma de linha de tiro com um safanão e desci a bengala em cima do pulso. Peguei a arma no ar, enfiei-a no cinto de meu traje pressurizado e desmorenei no assento.

Não sabia se o havia machucado, provocado outro ferimento ou uma contusão. Tomara.

Mas não sentia remorso. Se não quer um pulso rachado, não sacuda uma arma na minha cara. Não quando estou cansado e agitado.

Odeio falar a respeito da quarta baixa, Igor OToole, o garoto de cinco anos.

Uma vez que estivera no assento traseiro com a mãe, é certo que não foi morto por ninguém no rolador. O ângulo teria sido impossível. Só os dois artilheiros da super-rosca estiveram alto o suficiente para atirar atrás da vigia do motorista do *Valha-me* e acertar em alguma coisa lá nos fundos do veículo. Além do mais, tinha que ter sido o segundo artilheiro, já que o primeiro estivera ocupado matando colegas bandidos. Depois a rosca virara, virara a arma apontada para nós, vira o relâmpago no momento em que eu disparara e o matara.

Embora ele tivesse perdido o tiro que dera em mim. Se estivera atirando, errara. Não tenho certeza de que ele estivesse apontando com cuidado, pois quem visaria o alvo menos perigoso — uma criança, um bebê, realmente, lá no fundo do ônibus? Mas o relâmpago que vi tinha que ser o que matou Igor.

Não fosse a morte do menino, eu poderia ter sentido sentimentos conflitantes sobre a tripulação da rosca gigante — pois não poderíamos certamente ter ganho a parada sem ajuda deles. Mas aquele último tiro me convenceu que eles estiveram apenas liquidando concorrentes nos negócios, antes de atender à sua finalidade principal: seqüestrar o *Valha-me*.

Minha única pena é que eu não tenha acabado com o quarto ocupante da rosca.

Mas esses foram pensamentos posteriores. O que vimos na ocasião foi simplesmente uma criança morta. Levantamo-nos depois de cuidar de titia e olhamos em volta. Vimos Ekaterina sentada, calma, abraçando o corpo do filho. Tive que olhar duas vezes para compreender o que acontecera. Um traje pressurizado, porém, não segura uma criança viva quando a chapa facial é corroída por um raio. Saltitei na direção dela. Gwen chegou lá primeiro. Parei atrás dela. Lady Diana agarrou a manga do meu traje e disse alguma coisa.

Toquei o capacete dela com o meu.

— O que foi que você disse?

— Disse-lhe para dizer ao motorista que continue viagem! Será que o senhor não entende inglês comum?

Eu gostaria que ela houvesse dito isso a Gwen. As respostas de Gwen são mais imaginativas que as minhas e muito mais líricas. Tudo o que consegui dizer, cansado como estava, foi:

— Oh, cale a boca, e sente-se, sua puta tola. Não esperei por resposta.

Lady Dee foi à frente, onde Bill impediu-a de incomodar titia. Não presenciei isto, uma vez que nesse exato momento, enquanto eu me inclinava para ver o que acontecera ao consorte (eu não sabia nada ainda) que acabara de se matar com seu traje pressurizado, o co-marido tentou tomar de mim aquela arma.

No curso da briga que se seguiu agarrei-lhe o pulso (quebrado). Não podia ouvir-lhe o grito ou ver-lhe a expressão, mas ele fez uma espantosa exibição improvisada de representação teatral, que me disse que sofrimento estava sentindo.

Tudo o que posso dizer é: não sacudam uma arma em minha cara. Isto tira ressaltos o que há de pior em mim.

Voltei a Gwen e àquela pobre mãe, toquei meu capacete no de Gwen:

— Alguma coisa que a gente possa fazer por ela?

— Não. Nada até que consigamos que ela pressurize. E não muito nessa ocasião.

— O que me diz dos outros dois?

Acho que eles estavam chorando, mas quando a gente não pode ver nem ouvir, o que fazer?

— Richard, acho que o melhor que podemos fazer é deixar esta família em paz. Vamos mantê-los de olho, mas deixá-los sozinhos. Até que cheguemos a Kong.

— Isso mesmo... Kong. Quem é Taddie?

— O quê?

— Tia Lilybet disse: "Taddie pode guiar."

— Oh, acho que ela se referia ao artilheiro da torreta. O sobrinho dela.

Em vista disso, subi à torreta para investigar. Tive que sair do veículo a fim de subir, o que fiz — cautelosamente. Mas tínhamos razão — todos eles estavam mortos. E também nosso artilheiro, Taddie. Desci, voltei ao compartimento dos passageiros, reuni nós três — e disse que não tínhamos motorista de reserva. Perguntei:

— Bill, você pode dirigir este veículo?

— Não, não posso, senador. Esta é a primeira vez em minha vida em que estou num troço destes.

— Eu estava com receio disso. Bem, faz alguns anos desde que dirigi um deles, mas sei como fazer, de modo que... Oh, Jesus! Gwen, *eu não posso*.

— Problema, querido? Suspirei.

— A gente guia este troço com os pés. Estou sem um pé... ele está ali, junto ao meu assento. Não há maneira no mundo como possa colocá-lo... e maneira nenhuma no mundo de dirigir com um pé só.

Tranqüilamente, ela respondeu:

— Está tudo bem, querido. Você cuida do rádio... precisamos emitir uns SOSs, acho. Enquanto eu dirijo.

— Você pode guiar este beemonte?

— Claro. Eu não quis me oferecer, com vocês dois, homens, aqui. Mas dirigirei com prazer. Mais ou menos duas horas. Fácil.

Três minutos depois Gwen estava examinando os controles, eu sentado ao lado dela, pensando em como ligar meu traje ao rádio do ônibus. Dois desses minutos haviam sido passados delegando a Bill a função de mestre d'armas, com ordens para manter Lady Dee em seu assento. Ela viera novamente à frente com instruções firmes sobre a maneira como deviam ser feitas as coisas. Aparentemente, ela estava com pressa — alguma coisa sobre reunião de diretores em Ell-Four. De modo que tínhamos que correr, compensar o tempo perdido.

Desta vez ouvi o comentário de Gwen. Foi de lavar o peito. Lady Dee arquejou, especialmente quando Gwen lhe disse o que fazer com suas procurações de acionistas, depois de dobrar até que ficassem cheias de arestas afiadas.

Gwen debreou e o *Valha-me* sacudiu-se todo, recuou, passou pelo outro rolator, e estávamos na estrada novamente. Finalmente, consegui apertar os botões certos no rádio e sintonizei-o para o que pensei ser o canal certo.

"(...) O, M, F, I, E, S, escreve-se assim. '*Comfies!*' a solução perfeita para os *stresses* da vida moderna! Não leve para casa as preocupações dos negócios. Tenha conforto com Comfies, a bênção para o estômago que terapeutas recitam mais do que..."

Tentei outro canal.

XIII

"A verdade é a única coisa em que ninguém acredita."

George Bernard Shaw, 1856-1950

Mediante tentativas e erros continuei a procurar o 11, o canal de emergências. O mostrador estava marcado, mas não numerado por canais — o que indicava que titia tinha seus próprios códigos. A janela marcada "Ajuda" não era o auxílio de emergência que eu supusera, mas ajuda espiritual. Apertei o botão e vejam só o que ouvi:

"Aqui o reverendo Herold Angel, falando do fundo do coração, diretamente para vocês do Tabernáculo sob Tycho, o Lar de Cristo em Luna. Sintonize às 8h de domingo para conhecer os verdadeiros significados das profecias das Escrituras... e envie hoje sua dádiva de amor à Caixa Postal 99, Angel Station, Tycho Subsolo. Nosso Tema das Boas-novas de hoje é: Como Reconheceremos o Senhor quando Ele chegar. Agora, juntemo-nos ao Coro do Tabernáculo no hino Jesus Aperte-me em Seu"...

Este tipo de ajuda estava atrasado 40 minutos, de modo que passei para outro canal. Nele reconheci uma voz e concluí que devia estar no canal 13. Por isso chamei:

— Capitão Meia-Noite chamando Capitão Marcy. Responda, Capitão Marcy.

— Marcy, controle de terra, Hong Kong Lima. Meia-Noite, que diabo você está fazendo agora? Câmbio.

Fiz um esforço para explicar, em 25 palavras ou menos, por que eu estava operando naquele circuito. Ele escutou por um momento e depois me interrompeu:

— Meia-Noite, você esteve puxando fumo? Deixe que eu fale com sua esposa. Nela eu posso acreditar.

— Ela não pode falar agora. Está dirigindo o ônibus.

— Agüente aí. Você está me dizendo que é passageiro do rolator *Valha-me, Jesus*. Esse é o ônibus de Lilybet Washington. Por que sua esposa está dirigindo?

— Eu tentei lhe explicar. Ela foi baleada. Titia Lilybet, quero dizer, não minha mulher. Fomos assaltados por bandidos.

— Não há bandidos nessa área.

— Isso é verdade, acabamos com todos eles. Capitão, *escute*, deixe de formar conclusões apressadas. Fomos atacados. Temos três mortos e dois feridos... e minha mulher está dirigindo porque é a única pessoa válida restante que *pode*

fazer isso.

— Você está ferido?

— Não.

— Mas você disse que sua mulher é a única pessoa válida restante que pode dirigir.

— Disse.

— Deixe-me ver se entendo bem isso. Antontem você estava pilotando uma nave espacial... ou era sua mulher quem pilotava?

— Eu era o piloto. O que é que o está incomodando, capitão?

— O senhor consegue pilotar uma nave espacial... mas não pode dirigir um velho rolator. Isso é difícil de engolir.

— É simples. Não posso usar o pé direito.

— Mas você disse que não estava ferido.

— E não estou. Simplesmente perdi um pé, só isso. Bem, não está "perdido". Neste momento eu o tenho aqui no colo. Mas não posso usá-lo.

— Por que *não* pode usá-lo?

Tomei uma profunda respiração e tentei me lembrar das fórmulas empíricas de Siacci aplicáveis à balística em planetas dotados de atmosfera.

— Capitão Marcy, há alguém em sua unidade — ou em qualquer lugar em Hong Kong Luna — que possa estar interessado no fato de que bandidos atacaram um ônibus público que serve à sua cidade, a apenas alguns quilômetros dessa cidade pressurizada? E há alguém que possa receber os mortos e feridos quando chegarmos com eles? E que não se importe com quem dirige o ônibus? E que não ache incrível que um homem possa ter tido um pé amputado há alguns anos?

— Por que você não *disse* isso?

— Droga, capitão, isto não era de sua maldita conta. Seguiu-se um silêncio de vários segundos. Depois, o Capitão Marcy falou em voz calma.

— Talvez você tenha razão. Meia-Noite, vou passá-lo ao Major Bozell. Ele é comerciante em grosso por profissão, mas comanda também nossos Vigilantes Voluntários e é por isso que deve falar com ele. Fique simplesmente sintonizado.

Esperei e fiquei observando Gwen dirigir o veículo. Quando começamos, sua maneira de guiar fora um pouco cheia de solavancos, como acontece com todo mundo que está se familiarizando com uma máquina estranha. Nesse momento, a coisa ia suave, embora não tão ousada como ao jeito da titia.

— Bozell aqui. Está me ouvindo?

Respondi... e quase no mesmo instante senti uma sensação de pesadelo de *déjà vu*, uma vez que ele me interrompeu dizendo:

— Não há bandidos nessa área. Suspirei.

— Se quer assim, major. Mas há nove cadáveres e um rolado abandonado nessa área. Talvez alguém se interesse em passar revista aos corpos, em salvar os trajes pressurizados e as armas, e reivindicar o ônibus abandonado... antes que colonos pacíficos, que nunca pensaram em virar bandidos, apareçam e peguem tudo.

— Hummm. Choy-Mu me disse que está tirando uma foto de satélite do local onde ocorreu esse alegado ataque. Se houver realmente um ônibus abandonado...

— Major! — Sim?

— Não me importo realmente com o que o senhor pensa. E não dou a mínima bola para salvados de acidentes. Estaremos na câmara pneumática norte mais ou menos às 3h30min. Pode providenciar um médico para nos receber, juntamente com uma maca e padioleiros? A maca é para a Sra. Lilybet Washington. Ela é...

— Eu sei quem ela é. *Vem* fazendo esse percurso desde que eu era moleque. Deixe-me falar com ela.

— Ela está ferida. Eu lhe disse isso. Está deitada, e espero que dormindo. Se não estiver, não queremos incomodá-la. Isto poderia provocar mais hemorragia. Simplesmente, mande alguém para a câmara pneumática a fim de cuidar dela. E de três mortos também, um deles uma criança pequena. A mãe da criança está conosco e em estado de choque, o nome dela é Ekaterina OToole e o marido mora em sua cidade. Nigel OToole. Talvez o senhor possa mandar avisá-lo para que ele venha receber a família e cuidar dela. Isto é tudo major. Quando o chamei, em estava um pouco nervoso com bandidos. Mas como não há bandidos nesta área, não temos razão para pedir proteção dos vigilantes aqui no Mar da Serenidade neste belo e ensolarado dia, e sinto muito ter perturbado seu sono.

— Tudo bem, estamos aqui para ajudar... e não há necessidade de ser sarcástico. Isto está sendo gravado. Dê seu nome completo e endereço legal e repita em seguida: como representante de Lilybet Washington, do Pressurizado Dragão Feliz, estabelecida com a Companhia de Ônibus Apocalipse e Advento, autorizo o Major Kirk Bozell, oficial-comandante e gerente comercial dos Vigilantes Voluntários de Hong Kong Luna, a fornecer...

— Espere aí. O que é isso?

— Apenas o contrato padrão, cobrindo serviços para proteção pessoal e conservação de propriedade, e garantindo o pagamento. O senhor não pode esperar que eu tire um pelotão de guardas de suas camas no meio da noite e que não pague por isso. Nada de almoço gratuito.

— Hum. Major, o senhor tem por acaso pomada anti-hemorróida à mão? Preparação H? Pazo? Esse tipo de coisa?

— Ahn? Eu uso Bálsamo de Tigre. Por quê?

— Porque o senhor vai precisar. Pegue o controle padrão, dobre-o até que esteja cheio de arestas afiadas...

Continuei ligado no 13 e não tentei mais descobrir onde ficava o canal de emergências. Tanto quanto me parecia, não havia proveito em gritar "*Maidez!*" no canal 11 quando eu já falara com a única provável origem de ajuda. Encostei meu capacete no de Gwen, sumariei a situação e acrescentei:

— Mas os idiotas insistem em que não há bandidos nesta área.

— Talvez não fossem. Talvez fossem apenas reformadores agrários fazendo uma declaração pública. Deus queira que a gente não tope com extremistas da direita! Richard, é melhor eu não falar enquanto estou dirigindo. Carro estranho, estrada estranha... apenas, não é uma estrada.

— Desculpe, amor! Você está indo maravilhosamente bem. Como é que eu posso ajudar?

— Ajudaria um bocado se você localizasse os marcos para mim.

— Claro!

— Neste caso eu poderia olhar para baixo e observar a estrada à frente. Alguns desses buracos são piores do que os de Manhattan.

— Impossível.

Elaboramos um sistema mediante o qual eu a ajudava incomodando-a o mínimo. Logo que localizava um marco, eu o apontava. Quando também o via — e não antes —, ela batia no meu joelho. Não conversávamos porque tocar capacetes interferia na direção.

Cerca de uma hora mais tarde surgiu à frente outro rolador, que se aproximou de nós em alta velocidade. Gwen bateu no capacete, em um lugar em cima da orelha. Colei meu capacete ao dela. Ela disse:

— Mais reformadores agrários?

— Pode ser.

— Estou sem munição.

— Eu, também — suspirei. — Teremos simplesmente que levá-los para uma mesa de conferência. Afinal de contas a violência nunca resolve coisa nenhuma.

Gwen fez um comentário pouco elegante e acrescentou:

— Que me diz daquela arma que tomou de Sir Galahad?

— Oh, querida, nem mesmo a examinei. Pode me considerar estúpido.

— Você não é estúpido, Richard, apenas espiritual. Dê uma olhada.

Tirei da cintura a arma confiscada e examinei-a. Depois, toquei-lhe novamente o capacete.

— Querida, você não vai acreditar nisto. Não está carregada.

— Ahn?

— Realmente, "Ahn". À parte isso, não tenho outro comentário a fazer. E pode me citar, se quiser.

Joguei para um canto do ônibus o troço inútil e olhei para o outro rolador, que chegava rápido. Por que uma pessoa usaria uma arma descarregada? Pura loucura!

Gwen bateu na orelha novamente. Toquei-lhe o capacete.

— Sim?

— A munição dessa arma está no corpo, pode apostar.

— Não aposto! Pensei nisso, Gwen, mas se eu tivesse que dar uma busca naquele corpo, teria que esfriar também os dois outros. Não é uma boa idéia.

— Concordo. E de qualquer modo não há mais tempo para isso. Ai vêm eles.

Apenas não vieram, ou não inteiramente. O outro rola-dor, ainda a uns 200 metros de distância, virou para a esquerda, deixando claro que estava evitando um curso de colisão. Passando por nós, li: "Vigilantes Voluntários — Hong Kong Luna", escrito em um dos lados.

Pouco depois, Marcy chamou ao rádio:

— Bozell disse que o encontrou mas que não pôde alcançá-lo pelo rádio.

— Não sei por quê. Você me alcançou.

— Porque calculei que você estaria no canal errado. Meia-Noite, o que quer que você deva estar fazendo, é absolutamente certo que estará sempre fazendo outra coisa.

— Você me lisonjeia. O que deveria ter feito desta vez?

— Devia estar de plantão no canal 2, é isso. O que é reservado para veículos de superfície.

— Todos os dias a gente aprende uma coisa nova. Obrigado.

— Quem não sabe disso não devia estar operando um veículo na superfície deste planeta.

— Capitão, como o senhor tem razão. E calei o bico.

Muito antes de chegar divisamos Hong Kong Luna no horizonte — a torre de aterrissagem de emergência, os grandes pratos usados para conversar com a Terra, os maiores para Marte e o Cinturão, as grelhas de energia solar — e a cidade tornou-se ainda mais impressionante à medida em que nos aproximávamos. Claro, todo mundo vive no subsolo... mas costumo esquecer o quanto da indústria pesada de Luna se situa na superfície — e é ilógico que esqueça isso, uma vez que a maior parte da grande riqueza de Luna está vinculada à luz solar feroz, às noites geladas e ao vácuo interminável. Mas, como observara minha esposa, eu sou do tipo espiritual.

Passamos pelo novo complexo industrial Nissan-Shell, hectare após hectare de tubulações e colunas de craqueamento, destiladores invertidos, válvulas, bombas e pirâmides Bussard. As longas sombras desenhadas pelo Sol nascente tornavam a paisagem um quadro de Gustave Doré, pintada por Pieter Brughel (zoonito) e orquestrado por Salvador Dali. Imediatamente atrás dessas estruturas ficava a câmara pneumática norte.

Por causa de tia Lilybet deixaram-nos usar o pequeno Kwilkok Bill passou com titia — ele merecera isso — e depois Lady Dee e seu marido sobrevivente se adiantaram empurrando-se, à frente de Ekaterina e das crianças. A querida Diana distinguira-se novamente exigindo que fosse levada ao espaçoporto e não à câmara pneumática da cidade. Bill e eu não permitimos que ela incomodasse Gwen com suas ordens reais, mas isto diminuiu (se possível) sua popularidade conosco. Fiquei satisfeito em vê-los desaparecer pela câmara. E a coisa funcionou bem porque o marido de Ekaterina veio em nossa direção pela câmara principal exatamente no momento em que perdíamos nossos VIPs. Nigel OToole levou a família (incluindo o triste corpinho) pelo mesmo caminho, depois que Gwen abraçou Ekaterina e lhe prometeu telefonar.

Depois chegou nossa vez... mas apenas para descobrirmos que a Árvore-San não podia ser colocada em um Kwilkok. De modo que recuamos e demos a volta para a câmara pneumática maior (e mais lenta). Notei que alguém estava retirando o corpo da torreta do *Valha-me, Jesus* e outros desciam a carga, fiscalizados por quatro guardas armados. O que haveria naquela carga? Mas o assunto não me dizia respeito. (Ou talvez dissesse, uma vez ser possível que aquela carga tenha sido a causa da carnificina e das mortes.) Entramos na câmara mais ampla — nós, o bordo *bonsai*, maleta, bolsa, peruca no embrulho, bengala e prótese de pé.

A câmara completou o ciclo, entramos em um túnel longo e inclinado e passamos em seguida por duas portas de pressão. Na segunda porta havia uma

máquina operada por moedas, para venda de licenças curtas de uso do ar, mas tinha um aviso: "ENGUIÇADA. Visitantes, por favor, paguem meia coroa por 24 horas." Vi um pires com algumas moedas em cima da máquina. Acrescentei uma coroa, por Gwen e por mim.

Ao fim do túnel, outra porta de pressão levou-nos para a cidade.

Havia bancos logo adiante para uso de pessoas que estavam vestindo trajes pressurizados para sair ou tirando para entrar. Com um suspiro de alívio, comecei a baixar o zíper e logo depois prendia, no lugar devido, o pé artificial.

Ossos Secos é um povoado, Dragão Feliz é uma pequena cidade e Hong Kong Luna é uma metrópole e perde apenas para Luna City. No momento não parecia congestionada, mas estávamos na calada da noite e só os que trabalhavam nessas horas podiam ser vistos. Até mesmo madrugadores tinham ainda duas horas de sono, pouco importando se era dia claro lá fora.

Mas o corredor quase deserto mostrava ainda assim sua qualidade de grande cidade: um aviso em cima do cabide de trajes dizia: NÃO ASSUMIMOS RESPONSABILIDADES POR TRAJES DEIXADOS NESTES CABIDES. PROCURE JAN NO VESTIÁRIO - GARANTIDOS E SEGURADOS - Uma Coroa/Um Traje Pressurizado. Sob essas palavras, e escrito a mão, outro aviso: *Seja sabido — Procure Sol e pague apenas meia coroa — nem garantido, nem seguro, mas honesto.* Ambos os avisos eram acompanhados por setas, uma apontando para a esquerda e a outra para a direita.

— Qual dos dois, querido? — perguntou Gwen. — Sol ou Jan?

— Nenhum dos dois. Este lugar é suficientemente parecido com Luna City para eu saber como me virar por aqui. Acho.

— Olhei em volta, para cima e para baixo, e vi uma luz vermelha. — Há um hotel ali. Com o pé no lugar, posso levar um traje pressurizado embaixo de cada braço. Você pode dar conta do resto?

— Claro. O que me diz de sua bengala?

— Enfio no cinto de meu traje. Nenhum problema. Dirigimo-nos para o hotel.

De frente para o corredor, na janela de recepção do hotel, uma moça sentada estudava transgenia, o clássico de Sylvester. Ergueu os olhos.

— É melhor guardar primeiro esses trajes. Procure o Sol, porta ao lado.

— Não. Quero um quarto grande, com uma cama *empres-size*. Nós botaremos isto em um dos cantos.

Ela olhou para a planta dos quartos.

— Quartos de solteiro eu tenho. Com duas camas, também. Felizes suítes, idem. Mas o que vocês querem — não. Todos ocupados.

— Quanto custa uma suíte feliz?

— Depende. Esta aqui tem duas camas *king* e um refrigerador. Esta aqui não tem absolutamente camas mas um chão acolchoado e almofadas à beça. E este aqui...

— Quanto pelo que tem duas camas *king*?

— Oitenta coroas. Pacientemente, respondi:

— Ouça aqui, cidadã. Eu mesmo sou lunariano. Meu avô foi ferido nos degraus do Bom Marché. O pai dele veio para aqui acusado de sindicalismo criminoso. Conheço os preços em Luna City. Eles não podem ser tão mais altos assim em Kong. O que é que está cobrando pelo que eu pedi? Se tivesse um deles vago?

— Não estou impressionada, meu chapa. Todo mundo poete alegar ancestrais na Revolução e a maioria alega. Meus ancestrais deram as boas-vindas a Neil Armstrong quando ele desceu. Supere isso.

Sorri alegre para ela.

— Não posso e devia ter ficado calado. Qual é seu preço real por um quarto duplo, com uma única grande cama e um refrigerador? Não o seu preço para turistas?

— Um quarto duplo padrão com uma grande cama e refrigerador próprio custa 20 coroas. Vou lhe dizer o que vou fazer, cara — não há muita possibilidade de alugar minhas suítes vazias tão tarde assim da noite — ou tão cedo. Eu lhe alugo uma suíte para orgia por 20 coroas... mas você sai ao meio-dia.

— Dez coroas.

— Ladrão. 18. Se cobrar menos, estou perdendo dinheiro.

— Não, não está. Conforme você mesma disse, a esta hora da manhã não pode ter esperança de alugá-lo a qualquer preço. Quinze coroas.

— Mostre seu dinheiro. Mas vocês têm que sair ao meio-dia.

— Digamos, 1h da tarde. Estivemos acordados a noite toda e tivemos um tempo difícil.

Contei o dinheiro.

— Eu sei. — Ela inclinou a cabeça na direção do terminal. — *Hong Kong Gong* deu vários extras sobre vocês. Treze horas, tudo bem — mas se ficarem mais tempo, ou pagam o preço completo ou se mudam para um quarto comum. Vocês tiveram realmente um encontro com bandidos? No caminho para Dragão Feliz?

— Disseram-me que não há bandidos nessa área. Tivemos um encontro com uns desconhecidos muito hostis. Nossas perdas foram de três mortos, dois feridos.

Estes só trouxemos para cá.

— Sim, eu vi. Quer recibo para sua conta de despesas? Por uma coroa, tiro um recibo sincero, autêntico, detalhado, em qualquer soma que você quiser. E tenho três mensagens para você.

Pisquei, estupidamente.

— Como? Ninguém sabia que vínhamos para seu hotel. Nós mesmos não sabíamos.

— Não há mistério nenhum, cara. Se um estranho entra pela câmara norte tarde da noite, as probabilidades são de sete a dois que terminará na minha cama — numa de minhas camas, e nada de piadinhas de mau gosto, por favor. — Lançou um olhar ao terminal. — Se você não tivesse recebido essas mensagens em mais 10 minutos, reforços seriam enviados a todas as estalagens da pressurizada. Se nem assim conseguissem entrar em contato com você, o vigilante de segurança pública poderia iniciar uma busca. Não é sempre que recebemos estranhos bonitões com aventuras românticas para contar.

— Deixe de balançar o rabo para ele, queridinha — disse Gwen —, ele está cansado. E já tem dona. Passe as fichas de registro, por favor.

A gerente do hotel olhou friamente para Gwen e dirigiu-se a mim:

— Meu chapa, se você já não tivesse pago a ela, eu poderia lhe garantir coisa melhor, mais jovem e mais bonita, a preço de liquidação.

— Sua filha? — perguntou docemente Gwen. — Por favor, as mensagens.

A mulher encolheu os ombros e entregou as mensagens. Agradei e disse:

— A respeito dessa outra coisa. Mais jovem, possivelmente. Mais bonita, duvido. Não poderia ser mais barata. Casei com esta por causa do dinheiro dela. Quais são os fatos?

Ela olhou de mim para Gwen.

— Isso é verdade? — Ele se casou com você por causa de seu dinheiro? Faça com que ele o mereça.

— Bem, ele disse que se casou — Gwen respondeu pensativa. — Não tenho certeza. Estamos casados há apenas três dias. Estamos em lua-de-mel.

— Menos de três dias, querida — protestei. — Apenas, parece mais tempo.

— Cara, não fale assim com sua mulher! Você é um grosseirão, um bruto, e provavelmente anda foragido.

— Sim, tudo isso — concordei.

Ela me ignorou e dirigiu-se a Gwen:

— Queridinha, eu não sabia que era sua lua-de-mel ou não teria oferecido

"aquela coisa" a seu marido. Peço humildes desculpas. Mais tarde, porém, quando se cansar desse sujeito que fala demais, posso arranjar o mesmo para você, só que homem. Preço justo. Jovem. Bonitão. Viril. Durável. Afetuoso. Venha aqui ou telefone procurando Xia — sou eu. Garantido... Se não ficar satisfeita, não paga.

— Obrigada. Mas neste momento o que eu quero é um café da manhã. E depois, cama.

— O balcão do café fica atrás de você, no fim do corredor. O Sing's New York Café. Recomendo o Ressaca Especial, a uma coroa e 50. — Olhou para uma prateleira às costas e pegou duas fichas. — Aqui estão as chaves. Queridinha, você poderia pedir ao Sing que me mandasse queijo frito Cheddar em torrada branca e café? E não deixem que ele cobre mais do que uma coroa e meia por um Ressaca Especial. Ele rouba apenas por prazer.

Deixamos nossa bagagem com Xia e cruzamos o corredor para tomar o café da manhã. O Ressaca Especial era tão bom como Xia dissera. Finalmente, entramos em nossa suíte. A suíte nupcial. Xia, mais uma vez, fora honesta conosco. De várias maneiras. Levou-nos à suíte, ficou ali enquanto nós nos desmanchávamos em ahs e ohs — champanha em balde de gelo, colcha virada na cama, lençóis perfumados, flores (artificiais mas convincentes), tudo isso destacado pela única luz existente.

Em vista de tudo isso, a noiva beijou Xia, Xia beijou a noiva, e ambas fungaram — e isto foi bom, também, porque um bocado de coisas haviam acontecido rápido demais e Gwen não tivera tempo de chorar. E mulheres precisam chorar.

Depois, Xia beijou o noivo, o noivo não chorou e não recusou. Xia é uma oriental e tanto, do tipo que dizem que Marco Pólo encontrou em Xanadu. E me beijou de maneira convincente. Logo depois, soltou-se para respirar.

— Poxa!

— Sim, poxa! — concordei. — Quanto ao negócio que você mencionou antes... Quanto *você cobra?*

— Falador. — Sorriu alegre para mim e não se afastou. — Grosseiro. Patife. Eu dou amostras gratuitas. Mas não a noivos. — Desvencilhou-se. — Descansem bem, meus queridos. Esqueçam aquele prazo fatal de lh da tarde. Durmam tanto quanto quiserem. Eu digo ao gerente do dia.

— Xia, duas dessas mensagem pediam que eu ligasse para pessoas nas horas horríveis em que vacas estão sendo ordenhadas. Você poderia interceptar outras chamadas?

— Já pensei nisso. — Li essas mensagens antes de vocês. Esqueça. Mesmo que

Bozell Fanfarrão apareça com todos os seus Escoteiros, o gerente do dia não vai dizer que vocês estão aqui.

— Eu não quero lhe criar problema com seu chefe.

— Eu não lhe disse? Eu sou a dona. Juntamente com o BancAmerica.

Beijou-me rapidamente e saiu.

Enquanto nos despíamos, Gwen observou:

— Richard, ela estava esperando ser solicitada para ficar. E ela não é uma virgizinha arregalada como Gretchen. Por que não a convidou?

— Ora, bolas, mãe, eu não sabia como.

— Você podia ter tirado o *cheong-sam* dela enquanto ela estava tentando estrangulá-lo. Isto teria sido suficiente. Não havia nada por baixo. Corrijo: Xia estava por baixo da roupa, e nada mais. Mas havia um bocado de Xia, disto tenho certeza. Por que não pediu a ela que ficasse?

— Quer saber a verdade?

— Hummm... não tenho certeza se quero.

— Porque eu queria dormir com *ocê*, moça, sem distrações. Porque não estou cheio de você. Não é o seu cérebro, nem suas qualidades espirituais, das quais você quase não tem nenhuma. Estou doído de desejo por esse seu pequeno corpo suado.

— Oh, Richard!

— Antes de tomarmos banho? Ou depois?

— Hummm... os dois?

— É assim que se fala.

XIV

"A democracia pode agüentar quase tudo, menos os democratas."

J. Harshaw, 1904-

"Todos os reis são quase sempre patifes."

Mark Twain, 1835-1910

No banho, eu disse:

— Você me surpreendeu, amor, ao mostrar que sabia dirigir um rolator.

— Não tanto quanto *ocê me* surpreendeu quando descobri que aquela sua bengala era um fuzil.

— Ah, sim, isso me lembra de uma coisa... Você se importaria em servir de cobertura para mim?

— Claro que não, Richard, mas como?

— Minha bengala maceteada deixa de ser proteção quando se sabe o que ela é. Mas se todos os tiros forem atribuídos a você, ninguém saberá o que ela é.

Pensativa, Gwen respondeu:

— Não vejo... Ou melhor, não entendo. Todo mundo no ônibus viu-o usando a bengala como fuzil.

— Viu, mesmo? A luta ocorreu no vácuo — em silêncio mortal. De modo que ninguém ouviu tiro nenhum. Quem me viu atirar? Titia? Ela estava ferida quando entrei na coisa. Apenas segundos antes, mas estamos falando de segundos. Bill? Ocupado com titia. Ekaterina e as crianças? Duvido que as crianças tenham visto alguma coisa que compreenderam, e a mãe sofreu o pior choque que pode acontecer a uma mãe. Não será grande coisa como testemunha, se chegar a depor. A querida Diana e seus rapazes enfeitadinhos? Um deles está morto e o outro ficou tão confuso que me tomou como bandido, e a própria Lady Dee é tão egocêntrica que nunca entendeu o que estava acontecendo. Sabia simplesmente que algum absurdo irritante estava interferindo em seus sagrados caprichos. Vire-se que eu esfrego suas costas.

Gwen virou-se. Continuei:

— Vamos melhorar a coisa. Eu lhe dou cobertura em vez de você fazer isso por mim.

— Como?

— Minha bengala e seu pequeno Miyako usam munição do mesmo calibre. De

modo que todos os tiros partiram do Miyako — disparado por mim, não por você — e minha bengala é apenas uma bengala. E você é minha doce e inocente esposa que nunca faria algo tão grosseiro e pouco feminino como responder a tiros de estranhos. Isto lhe convém?

Gwen levou tanto tempo para responder que comecei a pensar que a havia ofendido.

— Richard, talvez nenhum de nós dois tenha atirado em ninguém.

— Mesmo? Você me interessa. Diga como.

— Eu estou tão pouco ansiosa para reconhecer que ando armada com uma pistola como você que sua bengala tem talentos inesperados. Alguns locais são horrivelmente antiquados a respeito de armas escondidas... mas uma pistola em minha bolsa — ou em algum outro lugar em mim — salvou-me a vida em mais de uma ocasião e tenciono continuar a andar armada. Richard, as razões que você deu para acreditar que ninguém sabe coisa alguma sobre sua bengala aplicam-se também à minha Miyako. Você é mais alto do que eu e estava junto da janela. Quando nos abaixamos, não acho que alguém possa ter-me visto muito bem... afinal de contas seus ombros não são transparentes.

— Hummm... Podia ser assim. Mas e os corpos com balas dentro?

Balas longas, calibre 6.5, para ser exato.

— Mortos pelos açougueiros daquela grande roda.

— Eles usavam *lasers*, não balas.

— Richard, Richard! Você *sabe* se eles não tinham armas que usam balas, além de armas que disparam raios de energia? Eu não sei.

— Hummm, novamente. Meu amor, você é tão tortuosa como um diplomata.

— Eu *sou* uma diplomata. Passe o sabão, bonitinho, por favor. Richard, nada de dar informações. Éramos apenas passageiros, testemunhas inocentes, e estúpidas também. A maneira como aqueles reformadores agrários morreram não é responsabilidade nossa. Meu pai me disse para guardar minhas cartas junto ao peito e nunca reconhecer coisa nenhuma. Esta é a ocasião de fazer isto.

— Meu pai me ensinou a mesma coisa. Gwen, por que você não se casou comigo antes?

— Precisei de algum tempo para amolecê-lo, querido. Ou vice-versa. Pronto para enxaguar?

Enquanto eu a secava, lembrei-me de um ponto que havíamos esquecido:

— Modelo de esposa, onde aprendeu a guiar um rolator?

— Onde? No Maré Serenitatis. — Ahn?

— Apreendi observando Gretchen e titia. Hoje à noite foi a primeira vez que guiei um deles.

— Bem! Por que não *disse* isso? Ela começou a me secar.

— Paixão, se tivesse sabido, você teria se preocupado. Inutilmente. Em todas as vezes em que casei, sempre adotei a regra de nunca dizer ao meu marido alguma coisa que pudesse preocupá-lo, se eu pudesse de alguma maneira evitar isso. — Sorriu angelicalmente. — É melhor assim. Homens são preocupadores; mulheres, não.

Fui despertado do profundo sono por fortes batidas.

— Abram!

Não consegui pensar em uma boa razão para responder, e não respondi. Bocejei largamente, tomando cuidado para não deixar que a alma escapasse, depois, virei-me para a direita e, de repente, Gwen não estava ali.

Levantei-me da cama com tal rapidez que fiquei tonto. Dei uma sacudidela na cabeça para clareá-la, depois fui saltitando até o refrescador. Gwen também não estava ali. As batidas continuaram.

Não beba champanha na cama e durma logo em seguida. Eu tinha que drenar um litro de champanha antes de poder suspirar de alívio e pensar em outras coisas. As batidas continuaram, com mais gritos.

Enfiado no alto de meu pé havia uma nota de minha amada. Menina esperta! Ainda melhor do que prendê-la à minha escova de dentes. Li:

Queridíssimo,

Tive um acesso de acordadite, de modo que estou saindo para fazer umas duas coisas. Em primeiro lugar, vou à Sears Montgomery devolver nossos trajes pressurizados e pagar o aluguel deles. Enquanto estiver na Sears, comprarei meias e cuecas para você e calcinhas para mim, e farei outras pequenas coisas. Deixei um bilhete na recepção aqui, dizendo a Bill para devolver seu traje, também... Sim, ele apareceu depois de nós e Xia colocou-o em um quarto de solteiro, como você combinou com ela. Depois vou ao Wyoming Knott Memorial Hospital visitar titia e telefonar para Ekaterina.

Você está dormindo como um bebê e espero estar de volta antes de você acordar. Se não — se você for a algum lugar —, por favor deixe uma nota na recepção.

Amo-o

As batidas continuaram. Calcei o pé, notando ao mesmo tempo que nossos trajes pressurizados não estavam onde os vira pela última vez, isto é, arrumados em pose romântica no chão, uma brincadeira feita por minha devassa esposa. Vesti as únicas roupas que tinha, molhei o pequeno bordo, descobri que não precisava de muita coisa. Gwen devia tê-la aguada.

— Abra!

— Vá pro inferno! — respondi polidamente.

Pouco depois as batidas foram substituídas por um ruído de arranhão, de modo que me coloquei junto à porta e um pouco de lado. Esta não era do tipo de dilatar, mas do tipo mais tradicional de dobradiça.

A porta se abriu. Meu barulhento visitante mergulhou para dentro. Estendi a mão e empurrei-o para o outro lado do quarto. Em um sexto de gravidade isto exige algum cuidado — é preciso ter um pé apoiado em alguma coisa ou perde-se tração e o troço não funciona.

Ele rebotou mais ou menos da parede mais distante e caiu na cama. Eu disse:

— Tire seus pés sujos de cima da minha cama! Ele saiu da cama e se levantou. Continuei, furioso:

— Agora, explique por que arrombou meu quarto... e faça isso logo, antes que eu lhe arranque o braço e bata com ele em sua cabeça. Quem é que você pensa que é, acordando um cidadão que ligou o aviso "Favor Não Perturbar"? Responda!

Dava para ver que ele era alguma espécie de palhaço da cidade: usava um uniforme que dizia "polícia". A resposta dele, uma mistura de indignação com arrogância, correspondia à aparência:

— Por que não abriu quando ordenei?

— Por que é que eu devia? Você *paga* o aluguel deste quarto?

— Não, mas...

— Esta é sua resposta. Fora daqui!

— Agora, você é que vai me ouvir! Eu sou um oficial de segurança da cidade soberana de Hong Kong Luna. O senhor deve apresentar-se imediatamente ao Moderador do Conselho Municipal, a fim de fornecer informações necessárias à paz e segurança da cidade.

— Devo, hem? Mostre-me a intimação?

— Não é necessária intimação nenhuma. Estou uniformizado e em serviço. O senhor tem que cooperar comigo. Postura Municipal 27-82, página 41.

— Você tem um mandado para arrombar a porta de meu quarto particular? Não me diga que isso não precisa de um mandado. Vou processá-lo e tomar sua última coroa e esse traje de macaco que usa.

Os músculos do queixo dele tremeram, mas tudo o que ele disse foi:

— O senhor vem de boa vontade ou terei de arrastá-lo? Sorri para ele.

— Quer disputar na melhor de três? Ganhei a primeira. Venha. — Notei que havia uma audiência à porta. — Bom-dia, Xia. Conhece este palhaço?

— Sr. Richard, sinto horrivelmente a respeito de tudo isto. Meu gerente do dia tentou detê-lo, mas ele não quis ouvi-lo. Vim aqui logo que pude.

Notei que ela estava descalça e que não usava maquiagem — de modo que seu sono fora também interrompido. Respondi suavemente:

— Não foi culpa sua, querida. Ele não tem um mandado. Jogo-o na rua?

— Bem... — e ela pareceu perturbada.

— Oh, entendo. Acho que entendo. Durante toda a história, estalajadeiros julgaram conveniente se dar bem com a polícia. E durante toda a história policiais tiveram corações de ladrões e maneiras arrogantes. Muito bem, como um favor a você, vou deixar que ele viva. — Virei-me para o policial. — Rapaz, você pode rastejar de volta para junto de seu chefe e dizer a ele que vou logo. Depois que tiver tomado pelo menos duas xícaras de café. Se ele quiser mais cedo que isso, é melhor que mande um pelotão. Xia, que tal um café? Vamos ver se Sing tem café pronto e pão-careca.

Nesta altura dos acontecimentos Joe Guarda-de-Tropa-de-Assalto tornou necessário que eu lhe tomasse a arma. Podem atirar em mim — já *atiraram*, mais de uma vez —, mas não um cara que pensa que simplesmente me apontando uma arma muda as probabilidades.

A arma não era nada que eu quisesse — mero lixo. Descarreguei-a, verifiquei com certeza que a munição não era do mesmo calibre que eu uso, joguei os cartuchos pela calha de lixo, e devolvi-lhe a arma.

Ao perder os cartuchos, ele protestou em altos brados, mas eu lhe expliquei pacientemente que a arma dele era tão boa como antes para o que ele a usara, e que se eu lhe deixasse a munição ele poderia ferir-se acidentalmente.

Ele continuou a grasnar e eu lhe disse que fosse grasnar no ouvido do seu chefe. E dei-lhe as costas. Ele estava, disto eu tinha certeza, aborrecido. Mas eu também.

Quarenta minutos depois, sentindo-me melhor mas ainda com sono, e após uma agradável conversa com Xia no acompanhamento de café com roscas barradas

com geléia, apresentei-me no gabinete do Honrável Jefferson Mao, Moderador do Conselho de Escolhidos da Cidade Soberana de Hong Kong Luna — ou pelo menos era isso o que havia na porta. Perguntei a meus botões o que o Congresso do Estado Livre de Luna pensava do uso da palavra "soberano", mas isto não era de minha conta.

Uma mulher de aspecto eficiente, olhos amendoados e cabelos ruivos (genes interessantes, acho) perguntou:

— Nome, por favor.

— Richard Johnson. O Moderador quer falar comigo. Ela lançou um olhar ao monitor.

— O senhor está atrasado para o encontro. Vai ter que esperar. Pode sentar-se, se quiser.

— E posso não querer. Eu disse que o Moderador queria falar comigo. Eu não disse que queria falar com ele. Digite essa caixa e diga a ele que estou aqui.

— Não posso, de jeito nenhum lhe arranjar brecha antes de duas horas, pelo menos.

— Diga a ele que estou aqui. Se ele não me receber agora, vou embora.

— Muito bem. Volte dentro de duas horas.

— Você me compreendeu mal. Vou embora. Embora de Kong. E não volto.

Eu estava blefando quando disse isso e, quando disse, descobri que não estava. Meus planos ainda desarticulados haviam incluído uma estada indefinida em Kong. De repente dei-me conta de que não permaneceria em uma cidade que caíra tanto nas qualidades que constituem civilização porque algum funcionário oficioso resolve intimá-lo. Não, de jeito nenhum! Um soldado raso em uma unidade decente, bem comandada, disciplinada, tem mais liberdade e mais privacidade do que isso. Hong Kong Luna, cantada em verso e prosa como o berço da liberdade de Luna, não era mais lugar apropriado para alguém viver.

Virei e estava quase na porta quando ela chamou:

— Sr. Johnson!

Parei, mas não me virei.

— Sim?

— Volte aqui!

— Por quê?

A resposta pareceu machucar-lhe o rosto:

— O Moderador o receberá agora.

— Muito bem.

Aproximando-me da porta do gabinete, ela rolou para longe... mas não entrei no gabinete privado do Moderador. Havia à frente mais três portas, todas elas guardadas por fiéis cães de guarda... e isto me disse mais do que eu queria saber sobre o atual governo de Hong Kong Luna.

O guardião na última porta anunciou-me e me fez entrar. O Sr. Mao quase nem me olhou.

— Sente-se.

Sentei-me e coloquei a bengala sobre os joelhos.

Esprei durante cinco minutos, enquanto o chefão da cidade remexia em papéis e continuava a me ignorar. Depois, levantei-me, dirigi-me para a porta, movendo-me devagar, apoiado na bengala. Mao levantou a vista.

— Sr. Johnson? Para onde vai?

— Embora.

— Não diga. O senhor não *quer* cooperar, não é?

— Quero tratar de minha vida. Alguma razão para que eu não deva?

Ele me fitou, o rosto sem expressão.

— Se o senhor insiste, posso citar uma postura municipal, nos termos da qual o senhor é obrigado a cooperar comigo quando eu exigir isso.

— O senhor está se referindo à Postura Municipal 217-82?

— Vejo que a conhece... de modo que dificilmente pode alegar ignorância como atenuante de seu comportamento.

— *Não* conheço essa postura, apenas o número. Foi mencionado pelo policial apalhaçado que arrombou meu quarto. Essa postura diz alguma coisa sobre arrombamento de quartos particulares?

— Ah, sim. Interferir na ação de um agente de segurança que cumpre seu dever. Discutiremos isso mais tarde. Essa postura que o senhor citou é a pedra fundamental de nossa liberdade. Cidadãos, residentes e mesmo visitantes podem ir e vir como quiserem, sujeitos apenas ao dever cívico de cooperar com funcionários eleitos, nomeados, ou delegados no cumprimento de seus deveres oficiais.

— E quem decide quando a cooperação é necessária, de que tipo e em que grau?

— Ora, o funcionário interessado, claro.

— Foi o que pensei. Há alguma coisa mais que o senhor queira comigo? — Comecei a me levantar.

— Sente-se. Há, realmente. E eu exijo sua cooperação. Lamento ter posto a questão desta maneira, mas o senhor aparentemente não atende a solicitações polidas.

— Tais como arrombar minha porta?

— O senhor me cansa. Sente-se e cale-se. Vou interrogá-lo... logo que chegarem duas testemunhas.

Sentei-me novamente e fiquei calado. Achei que nesse momento compreendia o regime: absoluta liberdade... exceto que qualquer funcionário, do laçador de cães vadios ao mais alto potentado, poderia dar quaisquer ordens, em qualquer tempo, a qualquer cidadão privado.

Então era a "liberdade" da forma definida por Orwell e Kafka, a "liberdade" concedida por Stalin e Hitler, a "liberdade" de andar de um lado para o outro numa gaiola. Fiquei curioso em saber se o próximo interrogatório seria auxiliado por dispositivos 'mecânicos ou elétricos, ou quem sabe drogas, e senti o estômago embrulhado. Nos velhos tempos, quando estava no serviço ativo e enfrentava repetidamente a possibilidade de captura, estando de posse de informações secretas, sempre tivera um "amigo final" aquele "dente oco" ou equivalente. Mas não usava mais esta proteção.

E estava com medo.

Antes de muito tempo, entraram dois homens. Mao respondeu ao bom-dia e mandou-os sentar com um aceno. Um terceiro chegou logo depois.

— Tio Jeff, eu...

— Cale a boca e sente-se!

O retardatário era o palhaço cuja arma eu esvaziara. Ele calou-se e sentou-se. Surpreendi-o olhando para mim. Ele desviou a vista.

Mao pôs de lado alguns papéis.

— Major Bozell, obrigado por ter vindo. E ao senhor também, Capitão Marcy. Major, o senhor tem perguntas a fazer a um certo Richard Johnson. Ele está sentado aí. Faça suas perguntas.

Bozell era um homem baixote que adotava postura muito ereta. Possuía cabelos amarelos cortados rentes e maneiras bruscas, sacudidas.

— Ahn! Vamos direto ao assunto! Por que o senhor me lançou numa busca improficua?

— Que busca improficua?

— Ah! O senhor vai negar que me contou uma história fantasiosa sobre um ataque de bandidos? Numa área onde nunca houve bandidos? O senhor nega que insistiu comigo em que mandasse para lá uma equipe de resgate e salvamento?

Sabendo que eu nada encontraria! Responda!

— Isso me lembra... — comecei. — Alguém aqui pode me dizer como está tia Lilybet esta manhã? Porque me disseram para vir aqui, não pude ir até o hospital.

— Ah! Não mude de assunto! Responda! Respondi, humildemente:

— Mas este é o assunto. Nesse ataque fantasioso de que fala, a velha senhora foi ferida. Ela ainda está viva? Alguém sabe?

Bozell fez menção de responder. Mao cortou-o:

— Ela está viva. Ou estava, há uma hora. Johnson, é melhor que você reze para que ela continue viva. Tenho um depoimento aqui — bateu no terminal — de uma cidadã cuja palavra está acima de qualquer suspeita. Um de nossos acionistas mais importantes, Lady Diana Kerr-Shapley. Ela disse que o senhor atirou na Sra. Lilybet Washington...

— O quê?

— ... ao mesmo tempo que criou uma situação de terror, na qual seus atos provocaram a morte por anoxia de seu marido, o Honorável Oswald Progant, que quebrou o pulso de seu marido, o Honorável Brockman Hogg, e sujeitou a própria Lady Diana a táticas de terror e a insultos repetidos.

— Hummm. Ela disse também quem matou a criança OToole? E o artilheiro da torreta? Quem foi que o matou?

— Ela diz que foi tal a confusão que não viu tudo. Mas que o senhor saiu quando o ônibus estava parado e que subiu para a torreta... sem dúvida foi nessa ocasião que acabou com o pobre rapaz.

— É o senhor mesmo que está dizendo esta última parte ou foi ela quem disse?

— Eu disse. Uma presunção conclusiva. Lady Diana teve todo o cuidado de não prestar depoimento sobre coisa alguma que não viu com seus próprios olhos. Incluindo esse rola-dor fantasmagórico cheio de bandidos. Ela não viu nada *disso*.

Bozell tomou a palavra:

— Ai o senhor tem, Sr. Moderador. Este seqüestrador disparou uma saraivada de tiros dentro do ônibus, matou três pessoas e feriu mais duas... e inventou uma história da carochinha para encobrir seus crimes. Não há bandidos nessa área, todos sabem disso.

Tentei agarrar com as duas mãos a realidade.

— Sr. Moderador, um momento, por favor! O Capitão Marcy está aqui. Sei que ele tirou uma foto do rolador dos bandidos.

— Eu faço as perguntas, Sr. Johnson.

— Mas... ele conseguiu ou não as fotos?

— Isso basta, Johnson! Comporte-se de acordo com as regras. Ou o faremos cumpri-las.

— O que estou fazendo que viola *xs* regras?

— Está perturbando uma investigação com matéria descabida. Espere até que receba permissão para responder. Em seguida, responda à pergunta.

— Sim, senhor. Qual é a pergunta?

— Eu lhe disse para ficar calado!

Fiquei. E todo os demais ali.

Logo depois o Sr. Mao tamborilou na escrivaninha e disse:

— Major, tem mais alguma pergunta a fazer?

— Ah! Ele não respondeu à minha primeira pergunta. Tergiversou.

O Moderador falou, por sua vez:

— Johnson, responda à pergunta. Banqueei o estúpido — meu melhor papel.

— Qual a pergunta?

Mao e Bozell começaram a falar no mesmo instante. Bozell cedeu a vez a Mao, que continuou:

— Vou resumir. Por que fez o que fez?

— O que foi que eu disse?

— Acabei de lhe dizer o que você fez!

— Mas não fiz nada do que o senhor disse que fiz. Sr. Moderador, não compreendo como o senhor se envolveu nisto. O senhor não esteve lá. O ônibus não é de sua cidade. Eu não sou de sua cidade. O que quer que tenha acontecido, aconteceu fora de sua cidade. Qual é sua ligação com este assunto?

Mao recostou-se na poltrona e pareceu contente consigo mesmo. Bozell tomou a palavra:

— Ah! — disse, e acrescentou: — Digo a ele, Sr. Moderador, ou o senhor mesmo diz?

— Eu digo. Na verdade vai ser um prazer dizer. Johnson, há menos de um ano, o Conselho desta cidade soberana tomou uma medida muito sábia: ampliou sua jurisdição a fim de abranger todas as atividades na superfície e no subsolo em um raio de 100 quilômetros a partir do pressurizado municipal.

— E transformou os Vigilantes Voluntários em braço oficial do governo — contribuiu feliz Bozell —, encarregado de manter a paz e a ordem nessa faixa de 100 quilômetros. E isto cuida de você, seu assassino!

Mao ignorou a interrupção.

— De modo que você vê, Johnson, embora você provavelmente pensasse que estava no meio de um deserto de anarquistas, onde a letra da lei não se aplica, você na verdade não estava. Seus crimes serão punidos!

(Eu gostaria de saber quanto tempo ainda vai passar antes que alguém tente um golpe assim para assumir o poder lá no Cinturão de Asteróides.)

— Esses meus crimes... eles ocorreram a menos de 100 quilômetros de Hong Kong Luna? Ou mais?

— Ahn? Menos. Consideravelmente menos. Claro.

— Quem foi que mediu a distância? Mao olhou para Bozell.

— A que distância aconteceu isso?

— A mais ou menos 80 quilômetros. Um pouco menos. Falei:

— *O que* foi um pouco menos? Major, o senhor está falando do ataque dos bandidos ao ônibus? Ou a resposta de alguma coisa que teria acontecido *dentro* do ônibus?

— Não ponha palavras na minha boca! Marcy... responda. Tendo dito isso, Bozell assumiu uma expressão vazia. Fez menção de acrescentar alguma coisa, mas parou antes de falar. Eu, com todo cuidado, permaneci calado. Imediatamente Mao recomeçou:

— Bem, Capitão Marcy?

— O que deseja de mim, senhor? O diretor do espaçoporto, quando me enviou aqui, disse-me que cooperasse no que fosse possível... mas que não dissesse voluntariamente nada que o senhor não perguntasse.

— Quero tudo que for relevante para este caso. O senhor deu ao Major Bozell um número de 80 quilômetros?

— Dei, senhor. Setenta e oito quilômetros.

— De que modo conseguiu esse número?

— Medi-o em um monitor no meu console de controle. Habitualmente, não imprimimos foto tirada de satélite, apenas a projetamos. Esse homem — o senhor diz que o nome dele é Johnson. Eu o conhecia como "Meia-Noite" — se é o mesmo homem. Ele me chamou pelo rádio na noite passada às 10h27min e disse que estava no ônibus do Dragão Feliz e que bandidos haviam atacado o ônibus...

— Ah!

—... e que o ataque fora repellido mas que a motorista, tia Lilybet — a Sra. Washington —, estava ferida e que o artilheiro da torre...

— Nós sabemos de tudo isso, capitão. Fale-nos sobre a fotografia.

— Sim, Sr. Moderador. Pelo que Meia-Noite me disse, pude dirigir a câmara do satélite para o alvo. Fotografei o rolador.

— E o senhor calculou naquela ocasião que o ônibus estava a 78 quilômetros da cidade.

— Não, senhor, não o ônibus. O outro rolador. Houve um tipo de silêncio algumas vezes chamado de "prenhe de". Bozell, porém, explodiu:

— Mas isso é uma loucura! Não havia nenhum...

— Espere um pouco, Bozell. Marcy, você foi desencaminhado pelas mentiras de Jonhson. O que você viu foi o ônibus.

— Não, senhor. De fato, vi o ônibus: eu o tinha no monitor. Mas vi imediatamente que estava se movendo. De modo que fiz a câmara recuar pela estrada uns 10 quilômetros... e lá estava o segundo rolador, exatamente como Meia-Noite dissera.

Bozell ficou quase em lágrimas.

— Mas... nada havia lá, eu lhe garanto! Meus rapazes e eu demos uma busca por toda a área. Nada! Marcy, você está louco!

Não sei por quanto tempo Bozell teria continuado desejando que não tivesse havido um rolador que ele não pudera achar, quando foi interrompido. Gwen entrou. E eu reengoli meu coração. Tudo ia acabar bem.

(Eu estivera doente de preocupação desde que vira a tríplice defesa que Mao montara contra qualquer pessoa que quisesse se aproximar dele. Uma guarda contra assassinato? Não sei. Simplesmente tive pavor que Gwen fosse contrariada. Mas eu devia ter tido mais confiança naquela pequena gigante.)

Ela sorriu, jogou-me um beijo, virou-se e manteve a porta aberta.

— Por aqui, cavalheiros!

Dois dos próprios guardas de Mao entraram empurrando uma cadeira de rodas, puxada para trás para que titia pudesse se reclinar. Ela olhou em volta, sorriu para mim e disse ao Moderador:

— Oi, Jefferson. Como vai sua mamãe?

— Ela vai bem, obrigado, Sra. Washington. Mas a senhora...

— Que bobagem é essa de "Senhora Washington"? Menino, eu mudei suas fraldas. Você me chama de "titia", como sempre chamou. Agora, ouvi dizer que você estava pensando em pregar uma medalha no peito do senador Richard, como reconhecimento pela maneira como ele me salvou daqueles bandidos... e quando ouvi dizer isso, disse a mim mesmo: "Jefferson não ouviu nada a respeito dos outros dois que merecem tanto as medalhas como o senador Richard"... com seu perdão, senador.

— Oh, a senhora tem toda razão, titia.

— De modo que eu os trouxe aqui. Gwen, querida, diga oi a Jefferson. Ele é o prefeito desta pressurizada. Gwen é a esposa do senador Richard, Jefferson. E Bill... Onde está Bill? *Bill!* Venha até aqui, filho! Não fique com vergonha. Jefferson, embora seja verdade que o senador Richard matou dois daqueles perversos com as mãos nuas...

— Não com as mãos nuas, titia — protestou Gwen. — Ele tinha a bengala.

— Fique calada, amor. Com as mãos nuas e a bengala, mas se Bill não estivesse lá — e fosse rápido e esperto — eu não estaria aqui. Jesus teria me levado. Mas o Senhor querido disse que não era o meu dia ainda, Bill botou remendos em meu traje e me salvou para servir a Jesus mais um dia. — Estendeu a mão e pegou a de Bill. — Este é o Bill, Jefferson. Não se esqueça de dar também uma medalha a ele. E Gwen... Venha aqui, Gwen. Este bebezinho salvou a vida de nós todos.

Eu não tenho certeza da idade de minha esposa, mas ela não é um "bebezinho". Contudo, esta foi a menor distorção de fatos que ouvimos nos minutos seguintes. Para dizer o mínimo, titia contou um montão de mentiras. E Gwen inclinando a cabeça, confirmando, e parecendo angélica.

O problema não era tanto que os fatos estivessem errados, mas que titia prestasse depoimentos sobre fatos que não poderia ter presenciado de maneira nenhuma. Gwen devia tê-la escolado com todo cuidado.

Dois grupos de bandidos haviam atacado o ônibus, mas se engalinharam. Isso nos salvou, uma vez que todos menos dois deles morreram naquela luta fratricida. Estes dois eu matei com as mãos nuas e a bengala — enfrentando pistolas a *laser*. Sou um cara tão heróico que até me espanto comigo mesmo.

Enquanto essas valentes façanhas aconteceram, *sei* que titia estava inconsciente parte do tempo, deitada de costas durante todo o tempo e só podia ver mesmo o teto do ônibus. Ainda assim, ela parecia acreditar — acho mesmo que acreditava — no que estava dizendo. Que isso diga o que valem testemunhas de vista.

(Não que eu esteja me queixando.)

Em seguida, titia contou como Gwen dirigia o ônibus. Quando dei por mim, estava levantando a bainha da calça para mostrar minha prótese — uma coisa que nunca faço —, mas mostrei desta vez para demonstrar porque não pudera usá-la vestindo um traje pressurizado padrão e, por conseguinte, sem condições para dirigir o veículo.

Mas foi Gwen quem arrematou grandiosamente o grande espetáculo quando titia findou seu relato altamente pitoresco. E fez isso com fotos.

Prestem atenção. Gwen usara toda sua munição, seis cartuchos. Em seguida, arrumada como sempre — pusera a Miyako na bolsa, tirara a Mini Helvetia e

batera duas fotos.

Inclinara a câmera um pouco para isso, pois as fotos mostravam não só os dois veículos dos bandidos, mas também três baixas no chão e um bandido de pé e se movendo. A segunda foto mostrava quatro no chão e a super-rosca virada para fugir dela.

Não posso calcular o tempo exato que durou isto, mas deve ter sido pelo menos quatro segundos desde o momento em que ela ficou sem munição e o tempo em que a roda gigante virou para ir embora. Com uma câmera rápida, leva-se mais ou menos tanto tempo para bater uma foto como dar um tiro com uma arma semi-automática que usa balas.

A pergunta é: o que foi que ela fez com os outros dois segundos? Simplesmente desperdiçou-os?

"Síndrome pré-menstrual: pouco antes da menstruação mulheres se comportam da maneira como homens se comportam o tempo todo."

Dr. Lowell Stone, 2144-

Não saímos na carreira, mas partimos daquele lugar com toda rapidez possível. É verdade que titia obrigara o Sr. Mao a me aceitar como "herói" e não como criminoso — mas isto não o fez me amar, e eu sabia disso.

O Major Bozell nem mesmo fingiu gostar de mim. A "deserção" do Capitão Marcy enfureceu-o; as fotos de Gwen, mostrando bandidos de verdade (onde eles não podiam estar!) partiu-lhe o coração. Em seguida o chefe desfechou-lhe o mais cruel dos golpes, ordenando-lhe que reunisse suas tropas, fosse até lá e os *achasse!* E imediatamente!

— Se não conseguir isso, major, vou ter que encontrar alguém que consiga. Foi você quem pensou nessa idéia de limite de 100 quilômetros. Agora, justifique suas bravatas.

Mao não devia ter feito isso com Bozell na presença de outras pessoas — especialmente não da *minha* presença. Isto eu eu sei por experiência profissional — em ambos os papéis. Acho que Gwen deu algum sinal à titia. Como quer que fosse, tia Lilybet disse a Mao que tinha que ir embora.

— Minha enfermeirinha vai me passar um pito por ter ficado ausente por tanto tempo. Não quero que ela brigue comigo. Mei-Ling Ouspenskaya... Conhece-a, Jefferson? Ela conhece sua mamãe.

Os mesmos dois guardas empurraram a cadeira de rodas de titia por aquela série de salas até o corredor público — ou melhor, praça, já que a Prefeitura dá para a Praça da Revolução. Ela se despediu de nós nesse local e os policiais continuaram empurrando a cadeira até o Wyoming Knott Memorial Hospital, dois níveis para baixo e ao norte dali. Não acho que eles esperassem fazer isso — mas sei que Gwen os convocou para serviço militar ali mesmo no gabinete do Moderador —, e titia supôs que eles a levariam de volta ao hospital, e foi o que fizeram.

— Não, Gwen, amor, você não precisa ir... estes bondosos cavalheiros sabem onde fica o hospital.

(Portas se abriram para ela porque ela espera que portas se abram. Tanto Gwen quanto tia Lilybet acreditam piamente nesse princípio.)

De frente para a Prefeitura havia um grande cartaz enfeitado com bandeiras,

onde estava escrito:

LUNA LIVRE!
4 de Julho, 2076-2188

Já era realmente o Dia da Independência? Mentalmente, contei. De fato, Gwen e eu havíamos casado no dia 1º — de modo que aquele dia tinha que ser o 4 de julho. Bom augúrio!

Sentada em um banco em volta da fonte situada no centro da Praça da Revolução, Xia esperava por nós.

Eu esperara Gwen. Mas não Xia. Naquela conversa que tivera com ela, pedira-lhe para tentar localizar Gwen e lhe dizer para onde eu ia e por quê.

— Xia, eu não gosto de ser intimidado por tiras para ser interrogado, especialmente numa cidade estranha onde não conheço a organização policial. Se eu for "detido" — para dizer a coisa polidamente — quero que minha esposa saiba onde me procurar.

Não sugeri o que Gwen devia fazer a esse respeito. Em apenas três dias de casamento já aprendera que nada que eu pudesse sugerir poderia ser igual ao que ela pensaria se deixada a seus tortuosos expedientes. Ser casado com Gwen não era monótono.

Fiquei satisfeito em vê-la à espera, mas fiquei surpreendido com o que trouxera consigo. Olhei e perguntei:

— Alguém alugou a suite nupcial?

No banco, junto a Xia, vi a maleta de Gwen, o pacote contendo a peruca, a *bonsai*, um pacote não conhecido mas bastante evidente pelo papel de embrulho da Sears Montgomery.

— Aposto que minha escova de dentes ainda está pendurada no refrigerador.

— Quanto quer apostar, e qual é a vantagem que dá? — perguntou Xia. — Você perderia. Richard, vou sentir falta dos dois. Talvez eu dê um pulo em L-City para visitar vocês.

— Faça isso! — pediu Gwen.

— De acordo — disse eu —, se vamos nos mudar para L-City. Vamos?

— Imediatamente — confirmou Gwen.

— Bill, você sabia alguma coisa sobre isso?

— Não, senhor senador. Mas *ela* me mandou a toda à Sears entregar o traje. De modo que estou pronto.

— Richard — falou Gwen, séria — não é seguro para você permanecer aqui.

— Não, não é — confirmou uma voz às minhas costas (o que provava, mais uma vez, que assuntos sigilosos não devem ser discutidos em público). — Quanto mais cedo vocês forem embora, melhor. Oi, Xia. Você está com estes elementos perigosos?

— Oi, você, Choy-Mu. Obrigado pela última vez. Pisquei espantado para ele.

— Capitão Marcy! Que bom que apareceu. Eu queria lhe agradecer!

— Não tem o que me agradecer, Capitão Meia-Noite... ou é "senador"?

— Bem... na verdade, "doutor", ou "senhor", mas para você é "Richard", se quiser. Você me salvou o pescoço.

— E eu sou o Choy-Mu, Richard. Mas não salvei seu pescoço. Segui-o para lhe dizer isto. Você pode pensar que ganhou lá dentro. Não ganhou. Perdeu. Você fez o Moderador perder o prestígio... os dois perderam prestígio. De modo que você é uma bomba de tempo ambulante, um acidente à procura de um lugar. — Franziu as sobrancelhas. — Não foi muito sadio para mim, também, estar presente quando eles perderam prestígio... depois de ter cometido o erro inicial de "levar más notícias ao rei". Entendeu o que eu disse?

— Receio que sim.

— Choy-Mu — perguntou Xia —, o Número Um perdeu realmente prestígio?

— Realmente perdeu, amor. E foi tia Lilybet Washington que fez isso com ele. Mas, claro, ele não pode fazer nada com *ela*. De modo que resta o capitão... Richard. Ou é assim que eu vejo a coisa.

Xia levantou-se.

— Gwen, vamos direto para a estação. Não podemos perder nem um segundo! Oh, droga, eu queria tanto que vocês ficassem alguns dias.

Vinte minutos depois estávamos na Estação Sul do Metrô, prestes a tomar o tubo balístico para Luna City. O fato de que pudéssemos arranjar lugar na cápsula L-City que partia quase imediatamente decidiu nosso destino, uma vez que Choy-Mu e Xia nos acompanharam para se despedirem de nós, e ao chegarmos à estação, usando o metrô local, eles haviam me convencido — ou convencido Gwen (mais fundamental) — que devíamos tomar o primeiro veículo que saísse da cidade, pouco importando para onde. Partindo daquela mesma estação há tubos comuns (não balísticos) para Platão, Tycho Subsolo e Novy Leningrad — e se tivéssemos chegado seis minutos antes teríamos terminado na coelheira humana de Platão, o que teria mudado muitas coisas.

Ou teria mesmo mudado alguma coisa? Há por acaso um Destino que modele nosso fins? (O fim de Gwen era deliciosamente modelado. O de Xia, também,

pensando bem.)

Mal houve tempo para dizer *ciao, ciao*, antes de prendermos as coisas nas prateleiras e nos amarrarmos. Xia beijou todos nós e eu fiquei satisfeito porque Gwen não deixou Choy-Mu sem um beijo. Verdadeiro lunariano, ele hesitou um longo momento antes de se certificar que a moça o beijava a sério, e depois retribuiu entusiasticamente. Observei Xia dar um beijo de adeus em Bill — que retribuiu sem essa hesitação. Cheguei à conclusão de que a tentativa de Gwen de bancar Pigmaleão para essa incrível Galatéia estava tendo sucesso, mas que Bill precisaria aprender maneiras lunarianas, ou poderia perder alguns dentes.

Sentamo-nos, amarramo-nos, a cápsula foi vedada e, mais uma vez, Bill apertou o pequeno bordo contra a barriga. As prateleiras se movimentaram para acompanhar a aceleração — uma gravidade completa, aceleração *alta* para os lunarianos que enchem o resto do carro. Dois minutos e cinquenta segundos de aceleração e logo alcançamos velocidade orbital.

Esquisito entrar em queda livre em um metrô. Mas que é divertido, é.

Esta era a primeira vez que eu andava no tubo balístico. O sistema data de antes da Revolução, embora por essa época (segundo li) só fosse até Endsville. Completado mais tarde, seu princípio de funcionamento nunca foi estendido a outros sistemas de metrô — não era econômico, segundo me disseram, a não ser por trechos longos e muito utilizados, que podem ser escavados "retos" o caminho todo — "reto", neste caso, significando "exatamente de acordo com uma curva balística à velocidade orbital".

Este metrô é a única "nave espacial" subterrânea de toda a história. Funciona de acordo com o princípio de catapultas de indução que lançam cargas a Ell-Four, Ell-Five e à Terra... exceto que as estações de lançamento, de recebimento e toda a trajetória são todas situadas embaixo da terra... alguns metros no subsolo na maior parte das vezes, e uns três quilômetros mais fundo quando o tubo passa por baixo de montanhas.

Dois minutos e 51 segundos de aceleração a uma gravidade, 12 minutos e 27 segundos em queda livre, dois minutos e 51 segundos de frenagem a uma gravidade — tudo isso soma uma velocidade média de mais de 5.000 quilômetros horários. Nenhum outro transporte de "superfície", em qualquer lugar, aproxima-se sequer dessa velocidade. Ainda assim, é uma viagem feita no mais absoluto conforto — três minutos que parecem passados em uma rede de balanço na Terra, em seguida 12 e meio minutos de imponderabilidade, e mais três minutos de rede naquele jardim. Quem é que pode fazer melhor que isso?

Oh, poder-se-ia fazer isto mais rápido, acelerando a gravidades múltiplas. Mas não muito. Se a aceleração pudesse ser instantânea (matando todos os passageiros!) e a desaceleração da mesma maneira (*splat*), poderíamos

aumentar a velocidade média para mais de 6.000 quilômetros por hora e cortar o tempo de viagem em *quase três minutos!* Mas isso seria o máximo.

Este é também o melhor tempo possível de uma nave-foguete entre Kong e L-City. Na prática, um foguete saltador leva geralmente meia hora — e tudo depende da altura da trajetória.

Mas certamente meia hora é um tempo bem curto. Mas por que túnel sob *maria* e montanhas quando um foguete poderia fazer o trabalho?

O foguete é a forma de transporte mais cara já inventada. Numa típica missão em foguetes, metade do esforço é gasto lutando com a gravidade para subir e a outra metade lutando contra ela para descer — uma vez que se despedaçar-se no solo é considerado fim insatisfatório de missão. As gigantescas catapultas em Luna, Terra, Marte e no espaço são protestos gigantescos contra o desperdício dos motores a foguete.

Ao contrário, o metrô balístico é o transporte mais econômico já inventado: nenhuma massa é queimada ou lançada e a energia usada na aceleração é recuperada na outra extremidade, na desaceleração.

Não há nenhuma mágica nisso. A catapulta elétrica é um gerador a motor. Pouco importa que não se pareça com isso. Na sua fase de aceleração é um motor, energia elétrica convertida em energia cinética. Na fase de desaceleração é um gerador: a energia cinética extraída da cápsula é puxada como energia elétrica e armazenada em um Shipstone. Em seguida, a mesma energia é retirada do Shipstone para lançar a cápsula de volta a Kong.

Uma refeição gratuita!

Não, de todo. Há perdas de histerese e outras insuficiências. A entropia aumenta sempre. Ninguém pode esnoabar a segunda lei da termodinâmica. A coisa que mais lembra é a frenagem regenerativa. Houve tempo, há muitos anos, quando carros de superfície eram desacelerados e parados por atrito, rudemente aplicados. Mas, um dia, um cara brilhante compreendeu que uma roda em movimento poderia ser parada tratando-a como se fosse um gerador e fazendo com que pagasse pelo privilégio de ser parada — o momento angular podia ser extraído e armazenado em um "acumulador" (um dos primeiros precursores dos Shipstones).

A cápsula que parte de Kong faz mais ou menos a mesma coisa: ao cortar linhas magnéticas de força na extremidade de L-City, ela gera uma imensa força eletromotriz, que pára a cápsula e transforma sua energia cinética em energia elétrica, que é em seguida armazenada.

O passageiro, porém, não precisa saber nada disso. Ele simplesmente mata o tempo em "sua rede" durante a viagem, a mais suave possível.

Havíamos acabado de passar a maior parte de três dias rolando 700 quilômetros. Naquele momento, percorríamos 1.500 quilômetros em 18 minutos.

Tivemos que abrir caminho da cápsula à força de ombros, e fazer o mesmo pela estação porque havia Shriners impacientes à espera da oportunidade de viajar para Kong. Ouvi um dizer que "eles" (o anônimo "eles", a quem culpam por tudo) — "deviam botar mais carros na linha". Um lunariano tentou explicar-lhe a impossibilidade envolvida nessa exigência — apenas um tubo, capaz de operar com apenas uma cápsula, que poderia estar apenas nesta ou na outra extremidade, quando não em queda livre entre as duas. Mas nunca duas cápsulas no tubo — impossível, puro suicídio.

A explicação provocou uma alvar incredulidade. O visitante aparentemente teve problema também para aprender a idéia de que o tubo balístico era de propriedade particular, não sujeito a qualquer regulamento... assunto que veio à baila quando o lunariano disse:

— Se o senhor quer outro tubo, vá em frente! Construa-o! Tem toda liberdade para fazer isso. Ninguém o está impedindo. Se isso não o satisfaz, volte para Liverpool.

Indelicado da parte dele. Minhocas não podem deixar de ser minhocas. Todos os anos, algumas morrem pela incapacidade de compreender que Luna *não* é igual a Liverpool, Denver ou Buenos Aires.

Passamos através da câmara pneumática que separa a pressurizada de propriedade de Artemis Transit Company da pressurizada municipal. No túnel do outro lado da câmara vi uma tabuleta: PEGUEM SEUS VALES DE AR AQUI. Sentado sob a tabuleta, a uma mesa, havia um homem duas vezes mais inválido que eu: pernas terminadas nos joelhos. Isto, porém, não parecia lhe diminuir a movimentação: vendia revistas, doces e ar, anunciava serviços turísticos e de guia e exibia outro aviso interessante: ACEITAM-SE APOSTAS.

A maioria das pessoas passava por ele sem parar. Bill ia fazer o mesmo quando o detive:

— Espere, Bill.

— Senador, vou ter que botar um pouco d'água nesta árvore.

— Espere, ainda assim. E deixe de me chamar "senador". Chame-me de "doutor". Dr. Richard Ames.

— Ahn?

— Não importa. Simplesmente, faça isso. Neste exato momento temos que comprar ar. Você não comprou em Kong?

Bill não comprara. Entrara na pressurizada ajudando titia e ninguém pensara em lhe cobrar coisa nenhuma.

— Bem, você devia ter pago. Notou que Gretchen pagou por todos nós no Dragão Feliz? Pagou. E agora vamos pagar aqui, mas vou comprar mais do que para uma única noite. Espere aqui.

Parei à mesa.

— Oi, aí. O senhor está vendendo ar?

O vendedor de ar levantou os olhos de um problema de palavras cruzadas, olhou-me de cima a baixo.

— O senhor não tem que pagar. Pagou o ar quando comprou a passagem.

— Não, inteiramente — respondi. — Sou lunariano, companheiro, voltando para casa. Com esposa e um dependente. De modo que preciso de ar para três.

— Boa tentativa. Mas que deu em nada. Escute, uma autorização de cidadão não vai lhe conseguir preços de cidadão — vão olhar para você e ainda lhe cobrar preços de turista. Se quiser prolongar seu visto, pode. Na Prefeitura. E cobrarão o ar para cobrir o prazo de prolongamento do visto. Agora, esqueça, antes que eu resolva enganá-lo.

— Cara, você é difícil de agradar. — Tirei do bolso o passaporte, lancei-lhe um rápido olhar para me certificar de que era meu passaporte "Richard Ames", e entreguei-o. — Estive longe durante muitos anos. Se isso me faz parecer uma minhoca, é pena. Mas, por favor, note onde nasci.

Ele olhou e me devolveu o passaporte.

— Muito bem, lunariano, você me enganou. Três de vocês, ahn? Por quanto tempo?

— Meus planos ainda não são definitivos. Qual é o período mais curto na escala de residente permanente?

— Um quarto de ano. Oh, mais um desconto de 5% se comprar cinco anos de uma só vez... mas, com *a prime rate* de hoje a 7,5, é uma mão na roda.

Paguei ar para três adultos durante 90 dias e perguntei o que ele sabia sobre acomodações.

— Tendo ficado fora tanto tempo, não só não tenho compartimento como não conheço o mercado, e não me agradaria dormir na Bottom Alley hoje à noite.

— Você acordaria sem sapatos, a garganta cortada e ratos passeando por cima da cara. Hummm, é uma questão difícil, companheiro. Está vendo esses chapéus vermelhos esquisitos? A maior convenção que L-City já assistiu. Entre a convenção e o Dia da Independência, a cidade está lotada. Mas se você não for biqueiro demais...

— Não somos.

— Poderão conseguir alguma coisa melhor depois do fim de semana, mas enquanto isso, há um motel antigo no nível 6, o Raffles, que fica em frente...

— Sei onde é. Vou ver se me arranjo lá.

— É melhor telefonar antes e dizer que sou eu que estou enviando vocês para lá. Eu sou o Rabi Ezra ben David. O que me lembra, "Ames, Richard". Você é o Richard Ames procurado por assassinato?

— Não diga!

— Surpreso? É verdade, mesmo, companheiro. Tenho uma cópia do aviso por aqui. — Mexeu nas revistas, notas a lápis e problemas de xadrez. — Aqui está. É procurado no *habitat* Regra de Ouro... Parece que você esfriou algum cara importante. Pelo menos é o que diz aí.

— Interessante. Há um mandado de prisão para mim aqui?

— Em Luna? Acho que não. Por que haveria? Ainda o mesmo velho impasse. Nada de relações diplomáticas com o Regra de Ouro até que eles se qualifiquem, segundo os termos da Convenção de Oslo. O que não podem fazer sem uma Carta de Direitos. O que não é nada provável.

— Acho que não.

— Ainda assim... se precisar de advogado, venha me procurar. Sou isso, também. Estou aqui todos os dias, depois do meio-dia, ou então deixe seu nome no Seymour's Kosher Fish Emporium, em frente à Biblioteca Carnegie. Seymour é meu filho.

— Obrigado. Vou me lembrar. Por falar nisto, quem foi que dizem que matei?

— Não sabe?

— Uma vez que não matei ninguém, como é que posso saber?

— Há lacunas lógicas nisso que não vou examinar. Está dito aqui que sua vítima foi Enrico Schultz. Esse nome lhe refresca a memória?

— Enrico Schultz. Acho que nunca ouvi esse nome. Um estranho para mim. A maioria das vítimas de assassinato é morta por amigos ou parentes, não por estranhos. E neste caso, não por mim.

— Entretanto, realmente. Ainda assim os proprietários do Regra de Ouro oferecem uma substancial recompensa por sua morte. Ou, para ser exato, pela sua entrega, vivo ou morto, sem ênfase em você ser entregue vivo — simplesmente seu corpo, companheiro, quente ou frio. Devo observar que, se fosse seu advogado, eu seria eticamente obrigado a não explorar esta oportunidade?

— Rabi, acho que não faria isso, de qualquer maneira. O senhor é um lunariano típico demais. Está simplesmente tentando me fazer contratá-lo. Humm. Quero os Três Dias.

— Três dias, então. Quer recibo oficial ou um vale serve?

— Uma vez que perdi a aparência de lunariano, é melhor os dois.

— Muito bem. Uma coroa ou duas para dar sorte?

O Reverendo Ezra carimbou nossos antebraços com uma data três meses depois e com sua chancela, usando uma tinta à prova d'água, visível apenas em luz negra, e nos demonstrou, usando uma lâmpada de teste, que estávamos marcados e que podíamos legalmente respirar durante um quarto de ano em qualquer lugar na pressurizada L-City — e desfrutar outros privilégios concomitantes, tais como passagem pelos logradouros públicos. Ofereci-lhe três coroas acima do que paguei pelo ar. Ele aceitou duas.

Agradei e desejei-lhe bom-dia e continuamos pelo túnel, todos um pouco desajeitados e sobrecarregados. Cinquenta metros à frente, o túnel desembocou em um corredor principal. Íamos sair e eu conferia a orientação, decidindo se ia para a esquerda ou para a direita, quando ouvi um apito e uma voz de soprano:

— Espere aí! Menos pressa. Inspeção, em primeiro lugar.

Parei e me virei. Ela possuía aquele rosto que diz "funcionário público" — e não me pergunte como. Eu simplesmente sei, experiência em três planetas e vários planetóides, e um número ainda maior de *habitais*, que depois de cumprir certo número de anos a caminho da aposentadoria todos os servidores públicos têm aquela aparência. Ela usava um uniforme que nem era policial nem militar.

— Recém-chegados de Kong?

Confirmei que sim.

— Estão juntos, os três? Ponham tudo sobre a mesa. Abram tudo. Frutas, verduras ou alimentos?

— O que quer dizer isso? — perguntei.

— Eu tenho uma barra de chocolate Hershey. Quer um pedaço?

— Acho que isso significa suborno. Claro, por que não?

— Claro que estou tentando suborná-la. Tenho um pequeno jacaré na minha bolsa. Ele nem é fruta nem verdura. Acho que poderia ser comida. De qualquer modo, quase com certeza é contra suas regras oficiais.

— Espere um minuto. Vou ter que consultar as listas. — A inspetora consultou um volume imenso de folhas soltas, de impressora de terminal. — Jacaré, peles de, secas ou curtidas, jacarés, empalhados... Esse está empalhado?

— Só quando come demais. É muito comilão.

— Queridinha, você está querendo me dizer que tem um jacaré *vivo* nessa bolsa?

— Ponha a mão dentro dela, mas por sua conta e risco. Ele é treinado como jacaré de guarda. Conte os dedos antes de enfiar a mão e depois quando tirar.

— Você está brincando.

— Quer apostar? E quanto? Mas lembre-se, eu avisei.

— Oh, conversa mole! — A inspetora enfiou a mão na bolsa de Gwen e soltou um uivo ao tirá-la. — Ele me mordeu!

E enfiou os dedos na boca.

— É para isso que ele está aí — lembrou Gwen. — Eu lhe avisei. Machucou muito? Deixe-me ver.

As duas examinaram a mão e chegaram à conclusão de que marcas vermelhas eram toda a extensão do dano.

— Que bom — disse Gwen. — Venho tentando ensinar a ele segurar firme mas não romper a pele. E nunca, nunca, arrancar os dedos. Ele está aprendendo, mas ainda é jovem. Mas você não devia ter podido tirar a mão tão fácil assim. Alfred deve agarrar como um buldogue, enquanto o alarme do rádio me traz correndo para junto da bolsa.

— Eu não sei nada sobre buldogues, mas ele realmente tentou arrancar meu dedo.

— Oh, claro que não! Nunca viu um cachorro?

— Só em carcaça, em mercados de carne. Não, não foi isso. Vi um deles num zoológico de Tycho quando era menina. Um bicho grande e feio. Fiquei com medo.

— Alguns são pequenos e alguns não são feios. O buldogue é feio, mas não muito grande. O buldogue é bom mesmo em agarrar e segurar. É isso que estou treinando Rei Alfredo para fazer.

— Tire-o daí e me mostre.

— De jeito nenhum! Ele é um animal de guarda. Não quero que ninguém o alise ou lhe faça carinhos. Quero que ele morda. Se quer vê-lo, enfie a mão e tire-o. Talvez desta vez ele segure. Tomara.

Isso acabou com qualquer tentativa de inspeção. Adele Sussubaum, Servidora Pública Desnecessária Primeira Classe, concordou que *Árvore-San* era *verbotem*, admirou-a e fez perguntas sobre suas flores. Quando ela e Gwen começaram a trocar receitas culinárias, insistiu em que tínhamos que nos mandar — se a inspeção sanitária e alfandegária estivesse terminada.

Dirigimo-nos em diagonal para o Círculo Externo. Senti o cheiro da Alameda e me orientei. Descemos um nível, passamos pelo Velho Dono e pegamos um túnel onde minha memória dizia que devia ficar o Raffles Hotel.

A caminho, porém, Bill me fez conhecer algumas de suas opiniões políticas.

— Senador...

— Não "senador", Bill. "Doutor."

— "Doutor." Sim, senhor, doutor. Acho que é errado o que aconteceu lá pra trás.

— Sim, foi. Essa chamada inspeção é sem sentido. Trata-se do tipo de tarefas caras, inúteis, que os governos se acostumam a adquirir ao longo dos anos, tais como cracas em um navio oceânico.

— Oh, não estou falando nisso. Isso está bem. Protege a cidade e dá a ela trabalho honesto.

— Corte essa palavra "honesto".

— Ahn? Eu estava falando sobre cobrar pelo ar. Isso é *errado*. Ar deve ser dado de graça.

— Por que diz isso, Bill? Isto aqui não é Nova Orleans. É a Lua. Não há atmosfera aqui. Se não comprar ar de que modo vai respirar?

— Mas é isso que estou dizendo! Ar para respirar é direito de todo mundo. O governo deve fornecer.

— A municipalidade de fato o fornece, a todos os lugares na pressurizada. E foi isso justamente o que pagamos. — Abanei o ar em frente ao nariz dele. — Esta coisa.

— Mas é isso que estou dizendo. Ninguém devia ter de pagar pela respiração da vida. É um direito natural e o governo devia dar o ar de graça.

Virei-me para Gwen:

— Espere um pouco, querida, isto tem que ser resolvido. Podemos ter que eliminar Bill apenas para conservá-lo feliz. Vamos ficar aqui mesmo até esclarecermos isto, Bill; eu paguei pelo ar que você respira porque você não tem dinheiro. Correto?

Ele não respondeu logo. Tranqüilamente, Gwen disse:

— Eu dei a ele uns trocados. Você é contra? Fitei-a, pensativo.

— Acho que devia ter sido informado. Meu amor, se vou ser o responsável por esta família, tenho que ser informado do que acontece nela. — Voltei-me para Bill. — Quando paguei lá pelo seu ar, por que você não se ofereceu para pagar sua parte com o dinheiro que tem?

— Mas *ela* me deu o dinheiro. Não foi o senhor.

— E daí? Devolva o dinheiro a ela.

Bill pareceu confuso. Gwen perguntou:

— Richard, isto é necessário?

— Acho que é.

— Mas eu não acho que seja.

Bill ficou calado, nada disse, observando apenas. Dei-lhe as costas para conversar em particular com Gwen e disse baixinho, apenas para ela:

— Gwen, preciso de seu apoio.

— Richard, você está provocando uma tempestade em um copo d'água.

— Não vejo a questão dessa maneira, querida. Muito ao contrário, é assunto da mais alta importância e preciso de sua ajuda. De modo que, me apóie ou então...

— Ou então o quê, querido?

— Você sabe o que "o então" significa. Decida-se. Vai me apoiar?

— Richard, isto é ridículo. Não vejo razão para fazer o que você quer.

— Gwen, estou lhe pedindo que me apóie. — Esperei por um tempo interminável e depois soltei um suspiro. — Ou então comece a andar e não olhe para trás.

A cabeça dela sacudiu-se como se eu a tivesse esbofeteado. Depois, pegou a maleta e começou a andar.

Boquiaberto de espanto durante um instante, Bill começou a segui-la apressadamente, ainda levando a Árvore-San.

XVI

"Mulheres foram feitas para serem amadas, e não compreendidas."

Oscar Wilde, 1854-1900

Observei-os desaparecer e, em seguida, comecei a andar vagarosamente. Era mais fácil andar do que ficar parado, e não havia por ali um lugar onde pudesse sentar. O coto do pé doeu e todo o cansaço dos últimos dias chegou de repente. Tinha a mente embotada. Continuei a caminhar em direção ao Raffles Hotel porque estava voltado naquela direção, programado.

O Raffles estava ainda mais andrajoso do que me lembrava. Mas desconfie que o rabi Ezra sabia o que estivera dizendo — aquilo, ou nada. De qualquer modo, eu queria desaparecer da vista do público. Teria aceito uma estalagem muito mais modesta, enquanto me permitissem ficar atrás de uma porta fechada.

Disse ao empregado da recepção que fora enviado pelo rabi Ezra e perguntei o que havia disponível. Acho que ele me ofereceu seu quarto ainda vago mais caro: 18 coroas.

Iniciei o ritual de barganha, mas meu coração não estava nela. Concordei com 14 coroas, paguei, recebi a chave. O empregado virou um grande livro na minha direção.

— Assine aqui. E mostre, por favor, o recibo de pagamento do ar.

— Ahn? Quando foi que começou essa novidade?

— Com o novo governo, meu chapa. Não gosto mais dela do que o senhor, mas faço o que mandam ou fecham a casa.

Pensei no caso. Seria "Richard Ames"? Por que fazer um tira encher a boca d'água pensando no prêmio? Colin Campbell? Alguém de boa memória poderia reconhecer o nome — e pensar em Walker Evans.

Escrevi: "Richard Campbell, Novy len."

— Obrigado, *gospodin*. O quarto L fica ao fim deste corredor, à esquerda. Não temos salão de jantar, mas nossa cozinha serve nos quartos por elevador interno. Se quiser jantar aqui, por favor, anote que a cozinha fecha às 21h. Exceto nos casos de bebida e gelo, o elevador interno nos quartos fecha também na mesma hora. Mas há um Sloppy Joe em frente à saída do corredor, que fica aberto à noite toda, e a uns 50 metros ao norte. Não é permitido preparar comida nos quartos.

— Obrigado.

— Quer companhia? Linha reta, à esquerda, mulheres comuns, ou versáteis, todas as idades e sexos e que atendem apenas à clientela de alta classe.

— Obrigado, mais uma vez. Estou muito cansado.

Era um quarto adequado para minhas necessidades. Não me importei com sua pobreza. Havia uma cama de solteiro, um sofá-cama e um refrigerador, pequeno, mas com os serviços habituais, e nenhuma restrição ao uso de água... Prometi a mim mesmo um banho quente... depois, depois! Um suporte de prateleira no conjugado parecia ter sido reservado para um terminal de comunicação, mas nesse momento encontrava-se vazio. Junto, cravada na rocha, vi uma placa de latão:

*Neste Quarto, no Dia 14 de Maio de 2075,
Adam Selene, Bernardo de La Paz, Manuel Davis e Wyoming Knott
Formularam o Plano que Deu Origem à Luna Livre.
Aqui Iniciaram Eles a Revolução!*

Não fiquei impressionado. Sim, esses quatro eram os heróis da Revolução, mas no ano em que enterrei Colin Campbell e criei Richard Ames, eu me hospedara numa dúzia e tanto de quartos de hotel em L-City, a maioria exibindo tabuletas semelhantes. A coisa lembrava cartazes do tipo "Washington Dormiu Aqui" em meu país nativo: engodo para turistas e qualquer semelhança com a verdade era mera coincidência.

Não que eu me importasse. Tirei o pé fora, deitei-me no sofá e fiz um esforço para esvaziar a mente.

Gwen! Oh, droga, droga, *droga!*

Fora eu acaso um tolo presunçoso? Talvez. Mas, diabos, há um limite. Não me importava em fazer a vontade dela na maioria das coisas. Tudo bem que ela tomasse decisões por nós dois e eu não esperneara quando fizera isso sem me consultar. Mas não devia estimular aquele pensionista a me desafiar — devia? Eu não poderia tolerar isso. Um homem não pode viver dessa maneira.

Mas não posso viver sem ela!

Não é verdade, não é verdade! Até esta semana — há pouco mais de três dias — você vivia sem ela... e pode fazer agora a mesma coisa.

Posso passar também sem meu pé faltante. Mas não gosto de não possuir os dois e nunca me acostumarei à perda. Claro, você pode passar sem Gwen, não vai morrer sem ela — mas reconheça, seu estúpido: nos últimos 30 anos você só foi

feliz nesse curto espaço de tempo, as horas em que Gwen chegou e casou com você. Horas cheias de perigo, profunda injustiça, lutas e dificuldades, nada disso importou o mínimo, você estava borbulhando de felicidade simplesmente porque a tinha a seu lado.

E, agora, mandou-a embora.

Poronha seu chapéu de burro. Prenda-o com rebites, e nunca mais o tire

Mas eu tinha *razão!*

E daí? O que é que ter *razão* tem a ver com continuar casado?

Devo ter dormido (eu estava mortalmente cansado) e lembro-me de coisas que não aconteceram — isto é, Gwen fora estuprada e morta em Bottom Alley. Mas o estupro é tão raro em Luna City como comum em Los Angeles. O último aconteceu há 80 anos e o minhoca que o cometeu não viveu o suficiente para ser eliminado: os homens que atenderam aos gritos da mulher reduziram-no a picadinho.

Mais tarde descobriu-se que ela gritara porque ele não lhe pagara. Mas isso não fez diferença. Para o lunariano, a puta é tão sagrada em sua pessoa como a Virgem Maria. Sou lunariano por adoção e concordo com isso do fundo do coração. O *único* castigo apropriado para o estupro é a morte, imediata, sem apelação.

Antigamente, na Terra, houvera atenuantes legais denominados de "irresponsabilidade por desenvolvimento mental incompleto" e "inexculpável por razão de insanidade mental". Conceitos como esses fundiriam a cuca de um lunariano. Em Luna City, um homem teria desenvolvimento mental incompleto até mesmo em pensar em estupro, e praticá-lo seria a prova mais forte possível de insanidade — mas entre os lunarianos essas doenças mentais não despertavam simpatia nenhuma pelo estuprador. Lunarianos não submetem estupra-dores à psicanálise. Matam-nos. Rápido. Na hora. Brutalmente. São Francisco devia aprender com os lunarianos. E todas as cidades onde mulheres não podem andar sozinhas em segurança. Em Luna, as mulheres nunca temem os homens, amigos, ou estranhos; em Luna, homens não fazem mal a mulheres — porque *morrem!*

Eu acordei soluçando incontrolavelmente. Gwen estava morta, fora estuprada e assassinada, e por culpa minha!

Mesmo quando acordei o suficiente para reentrar na minha continuidade temporal, continuei a chorar — sabia que fora apenas um sonho, um horrível pesadelo... mas meus sentimentos de culpa nem por isso diminuíram. Eu, de fato, não conseguira proteger meu amor. Havia-lhe dito que fosse embora... —

começasse a andar e não olhasse para trás. Oh, loucura insondável.

O que é que posso fazer a esse respeito?

Procurá-la! Talvez ela me perdoe. Mulheres têm aparentemente capacidade quase ilimitada de perdão. (Desde que, em geral, é o homem que precisa do perdão, isto deve ser um traço racial de sobrevivência.)

Mas, em primeiro lugar, tinha que achá-la.

Senti uma necessidade insuportável de sair e iniciar a busca — saltar em cima de meu cavalo e galopar em todas as direções. Mas este é o exemplo clássico dado em livros de matemática sobre como *não* localizar uma pessoa desaparecida. Não tinha a menor idéia de onde procurá-la, mas, quem sabe, havia a possibilidade de que ela estivesse me procurando no Raffles — se mudasse de idéia. Se mudasse, eu tinha que estar *ali*, e não procurando-a ao acaso.

Mas podia melhorar as probabilidades. Ligar para o *Daily Lunatic* e botar um anúncio — colocar mais de um: na coluna dos classificados, entre vinhetas e — melhor! — numa lenga-lenga comercial que seria exibida em todos os terminais juntamente com os noticiários do *Lunatic*, de hora em hora.

Se isso não der certo, o que é que você vai fazer?

Oh, cale a boca e escreva logo o anúncio!

Gwen, procure-me no Raffles. Richard.

Gwen. *Por favor*, ligue para mim! Estou no Raffles. Amor, Richard.

Queridíssima Gwen, pelo amor do que tivemos juntos, *por favor* ligue para mim. Estou no Raffles. Amor, sempre. Richard.

Gwen, eu errei. Dê-me outra chance. Estou no Raffles. Todo meu amor, Richard.

Hesitei, nervoso, e finalmente achei que o número dois era o melhor — mudei de idéia; o número quatro tinha mais apelo. Mudei novamente — a simplicidade do número dois era melhor. Ou mesmo do número um. Oh, diabo, estúpido, simplesmente bote um anúncio! Peça a ela para telefonar. Se você tiver alguma possibilidade de trazê-la de volta, ela não vai se incomodar com o fraseado.

Ligar da gerência do hotel? Não, deixe um recado aí, dizendo a Gwen aonde vai, e por que, quando vai voltar e, *por favor*, espere... depois corra até a sede do jornal e consiga que o anúncio apareça imediatamente em todos os terminais — e na próxima edição. Depois, volte correndo.

De modo que calcei o pé postigo, escrevi o bilhete para deixar na portaria e agarrei a bengala — e aquela sincronização, de fração de segundos, que notei um número excessivo de vezes em minha vida, aconteceu novamente: um senso de

oportunidade que me leva a pensar, mais do que qualquer outra coisa, que este mundo louco é de certa forma planejado, não um caos.

Uma batida à porta...

Corri para abri-la. Era *ela!* Aleluia!

Parecia ainda menor do que me lembrava e toda olhos redondos e solenes. Trazia o pequeno pé de bordo no vaso, como se fosse uma oferenda de amor — talvez fosse.

— Richard, você deixa que eu volte? Por favor? Acontecendo tudo no mesmo momento, peguei a arvorezinha, coloquei-a no chão, levantei-a no ar, fechei a porta, sentei-a no sofá ao meu lado, ela e eu aos soluços e em lágrimas, falando, tudo misturado ao mesmo tempo.

Após algum tempo, moderamos o ritmo e eu me calei o suficiente para ouvir o que ela estava dizendo:

— Sinto muito, Richard, eu estava errada. Devia ter apoiado você, mas estava magoada e zangada, e era de um orgulho besta grande demais para ter voltado e lhe dito isso, e, quando fiz isso, você já tinha ido embora e eu não sabia o *quê fazer*. Oh, Deus, querido, nunca mais deixe que eu deixe você, obrigue-me a ficar! Você é maior do que eu. Se eu ficar zangada novamente e tentar ir embora, pegue-me, vire-me de bruços e *não* deixe que eu vá embora!

— Eu nunca mais deixarei, nunca. Eu erreí, querida. Não devia ter criado um caso daquela bobagem. Esta não é a maneira de amar e acalantar. Rendo-me, com todas as armas. Faça de Bill um bichinho de estimação, se quiser. Não direi uma única palavra. Vá em frente, mime-o até estragá-lo.

— Não, Richard, não! Eu estava errada. Bill precisava de uma lição rigorosa e eu devia tê-lo apoiado e deixado que você o endireitasse. Contudo...

Gwen relaxou um pouco, pegou a bolsa e abriu-a. Eu disse:

— Cuidado com o jacaré! Cuidado!

Ela sorriu pela primeira vez.

— Adele engoliu mesmo aquela isca, com anzol, chumbada e linha.

— Você quer dizer que *não* há um jacaré aí?

— Deus do céu, querido, você pensa que sou uma excêntrica!

— Oh, Deus nos livre!

— Apenas uma ratoeira e a imaginação dela. Aqui... — Gwen pôs uma maçaroca de dinheiro, papel e metal ao lado, no sofá. — Obriguei Bill a devolver o dinheiro. O que ele ainda tinha, quero dizer. Devia ter três vezes mais. Receio que Bill seja um desses fracotes que não podem andar com dinheiro sem gastá-

lo. Tenho que pensar como espancá-lo até que ele aprenda. Enquanto isso, ele não vai ganhar dinheiro *nenhum* até que o mereça.

— Logo que ele merecer algum dinheiro, deve me pagar 90 dias de conta de ar — interrompi-a. — Gwen, fiquei realmente aborrecido com aquilo. Aborrecido com ele, não com você. Com a atitude dele a respeito de pagar pelo ar. Mas sinto tanto quanto possível que tenha deixado que isso transbordasse em cima de você.

— Mas você teve *razão*, querido. A atitude de Bill sobre o pagamento do ar reflete sua desorientação geral. Foi isso o que descobri. Sentamo-nos no Velho Domo e discutimos um bocado de coisas. Richard, Bill sofre da doença socialista na sua forma mais maligna: acha que o mundo lhe deve o sustento. Disse-me com toda sinceridade — contente consigo mesmo! — que *naturalmente* todos têm direito aos melhores serviços médicos e hospitalares possíveis — gratuitos, naturalmente, ilimitados, naturalmente, e, claro, o governo deve pagar tudo. Ele não consegue nem entender a impossibilidade matemática do que exige. Mas não são apenas ar gratuito e tratamento gratuito. Bill acredita honestamente que tudo o que *ele* quer deve ser possível... e deve ser gratuito. — Arrepiou-se toda. — Não consegui modificar a opinião dele sobre *coisa nenhuma*.

— "A Road Song of the Bandar-Log."

— Não entendi!

— De autoria de um poeta velho de dois séculos, Rudyard Kipling. Os *bandarlog* eram símios, acreditavam que tudo era possível, bastando desejar alguma coisa.

— Isso mesmo, Bill é assim. Com toda seriedade, ele explica como as coisas *deviam* ser... e em seguida cabe ao governo fazer com que aconteçam. Simplesmente baixar uma lei. Richard, ele pensa no "governo" da mesma maneira que um selvagem pensa em ídolos. Oh... Não, não sei, não compreendo como funciona a mente dele. Conversamos, mas um não alcançou o outro. Ele *acredita* nos absurdos que diz. Richard, cometemos um erro... ou eu cometi. Não devíamos ter resgatado Bill.

— Errado, doçura de mulher.

— Não, querido. Pensei que poderia reabilitá-lo. Enganei-me.

— Não foi assim que eu quis dizer que você errou. Lembra-se dos ratos?

-Oh.

— Não fique tão infeliz assim. Trouxemos Bill conosco porque ficamos com medo que, se não trouxéssemos, ele fosse morto, possivelmente comido vivo por ratos. Gwen, nós dois conhecemos os riscos de pegar gatinhos abandonados, nós dois entendemos o conceito de "obrigação chinesa". Mas fizemos isso, de qualquer maneira. — Levantei-lhe o queixo e beijei-a. — E faríamos a mesma coisa novamente, neste exato minuto. Sabendo o preço.

— Oh, eu o amo!

— Eu amo você, também, de maneira suada, vulgar.

— Hummm, agora?

— Preciso de um banho.

— Podemos tomar banho depois.

Eu havia justamente pegado o resto da bagagem de Gwen, temporariamente esquecida do outro lado da porta — e por sorte intacta — e estávamos nos preparando para o banho quando Gwen se curvou sobre a pequena árvore, apanhou-a do chão e colocou-a na mesa-prateleira ao lado do elevador interno de refeições, onde poderia tratá-la melhor.

— Um presente para você, Richard.

— Que bom. Mulheres? Ou bebida?

— Nem uma coisa nem outra. Embora ache que há pronta disponibilidade de ambas. O gerente da noite queria uma comissão de meu pagamento quando pedi um quarto para Bill aqui.

— Bill está aqui?

— Para passar a noite, no quarto de solteiro mais barato. Richard, eu não sabia o que fazer com Bill. Eu teria dito a ele para procurar um chefe na Bottom Alley, se não tivesse ouvido o que o rabi Ezra falou sobre ratos. Droga, não havia antes ratos aqui. Luna City deve estar se transformando em cortiço.

— Receio que você tenha razão.

— Dei de comer a ele, também. Há um Sloppy Joe nesta rua. Ele come por quatro... talvez você tenha notado.

— Notei.

— Richard, eu não podia abandoná-lo sem alimentá-lo antes e lhe dar uma cama segura. Mas amanhã a história é diferente. Disse a ele que esperava que se modificasse... antes do café da manhã.

— Hummm. Bill mentiria por um ovo frito. Ele é um caso triste, Gwen, o mais triste de todos.

— Não acho que ele consiga mentir convincentemente. Pelo menos, dei-lhe alguma coisa em que pensar. Sabe que estou zangada com ele, que desprezo as idéias deles e que o almoço gratuito está prestes a fechar as portas. Tomara que isto lhe tenha dado uma noite insone. Aqui, querido... — estivera mexendo na areia do vaso; sob o pequeno bordo. — Para Richard. É melhor levá-los.

Entregou-me seis cartuchos, Skoda 6,5mm, longos ou cópias muito bem feitas. Peguei um deles e examinei-o.

— Mulher Maravilha, você continua a me deixar pasmo. Onde? Quando? Como? Os elogios fizeram-na sorrir feliz, e mais.

— Esta manhã. Em Kong. Mercado negro, naturalmente, o que significa simplesmente descobrir em que balcão procurar na Sears. Escondi minha Miyako sob a Arvore-San antes de ir às compras, depois guardei a munição aí ao deixar o hotel de Xia. Queridíssimo namorado, eu não sabia que tipo de revista poderíamos sofrer se as coisas ficassem pretas em Kong — e ficaram, mas titia deu um jeito.

— Você sabe cozinhar?

— Sou uma cozinheira passável.

— Você pode atirar, pode dirigir um rolator, pode pilotar uma nave espacial, pode cozinhar. Okay, está contratada. Mas tem ainda outras habilidades?

— Bem, um pouco de engenharia. Fui também advogada muito competente. Mas não pratiquei nenhuma dessas profissões ultimamente. — E acrescentou: — E posso cuspir por entre os dentes da frente.

— Supermoça! Você é agora ou já foi membro da raça humana? Cuidado com o que vai responder. Isto constará dos anais.-

— Recuso-me a responder, a conselho de meu advogado. Vamos pedir o jantar antes que fechem a cozinha.

— Pensei que você queria um banho.

— Quero. Estou com coceira. Mas se não pedirmos logo teremos que nos vestir e ir até o Sloppy Joe... Não me importo com o Sloppy Joe, mas me importo em ter que me vestir. Esta é a primeira ocasião inteiramente relaxada, tranqüila, que tenho com meu marido desde, oh, eternidades. Em sua suíte no Regra de Ouro antes daquele mandado de despejo idiota.

— Três dias.

— Tão pouco assim? De verdade?

— Oitenta horas. Horas muito ocupadas, isto reconheço.

O Raffles tem boa cozinha se a gente segue as sugestões do *chef*. Naquela noite havia almôndegas com panquecas suecas e molho de mel e cerveja — uma combinação estranha mas que funcionava, salada verde com azeite e vinagre de vinho, queijo e morangos frescos. Chá preto.

Apreciamos, mas um sapato velho, devidamente frito, teria sido aceitável também, tanto tempo havia passado desde que comêramos algum coisa. Podia até ter sido gambá frito e nem teríamos notado. A companhia de Gwen era todo

o molho de que eu necessitava.

Estivéramos comendo feliz por meia hora, sem fazer tentativa nenhuma de parecermos elegantes, quando minha querida notou a chapa de latão na pedra — estivera ocupada demais antes. Compreensível.

Levantou-se, leu a placa e disse em voz sumida:

— O diabo me leve! É este o lugar! Richard, este é o próprio berço da Revolução! E eu aqui sentada, arrotando e me coçando; como se este fosse apenas qualquer quarto de hotel.

— Sente-se e termine seu jantar, amor — recomendei. — Três em cada quatro hotéis em Luna têm placas parecidas como essa.

— Não como *essa*, Richard. Qual é o número deste quarto?

— Não tem. Tem uma letra. Quarto L.

— Quarto L... é isso mesmo! Este é o lugar! Richard, em qualquer nação lá na Terra, um santuário nacional tão importante como este teria uma chama perene. E provavelmente uma guarda de honra. Mas aqui... alguém botou essa pequena placa e ela foi esquecida. Mesmo no Dia de Luna Livre. Mas os lunarianos são assim. O grupo mais esquisito de todo o universo conhecido. Pode acreditar em mim!

— Querida moça — observei —, se lhe agrada pensar que este quarto é realmente o que aquela placa diz, ótimo! Enquanto isso, volte a sentar-se e coma. Ou como seus morangos!

Ela não respondeu, mas sentou-se e ficou calada. Apenas beliscou a fruta e o queijo. Finalmente, cheguei a uma conclusão:

— Namorada, alguma coisa a está incomodando.

— Não vou morrer disso.

— Que bom saber. Quando tiver vontade de falar, sou todo ouvidos. Enquanto isso, vou apenas abaná-la com eles. Não se apresse.

— Richard...

A voz dela me pareceu sufocada. Surpreso, vi lágrimas escorrendo silenciosas de cada lado do nariz.

— Sim, querida?

— Eu lhe contei um monte de mentiras. Eu...

— Pare aí mesmo. Meu amor, meu pequenino amor ardente, sempre acreditei que mulheres podem mentir tanto quanto precisarem e nunca serem censuradas por isso. Mentiras podem ser sua única defesa contra um mundo hostil. Eu não lhe perguntei nada sobre seu passado... perguntei?

— Não, mas...

— Mais uma vez, pare. Não perguntei. Você contou voluntariamente algumas coisas. Mas, mesmo assim, eu a fiz calar uma duas vezes quando você estava prestes a sofrer um ataque de pernicioso autobiografia. Gwen, não me casei com você por seu dinheiro, por sua origem familiar, sua inteligência ou mesmo pelos seus talentos na cama.

— Nem mesmo por esta última coisa? Você não me deixou muita coisa.

— Oh, sim, deixei. Aprecio sua perícia na horizontal e seu entusiasmo. Mas dançarinas de colchão competentes não são raras. Veja Xia, por exemplo. Conjecturo que ela seja não só hábil mas desejosa.

— Provavelmente duas vezes mais hábil que eu, mas o diabo me leve se for mais desejosa.

— Você se sai muito bem quando consegue um descanso. Mas não me distraia. Quer saber o que é que a torna tão especial?

— *Quero!* Bem, acho que quero. Se isto não tiver uma bomba escondida.

— Não tem. Amante minha, sua qualidade excepcional e especial é a seguinte: quando você está comigo eu sou feliz.

— Richard!

— Deixe de choramingar. Não posso suportar mulher que tem que lambe as lágrimas do lábio superior.

— Bruto. Eu choro quando tiver droga de vontade... e preciso, desta vez. Richard, eu o amo.

— Eu gosto de você também, cara de macaco. O que eu estava dizendo era que, se seu atual monte de mentiras está começando a aparecer, não se importe em construir outra estrutura cheia de solenes garantias de que esta é, finalmente, a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade. Esqueça. A velha estrutura pode estar puída — mas não me importo. Não estou procurando buracos ou incoerências porque *não* me importo. Quero simplesmente viver com você, segurar sua mão e ouvir você roncar.

— Eu *não* ronco! Oh... ronco?

— Não sei. Não tivemos sono suficiente nas últimas 80 horas para isto constituir um problema. Pergunte-me dentro de 50 anos. — Estendi a mão por cima da mesa, toquei um bico de seio e vi-o endurecer. — Quero segurar sua mão, escutar seus roncões e, ocasionalmente... ou, uma ou duas vezes por mês...

— Uma ou duas vezes por mês!

— Isto é demais? Ela suspirou.

— Acho que devo me contentar com o que conseguir. Ou sair para miar nos telhados.

— Telhados? Que telhados? Eu ia dizer que uma ou duas vezes por mês sairemos para jantar fora, assistir a um *show* ou dançar numa boate. Comprarei uma flor para você prender nos cabelos. Ou mais vezes, se você insistir. Tenciono sustentá-la, meu amor, a despeito desses sacos de ouro que você escondeu em alguma parte. — E acrescentei: — Algum problema, querida? Programa anulado? Por que essa expressão?

— Richard Colin, você é de longe o homem mais exasperante com quem já casei. Ou mesmo dormi.

— Você deixava que eles dormissem?

— Oh, pergunte a sua mãe! Eu não devia tê-lo salvo de Gretchen. "Uma ou duas vezes por mês." Você botou uma casca de banana no meu caminho. E eu caí.

— Madame, não sei do que está falando.

— Sabe muito bem! Você pensa que eu sou uma ninfomaniacazinha suada.

— Você não é *tão* pequena assim.

— Continue assim. Continue a me encher. Continue e eu acrescento um segundo marido a nosso casamento. Choy-Mu casaria conosco... sei que casaria.

— Choy-Mu é um cara decente, quadrado demais. E tenho certeza de que casaria com você. Ele não tem a cabeça cheia de terra. Se resolver isso, vou fazer o possível para recebê-lo bem. Embora eu não soubesse que o conhecia tão bem assim. Falou sério nele?

— Não, droga. Nunca tive o hábito de casamento múltiplo. Agüentar um marido de cada vez já é complexo o suficiente. Certamente que o Capitão Marcy é um rapaz direito, mas jovem demais para mim. Oh, não vou dizer que lhe recusaria uma noite de prazer, se ele me pedisse graciosamente. Mas seria apenas por divertimento, nada sério.

— Eu também não vou dizer que deva recusar a ele. Bem, avise-me antes, se for conveniente para você, de modo que eu graciosamente finja não notar. Ou servir de reserva. Ou fornecer toalhas. Escolha da dama.

— Richard, você é totalmente demais.

— Quer que eu fique com ciúme? Mas isto é Luna e eu sou lunariano. Só por adoção, mas, apesar disso, lunariano. Nunca uma minhoca batendo com a cabeça em um muro de pedra. — Parei para lhe beijar a mão. — Minha querida amante, você é realmente pequena e sem muita massa. Mas seu coração é grande. Tal como na multiplicação dos pães e dos peixes, você é rica em abundância para tantos maridos e amantes quantos quiser. Sinto-me feliz em ser

o primeiro — se sou — entre iguais.

— O que é isso que estou vendo aí? Uma adaga?

— Não, um pingente de gelo.

— É mesmo? Vamos agarrá-lo antes que ele derreta. Conseguimos, mas por um triz. Eu estava cansado. Depois, perguntei:

— Gwen, por que você está tão séria? Meu desempenho foi tão medíocre assim?

— Não, amor. Mas aquelas mentiras continuam a me incomodar... E desta vez, por favor, não mude o assunto. Eu sei que a inscrição naquela chapa de bronze ali é correta, porque eu conheci três desses quatro. Conheci-os muito bem. Fui adotada por dois deles. Amado, eu sou uma das Mães Fundadoras do Estado Livre de Luna.

Eu nada disse porque há ocasiões em que nada há que possamos dizer. Pouco depois Gwen se contorceu e disse quase com raiva:

— Não me olhe assim! Sei no que é que você está pensando: 2076 é uma data um bocado antiga. E é. Mas, se você se vestir, eu o levarei ao Velho Domo e lhe mostrarei minha chancela e minhas impressões digitais na Declaração de Independência. Você pode pensar que não é minha chancela... mas não posso falsificar impressões digitais. Quer ir dar uma olhada?

— Não.

— Por que não? Quer saber qual é a minha idade? Eu nasci no dia de Natal de 2063, de modo que tinha 12 anos e meio quando assinei a Declaração. Isso revela minha idade.

— Namorada minha, quando resolvi tornar-me lunariano nativo, ou pelo menos um fac-símile aceitável, estudei a história de Luna a fim de poder me safar bem com minha nova identidade. Não há nenhuma Gwendolyn entre as assinantes. Espere um segundo, não estou dizendo que você mentiu... estou dizendo que você devia ter outro nome por essa ocasião.

— Claro que tinha. Hazel. Hazel Meade Davis.

— Hazel. Por casamento, ingressou mais tarde na Turma de Stone. Líder do corpo auxiliar de crianças. Humm, Hazel era ruiva.

— Era sim. Agora posso deixar de tomar essas pilulas nojentas e permitir que meu cabelo volte à cor natural. A menos que você prefira esta tonalidade.

— A cor do cabelo não tem importância. Mas... Hazel, por que casou comigo?

Ela soltou um suspiro.

— Por amor, querido, e isto é verdade. A fim de ajudá-lo quando você esteve em perigo... E isto também é verdade. Porque era inevitável e isto também é

verdade. Porque está escrito em livros de história em outro tempo e lugar que Hazel Stone voltou a Luna, casou-se com Richard Ames, conhecido também como Colin Campbell... e que esse casal resgatou Adam Selene, presidente do Comitê Revolucionário.

— Já escrito, ahn? Predestinado?

— Não inteiramente, bem-amado. Em outros livros de história está escrito que fracassamos... e que morremos tentando.

XVII

"A idade não pode mirrá-la, nem o costume tornar cediça

Sua variedade infinita; outras mulheres saciam

Os apetites que despertam; ela, porém, torna-os famintos

Onde mais os satisfaz..."

William Shakespeare, 1564-1616

Então a menininha disse à professora: "Meu irmão acha que é uma galinha". A professora respondeu: "Oh, Deus do céu! O que é que vocês estão fazendo para ajudar o pobre menino?" A menininha respondeu: "Nada. Mamãe diz que a gente tá precisando de ovos."

Devemos acaso nos preocupar com as ilusões de uma mulher? Se as ilusões a fazem feliz? Teria eu o dever de pegar Gwen pela mão e levá-la a um psicanalista para tentar curá-la?

Diabo, não! Psicanalistas são cegos conduzindo cegos e mesmo o melhor deles opera na base de palpites. Quem consulta psicanalistas devia mandar examinar a cabeça.

Exame atento mostrava que Gwen possivelmente tinha mais de 30 anos, provavelmente não chegara ainda aos 40 — mas de modo nenhum chegara aos 50! De modo que, qual era a maneira suave de receber a alegação dela de que nascera há mais de um século?

Todo mundo sabe que nativos de Luna envelhecem mais lentamente que minhocas que cresceram em um campo de uma gravidade. A ilusão de Gwen parecia incluir a idéia de que ela mesma era uma lunariana, em vez de ser a minhoca nativa que alegara antes ser. Mas lunarianos de fato envelhecem, ainda que devagar, e lunarianos de mais de 100 anos (eu conheci vários deles) não parecem apenas ter mais de 30 e tantos; parecem velhos.

Teria que fazer um esforço danado para que Gwen pensasse que acreditara em tudo o que dissera... embora em nada acreditasse e dissesse a mim mesmo que isto não tinha importância. Conheci certa vez um homem que, embora mentalmente são, casara com uma mulher que acreditava piamente em astrologia. Ela vivia obcecando pessoas e lhes perguntando sob que signo nasceram. Este tipo de loucura anti-social devia ser de convivência mais difícil do que viver com a mansa ilusão de Gwen.

Ainda assim, esse homem parecia feliz. A mulher era excelente cozinheira, mulher de trato agradável (à parte o buraco que tinha na cabeça), e pode ter sido uma artista de cama igual a Rangy Lil. De modo que, por que devia ele se

preocupar com aquela síndrome da mulher? Ela se sentia feliz com a mesma, mesmo que aborrecesse outras pessoas. Acho que ele não se importava em viver em um vácuo intelectual em casa, enquanto nela estivesse fisicamente confortável.

Tendo lavado o lindo peito daquilo que a incomodava, Gwen dormiu imediatamente, o que fiz logo depois durante uma longa, feliz e ininterrupta noite de descanso. Acordei recuperado e alegre, pronto para lutar com uma cascavel e dar de quebra as duas primeiras picadas.

Ou pronto para comer uma cascavel. Quando chegasse segunda-feira, teria que procurar novos alojamentos. Em geral saio sem protestos para fazer as demais refeições, mas o café da manhã deve ser tomado antes que um homem enfrente o mundo. Esta não é a única razão para casar, mas é boa. Claro, há outras maneiras de resolver o problema do desjejum em casa, mas casar e convencer a esposa a preparar o dito cujo é, acho, a estratégia mais comum.

Depois, acordei inteiramente e dei-me conta de que podíamos tomar o desjejum ali mesmo. Podíamos mesmo? A que horas começava a funcionar a cozinha? Que horas eram? Verifiquei o aviso colocado no elevador interno de refeições e fiquei deprimido.

Escovara os dentes, calçara o pé e estava vestindo as calças (pensando ao mesmo tempo que precisava comprar roupas naquele dia, uma vez que aquelas estavam alcançando massa crítica) quando Gwen acordou.

Abriu um olho.

— A gente se conhece?

— Nós, de Boston, não consideraríamos isto como uma apresentação formal, mas estou disposto a lhe pagar, de qualquer maneira, o desjejum. Você foi bem ardente. O que é que vai ser? Este pulgueiro oferece uma coisa chamada "café complet", uma promessa pouco inspiradora, na melhor das hipóteses. Ou você pode se vestir e irmos lentamente fazer uma visita a Sloppy Joe.

— Volte para a cama.

— Mulher, você está tentando receber meu seguro de vida. Sloppy Joe? Ou peça para você uma xícara de Nescafé morno, *croissant* passado e um copo de suco sintético de laranja como luxuoso desjejum na cama?

— Você me prometeu *waffles* todas as manhãs. Você prometeu. Prometeu.

— Prometi. No Sloppy Joe. É para lá que vou. Vem comigo? Ou peça para você a especialidade da casa aqui no Raffles?

Gwen continuou a resmungar e a gemer, a me acusar de crimes impudáveis e me desafiar a voltar e a morrer como um homem, ao mesmo tempo em que rápida e eficientemente se levantava, refrescava-se para o dia, e vestia-se.

Acabou parecendo novinha em folha, em vez de ter passado três dias dentro da mesma roupa. Bem, nós dois tínhamos roupas de baixo novinhas em folha, banhos quentes recentes, e mentes e unhas putativamente limpas... Mas ela parecia fresca como uma caixa de chapéu novo, enquanto eu parecia o porco que vagarosamente se afasta. O que era azar dela e nenhum meu. Era maravilhoso acordar e ver Gwen. Eu me sentia borbulhantemente feliz.

Ao deixarmos o quarto L, ela me tomou o braço e apertou-o.

— Moço, obrigada por ter-me convidado para um café.

— Quando quiser, mocinha. Em que quarto está o Bill? Ela ficou séria imediatamente.

— Richard, eu não queria que você enfrentasse o Bill até que tivesse tomado o desjejum? Não será melhor?

— Ahn... oh, diabo, eu não gosto de esperar pelo café e não vejo nada a ganhar fazendo com que Bill espere pelo dele. Nós não temos que olhar para ele. Pego uma mesa para dois e Bill pode comer no balcão.

— Richard, você é um boboca de coração mole. Adoro você.

— Não me chame de boboca de coração mole, sua boboca de coração mole. Quem foi que gastou uma fortuna com ele?

— Eu gastei, foi um erro, tomei-a de volta e isto não vai acontecer novamente.

— Você tomou parte do dinheiro.

— Tomei o que ele ainda tinha, e deixe de me acusar por isso, por favor. Fui uma idiota, Richard. Certa demais.

— Então, vamos esquecer isso. É este o quarto dele? Bill não estava. Uma pergunta na recepção confirmou o

que a batida à porta mostrara ser provável: Bill saíra meia hora mais cedo. Acho que Gwen ficou aliviada. Eu sei que fiquei. Nossa criança-problema se transformara em uma forte dor em um lugar sensível. Eu tinha que me lembrar que ele salvara titia para conseguir ver alguma coisa boa nele.

Minutos depois, entramos no Sloppy Joe local. Eu olhava em volta à procura de uma mesa para dois quando Gwen me apertou o braço. Ergui os olhos e olhei para onde ela estava olhando.

Bill estava no caixa, pagando a conta. E fazendo isso com uma nota de 25 coroas.

Esperamos. Quando ele se virou e nos viu — pareceu disposto a correr. Mas não havia por onde correr, exceto por cima de nós.

Levamos Bill para fora sem nenhuma cena. No corredor, Gwen fitou-o, seu rosto frio de repugnância.

— Bill, onde foi que você arranjou esse dinheiro? Ele olhou para ela e desviou a vista.

— É meu.

— Oh, besteira. Você saiu do Regra de Ouro sem um tostão no bolso. O dinheiro que você tem fui eu que dei. Você me mentiu na noite passada... você me escondeu coisas.

Com uma aparência de bronca obstinação, Bill ficou calado. De modo que eu disse:

— Bill, volte para seu quarto. Depois de tomarmos nosso desjejum iremos conversar com você lá. E extrairemos a verdade de você.

Ele me fitou com uma raiva mal controlada.

— Senador, isto não é de sua conta!

— Isso veremos. Volte ao Raffles. Venha, Gwen.

— Mas eu quero que Bill devolva meu dinheiro. Agora!

— Depois do café. Desta vez deixe que eu faça a coisa à minha maneira. Você vem?

Gwen calou-se e voltamos ao restaurante. Cuidei para não falarmos sobre Bill. Alguns assuntos coalham os sucos gástricos.

Uns 30 minutos depois, perguntei:

— Outro *waffle*, querida?

— Não, obrigada, Richard, já estou satisfeita. Eles não são tão bons como os seus.

— Isso é porque eu sou um gênio nato. Vamos terminar aqui, voltar ao hotel e cuidar de Bill. Vamos esfolá-lo vivo ou simplesmente empalá-lo em uma estaca?

— Eu estava pensando em interrogá-lo na roda. Richard, a vida perdeu alguns de seus encantos quando drogas de verdade substituíram as torqueses para dedos e os ferros em brasa.

— Minha amada, você é um horrorzinho sedento de sangue. Mais café?

— Você disse isso apenas para me lisonjear. Não, obrigada. Quando voltamos ao Raffles, fomos ao quarto de Bill, não

consequimos despertar-lhe a atenção e voltamos à portaria. O misantropo que me recebera na véspera estava novamente de serviço. Perguntei:

— Viu por acaso William Johnson, quarto KK?

— Vi. Há uns 30 minutos ele recebeu o depósito que fez pela chave e foi embora.

— Mas *eu* comprei aquela chave! — exclamou Gwen, um tanto estridentemente.

O recepcionista permaneceu impassível.

— *Gospazha*, sei que a senhora fez isso. Mas nós devolvemos o depósito com a devolução da chave. Não tem importância quem alugou o quarto. — Estendeu a mão para o quadro de escaninhos e tirou a chave-cartão KK. — O depósito mal paga a mudança do código magnético, se alguém deixa de devolver a chave... e não paga pelo aborrecimento. Se a senhora perdesse o cartão no corredor e alguém o apanhasse e o entregasse, nós devolveríamos o depósito... e a senhora teria de fazer um segundo depósito para entrar no quarto.

Segurei firme Gwen pelos ombros.

— Bastante justo. Se ele aparecer, avise-nos, sim? Quarto L. Ele olhou para Gwen.

— Não quer o quarto KK?

— Não.

Ele voltou a atenção para mim:

— O senhor está no quarto L pela taxa de solteiro. Por ocupação dupla nós cobramos mais.

Subitamente, enchi. De toda aquela merda, toda a desconsideração, todas as besteiras pequeninas que eu podia agüentar. — Tente me arrancar mais uma única coroa e eu o arrasto até a Bottom Alley, desatarraxo sua cabeça. Venha comigo, querida.

Eu estava ainda uma fera quando abri a porta do quarto e entramos.

— Gwen, vamos embora de Luna. O lugar mudou. Para pior.

— Para onde você quer ir, Richard? — Ela parecia, pelo tom da voz, também aflita.

— Ahn... eu optaria por emigrar para fora de todo o Sistema... Botany Bay, ou Próxima, ou coisas assim... se eu fosse mais jovem e tivesse duas pernas. — Suspirei. — Às vezes eu me sinto como órfão de mãe.

— Amor meu...

— Assim, querida?

— Eu estou aqui e quero ser sua mãe. Eu vou aonde você for. Segui-lo-ei até os confins da galáxia. Mas não quero ir embora de Luna ainda... se você puder me fazer esta vontade. Podemos sair agora e procurar outro lugar para morar. Se não encontrarmos — o rabi Ezra talvez tenha razão —, não poderíamos tolerar aquele porteiro mal-humorado até segunda-feira? Nessa ocasião certamente arranjaríamos lugar.

Concentrei-me em diminuir as batidas do coração, e consegui.

— Certo, Gwen. Podemos sair à procura de um lugar para morar após o fim de

semana, depois que os Shriners forem embora, se não pudermos encontrar imediatamente um lugar conveniente. Eu não me importaria com aquele idiota da portaria, se tivéssemos certeza de arranjar um cubículo decente depois do fim de semana.

— Sim, senhor. Posso lhe dizer agora por que preciso ficar em Luna City durante algum tempo?

— Ahn? Sim, certamente. Na verdade eu devia me fixar em algum lugar por algum tempo, também. Escrever alguma coisa, ganhar algum dinheiro para compensar as pesadas despesas desta semana.

— Richard, eu já tentei lhe dizer. Não há motivo para preocupações financeiras.

— Gwen, sempre há preocupações financeiras. Eu não vou gastar sua poupança. Chame isto de comportamento *macho*, se quiser, mas eu tenciono sustentá-la.

— Tudo bem, Richard. Obrigada. Mas você não precisa se sentir pressionado pelo tempo. Posso levantar rapidamente qualquer importância que precisarmos.

— É mesmo? Essa declaração é muito ambiciosa.

— E a intenção foi essa, Sr. Richard, eu deixei de lhe mentir. Chegou agora a ocasião de você conhecer grandes blocos de verdade.

Com ambas as mãos, fiz um gesto de pouco caso.

— Gwen, eu já não deixei claro que não me importo com as mentiras que me contou, sobre sua idade ou sobre o que você foi? Isto é um novo começo, para você e para mim.

— Richard, pare de me tratar como se eu fosse uma criança!

— Gwen, não estou tratando-o como se você fosse uma criança. Estou dizendo que a aceito como você é. Hoje. Neste momento. Seu passado é problema seu.

Ela me fitou, triste.

— Querido, você não acredita que eu seja Hazel Stone, não é?

Tempo de mentir! Mas a mentira não vale nada se não é aceita (a menos que seja contada para ser desacreditada, o que não se aplicava neste caso). Em vez disso, era tempo de fazer a dança do leque.

— Amor meu, estou tentando lhe dizer que não me importo se você é ou não Hazel Stone. Ou Sadie Lipschitz. Ou Pocanhontas. Você é a minha esposa bem-amada. Não toldemos este fato dourado com irrelevâncias.

— Richard, Richard! Escute. Deixe que eu fale. — Suspirou. — Ou então...

— Ou então?

— Você sabe o que "ou então" significa. Você o usou contra mim. Se você me escutar, tenho que voltar a eles e comunicar que fracassei.

— Voltar para onde? Comunicar a quem? Fracassou no quê?

— Se você não quiser me escutar, não tem importância.

— Você me disse para não deixar você ir embora!

— Eu não vou deixá-lo. Irei só dar um recado rápido e volto correndo para você. Ou você me dará prazer indo comigo... Oh, como eu gostaria que fosse. Mas tenho que comunicar meu fracasso e exonerar-me de minha função... Depois, ficarei livre para acompanhá-lo até os confins do universo. Mas tenho que pedir baixa, não simplesmente desertar. Você é soldado e compreende isso.

— Você é soldado?

— Não, exatamente. Agente.

— Hummm... *agente provocateuse?*

— Quase. — Sorriu ironicamente. — *Agente amoreuse*, talvez. Embora não tivesse ordens de me apaixonar por você. Apenas casar. Mas eu me apaixonei, Richard, e isto pode ter me arruinado como agente. Você vem comigo enquanto eu faço meu relatório? Por favor?

Eu estava ficando confuso a cada minuto.

— Gwen, estou ficando confuso a cada minuto.

— Neste caso, por que não deixa que eu explique?

— Hummm... Gwen, isso *não pode* ser explicado. Você diz que é Hazel Stone.

— Sou.

— Droga, eu sei contar, Hazel Stone, se ainda estiver viva, tem mais de um século.

— Exatamente. Eu tenho mais de 100 anos. — Sorriu. — Roubei o berço, meu querido.

— Oh, pelo amor de Deus! Escute, querida, passei as últimas cinco noites na cama com você. Você é uma velhota excepcionalmente ardente.

Ela me sorriu, alegre.

— Obrigada, querido. Devo tudo isso ao Composto Vegetal Lydia Pinkham.

— Deve, hem? Uma panacéia comercial tirou o cálcio de suas juntas e colocou-o de volta nos ossos, passou a ferro as rugas, restabeleceu o belo equilíbrio hormonal, desentupiu suas artérias? Peça um barril disso para mim. Estou pifando.

— A Sra. Pinkham teve aconselhamento de especialista, Richard. Se você apenas me permitisse provar quem sou, pela minha impressão digital na Declaração de Independência, sua mente se abriria então à verdade, estranha como ela seja. Eu

gostaria de poder oferecer-lhe identificação por padrão retinal... mas minhas retinas não haviam sido fotografadas naquela época. Mas *há* a impressão digital. E identificação de tipo sanguíneo, também.

Comecei a entrar em pânico: o que faria Gwen quando essa ilusão caísse por terra?

Nesse momento, porém, lembrei-me de uma coisa.

— Gwen, Gretchen mencionou Hazel Stone.

— Mencionou, sim. Gretchen é minha tataraneta, Richard. Casei com Slim Lemke, da Quadrilha Stone, no meu 14º aniversário, e tive meu primeiro filho com ele no equinócio de outono na Terra, no ano 2078 — um menino. Dei-lhe o nome de Roger, em homenagem a meu pai. Em 2080 nasceu minha primeira filha...

— Pare aí. Sua filha mais velha era estudante em Percival Lowell quando comandeí aquela operação de resgate. Ou foi isso o que você disse.

— Parte daquele monte de mentiras, Richard. Eu, de fato, tinha uma descendente ali — uma neta que fazia parte do corpo docente. De modo que lhe estou realmente grata. Mas tive que ajustar os detalhes para combinar com minha aparente idade. Minha primeira filha chamou-se Ingrid, em homenagem à mãe de Slim... e Ingrid Henderson recebeu o nome por causa da avó... minha filha, Ingrid Stone. Richard, você não pode imaginar como foi difícil para mim na ocasião encontrar na Pressurizada Ossos Secos, pela primeira vez, cinco de meus descendentes e não poder reconhecê-los publicamente.

Fez uma pequena pausa antes de continuar:

— Mas não posso ser vovó Hazel quando estou sendo Gwen Novak. De modo que não reconheci... e essa não foi a primeira vez que isso me aconteceu. Tive muitos filhos — 44 anos, da primeira menstruação à menopausa, e dei a luz a 16 crianças por quatro maridos e três estranhos, de passagem — e assumi o nome de Stone de volta quando morreu meu quarto marido. Porque passei a morar com meu filho Roger Stone.

E continuou:

— Criei quatro dos filhos que Roger teve com a segunda esposa — ela é médica e precisava de uma avó residente. Casei três deles; todos, menos o mais novo, que hoje é o cirurgião-chefe do Ceres General, e que talvez nunca case uma vez que é bonitão, muito egocêntrico e acredita naquela velha história: "Por que ser dono de uma vaca?"

Olhou-me, antes de continuar:

— Depois, comecei a tomar aquele composto vegetal e aqui estou, fecunda novamente e pronta para criar outra família. — Sorriu e deu uma palmadinha na

barriga. —Vamos voltar para a cama.

— Droga, mulher. Isso não vai resolver nada!

— Não, mas é uma maneira agradável de passar o tempo. E às vezes suspende aquele sangramento periódico. O que me lembra de uma coisa... se Gretchen voltar a aparecer, não vou interferir pela segunda vez. Eu simplesmente não achei graça em ver minha tataraneta se metendo em nossa lua-de-mel — já perturbada por gente demais e agitação demais.

— Gretchen é apenas uma criança.

— Você acha? Ela é fisicamente tão madura como eu era aos 14 anos... quando me casei e engravidei imediatamente. Virgem no casamento, Richard. Isto acontece mais aqui do que em qualquer outro lugar. Mama Mimi era rigorosa e Mama Wyoh era encarregada de me vigiar, mas eu não era inclinada a me desencaminhar, uma vez que a família Davis era socialmente tão importante como se podia ser em Luna City naqueles dias, e eu gostava de ter sido adotada por ela. Amado, não vou lhe contar mais nada até que você verifique minha chancela e impressão digital na Declaração. Estou sentindo sua incredulidade... e isso me humilha.

(O que é que se faz quando a esposa insiste? O casamento é a maior das artes humanas... quando funciona.)

— Amor, não quero humilhá-la. Mas não sou competente para comparar impressões digitais. Mas há mais de uma maneira de desmascarar um mentiroso. Essa segunda mulher de seu filho Roger: ela vive ainda?

— Está vivinha da Silva. Dra. Edith Stone.

— Então há, provavelmente, aqui mesmo em Luna City, um registro do casamento dela com seu filho... Ele é o Roger Stone que foi certa vez prefeito?

— Ele mesmo. De 2122 a 2130. Mas não está disponível. Deixou Luna em 2148.

— Onde está ele agora?

— A vários anos-luz de distância. Edith e Roger emigraram. Ninguém daquele ramo de minha família está mais aqui. Não vai dar certo, querido... Você está procurando alguém que possa me identificar como Hazel Stone, não é?

— Bem... é... Pensei que a Dra. Edith Stone seria uma especialista e testemunha imparcial.

— Bem... ela ainda pode ser.

— Como?

— Determinação do grupo sanguíneo, Richard.

— Escute, Gwen, determinação de grupo sanguíneo é assunto sobre o qual tive

que aprender alguma coisa, devido à possibilidade de cirurgia em campo de batalha. Providenciei para que todos os homens de meu regimento tivessem o grupo sanguíneo determinado. A determinação pode mostrar o que a pessoa não é. Não o que é. Até mesmo em um número tão pequeno como um regimento, até mesmo um raro AB negativo pode ser encontrado mais de uma vez: aparecer um em cada 200. Lembro-me porque sou um deles.

Ela inclinou a cabeça, concordando:

— E eu sou O positivo, o tipo mais comum de todos. Mas isso não é toda a história. Se você faz a determinação no tocante a todos os 30 grupos sanguíneos, um tipo é tão excepcional e único como uma impressão digital ou padrão retinal. Richard, durante a Revolução, um bocado de gente morreu porque o grupo sanguíneo deles não fora determinado. Oh, sabíamos como fazer transfusões, mas doadores seguros só podiam se encontrados por determinação cruzada, uma vez ou outra. Sem a determinação prévia, isto era freqüentemente feito com grandes demoras. Muitos — não, a maioria — dos nossos feridos que precisaram de sangue morreram porque um doador não pôde ser identificado a tempo. Após a paz e a independência, mamãe Wyoh — Wyoming Knott Davis, o hospital em Kong — lembra-se?

— Sim.

— Mamãe Wyoh fora uma mãe-hospedeira profissional, em Kong, e sabia dessas coisas. Iniciou o primeiro banco de sangue com dinheiro levantado pelo Major Watenabe, outro dos Fundadores. Pode haver ainda hoje meio litro de meu sangue congelado em Kong... mas o certo é que uma determinação de grupo sanguíneo completa de meu sangue está arquivada aqui, porque Edith providenciou para que todos nós fizéssemos isso, todos os grupos conhecidos, antes de começarmos a *Wanderjahr* em 2148.

Gwen sorriu feliz.

— De modo que, pegue uma amostra de meu sangue, Richard. Mande determinar-lhe o grupo no Centro Médico de Galileo Univerity. Peça um exame completo. Eu pago por ele. Compare-o com a determinação feita em 2148, arquivada no Wyoming Knott Memorial. Qualquer pessoa que consiga ler inglês lhe dirá se os dois combinam. Não é preciso o tipo de conhecimentos especializados necessários para comparar impressões digitais. Se a comparação não disser que eu sou eu, então peça uma camisa-de-força e é tempo de mandar me recolher a um hospital de alienados.

— Gwen, nós não vamos voltar a Kong. Por nada neste mundo.

— Nem precisamos. Pedimos ao banco de sangue de Galileo uma transcrição enviada de Kong, impressa em terminal.

— O rosto dela anuviou-se. — Mas isso acabará com minha cobertura como Sra. Novak. Logo que esses registros forem postos lado a lado, todos saberão que você Hazel voltou à cena de seus crimes. Não sei o que isso fará com minha missão. Isto não devia acontecer. Mas sei, de fato, que convencê-lo é absolutamente essencial para a missão.

— Gwen, suponha que me convenceu.

— Realmente, querido? Você não me mentiria?

(Mentir eu mentiria, amorzinho meu. Mas tenho que reconhecer que suas palavras são convincentes. Tudo o que você disse combina com meus cuidadosos estudos da história lunariana... e você fala com detalhes, como se estivesse estado presente. Tudo isso é convincente, menos a impossibilidade física — você é *jovem*, querida, e não uma velha coroa de mais de um século.)

— Doçura, você me deu duas maneiras positivas de identificá-la. Assim, vamos supor que conferi uma outra, ou as duas. Vamos estipular que você é Hazel. Prefere ser chamada de Hazel?

— Atendo a ambos os nomes, querido. Como você quiser.

— A coisa pega é na sua aparência. Se você fosse velha e seca, em vez de jovem e suculenta...

— Está se queixando?

— Não. Estou sendo meramente descritivo. Admitindo que você é Hazel Stone, nascida em 2063, de que modo explica sua aparência juvenil? E não me venha com conversa fiada sobre o lendário remédio comercial,

— Você vai achar a verdade difícil de acreditar, Richard. Passei por um processo de rejuvenescimento. Duas vezes, para ser exata. A primeira vez para me levar à aparência de fins de meia-idade... ao mesmo tempo restaurando minha economia corporal a uma jovem maturidade. A segunda vez foi principalmente cosmética, para me dar uma aparência desejável. A fim de *recrutá-lo*, senhor.

— O diabo me leve. Cara de macaco, é essa sua cara?

— É, mas pode ser mudada, se quer que eu tenha outra aparência.

— Oh, não. Eu não sou de insistir em beleza, enquanto o coração da mulher continuar puro.

— Oh, seu ordinário!

— Mas desde que seu coração não é tão puro assim, é bom que você seja bonita.

— Você não pode se safar tão facilmente assim pelo que disse!

— Muito bem, você é deslumbrante, *sexy* e perversa. Mas "rejuvenescimento"

explica sem explicar. Tanto quanto ouvi dizer, rejuvenescimento funciona no caso de platelmintos, mas não em coisa alguma mais alta na escala evolutiva.

— Richard, esta parte você terá que aceitar em confiança — pelo menos por ora. Fui rejuvenescida em uma clínica situada a uns 2.000 anos de distância e em uma estranha direção.

— Humm. Isto parece um macete que eu podia ter bolado quando estava escrevendo ficção.

— Sim, de fato parece, não? Não é convincente. É meramente verdade.

— De modo que não vejo maneira de investigar isso. Talvez eu tenha que pedir aquela transcrição de tipo sanguíneo. Ahn... Hazel Stone, Roger Stone... *O Flagelo das Rotas Espaciais!*

— Meu Deus, o passado se emparelhou comigo! Richard, você assistiu à minha novela?

— Todos os capítulos, a menos que houvesse sido flagrado fazendo alguma coisa que exigia castigo drástico. O Capitão John Sterling foi o herói de minha infância. E foi *você* que a escreveu?

— Meu filho Roger começou-a. Passei a escrevê-la em 2148, mas não botei meu nome na novela senão no ano seguinte — nessa ocasião ela passou a ser "Roger e Hazel Stone..."

— Lembro-me! Mas não me lembro de Roger Stone jamais a ter escrito sozinho.

— Oh, não, ele escreveu.. até que se cansou da rotina. Peguei onde ele a deixou, tencionando acabar com o espetáculo...

— Amor de minha vida, você não pode acabar com uma novela. É inconstitucional.

— Eu sei. De qualquer modo, pegaram a opção e me ofereceram dinheiro demais. E precisávamos do dinheiro. Estávamos vivendo no espaço nesta ocasião e uma nave espacial, mesmo pequena, impreviada, é muito cara.

— Eu nunca tive coragem de escrever uma novela com obrigação de cumprir prazos. Oh, escrevi episódios por encomenda, usando uma sinopse da novela, mas não independentemente e com meu próprio nome.

— Nós não usávamos sinopse. Buster e eu bolávamos os capítulos enquanto os escrevíamos.

— Buster?

— Meu neto. O que hoje é cirurgião-chefe no Ceres General. Durante 11 anos nós a escrevemos juntos, frustrando o Suserano Galático em todas as tramas...

— "O Suserano Galático!" O melhor vilão dos filmes de terror. Querida, eu

gostaria que houvesse realmente um Suserano Galático.

— Ora, seu presunçoso e insignificante escritor, como ousa você levantar dúvidas sobre a autenticidade do Suserano Galático? O que é que *você* sabe sobre isso?

— Desculpe. Perdão. Ele é tão real como Luna City. Ou John Sterling não teria a quem frustrar... e eu acredito piamente no Capitão John Sterling, da Patrulha Estelar.

— Isso é melhor.

— Naquela ocasião em que o Capitão Sterling estava perdido na nebulosa Cabeça de Cavalo, com os vermes de radiação em seu encaço, como foi que ele escapou? Aquela foi uma das vezes em que eu estava sendo castigado e não pude assistir à televisão.

— Segundo me lembro... Note, isso aconteceu há muitos anos. Parece que ele "engatilhou" o radar Doppler para fritá-los como feixes polarizados.

— Não, isso foi o que ele usou contra as entidades espaciais.

— Richard, tem certeza? Não acho que ele tenha encontrado entidades espaciais senão depois de ter escapado da nebulosa Cabeça de Cavalo. Quando ele teve que fazer uma trégua temporária com o Suserano Galático para salvar a galáxia.

— Pensei nisso. Que idade tinha eu naquele tempo? Que ano na escola?

— Meu docinho, penso que você tem razão. Fiquei preocupado, pensando que ele se aliaria ao Suserano, mesmo que para salvar a galáxia. Eu...

— Mas ele *teve* que se aliar, Richard! Ele não podia deixar que bilhões de pessoas inocentes morressem apenas para não sujar as mãos cooperando com o Suserano. Mas entendo seu argumento. Buster e eu discutimos muito sobre esse episódio... Buster queria aproveitar a trégua temporária para liquidar o Suserano logo que as entidades espaciais fossem destruídas...

— Não, o Capitão Sterling nunca faltaria à sua palavra.

— É verdade. Mas Buster sempre foi o pragmático. Sua solução para quase todos os problemas era cortar a garganta de alguém.

— Bem, é um argumento convincente — reconheci.

— Mas, Richard, a gente tem que ir devagar nesse negócio de matar personagens numa novela. A gente tem que deixar alguém para o capítulo seguinte. Mas você me disse que nunca escreveu uma novela sob seu próprio nome.

— Não escrevi, mas sei disso. Vi um bocado de novelas naqueles tempo. Hazel, por que você me deixou lhe dizer tanta besteira sobre a vida de escritor?

— Você me chamou "Hazel".

— Doçura — Hazel, minha querida —, eu não estou interessado em grupos

sangüíneos ou em impressões digitais. Você é inegavelmente a autora da maior novela de horror de toda a história: *O Flagelo das Rotas Espaciais*. Era isso o que diziam os créditos, semana após semana, ano após ano: "Escrito por Hazel Stone." Depois, melancolicamente, começou a dizer: "Baseado em personagens criados por Hazel Stone..."

— Foi mesmo? Esses últimos créditos deviam ter incluído Roger. Foi ele quem criou a novela. E não eu. Esses safados.

— Não teve importância. Porque os personagens ficaram anêmicos e morreram. Sem você, a novela nunca mais foi a mesma.

— Eu tive que parar, Buster cresceu. Eu fornecia a trama; ele fornecia o sangue. Às vezes, meu coração amolecia. O de Buster, nunca.

— Hazel! Por que não ressuscitamos a novela? Nós bolaríamos a coisa juntos. Você a escreveria. Eu faria a cozinha e a faxina da casa. — Parei e olhei-a. — Por que, em nome de Deus, você está chorando?

— Eu choro, se quero! Você me chamou "Hazel" ... você *acredita* em mim!

— Tenho que acreditar. Qualquer pessoa poderia me enganar nessa história de grupos sangüíneos e impressões digitais. Mas não em ficção comercial. Não este velho escriba. Você é o verdadeiro McCoy, meu amor, o autêntico flagelo das rotas espaciais. Mas também minha ninfomaniacazinha suada... Acho que não me importo de você ter uns dois séculos de idade.

— Não tenho dois séculos! E não vou ter ainda por muitos anos e anos.

— Mas ainda é minha ninfomaniacazinha suada.

— Se você deixar. Sorri alegre para ela.

— Eu tenho alguma voz neste assunto? Tire as roupas e vamos bolar alguma coisa.

— Bolar?

— Toda a melhor literatura é escrita com os testículos, Hazel, minha ardente mulher... você não sabia disso? Posições de combate! Lá vem o Suserano Galático!

— Oh, Richard.

XVIII

"Quando a opção é entre bondade e honestidade, meu voto é pela bondade, sempre — dando ou recebendo. "

Ira Johnson, 1854-1941

— Hazel, meu velho amor...

— Richard, gostaria de um abraço quebrado?

— Não acho que, neste momento, você tenha forças para fazer isso.

— Quer apostar?

— *Ouch!* Pare com isso! Não faça isso novamente... ou joga você no riacho e caso com Gretchen. Ela não é velha..

— Continue a me provocar. Meu terceiro marido era um provocador. Todo mundo notou como ele estava bem no enterro dele... e que pena que tenha morrido tão moço. — Hazel-Gwen me sorriu. — Mas ele tinha muito seguro de vida, o que consola uma viúva. Casar com Gretchen é uma boa idéia, querido. Eu gostaria de criá-la. Ensinar a ela a atirar, ajudá-la no primeiro filho, mostrar-lhe como manejar uma faca, treinar com ela artes marciais, todas as graças domésticas que uma moça precisa neste mundo moderno.

— Hummmph! Minha querida menina, você é tão pequenina, engraçadinha, bonitinha e inofensiva como uma cobra coral. Acho que Jinx já treinou Gretchen.

— É mais provável que tenha sido Ingrid. Mas ainda posso dar um polimento nela. Conforme você observou, sou experiente. Qual foi a palavra que usou? "Velha", foi isso.

— *Ouch!*

— Oh, isso não doeu. Frouxo.

— O diabo que não doeu. Vou entrar num mosteiro.

— Não, até que você tenha entrado em Gretchen. Acabei de decidir, Richard: vamos casar com Gretchen.

Tratei essa declaração ridícula com o desprezo que ela merecia — levantei-me e fui saltitando para o refrescador.

Pouco depois, ela veio atrás de mim. Afastei-me, acovardado.

— *Socorro!* Não me bata de novo!

— Oh, medroso! Eu não o mordi nem uma vez ainda.

— Entrego-me. Você não é velha, apenas bem marinada. Hazel meu amor, o que é que a faz tão violenta?

— Eu não sou. Mas quando a mulher é pequena como eu, se não defender seus direitos, será com certeza maltratada por homens grandalhões, cabeludos, fedorentos, com ilusões sobre superioridade masculina. Deixe de ganir, querido. Eu não o machuquei, nem uma vez ainda. Não tirei sangue... tirei?

— Estou com medo de olhar. Mamãe nunca me avisou que a vida de casado podia ser assim! Querida, você ia me dizer por que tinha que me recrutar, e para que fim quando nos distraímos.

Ela demorou a responder.

— Richard, você teve problema para acreditar que tenho duas vezes sua idade.

— Você me convenceu. Não entendi, mas vim a aceitar.

— Você vai achar que outras coisas que tenho que lhe dizer são muito mais difíceis de aceitar. Muito mais!

— Neste caso provavelmente não as aceitarei. Hazel-Gwen, doçura, eu sou duro de roer. Não acredito em mesas falantes, em astrologia, nem em nascimento imaculado...

— Nascimento imaculado não é difícil.

— Quero dizer, no sentido teológico. Não estou falando em laboratórios de genética — nascimento imaculado, numerologia, inferno literal, magia, feitiçaria e promessas de campanha de políticos. Diga-me alguma coisa que seja contrária ao bom senso. Vou ser tão difícil de convencer como a respeito de sua antiga idade. E vai precisar do Suserano Galático como testemunha para confirmar tudo.

— Tudo bem. Experimente esta para ver se dá: de um ponto de vista sou ainda mais velha do que você suspeita. Mais de dois séculos.

— Agüente aí. Você só vai ter 200 anos no Dia de Natal de 2263. E faltam ainda muitos anos, como você mesma disse.

— É verdade. Eu não lhe falei a respeito de anos extras, embora eu os tenha vivido também... porque os vivi em ângulos retos.

Respondi:

— Querida, a trilha de áudio emudeceu de repente.

— Mas, Richard, esta é fácil de acreditar. Onde foi que deixei minhas calcinhas?

— Na maior parte do Sistema Solar, segundo suas memórias.

— Isso não é nem metade da coisa, moço. Tanto dentro como fora do Sistema, e mesmo fora deste universo... E, irmão, eu transgredi novamente! Quero dizer, onde foi que as deixei *hoje*?

— Ao pé da cama, acho. Doçura, por que se incomoda em vestir calcinhas

quando as está tirando com tanta frequência?

— Porque apenas piranhas andam por aí sem calcinhas... e apreciaria se você observasse bem o que diz.

— Eu não disse nada.

— Eu ouvi o que você estava pensando.

— E eu também não acredito em telepatia.

— Não acredita, hem? Meu neto, Dr. Lowell Stone, conhecido também como Buster, costumava roubar no xadrez lendo minha mente. Graças a Deus ele perdeu essa habilidade quando chegou aos 10 anos.

— Anotado — respondi — como boato a respeito de fato altamente improvável, veiculado por uma repórter cuja veracidade não foi comprovada. A confiabilidade do alegado dado, por conseguinte, não é maior que C-Cinco, de acordo com a escala militar de classificação de informações.

— Você vai pagar por isso!

— Então você mesmo a classifique na escala — retruquei. — Você trabalhou em informações e contra-informações militares. CIA, não foi?

— Quem foi que disse isso?

— Você disse. Através de várias observações incompletas.

— Não foi a CIA, nunca estive em McLean em toda minha vida, e usava disfarce completo quando estive lá, e não era eu. Era o Suserano Galático.

— E eu sou o Capitão John Sterling. Gwen-Hazel ficou arregalada.

— Poxa, capitão, podia me dar seu autógrafo? Melhor me dar dois: posso trocar dois seus por um de Rosie, a Robô. Richard, nós vamos passar por perto da agência central dos Correios?

— Vou ter que. Tenho que arranjar um lançamento de correspondência para o padre Sultz. Por que, querida?

— Se passarmos pela Macy's vou mandar embrulhar as roupas e a peruca de Naomi e enviá-las pelo correio. Elas estão pesando na minha consciência.

— Pesando no *quê*?

— No sistema de contabilidade que uso em lugar dela. Richard, você me lembra cada vez mais meu terceiro marido. Ele era um tipo bonito, assim como você. Tomava grande cuidado consigo mesmo e morreu em perfeita saúde.

— De que foi que ele morreu?

— De uma terça-feira, segundo me lembro. Ou foi de uma quarta? De qualquer modo, eu não estava lá... estava muito longe, enroscada com um bom homem.

Nunca soubemos o que acabou com ele. Aparentemente, desmaiou no banho e a cabeça ficou embaixo d'água. O que é que você está resmungando, Richard? "Charlotte" quem?

— Nada, nada, absolutamente, Hazel... eu não tenho seguro de vida.

— Neste caso temos que tomar cuidado extra para mantê-lo vivo. Deixe de tomar banho!

— Se eu fizer isso, dentro de três ou quatro semanas você vai se arrepender.

— Oh, eu deixo de tomar também, e os cheiros se cancelam. Richard, temos tempo hoje para ir ao Complexo Executivo?

— Talvez Por quê?

— Procurar Adam Selene.

— Ele está enterrado lá?

— Isso é uma coisa que vou ter que descobrir. Richard, seu acreditador está em boa forma?

— Sobrecarregado. Vários anos em ângulos retos, realmente! Quer comprar uma dobra espacial?

— Obrigada. Eu tenho uma delas. Em minha bolsa. Esses anos extras são apenas uma questão de geometria, meu marido. Se você está apegado à imagem convencional de espaço-tempo, com apenas um eixo temporal, então, claro, vai achar difícil compreender isso. Mas há pelo menos três eixos temporais, da mesma maneira que há pelo menos três eixos espaciais... e eu vivi esses anos extras em outros eixos. Tudo claro agora?

— Inteiramente claro, meu amor. Tão axiomático como o transcendentalismo.

— Eu sabia que você compreenderia. O caso de Adam Selene é mais difícil. Quando eu tinha 12 anos de idade, ouvi-o falar muitas vezes. Ele era o líder inspirador que mantinha coesa nossa Revolução. Depois, foi morto — ou foi isso o que se informou. Só muitos anos mais tarde Mama Yoh contou-me, como o mais profundo segredo, que Adam não era um homem. Não era absolutamente um ser humano. Era um tipo de entidade.

Com todo cuidado possível, fiquei calado.

Gwen-Hazel perguntou:

— Bem, não tem nada a dizer?

— Oh, claro. Não era humano. Era um ádvena. Pele verde, um metro de altura e seu disco voador aterrou no Maré Crisium, do lado de fora de Luna City. Onde estava o Suserano Galático?

— Você pode me confundir falando dessa maneira, porque sei como uma

história assim inacreditável afeta uma pessoa. Senti os mesmos tipos de dúvida quando Mama Wyoh me contou. Exceto que tive que acreditar nela porque mamãe Wyoh nunca me mentiria. Mas Adam *não* era um ádvena, Richard. Ele era filho da humanidade. Mas não uma criança humana. Adam Selene era um computador. Ou um complexo de programas em um computador. Mas era um computador autoprogramável, o que é a mesma coisa. Bem, senhor?

Não tive pressa em responder:

— Gosto mais de disco voador.

— Oh, besteira! Estou tentada em trocar você por Marcy Choy-Mu.

— É a coisa mais sabida que você poderia fazer.

— Não, vou ficar com você. Estou acostumada a suas excentricidades. Mas posso guardá-lo em uma gaiola.

— Hazel, escute com atenção — comecei, sério. — Computadores não pensam. Calculam com grande velocidade, de acordo com regras que são embutidas neles. Desde que nós mesmos calculamos usando nosso cérebro para pensar, esta capacidade embutida de calcular dá a alguns computadores a *aparência* de que podem pensar. Mas eles *não pensam*. Operam da maneira como o fazem porque têm que agir assim. Foram construídos dessa maneira. Você pode acrescentar "animismo" à lista de idéias absurdas que não aceito.

— Que bom você pensar assim, Richard, porque esta missão será delicada e difícil. Preciso de seu sadio ceticismo para me manter sensata.

— Vou ter que botar isso no papel e estudá-lo cuidadosamente.

— Faça isso, Richard. Agora, foi isto o que aconteceu em 2075 ou 6: um de meus pais adotivos, Manuel Garcia, era o técnico que cuidava do grande computador do Executivo. Esse computador único fazia quase tudo... administrava todos os serviços de utilidade pública desta cidade e a maioria dos outros povoados — exceto Kong —, dirigia a primeira catapulta, controlava os tubos, cuidava dos negócios bancários, imprimia o *Lunatic*... fazia praticamente tudo. O Executivo achou que era mais barato expandir as funções desse único grande computador do que espalhar computadores por toda Luna.

— Nem eficiente nem seguro.

— Provavelmente, mas foi assim que fizeram. Na época, Luna era uma prisão. Não tinha nem que ser eficiente nem segura. Não havia indústria de alta tecnologia aqui e naqueles dias tínhamos que aceitar o que nos davam. Como quer que seja, querido, esse único computador-mestre ficou cada vez maior.... e acordou.

(Acordou, hem? Pura fantasia, minha doçura... e clichê que tem sido usado por todos os autores de obras de fantasia na história. Até mesmo o Cabeça de Bronze

de Roger Bacon era uma versão disso. O monstro de Frankenstein, outra. Depois, grande número de outras histórias, e elas continuam a surgir. E, todas elas, absurdos.) Mas o que eu disse foi:

— Continue, querida. E o que foi que aconteceu?

— Richard, você não acredita em mim.

— Eu pensava que havíamos resolvido isso. Você disse que precisava de meu sadio ceticismo.

— E necessário! De modo que, use-o. Critique! Não fique simplesmente aí com esse ar de gato que comeu o canário. Esse computador estivera operando com voz durante anos — aceitando programas falados, respondendo com fala sintetizada, material impresso, ou as duas coisas.

— Funções embutidas. Técnicas de mais de dois séculos.

— Por que foi que você fechou a cara quando eu disse "acordou"?

— Porque isso é absurdo, meu amor. Acordar e dormir são funções de seres vivos. Uma máquina, por mais poderosa e flexível seja, nem acorda nem vai dormir. É uma questão de energia ligada e desligada, só.

— Muito bem, deixe-me rephraser a coisa. Esse computador tornou-se autoconsciente e adquiriu livre-arbítrio.

— Interessante. Se é verdade, não tenho que acreditar nisso. Não acredito.

— Richard, eu me recuso a entrar em desespero. Você é simplesmente jovem e ignorante, e isto não é culpa sua.

— Sim, vovó. Eu sou jovem e você é ignorante. Bundinha escorregadia.

— Tire essas mãos libidinosas de cima de mim e *ouça*. O que é que explica a autoconsciência no homem?

— Ahn? Não tenho necessidade de explicá-la. Eu a experimento.

— Verdade. Mas esta não é uma pergunta trivial, senhor. Vamos tratá-la como um problema-limite. Você é autoconsciente? Eu sou?

— Bem, *eu* sou, cara de macaco. Não tenho certeza a seu respeito.

— O mesmo, vice-versa.

— Isso é engraçado, também.

— Richard, vamos continuar no assunto. O esperma em um corpo masculino é autoconsciente?

— Tomara que não.

— Ou o óvulo na mulher?

— Essa pergunta quem pode responder é você, beleza. Nunca fui mulher.

— Você está evitando responder às perguntas apenas para me atazanar. O espermatozóide não é autoconsciente nem também o óvulo — e não me venha com observações idiotas. Esse é um dos limites. Eu, um zigoto humano adulto, sou autoconsciente. E você, também, por mais obscuramente isso seja verdade no caso de homens. Segundo limite. Muito bem, Richard, em que ponto a partir do óvulo recém-fecundado até o zigoto maduro ora chamado "Richard" surgiu a autoconsciência? Responda-me. Não evite a pergunta e, por favor, nada de observações idiotas.

Eu ainda pensava que era uma pergunta idiota, mas me esforcei para dar uma resposta séria.

— Muito bem. *Eu* sempre fui autoconsciente.

— Uma resposta séria, por favor.

— Gwen-Hazel, essa resposta é tão séria quanto a posso dar. *Tanto quanto sei*, tenho vivido sempre e autoconsciente o tempo todo. Toda essa conversa sobre coisas que aconteceram antes de 2133 — o alegado ano de meu alegado nascimento — é puro boato e não muito convincente. Continuo com a pilhéria, mas para evitar incomodar pessoas ou ficar com aparência esquisita. E quando ouço astrônomos falarem da criação do mundo em uma grande explosão há oito ou 16, ou 30 bilhões de anos antes de eu ter nascido — se eu nasci, não me lembro disso —, isto é uma grande piada. Se eu não estava vivo há 16 bilhões de anos, então não havia absolutamente nada. Nem mesmo espaço vazio. Nada. Zero sem nenhuma moldura em volta. O universo onde existo não pode existir sem mim. De modo que é tolo falar sobre a data em que me tornei autoconsciente. O tempo começou quando eu comecei. Tudo claro? Ou quer que eu lhe desenhe um diagrama?

— Tudo claro, na maioria dos pontos, Richard. Mas você está enganado na data. O tempo não começou em 2133. Começou em 2063. A menos que um de nós dois seja *um golem*.

Todas as vezes em que tento um silipsismo, uma coisa como essa acontece.

— Doçura, você é bonitinha. Mas é uma criação de minha imaginação. *Ouch!* Eu lhe disse para parar com isso.

— Você tem uma imaginação muito viva, querido. Obrigado por ter me imaginado. Quer outra prova? Até agora, estive apenas brincando... quebro agora um de seus ossos? Apenas um pequenininho. Você escolhe qual.

— Escute, criação minha. Quebre um de meus ossos e vai se arrepender pelo próximo bilhão de anos.

— Apenas como uma demonstração lógica, Richard. Nenhuma maldade nisso.

— E logo que eu reduzir a fratura...

— Oh, eu a reduzirei para você, querido.

— Nem por sombras! Logo que a tenha reduzido, telefono para Xia, peço a ela para vir, casar-se comigo e me proteger de pequenas criações com hábitos violentos.

— Você vai se divorciar de mim? Mais uma vez ela era olhos só.

— Diabos, não! Simplesmente rebaixo você a esposa júnior e boto Xia no comando. Mas você não pode ir embora. Permissão negada. Você está cumprindo uma pena de prisão perpétua, seja diretamente para a frente ou em ângulos retos. Vou arranjar um cacete e bater até que você desista desses seus hábitos perversos.

— Tudo bem, enquanto eu não tiver que ir embora.

— *Ouch!* E não morda. Isso é indelicado.

— Richard, se eu sou apenas criação de sua imaginação, então o fato de eu mordê-lo é apenas uma idéia sua, praticada por você contra si mesmo por alguma tenebrosa razão masoquista. Se isso não é verdade, então eu tenho que ser auto-consciente... e não criação sua.

— Essa lógica de e/ou nunca provou coisa nenhuma. Mas você é uma deliciosa criação, querida. Estou satisfeito por ter pensado você.

— Obrigado, senhor. Amor, vou fazer agora uma pergunta decisiva. Se respondê-la seriamente, deixo de mordê-lo.

— Para sempre?

— Hummm...

— Não se esforce demais, criação minha. Se tem uma pergunta séria, vou procurar dar-lhe uma resposta séria.

— Sim, senhor. O que explica a autoconsciência no homem e o que há nessa condição, processo, ou o que quer que torna a consciência impossível a uma máquina? Especificamente, a um computador. Em particular, o computador gigante que administrava este planeta em 2076. O Holmes IV.

Resisti à tentação de dar uma resposta petulante. Autoconsciência? Sei que uma escola de psicólogos insiste que a consciência, se existe, está presente apenas como um passageiro, não como um efeito sobre o comportamento.

Este tipo de absurdo pode ser metido no mesmo saco que a transubstanciação. Se verdadeira, não pode ser provada.

Estou consciente de minha própria autoconsciência... e isto é o máximo até onde vai meu solipsismo honesto.

— Gwen-Hazel, não sei.

— Ótimo! Estamos progredindo.

— Estamos?

— Estamos, Richard. A parte mais difícil em aceitar qualquer nova idéia consiste em varrer a idéia falsa que ocupava esse lugar. Enquanto esse lugar estiver ocupado, nem evidência, nem prova nem demonstração lógica, conseguirão coisa nenhuma. Mas logo que o espaço é esvaziado da idéia errônea que o preenchia — logo que podemos dizer honestamente "Não sei" —, então torna-se possível chegar à verdade.

— Meu docinho, você não é só a criação mais bonitinha que jamais imaginei, mas também a mais esperta.

— Acabe com isso, meu chapa. Escute esta teoria. E pense nela como hipótese de trabalho, não como verdade revelada por Deus. Ela foi bolada pelo meu pai adotivo, papai Mannie, a fim de explicar o fato observado de que esse computador ganhara vida. Talvez ela explique tudo, talvez não... Mama Wyoh disse que papai Mannie nunca teve certeza. Agora, preste atenção... Um óvulo humano fecundado se divide... e divide-se novamente. E mais uma vez. E mais e mais vezes.

Em algum ponto do caminho — não sei quando — essa coleção de milhões de células vivas torna-se consciente de si mesma e do mundo em volta. E ela continuou:

— Um óvulo fecundado não é consciente, mas um bebê é. Depois que papai Mannie descobriu que seu computador era autoconsciente, notou também que ele, que fora expandido absurdamente à medida que mais e mais missões lhe eram designadas, chegara a um ponto de complicação tal que possuía mais interconexões do que um cérebro humano.

Gwen fez uma pequena pausa antes de prosseguir:

— Papai Mannie deu um grande salto teórico. Quando o número de interconexões em um computador torna-se da mesma ordem que o número das que existem em um cérebro humano, esse computador pode acordar e tornar-se consciente de si mesmo... e provavelmente fará isso. Ele não tinha certeza se isso sempre acontecia, mas convenceu-se de que podia acontecer, e por essa razão: o alto número de interconexões.

Mas ela advertiu:

— Richard, papai Mannie nunca levou mais longe sua teoria. Ele não era um cientista teórico, mas um técnico em consertos. Mas a maneira como seu computador se comportava aborrecia-o. Fez um grande esforço para descobrir por que ele estava se conduzindo de modo tão estranho. Desse trabalho resultou esta teoria. Mas você não precisa prestar atenção a ela. Papai Mannie nunca a

submeteu à experimentação.

— Hazel, que modo estranho era esse?

— Oh, Mama Wyoh me disse que a primeira coisa que Manuel notou foi que Mike — o computador, quero dizer —, Mi-ke adquirira senso de humor.

— Oh, não.

— Oh, sim. Mama Wyoh me disse que para Mike — ou Michelle — ou Adam Selene — ele usava todos os três nomes, ele era uma trindade — para Mike, toda a Revolução Lunariana, na qual milhares morreram aqui e centenas de milhares morreram na Terra, era uma piada. Era simplesmente uma piada de mau gosto, pensada por um computador com um poder cerebral de supergênio e um senso de humor infantil. — A careta que Hazel fizera transformou-se em sorriso. — Apenas uma criança grandalhona, volumosa, excessivamente crescente, adorável, que devia ter levado um pontapé.

— Você faz com que isso pareça um prazer. Dar um chute nele.

— Faça? Talvez eu não deva. Afinal de contas um computador não podia, em hipótese alguma, praticar o bem ou o mal ou experimentar o bem ou o mal no sentido humano. Não teria meio formativo para isso — nenhuma criação doméstica, se quiser. Mama Wyoh me disse que o comportamento humano de Mike era expressado através de imitação — ele possuía incontáveis modelos de papéis na vida, lera tudo, incluindo ficção. Mas sua única emoção real, toda sua, era profunda solidão e um grande desejo por companhia. Isto é o que nossa Revolução foi para Mike: companhia... um jogo... uma brincadeira que lhe ganhou a atenção do Professor, de Wyoh e especialmente de Mannie. Richard, se uma máquina pode ter emoções, aquele computador amava meu papai Mannie. Bem, senhor?

Senti vontade de dizer "besteira" ou alguma coisa ainda menos polida.

— Hazel, você está exigindo a crua verdade de mim — e ela vai machucar seus sentimentos. Tudo isso me parece ficção. Se não ficção de sua autoria, então de sua mãe de criação, Wyoming Knott. — E acrescentei: — Amor meu, vamos fazer o que temos que fazer? Ou passar o dia inteiro falando sobre uma teoria sobre a qual nenhum de nós tem prova?

— Estou vestida e pronta para sair, querido. Apenas mais uma palavra, e me calo. Você acha esta história inacreditável.

— De fato, acho — respondi tão sem emoção quanto possível.

— Que parte dela é inacreditável?

— Toda ela.

— É mesmo? Ou a dificuldade é a idéia de que um computador pode ser

autoconsciente? Se aceitar isso, o resto da história torna-se mais fácil de engolir?

(Fiz um esforço para ser honesto. Se esse absurdo não me causasse náuseas, o resto seria aceitável? Oh, certamente! Tal como os óculos de ouro de Joseph Smith, tais como as Tábuas da Lei entregues a Moisés no monte, tal como o deslocamento para o vermelho devido à grande explosão — aceite o postulado e o resto desce fácil.)

— Hazel-Gwen, se supormos um computador autoconsciente com emoções e livre-arbítrio, não recuso mais nada — de fantasmas a homenzinhos verdes. O que foi que a Rainha Vermelha fez? Acreditar em sete coisas impossíveis antes do café da manhã.

— A Rainha Branca.

— Não, a Rainha Vermelha.

— Tem certeza, Richard? Isso aconteceu pouco antes de...

— Esqueça. Peças de xadrez que falam são ainda mais difíceis de engolir que um computador piadista. Amor, a única prova que você oferece é uma história que lhe foi contada por sua mãe de criação em sua velhice. Só isso. Hummm, senil, talvez?

— Não, senhor. Moribunda, mas não senil. Câncer. Causado por exposição a uma tempestade solar quando era muito jovem. Ou pelo menos era isso o que ela pensava. Contou-me isso quando sabia que ia morrer... porque pensava que a história não seria perdida inteiramente.

— Está percebendo a fraqueza da história, querida? Uma história contada no leito de morte. Nenhum outro dado.

— Não exatamente, Richard.

— Ahn?

— Meu pai adotivo Manuel Davis confirma-a e acrescenta mais alguma coisa.

— Mas... você sempre falou a respeito dele no tempo passado do verbo. Acho que falou. E ele teria... que idade? Mais velho do que você.

— Ele nasceu em 2040, de modo que teria agora um século e meio... o que não é impossível para um lunariano. Mas ele é tanto mais velho quanto mais moço do que isso... pelas mesmas razões que eu, Richard. Se você falasse com Manuel Davis e ele confirmasse o que lhe disse, você acreditaria nele?

— Hummmm... — sorri alegre para ela. — Você pode me forçar a trazer para a questão o sólido bom senso da ignorância e do preconceito.

— Topo o que você disse! Calce seu pé, querido, por favor. Quero sair e lhe arranjar pelo menos um traje novo antes de começarmos a nos movimentar. Suas calças têm manchas em cima das manchas. Não estou sendo uma boa

esposa.

— Sim, madame. Imediatamente, madame. Onde está agora seu papai Mannie?

— Você não vai acreditar nisto.

— Se não implicar tempo em ângulo reto e computadores solitários, acreditarei.

— Eu acho... não verifiquei ultimamente... acho que papai Mannie está com seu tio Jock em Iowa.

Parei com o pé na mão.

— Você tem razão. Não acredito.

"A patifaria tem limites; a estupidez, não. "

Napoleão Bonaparte, 1769-1821

Como é que se pode argumentar com uma mulher que não quer argumentar? Esperei que Gwen começasse a justificar sua absurda alegação, citando capítulo e verso a fim de me convencer. Em vez disso, ela se limitou a dizer tristemente:

— Eu sabia que isso era tudo o que podia esperar. Vou ter simplesmente que esperar. Richard, temos algumas outras paradas a fazer, além do Macy e da sede dos Correios, antes de podermos ir ao Complexo Executivo?

— Eu preciso abrir uma nova conta corrente e em seguida transferir minha atual conta do Regra de Ouro. Meus trocados estão se tornando escassos. Anêmicos.

— Mas, paixão, tentei lhe dizer: dinheiro não é problema. — Abriu a bolsa, sacou uma maçaroca de dinheiro, e começou a tirar notas de 100 coroas. — Estou trabalhando com uma verba de representação, claro.

Estendeu-me o dinheiro.

— Calma, aí! — retruquei. — Guarde seus tostões, menininha. *Eu* resolvi sustentar *você*. E não vice-versa.

Esperei uma resposta incluindo "*macho*" ou "porco chauvinista" ou, pelo menos, "isto é propriedade comum". Em vez disso, ela me flanqueou:

— Richard? Sua conta bancária no Regra de Ouro... É uma conta numerada? Se não, sob que nome?

— Ahn? Não. "Richard Ames", naturalmente.

— Você não acha que isso poderia interessar ao Sr. Sethos?

— Oh, nosso bondoso senhorio. Meu docinho, é bom que você esteja aqui para pensar por mim. — Uma pista levando diretamente a mim, tão clara como pegadas na neve... para que os capangas de Sethos a seguissem, a fim de cobrar o prêmio por minha carcaça: vivo ou morto. Claro, todas as contas bancárias são confidenciais, e não apenas as numeradas, mas "confidenciais" significa apenas que são precisos dinheiro ou poder para quebrar as regras. E Sethos possuía ambos. — Gwen, vamos voltar lá e colocar novamente uma armadilha antipessoal no ar condicionado dele. Mas desta vez usaremos ácido prússico em vez de queijo Limburger.

— Ótimo!

— Como eu gostaria que pudéssemos. Você tem razão, não podemos tocar naquela conta corrente de "Richard Ames" enquanto estiver hasteado o aviso de

tempestade. Usaremos seu dinheiro... Considere isto como um empréstimo. Anote tudo...

— Anote *você!* Droga, Richard, eu sou sua esposa!

— A gente briga sobre isso depois. Deixe a peruca e a roupa de gueixa aqui. Não vamos ter muito tempo hoje... desde que tenho que procurar primeiro o rabi Ezra. A menos que você queira fazer suas coisas enquanto eu faço as minhas...

— Meu chapa, está com febre? Não vou deixar você fora de minhas vistas.

— Obrigado, mãe. Essa é a resposta que eu queria. Vamos ver o rabi Ezra, depois iremos caçar computadores vivos. Se sobrar tempo, faremos as outras coisas quando voltarmos.

Não sendo ainda meio-dia, procuramos o rabi Ezra ben David na peixaria de seu filho, que fica em frente à biblioteca pública. O rabi morava em um quarto nos fundos da peixaria. Concordeu em ser meu advogado e servir como endereço secreto de correspondência. Expliquei-lhe minhas combinações paralelas com o padre Schultz e depois escrevi uma nota para ele, que devia ser enviada a "Henrietta van Loon".

Reb Ezra recebeu-a.

— Vou enviá-la imediatamente do terminal de meu filho. Deve ser impressa pelo computador no Regra de Ouro dentro de 10 minutos, a partir de agora. Expressa?

(Chamar a atenção para a mensagem? Ou aceitar serviço mais lento? Alguma coisa estava acontecendo no Regra de Ouro. Hendrik Schultz poderia ter algumas respostas.)

— Expressa, por favor.

— Muito bem. Com licença, só alguns minutos. — Saiu do quarto na cadeira de roda e voltou rápido. — O Regra de Ouro acusou o recebimento. Agora, a respeito de outros assuntos... estava à sua espera, Dr. Ames. Aquele jovem que estava com o senhor ontem... Ele é membro de sua família? Ou empregado de confiança?

— Nem uma coisa nem outra.

— Interessante. O senhor mandou que ele perguntasse quem estava oferecendo um prêmio pela sua cabeça e qual o valor do prêmio?

— Certamente que não! Disse a ele alguma coisa?

— Meu querido senhor! O senhor pediu os tradicionais Três Dias.

— Obrigado, senhor.

— De nada. Desde que ele teve o trabalho de me procurar aqui, em vez de

esperar por meu horário comercial, supus que havia alguma urgência. Uma vez que o senhor não o mencionou, concluí que a urgência era dele, não sua. Agora presumo, a menos que o senhor me desminta, que ele não tem boas intenções a seu respeito.

Dei ao rabi uma versão condensada de nossas relações com Bill. Ele inclinou a cabeça e disse:

— Conhece as observações de Mark Twain a respeito desses assuntos?

— Acho que não.

— Ele disse que se você pega na rua um cão perdido, alimenta-o e cuida dele, ele não o morderá. Esta, na opinião dele, é a principal diferença entre um homem e um cão. Não concordo inteiramente com Twain. Mas ele tem um bom argumento aí.

Pedi-lhe que fixasse um honorário inicial, paguei sem discutir muito, e acrescentei um pouco mais para dar sorte.

O Complexo do Executivo (oficialmente "Centro de Administração", nome encontrado apenas em material impresso) situa-se a oeste de Luna City, a meio caminho do Mare Crisium. Chegamos lá por volta do meio-dia. Aquele metrô, embora não fosse balístico, era bem rápido. Logo que tomamos o carro, chegamos ao nosso destino em 20 minutos.

O meio-dia, porém, era o tempo errado de chegar. O Complexo é constituído de repartições do governo e todas fecham para uma descansada hora de almoço. O almoço, aliás, pareceu-me uma boa idéia: o desjejum já era coisa de passado remoto. Nos túneis do complexo havia numerosos restaurantes... todas as cadeiras ocupadas pelas largas envergaduras de servidores públicos ou turistas coroados com aquele fez vermelho. Gente fazia fila em frente ao Sloppy Joe, o Mom's e o Antoine's II.

— Hazel, estou vendo máquinas de vender ali à frente. Posso interessá-la em uma Coca quente e num sanduíche frio?

— Não, senhor, o senhor não pode. Há um terminal público do outro lado das máquinas de vender comida. Vou fazer umas chamadas enquanto você almoça.

— Não estou com tanta fome assim. Que chamadas?

— Xia. E Ingrid. Quero ter certeza de que Gretchen voltou para casa em segurança. Ela pode ter sido atacada de emboscada, como nós fomos. Eu devia ter ligado na noite passada.

— Apenas para dissipar suas preocupações: ou Gretchen chegou à casa na noite de anteontem... ou é tarde demais e ela está morta.

— Richard!

— É isso o que a preocupa, não? Telefone para Ingrid. Gretchen atendeu e soltou um grito agudo quando viu

Gwen-Hazel:

— Mamãe! Venha depressa! É a Sra. Durona!

Vinte minutos depois, desligamos. Tudo o que se conseguiu foi dizer aos Henderson que estávamos no Raffles e que nosso endereço de correspondência passava pelo rabi Ezra. Mas as moças gostaram de se visitar eletronicamente e uma garantiu à outra que o faria pessoalmente antes de muito tempo. Trocaram beijos pelo terminal — na minha opinião um desperdício de tecnologia. E de beijos.

Tentamos em seguida ligar para Xia... e surgiu na tela um homem que não reconheci. Não era o recepcionista do turno do dia.

— O que é que o senhor quer? — perguntou ele. Hazel respondeu:

— Eu gostaria de falar com Xia, por favor.

— Não está. Este hotel foi fechado pelo Departamento de Saúde Pública.

— Oh! Pode me informar onde ela se encontra?

— Tente a Chefia de Segurança Pública. E o rosto apagou-se.

Hazel virou-se para mim, os olhos cheios de preocupação.

— Richard, isto não pode estar certo. O hotel de Xia é tão escrupulosamente limpo como ela.

— Estou vendo um padrão nisso — retruquei, sombriamente —, e você também. Deixe-me tentar.

— Tomei o lugar dela, pedi o código e liguei para o gabinete do principal tira, HKL. Uma velha sargenta de serviço respondeu. Comecei:

— *Gospazha*, estou tentando entrar em contato com uma cidadã chamada Dong Xia. Fui informado...

— Isso mesmo. Fechei-a aqui — respondeu ela. — Mas saiu sob fiança há uma hora. Não está mais aqui.

— Ah, bem. Obrigado, madame. Pode me dizer onde posso falar com ela?

— Não tenho a menor idéia. Sinto muito.

— Obrigado. — E desliguei.

— Oh, meu Deus.

— Lepra, doçura. Pegamos a doença, quem toca em nós é contaminado. Droga.

— Richard, o que estou lhe dizendo é a pura verdade. Em minha infância, quando isto aqui era uma colônia penal, havia mais liberdade sob o Carcereiro do que há

agora com autogoverno.

— Talvez você exagere, mas desconfio que Xia concordaria com você. — Mordi o lábio inferior e franzi o cenho. — Sabe quem mais pegou nossa lepra? Choy-Mu.

— Você acha?

— Aposto, sete a dois.

— Nada feito, Ligue para ele.

O pedido de informações deu-me seu telefone particular. Liguei para a casa dele. Ouvi uma gravação, sem imagem: "Marcy Choy-Mu falando. Não sei quando voltarei para casa, mas responderei logo às mensagens, quando as receber. Ao som do gongo, por favor, grave sua mensagem." E souo um gongo.

Pensei furiosamente e disse em seguida:

— Capitão Meia-Noite falando, Estamos hospedados no velho Raffles. Um amigo mútuo precisa de ajuda. Por favor, ligue-me para o Raffles. Se eu não estiver, deixe recado dizendo quando e onde posso falar com você.

E desliguei mais uma vez.

— Querido, você não deu o código do rabi Ezra.

— De propósito, Sadie, minha garota. Para manter o código do rabi fora das mãos de Jefferson Mao. A linha de Choy-Mu pode estar grampeada. Eu tive que dar a ele um lugar para ele ligar de volta... mas não posso me arriscar a comprometer a ligação rabi Ezra. Precisamos preservá-la para o padre Schultz. Cartas na mesa, beldade. Vou ter que ligar para o controle de terra de HKL.

— Controle de terra de Hong Kong Luna. Este terminal destina-se a assuntos oficiais. Seja breve.

Era apenas uma voz.

— Posso falar com o Capitão Marcy?

— Não está. Sou seu substituto em emergências. Recado? Seja rápido, tenho tráfego dentro de minutos.

— Fala aqui o Capitão Meia-Noite. Diga a ele que estou no velho Raffles. Diga a ele para me ligar.

— Não desligue. Capitão Meia-Noite?

— Ele sabe quem é.

— E eu, também. Ele foi à Prefeitura pagar fiança por quem você sabe. Ou não sabe?

-Xia?

— Certo demais! Vou ter que voltar a meus visores, mas digo a ele. Desligo.

— O que faremos agora, Richard?

— Galoparemos em todas as direções.

— Fale sério, por favor.

— Pode pensar em alguma coisa melhor? A fila sumiu em frente do Mom's Dinner. Vamos almoçar.

— Almoçar enquanto nossos amigos correm perigo?

— Doçura, mesmo que voltássemos a Kongville — e dessa maneira enfiássemos a cabeça na boca do leão —, não teríamos maneira de encontrá-los. Não há nada a fazer até que Choy-Mu nos ligue. Isto pode levar cinco minutos ou cinco horas. E uma coisa eu aprendi em combate: nunca perca uma oportunidade de comer, dormir e mijar. A oportunidade seguinte pode demorar muito.

Recomendo o bolo de morangos com soverte da Mom's. Hazel pediu a mesma coisa, mas quando comeci a raspar os últimos restos com a colher, ela meramente mexera no dela. Resolvi intervir:

— Mocinha, você vai ficar aí até comer tudo que há no seu prato.

— Richard, não posso.

— Eu não gostaria de surrá-la em público...

— Então não surre.

— Muito bem, não surro. Em vez disso, fico aqui até que você tenha comido a última migalha, mesmo que isso signifique eu ter que dormir nesta cadeira hoje à noite.

Hazel expressou opiniões obscenamente desfavoráveis a meu respeito, Jefferson Mao e o bolo de morangos, e depois comeu-o. Às 13h30min estávamos à porta da área do computador no complexo. Aí um jovem em um guichê nos vendeu dois ingressos, a duas coroas e 40 centavos, disse-nos que a visita ciceroneada seguinte começaria em alguns minutos e levou-nos para um espaço fechado, uma sala de espera com bancos e oportunidades de jogar contra máquinas. Havia ali à espera uns 10 ou 12 turistas, a maioria usando fez.

Quando finalmente iniciamos a visita, uma hora depois, éramos 19 ou 20 pessoas, pastoreados por um guia uniformizado — ou guarda, uma vez que usava um distintivo de tira. Fizemos um longo circuito em volta do enorme complexo, uma caminhada chata e interminável. A cada pausa o guia fazia um discurso decorado — talvez não tão bem decorado assim, já que pude notar erros, embora

eu não seja engenheiro de controle de comunicações.

Mas não explorei esses lapsos. Em vez disso, tornei-me um chato, de acordo com instruções prévias de minha colega de conspiração.

Em uma parada, o guia explicou que o controle de engenharia era descentralizado tanto geograficamente quanto por funções em toda Luna — ar, esgotos, comunicações, água potável, transporte, etc. —, mas monitorado pelos técnicos que víamos nesses consolos. Interrompi-o:

— Meu bom homem, acho que você deve ser novo neste trabalho. A *Encyclopaedia Britannica* explica claramente que o único computador gigantesco cuida de tudo na Lua. Foi isso o que viemos ver. Não a nuca de amanuenses juniores sentados em frente a monitores. Assim, vamos vê-lo. O computador gigante. O Holmes IV.

O guia deixou morrer o sorriso profissional e olhou-me com o desprezo natural do lunariano pela minhoca.

— O senhor foi mal-informado. É verdade que era assim, mas o senhor está desatualizado em mais de 50 anos. Hoje nós nos modernizamos e descentralizamos.

— Jovem, você está tentando desmentir a *Britannica*?

— Estou lhe dizendo a simples verdade. Agora, passemos a...

— O que foi que aconteceu àquele computador gigante? Já que não é mais usado. Ou é isso o que o senhor diz.

— Hummm! Olhe atrás de você. Está vendo aquela porta? Ele fica atrás daquela porta.

— Então vamos vê-lo! Foi para vê-lo que paguei.

— Nem morto. Trata-se de uma antigüidade histórica, um símbolo de nossa grande história. Se quer vê-lo, procure o Chanceler de Galileo U., e mostre suas credenciais. Ele o mandará para aquele lugar! Agora, então, passemos à galeria seguinte...

Hazel não nos acompanhou, mas (seguindo as instruções) eu sempre tinha alguma observação pronta para fazer ou uma pergunta tola em todas as ocasiões em que nosso guia parecia ter um momento livre para olhar em volta. Mas quando, finalmente, fechamos o grande círculo e voltamos à sala de estar, Hazel estava lá.

Fiquei calado até sairmos do complexo e começar a esperar na estação do metrô. Saí fora do alcance de possíveis curiosos, antes de perguntar:

— Como foi a coisa?

— Nenhum problema. A fechadura naquela porta era de um tipo em que mexi

antes. Obrigada por ter mantido todos eles distraídos enquanto eu trabalhava na fechadura. Foi um bom espetáculo, amor!

— Conseguiu o que procurava?

— Acho que sim. Vou saber mais depois que papai Mannie examinar minhas fotografias. Aquele é apenas um grande salão solitário, Richard, atravancado de velhos equipamentos eletrônicos. Fotografei-o de uns 20 ângulos diferentes e firmei cada foto com apoio da mão esquerda. Não foi perfeito, mas pratiquei a coisa.

— Só isso? Essa visita?

— Só. Bem, na maior parte.

Falou em voz sufocada. Fitei-a e vi que tinha os olhos cheios de lágrimas, prestes a escorrer.

— Ora, querida! O que foi que houve?

— N-n-nada.

— Conte.

— Richard, ele está lá,

— Ahn?

— Ele está lá, adormecido. Eu sei, senti a presença dele. Adam Selene.

A cápsula do metrô entrou barulhenta na estação nesse momento, para alívio meu — já que há assuntos para os quais palavras são inúteis. A cápsula estava transbordando de gente e não pudemos conversar durante a viagem. Ao chegarmos a L-City, minha amada acalmara-se e consegui evitar o assunto. De qualquer modo, as multidões nos corredores tornavam difícil a conversa. Luna City vive congestionada em todas as ocasiões: nos sábados, metade dos lunarianos de outras divisões vêm às compras. Neste sábado, a multidão habitual fora aumentada pelos Shriners e suas esposas, vindos de toda a América do Norte e arredores.

Saindo da estação oeste do metrô à pressurizada 2 no círculo externo, vi que estávamos em frente à Sears Montgomery. Eu ia virar à esquerda para a Alameda quando Hazel me deteve.

— Ahn? O quê, querida?

— Suas calças.

— Minha braguilha está aberta? Não, não está.

— Vamos cremar suas calças. É tarde demais para um enterro. E essa camisa-casaco.

— Eu pensava que você estava doida para chegar ao Raffles.

— Estou, mas só vou precisar de cinco minutos para comprar roupas novas para você.

(Razoável. Minhas calças estavam tão sujas que eu começava a me arriscar a ser intimado como ameaça à saúde pública. E Hazel de fato sabia o que eu prefiro para uso diário, uma vez que eu lhe explicara que não usaria bermudas mesmo que todos os outros de Luna City assim andassem vestidos — e a maioria andava. Não sou morbidamente autoconsciente de meu pé faltante... mas quero calças de pernas inteiras que me escondam a prótese. Isto é problema privado meu, e acho melhor não exibi-lo.)

— Tudo bem — concordei. — Vamos comprar o que estiver mais perto da porta.

Hazel nos fez entrar e sair em 10 minutos, comprando-me três conjuntos de duas peças, todos iguais, salvo na cor. O preço era certo, desde que ela pechinchara até conseguir um valor razoável, depois apostou o dobro ou nada, e ganhou. Agradeceu ao vendedor e deu-lhe de gorjeta o preço de um drinque e depois saiu, parecendo alegre.

— Você está alinhadérrimo, querido — disse ela.

Eu também achei. Os três conjuntos eram: cor verde-lima, pó rosado e lavanda. Resolvi vestir o lavanda, que acho que combina mais com minha tez. Sai andando todo emproado, girando a bengala, minha melhor pequena pelo braço, sentindo-me o maior.

Mas quando entramos na Alameda, não havia espaço para girar a bengala e quase nem para andar. Desvencilhamo-nos da multidão, recuamos até a Bottom Alley e cruzamos a cidade pelo elevador de cremalheira Five Aces até a pressurizada 6 — muito mais longe, mas naquele dia muito mais rápido.

Até mesmo o túnel lateral que dava no Raffles estava congestionado. Um grupo de homens usando fez encontrava-se reunido bem em frente ao nosso hotel.

Olhei para um deles, e depois dei outra mirada.

Deixei-o provar minha bengala, com um molinete invertido na virilha. Na mesma ocasião, ou a uma fração de segundo antes de mim, Hazel lançou o embrulho (minhas roupas) na cara do homem ao lado dele e acertou outra atrás deste com a bolsa de mão. Ele caiu quando meu homem gritou e caiu também. Voltando à bengala, peguei-a horizontalmente com ambas as mãos, e utilizei os *jabs* laterais, empregados quando queremos passar por uma multidão turbulenta — embora desferisse os *jabs* mais pessoalmente, pegando um homem na barriga, outro no rim e chutando cada um para sossegá-lo quando caía.

Hazel cuidara do homem que retardara com o embrulho. Não vi como, mas ele estava no chão e não se movia. Um (sexto) homem ia esfriá-la com um

cassetete, de modo que lhe dei uma estocada no rosto com a bengala. Ele agarrou-a. Fui à frente com ele para evitar que expusesse o estilete, ao mesmo tempo em que o mimoseava com três dedos no plexo solar, com a esquerda. Cai por cima dele.

Fui levantado do chão e levado a trote para o Raffles, eu de cabeça baixa e a bengala arrastando-se atrás de mim.

Os poucos segundos que se seguiram só pude analisar mais tarde, talvez imperfeitamente. Não vi Gretchen junto ao balcão de recepção, mas ela estava ali, tendo acabado de chegar. Ouvi Hazel dizer secamente:

— Gretchen! Quarto L, bem aos fundos, à direita!

E me jogou em cima de Gretchen. Em Luna eu peso 13kg, mais ou menos alguns gramas — o que não é uma carga tão grande assim para uma moça do interior acostumada a trabalho duro. Mas sou muito maior do que Gretchen e duas vezes maior que Hazel — o que quer dizer um fardo difícil de levar. Guinchei, pedindo para que me botassem no chão. Gretchen nem deu bola. O porteiro idiota estava gritando mas ninguém lhe prestou atenção.

Nossa porta se abriu quando Gretchen chegou lá e ouvi outra voz conhecida gritar:

— *Bojemoi!* Ele está *ferido*.

E logo me vi deitado de costas em minha própria cama e Xia trabalhando em mim.

— Eu não estou ferido — avisei. — Apenas um pouco abalado.

— Claro, claro. Fique parado enquanto lhe tiro as calças. Algum dos senhores, cavalheiros, tem uma faca?

Eu ia dizer a ela que não cortasse minhas calças novas quando ouvi um tiro. Era minha esposa, agachada do lado de dentro da porta, olhando cautelosa para a esquerda, a cabeça quase rente ao chão. Ela atirou outra vez, recuou rápido para dentro do quarto e fechou a porta.

Olhou em volta e disse secamente:

— Botem Richard no refrigerador. Empilhem a cama e tudo mais contra a porta. Eles vão atirar na porta, derrubá-la ou fazer as duas coisas.

Sentou-se no chão, de costas para mim, e não deu atenção a ninguém. Mas todos correram para cumprir as ordens dela. "Todos" incluía Gretchen, Xia, Choy-Mu, padre Schultz e o rabi Ezra. Não tive tempo de ficar estarrecido, especialmente porque Xia, com a ajuda de Gretchen, levava-me para o refrigerador, pusera-me no chão e recomeçara a me tirar as calças. O que me estarreceu foi descobrir que minha perna boa, a que tem um pé de carne e osso, estava sangrando

profundamente. Notei isso pela primeira vez ao ver que Gretchen tinha grandes manchas de sangue no ombro esquerdo de seu macacão branco. Depois vi de onde vinha o sangue, e a perna começou a doer.

Não gosto de sangue, especialmente quando é meu. De modo que virei o rosto e olhei pela porta do refrigerador. Hazel continuava sentada no chão e tirara da bolsa algo que parecia maior do que a bolsa. E estava falando com a coisa.

— Tee Aitch Queue! Major Lipschitz chamando Tee Aitch Queue! Responda, droga! Acorde! S.O.S., S.O.S.! *Hei, matuto!*

"Se alguém duvidar de minha sinceridade, só posso dizer que tenho pena de sua falta de fé. "

Barão de Munchausen, 1737-1794

Xia acrescentou, nesse momento:

— Gretchen, passe-me uma toalha limpa. Vamos dar um jeito com uma compressa até que ele possa ser tratado depois.

— Ouch!

— Desculpe, Richard.

— S.O.S., S.O.S.! Ave, Maria, estou no meio do riacho sem um remo! *Responda-me!*

— Estamos ouvindo, Major Lipschitz. Comunique coordenadas locais, planeta, sistema e universo.

Era uma voz de máquina, com típico som metálico, sem inflexões, que me deu calafrios nos dentes.

— Agora, vamos apertá-la com força.

— O diabo leve as normas! Preciso de um resgate de transferência temporal, e preciso *agora!* Confira minha missão e ande com isso! Ponto de comutação: "Um pequeno passo", por Armstrong. Coordenadas locais: Hotel Raffles, quarto L. Momento temporal, agora!

Continuei a olhar pela porta do refrescador a fim de não ver as coisas desagradáveis que Xia e Gretchen estavam fazendo comigo. Ouvi gritos e sons de pessoas correndo. Alguma coisa se chocou com a porta que dava para o corredor. Nesse momento, na parede de pedra à minha direita, uma nova porta dilatou-se!

Digo "porta" por falta de palavra precisa. O que vi foi um local circular cinza prateado, do chão ao teto, e mais. Dentro desse local havia uma porta comum de veículo. Que tipo de veículo, eu nem desconfiava. A porta dele era tudo que eu podia ver.

Ela se abriu. Alguém do lado de dentro gritou "Vovó!" quando a porta para o corredor desmoronou e um homem caiu dentro do quarto. Hazel baleou-o. Um segundo apareceu logo atrás dele. Ela pegou-o, também.

Estendi a mão para a bengala — que estava atrás de Xia! Droga!

— Passe a bengala! *Depressa!*

— Calma aí, calma aí. Deite-se.

— Dê-me a bengala!

Hazel dispunha ainda de um tiro, ou talvez de nenhum. De qualquer maneira, era tempo de eu lhe dar apoio.

Ouvi mais tiros. Com amarga certeza de que nada mais restava senão vingá-la, estendi ao máximo o braço, peguei a bengala e me voltei.

Nada mais de tiros... Aqueles últimos tiros haviam sido disparados pelo rabi Ezra. (Por que me surpreendi que um aleijado de cadeira de rodas andasse armado?) Hazel gritava nesse momento:

— Todos a bordo! *Movam-se!*

E nós nos movemos. Fiquei confuso novamente, quando um grupo infundável de jovens, homens e mulheres, todos eles ruivos, saíram do veículo e cumpriram as ordens de Hazel. Dois deles carregaram Reb Ezra para dentro, enquanto um terceiro dobrava-lhe a cadeira e a entregava a um quarto. Choy-Mu e Gretchen foram levados apressadamente para dentro, seguidos por padre Schultz. Xia foi empurrada atrás deles quando tentou insistir em cuidar de mim. Logo em seguida, dois ruivos, um homem e uma mulher, levaram-me para dentro. Minhas calças manchadas de sangue foram lançadas atrás de mim. Agarrei-me à bengala.

Vi apenas pouca coisa do veículo. Sua porta se abria para um compartimento de pilotos-passageiros para quatro pessoas, no que podia ser uma nave espacial. Ou talvez não fosse. Os controles eram estranhos e eu não estava em condições de julgar como aquilo funcionava. Fui empurrado entre os assentos e espremido por uma porta atrás deles para um espaço de carga, e acabei em cima da cadeira dobrada do rabi.

Iria eu ser tratado como carga? Não. Fiquei ali apenas por um momento, depois virei em 90 graus e passei por uma porta maior, virei mais 90 graus e acabei em um chão.

E que bom que fiquei ali!

Pela primeira vez em anos estava experimentando o peso terreno normal.

Corrijo: eu o sentira por alguns momentos na véspera no tubo balístico, um pouco mais no elevador de cremalheira, na nave de Budget Jet e cerca de meia hora do mesmo na Old Mac-Donald's Farm quatro dias antes. Mas este peso inesperado pegou-me de surpresa e não desapareceu. Eu perdera sangue, achava difícil respirar e novamente senti tonteira.

Eu sentia pena de mim mesmo quando vi o rosto de Gretchen. Ela parecia não só amedrontada, mas horrivelmente doente. Xia dizia:

— Baixe a cabeça, querida. Deite-se ao lado de Richard. Essa é a melhor posição. Richard, você pode se encolher um pouco? Eu também gostaria de me deitar. Eu também não me sinto bem.

De modo que acabei aninhado por uma moça de cada lado, e não me senti nem um pouco abraçado ternamente. Supostamente sou um homem treinado para combate em acelerações até duas gravidades completas, ou 12 vezes a da Lua.

Mas isso foi há muitos anos e eu tivera mais de cinco anos de vida mansa e sedentária em baixa gravidade.

Parecia certo também que Xia e Gretchen não estavam interessadas em bolinagem.

Minha bem-amada chegou trazendo nosso bordo em miniatura. Colocou-o sobre um suporte, jogou-me um beijo e começou a borrifá-lo.

— Xia, que tal eu preparar uma banheira com água morna para vocês duas lunarianas nativas? Vocês duas cabem na banheira.

As palavras de Hazel fizeram-me olhar em volta. Nós estávamos em um "banheiro". Não um refrescador apropriado para uma nave de quatro lugares, nada parecido com o que havia no Raffles. Aquele cômodo era uma antigüidade. Já viram alguma vez papel de parede com motivos de fadas e gnomos? Na verdade já viram papel de parede? O que me dizem de uma banheira gigantesca montada sobre pés em forma de garras? Ou uma torneira com uma tampa de madeira e um tanque em cima? Todo aquele cômodo viera diretamente de um museu de antropologia cultural... mas, ainda assim, tudo aquilo brilhava de novo.

Perguntei a mim mesmo quanto sangue havia perdido.

— Obrigada, Gwen, mas não acho que precise disso. Gretchen, você quer flutuar na água?

— Não quero que me movam daqui.

— Não demora muito — tranqüilizou-as Hazel. — Gay mudou duas vezes para evitar estilhaços de metralha, ou já teríamos descido. Richard, como é que você está se sentindo?

— Dou um jeito.

— Claro que vai dar, querido. Eu mesmo sinto o peso, depois de um ano no Regra de Ouro. Mas não muito porque me exercitei todos os dias em uma gravidade. Querido meu, é grave seu ferimento?

— Não sei. — Xia?

— Muito sangramento e alguma lesão muscular. Vinte ou 25 centímetros, e muito profundo. Acho que o osso não foi atingido. Pusemos uma compressa de pressão. Se esta nave estiver equipada, eu quero fazer um trabalho melhor e dar

a ele também uma injeção de largo espectro.

— Você fez um excelente trabalho. Vamos aterrissar logo e haverá ajuda profissional e equipamentos.

— Tudo bem. Reconheço que não me sinto muito viva.

— Então, descanse. — Hazel pegou as toalhas empapadas de sangue. Vou molhar as toalhas antes que a mancha pegue.

— Use água fria! — disse impulsivamente Gretchen, ficou vermelha e depois acrescentou timidamente: — É o que mamãe diz.

— Ingrid tem razão, querida. — Hazel abriu a torneira da pia. — Richard, sou obrigada a confessar que perdi suas roupas novas naquela confusão.

— Roupas a gente pode comprar. Eu pensava que ia perder *você*.

— Richard, querido! Aqui está sua carteira e mais algumas coisas que achei. O que havia nos bolsos.

— É melhor me dar a carteira. — Coloquei tudo aquilo num bolso interno da jaqueta. — Onde está Choy-Mu? Eu o vi... ou será que não?

— Ele está no outro refrescador com o padre Schultz e o Rabi Ezra.

— Ahn? Você está me dizendo que uma nave para quatro tem *dois* refrescadores? Isto é uma nave de quatro lugares, não?

— É, tem, e espere até ver os jardins de rosas. E o *deck* da piscina.

Comecei a dar uma resposta mas cortei-a. Eu não havia bolado nenhuma fórmula que me dissesse quando minha esposa estava brincando, ou dizendo uma verdade literal, embora inacreditável. Fui salvo de uma tola discussão por um dos ruivos, que entrou nesse momento — mulher, jovem musculosa, sardenta, felina, sadia, sedutora.

— Tia Hazel, aterrissamos.

— Obrigada, Lor.

— Eu sou Laz. Cas quer saber quem fica aqui, quem vai conosco, e quanto tempo até a descolagem? Gay quer saber se vamos ser bombardeados ou não e se ela pode estacionar uma mudança acima! Bombardeios deixam-na nervosa.

— Alguma coisa está errada aqui. Gay não devia estar perguntando diretamente, devia?

— Acho que ela não confia na capacidade de julgamento de Cas.

— Ela talvez tenha razão. Quem está no comando? -Eu.

— Oh! Eu lhe digo depois quem vai, quem fica, depois que eu falar com meu pai e com tio Jock. Em alguns minutos, acho. Pode deixar Gay estacionar em uma

zona morta, se quiser, mas, por favor, que ela permaneça em minha frequência tripla. Podemos ter que nos mexer às pressas. Neste exato momento, quero mover meu marido... mas, em primeiro lugar, tenho que pedir a outro de nossos passageiros que me empreste sua cadeira de rodas.

Hazel virou-se para sair. Eu bradei:

— Não preciso de uma cadeira de rodas — mas ela não me ouviu. Aparentemente.

Duas das ruivas tiraram-me da nave e colocaram-me na cadeira de rodas de Ezra, com o espaldar arriado e os descansos dos pés levantados, e uma delas estendeu sobre minha barriga e pernas uma toalha de banho *kingsize*. Eu disse:

— Obrigado, Laz.

— Eu sou Lor. Não fique surpreso se a toalha desaparecer. Nunca tentamos antes tirar uma delas de bordo.

Voltou para bordo e Hazel me empurrou por baixo do nariz da nave e deu a volta por bombordo... o que me agradou, desde que eu vira imediatamente que aquilo era na verdade uma espécie de nave espacial, com fuselagem empinada e asas retráteis. Fiquei curioso em saber como o projetista conseguira incluir dois grandes refrescadores no seu lado de bombordo. A coisa não me pareceu aerodinamicamente possível.

E não era. O lado de bombordo era igual ao de estibordo, liso e esguio. Não havia espaço cúbico para banheiros.

— Mas não tive tempo de pensar nisso. Quando havíamos entrado no túnel lateral do Raffles alguns minutos antes, meu Synchron piscara exatamente 17h, tempo de Greenwich ou L-City... o que faria isso 11h da manhã na zona 6, em Terra.

E assim foi porque era ali que nos encontrávamos, na zona seis, na pastagem norte da fazenda de meu tio Jock, perto de Grinnell, Iowa. Assim, tornava-se óbvio que eu não apenas perdera muito sangue mas fora atingido com força na cabeça — uma vez que mesmo o correio militar mais "envenenado" precisa de pelo menos duas horas para fazer o percurso Luna-Terra.

À nossa frente erguia-se a velha e bem-restaurada mansão victoriana de tio Jock, cúpula, varandas e terreiro, e ele mesmo vinha nesse momento em nossa direção, acompanhado por dois outros homens. Titio estava tão lépido como sempre e ainda com aquela gaforinha branca que lhe dava uma aparência de Andrew Jackson. Não reconheci os outros dois. Eram homens maduros, mas muito mais moços que o Ho Jock — bem, quase todo mundo é.

Hazel deixou de me empurrar, correu e lançou os braços em volta de um deles, beijou-o e lambuzou-o todo. Meu tio tomou-a dos braços daquele homem,

beijou-a com igual entusiasmo, e depois entregou-a ao terceiro, que a saudou da mesma maneira e a recolocou no chão.

Antes de eu poder me sentir excluído, ela virou-se e trouxe o primeiro pela mão esquerda.

— Rapai, quero que você conheça meu marido, Richard Colin, Richard, este é meu pai Mannie, Manuel Garcia OKelly Davis.

— Bem-vindo à família, coronel — disse ele, e me estendeu a mão direita.

— Obrigado, senhor.

Hazel virou-se para o terceiro homem.

— E este, Richard, é...

— ... o Dr. Hubert — interrompeu-a tio Jock — Lafe, aperte a mão de meu sobrinho, Coronel Colin Campbell. Bem-vindo à casa, Dickie. O que é que você está fazendo nesse carrinho de bebê?

— Só mandriando, acho. Cadê tia Cissy?

— Trancada, naturalmente. Sabia que você estava chegando. Mas o que é que você andou fazendo? Parece que você não conseguiu se abaixar. Sadie, você tem que esperar isso de Dickie. Ele sempre foi lento. Difícil de aprender a não fazer xixi na cama e nunca aprendeu a jogar bolinha de gude.

Eu estava procurando uma resposta suficientemente insultuosa para rebater essa mentira (eu aprendera há muito tempo a maneira de tratar nossos escândalos de família) quando a terra tremeu, seguido imediatamente por um *krrump!* Não nuclear, apenas altos explosivos. Mas inquietante, ainda assim. Alto explosivo não é brincado nem a melhor maneira de morrer — aliás, não há nenhuma.

— Não mije nas calcinhas, Dickie — disse tio —, elas não estão atirando em nós. Lafe, você podia examiná-lo aqui? Ou lá dentro?

— Deixe-me ver suas pupilas, coronel — pediu o Dr. Hubert.

De modo que o olhei quando ele olhou para mim. Quando Hazel parou de empurrar a cadeira de rodas, a nave estivera à minha esquerda. Mas quando a detonação de alto explosivo ocorreu, a nave mudou subitamente de lugar. Desapareceu... "nem um instante depois". A hipótese menos insultuosa dizia que eu estava doido.

Ninguém mais pareceu notar aquilo.

De modo que fingi que também não, e olhei para meu médico... e me perguntei onde o vira recentemente.

— Nenhuma concussão, acho. Qual é o logaritmo natural de pi?

— Se eu tivesse todas as minhas bolinhas de gude, estaria aqui? Escute, doutor,

nada de jogo de adivinhação, por favor. Estou cansado.

Outro obus de alto explosivo (ou bomba) aterrissou próximo, mais perto ainda, se possível. O Dr. Hubert tirou a toalha que enfaixava minha perna esquerda, cutucou a compressa que Xia aplicara.

— Dói?

— Diabo, dói!

— Ótimo. Hazel, é melhor você levá-lo para casa. Não posso cuidar devidamente dele aqui, uma vez que estamos prestes a nos mudar para New Harbor, em Beulahland. Os anjelenos tomaram Des Moine e estão vindo nesta direção. Ele está em bom estado para um homem que foi atingido... mas precisa de tratamento apropriado, sem demora.

— Doutor — perguntei —, o senhor é por acaso parente daquelas meninas ruivas que guarnecem a espaçonave em que viemos?

— Elas não são moças, são delinquentes juvenis aposentadas por idade. O que quer que elas lhe tenham dito, eu nego categoricamente. Diga-lhes que as amo.

— Mas tenho que apresentar meu relatório — disse impetuosamente Hazel.

Todo mundo falou na mesma ocasião até que o Dr. Hubert restabeleceu a calma, dizendo:

— Silêncio! Hazel vai com o marido e o instala devidamente, fica com ele enquanto achar necessário, e depois se apresenta em New Harbor... mas com a pulsação temporal estabelecida agora. Objeção? Então, é uma ordem.

O reaparecimento daquela espaçonave foi ainda mais desconcertante e fiquei satisfeito porque não olhei. Ou não muito. Os dois homens ruivos (acabei descobrindo que eram apenas quatro os ruivos, não uma multidão) pegaram-me e me levaram para dentro com cadeira e tudo, Hazel entrou naquele velho refrescador comigo... e quase no mesmo instante entrou Laz (Lor?) e anunciou:

— Tia Hazel, estamos em casa.

"Casa" era o telhado plano de um grande prédio — e era fim da tarde, quase noite. Aquela espaçonave devia ser chamada de Gato Cheshire. (Mas seu nome é Gay. O nome dela é Gay. Oh, esqueçam.)

O prédio era um hospital. Ao se internar num hospital, a pessoa espera inicialmente uma hora e quarenta minutos, enquanto eles examinam a papelada. Depois, tiram nossa roupa e nos põem em uma maca de rodas, embaixo de um cobertor fino, com os pés de fora, colocam-nos bem no centro de uma corrente de ar e mandam que a gente espere do lado de fora da sala de raios X. Depois, pedem um exame de urina em um urinol de plástico, enquanto uma mocinha espera que a gente urine, olhando para o teto e parecendo entediada. Certo?

Aquela gente não conhecia nem a primeira página do regulamento sobre a maneira de dirigir um hospital. Nossos camaradas ilesos (os que sofriam de nada mais que alta aceleração) já estavam a caminho, em carrinhos de golfe incrementados, quando fui novamente tirado da nave e colocado em outro carrinho de golfe (maca sobre rodas, cadeira de rodas, colchão flutuante). O rabi Ezra estava ali em sua cadeira de rodas. Hazel estava conosco segurando a *Árvore-San* e o embrulho na embalagem da Sears contendo o costume de Naomi. A nave espacial desaparecera. Mal tive tempo de dizer a Laz (Lor?) que o Dr. Hubert mandara dizer que as amava. Ela fungou:

— Se ele acha que com essa conversa carinhosa vai sair da casa do cachorro, é melhor que pense novamente.

Mas os bicos de seus seios endureceram, de modo que acho que ela ficou satisfeita.

Quatro de nós ficamos no telhado, nós três e um membro do quadro de pessoal do hospital, uma mulher baixa e morena que parecia combinar o que melhor havia em Mãe Eva e Mãe Maria, mas sem se vangloriar de nada disso. Hazel pôs o pacote no meu colo, entregou a *bonsai* a Reb Ezra e lançou os braços em volta dela.

— Tammy!

— *Arli sool, m'tenga!* — A maternal criatura beijou Hazel.

— *Reksi, reksi...* há tanto tempo! Soltaram-se do *clinch* e Hazel disse:

— Tammy, este é meu bem-amado Richard.

Isto me mereceu um beijo na boca. Tammy pôs devidamente de lado aquele pacote. Um homem beijado por Tammy permanece beijado durante horas — mesmo que esteja ferido, mesmo que ela só dê um ligeiro beijo.

— E este é o nosso querido amigo, o reverendo rabi Ezra ben David.

Ele não obteve o mesmo tratamento que eu. Tammy fez uma profunda mesura e beijou-lhe a mão. De modo que tive um claro lucro.

Tammy (Tamara) disse:

Para dentro, tenho que levar os dois, para rapidamente tratarmos de Richard. Mas cada um de meus dois hóspedes queridos aqui serão. Hazel? Um quarto como aquele que com Jubal você dividiu?

— Tammy, que bela idéia! Porque vou ter que me ausentar algumas vezes. Cavalheiros, vocês ficarão juntos enquanto forem pacientes aqui!

Eu ia responder "Claro, certo, mas..." quando Reb Ezra tomou-me a frente:

— Há uma pequena confusão. Sra. Gwendolyn, por favor, explique a esta querida senhora que não sou um paciente, nem candidato à hospitalização. Estou em perfeita saúde. Nem um espirro, nem uma unha encravada.

Tamara pareceu surpresa e... não, não perturbada mas profundamente preocupada. Aproximou-se dele e tocou suavemente o coto esquerdo:

— Não vamos colocar suas pernas novamente? Reb Ezra deixou de sorrir.

— Tenho certeza de que a intenção de vocês é boa. Mas não posso usar próteses. Sinceramente.

prorrompeu em outra língua, falando com Hazel. Ela escutou e depois disse:

— Padre Ezra, está falando em pernas de verdade. Carne e sangue. Eles podem fazer isso. Podem fazer isso de três maneiras.

Reb Ezra tomou uma profunda respiração, exalou-a num suspiro e olhou para :

— Filha, se você puder devolver minhas pernas... então vá em frente. Por favor
— e depois acrescentou alguma coisa, creio que em hebraico.

LIVRO TRÊS

A Luz no Fim do Túnel

"Deus criou a mulher para domar o homem."

Voltaire, 1694-1778

Acordei lentamente, deixando que a alma se acomodasse com suavidade de volta no meu corpo. Mantive os olhos fechados e liguei a memória, perguntando quem era eu, onde estava e o que acontecera.

Oh, sim, eu casara com Gwen Novak! Da forma mais inesperada, mas que idéia deliciosa! E depois nós... Hei! aquilo não foi ontem. Ontem, você...

Rapaz, ontem você teve um dia cheio! Começou em Luna City, saltou até Grinnell — como? Não importa o "Como?", agora. Aceite o fato. Depois saltou para... o que Gwen chamara aquilo? Hei, espere! O verdadeiro nome de Gwen é Hazel. Ou é? Preocupe-se com isso depois. Hazel chamara-a de "Terceira Terra", Tellus Tertius. Tammy dera-lhe outro nome. Tammy? Oh, claro, "Tamara". Todo mundo conhece Tamara.

Tammy não deixaria que mexessem em minha perna ferida enquanto eu estivesse acordada... Onde, que diabo, eu arranjei aquele ferimento? Estou ficando desajeitado em minha velhice? Ou foi por ter visto a cara de Bill entre aqueles falsos Shriners? Não é profissional deixar que *qualquer* surpresa lhe retarde os movimentos. Se sua própria avó aparecer no meio de uma briga, atire nela e vá em frente.

Como é que você soube que eles não eram Shriners? Essa é fácil. Shriners são indivíduos de meia-idade e barrigudos. Aqueles caras eram jovens e duros. Prontos para combate.

Sim, mas isso é uma racionalização, na qual você só pensou agora. E daí? Não obstante, é verdade. Mas você não pensou nisso ontem. Diabo, não, claro que não. No momento da verdade ninguém tem tempo de pensar. Você olha para um cara, alguma coisa nele berra "Inimigo!" e você salta para fazer com ele antes que ele faça com você. Se usa o tempo de uma briga analisando impressões dentro do crânio, classificando por tipo e ponderando segundo a lógica — você está morto! Em vez disso, você se *mexe*.

Ontem você não se mexeu rápido o suficiente.

Mas arranjamos o parceiro certo para uma briga, não? Uma cobra coral pequenina e rápida chamada Hazel. E em qualquer briga de que saíamos com uma temperatura corporal de 37 graus não pode ser considerada como derrota total.

Deixe de querer se enganar. Quantos você pegou? Dois? E ela pegou o resto. *E*

ela teve que providenciar seu resgate... ou você estaria mortinho da Silva neste minuto.

Eu talvez esteja. Vamos ver. Abri os olhos.

Este quarto certamente se parece com o céu! Mas isto prova que *não* estou morto porque o céu certamente não é *meu* destino. Além do mais, todo mundo diz que, quando a gente morre, entra em um longo túnel com uma luz na boca mais distante e lá sua bem-amada está à espera... e isso não lhe aconteceu. Nada de túnel! Nada de luz no fim do túnel! E é triste pensar, nada de Hazel!

De modo que não estou morto, isto não pode ser o céu e também não acho que seja um hospital. Nenhum hospital foi jamais construído tão bonito assim e cheirando tão bem. E onde está aquele barulho regulamentar que há em todos os corredores de hospital? Tudo que estou ouvindo são trinados de pássaros e um trio de cordas tocando à distância.

Hei, ali está a Árvore-San!

De modo que Hazel deve estar por perto. Onde está você, meu docinho? Preciso de ajuda. Procure meu pé e passe para cá, sim, por favor? Não posso me arriscar a saltitar nesta gravidade. Estou destreinado e... bem, droga, preciso urinar.

— Estou vendo que acordou. — Era uma voz suave, falando atrás de minha orelha direita. Virei a cabeça para olhar no momento em que ela deu a volta para o lugar onde eu podia vê-la mais facilmente: uma mulher jovem, atraente, esbelta, pequena de busto, longos cabelos castanhos. Ela sorriu quando lhe captei o olhar. — Eu sou Minerva. O que vai querer no desjejum? Hazel me disse que você gosta de *waffles*. Mas pode pedir o que quiser.

— Qualquer coisa? — pensei um pouco. — Que tal brontossauro assado em fogo lento?

— Sim, certamente. Mas vai demorar mais preparar isso do que *Waffles* — respondeu ela com toda seriedade. — Alguma coisa para mordiscar enquanto espera?

— Topo tudo que você quiser. E deixe de brincar comigo. Falando de pernas, viu meu pé artificial? Antes de tomar o desjejum preciso visitar o refrescador... e preciso de meu pé de cortiça para fazer isso. Esta gravidade, entende.

Sem meias-palavras, Minerva me disse o que fazer.

— Esta cama possui refrescador inerente e, de qualquer maneira, você não pode usar o refrescador comum. Você está sob bloqueio espinhal da cintura para baixo. Mas nossas disposições são eficientes, de verdade. De modo que faça o que quiser. Quando tiver necessidade.

— Ahn?... *Eu não* posso. (Realmente, eu não podia. Quando amputaram meu pé, os enfermeiros do hospital tiveram um tempo danado de difícil comigo. Finalmente, equiparam-me com um catéter e um tubo de borracha até que eu pudesse ir ao banheiro usando muletas.)

— Você vai descobrir que pode. E estará tudo bem.

— Humm. — (Eu não podia mover nenhuma das pernas, nem a curta nem a comprida. — Sra. Minerva, pode me arranjar um urinol tipo hospitalar comum?)

Ela pareceu perturbada.

— Se desejar. Mas não será útil. — Em seguida, a expressão preocupada mudou para pensativa. — Vou procurar um. Mas vai demorar algum tempo. Pelo menos 10 minutos. Nem um momento menos. E vou trancar sua porta enquanto estiver fora, de modo que ninguém possa perturbá-lo. — E acrescentou: — Dez minutos — e dirigiu-se para a parede vazia. A parede saiu da frente dela e ela desapareceu.

Imediatamente puxei o lençol para ver o que haviam feito com minha perna boa.

O lençol não se deixou puxar.

De modo que lhe dei um repelão.

O lençol era mais forte do que eu.

Em vista disso, tentei vencê-lo pela astúcia — afinal de contas, um lençol não pode ser mais sabido do que um homem. Pode?

Sim, pode.

Finalmente, eu disse a mim mesmo: escute, cara, nós não estamos conseguindo nada. Vamos então supor que a Sra. Minerva foi exatamente veraz: esta é uma cama com instalações hidráulicas embutidas, capaz de cuidar do pior que um paciente recolhido ao leito pode fazer. Assim dizendo, resolvi mentalmente uns dois problemas balísticos — garantidos para distrair até mesmo um homem à espera na guilhotina.

Esvaziei um meio litro, suspirei, e esvaziei a outra metade. Não, aparentemente a cama não ficou molhada.

E uma voz feminina disse ternamente: — Isso é que é um *bom* menino!

Olhei apressadamente em volta. Nenhuma corda vocal para acompanhar a voz.

— Quem disse isso e quem é você?

— Eu sou Teena, irmã de Minerva. Não estou mais longe de você que seu cotovelo... Ainda assim, estou a meio quilômetro de distância e 200 metros abaixo. Se precisar de alguma coisa, simplesmente me chame. A gente tem, ou

faz, ou falsifica. Milagres nós fazemos imediatamente. Qualquer outra coisa, ainda mais cedo. Exceção: virgens são consideradas um pedido especial... tempo médio de espera, 14 anos. Virgens reconstruídas em fábrica, 14 minutos.

— Quem, diabo, quer uma virgem? Sra. Teena, você acha que é delicado me ver urinar?

— Moço, não tente ensinar a sua avó como roubar carneiros. Um de meus deveres é vigiar *tudo*, em todos os departamentos deste hospício, e me antecipar aos erros antes que eles aconteçam. Dois: *eu* sou virgem e posso provar... E vou fazê-lo se arrepender de ter nascido homem por ter dito aquela coisa depreciativa sobre virgens.

(Oh, diabo!)

— Sra. Teena, não tive intenção de ofender. Eu fiquei simplesmente embaraçado, só isso. De modo que falei sem pensar. Mas acho de fato que micção e coisas assim devem ser feitas em particular.

— Não em um hospital, cara. Elas são aspectos importantes do quadro clínico, em todas as ocasiões.

— Hummm...

— Lá vem minha irmã. Se não acredita em mim, pergunte a ela.

Uns dois segundos depois a parede se abriu e a Sra. Minerva entrou, trazendo um urinol hospitalar do velho tipo — sem maquinaria automática nem controles eletrônicos.

— Obrigado — disse eu. — Mas não preciso mais dele. E tenho certeza de que sua irmã lhe disse isso.

— Sim, disse. Mas certamente não lhe disse que tinha dito!

— Não, deduzi isso. É verdade que ela fica sentada em algum lugar no subsolo e espiona todos os pacientes? Ela não acha isso chato?

— Ela não presta realmente nenhuma atenção, até que seja necessário. Tem milhares de outras coisas para fazer, todas mais interessantes...

— Muito mais interessantes! — interrompeu a voz incorpórea. — Minnie, ele não gosta de virgens. Eu disse a ele que sou. Confirme isso, irmã. Quero esfregar o nariz dele nisso.

— Teena, não o provoque.

— Por que não? E divertido provocar homens. Eles se contorcem todos quando a gente os cutuca. Embora eu não possa entender o que Hazel viu nesse aí. Ele é um triste caso.

— Teena! Coronel, Athene lhe disse que ela é um computador?

— Ahn? Repita isso.

— Athene é um computador. É o computador supervisor deste planeta. Os outros computadores aqui são apenas máquinas, não são sencientes. Athene dirige tudo. Da mesma maneira que Mycroft Holmes outrora dirigia tudo em Luna... Eu sei que Hazel lhe falou a respeito dele. — Minerva sorriu docemente. — De modo que é assim que Teena pode alegar que é virgem. Tecnicamente, ela é, no sentido em que um computador não pode ter experiência de cópula carnal...

— Mas eu sei tudo a esse respeito!

— Sim, irmã... com um humano macho. Por outro lado, quando ela se transfere para um corpo de carne e osso e torna-se humana, em outro sentido técnico ela não é mais virgem porque seu hímen foi atrofiado *in vitro* e qualquer tecido vestigial removido antes que seu corpo animal fosse energizado. Da mesma maneira que fizeram comigo.

— E você estava doida, Minnie, quando deixou Ishtar convencê-la disso. Eu não farei dessa maneira. Resolvi experimentar tudo. Um hímen real e defloramento ritual e físico. Até mesmo vestido de noiva e um casamento, se pudermos arranjar. Você acha que posso convencer Lazarus disso?

— Duvido demais. E você estaria cometendo um tolo erro. Dor desnecessária na primeira cópula poderia iniciar você com maus hábitos no que deve ser sempre uma experiência inteiramente feliz. Irmã, sexo é a razão mais importante para tornar-se humano. Não a estrague.

— Tammy diz que não dói tanto assim.

— Por que deixar que doa, absolutamente? De qualquer maneira, você não vai conseguir que Lazarus concorde com um casamento formal. Ele lhe prometeu um lugar em nossa família. E nada mais.

— Talvez a gente pudesse apresentar como voluntário o Coronel Zero. Ele vai me dever um bocado de favores por essa ocasião e Maureen diz que, de qualquer maneira, ninguém jamais nota o noivo. O que é que você acha, soldadinho? Pense na honra de ser meu noivo em um lindo e luxuoso casamento de maio. Cuidado com o que vai responder.

Meus ouvidos estavam zunindo e senti uma dor de cabeça chegando. Se eu simplesmente fechasse os olhos, descobriria que estou no meu apartamento de solteiro no Regra de Ouro?

Tentei. Depois, reabri-os.

— Responda — insistiu a voz incorporárea.

— Minerva, quem foi que mudou meu pequeno bordo de vaso?

— Eu. Tammy disse que ela não tinha espaço suficiente para respirar, e muito

menos para crescer e pediu que eu arranjasse um vaso maior. Eu...

— Eu o arranjei.

— Teena achou-o e eu o reenvasei. Está vendo como ele parece tão feliz? Cresceu mais de 10 centímetros.

Olhei para minha pequena árvore. E voltei a olhar.

— Há quantos dias estou neste hospital?

Minerva, de repente, ficou absolutamente sem expressão. A voz de Teena falou:

— Você não disse qual o tamanho do brontossauro que queria para o desjejum. E melhor que queira um pequeno, ahn? Os mais velhos são horrivelmente duros. É o que todo mundo diz.

Dez centímetros... Hazel dissera que me veria "pela manhã". Que manhã, querida? Há duas semanas? Ou a mais tempo?

— Os mais velhos não são duros, se pendurados devidamente. Mas não quero esperar até que a carne fique no ponto. Haveria algum atraso desses com *waffles*?

— Oh, não — concordou a voz de Teena. — *Waffles* não são comuns aqui, mas Maureen sabe tudo sobre eles. Ela foi criada, diz ela, a apenas alguns quilômetros do lugar onde você foi recriado, e quase na mesma ocasião, tome ou tire um século ou dois. De modo que ela conhece o tipo de cozinha a que você está acostumado. Ela me explicou tudo a respeito de fornos de *waffles* e experimentei até que consegui fazer um exatamente como ela queria. Quantos *waffles* você pode comer, gordinho?

— Quinhentos e sete.

Houve um curto silêncio, depois Teena disse:

— Minerva?

— Não sei.

— Mas — continuei — estou de dieta, de modo que reduza para três.

— Não tenho certeza de que o queira como meu noivo.

— De qualquer modo, você não consultou Hazel, minha esposa.

— Nenhum problema. Hazel e eu somos amigas íntimas.

Há anos e anos. Ela o obrigará a aceitar. Se eu resolver usá-lo Não estou certa a seu respeito, Dickie, meu rapaz.

— "Dickie, meu rapaz", ahn? Você conhece meu tio Jock? Jock Campbell?

— A Raposa Prateada. Se eu conheço tio Jock! Nós não vamos convidá-lo, Dickie. Ele reclamaria *a jus prima noctis*.

— Temos que convidá-lo, Sra. Teena. Ele é meu parente mais próximo. Tudo bem. Eu banco o noivo e tio Jock se encarrega de deflorar a noiva. Resolve tudo.

— Minerva?

— Coronel Richard, não acho que Athene deva fazer isso. Conheço o Dr. Jock Campbell há muitos anos e ele me conhece. Se Athene insistir nesta idéia tola, não acho que ela deva se entregar primeiro ao Dr. Campbell. Um ano ou dois depois, quando ela souber... — Minerva encolheu os ombros. — Elas são pessoas livres.

— Teena pode resolver isso com Hazel e Jock. Não foi idéia minha. Quando é que esse crime vai acontecer?

— Quase imediatamente. O clone de Athene está quase pronto. Mais ou menos dentro de três de seus anos.

— Oh, eu pensei que estávamos falando sobre a próxima semana. Ou deixar de me preocupar. Nesse tempo o cavalo pode aprender a cantar.

— Que cavalo?

— Um pesadelo. Agora, a respeito desses *waffles*. Sra. Minerva, poderia me fazer companhia nesses *waffles*? Não agüento ver você aí salivando e engolindo em seco, morrendo de fome, enquanto eu me espojo em *waffles*.

— Eu já quebrei meu jejum hoje...

— Que pena.

— ... mas isso foi há algumas horas e gostaria de experimentar *waffles*. Hazel e Maureen falam muito bem deles. Obrigada, eu aceito.

— Você não *me* convidou!

— Mas Teena, minha futura noiva — criança, se você fizer como ameaçou, minha mesa será a sua. Convidá-la a compartilhar dela seria uma pletora tautologicamente redundante de excesso de excedente, repetitivo e quase insultante. Maureen lhe disse como os *waffles* devem ser servidos? Com manteiga, xarope de bordo e *bacon* torradinho à vontade... acompanhados de suco de fruta e café. O suco deve ser gelado de doer no dente e o resto quente.

— Três minutos, namorado.

Eu ia responder quando aquela parede incorpórea novamente se abriu e o rabi Ezra entrou andando. *Andando*. Usava muletas canadenses mas caminhava sobre duas pernas.

Sorriu largamente para mim e acenou com a muleta de mão.

— Dr. Ames! Que bom vê-lo acordado!

— Que bom revê-lo, Reb Ezra. Sra. Teena, por favor, pedido triplô de tudo.

— Já fiz isso. E mais, salmão defumado, rosca cristalizada e geléia de morango.

Foi uma refeição alegre, a despeito de todas as perguntas que me povoavam a mente. A comida era deliciosa e eu estava faminto. Minerva, Ezra — e Teena — eram bons companheiros de mesa. Eu estava raspando o xarope no último pedaço de meu primeiro *waffle* quando disse:

— Reb Ezra, viu Hazel esta manhã? Minha esposa. Eu esperava que ela aparecesse por aqui.

Ele pareceu hesitar. Teena respondeu:

— Ela virá mais tarde, Dickie. Não podia ficar aqui esperando que você acordasse. Tem outras coisas para fazer. E outros homens.

— Teena, pare de tentar me irritar. Ou não me casarei com você mesmo que Hazel e Jock concordem com isso.

— Quer apostar? Aborreça-me, seu grosseirão, e boto você para fora deste planeta. Você não obterá mais nada para comer, portas não se abrirão para você, refrescadores o esquentarão e cães o morderão. E você terá *coceira*.

— Irmã!

— Ora, Minnie.

Minerva continuou, dirigindo-se a mim:

— Não deixe minha irmã irritá-lo, coronel. Ela discute porque quer companhia e atenção. Mas ela é um computador ético, inteiramente confiável.

— Tenho certeza que é, Minerva. Mas ela não pode esperar me encher e me ameaçar e ainda esperar que eu me ponha na frente de um juiz, padre ou alguma outra pessoa e prometa amá-la, honrá-la e obedecê-la. De qualquer modo, não tenho certeza de que queira obedecê-la.

A voz do computador respondeu.

— Você não vai ter que prometer me obedecer, Dickie, meu rapaz. Eu o treinarei mais tarde. Apenas coisas simples. Atenção. Vá buscar. Sente-se. Deite-se. Role no chão. Banque o morto. Não espero nada de complexo de um homem. À parte trabalhos como garanhão, isto é, nesse particular sua reputação o precedeu.

— O que é que você quer dizer com isso? — Botei de lado o guardanapo. — Isso acaba com tudo. O casamento está cancelado.

— Amigo Richard!

— Ahn? Sim, Reb.

— Não deixe que Teena o irrite. Ela propôs casamento a mim, a você, ao Padre

Hendrik, a Choy-Mu e, sem dúvida, a muitos outros. A ambição dela é fazer Cleópatra parecer uma principiante.

— E Ninon de Lenclos, e Rangy Lil, e Marie Antoinette, e Rahab, e Kate "Couraçado", e Messalina, basta dizer o nome. Eu vou ser a ninfomaniaca campeã do multiuniverso, bela como o pecado e inteiramente irresistível. Homens travarão duelos por minha causa, se matarão à minha porta e escreverão odes ao meu dedo mínimo. Mulheres desmaiarão ao ouvir minha voz. Todos os homens, mulheres e crianças me adorarão de longe e eu amarei tantos deles quando puder incluir em minha agenda. Então você não quer ser meu noivo, hem? Que coisa mais imunda, perversa, maldosa, fedorenta, totalmente egoísta de dizer! Multidões enfurecidas o reduzirão a pedaços e beberão seu sangue.

— Sra. Teena, isto não é conversa apropriada de mesa. Nós estamos comendo.

— Foi você quem começou.

Tentei reexaminar os primórdios. Fora eu mesmo quem começara? Não, na verdade, ela...

Em um murmúrio de um preso a outro, Reb Ezra me disse:

— Desista. Você não pode vencer. Eu sei.

— Sra. Teena, lamento ter começado isto. Não devia ter feito isto. Foi uma traquinada minha.

— Oh, então tudo bem. — O computador pareceu calorosamente contente. — E você não tem que me chamar de "Sra. Teena". Pouquíssima gente usa apelativos por aqui. Se você chamasse Minerva de "Dra. Long" ela olharia em volta para ver quem estava atrás.

— Tudo bem, Teena, e por favor, chame-me "Richard". Sra. Minerva, a senhora tem diploma de doutor? Em medicina?

— Um de meus diplomas é em terapia, sim. Mas minha irmã tem razão, títulos raramente são usados aqui. "Senhora" a gente nunca ouve... a não ser como expressão de carinho do homem para uma mulher a quem concedeu seu amor carnal^[2]. Mas não há necessidade de me chamar "Sra. Minerva"... até que me resolva conceder essa bênção. Quando fizer isso. Se fizer.

Assim na lata!

Quase perdi o rebolado. Minerva parecia tão pudica, humilde, mansa, que me deixou inteiramente surpreso. Teena deu-me tempo para reagrupar minhas forças.

— Minnie, não tente roubá-lo de mim. Ele é meu.

— É melhor perguntar a Hazel. É melhor perguntar a ele.

— Dickie, meu rapaz! Diga a ela.

— O que é que eu posso dizer a ela, Teena? Você não resolveu ainda a questão com Hazel e meu tio Jock Mas, entrementes... — consegui fazer uma mesura para Minerva, tanto quanto isso é possível de uma cama e com um bloqueio espinhal. — Querida moça, suas palavras me acumulam com uma grande honra. Mas, como você sabe, estou no momento fisicamente imobilizado, incapaz de partilhar desses deleites. Enquanto isso, podemos tomar o desejo como o ato?

— Não ouse chamá-la de "senhora"!

— Irmã, olhe seu modos. Senhor, pode realmente me chamar de "senhora". Ou, como disse, podemos considerar o desejo como o ato e esperar até mais tarde. Sua terapia vai levar tempo.

— Ah, sim. Vai, mesmo. — Olhei para o pequeno bordo, não mais tão pequeno assim. — Há quanto tempo estou aqui? Minha conta aqui deve estar um bocado alta.

— Não se preocupe com isso — aconselhou-me Minerva.

— Mas eu tenho que me preocupar. Contas têm que ser pagas. E eu nem mesmo tenho Medicare. — Olhei para o rabi. — Rabi, como foi que o senhor financiou seus... transplantes? O senhor está tão longe de casa e de sua conta bancária como eu.

— Mais longe do que você pensa. E não é mais correto me chamar de rabi — no lugar onde estamos desconhece-se o Torah. Agora sou o pracinha Ezra Davidson, Corpo de Irregulares Temporais. Isso paga minhas contas. Acho que alguma coisa parecida paga as suas. Teena, você poderia — quero dizer, "faria o favor" de dizer ao Dr. Ames qual a conta a que são debitadas suas despesas?

— Ele mesmo tem que perguntar isso.

— Eu pergunto, Teena. Por favor, diga-me.

— "Campbell, Colin" conhecido também como "Ames, Richard": despesa, debite todos os departamentos, à conta especial do Antigo, "Suserano Galático — Pequenas Despesas". De modo que não se aborreça, amor meu. Você é um caso de caridade, todas as despesas por conta da casa. Claro, as pessoas que dependem dessa conta geralmente não vivem muito tempo.

— Athene!

— Mas Minnie, essa é a simples verdade. A média é de 1,73 missões e, em seguida, pagamos os benefícios por morte. A menos que lhe seja ordenado assumir alguma sinecura no QGT.

(Eu não estava ouvindo com atenção. "Suserano Galático", realmente! Só uma pessoa podia ter aberto aquela conta. A queridinha brincalhona. Droga, querida

— *onde está você?*)

A parede não tão sólida assim piscou novamente e se abriu.

— Estou atrasada demais para o café da manhã? Oh, poxa! Olá, querido!

Era ela!

"Em dúvida, diga a verdade."

Mark Twain, 1835-1910

— Richard, vim visitá-lo na manhã seguinte. Mas você não me viu.

— Ela, de fato, veio visitá-lo, Dickie, meu rapaz — confirmou Teena. — Com grande risco para a saúde. Dê graças a Deus por estar vivo. Quase não ficou.

— Isso é verdade — reforçou Ezra. — Fui seu companheiro de quarto durante parte de uma noite. Depois, transferiram-me, colocaram-no de quarentena e me deram umas nove ou 90 vacinas. Irmão, você esteve para morrer.

— Dengue, convulsões provocadas por pus verde, febre sufocante... — Hazel contava minhas doenças nas pontas dos dedos —, cianose, tifo... Minerva, o que mais?

— Infecção sistêmica por estafilococo áureo, herpes hepática Landri. E, pior que tudo, perda de vontade de viver. Ishtar, porém, não permite que morra pessoa alguma que não pediu a morte no gozo de seu juízo perfeito. Galahad também não permite. Tamara fez-lhe companhia durante todos os minutos, até passar a crise.

— Por que é que não me lembro de nada disso?

— Dê graças a Deus porque não se lembra — sugeriu Teena.

— Amor de minha vida, se você não estivesse no melhor hospital de todos os universos conhecidos, tratado pelos terapeutas mais competentes, eu seria viúva novamente. E fico horrível de preto.

Ezra acrescentou:

— Se não tivesse a constituição de um boi, você nunca teria escapado.

Teena interrompeu com:

— De um touro, Ezra. Não de um boi. Eu sei, eu os conheço. Impressionantes.

Eu não sabia se agradecia a Teena ou se cancelava novamente o casamento. De modo que ignorei as palavras dela.

— O que não entendo é como peguei essas doenças todas. Fui ferido, isto eu sei. Isso explicaria o estafilococo áureo. Mas as outras coisas?

— Coronel — lembrou Ezra —, o senhor é soldado profissional.

— Sou — e suspirei. — Nunca pratiquei este aspecto da profissão. Não me sinto à vontade nele. A guerra biológica faz com que bombas de fusão pareçam coisas limpas e decentes. Até mesmo a guerra química parece humanitária em

comparação com armas biológicas. Muito bem, aquela faca — foi uma faca? — estava contaminada. Perigosamente contaminada.

— Estava — confirmou Ezra —, alguém o queria morto e estava disposto a matar todo mundo em Luna City, desde que você morresse também.

— Isso é loucura. Eu não sou tão importante assim. Tranqüilamente, Minerva disse:

— Richard, você é tão importante assim. Olhei-a fixamente.

— Por que é que você pensa assim?

— Lazarus me disse.

— Lazarus. — Teena usara esse nome antes. — Quem é Lazarus? Por que a opinião dele pesa tanto?

Hazel respondeu:

— Richard, eu lhe disse que você era importante, e por quê. O resgate de Adam Selene. As mesmas pessoas que querem que ele permaneça insurrecto não teriam escrúpulos em acabar com Luna City para acabar com você.

— Se você diz isso eu gostaria de saber o que aconteceu lá. Luna City é meu lar adotivo. Há gente boa lá. Hummm, seu filho, Ezra, entre outros.

— Isso mesmo, meu filho. E outros. Luna City foi salva, Richard. A infecção foi controlada.

— Ótimo.

— A um preço. Havia disponível uma dobra temporal de referência. O número de segundos que nos levou a todos para bordo e para sair de lá foi reconstruído com cuidadosa reencenação — por todos nós que tomamos parte na coisa, sendo seu papel desempenhado por um ator competente. Isto foi comparado com a própria memória de Gay sobre o tempo em que ela esteve lá e procedeu-se a uma reconciliação das duas. Em seguida, uma cápsula espaço-tempo Burroughs foi levada para as coordenadas resultantes, mais quatro segundos, e detonada uma bomba de calor. Não atômica, mas quente, com o calor de uma estrela... uma vez que alguns desses micróbios são duros de matar. Obviamente, o hotel teve que ser danificado, com alta probabilidade — não, certeza — de perda de vidas. A ameaça a Luna City foi cauterizada, mas a um preço alto. *Nhetdag*. — Ezra estava sombrio.

— Seu filho foi salvo?

— Acho que sim. Contudo, o bem-estar de meu filho não figurou nessa decisão e não pediram minha opinião. Foi uma decisão política do Quartel-general do Tempo. O QGT só resgata indivíduos quando eles são indispensáveis à operação.

Richard, segundo entendo a situação — note, eu sou soldado raso em licença para

tratamento de saúde e não privo das altas decisões de política —, segundo entendo, permitir que Luna City sofresse uma epidemia assassina naquela ocasião interferiria com planos do QGT para alguma outra coisa. Talvez este assunto a que aludiu a Sra. Gwendolyn — Hazel. Não sei.

— Interferiria, eu sei, e em Tertius não me chame de "senhora", a menos que queira levar a coisa adiante, Ezra, mas obrigada, de qualquer maneira. Richard, foi o dano geral que uma doença transportada pelo ar poderia ocasionar a seus planos que levou o Quartel General a agir de maneira tão drástica. Fizeram a coisa tão bem feita que você, eu e o resto da carga da Gay escapamos por um fio de cabelo de sermos destruídos por aquela bomba de calor quando fugimos de lá.

(Nesta altura identifiquei um paradoxo — mas Hazel continuava a falar.)

— Eles não podiam arriscar-se a esperar nem mesmo mais alguns segundos: alguns micróbios podiam entrar nos condutos de ar da cidade. Haviam projetado o efeito que isso teria sobre a Operação Adam Selene: desastre! Em vista disso, agiram. Mas o Comando do Tempo não anda correndo pelos universos salvando indivíduos ou mesmo cidades inteiras. Richard, eles poderiam salvar hoje Herculano e Pompéia, se quisessem... ou São Francisco, ou Paris. Não salvaram. Não salvarão.

— Minha querida — comecei devagar —, você está me dizendo que esse "Comando do Tempo" poderia impedir a Obliteração de Paris em 2002, embora isso tenha acontecido há 200 anos? Por favor!

Hazel suspirou. Ezra tomou a palavra:

— Amigo Richard, escute com toda atenção. Não rejeite o que vou lhe dizer.

— Ahn? Tudo bem. Comece.

— A destruição de Paris ocorreu a mais de 200 anos no passado, não apenas há dois séculos.

— Mas isso é evidentemente...

— Por cálculo empírico, estamos hoje no ano gregoriano 4400 A.D., ou no ano 8160 pelo calendário judaico, fato este que achei muito inquietador, mas tive que aceitar. Além disso, aqui e agora estamos a mais de sete mil anos-luz da Terra.

Hazel e Minerva olhavam-me sérias, aparentemente esperando minha reação. Fiz menção de falar, parei para rever os pensamentos. Finalmente, disse:

— Só tenho mais uma pergunta. Teena?

— Não, você não pode comer mais *waffles*.

— Não é nada de *waffles*. Minha pergunta é a seguinte: posso tomar outra xícara de café? Desta vez com creme de leite? Por favor?

— Tome aí... pegue!

Meu pedido apareceu na mesa de colo de doente. Hazel falou impulsivamente:

— Richard, é verdade! Tudo isso. Beberiquei o café fresco.

— Obrigado, Teena. Está bem no ponto. Hazel, meu amor, não contestei. Seria tolice eu contestar uma coisa que não compreendo. De modo que vamos passar para um assunto mais simples. A despeito dessas terríveis doenças que você disse que eu tive, eu me sinto suficientemente animado para saltar da cama e sorrir os servos. Minerva, pode me dizer quanto tempo mais vou ficar com esta paralisia? Você é a minha médica, não?

— Não, Richard, não sou. Eu...

— Minha irmã está encarregada de sua felicidade — interrompeu-a Teena. — Isso é mais importante.

— Athene tem mais ou menos razão...

— Eu *sempre* tenho razão!

— ... mas, às vezes, ela diz as coisas de maneira esquisita. Tamara é a chefe da moral do Ira Johnson Hospital e da Howard Clinic... e esteve aqui quando você mais precisava dela, ninou-o em seus braços. Mas ela conta com numerosas assistentes porque o Diretor-geral Ishtar considera a moral — bem, a felicidade — fundamental para a terapia e rejuvenescimento. De modo que eu ajudo, e o mesmo fazem Maureen e Maggie, que você ainda não conheceu. Há outras que ajudam quando temos um número excessivo de problemas de felicidade — Libby e Deety, e mesmo Laz e Lord, que são soberbas nisto quando chamadas... o que não é de surpreender uma vez que são irmãs de Lazarus e filhas de Maureen. E há Hilda, naturalmente.

— Pare aí, por favor. Estou ficando confuso com o nome dessas pessoas todas que não conheço. Este hospital tem um quadro de pessoal que serve felicidade. Isso deu para compreender. Todos esses anjos de felicidade são mulheres. Certo?

— Como poderia ser de outra maneira? — perguntou desdenhosamente Teena.

— Onde é que você espera encontrar felicidade?

— Ora, Teena — disse Minerva em tom de reprovação. — Richard, nós operadoras femininas cuidamos da moral dos homens... e Tamara tem operadores homens, hábeis, de sobreaviso ou em serviço para cuidar de clientes e pacientes femininas. A polaridade oposta não é essencial absolutamente para enfermagem moral, mas a torna muito mais fácil. Não precisamos de tantos operadores masculinos para cuidar de nossas pacientes femininas porque é menos provável que mulheres adoçam. Os clientes de rejuvenescimento são mais ou menos igualmente divididos, homens e mulheres, mas mulheres quase nunca ficam deprimidas quando são tornadas jovens novamente...

— Apoiado, apoiado! — interrompeu-a Hazel. — Apenas me torna ardente.

Deu uma palmadinha na minha mão e acrescentou um sinal particular, que ignorei, estando presentes outras pessoas.

— ... enquanto os homens em geral sofrem pelo menos uma crise de espírito durante o rejuvenescimento. Mas você perguntou sobre seu bloqueio espinhal. Teena?

— Eu já o chamei.

— Um momento — disse Hazel. — Ezra, já mostrou a Richard suas novas pernas?

— Ainda não.

— Pode mostrar? Por favor. Você se importa?

— Para mim é um prazer exibi-las.

Ezra levantou-se, afastou-se da mesa, virou-se, ergueu no ar as bengalas e levantou-se sem ajuda. Eu não olhara para as pernas dele quando ele entrara no quarto (não gosto que olhem para meu pé). Em seguida, quando ele se sentou à mesa de refeições que o seguira, não pude vê-las. No único vislumbre que tive delas, fiquei com a impressão de que ele usava bermudas, com meias marrons, até as panturrilhas, que combinavam com as bermudas — joelhos ossudos brancos visíveis entre as meias e a bermuda.

Nesse momento, ele tirou os sapatos e ficou de pé, descalço — e eu revisei minhas idéias bruscamente. Aquelas "meias marrons" eram pele bronzeada de pernas e pés que haviam sido enxertados nos seus cotos.

Ele explicou longamente:

— ... de três maneiras. Um novo membro, ou um novo qualquer coisa, podem ser criados por germinação. Mas é trabalho demorado e requer grande perícia, segundo me disseram. Ou um órgão ou membro podem ser tirados do próprio clone da pessoa e enxertados. Os clones são mantidos em êxtase, com um cérebro internacionalmente subdesenvolvido. Disseram-me que, dessa maneira, é tão fácil como pôr remendo numa calça — sem nenhuma possibilidade de rejeição.

— Mas eu não tenho clone aqui — ou ainda não —, de modo que me arranjaram alguma coisa no estoque de partes sobressalentes...

— O mercado de carne.

— Sim, Teena. Grande quantidade de partes corporais à disposição, estoque computadorizado...

— Por mim.

— Sim, Teena. No caso de enxertos heterólogos, Teena seleciona partes sobressalentes para a maior compatibilidade possível de tecidos... compatibilizando sangue, claro, mas casando-os também de outras maneiras. E igualando em tamanho, mas isso é a parte mais fácil. Teena confere tudo e escolhe uma parte sobressalente que nosso próprio corpo confunde como sua. Ou quase.

— Ezra — disse o computador — você pode usar essas pernas por 10 anos, no mínimo. Eu, realmente, fiz um bom trabalho com você. Mas, por essa ocasião, seu clone estará disponível. Se você precisar dele.

— Você fez, realmente, e lhe agradeço, Teena. O nome de meu benfeitor é Azrael Nkruma, Richard. Somos gêmeos, à parte uma irrelevante questão de melanina — e Ezra sorriu alegremente.

— Ele não sente falta dos pés? — perguntei. Ezra ficou sério de repente.

— Ele morreu, Richard... da causa mais comum de morte aqui: acidente. Alpinismo. Caiu de cabeça e esmagou o crânio. Nem mesmo a perícia de Ishtar poderia tê-lo salvo. E ela certamente teria tentado o possível. O Dr. Nkruma era cirurgião no quadro de auxiliares dela. Mas estes não são os pés que o Dr. Nkruma usava. São do clone dele... dos quais nunca precisou.

— Richard...

— Sim, querida? Eu queria perguntar a Ezra...

— Richard, eu fiz uma coisa sem consultá-lo.

— E daí? Vou ter que surrá-la novamente?

— Isso é você quem decide. Quis que você visse as pernas de Ezra... porque, sem sua permissão, pedi que botassem um novo pé em você. — E ela pareceu assustada.

Devia haver alguma regra limitando o número de choques emocionais a que uma pessoa pode ser legalmente submetida em um único dia. Recebi todo o treinamento militar padrão para reduzir os batimentos cardíacos e baixar a pressão arterial em uma situação de emergência. Mas em geral essas situações não esperam e as drogas desses treinamentos não são tão eficazes assim, de qualquer modo.

Desta vez, simplesmente esperei enquanto conscientemente reduzia a respiração. Logo depois, consegui dizer, sem que a voz se alquebrasse:

— De modo geral, não acho que isso exija uma surra. — Tentei mexer o pé naquele lado; sempre consegui sentir um pé ali, mesmo que ele houvesse desaparecido há muitos anos. — Mandou colocá-lo direito?

— Ahn? O que é que você quer dizer com isso, Richard?

— Eu gosto de ter meus pés apontando para a frente. Não como um mendigo de Bombaim. — (Aquilo teria sido uma mexida?) — Hei, Minerva, posso ver o que foi feito? Este lençol parece apertado demais.

— Teena?

— Está chegando.

Aquela parede incorpórea piscou novamente e por ela entrou o rapaz mais ofensivamente belo que jamais vi em toda minha vida... e a ofensa não era diminuída pelo fato de ele entrar nu em pêlo no meu quarto. Nem um fio de roupa. E o cara não usava nem mesmo sapatos. Ele olhou em volta e sorriu largamente.

— Oi, gente! Alguém me chamou? Eu estava tomando banho de sol..

— Você estava dormindo. Durante o expediente.

— Teena, eu posso dormir e tomar banho de sol ao mesmo tempo. Como vão as coisas, coronel? É bom vê-lo acordado. O senhor nos deu aquele trabalho. Houve ocasião em que pensamos em desistir de tudo e começar tudo novamente.

— O Dr. Galahad — apresentou Minerva — é o seu médico.

— Não exatamente — corrigiu ele, aproximando-se de mim, com um aperto no ombro de Ezra, um beliscão na bunda de Minerva e um beijo *en passant* em minha mulher. — Tirei a palha mais curta, só isso. De modo que sou o escolhido para levar a culpa. Enfrento todas as queixas... mas tenho que lhe avisar. Não adianta tentar me processar. Ou a nós. Nós controlamos o juiz. Bem...

Parou com as mãos imediatamente acima do lençol.

— Quer privacidade para isto?

Hesitei. Sim, eu queria. Ezra sentiu isso e começou a lutar para se levantar, tendo se sentado antes.

— A gente se vê depois, amigo Richard.

— Não, não vá. Você me mostrou as suas... Agora vou-lhe mostrar o meu, poderemos compará-los e você me dar conselhos, já que não sei nada sobre enxertos. E Hazel fica, claro. Minerva o viu antes... não viu?

— Vi, Richard, vi.

— Então, fique também. Segure-me, se eu desmaiar. Te-ena... nada de piadinhas.

— *Eu?* Isso é um desdouro para minha capacidade de julgamento profissional!

— Não, querida. Para suas maneiras de acompanhante de doente. Que têm que ser melhoradas se você quer se comparar com Ninon de Lenclos. Ou mesmo

com Rangy Lil. Muito bem, doutor, vamos vê-lo.

Apliquei pressão no diafragma e preendi a respiração.

Para o médico, aquela droga de lençol saiu fácil. A cama estava limpa e seca (eu verificara isso antes — e não havia nenhum sistema de encanamento que eu pudesse ver) — e dois grandes e feios pés projetavam-se lado a lado, o espetáculo mais belo que eu jamais vira em toda minha vida.

Minerva me pegou no momento em que desmaiei.

Teena não disse nenhuma piada.

Vinte minutos depois comprovou-se que eu exercia controle sobre meu novo pé e respectivos dedos quando não pensava nisso... embora em uma corrida de teste eu às vezes controlasse demais, se tentasse demais fazer o que o Dr. Galahad mandava.

— Estou satisfeito com os resultados — comentou ele. — Se você estiver. Está?

— Como é que posso descrever isto? Arco-íris? Campainhas de prata? Nuvens em forma de cogumelos? Ezra... você pode responder a ele?

— Eu tentei dizer a ele. É como nascer de novo. Andar é uma coisa tão simples... até que não podemos.

— Isso mesmo. Doutor, de quem é este pé? Eu não tenho rezado ultimamente... mas por ele vou tentar.

— Ele não está morto.

— Ahn?

— E não está com um pé a menos. Foi um caso esquisito, coronel. Teena teve problema para encontrar um pé direito do seu tamanho que seu sistema imunológico não rejeitasse tão depressa quanto você pode dizer "septicemia". Em vista disso, Ishtar — a minha chefe — disse a ela para ampliar a busca... e Teena descobriu um. Esse aí. Parte do clone de um cliente vivo.

O médico fez uma advertência:

— Nunca enfrentamos antes uma situação como essa. Eu... nós, o pessoal do hospital, não temos mais autoridade nem mais direito de usar um clone reservado do que temos de lhe cortar o outro pé. Mas o cliente proprietário do clone, quando informado a respeito, resolveu lhe dar esse pé. A atitude dele foi que seu clone poderia, por germinação, criar novo pé em alguns anos. Entrementes, ele poderia passar sem aquela parte do seguro que um clone completo assegura.

— Quem é ele? Tenho que encontrar uma maneira de lhe agradecer.

(Como é que se agradece a uma pessoa por esse tipo de presente?)

— Coronel, esta é a única coisa que o senhor não vai saber. O doador insistiu em permanecer anônimo. Foi esta a condição que ele impôs para a doação.

— Obrigaram-me mesmo a apagar meu registro disso — queixou-se amargamente Teena. — Como se eu não merecesse confiança profissionalmente. Ora, eu mantenho melhor do que qualquer um deles aquele juramento hipócrita!

— Você quer dizer "hipocrático".

— Oh, você pensa assim, Hazel? Eu conheço essa turma muito melhor do que você.

O Dr. Galahad continuou:

— Claro que vou querer que você comece a usá-lo. E você precisa de exercício também para compensar pela longa doença. De modo que, fora dessa cama! Duas coisas — recomendo que use a bengala até que esteja seguro de seu equilíbrio, e também que Hazel, Minerva ou alguma outra pessoa lhe segure a outra mão durante algum tempo. Mime-se. Você ainda está fraco. Sente-se ou deite-se toda vez que tiver vontade. Hummm. Você sabe nadar?

— Sei. Mas não tenho nadado ultimamente. Andei morando em um *habitat* especial, onde não havia piscina. Mas gosto de nadar.

— Por aqui há instalações à vontade. Uma pequena no porão deste prédio, outra maior no átrio. E a maioria das residências particulares por aqui tem uma piscina de algum tipo. De modo que, nade. Não pode andar o tempo todo. Seu pé direito ainda não tem nenhum calo, de modo que não o force. E não use sapato até que seu pé aprenda como ser pé. — Sorriu alegremente. — Tudo bem, então?

— E como!

Ele me deu uma palmadinha no ombro, inclinou-se e me beijou. Justamente quando eu estava começando a gostar do cara. Não tive tempo de me esquivar.

Senti-me muito aborrecido e fiz força para não demonstrar. Pelo que Hazel e os outros haviam dito, aquele bicha, bonito demais, me salvara a vida... e mais do que isso. Eu não estava em condições de recusar-lhe um beijo.

Droga!

Ele não pareceu notar minha relutância. Apertou-me o ombro e continuou:

— Vai correr tudo bem com você. Minerva, leve-o para nadar. Ou, Hazel. Ou alguma outra pessoa. — E foi embora.

Em vista disso, as meninas me ajudaram a sair da cama e Hazel me levou para nadar. Hazel deu um beijo de despedida em Minerva e, de repente, dei-me conta de que a enfermeira esperava de mim o mesmo tratamento. Fiz um movimento

experimental nessa direção e fui recebido com plena cooperação.

Beijar Minerva é danado de diferente de beijar um homem, por mais bonito que ele seja. Antes de soltá-la, agradeça-lhe por tudo o que fizera por mim.

Ela respondeu, séria:

— Isto é felicidade para mim.

Saímos, eu andando com cuidado, apoiado na bengala. O pé novo formigava. Uma vez fora do quarto, aquela parede simplesmente desaparece quando a gente se aproxima dela, Hazel me disse:

— Querido, estou contente porque você beijou Minerva sem eu precisar estimulá-lo. Ela é uma cachorrinha inteiramente doida por agrado. Dar a ela afeição física significa mais do que agradecimentos jamais poderiam significar, ou qualquer presente material, por mais generoso que fosse. Ela está tentando compensar dois séculos como computador.

— Ela foi realmente um computador?

— É melhor que você acredite nisso, meu chapa! — A voz de Teena nos seguira.

— Sim, Teena, mas deixe que eu explique a ele. Minerva não nasceu de uma mulher. O corpo dela foi criado *in vitro* de um óvulo com 23 pais — ela tem uma ancestralidade mais ilustre do que qualquer ser humano. Quando o corpo ficou pronto, ela ingressou com sua personalidade no corpo... juntamente com suas memórias...

— Algumas das memórias dela — objetou Teena. — Tiramós cópia das memórias que ela queria levar, guardamos um conjunto e retivemos toda a memória de leitura apenas e a memória de acesso aleatório corrente (RAM). Isto supostamente nos transformaria em gêmeas idênticas. Mas ela escondeu coisas de mim... vedou-me algumas memórias, não as dividiu comigo, aquela cadela pulgenta! Isso é justo? É o que pergunto!

— Não me pergunte, Teena. Eu nunca fui computador. Richard, você já usou o tubo de queda?

— Nem desconfio do que seja.

— Segure-se em mim e aterrisse no velho pé. Acho que... Teena, você pode nos ajudar?

— Claro, amiga!

Tubos de queda são mais engraçados do que um cachorrinho collie! Depois de minha primeira queda, insisti em subir e descer quatro vezes "para praticar" (para me divertir, na verdade), e Hazel me fez a vontade, enquanto Teena providenciava para que eu não machucasse o pé novo nas aterrissagens. Escadas são um perigo para o amputado e dolorosamente incômodas no melhor dos

casos. Elevadores sempre foram meios incômodos para todo mundo, tão sombrios como uma cinta de mulher, parecendo demais com vagões de transportar gado.

Tubos de queda, porém, ofereciam a mesma embriagadora emoção de saltar em cima de um monte de feno na fazenda de meu tio quando eu era garoto — sem a poeira e o calor. *Whoopee!*

Finalmente, Hazel parou com a brincadeira:

— Escute, querido, vamos nadar. Por favor.

— Tudo bem. Você vem com a gente, Teena?

— Como posso evitar? Hazel perguntou:

— Você nos grampeou, querida? Ou apenas um de nós?

— Nós não usamos mais implantes, Hazel. É grosseiro demais. Zeb e eu bolamos um macete que usa um duplo triplo para manter quatro eixos em ligação, vista-som nas duas direções. A cor é um pouco falha mas estamos melhorando.

— De modo que você nos grampeou.

— Prefiro chamar isso de "raio espião". O som é melhor. Tudo bem, vocês estão grampeados.

— Foi o que pensei. Podemos ter privacidade? Tenho assuntos de família a discutir com meu marido.

— Claro, amiga. Monitoramento hospitalar apenas. Fora disso, os três macaquinhos e o velho apagamento rápido.

— Obrigado, querida.

— Quando quiser sair de debaixo da pedra, simplesmente diga meu nome. Dê um beijo nele por mim. *Ciao!*

— Agora temos realmente privacidade, Richard. Teena está escutando e vigiando você em todas as frações de segundo, mas fazendo isso tão impessoalmente como um voltímetro, e sua única memória não-transitória é para assuntos como pulsação e respiração. Coisa parecida foi usada para evitar que você sofresse enquanto esteve doente.

Eu fiz meu brilhante comentário habitual:

— Hummm?

Tínhamos saído para o lar livre, deixando o prédio central do hospital, e estávamos de frente para um pequeno parque flanqueado por duas alas. Era um prédio em forma de U. O pátio era rico em flores, plantas verdes, e no meio dele havia uma piscina que "acontecera" ser da forma casual certa para se ajustar a esses canteiros, caminhos e arbustos. Hazel parou em frente a um banco que

dava para a piscina, sob uma árvore. Sentamo-nos, deixando que o banco se ajustasse a nós, e observamos o pessoal na piscina — quase tão divertido como nadar.

— De que é que você lembra de sua chegada aqui? — perguntou Hazel.

— Não muito. Eu estava me sentindo muito tonto... aquele ferimento, você sabe. ("Aquele ferimento" era nesse momento uma cicatriz da largura de um cabelo, difícil de achar... Acho que fiquei desapontado.) — Ela... Tamara? — Tammy me olhou nos olhos e parecia preocupada. Ela disse alguma coisa em outra língua...

— Galacta. Você vai aprendê-la. É fácil...

— Mesmo? De qualquer modo, ela me falou, e isto é a última coisa de que me lembro. Para mim, aquilo aconteceu na noite passada e acordei esta manhã, e agora descubro que não foi na noite passada, mas só Deus sabe quando, e estive inconsciente o tempo todo. Perturbador. Hazel, quanto tempo demorou isso?

— Depende da maneira como o contar. Para você, cerca de um mês.

— Mantiveram-me inconsciente esse tempo todo? Isto é muito tempo para manter um homem sob sedação.

(A coisa me preocupou. Eu os vira entrar em cirurgia, saídos diretamente do campo de luta... e saírem do hospital fisicamente perfeitos... mas viciados em analgésicos. Morfina, Demeral, Sanssouci, Metadona, o que fosse.)

— Querido, você não foi mantido inconsciente.

— Repita.

— Foi usado um campo "Lethe" o tempo todo — nada de drogas. O Lethe permite que o paciente continue alerta e cooperativo... mas a dor é esquecida logo que surge. Ou qualquer coisa. Você não sofreu, querido, mas cada dor era um fato separado, esquecido imediatamente. Você nunca teve de suportar aquela fadiga insuportável que acompanha a dor interminável. E agora você não tem ressaca nem necessidade de se livrar de semanas após semanas de drogas viciadoras. — Sorrii para mim. — Você não era grande companhia, querido, porque um homem que não pode lembrar o que aconteceu dois segundos antes não pode manter uma conversa coerente. Mas você parecia gostar de ouvir música. E comia muito bem, enquanto alguém o alimentasse.

— Você me alimentou?

— Não. Não interferi no trabalho de profissionais. — Minha bengala escorregara para a grama. Hazel inclinou-se e apanhou-a para mim. — Por falar nisto, recarreguei sua bengala.

— Obrigado. Hei! Ela *estava* carregada. Toda.

— Estava quando eles nos atacaram — e isto foi bom, também. Ou eu não estaria viva. Você, também, acho. Eu, com certeza.

Passamos os 10 minutos seguintes nos confundindo. Eu já contei como vi o que me pareceu aquela luta em frente do Raffles Hotel. Vou contar em curtas palavras como Hazel disse que a mesma lhe pareceu. Não há maneira de reconciliar as duas.

Ela diz que não usou a bolsa como arma. ("Ora, isso seria uma tolice querido. Lenta demais e não letal. Você liquidou dois deles imediatamente e me deu tempo para sacar minha pequena Miyako. Depois de eu ter usado meu chale, quero dizer.")

Segundo ela, eu matei quatro, enquanto ela operava na periferia, esfriando os que eu errava. Até que eles me derrubaram com aquele corte na coxa (Faca? Ela me contou que tiraram fragmentos de bambu do ferimento.) e me atingiram com um aerosol — e isto lhe deu o instante de que precisava para acabar com o homem que havia me borrifado.

("Pisei na cara dele, agarrei você e arrastei-o dali. Não, eu não esperava ver Gretchen. Mas sabia que podia contar com ela.")

A versão dela explica um pouco melhor como vencemos... exceto que, segundo minhas recordações, está toda errada. Não adianta tentar achar falhas nelas porque é impossível de remendar.

— Como foi que Gretchen apareceu lá? Que Xia e Choy-Mu estivessem à espera não tem mistério, tendo em vista os recados que deixamos para eles. E Hendrik Schultz, também, se pegou a ponte aérea logo que teve notícias minha. Mas Gretchen? Você falou com ela pouco antes do almoço. Ela estava em casa, em Ossos Secos.

— Em Ossos Secos, com o metrô mais próximo bem ao sul, em Hong Kong Luna. De modo que, como foi que ela chegou a L-City tão ligeiro? Não por rolador. Não ofereço prêmio algum pela resposta certa.

— Em foguete.

— Claro. Sendo o foguete um saltador de garimpeiro. Lembra-se que Jinx Henderson estava pensando em devolver aquele fez através de um amigo que ia de saltador para L-City?

— Claro.

— Gretchen foi com aquele amigo e ela mesma devolveu o fez. Deixou-o na seção de achados e perdidos do Velho Domo, antes de ir ao nosso encontro no Raffles.

— Entendo, mas, por quê?

— Ela quer que você lhe bata no bumbum, querido, e faça-o ficar vermelho.

— Oh, besteira! Quero dizer, por que o pai dela deixou que fosse de carona a L-City com esse vizinho? Ela é moça demais.

— Ele deixou-a fazer isso pela razão habitual. Jinx é um homem grandalhão, forte *macho*, que não pode resistir às lisonjas da filha. Proibido de satisfazer suas ânsias incestuosas reprimidas, deixa que ela faça tudo o que quer, se insistir o bastante.

— Isso é ridículo. E indesculpável. O dever de um pai para com a filha exige que...

— Richard, quantas filhas você tem?

— Ahn? Nenhuma. Mas...

— Então deixe de falar sobre uma coisa da qual nada sabe. Pouco importa o que Jinx devia ter feito, o fato é que Gretchen saiu de Ossos Secos mais ou menos enquanto estávamos almoçando. Contando o tempo de vôo, ela chegou à câmara pneumática de Luna-City Leste mais ou menos no momento em que estávamos deixando o Complexo Executivo... e chegou ao Raffles segundos antes de nós — e foi bom isso, também, ou nós dois estaríamos mortos, acho.

— Ela se meteu na briga?

— Não, mas carregando-o ela me liberou para cobrir nossa retirada. E tudo porque ela quer que você bata no bumbum dela. Deus age de maneiras misteriosas, querido. Para cada masoquista ele cria um sádico. Casamentos são feitos no céu.

— Lave sua boca com sabão! Eu não sou nenhum sádico!

— Sim, querido. Posso ter entendido mal alguns detalhes, mas não o quadro geral. Gretchen propôs formalmente, pedindo-me sua mão em casamento.

— O quê?

— Isso mesmo. Ela pensou bem no caso e discutiu-o com Ingrid. Ela quer que eu lhe permita entrar para nossa família, em vez de iniciar uma nova linhagem ou um grupo próprio. Não achei nada de surpreendente nisso. Eu sei como você é encantador.

— Deus do céu! O que foi que você respondeu a ela?

— Disse a ela que o casamento tinha minha aprovação, mas que você estava doente. De modo que esperasse. E agora você mesmo pode responder... porque ela está ali, do outro lado da piscina!

XXIII

"Não adie até amanhã o que pode ser desfrutado hoje."

Josh Billings, 1818-1885

— Vou voltar direto para meu quarto. Acho que vou desmaiar. — Apertei os olhos, procurando ver através da água faiscante de sol. — Não a estou vendo.

— Bem em frente, à direita do tobogã d'água. Uma loura e uma morena. Gretchen é a loura.

— Eu não esperava que ela fosse morena. — Continuei a olhar. A morena acenou para nós. Reconheci Xia. Acenei de volta.

— Vamos ficar com eles, Richard. Deixe sua bengala e as outras coisas no banco. Ninguém vai tocar nelas.

Hazel tirou as sandálias e pôs a bolsa junto à bengala.

— Um banho de chuveiro antes? — perguntei.

— Você está limpo. Minerva lhe deu banho esta manhã. Vai mergulhar? Ou entrar andando?

Mergulhamos juntos. Hazel deslizou entre as moléculas como se fosse uma foca. Eu abri na água um buraco suficiente para uma família inteira. Subimos à tona em frente a Xia e Gretchen, e fui recebido com festa.

Disseram-me que em Tertius o resfriado comum foi vencido, bem como a peridondite e outras doenças que proliferam na boca e garganta e, naturalmente, aquele grupo outrora chamado de "doenças venéreas", porque são tão difíceis de contrair que exigem o contato mais íntimo para o contágio,

Ótimo isso... em Tertius.

A boca de Xia tem um gosto de especiaria; a de Gretchen uma doçura de menininha, embora (descobrir) ela não seja mais menininha nenhuma. Tive ampla oportunidade de comparar sabores. Se soltava uma, a outra me agarrava. Repetidamente.

Por fim elas se cansaram disso (eu, não) e nós quatro nos dirigimos para uma enseada rasa, encontramos uma mesa flutuante desocupada e Hazel pediu chá — chá com calorias: pequeninos bolos e sanduíches, frutos cítricos doces, parecidos com uvas sem caroço. E eu abri o ataque:

— Gretchen, quando a conheci, há menos de uma semana, você, segundo me lembro, "ia fazer 13 anos". Assim, como ousa estar cinco centímetros mais alta, cinco quilos mais pesada e pelo menos cinco anos mais velha? Cuidado com o que responder, porque tudo o que disser será anotado por Teena e usado contra

— você em outro tempo e lugar.

— Alguém disse meu nome? Oi, Gretchen! Bem-vinda à casa.

— Oi, Teena. É ótimo estar de volta. Apertei Xia:

— Você, também. Você parece cinco anos mais moça e tem que explicar isso.

— Nenhum mistério a meu respeito. Estou estudando biologia molecular, exatamente como fazia em Luna — mas aqui conhecem muito mais sobre o assunto — e pagando meu estudo com trabalho na Clínica Howard, fazendo trabalho "George" não-programados — e passando cada minuto de folga na piscina. Richard, aprendi a nadar! Ora, lá em Luna não conheci ninguém que conhecesse alguém que soubesse nadar. E sol e ar fresco! Em Kongville, eu ficava dentro de casa, respirando ar encanado sob luz artificial e discutia com almofadinhas sobre farras. — Tomou uma profunda respiração, erguendo o busto além do ponto de perigo, e expeliu todo o ar num suspiro. — Saí viva! Não é de espantar que eu pareça mais moça.

— Muito bem, você está desculpada. Mas não deixe que isso aconteça novamente. Gretchen?

— Vovó Hazel, ele está me apoquentando? Ele fala igualzinho a Lazarus.

— Ele está lhe irritando, querida. Diga a ele o que andou fazendo e por que está mais velha.

— Bem... na manhã que chegamos aqui pedi conselhos a vovó Hazel...

— Não precisa me chamar "Vovó", querida.

— Mas é assim que Cas e Pol chamam você, e sou duas gerações mais moça do que eles. Eles querem que eu os chame de "tios".

— Eu vou ensiná-los a dizer "tio"! Não dê atenção a Castor e Pólux, Gretchen. Eles são má influência.

— Tudo bem. Mas acho que eles são bacaninhas. Mas enchem. Sr. Richard...

— Não precisa me chamar de "senhor".

— Sim, senhor. Hazel estava ocupada — você estava muito mal! —, de modo que ela me passou para Maureen, que me passou para Deety, que começou a teoria básica dos seis eixos do espaço-tempo, e o paradoxo literário. Metafísica conceituai...

— Devagar aí! Você acaba de me perder.

— Mais tarde, Richard — disse Hazel. Gretchen continuou:

— Bem... a idéia essencial é que Tertius e Luna — nossa Luna, quero dizer — não estão na mesma vertente temporal, estão em ângulos de 90°. De modo que resolvi que queria ficar aqui — é muito fácil, se a pessoa é sadia, a maior parte

deste planeta é ainda selva e imigrantes são bem-vindos, mas havia a questão de mamãe e papai. Eles pensariam que eu estava morta.

E prosseguiu:

— De modo que Cas e Pol levaram-me de volta para Luna — nossa Luna nesta vertente de tempo —, e Deety foi comigo. De volta a Ossos Secos, isto é, no princípio da tarde de julho, menos de uma hora depois que viajei no saltador de Cyrus Thorn. Todo mundo ficou surpreso. Foi bom que Deety estivesse comigo para explicar as coisas, embora nossos trajes pressurizados convencessem mais papai do que qualquer outra coisa. Você já viu o tipo de trajes pressurizados que têm aqui?

— Gretchen, eu vi um quarto de hospital, um tubo de queda e esta piscina. Não sei nem mesmo qual é o caminho para o Correio.

— Hummm, sim. De qualquer modo, os trajes pressurizados aqui são dois mil anos mais avançados do que os que usamos em Luna. O que não é de surpreender... mas certamente surpreendeu papai. No fim, Deety fez um negócio por mim. Eu poderia ficar em Tertius... e viria de visita a cada dois anos, se pudesse encontrar alguém para me trazer. E Deety prometeu ajuda nisso. Mamãe obrigou papai a concordar. Afinal de contas quase todo mundo em Luna emigraria para um planeta como Tertius, se pudesse... Exceto aqueles que simplesmente precisam de baixa gravidade. Falando nisso, senhor, que tal acha seu novo pé?

— Estou apenas me acostumando agora. Mas dois pés são 897 vezes melhores do que um único.

— Acho que isso significa que gosta dele. De modo que voltei e sentei praça no Comando do Tempo...

— Devagar aí! Continuo a ouvir gente falando em "Comando do Tempo". O rabi Ezra me disse que sentou praça também. Esta moça de cabelos ruivos alega que é major nele. E agora você se alistou. Aos 13 anos de idade? Ou sua idade atual? Estou confuso.

— Vovó? Quero dizer, Hazel?

— Ela teve permissão para se alistar no corpo auxiliar das W.E.N.C.H.E.S., porque eu disse que ela tinha idade. Com isso ela foi enviada para a escola em Paradox. Quando se formou, foi transferida para a Segunda Harpias e passou por treinamento básico, seguido de escola avançada de combate...

— E quando saltamos em Solis Lacus na vertente temporal 4 para mudar o resultado da luta ali e naquela ocasião foi lá que peguei esta cicatriz nas costelas — está vendo? — e fui promovida a cabo no campo de batalha. E agora tenho 19 anos, mas oficialmente 20 para que eu possa ser promovida a sargento — depois

que lutamos em New Brunswick. Não nesta vertente temporal — acrescentou ela.

— Gretchen é uma pessoa nata para a carreira militar — comentou tranquilamente Hazel. — Eu sabia que seria.

— E recebi ordens para me matricular na escola de oficiais, mas isso foi sobrestado até que eu tenha esse bebê e...

— *Que* bebê?

Olhei para a barriga, a gordura infantil desaparecida — não gordinha como fora quatro dias antes pelos meus cálculos... seis anos antes pela história maluca que eu estava ouvindo. Não estava grávida, tanto quanto eu podia ver. Depois olhei nos olhos dela e sob os olhos. Bem, talvez. Provavelmente.

— Não aparece? Hazel notou imediatamente. E Xia também.

— Não, para mim não aparece.

(Richard, meu velho, é tempo de tomar uma decisão. Você vai ter que mudar seus planos. Ela engravidou e embora você não tenha feito isso, sua presença mudou a vida dela. Transformou-lhe o Carma. De modo que, vá em frente. Por mais superior e brava que uma jovem pareça ser, quando vai ter um bebê ela precisa de um marido à vista, ou não se sentirá relaxada na hora do parto. Não pode ser feliz. Uma jovem mãe tem que ser feliz. Diabo, homem, você escreveu este enredo dezenas de vezes em histórias de confissões verdadeiras. Você sabe o que tem que fazer. Faça!)

Continuei:

— Agora, ouça bem, Gretchen, você não pode fugir de mim com essa facilidade toda. Na última noite de quarta-feira, no Dragão Feliz — bem, foi a última quarta-feira para mim, mas você andou vagabundeando por estranhas vertentes temporais — e se divertindo, aparentemente. Na noite da última quarta-feira, segundo meu calendário, nos Sonhos Tranqüilos do Dr. Chan, na Pressurizada Dragão Feliz, você prometeu casar comigo... E se Hazel tivesse continuado a dormir, teríamos iniciado o bebê ali mesmo. Conforme nós dois sabemos. Mas Hazel acordou e me fez voltar para o outro lado. — Olhei para Hazel. — Desmancha-prazer! Continuei:

— Mas não acho nem por um segundo que você possa evitar casar comigo simplesmente porque foi engravidada enquanto eu estava doente. Não pode. Diga a ela, Hazel. Ela não pode escapar disso. Pode?

— Não, não pode. Gretchen, você vai se casar com Richard.

— Mas, vovó, eu *não* prometi casar com ele. Não prometi!

— Richard diz que você prometeu. De uma coisa tenho certeza: quando acordei,

vocês dois iam iniciar um bebê. Talvez eu devesse ter bancado a morta. — E prosseguiu: — Mas por que essa agitação toda, menina querida? Eu já disse a Richard que você me pediu a mão dele... e que eu concordei, e agora ele aceitou. Por que o recusa agora?

— Hum... — Gretchen controlou-se. — Aquilo aconteceu quando eu tinha 13 anos de idade. Naquele tempo, eu não sabia que você era minha tataravó... eu chamava você de "Gwen" lembra-se? E naquele tempo, também, eu pensava como uma lunariana — uma gente muito conservadora. Mas aqui em Tertius, se uma mulher tem um bebê mas não tem marido, ninguém dá a mínima bola. Ora, no Segundo de Harpias a maioria das aves tem filhos, mas apenas algumas são casadas. Há três meses nós lutamos nas Termópilas para garantir que os gregos venceriam desta vez, e nosso coronel de reserva foi que nos comandou porque nossa coronel regular ia dar à luz. É dessa maneira que nós, velhas profissionais, fazemos as coisas... nada de confusão. Temos nossa própria creche em Barrehouse, Richard, e cuidamos de nossos filhos. Realmente, cuidamos.

Secamente, disse Hazel:

— A filha de minha tataraneta não será criada numa creche. Droga, filha, eu fui criada numa creche. Não deixarei que você faça isso com essa criança. Se não quer casar conosco, você tem pelos menos que deixar que adotemos o bebê.

— Não!

Hazel cerrou os lábios.

— Neste caso vou ter que discutir o assunto com Ingrid.

— Não! Ingrid não é meu chefe... nem você. Vovó Hazel, quando saí de casa eu era uma criança e virgem e tímida e nada sabia do mundo. Agora não sou mais criança, não sou virgem há anos e sou uma veterana de combate que não pode ser assustada por nada. — Olhou bem dentro de meus olhos. — Eu não vou usar um bebê para forçar Richard a casar comigo.

— Mas Gretchen você não está me forçando. Eu gosto de bebês. Eu *quero* casar com você.

— Quer? Por quê? — Ela pareceu triste.

As coisas estavam solenes demais. Precisávamos aliviar o ambiente com uma brincadeira.

— Por que quero casar com você, querida? Para bater no seu bumbum e vê-lo ficar cor-de-rosa.

Gretchen ficou boquiaberta, sorriu depois e encheu-se de covinhas.

— Mas isso é ridículo!

— É, hem? Possivelmente ter um bebê não exige casamento por estas bandas,

mas bater é outra coisa. Se eu bater na mulher de outro homem, ele pode aborrecer-se, ou ela, ou os dois. Arriscado. Provavelmente passarei a ser objeto de comentários. Ou coisa pior. Se eu surrar uma moça solteira, ela pode usar isso para me pegar, quando não a amo nem quero casar com ela, mas estava simplesmente a surrando *pour le sport*. É melhor casar com você. Você está acostumada a isso, e gosta. E tem um bumbum sólido, que pode agüentar pancada.

E isto é uma boa coisa, também... porque eu bato com *força*. Brutalmente.

— Oh, pô! Onde foi que você arranhou essa idéia maluca de que eu gosto disso?

— (Por que as auréolas de seus seios estão tão enrugadas, querida?) — Hazel, ele bate mesmo com força?

— Não sei, querida. Eu quebraria o braço dele, e ele sabe disso.

— Está vendo só qual é a minha situação, Gretchen? Nada de pequenos prazeres inocentes. Eu sou um desprivilegiado. A menos que você se case comigo.

— Mas eu...

Gretchen, de repente, levantou-se, quase derrubando a mesa flutuante, virou-se, saiu tempestuosa da piscina e começou a correr para o sul, saindo do jardim.

Levantei-me também e fiquei acompanhando-a com os olhos até que ela desapareceu. Acho que não poderia tê-la alcançado, mesmo que não estivesse amaciando um novo pé. Ela corria como um fantasma assustado. Voltei a sentar e suspirei.

— Bem, mãe, eu tentei... Eles eram grandes demais para mim.

— Fica para outra vez, querido. Ela quer. Vai se convencer.

— Richard — observou Xia —, você só esqueceu uma palavra. Amor.

— O que é "amor", Xia?

— É o que a mulher quer ouvir quando casa.

— Isso ainda não me diz o que é amor.

— Bem, eu, de fato, conheço uma definição técnica. Humm... Hazel você conhece Jabal Harshaw? Membro da Família principal.

— Há anos. De qualquer maneira que você entenda a palavra.

— Ele tem uma definição...

— Tem, eu sei.

— Uma definição de amor que acho permitiria que Richard usasse honestamente a palavra ao falar com Gretchen. Diz o Dr. Harshaw que a palavra "amor" designa um estado subjetivo no qual o bem-estar e a felicidade de outra pessoa são essenciais à própria felicidade do indivíduo. Richard, acho que você exibiu

esse relacionamento no tocante a Gretchen.

— *Eu?* Mulher, você está louca. Só quero colocá-la em uma situação irremediável, na qual eu possa bater no bumbum dela toda vez que tiver vontade e fazê-lo ficar cor-de-rosa. Com força, brutalmente.

Projetei o peito para a frente, tentei parecer *macho* — não muito convincentemente, reconheço. Eu ia ter que fazer alguma coisa sobre essa barriguinha. Bem, com todos os diabos, eu estivera doente.

— Sim, Richard. Hazel, acho que o chá acabou. Vocês dois gostariam de ir até meu quarto? Não vejo vocês há tanto tempo! E posso convidar Choy-Mu. Acho que ele não sabe ainda que Richard está agora livre do campo Lethe.

— Boa pedida — concordei. — E o Padre Shultz está à mão? Uma de vocês, moças, poderia pegar minha bengala, por favor? Acho que poderia ir até lá apanhá-la... mas não tenho certeza de que devo me arriscar ainda.

Firme, Hazel retrucou:

— Tenho certeza de que não deve. E já andou demais. Teena...

— Onde é que é a briga?

— Pode me arranjar uma cadeira preguiçosa? Para Richard.

— Por que não três?

— Uma basta.

— Em *marche, marche*. Richard, fique batendo nessa tecla. Ela está enfraquecendo. A nossa guerreira grávida.

O queixo de Hazel caiu.

— Oh, eu esqueci que não estávamos em regime de privacidade. Teena!

— Não se aborreça com isso. Sou sua amiga, e você sabe disso.

— Obrigado. Teena.

Levantamo-nos todos e saímos da piscina. Xia me deteve, pôs os braços em volta de mim, olhou-me bem e disse tranquilamente, mas em voz alta o bastante para incluir Hazel:

— Richard, eu vi nobreza antes, mas não com muita frequência. Eu não estou grávida. Não é necessário casar comigo. Nem preciso e nem quero marido. Mas está convidado para uma lua-de-mel comigo em qualquer ocasião em que Hazel puder dispensá-lo. Ou, melhor ainda, os dois. Acho que você é um cavaleiro andante. E Gretchen sabe disso.

Logo que a boca ficou livre, respondi:

— Não é nobreza, Xia, eu simplesmente tenho um método diferente de sedução.

Viu com que facilidade *ocê* caiu? Diga a ela, Hazel.

— Está vendo? — disse triunfante Xia.

— E está morto de medo que alguém descubra.

— Oh, besteira! Vou contar a vocês o caso que tive com minha professora do quarto ano primário.

— Mais tarde, Richard. Depois de você ter tido tempo de polir a história. Richard conta excelentes histórias para dormir.

— Isto é, quando não estou batendo. Xia, o seu bumbum fica cor-de-rosa.

Parece que eu tomara o desjejum em alguma ocasião depois do meio-dia. Aquela noite foi das mais agradáveis, embora minhas recordações dela contenham lacunas. Não posso botar a culpa disso no álcool, já que não bebi tanto assim. Mas descobri que o campo Lethe produz um leve efeito colateral que o álcool pode potencializar. O Lethe pode afetar erráticamente a memória durante algum tempo, depois que o paciente dele saiu. Ah, bem... *nhetdag!* Uns brancos na memória não constituem o risco que é' o vício em drogas fortes.

De fato lembro-me que nos divertimos muito: Hazel, eu, Choy-Mu, Ezra, Padre Hendrik e (depois que Teena a localizou para nós e Hazel lhe falou) Gretchen. Todos nós que havíamos escapado do Raffles — até mesmo os dois pares de ruivos que nos resgataram tomaram parte na festinha da noite, Cas e Pol, Laz e Lor. Bons meninos. Mais velhos do que eu, soube depois, mas não parece. Em Tertius idade é um conceito vago.

Os aposentos de Xia eram pequenos demais para tanta gente, mas uma festa atravancada é o melhor tipo de festa.

Os ruivos foram embora, fiquei cansado, entrei e me deitei na cama de Xia. Um feroz jogo de cartas estava acontecendo com pagamento em prendas. Hazel parecia estar sendo a grande vencedora. Xia foi à falência de acordo com quaisquer regras que estivessem seguindo, e veio me fazer companhia. Gretchen apostou mal na partida seguinte e tomou o outro lado da cama. Usou meu ombro esquerdo como travesseiro, tendo Xia já se apossado do direito. Do outro cômodo, ouvi Hazel dizer:

— Vejo e dobro uma galáxia.

O Padre Hendrik soltou uma risadinha.

— Boba! Ganhei, minha querida moça, com prenda em triplo. Pague.

Isto foi a última coisa de que consigo me lembrar.

Alguma coisa estava coçando meu queixo. Acordei devagar e devagar consegui abrir os olhos. Descobri-me olhando para os olhos mais azuis que jamais vi em toda minha vida. Pertenciam a um gatinho, de cor alaranjada brilhante, mas talvez com alguma ancestralidade siamesa. Ele estava em pé em cima de meu peito, ao sul de meu pomo-de-adão. Agradavelmente, ele disse "Miau?" e voltou a lambe-me meu queixo. Sua pequenina língua áspera explicava a coceira que me acordara.

Respondi "Miau" e tentei erguer uma das mãos para acariciar o bichano, mas descobri que não podia porque continuava com uma cabeça em cada ombro, um corpo quente de cada lado.

Virei a cabeça para o lado a fim de falar a Xia — precisava me levantar e ir ao refrigerador dela —, e descobri que não era Xia, mas Minerva que nesse momento usava meu ombro direito.

Fiz uma rápida análise da situação e cheguei à conclusão de que carecia de dados suficientes. De modo que, em vez de usar uma expressão respeitosa com Minerva, que poderia ou não ter sido apropriada, simplesmente beijei-a. Ou me deixei ser beijado, depois de mostrar disposição. Preso de ambos os lados e com uma pequena criatura felina em cima de meu peito, eu me sentia quase tão impotente como Gulliver, quase incapaz do papel ativo como iniciador de beijo.

Minerva, porém, não precisa de ajuda. Ela pode dar um jeito. Talento.

Depois que ela me soltou, tendo me beijado até se fartar, ouvi uma voz à esquerda:

— E eu? Também não ganho um beijo?

Gretchen é soprano e aquela voz era tenor. Virei a cabeça.

Galahad!

Eu estava na cama com meu médico. Bem, com ambos.

Quando rapaz em Iowa, ensinaram-me que, se jamais me encontrasse naquela ou em situação análoga, o gambito apropriado era correr gritando para os morros a fim de salvar minha "honra", ou seu homólogo para homens. Uma moça podia sacrificar sua "honra", e a maioria fazia isso. Mas se ela fosse razoavelmente discreta a esse respeito e terminasse casada com nada pior que um bebê de sete meses, sua "honra" logo voltava a crescer e ela era oficialmente acreditada como tendo sido noiva virgem, com direito de olhar desdenhosa para mulheres pecadoras.

A "honra" de um rapaz, porém, era coisa mais delicada. Se a perdesse para outro homem (isto é, se fosse flagrado perdendo-a), ele poderia, se tivesse sorte, acabar no Departamento de Estado — ou, se azarado, se mudaria para a Califórnia. Iowa, porém, não era mais lugar para ele.

Isso relampejou em minha mente — e foi seguido por uma recordação suprimida: uma excursão de escoteiros quando eu era primeiranista de escola secundária, uma tenda dividida com o chefe de escoteiros assistente. Apenas aquela vez, na escuridão da noite, e em um silêncio quebrado apenas por um pio de coruja... Algumas semanas depois, esse chefe de escoteiros foi para Harvard... de modo que, naturalmente, a coisa nunca aconteceu.

O tempora, o mores — aquilo acontecera há muito tempo e em lugar muito distante. Três anos depois, sentei praça, e candidatei-me a oficial e consegui... e fui sempre extremamente circunspecto, uma vez que o oficial que não resiste a transar com seus soldados não pode manter disciplina. Nunca, até aquele caso Walker Evans, tive jamais qualquer razão para temer chantagem.

Endureci um pouco o braço esquerdo.

— Claro, mas tenha cuidado. Parece que sou habituado. Galahad teve cuidado e o gatinho não foi perturbado. É

possível que Galahad beije tão bem como Minerva. Não melhor. Apenas igualmente bem. Uma vez resolvido a desfrutar o inevitável, desfrutei-o. Tertius não é Iowa. Boondock não é Grinnell. Não havia mais razão alguma para ser algemado pelos costumes de uma tribo há muito desaparecida.

— Obrigado — disse eu —, bom-dia. Pode tirar esse gato de cima de mim? Se ele ficar onde está, vou acabar sufocando-o.

Galahad envolveu o gato com a mão esquerda.

— Este é Pixel! Pixel, posso lhe apresentar Richard? Richard, é uma honra para nós que Lord Pixel tenha vindo nos fazer companhia, o felino residente.

— Prazer, Pixel.

— Miau.

— Obrigado. E onde é que está aquele refrescador? Preciso ir lá.

Minerva ajudou-me a sair da cama, pôs meu braço direito em volta de seus ombros, amparou-me enquanto Galahad pegava minha bengala, e em seguida os dois me levaram ao refrescador. Não estávamos no quarto de Xia. O refrescador movera-se para o outro lado do quarto e era maior, o que acontecia também com o quarto.

E aprendi outra coisa sobre Tertius: o equipamento de um refrescador era de uma complexidade e variedade que faziam parecer tão primitiva como a ocasional "casinha" que se encontra ainda em partes remotas de Iowa tipo de instalações que eu usara no Regra de Ouro, em Luna City e outros lugares.

Nem Minerva nem Galahad me deixaram sentir embaraçado por nunca ter sido

instruído sobre as instalações hidráulicas tertianas. Quando ia apanhar o aparelho errado para minha necessidade mais premente, ela simplesmente disse:

— Galahad, era melhor você demonstrar para Richard. Não estou equipada para fazer isso.

E ele demonstrou. Bem, sou forçado a admitir que não sou equipado da mesma maneira que Galahad, tampouco. Visualize o Davi de Miguel Ângelo (Galahad é bonito assim!) mas equipe essa imagem com o material de engatamento três vezes maior do que o que Miguel Ângelo deu a Divi. Isso descreve Galahad.

Quando completamos os três o refrescamento pós-sono, voltamos juntos ao quarto e mais uma vez me surpreendi — sem ter tido ainda a coragem de perguntar onde estávamos, como havíamos chegado ali e o que acontecera ao outros — especialmente a minha necessária... a qual, quando ouvida pela última vez, estava apostando galáxias em um jogo alucinado. Ou transando. Ou fazendo as duas coisas.

Uma parede desaparecera do quarto, a cama se transformara em sofá, a parede desaparecida emoldurava um jardim deslumbrante — e sentado no sofá, brincando com o gatinho, estava o homem que eu conhecera brevemente em Iowa dois mil anos antes. Ou era o que todo mundo dizia. Eu continuava inseguro sobre esse número. Já estava, aliás, tendo problemas suficientes para me acostumar com os cinco anos adicionais de Gretchen. Ou seis. Ou alguma outra coisa. Olhei-o fixamente.

— Dr. Hubert.

— Como vai. — O Dr. Hubert pôs o gatinho de lado. — Venha aqui. Mostre-me esse pé.

— Hummm... — Que arrogância mais besta. — O senhor tem que falar primeiro com meu médico.

Ele me olhou secamente.

— Deus do céu! Não é que ele gosta de regulamentos? Muito bem.

Às minhas costas, Galahad disse tranqüilamente:

— Por favor, deixe que ele lhe examine o transplante, Richard. Se quiser ter a gentileza.

— Se você diz isso.

Levantei o pé novo e empurrei-o na cara de Hubert, errando o grande nariz dele por um centímetro.

Ele não recuou, de modo que meu gesto deu em nada. Sem pressa, desviou a cabeça um pouco para a esquerda.

— Ponha-o sobre meu joelho, faça o favor. Isto será mais conveniente para nós

dois.

— Certo. Vá em frente.

Apoiado na bengala, fiquei suficientemente firme.

Galahad e Minerva ficaram calados, sem interferir, enquanto o Dr. Hubert me examinava o pé pela vista e toque, mas nada fazendo que me parecesse realmente profissional — quero dizer, nada de instrumentos. Usou olhos e dedos nus, beliscando o pé, esfregando-o, olhando de perto para a cicatriz e de repente arranhando a sola do pé com força e com a unha do polegar. O que é esse reflexo? Os dedos devem se encurvar para cima ou para baixo? Sempre desconfiei que médicos fazem isso por rancor.

O Dr. Hubert levantou meu pé, indicou que eu podia recolocá-lo no chão, o que fiz.

— Bom trabalho — disse ele a Galahad.

— Obrigado, doutor.

— Sente-se, coronel. Vocês, pessoas, já tomaram o desjejum? Eu tomei, mas estou querendo mais. Minerva, você daria um berro por nós? Boa menina. Coronel, quero que se aliste imediatamente. Que patente espera? Cabe observar que isso não importa, porque o salário é o mesmo e, qualquer que seja a patente que escolha, Hazel vai ser de uma patente superior. Quero-a no comando, e não o contrário.

— Espere aí. Alistar-me para o quê? E o que é que o leva a pensar que quero me alistar em alguma coisa?

— No Comando do Tempo, naturalmente. Exatamente como sua esposa se alistou. Para a finalidade de resgatar a pessoa-computador conhecida como "Adam Selene", também naturalmente. Escute, coronel, não seja tão obtuso. Sei que Hazel discutiu este assunto com o senhor. Sei que assumiu o compromisso de ajudá-la. — Apontou para meu pé. — Por que é que pensa que foi feito esse transplante? Agora que tem ambos os pés, vai precisar de outras coisas. Treinamento em refrescador. Orientação com armas que nunca usou. Rejuvenescimento. E todas essas coisas custam dinheiro, e a maneira simples de pagar por elas é alistar-se no Comando. Esse pé apenas seria caro demais para um estranho procedente de uma era primitiva... mas não para um membro do Comando. O senhor pode compreender isso. De quanto tempo precisa para pensar numa coisa tão óbvia? Dez minutos? Quinze?

(Esse boquirroto devia vender promessas políticas de campanha.)

— Não tanto assim. Já pensei. Ele sorriu largamente.

— Ótimo! Levante a mão direita e repita comigo...

— Não.

— "Não" o quê?

— Simplesmente "Não". Eu não encomendei este pé.

— E daí? Sua esposa encomendou. Não acha que deve pagar por ele?

— E desde que não encomendei e não quero ser pressionado por você... — Mais uma vez, mandei o pé na cara dele, errando por pouco o feio nariz. — Corte-o.

— Ahn?

— Você ouviu o que eu disse. Corte-o e ponha-o de volta no estoque. Teena. Você está aí?

— Claro, Richard.

— Onde está Hazel? Como é que posso encontrá-la? Ou pode dizer a ela onde estou?

— Já disse. Ela mandou dizer que esperasse.

— Obrigado, Teena.

Hubert e eu ficamos sentados em nossos lugares, nada dizendo, ignorando-nos, Minerva desaparecera e Galahad fingia que estava sozinho. Em questão de segundos, porém, minha querida entrou impetuosamente — e por sorte a parede estava aberta.

— Lazarus! Que Deus mande sua alma nojenta para o inferno! Que idéia é essa sua de interferir?

"O otimista proclama que vivemos no melhor dos mundos possíveis, e o pessimista teme que isso seja verdade. "

James Branch Cabell, 1879-1958

— Bem, Hazel...

— "Bem, Hazel", uma ova! Responda! O que é que você está fazendo, intrometendo-se em assuntos meus? Eu lhe disse para ficar fora disto, eu lhe avisei. Eu *disse* que era uma negociação delicada. Mas logo que viro as costas — deixando-o em segurança nos braços de Minerva, com Galahad servindo de apoio —, saio para fazer um serviço... e o que é que encontro? *Você!* Intrometido, trapalhão e desajeitado como sempre, destruindo todo meu cuidadoso trabalho preparatório.

— Agora, Sadie...

— Uma merda! Lazarus, que compulsão é essa que o faz mentir e enganar? Por que você não pode ser honesto na maioria das vezes? E onde *é* que pegou essa nojenta coceira de interferir em tudo? Não com Maureen, isto é certo. Responda, droga, antes que eu lhe arranque a cabeça e a enfie por sua goela.

— Gwen, eu estava simplesmente tentando limpar o caminho...

Minha querida interrompeu-o com tal saraivada de palavras coloridas e imaginativas que hesito em registrá-los porque não lhes posso fazer justiça: minha memória não é perfeita. Era alguma coisa como "Mude o Nome Sagrado de Arkansas", apenas mais lírico. Fez isso em aguda cantoria que me lembrou sacerdotisas pagãs rezando em um sacrifício — sacrifício humano no qual o Dr. Hubert era a vítima.

Enquanto Hazel lavava o peito, três mulheres entraram pela parede aberta. (Mais do que esse número de homens olhou para dentro, mas recuou apressadamente. Acho que não queriam estar presentes enquanto o Dr. Hubert estivesse sendo escalpelado.) As três mulheres eram beldades, mas não absolutamente parecidas.

Uma delas era loura, tão alta como eu, ou mais alta, uma deusa nórdica tão perfeita que é inteiramente inacreditável. Ela escutou, sacudiu pesarosa a cabeça, voltou ao jardim e desapareceu. A outra era mais ruiva, que no princípio tomei por Laz, ou Lor — depois notei que ela era... não mais velha, apenas mais madura. E não sorria.

Olhei-a e achei que matara a charada. Ela tinha que ser a irmã mais velha de Laz e Lor — e o Dr. Hubert era o pai (irmão?) de todas elas... O que explicava

como o Dr. Hubert era esse "Lazarus" cujo nome eu ouvira repetidas vezes mas não conhecera ainda — exceto que conhecera, antigamente, em Iowa.

A terceira era uma pequena boneca chinesa — chinesa de porcelana, não do tipo de Xia — de não mais de 155 centímetros e talvez 40kg, com a beleza imemorial de uma rainha Nefertiti. Minha querida parou para respirar e este pequeno duende assoviou alto e bateu palmas:

— Grande exibição, Hazel! Estou com você.

— Hilda, não a encoraje — pediu Hubert-Lazarus.

— E por que não? Você foi flagrado com a boca na botija, ou Hazel não estaria tão fula assim, isto é certo. Eu a conheço, conheço você... Quer apostar?

— Eu não fiz nada! Tentei simplesmente implementar uma política previamente acordada, para a qual Hazel precisa de ajuda.

A minúscula mulher cobriu os olhos e orou:

— Deus querido, perdoa-o. Ela está novamente fazendo a mesma coisa.

A ruiva perguntou suavemente:

— Woodrow, exatamente, o que foi que você fez?

— Não fiz nada.

— Woodrow!

— Eu lhe digo, nada fiz para justificar essa crítica. Eu estava tendo uma discussão civilizada com o Coronel Campbell quando... — E calou-se.

— E então, Woodrow?

— Discordamos.

O computador levantou a voz:

— Maureen, quer saber por que eles discordaram? Quer que eu reproduza esta *soi-disant* "discussão civilizada"?

— Athene — disse Lazarus —, você não deve reproduzir. Aquilo foi uma discussão privada.

Rapidamente falei:

— Não concordo. Ela pode, com minha permissão, reproduzir o que eu disse.

— Não. Athene, isto é uma ordem. O computador respondeu:

— Regra Um: trabalho para Ira, não para você. Você mesmo resolveu isso quando fui ativada. Peça a Ira para dirimir esta questão? Ou reproduzo aquela metade da discussão que pertence ao meu noivo?

Lazarus-Hubert pareceu atônito.

— Seu o *quê*?

— Meu noivo, meu prometido, se quer as coisas bem claras. Mas na próxima manhã, quando eu vestir meu corpo extasiadamente belo, o Coronel Campbell comparecerá diante de você e trocará comigo votos relativos à nossa família. De modo que você vê, Lazarus, você estava tentando intimidar meu prometido, assim como o recém-casado esposo de Hazel. Você não pode fazer isso. Nunca, nunquinha. É melhor ceder e pedir desculpas... em vez de tentar extrincá-lo-se blefando. Você não pode, e sabe disso. Foi flagrado. Não só eu ouvi o que você disse, mas Hazel também.

Lazarus pareceu ainda mais aborrecido.

— Athene, você transmitiu uma conversa particular?

— Você não estabeleceu o requisito de privacidade. Ao contrário, Hazel de fato fez uma requisição de monitoração de Richard. Tudo legal, de modo que não me venha com interpretações capciosas. Lazarus, aceite o conselho da única amiga que você tem que não pode enganar, que o ama a despeito de seus maus modos, isto é, eu. Reduza suas perdas, meu chapa, e veja se sai desta na lábia. Faça os últimos 100 metros rastejando e talvez Richard lhe dê uma segunda oportunidade. Não é difícil lidar com ele. Agrade-o, e ele ronrona, exatamente como aquele gatinho. (Pixel estava no meu colo e eu o estava alisando, tendo ele subido pela velha perna, fincando grampos enquanto subia... Perdi algum sangue mas não o suficiente para precisar de transfusão.) — Pergunte a Minerva. Pergunte a Galahad. Pergunte a Gretchen ou a Xia. Pergunte a Laz ou Lord. Pergunte a *qualquer pessoa*.

(Resolvi pedir a Teena — em particular — que me esclarecesse alguns lapsos que tinha eu na memória. Ou seria isso imprudente?)

Lazarus respondeu:

— Nunca tive a intenção de ofendê-lo, coronel. Se falei de maneira rude demais, peço-lhe que me desculpe.

— Esqueça.

— Vamos trocar um aperto de mão?

— Tudo bem.

Estendi a mão e ele pegou-a. Deu-lhe um bom aperto, sem tentar quebrar nenhum osso. Olhou-me nos olhos e eu senti seu calor humano. É difícil deixar de gostar do filho da mãe — quando ele tenta.

— Segure sua carteira, meu querido — recomendou minha querida. — Eu ainda vou esclarecer tudo isto, tintim por tintim.

— Isso é mesmo necessário?

— É... Você é novo aqui, querido. Lazarus pode roubar suas meias sem você tirar os sapatos, vendê-las de volta a você e fazê-lo pensar que foi uma pechincha — depois roubar seus sapatos quando se sentar para calçar as meias, e você terminará ainda agradecendo a ele.

— Bem, Hazel... — voltou a dizer Lazarus.

— Cale a boca. Amigos e família. Lazarus tentou coagir Richard a alistar-se às cegas para a Operação Suserano Galático, tentando fazê-lo sentir-se culpado por causa desse pé substituto. Lazarus insinuou que Richard era um caloteiro que estava tentando fugir às suas dívidas.

— Não insinuei nada disso.

— Eu já lhe disse para calar a boca. Sua intenção foi essa. Amigos e família, meu novo marido vem de uma cultura na

qual dívidas são sagradas. O lema nacional deles é "Não Há Este Tal de Almoço Gratuito". A palavra NHETDAG está bordada na bandeira deles. Em Luna — a Luna da vertente temporal de Richard, não esta — um homem pode lhe cortar a goela, mas morreria antes de lhe pagar um calote. Lazarus *sabia* disso, de modo que procurou o lugar mais sensível e apertou-o. Lazarus usou seus mais de dois mil anos de experiência, seus amplos conhecimentos de cultura e conduta humana, contra um homem de muito menos que um século de experiência, e esta apenas em seu próprio sistema solar e vertente temporal. Não foi uma luta leal, e Lazarus sabia disso. Foi profundamente desleal. Tal como lançar esse gatinho contra uma velha jaguatirica.

Eu estava sentado junto a Lazarus, tendo permanecido ali depois daquele exame idiota do pé. Baixara a cabeça, ostensivamente para brincar com o gatinho, mas na verdade para não olhar para Lazarus — ou qualquer pessoa —, uma vez que estava achando muito inquietante a insistência de Hazel em lavar aquela roupa suja em público. Embaraçosa.

Em consequência, estava olhando para meus pés e para os dele. Eu disse por acaso que Lazarus estava descalço? Não prestara atenção porque uma das coisas a que nos acostumamos imediatamente em Tertius é a ausência de maneira obrigatória de vestir. Não me refiro à falta de roupa. (Broondok vende mais roupas do que qualquer cidade terrena de tamanho semelhante — mais ou menos um milhão de pessoas — em parte porque as roupas só são usadas uma vez e, depois, recicladas.)

Quero dizer que nem pés descalços nem corpos pelados surpreendem por mais de cinco minutos. Lazarus estava usando um pareô, uma lava-lava, ou quem sabe um saio escocês. Mas só notei os pés quando olhei para eles.

Hazel continuou:

— Lazarus tirou tal cruel vantagem do ponto fraco de Richard — seu ódio compulsivo ao endividamento — que Richard pediu que seu novo pé fosse amputado. Em desesperada necessidade de lavar sua honra, ele disse a Lazarus: "Corte-o e reponha-o no estoque!"

— Ora, ora — prometeu Lazarus —, ele não disse a sério nem eu o levei a sério. Uma figura de retórica. A fim de demonstrar que estava aborrecido comigo. Como bem poderia estar. Cometi um erro, reconheço.

— Você, de fato, cometeu um erro! — interrompi-o. — Um erro tumular. Seu túmulo, talvez, ou meu. Porque *não* foi uma figura de retórica. Eu quero que esse pé seja amputado. Exijo que receba de volta seu pé. *Seu* pé, senhor! Olhem aqui, vocês todas, e depois olhem para ali! Para meu pé direito e em seguida para o pé direito dele.

Quem se deu ao trabalho de olhar não pôde deixar de ver o que eu queria dizer. Quatro pés masculinos... e três evidentemente procedentes dos mesmos genes: os dois pés de Lazarus e o meu novo pé. O quarto era o pé com que eu havia nascido: igual aos outros três apenas em tamanho, não em cor da pele, textura, pilosidade, ou qualquer detalhe.

Quando me cobrara o custo daquele transplante, Lazarus me incomodara. Mas esta nova descoberta, que o próprio Lazarus fora o doador anônimo, que eu fora transformado em recipiente involuntário de sua caridade, pela própria carne e osso do pé, era intolerável.

Olhei furioso para ele.

— Doutor, por trás de minhas costas e inteiramente sem meu consentimento, o senhor me colocou em um estado de obrigação insuportável. *Eu não vou tolerar isso!*

E eu tremia de raiva.

— Richard, Richard! Por favor — Hazel parecia prestes a debulhar-se em lágrimas.

E eu, também. A moça ruiva mais velha correria para mim, curvara-se e colocara minha cabeça sobre seus seios maternos, ninava-me e me dizia:

— Não, Richard, não! Você não tem que se sentir dessa maneira.

Sáímos mais tarde naquele mesmo dia. Mas ficamos para o jantar. Não correremos dali furiosos.

Hazel e Maureen (a querida senhora mais velha que me consolara) conseguiram me convencer que as despesas de hospital e cirurgia não precisavam me preocupar porque Hazel tinha dinheiro de sobra em um banco local — o que

Teena confirmou — e que Hazel podia e pagaria minhas contas se fosse apropriado mudar a referência sob a qual eu fora hospitalizado. (Pensei em pedir à minha amada que mandasse ali mesmo a referência, através de Teena. Mas resolvi não aborrecê-la com isso. Droga, "nhedag" é uma verdade básica, mas "mendigos não podem ser exigentes" também é — e naquele momento eu era um mendigo. Isto nunca foi boa posição para barganha.)

Quanto ao pé em si, segundo costume local invariável, "partes sobressalentes" (mãos e pés, corações, rins, etc. não são compradas ou vendidas. Havia apenas um emolumento de serviço e manuseio, cobrado juntamente com a cirurgia.

Galahad confirmou este fato:

— Fazemos isto desta maneira para evitar a formação de mercado negro. Posso lhe mostrar planetas em que há realmente um mercado negro desses, onde um fígado combinando pode significar um assassinato combinando — mas não aqui. O próprio Lazarus estabeleceu esta regra, há mais de 100 anos. Compramos e vendemos tudo mais... mas não traficamos com seres humanos ou pedaços de seres humanos.

Galahad riu alegre para mim.

— Mas há outra razão por que você não deve se contrariar. Você não teve voz no caso quando um grupo de nós costurou aquele pé no seu coto, e todo mundo sabe disso. Mas todo mundo também sabe que você não pode se livrar dele... a menos que resolva fazer isso com seu próprio canivete. Porque eu não o amputarei. Nem você encontrará em Tertius nenhum cirurgião que faça isso. Normas do sindicato, sabia, e cortesia profissional.

E acrescentou:

— Mas se você cortá-lo pessoalmente, por favor, convide-me. Eu quero observar.

Disse isso com a maior seriedade, e Maureen censurou-o por isso. Não tenho certeza se ele estava pilheriando.

Não obstante, a *detente* implicou uma grande mudança nos planos de Hazel. Lazarus falara a verdade quando dissera que tudo que tentara fazer fora implementar um plano adrede acordado. Mas fora ainda acordado que Hazel (e não Lazarus) era a pessoa que implementaria o plano.

Hazel poderia ter conseguido, mas Lazarus, não! Lazarus jamais poderia me convencer porque eu achava a coisa toda ridícula. Por outro lado, se Hazel quer realmente alguma coisa de mim, eu tenho tanta probabilidade de recusar como... bem, como Jinx Herderson tem de recusar um pedido da filha, Gretchen.

Lazarus, porém, não podia compreender isso.

Acho que Lazarus sofre da compulsão de ser a maior rã em qualquer poça

d'água. Espera ser a noiva em todos os casamentos, o cadáver em todos os enterros... ao mesmo tempo fingindo que não tem ambições que é apenas um matuto com um chapéu de palha na cabeça e estêreo de boi entre os dedos dos pés.

Se você acha que não morro de amores por Lazarus Long, não vou discutir.

O plano era quase a mesma coisa que Lazarus descrevera. Hazel esperara que eu lhe fosse fazer companhia no Comando Temporal, planejara rejuvenescimento para mim — rejuvenescimento cosmético à minha escolha. Enquanto isso estivesse acontecendo, eu aprenderia gálata, estudaria a história de multiuniversos em várias vertentes temporais e, após o rejuvenescimento, seria submetido novamente a treinamento militar de vários tipos, até que me transformasse em um anjo da morte ambulante, armado ou desarmado.

Quando achesse que eu estava pronto, ela planejava que executássemos a missão Adam Selene, da Operação Suserano Galático.

Se sobrevivéssemos, poderíamos nos aposentar do Comando Temporal, viver o resto de nossos dias com uma gorda pensão em um planeta de nossa escolha — gordos e felizes.

Ou poderíamos permanecer juntos no Comando, bastando para isso que eu me realistasse por um período de serviço de 50 anos — depois rejuvenescimento com cada período e a oportunidade de nos tornarmos eventualmente mestres do tempo. Isto era supostamente o grande prêmio — mais divertido do que gatinhos bebês, mais emocionante do que montanhas-russas, mais satisfatório do que ter 17 anos e estar apaixonado.

Viver ou morrer, fariamos isso juntos — até que, finalmente, um de nós esperasse pelo outro no fim daquele túnel.

Mas esse programa pifou porque Lazarus se meteu e tentou me torcer o braço (o pé?) para que eu o aceitasse.

Minha querida planejara uma abordagem em pianíssimo: viver algum tempo em Tertius (um lugar celestial), aprender a história dos multiuniversos e a teoria das viagens no tempo, etc. Não me obrigara a me alistar, mas depender do fato de ela e Gretchen, e Ezra e outros (tio Jock, por exemplo), eram membros do Comando... até que eu *pedisse* para ser aceito e prestasse juramento.

O custo de meu novo pé não teria me incomodado: a) se Hazel tivesse tido tempo de me convencer que o custo seria descontado de minha crescente eficiência em ajudá-la na "Adam Selene" e que o pé, por isso mesmo, se pagaria por si mesmo (a simples verdade!) — e Lazarus sabia disso; b) se Lazarus não tivesse tentado me cobrar o preço do pé e o usa-se para me pressionar; c) se Lazarus tivesse

permanecido longe de mim (como se esperava que fizesse). E, por conseguinte, nunca me tivesse dado a oportunidade de descobrir que ele era meu anônimo doador — pés descalços ou não.

Acho que poderia dizer que nada disso teria acontecido se Hazel não houvesse tentado me manipular (e tentaria, tentou, e tentaria)... Mas o direito sem igual da esposa, consagrado pela tradição, de manipular o marido retroage sem intervalos e mesmo até Eva e a maçã. E não vou criticar uma tradição sagrada.

Hazel não renunciou à intenção, apenas mudou de tática. Resolveu me levar para o Quartel-general do Tempo e deixar que os altos oficiais e os especialistas me respondessem às perguntas.

— Homem querido — disse-me ela —, você sabe que eu quero resgatar Adam Selene, e o mesmo querem mamãe e papai. Mas as razões deles e as minhas são sentimentais, não o suficientemente boas para que você arrisque sua vida.

— Oh, não diga isso, amada minha! Por você eu cruzo o Helesponto. Num dia calmo, isto é, com uma escolta de barcos por perto. E um contrato para tevê em três d. Direitos comerciais. E o restante.

— Fale sério, querido. Eu não tinha pensando em convencê-lo explicando a grande finalidade, o efeito sobre o multi-universo... uma vez que eu mesma não compreendo bem isso. Não sei a matemática necessária e não sou um dos Companheiros do Círculo — o Círculo de Ouroboros, que preside a todas as mudanças cósmicas. Lazarus, porém, bagunçou as coisas tentando apressá-lo. De modo que acho que você tem o direito de saber exatamente por que este salvamento é necessário e por que está sendo solicitado a participar dele. Iremos ao Quartel-general e deixaremos que eles tentem convencê-lo. Lavo minhas mãos desta parte do trabalho. Isto cabe aos Companheiros, os altos dignitários da manipulação do tempo. Eu disse isso a Lazarus... Ele é um dos Companheiros do Círculo.

— Namorada, é muito mais provável que eu dê ouvidos ao que você diz. Lazarus teria problemas para me vender notas de 10 coroas por duas coroas.

— Problema dele. Mas ele só tem um voto no Círculo, embora ele seja o mais graduado. Claro, ele é sempre o mais graduado, em toda parte.

Essas palavras despertaram-me a curiosidade:

— Essa idéia de que Lazarus tem 2.000 anos de idade...

— Mais. Mais de 2.400.

— Como quer que seja, quem é que diz que ele tem mais de dois milênios? Ele parece mais moço do que eu.

~ Ele foi rejuvenescido várias vezes.

— Mas quem alega que ele tem essa idade? Perdoe, amor, mas você não pode dar testemunho disso. Mesmo que lhe creditemos cada quinzena que você alega ter vivido, ele ainda seria 10 vezes mais velho do que você. Se for. Mais uma vez, quem diz isso?

— Hummm... não eu, isso é verdade. Mas nunca tive a menor razão para duvidar disso. Acho que você deveria conversar com Justin Foote.

Hazel olhou em volta. Estávamos naquele pátio ajardinado que fica no lado de fora do quarto onde acordei. (O quarto dela, soube depois — ou dela quando o queria. Essas coisas eram fluidas. Outros tempos adotam outros costumes.) Estávamos naquele jardim com outros membros da família Long e convidados, amigos e parentes, comendo tira-gostos saborosos e nos embebedamos tranqüilamente. Hazel selecionou um homenzinho tímido, o tipo que é sempre eleito tesoureiro de qualquer organização a que pertença.

— Justin! Venha aqui, querido. Arranje um tempinho para mim.

Ele veio em nossa direção, passando por cima de crianças e cachorros e, ao chegar, beijou minha mulher daquela maneira calorosa como ela sempre era cumprimentada. E disse-a ela:

— Ratinha buliçosa, você esteve ausente por tempo longo demais.

— Negócios, querido. Justin, este é o meu marido querido, Richard.

— Nossa casa é sua. — E me beijou.

Bem, eu estava preparado para aquilo. Tinha acontecido demais. Essas pessoas se beijam com tanta freqüência como os antigos cristãos. Contudo, este foi um beijo de tia, só protocolo e seco como osso.

— Obrigado, senhor.

— Por favor, fique certo de que não é nosso costume aplicar pressão em hóspedes. Lazarus é lei para si mesmo, mas não representa o restante de nós. — Sorrii-me e dirigi em seguida a atenção para minha esposa. — Hazel, você permite que eu obtenha de Athene, para os Arquivos, uma cópia de suas observações a Lazarus?

— Para quê? Eu o espinafrei. E a coisa passou.

— Mas é de interesse histórico. Ninguém mais, nem mesmo Ishtar, jamais surrou um Antigo tão completamente como você fez. Nos anais, é muito pouca a desaprovação aos atos dele, em qualquer grau. A maioria das pessoas acha difícil discordar dele abertamente, mesmo quando discordam mais. De modo que isto constitui não só um item interessante para futuros estudiosos, mas será útil também ao próprio Lazarus, se ele jamais o ler. Ele está tão acostumado a fazer o que quer que é bom para ele ser lembrado, de vez em quando, que não é Deus. — Justin sorriu. — E constituiu uma lufada de ar fresco para todos nós. Além

disso, Hazel, amor, a qualidade literária da peça é grande e excepcional. Quero-a para os Arquivos.

— Oh... besteira, querido. Fale com Lazarus. *Nihil obstat*, mas isto vai requerer a permissão dele.

— Considere isso feito. Eu sei como lhe explorar o obstinado orgulho. O princípio do porquinho. Tudo o que tenho que fazer é me oferecer para censurar a peça, mantê-la fora dos Arquivos. Com uma insinuação de que desejo lhe poupar os sentimentos. Ele então fecha a cara e insiste em que seja incluída nos Arquivos... sem ser editada ou expurgada.

— Bem... tudo bem se ele disser tudo bem.

— Posso perguntar, querida, onde aprendeu algumas daquelas expressões mais escabrosas?

— Não, não pode. Justin, Richard me fez uma pergunta que não posso responder. De que modo sabemos que o Antigo tem mais de 2.000 anos de idade? Para mim, é como perguntar: "Como é que sei que o Sol vai nascer amanhã?" Eu simplesmente sei.

— Não, é como perguntar: "Como é que você sabe que o Sol nasceu muito antes de você ter nascido?" A resposta é que você não sabe. Hum... interessante.

Ele piscou para mim.

— Parte do problema, tenho certeza, reside no fato de que você vem de um universo no qual o fenômeno das Famílias Howard nunca aconteceu.

— Acho que nunca ouvi falar nisso. O que é?

— É um codinome para pessoas com vidas extremamente longas. Mas, primeiro, preciso contar os primórdios. Os Companheiros do Círculo de Ouroboros designam universos por números de série... mas uma maneira mais compreensível para terráqueos consistiria em perguntar quem primeiro pôs os pés em Luna. Quem, em seu mundo?

— Ahn? Um cara chamado Neil Armstrong. Acompanhado do Coronel Buzz Aldin.

— Exatamente. Um empreendimento da NASA, um órgão do governo, se me lembro corretamente. Mas neste universo, meu mundo e o de Lazarus Long, a primeira viagem à Lua foi financiada não pelo governo, mas por uma empresa privada, dirigida por um financista, um certo D. D. Harriman, e o primeiro homem a pôr os pés em Luna foi Leslie LeCroix, um empregado de Harriman. Em ainda outro universo, foi um projeto militar, e o primeiro vôo a Luna teve lugar na USAFS *Kilroy Was Here*. Em mais outro... não importa: em todos os universos o início das viagens espaciais é um evento decisivo, afetando tudo o que veio depois: Agora, a respeito do Antigo... no meu universo, ele foi um dos

primeiros pilotos espaciais. Durante muitos anos fui arquivista das Famílias Howard... Com base nesses arquivos, posso demonstrar que Lazarus Long é piloto espacial ativo há mais de 24 séculos. Você acharia isso convincente?

— Não.

Justin Foote inclinou a cabeça, concordando.

— Razoável. Quando um homem racional ouve alguma coisa que colide com todo o bom senso, ele não acreditará — e não deve —, sem evidência irrespondível. Você não a viu ainda. Só lhe forneceram boatos. Boatos respeitáveis e, na verdade, verdadeiros, mas apesar disso boatos. Estranho. No meu caso, cresci com eles. Eu sou o 45? membro das Famílias Howard a ter o nome "Justin Foote" o primeiro da linhagem tendo sido um curador das Famílias em princípio do século XX gregoriano quando Lazarus Long era um bebê e Maureen uma mocinha...

Neste ponto a conversa reduziu-se a cacos. A idéia de que a querida mulher que me consolara tinha um filho de 24 séculos de idade... mas que ela mesma era uma mera filha de um século e meio — droga, em alguns dias não vale a pena sair da cama, um turismo em Iowa quando eu era menino e ainda verdadeiro em Tertius mais de dois mil anos depois. (Se fosse!) Eu me sentira inteiramente feliz com Minerva em um braço e Galahad no outro e Pixel no meu peito. À parte aquela pressão na bexiga.

Maureen lembrava-me de outra discrepância.

— Justin, há outra coisa que me incomoda. Você disse que este planeta está muito, muito longe, no espaço e no tempo, de meu lar — mais de dois mil anos no tempo e mais de sete mil anos-luz em distância.

— Não, não digo isso porque não sou um astrofísico. Mas isso está de acordo com o que me ensinaram, sim.

— Ainda assim, aqui e hoje, ouvi inglês idiomático falado no dialeto de meu tempo e lugar. Mais do que isso, com o sotaque do Cinturão do Milho do Meio-oeste americano, áspero, de uma certa forma enferrujado. Feio e inconfundível. Resolve esse enigma para mim?

— Oh, estranho, mas nenhum mistério. O inglês está sendo falado como uma cortesia com você.

— Eu?

— Você. Athene poderia lhe fornecer tradução instantânea, nas duas direções, e a festa aqui poderia ser dada em gálata. Mas, infelizmente, devido a uma decisão tomada por Ishtar há muitos anos, o inglês foi tornada a língua de trabalho na clínica e no hospital. Que isto pudesse ser feito origina-se de circunstâncias que cercaram o último rejuvenescimento do Antigo, reforçado pela fala de sua mãe

e consolidado pelo fato de que Athene fala com esse sotaque e expressões idiomáticas e recusa-se a falar inglês de outra maneira. O mesmo se aplica a Minerva, desde que o aprendeu quando era ainda computador. Mas nem todos nós falamos inglês com igual facilidade. Você conhece Tamara?

— Não tão bem quanto gostaria.

— Ela é provavelmente a pessoa mais carinhosa e mais estimável do planeta. Mas não é uma lingüista. Aprendeu inglês quando tinha mais de 200 anos. Acho que sempre falará inglês macarrônico... embora o fale todos os dias. Isso explica o fato estranho de que uma língua morta esteja sendo falada em um jantar festivo de família, em um planeta que gira em torno de uma estrela distante do Velho Lar Terra?

— Bem... explica. E não me satisfaz. Ahn, Justin, tenho a impressão de que todas as objeções que eu levantar serão respondidas... mas eu não me convencerei.

— Isso é razoável. Por que não espera algum tempo? Rapidamente, sem pressionar, os fatos que acha difíceis de aceitar se encaixarão nos seus lugares.

De modo que mudamos de assunto. Hazel disse:

— Querido meu, eu não lhe disse por que tive que sair a fim de fazer uma coisa... ou porque cheguei tarde. Justin, você já foi detido alguma vez na estação de teleportação sul?

— Vezes demais. Espero que alguém construa logo um serviço concorrente. Eu mesmo levantaria o capital e o montaria se não fosse tão confortavelmente preguiçoso.

— Hoje cedo, saí para fazer compras para Richard — sapatos, querido, mas não vai usá-los até que Galahad disser que pode — e substituições dos ternos que perdi naquela briga no Raffles. Não pode encontrar coisas iguais, de modo que me contentei com vermelho-cereja e verde-jade.

— Boas escolhas.

— Foram, e combinam com você, acho. Tinha terminado as compras e teria estado de volta antes que você acordasse, mas... Justin, faziam fila na estação de teleportação, de modo que apenas suspirei e tomei meu lugar... e um furador de fila, um turista nojento de Secundus, passou seis lugares na minha frente.

— Ora, o patife!

— Não adiantou nada para ele. O furador de fila foi executado.

Fitei-a.

— Hazel?

— Eu? Não, não, querido! Reconheço que fiquei tentada. Mas, na minha opinião, forçar a barra em uma fila não merece nada mais pesado do que um braço

quebrado. Não, não foi isso o que me deteve. Um tribunal de transeuntes foi formado imediatamente e eu quase fui escolhida como jurada. A única maneira de cair fora foi dizer que tinha presenciado o fato, era testemunha... Pensei que com isso ia ganhar tempo. Não tive essa sorte e o julgamento durou quase meia hora.

— Enforcaram-no? — perguntou Justin.

— Não. O veredicto foi "homicídio em interesse público", acabaram com ele e voltei para casa. E mais do que em tempo. Lazarus, diabos o levem, procurara Richard, fizera meu amor infeliz e arruinara meus planos, de modo que tornei Lazarus infeliz. Como você sabe.

— Como todos sabemos. O turista morto tinha alguém com ele?

— Não sei. E não me importo. Mas de fato acho que matá-lo foi drástico demais. Mas sou sentimental e sempre fui. No passado, quando alguém tomava meu lugar numa fila, sempre deixava que escapasse com leves ferimentos corporais. Mas furar fila é uma infração que jamais deve ser perdoada. Isso simplesmente encoraja os malandros. Richard, comprei sapatos para você porque sabia que seu novo pé não podia usar o tipo de sapato que você calçava quando chegou aqui.

— Isso é verdade.

(Meu sapato direito — desde a amputação — sempre tivera que ser feito sob medida por um protético. Um pé vivo não caberia nele.)

— Não fui a nenhuma sapataria. Fui a uma fábrica que possui um pantógrafo geral e pedi que usassem seu sapato esquerdo para sintetizar um sapato direito combinando através de uma dobra espacial exata. Deve ser idêntico ao seu sapato esquerdo, mas do lado direito. Destro?

— Obrigado.

— Espero que dê bem. Se aquele maldito furador de fila não tivesse dado um jeito de morrer praticamente no meu colo, eu teria chegado em casa a tempo.

Pisquei novamente para ela.

— Acho que estou confuso novamente. Como é que este lugar é governado? É uma anarquia?

Hazel encolheu os ombros. Justin Foote pareceu pensativo.

— Não, eu não diria isso. Mas não é tão bem organizada assim.

Partimos logo depois do jantar naquela espaçonave de quatro lugares — Hazel e eu, um pequeno gigante chamado Zeb, Hilda, a beldade minúscula, Lazarus, o Dr. Jacob Burroughs, o Dr. Jubal Harshaw, mais outra ruiva — bem, loura puxada a cor de morango —, chamada Deety, e mais outra que não era sua irmã

gêmea mas devia ter sido, uma doçura de moça chamada Elizabeth e conhecida por Libby. Olhei para estas duas últimas e sussurrei para Hazel:

— Mais dos descendentes de Lazarus? Ou mais dos seus?

— Não, acho que não. Quero dizer, sobre Lazarus. Sei que não são meus. Não sou tão casual assim. Uma delas é de outro universo e a outra é mais de mil anos mais velha do que eu. Ponha a culpa em Gilgamesh. Ahn... no jantar você notou uma mocinha, outra ruiva, nadando na fonte?

— Notei. Uma gracinha.

— Ela... — Começamos a subir, todos nós nove, naquela espaçonave de quatro lugares. Hazel continuou: — Pergunte-me mais tarde.

Comecei a subir atrás dela. O pequeno gigante pegou firme meu braço, o que me fez parar, uma vez que me superava em massa em uns 40 kg.

— Nós não fomos apresentados. Eu sou Zeb Carter.

— Eu sou Richard Ames Campbell, Zeb. Prazer em conhecê-lo.

— E esta é minha mãe, Hilda Mae. E indicou a boneca chinesa.

Não tive nem tempo de pensar na improbabilidade dessa asserção. Hilda respondeu:

— Sou madrasta dele, esposa de meio expediente, e às vezes amante, Richard. Zebbie nem sempre permanece em foco. Mas ele é um doce. E você pertence a Hazel, de modo que isto lhe dá direito às chaves da cidade. — Colocou-se nas pontas dos pés, pôs as mãos nos meus ombros e beijou-me. O beijo foi rápido, mas quente e não inteiramente seco. E me deixou pensativo. — Se quiser alguma coisa, simplesmente peça. Zebbie arranja para você.

Parecia haver cinco naquela família (ou subfamília, faziam todos parte da casa Long, ou família, mas não soube disso na hora): Zeb e sua esposa Deety, sendo ela aquela primeira loura avermelhada a quem eu fora rapidamente apresentado, o pai dela, Jake Burroughs, cuja esposa era Hilda, mas que não era a mãe de Deety... e o quinto era Gay. Zeb dissera:

— E Gay, naturalmente. Você sabe a quem me refiro.

Perguntei a Zeb:

— Quem é Gay?

— Eu, não. Ou apenas como *hobby*. Nossa nave, o nome dela é Gay.

Uma voz quente de contralto disse:

— Eu sou Gay. Oi, Richard, você esteve em mim certa vez, mas acho que não se lembra.

Cheguei à conclusão de que o campo Lethe incluía alguns efeitos colaterais

realmente maléficis. Se eu houvesse estado alguma vez numa mulher (ela dissera isso dessa maneira, não eu), dotada de uma voz com aquela qualidade tão sedutora, mas não conseguisse me lembrar... bem, era tempo de eu me entregar à compaixão do tribunal. Eu era obsoleto.

— Desculpe. Não a vejo. A senhora chamada Gay.

— Ela não é uma senhora, é uma piranha.

— Zebbie, você vai se arrepende disso. Ele quer dizer que não sou uma mulher, Richard. Nesta nave em que você está prestes a subir — e onde estive antes, mas estava ferido e doente, de modo que não me magôo se não me reconheceu...

— Oh, mas eu reconheci!

— Reconheceu? Que lindo. De qualquer modo, sou Gay tapeadora e bem-vindo a bordo.

Subi e tentei rastejar pela porta de carga que ficava atrás dos assentos. Hilda segurou-me.

— Não entre aí atrás. Sua esposa está lá atrás com dois homens. Dê uma chance à moça.

— E com Lib — acrescentou Deety. — Não o irrite, tia Sharpie. Sente-se, Richard.

Sentei-me entre elas — um privilégio, exceto que eu queria ver aquele banheiro empenado espacialmente. Se havia um deles. Se não fosse um sonho induzido pelo campo Lethe.

Hilda encostou-se em mim como se fosse uma gata e disse:

— Você teve uma primeira má impressão de Lazarus, Richard. Não quero que isso permaneça assim.

Reconheci que numa escala de um a 10 ele chegava a menos três comigo.

— Tomara que não continue assim. Deety?

— Dia sim, dia não, Lazarus aproxima-se cada vez mais de nove, Richard. Você vai ver.

— Richard — continuou Hilda —, a despeito do que você me ouviu dizer, não pense mal de Lazarus. Tive um filho com ele... e só vou até esse ponto com homens que respeito. Mas Lazarus tem suas pequenas manias e é necessário espancá-lo de tempos em tempos. Não obstante, amo-o.

— Eu, também — concordou Deety. — Tenho uma filhinha com Lazarus e isso significa que o amo e respeito, ou isso não teria acontecido. Correto, Zebadiah?

— Como é que eu posso saber? "Amor, oh, descuidado amor". Chefona, vamos a

algum lugar? Gay quer saber.

— Comunica prontidão para decolagem.

— Porta de bombordo vedada, aparelhagem de irrelevância pronta e recolhida.

— Porta de estibordo vedada, cintos de segurança acionados, todos os sistemas normais.

— Quartel-general do Comando do Tempo, via Alpha e Beta. À vontade, piloto-chefe.

— Sim, senhor capitão. Gay Tapeadora, Ponto de Controle Alpha, Execute.

— Sim sinhô, moço.

O gramado verde e brilhante, iluminado pelo sol ao lado da Casa Long, pestanejou e desapareceu em escuridão e estrelas. Estávamos em estado de imponderabilidade.

— Ponto de Controle Alpha, provavelmente — disse Zeb. — Gay, você está vendo QGCT?

— Ponto de Controle Alpha bem em frente — respondeu a nave. — Quartel-general do CT bem à frente. Zeb, você precisa de óculos.

— Ponto de controle Beta, execute. O céu pestanejou novamente.

Desta vez pude vê-lo. Não um planeta, mas um *habitat* talvez a 10 quilômetros de distância, talvez mil — no espaço, com um objeto estranho, eu não tinha como calcular.

Zeb disse:

— Quartel-general do Comando do Tempo, exe... *Gay, fora daqui!*

Uma bomba tipo estrela nova explodiu à nossa frente.

O Gato de Schrödinger

— Pelos ossos de Deus! — gemeu a nave. — Aquela queimou as penas de minha cauda! Hilda, vamos voltar para casa. *Por favor!*

A bomba tipo estrela nova estava nesse momento a uma longa distância, mas ainda queimava com uma intensa luz branca, parecendo o Sol visto das proximidades de Plutão.

— Capitão? — perguntou Zeb

— Afirmativo — respondeu calma Hilda. Mas estava agarrada a mim e tremendo.

— GayMaureenExecute.

Estávamos de volta aos terrenos da mansão romântica de Lazarus Long e sua tribo.

— Piloto-chefe, por favor, informe anexo OZ e diga a eles para desembarcar. Não vamos mais para nenhum lugar tão cedo. Richard, se você deslizar para a direita logo que Jake sair de seu caminho, isso permitirá que nossos passageiros desembarquem.

Fiz isso logo que o Dr. Burroughs desimpediu o caminho. Ouvi a voz de Lazarus Long regougando às minhas costas:

— Hilda! Por que nos mandou sair da nave? Por que não estamos no quartel-general?

A voz dele me lembrou a de um sargento-instrutor que tive no meu tempo de recruta, há uns 10 mil anos.

— Esqueci meu tricô, Woodie. Tive que vir buscá-lo.

— Acabe com isso. Por que não partimos? Por que estamos desembarcando?

— Cuidado com sua pressão arterial, Lazarus. Gay acaba de provar que não estava sendo nervosinha quando me pediu para dividir em três saltos nossa viagem habitual ao QGCT. Se eu tivesse utilizado a velha rota, estaríamos todos brilhando na escuridão.

— Estou com coceira na pele — queixou-se Gay. — Aposto que faria um contador Geiger vibrar como chuva em teto de zinco.

— Zebbie verificará isso depois, querida — disse tranqüilizadora Hilda, e voltou a falar com Lazarus: — Não acho que Gay tenha ficado ferida. Acho que nenhum de nós foi. Porque Zeb teve uma de suas premonições de tragédia e tirou-nos de lá quase à frente dos fótons. Mas lamento comunicar, senhor, que o Quartel-

general não está mais lá. Que descanse em paz.

— Hilda — insistiu Lazarus —, isto é uma de suas piadas?

— Capitão Long, quando fala dessa maneira espero que se dirija a mim como "comodoro".

— Sinto, desculpe. O que foi que aconteceu? Zeb interveio:

— Lazarus, deixe simplesmente que eles acabem de descer e eu levarei você de volta e lhe mostrarei. Apenas você e eu.

— Sim, realmente, apenas vocês dois — disse a nave. — Mas não eu! Eu não vou! Eu não me alistei para missões de combate. Não deixo vocês fecharem minhas portas. Isso significa que não podem me tornar estanque e neste caso não podem me obrigar a me mover. Estou em greve.

— Motim — declarou Lazarus. — Derreta-a e transforme-a em sucata.

A nave soltou um grito agudo e depois falou nervosamente:

— Zeb, você ouviu isso? Você ouviu o que ele disse? Hilda, você o ouviu? Lazarus, eu não pertencço a você e nunca pertenci! Diga isso a ele, Hilda! Toque em mim com um dedo, entro em fase crítica e queimo e arranco sua mão. E levo comigo todo o condado de Boondock.

— Matematicamente impossível — observou Long.

— Lazarus — advertiu-o Hilda —, você não deve dizer "impossível" assim tão rapidamente quando fala a respeito de Gay. De qualquer modo, não acha que já esteve por tempo suficiente na casa do cachorro para um único dia? Magoe Gay e ela conta a Dora, que contará a Teena, que contará a Minerva, que dirá a Ishtar e a Maureen e a Tamara, e depois você terá sorte se conseguir alguma coisa para comer e não terá permissão para dormir ou ir a lugar algum.

— Eu sou um homem dominado pelas mulheres. Gay, desculpe. Se eu lhe ler dois capítulos de *Tik-Tok* hoje à noite, você me perdoa?

— Três.

— Feito. Por favor, diga a Teena para pedir aos matemáticos que trabalham na Operação Suserano Galático que me encontrem conforme programado nos meus aposentos em Dora. Por favor, diga a todos os demais envolvidos em Suserano que são aconselhados a vir para Dora, comer e dormir a bordo. Não sei quando viajaremos. Pode ser dentro de uma semana, mas a qualquer tempo também e talvez não haja nem 10 minutos de aviso prévio. Condições de guerra. Alerta Vermelho.

— Dora recebeu. Está retransmitindo. O que me diz de Boondock?

— O que é que você quer dizer com "O que me diz de Boondock"?

— Quer que a cidade seja evacuada?

— Gay, eu não sabia que você se importava. Lazarus parecia surpreso.

— Eu? Importar-me com o que possa acontecer com minhocas? — rosnou a nave. — Estou simplesmente retransmitindo para Ira.

— Oh, por um momento pensei que você estava desenvolvendo simpatias humanas.

— Deus me livre!

— Estou aliviado. Seu simples egoísmo egocêntrico tem sido um oásis de estabilidade num mundo sempre em mutação.

— Esqueça os cumprimentos. Você ainda me deve três capítulos.

— Certamente, Gay. Eu prometi. Por favor, diga a Ira que, tanto quanto sei, Boondock está tão segura como qualquer outro lugar do mundo... o que não quer dizer muita coisa... ao passo que, na minha opinião, qualquer tentativa de evacuar este formigueiro resultaria em grande perda de vidas, e perdas ainda maiores de propriedades. Mas talvez valha a pena fazer isso apenas para sacudir o metabolismo preguiçoso dessa gente... Boondock me parece hoje gorda, estúpida e descuidada. Peça a ela para acusar.

— Ira respondeu: "Cabe a você decidir."

— Câmbio, e o mesmo para você. Termino e desligo. Eles fazem um guisado danado de bom. Coronel Campbell, sinto muito a este respeito. Importar-se-ia em vir comigo? Poderia interessá-lo em ver como montamos uma manipulação temporal de emergência. Hazel, tudo *okay* com você? Ou estou entrando em sua seara novamente?

— Tudo bem, Lazarus, uma vez que não é mais minha seara. É sua e dos outros Companheiros.

— Você é uma mulher dura, Sadie.

— O que é que você pode esperar, Lazarus? Luna é uma mestra severa. Aprendi minhas lições nos joelhos dela. Posso ir também?

— Você é esperada. Você é ainda parte de Suserano. Não é?

Andamos cerca de 50 metros cruzando o gramado até o local onde estava estacionado o maior e mais incrementado disco voador que qualquer cultuador de UFOs jamais alegou ter visto. Soube que se chamava Dora designando por igual a nave e o computador que dirigia a nave. Soube também que Dora era o iate particular dos Antigos, que era o capitânea de Hilda e também uma nau pirata comandada por Lorelei Lee e/ou Lápis Lazuli e guarnecida por Castor e Pólux, que eram seus maridos, ou escravos, ou duas coisas.

— São as duas coisas — explicou-me mais tarde Hilda. — E Dora é todos três.

Laz e Lor ganharam os contratos de servidão de Cas e Pol em um jogo de cão-vermelho logo depois de casarem com eles. Laz e Lor são telepatas entre si e roubam no jogo. Meus netos são tão sabidos como macacos e tão presunçosos como caras formados em Harvard, e tentam sempre roubar no jogo. Tentei expulsar deles esse feio hábito quando eram ainda jovens demais para correr atrás de moças, usando um baralho marcado. Não funcionou. Eles descobriram minhas marcas. Mas a queda deles decorreu do fato de que Laz e Lor são ainda mais sabidas do que eles e ainda mais tapeadoras.

Hazel sacudiu triste a cabeça.

— Este é um mundo perverso. Você pensaria que um rapaz que treinei ficaria imediatamente desconfiado quando lhe dessem três azes e um rei de quebra numa mão de cachorro-vermelho... mas Cas era ganancioso demais. Não apenas topou a parada quando não podia cobri-la, mas jogou seu contrato de servidão para cobrir a diferença.

Após uma pausa, continuou:

— Em seguida, nem um dia depois, Pol caiu num caso ainda mais transparente de roubo. Tinha certeza de que sabia que carta ia ser dada em seguida porque reconheceu uma pequena mancha de café. Aconteceu que o 10 e o oito tinham a mesma pequena mancha. Pol tinha o nove mas não estava em uma boa posição moral. Ah, bem, provavelmente é melhor para os rapazes terem que fazer todo o serviço sujo a bordo, além de aplicar *shampoo* e fazer o tratamento dos pés de suas esposas do que teria sido para eles vender Laz e Lor nos mercados de escravos de Iskander, como tenho certeza de que teriam feito se seus próprios planos fraudulentos tivessem tido sucesso.

O Dora é ainda maior por dentro do que por fora: tem tantos camarotes quantos forem necessários. Fora antes uma nave espacial luxuosa mas bem convencional, com propulsão hiperfotônica. Mas ela (a nave, não Dora, o computador) foi reequipada com a propulsão Burroughs (o meio mágico através do qual Gay Tapeadora salta em volta de estrelas num abrir e piscar de olhos). Um corolário das equações Burroughs que teleportam Gay pode ser aplicado a fim de modelar dobras espaciais. Em vista disso, os espaços de carga e passageiros de Dora foram reformados. Este fato deixou a Dora um número interminável de compartimentos dobrados sobre si mesmos, até que deles necessita.

(Isto não é a mesma coisa segundo a qual Gay tem guardado no seu lado de bombordo dois banheiros do século XIX. Ou é? Bem, acho que não é. Vou ter que perguntar. Ou será que não é da minha conta? Melhor assim, talvez.)

Uma vigia aumentou no lado do iate, uma rampa escorreu para baixo e seguiu

Lazarus para a nave, levando minha querida pelo braço. No momento em que ele pôs o pé dentro da nave, começou uma música: "Não E Necessariamente Assim", da imortal *Porgy and Bess* de George Gershwin. Era uma canção há muito morta, sobre a impossibilidade de um homem tão velho como Matusalém jamais persuadir uma mulher a ir para a cama com ele.

— Dora!

Respondeu uma voz de mocinha:

— Estou no banho. Chame-me depois.

— Dora, desligue essa canção idiota!

— Tenho que consultar o comandante de dia, senhor.

— Consulte e diabos a levem! Mas pare com essa barulheira.

Outra voz substituiu a voz da nave:

— Capitão Lor falando, amigão. Algum problema?

— Tenho. Pare essa barulheira!

— Amigão, se está se referindo à música clássica ora tocada como saudação à sua chegada, tenho que dizer que seu gosto continua tão bárbaro como nunca. De qualquer modo, estou impedido de desligá-la porque o novo protocolo foi estabelecido pela Comodoro Hilda. Não posso mudá-lo sem sua permissão.

— Eu sou um homem dominado por mulheres! — esbravejou Lazarus. — Não posso entrar em minha própria nave sem ser insultado. Juro por Alá que logo que tenha acabado Suserano vou comprar um Calhambeque Burroughs de Solteiro, equipado com Cerebrador Minsky, e sairei em longas férias sem nenhuma mulher a bordo.

— Lazarus, por que é que você diz essas coisas tão horríveis?

A voz vinha de algum lugar às nossas costas. Não tive problema em identificar o cáldido contralto de Hilda. Lazarus olhou em volta.

— Oh, você está aí! Hilda, você pode, por favor, pôr um fim nesta zoeira infernal?

— Lazarus, você mesmo pode fazer isso...

— Já tentei. Eles se divertem em me frustrar. Todos três. Você, também.

— ... simplesmente dando três passos além da porta. Se houver outra saudação musical que preferir, simplesmente diga qual é. Dora e eu estamos tentando descobrir a música certa para cada um de nossa família, além de uma canção de boas-vindas para qualquer hóspede.

— Ridículo.

— Dora gosta de fazer isso. E eu, também. E é uma prática graciosa, como comer com garfo em vez de dedos.

— Dedos foram feitos antes dos garfos.

— E platelmintos antes de seres humanos. Isto não os transforma em melhores do que gente. Ande, Woodie, e dê um descanso a Gershwin.

Ele grunhiu, andou e Gershwin parou. Hazel e eu o seguimos e, mais uma vez, a música soou, uma banda de foles tocando a todo peito uma marcha que eu não ouvia desde aquele dia negro em que perdi o pé... e o meu comando... e a minha honra: "Os Campbells Estão Chegando..."

A música quase me fez perder a esportiva e me deu aquela poderosa injeção de adrenalina que o antigo grito de guerra, antes de uma batalha, sempre proporciona. Fiquei tão abalado que tive que forçar minhas feições a permanecerem impassíveis, enquanto rezava para que ninguém falasse comigo até que eu tivesse a voz novamente sob controle.

Hazel apertou-me o braço mas a querida permaneceu calada. Acho que ela pode sentir emoções — sempre conhece minhas necessidades. Andei duro para a frente, espinha reta, mal me firmando com a bengala, e sem ver o interior da nave. Depois, as gaitas de fole pararam e pude respirar novamente.

Atrás de nós veio Hilda. Acho que ela se atrasara para manter separadas as saudações musicais. A dela era uma música leve e etérea, que não consegui identificar. Parecia ser tocada em campainhas de prata ou possivelmente em uma celesta. Hazel me disse o nome da música — "Jezebel" —, mas não consegui identificá-la.

Os aposentos de Lazarus eram tão luxuosos que me perguntei como seria o camarote da "Comodoro" Hilda. Hazel acomodou-se na sala de estar como se aquele fosse seu lugar.

Mas não fiquei ali: um anteparo piscou e Lazarus passou comigo por ali. Do outro lado havia uma sala de diretoria apropriada para uma empresa com ação em todo um sistema planetário: uma mesa de conferências gigantesca, cada lugar com sua poltrona acolchoada, bloco de rascunho, estilo para escrita, garrafa de água gelada, terminal com impressora, tela, teclado, microfone e campo de abafamento de conversas — mas devo acrescentar que vi pouco uso desse lixo abundante. Dora tornava-o desnecessário, sendo secretária perfeita para todos nós, enquanto ao mesmo tempo nos servia refrigerantes e guloseimas.

(Não consegui nunca superar a impressão de que havia uma moça de carne e osso chamada Dora em algum lugar, fora de nossas vistas. Mas nenhuma mortal poderia ter mantido todos os ovos no ar como Dora fazia.)

— Sentem-se em qualquer lugar — disse Lazarus. — Não há graduações e ordem de precedência aqui. E não hesitem em fazer perguntas e dar opiniões. Se fizerem um papelão, ninguém vai se importar e não será o primeiro nesta sala, Conhece Lib?

— Não oficialmente.

Ela era a outra loura arruivada, a que não era Deety.

— Então, conheça. Dra. Elizabeth Andrew Jackson Libby Long... Coronel Richard Colin Ames Campbell.

— Sinto-me honrado, Dra. Long.

Ela me beijou. Eu esperara isso, tendo aprendido em menos de dois dias ali que a única maneira de evitar beijos amigos era recuar... mas que era melhor relaxar e desfrutar. E foi o que fiz. A Dra. Elizabeth Long é um prato cheio para a vista, não usava muita coisa, cheirava bem e tinha gosto bom... Ela ficou colada a mim três segundos mais do que o necessário, deu uma palmadinha no meu rosto e disse:

— Hazel tem bom gosto. Que bom que ela o trouxe para a família.

Corei como um recruta bisonho. Todo mundo ignorou isso. Acho. Lazarus continuou:

— Lib é minha esposa e também minha sócia, começando tudo isso no século XXI, calendário gregoriano. Passamos juntos por uns tempos tempestuosos. Naquela ocasião, ela era homem e comandante aposentado, Forças Militares Terrenas. Mas naquela ocasião e agora, homem ou mulher, a maior matemática que jamais nasceu.

Elizabeth virou-se e acariciou-lhe o braço.

— Tolice, Lazarus. Jake é melhor matemático do que eu e um geômetra mais criativo do que eu jamais poderia esperar ser. Ele pode visualizar mais dimensões e não se perder. Eu...

O Jacob Burroughs de Hilda nos seguira e disse nesse momento:

— Tolice, Lib. Falsa modéstia me dá vontade de vomitar.

— Então, vomite, querido, mas não no tapete. Jacob, nem sua opinião nem a minha — nem a de Lazarus — é relevante. Nós somos o que somos, cada um de nós — e sei que há trabalho a fazer. Lazarus, o que foi que aconteceu?

— Espere por Deety e pelos rapazes, de modo que não precisemos discutir o assunto duas vezes. Onde está Jane Libby?

— Aqui, tio Woodie.

Entrava justamente nesse momento uma moça nua que se parecia... Escutem,

vou deixar de falar de semelhanças familiares, cabelos vermelhos ou não, e a presença ou ausência de roupas. Em Tertius, por motivo de clima e costume, o vestuário era opcional, geralmente usado em público, às vezes em casa. Na casa de Lazarus Long, era mais provavelmente que os homens os usassem do que as mulheres, mas não havia uma regra que eu jamais pudesse descobrir.

Cabelos ruivos eram comuns em Tertius, ainda mais comuns na família Long — um efeito hereditário (como dizem os criadores de gado que tinha origem em Lazarus... mas não só neles. Havia duas outras fontes na família, sem relação com ele e sem relação entre si: Elizabeth Andrew Jackson Libby Long e Dejah Thoris (Deety) Burroughs Carter Long — e ainda outra fonte de que eu não sabia a existência na ocasião.

Pessoas que aceitam a teoria Gilgamesh observam que rui-vos tendem a se juntar, como por exemplo em Roma, Líbano, sul da Irlanda, Escócia... e ainda mais acentuadamente na história, de Jesus a Jefferson, de Barba-ruiva a Henrique VIII.

As razões das semelhanças na família Long eram difíceis de classificar, a não ser que se contasse com a ajuda da Dra. Ishtar, a geneticista da família — a própria Ishtar não se parecia absolutamente com sua filha Lápis Lazuli... o que não era de surpreender, sabendo-se que ela não tinha relação genética com sua própria filha... cuja mãe genética era Maureen.

Parte disso eu só soube depois, e menciono tudo isto aqui a fim de encerrar o assunto.

Esse grupo de matemáticos consistia de Libby Long, Jake Burroughs, Jane Libby Burroughs Long, Deet Burroughs Carter Long, Minerva Long Weatheral Long, Pythagoras Libby Carter Long e Archimedes Carter Libby Long — Pete e Archie — um nascido de Deety e o outro de Libby, sendo essas duas mulheres as progenitoras exclusivas dos dois rapazes — Deety sendo a mãe genética de ambos e Elizabeth o pai genético... e eu me recuso a deslindar este dilema nesta altura. Que isso se transforme em problema para estudantes. Prefiro lhes propor outro problema: Maxwell Burroughs-Burroughs Long — e concluir dizendo que todas essas estranhas combinações eram supervisionadas pela geneticista da família para reforço máximo do gênio matemático e nenhum reforço de genes recessivos prejudiciais.

Observar esses gênios no trabalho apresenta parte da excitação soporífica de observação de uma partida de xadrez, embora não exatamente. Em primeiro lugar, Lazarus tomou o depoimento de Gay Tapeadora, trazendo-lhe a voz através dos circuitos de Dora. Eles escutaram-na, examinaram-lhe as fitas projetadas, luz e som, chamaram Zebadiah, tomaram-lhe o depoimento,

convocaram Hilda e pediram-lhe sua melhor estimativa da premonição da explosão por Zebadiah.

— Alguma coisa entre um tremor de pálpebra e um piscar de olhos — respondeu Hilda. — Vocês todos sabem que não posso fazer melhor do que isso.

O Dr. Jake declinou de manifestar opinião.

— Não a observei. Como sempre, eu estava confirmando as ordens verbais, ajustando os controles *vernier*. A penúltima ordem, sendo um grito, abortou a seqüência e logo em seguida estávamos de volta à casa. Não cheguei a ajustar os *verniers*, de modo que nada aparece em minhas fitas. Sinto muito.

O depoimento de Deety foi também bem escasso.

— A ordem de cair fora precedeu a explosão por um intervalo da ordem de um milésimo de segundo.

Pressionada, ela recusou-se a dizer que era "de ordem aproximada". Burroughs insistiu e mencionou-lhe o "relógio interno". Deety estirou a língua para ele.

O jovem (um adolescente, na realidade) chamado Pete disse:

— Voto "dados insuficientes". Precisamos colocar uma roseta de sensores em volta do lugar, a fim de descobrir o que aconteceu, antes de podermos decidir quão perto do momento podemos fixar o resgate.

Jane Libby perguntou:

— Após a ordem de cair fora, a bomba nova já era visível do novo ponto de observação ou apareceu após a translação de Gay? De qualquer maneira, como é que isso se ajusta com a sincronização no ponto de Controle Beta? Pergunta: está experimentalmente comprovado que transporte irrelevante é instantâneo, totalmente nulo em tempo de trânsito... ou é uma suposição baseada em evidência incompleta e sucesso empírico?

— Jay Ell, querido, o que é que você está insinuando? — perguntou Deety.

Eu estava imprensado entre os dois. Falavam de um lado para o outro e obviamente não esperavam opiniões minhas — embora eu tivesse sido testemunha.

— Estamos tentando verificar a pulsação certa para evacuação do QGT, não?

— Estamos? Por que não pre-programar a evacuação, sincronizá-la, e iniciar a evacuação a menos H-horas mais 30 minutos? Isto traz todos para aqui com uma porção de tempo de sobra.

— Deety, com isso você formula um paradoxo que lhe deixa com a cabeça enfiada na bunda — comentou Burroughs.

— Papai! Isso é chulo, grosseiro e vulgar.

— Mas correto, minha querida filha estúpida. Agora, pense em uma maneira de escapar da armadilha.

— Fácil. Eu estava falando apenas da ponta de perigo, não da ponta de segurança. Terminamos o resgate com uma folga de 30 minutos, passamos em seguida para qualquer espaço vazio em qualquer universo conveniente — digamos, aquela órbita em torno de Marte que usamos tantas vezes —, depois damos a volta e reentramos neste universo a uma pulsação aqui-agora um minuto depois de partirmos para o resgate.

— Desajeitado mas eficaz.

— Gosto de programação simples, gosto mesmo.

— Eu, também. Mas ninguém vê nada de errado em tomar qualquer duração de tempo de que necessitarmos?

— Diabo, sim.

— Bem, Archie?

— Porque contém uma armadilha, probabilidade 0,997 ou algo maior. O modo como foi instalada a armadilha depende. Quem é nosso antagonista? A Besta? O Suserano Galático? Boskone? Ou constitui ação direta de outro grupo que quer mudar a história, haja ou não tratados neste particular? Oh — não riam — estamos desta vez enfrentando um Autor? Nossa sincronização terá que depender de nossa tática e nossa tática tem que se ajustar ao antagonista. De modo que temos que esperar até que aqueles grandes cérebros na outra sala nos digam com quem estamos lutando.

— Não — disse Libby Long.

— Qual é o problema, mamãe? — perguntou o rapaz.

— Vamos formular *todas* as possíveis combinações, querido, e solucioná-las simultaneamente e, em seguida, introduzir a solução numérica apropriada no cenário que os fabulistas nos fornecerem.

— Não, Lib, você ainda estaria apostando uma centenas de vidas em que os grandes cérebros têm razão — objetou Lazarus. — Eles talvez não tenham. Ficaremos aqui mesmo e procuraremos uma solução segura, mesmo que isto demore 10 anos. Senhoras e senhores, estamos falando sobre nossos *colegas*. Eles não são descartáveis. Droga, descubram a solução correta.

Fiquei ali no meu lugar, sentindo-me tolo, lentamente compreendendo que eles estavam discutindo a sério como resgatar todas aquelas pessoas — além de registros e instrumentos — em um *habitat* que eu vira ser vaporizado uma hora antes. E que eles, com igual facilidade, poderiam salvar o próprio *habitat* — tirá-

lo daquele espaço antes que fosse bombardeado. Ouvira-os discutir como fazer isso, como sincronizar a operação. Mas rejeitaram essa solução. Aquele *habitat* devia ter custado incontáveis bilhões de coroas... e, ainda assim, eles se recusavam a salvá-lo. Não, não! O antagonista, fosse a Besta do Apocalipse, ou o Suserano Galático (engasguei-me com esta), ou quem quer que fosse — ele precisava acreditar que tivera sucesso, nunca desconfiar que o ninho estava vazio, que a ave voara para longe.

Senti uma sensação conhecida na perna esquerda: Lord Pixel estava mais uma vez desafiando o paredão vertical fronteiro. Além disso, estava cravando novo grupo de grampos de sustentação, de modo que estendi a mão e coloquei-o sobre a mesa.

— Pixel, como foi que você chegou aqui?

— Miau!

— E certamente consegui. Saiu para o jardim, cruzou o jardim, atravessou a ala oeste — ou deu a volta em torno dela? — percorreu de um lado a outro o gramado e subiu para uma nave espacial vedada — ou a rampa estava baixa? Como quer que tenha sido, como foi que me encontrou?

— Miau!

— Ele é um gato de Schrödinger — disse Jane Libby.

— Então é melhor que esse Schrödinger venha buscá-lo, antes que ele se perca. Ou se machuque.

— Não, não, Pixel não pertence a Schrödinger. Pixel não escolheu ainda seu ser humano... a menos que o tenha escolhido.

— Não, acho que não. Bem, talvez.

— Acho que ele escolheu. Eu o vi subir para seu colo hoje ao meio-dia. E agora ele andou um bocado para encontrá-lo. Acho que você foi escolhido. Você gosta de gatos?

— Oh, gosto! Se Hazel deixar que eu fique com ele

— Vai deixar. Ela gosta de gatos.

— Tomara que sim. — Pixel estava sentado em cima de meu bloco de rabiscos, lavando o rosto e fazendo um trabalho elogiável de limpar a parte posterior das orelhas. — Pixel, eu sou o seu dono?

Ele parou a lavagem o tempo suficiente para dizer enfático:

— Miau!

— Tudo bem, negócio feito. Soldo de recruta e extras. Benefícios médicos. Folga à tarde de cada segunda quarta-feira, sujeito a bom comportamento. Jane Libby,

que história é essa sobre Schrödinger? Como foi que ele entrou aqui? Diga a ele que Pixel está apalavrado.

— Schrödinger não está aqui. Está morto há umas duas dezenas de séculos. Fazia parte de um grupo de antigos filósofos naturais alemães que estavam tão brilhantemente enganados sobre tudo que estudaram — Schrödinger, Einstein, Heisenberg e... Ou esses filósofos eram de seu universo? Sei que não estiveram em todas as partes do universo, mas história paralela não é o meu forte. — Sorriu em tom de desculpa. — Acho que a teoria dos números é a única coisa em que sou realmente competente. Mas sou boa cozinheira.

— Que tal suas esfregadelas de costas?

— Sou a melhor esfregadora de costas de Boondock!

— Você está perdendo seu tempo, Jay Ell — interrompeu-a Deety. — Hazel ainda o traz pelo coleira.

— Mas tia Deety, eu não estava tentando levá-lo para a cama.

— Não estava, é? Neste caso deixe de desperdiçar o tempo dele. Caia fora e deixe que eu tente. Richard, você é suscetível a mulheres casadas? Nós todas somos casadas.

— Hummm... a Quinta Emenda!

— Entendo o que você quer dizer mas nunca se ouviu falar nela em Boondock. Esses matemáticos alemães... não eram do seu mundo?

— Vamos ver se estamos falando das mesmas pessoas. Erwin Schrödinger, Albert Einstein, Werner Heisenberg...

— É essa turma. Gostavam do que chamam de "experimentos mentais" — como se alguma coisa pudesse ser aprendida dessa maneira. Teólogos! Jane Libby ia lhe falar sobre o "gato de Schrödinger", um experimento mental que supostamente diria alguma coisa sobre a realidade. Jay Ell?

— Foi uma coisa tola, senhor. Feche um gato em uma caixa. Controle ele se não é morto pela desintegração espontânea de um isótopo com uma meia-vida de uma hora. Ao fim de uma hora, o gato está vivo ou morto? Schrödinger alegou que, devido às probabilidades estatísticas no que consideravam como ciência naqueles dias, o gato nem estava vivo nem morto até que alguém abra a caixa. O gato existia como uma nuvem de probabilidades.

Jane Libby encolheu os ombros, criando notáveis curvas dinâmicas.

— Miau?

— Alguém pensou em perguntar ao gato?

— Blasfêmia! — exclamou Deety. — Richard, isto é "Ciência". Ao estilo do filósofo alemão. Ninguém espera que se recorra a algo tão grosseiro. De

qualquer modo, Pixel ganhou o apelido de "Gato de Schrödinger" porque ele atravessa paredes.

— Como é que ele faz isso? Jane Libby respondeu:

— É impossível, mas ele é tão novinho que não sabe que é impossível, de modo que as atravessa, de qualquer maneira. De modo que nunca se sabe onde ele vai aparecer. Acho que ele andava à sua procura. Dora?

— Precisa de alguma coisa, Jay Ell? — perguntou a nave.

— Você notou por acaso como o gatinho subiu para bordo?

— Eu noto tudo. Ele não se importou com a escada. Atravessou diretamente meu revestimento metálico. Fez cócegas. Ele está com fome?

— Provavelmente.

— Vou arranjar alguma coisa para ele. Ele já tem idade para comer comida sólida?

— Tem, mas não em pedaços. Comida de bebê.

— Em *marche, marche*.

— Senhoras — disse eu —, Jane Libby usou as palavras "brilantemente enganados" a respeito desses físicos alemães. Certamente vocês não incluem Albert Einstein nessa classificação.

— Claro que incluo! — respondeu enfática Deety.

— Estou espantado. Em meu mundo Einstein usa um halo.

— No meu mundo queimam-no em efígie. Albert Einstein foi um pacifista, mas não um pacifista honesto. Quando escornaram seu próprio boi, esqueceu todos os princípios pacifistas e usou sua influência política para iniciar o projeto que produziu a primeira bomba que aniquilou uma cidade. Seu trabalho teórico nunca foi grande coisa e se descobriu depois que a maior parte era falaciosa. Mas ele sobreviverá na infâmia como político pacifista transformado em assassino. Eu o desprezo!

"O sucesso é alcançado quando se chega ao alto da cadeia alimentar."

J. Harshaw, 1906-

Mais ou menos nessa ocasião, apareceu a comida de bebê para Pixel, em um pires que subiu da mesa, acho. Mas não posso jurar, uma vez que o pires simplesmente apareceu. Alimentar o gatinho deu-me alguns momentos para pensar. A veemência das palavras de Deety surpreenderam-me. Aqueles físicos alemães viveram e trabalharam na primeira metade do século XX — não há tempo assim segundo minhas noções de história, mas se o que esses tertianos queriam que eu acreditasse era verdadeiro — improvável! —, há um tempo muito longo para eles. "Umás duas dezenas de séculos", dissera Jane Libby.

Por que essa despreocupada jovem, a Dra. Deety, ficava tão emotiva a respeito de sábios alemães há tanto tempo mortos? Só conheço um fato em dois mil anos ou mais no passado sobre o qual pessoas se tornam emotivas... e esse fato nunca aconteceu.

Eu começara a fazer mentalmente uma lista de coisas que não faziam sentido — a alegada idade de Lazarus — aquela longa lista de doenças mortais que eu supostamente sofrera — meia dúzia de fatos estranhíssimos acontecidos em Luna — e principalmente no próprio Tertius. Seria este realmente um planeta estranho muito distante de Terra no tempo e espaço? Ou era uma aldeia Potemkin em uma ilha do sul do Pacífico? ou mesmo no sul da Califórnia? Eu não vira a cidade chamada Boondock (com um milhão ou mais de habitantes, segundo diziam), só vira no total talvez uns 50 deles. Existiram os demais apenas como fundo memorizado para diálogo improvisado para se ajustar a papéis Potemkin?

(Cuidado, Richard. Você está ficando paranóico novamente.) Quanto de Lethe é necessário para fundir a cuca?

— Deety, você parece ter opiniões muito fortes sobre o Dr. Einstein.

— Tenho minhas razões para isso!

— Mas ele viveu há tanto tempo. "Umás duas dúzias de séculos", segundo disse Jane Libby.

— Há tanto tempo assim para *ela*. Não para mim. O Dr. Burroughs tomou a palavra:

— Coronel Campbell, acho que o senhor pode estar supondo que somos tertianos nativos. Não somos. Somos refugiados do século XX, exatamente como o senhor. Por "nós" refiro-me a mim, a Hilda, a Zebadiah e a minha filha — minha filha

Deety, não minha filha Jane Libby. Jay Ell nasceu aqui.

— Você acertou, papai — disse-lhe Deety.

— Mas por pouco — acrescentou Jane Libby.

— Mas ele, de fato, tocou a última base. Não podemos deserdá-lo por isso, querida.

— E não quero fazer isso. Como pai ele é tolerável. Não tentei analisar isso. Estava formando a convicção de

que pelos padrões de Iowa todos os tertianos eram loucos varridos.

— Dr. Burroughs, eu não sou do século XX. Nasci em Iowa em 2133.

— Bem próximo desta distância. Diferentes vertentes temporais, acho — universos divergentes —, mas você e eu falamos quase com o mesmo sotaque, expressões idiomáticas e vocabulário. A cúspide que o colocou em um mundo e eu em outro não deve estar muito distante em nossos passados. Quem chegou primeiro a Lua e em que ano?

— Neil Armstrong, 1969.

— Oh, *aquele* mundo. Vocês tiveram seus problemas. Mas nós tivemos também os nossos. Para nós, o primeiro desembarque na Lua ocorreu em 1952, com o HMAAFS *Pink Koala*, sob o comando de Ballox O'Maley. — O Dr. Burroughs ergueu a vista e olhou em volta. — Sim, Lazarus? Algum problema com você? Pulgas? Urticária?

— Se você e suas filhas não querem trabalhar, sugiro irem bater papo em outra freguesia. Na outra porta, talvez. Fabulistas e historiadores não se importam de correr atrás de coelhos mecânicos em pistas de cães. Coronel Campbell, acho também que achara mais apropriado alimentar seu gato em outro lugar. Sugiro o refrescador que fica à direita de minha sala de estar.

— Oh, droga, Lazarus! — disse Deety. — Você é um velho irascível e resmungão. Esta não é maneira de perturbar um matemático que está trabalhando. Olhe para Lib ali... Você podia estourar uma bombinha debaixo dela neste momento e ela nem piscaria. — Deety levantou-se. — Woodie, menino, você precisa de um novo rejuvenescimento. Está ficando um velho rabugento. Venha comigo, Jay Ell.

O Dr. Burroughs levantou-se, fez uma mesura e disse:

— Com licença — e foi embora sem olhar para Lazarus.

Havia ali uma atmosfera de temperamentos à flor da pele, a necessidade de distância entre dois velhos touros prestes a enredar os chifres.

Ou três — já que eu devia ser incluído. Botar-me para fora por causa do gatinho fora uma grosseria. Descobri que estava zangado com Lazarus pela terceira vez

em um único dia. Eu não trouxera o gatinho, fora seu próprio computador que sugerira alimentá-lo ali e que fornecera os meios.

Levantei-me, peguei Pixel com uma das mãos, o pires com a outra, e depois achei necessário pendurar a bengala no braço para poder andar. Jane Libby notou o problema, pegou o gatinho e apertou-o contra o peito. Seguia-a, apoiado na bengala e levando o pires de comida de bebê. Evitei olhar para Lazarus.

Passando pela sala de estar, rebocamos Hazel e Hilda. Hazel acenou para mim e deu uma palmada no assento a seu lado. Sacudi a cabeça e continuei a andar. Em vista disso, ela se levantou e me acompanhou. Hilda seguiu-a. Não perturbamos a sessão que tinha lugar na sala de estar. O Dr. Harshaw estava perorando e quase não nos notaram.

Um dos aspectos deliciosos, decadentes, sibaritas da vida em Tertius é a qualidade de seus refrescadores — se cabe aplicar essa palavra mundana. Sem tentar descrever qualquer um dos serviços desconhecidos para mim, permitam-me descrever um rico refrescador de luxo tertiano (e Lazarus era, eu tinha certeza, o homem mais rico ali) — descrevê-lo em termos de função:

Comece com seu bar ou estalagem favorito.

Acrescente uma sauna finlandesa.

E que tal um banho em estilo japonês?

Gosta de banho morno de banheira? Com ou sem hidromassagem?

A barraquinha de venda de sorvete fazia parte de sua juventude?

Gosta de companhia quando toma banho?

Que tal um bem-abastecido balcão de lanches quentes e frios ao alcance da mão?

Gosta de música? Em três-d? Revistas de sacanagem? Livros, revistas e fitas?

Exercício? Massagem? Lâmpadas solares? Brisas perfumadas?

Um lugar macio e quente para se enrodilhar e tirar um cochilo, sozinho ou acompanhado?

Pegue tudo isso, misture bem e instale em um salão grande, belo, bem iluminado. A lista ainda assim não descreve o refrescador social contíguo ao camarote de Lazarus Long, uma vez que omite o aspecto mais importante.

Dora.

Se há algum capricho que o computador da nave não possa satisfazer, não passei ali tempo suficiente para descobrir.

Não provei imediatamente de todos esse luxos. Tinha antes um dever a cumprir com um gato. Sentei-me a uma mesa redonda de tamanho médio, do tipo que quatro amigos podem usar para tomarem drinque, coloquei nela o gatinho, estendi a mão para ele. Em vez disso, foi Jane Ell que o sentou e lhe ofereceu a comida. Burroughs veio nos fazer companhia.

O gatinho cheirou a comida que estivera comendo gulosamente minutos antes e em seguida fez uma representação histriônica, inspirada demonstração a Jane Ell que estava horrorizado com o ato dela, oferecendo-lhe algo impróprio para gatos. Jane Ell disse:

— Dora, acho que ele está com sede.

— É só dizer. Mas não esqueça que a gerência não me permite servir bebidas alcoólicas a menores, a não ser para fins de sedução.

— Deixe de se exhibir, Dora. O Coronel Campbell pode acreditar. Vamos oferecer ao neném água e leite integral, separadamente. E à temperatura do sangue que para gatinhos é...

— Trinta e oito, vírgula oito graus. Já estão vindo. Hilda falou de um mergulho — não um tubo de descanso, acho — a alguns metros:

— Jay Ell? Venha se encharcar aqui, querida. Deety tem umas fofocas deliciosas.

— Hummm... — A menina parecia dilacerada pela dúvida. — Coronel Campbell, o senhor cuida de Pixel agora? Ele gosta de lambar o líquido no seu dedo. É a única maneira de fazer com que ele beba o suficiente.

— Farei isso à sua maneira.

O gatinho não gostava de beber dessa maneira... embora parecesse possível que eu morresse de velhice antes de fazer com que tomasse 10 mililitros. O gatinho, porém, não estava com pressa. Hazel saiu do tubo de descanso e veio nos fazer companhia, gotejando água. Beijei-a cautelosamente e disse:

— Esse cabelo está empapado de água.

— Não vai estragar o cabelo. O que foi isso sobre Lazarus fazendo novamente uma cena?

— Aquele filho da mãe!

— No caso dele isso é meramente descritivo. O que foi que aconteceu?

— Humm... talvez eu tenha reagido em excesso. É melhor perguntar ao Dr. Burroughs.

— Jacob?

— Não, Richard não reagiu em excesso. Lazarus foi ofensivamente grosseiro

com todos nós quatro. Em primeiro lugar, Lazarus não tem nada de querer supervisionar a seção de matemática. Ele não é matemático em qualquer sentido profissional e não está qualificado para supervisionar. Em segundo, todos nós na seção conhecemos as idiossincrasias recíprocas e nunca interferimos no trabalho do outro. Lazarus, porém, expulsou-nos, a mim, Deety e Jane Libby, porque ousamos falar durante alguns momentos sobre um assunto que não estava na agenda dele... totalmente alheio ao fato, ou não se importando que eu e minhas filhas usamos um modo de meditação de dois níveis. Hazel, consegui me controlar. Consegui, realmente, querida. Você teria ficado orgulhosa de mim.

— Eu sempre me orgulho de você, Jacob. Eu não teria me controlado. No trato com Lazarus, você deve usar aquela dica de Sir Winston Churchill e pisar nos dedões dele até que ele peça desculpa. Lazarus não aprecia boas maneiras. Mas o que foi que ele fez com Richard?

— Disse-lhe que levasse o gato da mesa de conferência. Ridículo! Como se pudesse estragar aquela mesa incrementada se este gatinho fizesse xixi nela.

Hazel sacudiu a cabeça e ficou séria, o que não combina com seu rosto.

— Lazarus sempre foi um osso duro, mas desde que começou esta campanha — Suserano, quero dizer — ele tem se tornado cada vez mais difícil. Jacob, sua seção andou fornecendo a ele prognósticos sombrios?

— Alguns. Mas a verdadeira dificuldade é que são vagas demais nossas projeções a longo prazo. Isto pode ser enlouquecedor, sei, porque quando uma cidade é destruída, isto *não* é nítido e chocante. Se mudamos a história, não estamos na verdade não-destruindo a cidade, mas simplesmente iniciando uma nova vertente temporal. Precisamos projeções que nos permitam mudar a história *antes* que a cidade seja destruída. — Olhou para mim. — Esse o motivo por que é tão importante resgatar Adam Selene.

Assumi uma expressão estúpida — meu melhor papel.

— A fim de melhorar o bom humor de Lazarus?

— Indiretamente, sim. Precisamos de um computador supervisor que possa dirigir, programar e monitorar outros grandes computadores na criação de projeções multiuniversais. O maior computador supervisor que conhecemos é o que existe neste planeta, Athene, ou Teena, e sua irmã gêmea em Secundus. Mas o tipo de projeção a que me refiro é um trabalho *muito* mais vasto. As funções públicas em Tertius são na maior parte automatizadas com segurança contra falhas, e Teena intervém apenas como quebradora de galhos. Mas Holmes IV — Adam Selene, ou Mike —, através de um conjunto de estranhas circunstâncias, cresceu, cresceu e cresceu sem que ninguém aparentemente tentasse manter seu tamanho no ponto ótimo... e em seguida sua capacidade de autoprogramação aumentou imensamente com um desafio sem igual: dirigir a

Revolução Lunar. Coronel, não acho que qualquer cérebro ou cérebros humanos pudessem, de qualquer maneira, ter escrito os programas que Holmes IV autoprogramou-se para poder cuidar de todos os detalhes daquela revolução. Minha filha mais velha, Deety, é uma grande especialista em programação. Ela diz que um cérebro humano não poderia fazer aquilo e que, em sua opinião, uma inteligência artificial o conseguiria apenas da maneira como Holmes IV agiu — ao ter que responder ao desafio final: "Descubra, vá até o fim, ou morra." De modo que precisamos de Adam Selene — ou de sua essência, dos programas que ele escreveu para se autocriar. Porque *nós* não sabemos como fazer isso.

Hazel olhou para a piscina.

— Aposto que Deety poderia fazer isso. Se tivesse que.

— Obrigado, querida, em nome de minha filha. Mas ela não é dada à falsa modéstia. Se pudesse fazer isso, ou pensasse que tinha mesmo uma remota possibilidade, estaria trabalhando nisso agora mesmo. Da forma como estão as coisas, faz o que pode, trabalha duro para acoplar o banco de computadores que temos.

— Jacob, odeio dizer isto... — Hazel hesitou. — Talvez não deva.

— Então não diga.

— Preciso tirar isto do peito. Papai Mannie não está otimista com os resultados, mesmo se tivermos sucesso total em recuperar todos os bancos de memória e programas que constituem o essencial de Adam Selene — ou "Mike" como papai Mannie o chama. Ela acha que seu velho amigo ficou tão ferido no último ataque — eu me lembro até hoje, foi horrível! — Mike ficou tão ferido que imergiu em uma catatonia de computador e que nunca mais acordará. Durante anos papai tentou despertá-lo, após a revolução, quando teve acesso livre ao Complexo Executivo. Ele não entende como trazer essas memórias e programas para cá, e como fazer aqui. Oh, ele quer tentar, está ansioso, ele ama Mike. Mas não tem esperança.

— Quando estiver com Manuel novamente diga-lhe para se alegrar. Deety bolou uma solução.

— Foi mesmo? Oh, tomara que sim!

— Deety vai fornecer a Teena muito mais capacidade ociosa, tanto para memória quanto para manipulação de símbolos, pensamentos... e depois botará Mike na cama com Teena. Se isso não trouxer Mike de volta à vida, nada mais o fará.

Meu amor pareceu surpreso e depois soltou uma risadinha.

— Sim, isso deve resolver.

Voltou à piscina e eu soube por Jacob Burroughs por que sua filha Deety referia-

se em termos tão emotivos ao Pai da Bomba Atômica. Ela vira — eles haviam visto, todos os quatro, sua própria casa ser apagada por uma bomba atômica — uma bomba de fissão, inferi, mas Jake não mencionou esse fato.

— Coronel, é uma coisa ler uma manchete ou ouvir um noticiário. E outra inteiramente diferente quando é sua própria casa que uma nuvem em cogumelo está cobrindo.

— Nós — continuou ele — fomos desapossados, nunca poderemos voltar para casa. Em nossa vertente temporal nada há para mostrar que nós quatro — eu, Hilda, Deety, Zeb — jamais existimos. As casas onde outrora vivemos desapareceram, nunca existiram, a terra as cobriu sem deixar cicatrizes.

Parecendo-me tão solitário como Ulisses, ele prosseguiu:

— Lazarus enviou um agente de campo do Comando do Tempo de volta a... Dora? Posso falar com Elizabeth?

— Pode começar.

— Lib, amor. Coloque aquela roseta que Pete queria... ou foi Archie? Fixe a data mais próxima de vigilância. Recue três anos. Evacue.

— Paradoxo, Jacob.

— De fato. Coloque esses três anos em um *loop*^[3], acione-os, solte-os. Confira.

— Confiro com você, querido. Mais?

— Não. Desligo. Burroughs continuou:

— ... enviou um agente de campo à nossa vertente temporal a fim de tentar nos encontrar, em qualquer ponto no espaço de 50 anos entre meu nascimento e a noite em que corremos como o diabo para salvar a vida. Nós não estamos lá, absolutamente. Nós nunca nascemos. Zeb e eu tínhamos carreiras militares, além de carreiras universitárias. Não constamos nos assentamentos militares nem nos registros das universidades. Há registro de meus pais... mas eles nunca *me* tiveram. Coronel, em todas as dezenas, centenas de maneiras através das quais cidadãos eram registrados no século XX nos Estados Unidos da América do Norte nenhum traço pode ser encontrado de que jamais estivemos lá.

Burroughs suspirou.

— Gay Tapadora não só salvou nossas vidas naquela noite, mas também nossa própria existência. Efetuou ação diversificada tão rápida que a Besta perdeu a pista... O que é, querida?

Jane Libby estava de pé ao nosso lado, gotejando água, olhos arregalados.

— Papai?

— Diga, amor.

— Precisamos daqueles sensores que Pitágoras queria, mas eles devem recuar muito mais, oh, 10 anos ou mais. Depois, quando eles identificarem a pulsação a qual o Suserano, ou quem quer que seja, tenha começado a vigiar o QGT, recuar mais e evacuar. Colocar *em loop* e inserir correção e eles nunca desconfiarão que nós os flanqueamos. Eu disse a Deety e ela acha que pode dar certo. Acho que vai dar. O que é que você acha?

— Vamos pôr sua mãe na linha e explico o plano a ela. Dora, ligue-me novamente com Elizabeth, por favor.

Nada em seu rosto ou maneiras sugeria que ele falara pouco antes com Libby Long, propondo que era (tanto quanto eu podia entender) o mesmo plano.

— Elizabeth? Uma mensagem de nossa campeã de pingue-pongue. Jane Libby disse para colocar aquela roseta menos 10 anos, fixar primeira vigilância, recuar — ou, digamos, três anos — evacuar, colocar em um *loop* e inserir correções. Deety e eu achamos que funcionará. Por favor, submeta isso ao grupo, crédito para Jane Ell, com votos de Deety e meu consignados.

— E o meu.

— Você tem filhas sabidas, amante minha.

— Isto porque escolho pais sabidos, senhor. E bons. Bons para os filhos e bons para as esposas. Desliga?

— Desligo. — E Burroughs acrescentou à mocinha à espera: — Seus pais estão orgulhosos de você, Janie. Prevejo que a seção de matemática produzirá um parecer unânime nos próximos minutos. Você respondeu à objeção colocada por Lazarus — uma objeção inteiramente legítima — propondo uma solução segundo a qual não importa quem fez isso conosco. Podemos reparar em segurança o dano sem saber quem o praticou. Mas notou que seu método pode também identificar quem fez isso? Com um pouco de sorte.

Jane Libby deu a impressão de que acabava de receber o Prêmio Nobel.

— Notei. Mas o problema exigia apenas evacuação segura. O resto será uma descoberta feliz e inesperada.

— "Descoberta feliz e inesperada" é outra maneira de dizer "sabido". Pronta para comer alguma coisa? Ou quer voltar para o tanque? Ou as duas coisas? Por que não jogam na água o Coronel Campbell, com roupa e tudo? Deety e Hilda a ajudarão, tenho certeza, e acho que Hazel poderia topá-lo.

— Hei, espera aí! — protestei.

— Medroso!

— Coronel, nós não vamos fazer isso com o senhor! Papai está brincando.

— Brincando uma ova.

— Jogue seu pai primeiro, para praticar. Se ele não se machucar, eu me submeto sem protesto.

— Miau!

— Você fique fora disto!

— Janie, meu bebê.

— Sim, paizinho?

— Descubra quantos pedidos há de leite maltado de morango e cachorros-quentes, ou fac-símiles absurdos. Enquanto estiver fazendo isso, eu penduro minhas roupas no secador — e se o coronel for sabido, fará o mesmo, também. Coronel, esta é uma turma turbulenta, especialmente nesta combinação exata — Hilda, Deety, Hazel e Janie. Explosiva. Quem cuida do gatinho?

Uma hora depois, Dora (uma pequena luz azul) levou-nos ao nosso camarote. Hazel levava o gatinho e o pires. Eu levava nossas roupas, o outro pires e a bolsa dela. Eu me sentia agradavelmente cansado e prelibava uma sessão de cama com minha esposa. Há muito tempo que ela não compartilhava de minha cama. Segundo meu ponto de vista, havíamos perdido duas noites... não muito para um velho casal, mas demais para uma lua-de-mel. E a moral disto é a seguinte: não se deixe surrar em sua lua-de-mel.

Do ponto de vista dela fora... um mês?

— Melhor das mulheres, há quanto tempo? Aquele campo Lethe deixou bagunçado meu senso de tempo.

Hazel hesitou.

— Aqui foram 37 dias tertianos. Mas, para você, deve parecer da noite para o dia. Bem, duas noites... porque, quando voltei para a cama na noite passada você estava roncando. Odiei-me um pouco, mas não muito. Aqui está nosso lugarzinho.

("Lugarzinho", realmente! Era maior do que minha suíte de luxo no Regra de Ouro e mais suntuosa... com uma cama maior e melhor.)

— Esposa, tomamos banho no Taj Mahal de brinquedos de Lazarus Long. Não tenho mais que tirar minha perna de cortiça e cuidei de tudo mais naquele Taj Mahal. Se você tem alguma coisa a fazer, faça. Mas seja rápida! Estou ansioso.

— Nada. Mas temos que cuidar de Pixel.

— Botaremos esse pires no refrigerador, fecharemos ele lá dentro e o soltaremos depois.

Fizemos isso e fomos para a cama, e foi maravilhoso, e vocês não têm nada a ver com os detalhes. Algum tempo depois, Hazel avisou:

— Fomos acoplados.

— Ainda estamos.

— Quero dizer: temos companhia.

— Foi o que notei. Ele subiu nas minhas omoplatas há algum tempo, mas eu estava ocupado e o peso era quase nenhum, de modo que não disse nada. Você pode pegá-lo e evitar que ele role e seja esmagado enquanto a gente se desengata?

— Posso. Mas não tem pressa. Richard, você é um bom rapaz. Pixel e eu resolvemos conservá-lo.

— Simplesmente, tente se livrar de mim! Não pode. Amor, você disse uma coisa de maneira esquisita. Você disse que haviam se passado "aqui 37 dias tertianos".

Ela me olhou séria.

— Foi mais do que isso para mim, Richard.

— Eu estava em dúvida. Quanto?

— Mais ou menos dois anos. Anos terrenos.

— O diabo me leve.

— Mas, querido, enquanto você esteve doente voltei para casa todos os dias. Trinta e sete vezes vim ao seu quarto no hospital pela manhã, exatamente como prometi. Você me reconheceu todas as vezes, também, sorriu e pareceu feliz em me ver. Mas, claro, o campo Lethe fê-lo esquecer em todos os momentos em que isso aconteceu. Todas as noites eu ia embora novamente, e voltava mais tarde na mesma noite, tendo ficado ausente, em média, cerca de três semanas de cada vez. A escala não era difícil para mim, mas Gay Tapeadora fazia duas viagens todas as noites ou com as duas parselhas de gêmeos ou com a tripulação de Hilda. Deixe que eu me levante agora, querido. Pixel está em segurança. Tomamos novas e confortáveis posições.

— O que foi que você andou fazendo, ausente tanto tempo?

— Trabalho de campo para o Comando do Tempo. Pesquisa histórica.

— Acho que ainda não compreendo o que o Comando do Tempo faz. Você não podia ter esperado um mês, de modo que pudéssemos ter feito isso juntos? Ou minha cabeça está virada para trás?

— Sim e não. Pedi a missão. Richard, ando tentando descobrir o que vai acontecer depois que você e eu assumirmos o resgate de Adam Selene. Mike, o computador.

— E o que foi que descobriu?

— Nada. Nem uma só droga de coisa. Só conseguimos encontrar duas vertentes

temporais partindo desse evento... Trata-se de um evento cúspide. Você e eu criamos ambos os futuros. Procurei o que se seguiu durante quatro séculos, em ambas as vertentes — em Luna, em Terra, em várias colônias e *habitats*. Todos eles dizem ou que tivemos sucesso... ou que tentamos e morremos... ou não nos mencionam, absolutamente. Este último é o caso habitual. A maioria dos historiadores não acredita que Adam Selene fosse um computador.

— Bem... não estamos em pior situação do que antes. Ou estamos?

— Não, não estamos. Mas eu tinha que ir ver. Queria verificar antes que você despertasse. Saísse do campo Lethe, quero dizer.

— Sabe de uma coisa, pequenina, tenho uma alta opinião a seu respeito. Você é atenciosa com seu marido. E com gatos. E com outras pessoas. Hmmm... não, não é de minha conta.

— Diga logo, bem-amado, ou lhe faço cócegas.

— Não me ameace. Eu bato em você.

— O risco é seu... eu mordo. Escute, Richard, andei esperando para lhe perguntar umas coisas. Esta é a primeira vez em que estamos sozinhos. Você quer saber como a velha e sensual Hazel se comportou em matéria de fiel castidade durante dois dolorosos anos. Ou melhor, você não acredita que ela tenha assim se comportado, mas é delicado demais para dizer.

— Ora, o diabo a leve! Escute, meu amor, sou lunariano, com valores lunarianos. Amor e sexo são decididos por nossas mulheres e nós homens aceitamos as decisões delas. Se você quer bravatear um pouco, vá em frente e diga o que quer. Se não, vamos mudar de assunto. Mas não me acuse de vícios de terrenos.

— Richard, você se torna mais exasperante quando está sendo o mais razoável.

— *Quer* que eu a interrogue?

— Seria delicado.

— Diga-me, três vezes.

— Eu lhe digo três vezes, e o que lhe disser três vezes é verdade.

— Você deu uma olhada no fim do livro. Muito bem, vou limitar ao que interessa. Você é membro da Família Long, não é?

Ela prendeu a respiração.

— O que foi que o levou a dizer isso?

— Não sei. Realmente não sei porque foram muitas pequenas coisas, nenhuma das quais significou muito e a maioria não ficou gravada. Mas em um momento esta noite, enquanto falava com Jake, descobri que estava aceitando isso como natural. Enganei-me?

Ela suspirou.

— Não, você tem razão. Mas não tenciono lhe contar tudo, ainda. Entenda, estou de licença da Família, não sou membro dela neste exato momento. E não era isso o que eu tencionava confessar.

— Espere um segundo. Jake é um de seus maridos?

— É. Mas, lembre-se, estou de licença.

— Há quanto tempo?

— Até que a morte nos separe! Eu lhe prometi isso no Regra de Ouro. Richard, os livros de história mostram que você e eu estivemos casados à época do evento cúspide... de modo que pedi divórcio à Família... e aceitei uma licença. Mas ela também pode ser final... e a Família sabe disso. Eu sei. Richard, estive aqui todas as noites, em todas as noites tertianas, quero dizer — 37 vezes... mas nunca dormi com a Família. Eu... geralmente dormia com Xia e Choy-Mu. Eles foram bons para mim. — E acrescentou: — Mas nem uma única vez com um Long. Com nenhum deles, macho ou fêmea. Eu fui fiel a você, à minha maneira.

— Não vejo porque você precisa se privar. Neste caso, você é também uma das esposas de Lazarus. De licença, mas esposa. Aquele velho sátiro ranheta. Hei! É possível que ele esteja com ciúmes de mim? Diabo, sim, não só é possível mas provável. Certo! Ele não é lunariano, não foi condicionado a aceitar "A Escolha pela Mulher". E vem de uma cultura em que o ciúme era a doença mental mais comum. Claro! Ora, o tolo filho da mãe!

— Não, Richard.

— Não, uma ova.

— Richard, todo ciúme foi lixiviado dele há muitas gerações... e estou casada com ele há 13 anos, com oportunidade de sobra para julgar isso. Não, querido, ele está preocupado. Está preocupado comigo e preocupado com você — ele sabe como a situação é perigosa —, e está preocupado acima de tudo com a Família e com todo Tertius. Porque sabe como é perigoso o multiuniverso. Ele está dedicando a vida e toda sua riqueza para tentar tornar seguro seu povo.

— Bem... eu gostaria de ter sido um pouco mais delicado a este respeito. Maneiroso. Polido.

— Eu também. Hei, tome o gatinho. Vou fazer xixi. Depois volto por um pouco de sono.

— Eu também. Ambos. Os dois. Poxa, como é bom sair da cama e ir até a privada sem ter que saltitar.

Estávamos bem abraçadinhos, luzes apagadas, a cabeça dela no meu ombro e o gatinho andando pela cama, nós dois quase dormindo, quando ela murmurou:

— Richard, esqueci... Ezra...

— Esqueceu o quê?

— As pernas dele. Quando... ele andou pela primeira vez com elas... com muletas. Há três dias, acho... há três meses para mim. Xia e eu demos os parabéns a ele... horizontalmente.

— A melhora maneira.

— Nós o levamos para a cama. Deixamos ele esgotado.

— Boas meninas. O que é que há mais de novidade? Ela parecia ter dormido. Mal consegui murmurar:

— Wyoming.

— O quê, querida?

— Wyoh, minha filha. A mocinha que estava brincando na fonte... você se lembra?

— Sim, sim. Sua filha? Oh, maravilhoso!

— Eu a apresento... pela manhã. Dei a ela o nome... em homenagem a mamãe Wyoh. Lazarus...

— Ela é filha de Lazarus?

— Acho que sim. Ishitar diz que sim. Certamente... ele teve um bocado de oportunidade.

Tentei me lembrar do rosto da criança. Uma coisinha linda, com cabelos ruivos brilhantes.

— Parece mais com você.

Hazel não respondeu. Respirava lenta e uniformemente. Senti patas no meu peito e depois uma coceira no queixo.

— Miau?

— Cale a boca, neném. Mamãe está dormindo.

O gatinho acomodou-se e foi dormir. De modo que terminei o dia como o havia iniciado, com um gatinho dormindo em cima de meu peito. Fora um dia movimentado.

XXVII

"É medíocre a memória que só trabalha para trás."

Charles Lutwidge Dodgson, 1832-1898

— Gwendolyn, meu amor.

Hazel parou com o limpa-dentes na mão e pareceu surpresa.

— Sim, Ricahrd?

— Este é o nosso primeiro aniversário. Temos que comemorar.

— Estou inteiramente disposta a comemorar, mas não entendo sua aritmética. E comemorar como? Um jejum incrementado? Ou voltando para a cama?

— Ambos. Mais um regalo especial. Mas coma primeiro. Quanto à minha aritmética, preste atenção. É nosso aniversário porque estamos casados há exatamente uma semana. Sim, sei que você pensa nisso como dois anos...

— Não penso! Não conto. Tal como o tempo passado em Brooklyn.

— E você me disse que estou aqui há 37, 38, 39 dias, mais ou menos. Mas não são 39 dias para mim, Gwen Hazel, uma vez que Alá não vai subtrair de meu período de vida esses dias passados no campo Lethé. De modo que não os conto. Diabo, eu não acreditaria neles se não fosse o fato de eu ter agora dois pés...

— Está se queixando?

— Oh, não! Exceto que, agora, vou ter que cortar duas vezes mais unhas...

— Miau!

— O que é que você sabe sobre isso? Você não tem unhas, tem garras. E você me arranhou de noite, arranhou. Sim, arranhou... e não banque o inocente. Na noite de segunda-feira, 13 de junho... de 2188, foi isso, embora eu não tenha certeza do ano em que estamos aqui... fomos assistir ao Halifax Ballet Theater, com Luanna Pauline no papel de Titânia.

— Isso mesmo. Ela não é linda?

— Não, era! Tempo passado, querida. Se o que me contaram é verdade, a beleza etérea dela tem sido poeira há mais de dois mil anos. Que descanse em paz. Depois, fomos ao Rainbow's End para a ceia e um estranho completo teve o mau gosto de ser inesperadamente assassinado em nossa mesa. Depois do que, você me estuprou.

— Não na mesa!

— Não, no meu apartamento de solteiro.

— E não foi estupro.

— Não precisamos brigar sobre isso, uma vez que você limpou minha reputação maculada antes do meio-dia do dia seguinte. Nosso dia de núpcias, meu verdadeiro amor. A Sra. Gwendolyn Novak e o Dr. Richard Ames anunciaram seu casamento na terça-feira, 1º de julho de 2188. Grave essa data.

— Não é provável que eu a esqueça!

— Nem eu. Naquela noite, saímos às pressas da cidade, com os cães do xerife ganindo em nossos calcanhares. Naquela noite dormimos no Pressurizado Ossos Secos. Certo?

— Certo, até agora.

— No dia seguinte, quarta-feira, dia 2, Gretchen nos levou ao Pressurizado Dragão Feliz. Dormimos naquela noite na estalagem do Dr. Chan. No dia seguinte, quinta-feira, dia 3, titia nos levou para Hong Kong Luna, mas não o caminho todo, porque encontramos aqueles entusiásticos reformadores agrários. Você guiou o resto do caminho e acabamos no hotel de Xia tão tarde da noite que nem adiantava ir dormir. Mas fomos. Isto nos coloca na sexta-feira, 4 de julho. Dia da Independência. Confere?

— Confere.

— Fomos despertados... *eu* fui despertado. Você já tinha saído... fui despertado cedo demais na manhã de sexta-feira... e descobri que a Prefeitura não gostava de mim. Mas você e titia me salvaram e fomos para Luna City tão ligeiro que deixei minha peruca flutuando no ar.

— Você não usa peruca.

— Agora, não mais. Ela continua flutuando lá. Chegamos a L-City cerca de 16h da mesma sexta-feira. Você e eu tivemos uma discussão...

— Richard! *Por favor*, não desenterre meus pecados passados.

— ... que foi resolvida logo que percebi os erros de meu comportamento e implorei seu perdão. Dormimos naquela noite no Raffles. Era ainda sexta-feira, 4 de julho, quando fomos para a cama. Havíamos iniciado aquele dia a muitos quilômetros a oeste dali, com os combatentes da liberdade alegrando-me com armas. Ainda está me acompanhando?

— Estou. De alguma maneira, em minha memória, isto parece muito mais demorado.

— Uma lua-de-mel nunca é suficientemente demorada e estávamos tendo uma bem movimentada. Na manhã seguinte, sábado, contratamos Ezra e depois fomos ao Complexo Administrativo... voltamos e fomos emboscados na entrada do Raffles. Assim, saímos do Raffles às pressas em uma nuvem de cadáveres, escapando por uma cortesia de Gay Tapeadora e do Comando do Tempo. Por um certo momento, estivemos na terra de minha inocente juventude, Iowa, onde

crece o alto milho. Depois, num abrir e fechar de olhos, chegamos à Tertius. Amada minha, neste ponto meu calendário de minhoca torna-se inútil. Saímos de Luna na noite de sábado, dia 5, chegamos aqui em Tertius alguns minutos depois, de modo que para nossas finalidades designo o dia tertiano de nossa chegada como equivalente a sábado, 5 de julho de 2188. Não importa o que os cidadãos tertianos o chamam. Isto apenas me confundiria. Continua me seguindo?

— Bem... tudo bem.

— Obrigado. Acordei na manhã seguinte — domingo, 6 de julho — com dois pés. Em Tertius, o lapso de tempo foi, concedo, de 37 dias. Você me disse que para você foram cerca de dois anos, uma história muito improvável... eu preferiria acreditar em unicórnios e em virgens. Para Gretchen, passaram-se cinco ou seis anos, o que sou obrigado a estipular porque ela tem agora 18 anos ou 19 e está grávida. Tenho que acreditar nisso. Mas para mim foi apenas uma noite, de sábado para domingo. Naquela noite de "domingo", dormi com Xia, Gretchen, Minerva, Galahad, Pixel e, possivelmente, Tom, Dick e Harry e suas namoradinhas Agnes, Mabel e Becky.

— Quem são elas? As moças, quero dizer. Conheço os rapazes. Bem demais.

— Sua pobre, doce, inocente criança. Você é jovem demais para saber. Surpreendentemente, dormi bem. O que nos traz a ontem, designado segundo numeração rigorosa como segunda-feira, 7 de julho. Passamos a noite passada recuperando o tempo perdido na lua-de-mel... E obrigado por sua exibição de virtuosismo, amada minha.

— Não há de quê, senhor. Mas o prazer foi compartilhado. E agora vejo que chegou àquela data. Tanto pelo calendário de Terra quanto por seu relógio biológico — o relógio básico, como sabe todo viajante do tempo — hoje é terça-feira, dia 8 de julho. Feliz aniversário, querido!

Paramos para trocar alguma saliva, Hazel chorou e meus olhos se umedeceram. O desjejum foi formidável. Esta é toda descrição que posso fazer, uma vez que Gwen Hazel resolveu regalar-se com comida tertiana e fez consultas a Dora em um campo abafador, e eu comi o que estava na minha frente, como o agricultor de Iowa mandou gravar em sua lápide mortuária. E o mesmo fez Pixel, brindado com alguns pratos especiais que pareciam lixo mas que para ele tinham o sabor de ambrosia, a julgar por seu comportamento.

Havíamos justamente terminado nossa segunda xícara de — não, nada de café — e estávamos prestes a ir para a mansão Long a fim de eu receber meu "brinde especial", isto é, conhecer minha nova filha, Wyoming Long... quando Dora falou:

— "Aviso especial: Vertente temporal, data, hora e localização. Oficial. Por

favor, preparem-se para acertar seus marcadores de tempo ao ouvirem a pulsação." — Hazel pareceu surpresa, pegou apressada a bolsa, enfiou nela a mão e tirou alguma coisa que eu não vira antes. Chamem-na de cronômetro. — "Estamos em órbita estacionária em torno de Tellus, Sol III, na vertente temporal três, codinome 'Neil Armstrong'. A data é terça-feira, 1º de julho..."

— Deus do céu! Voltamos para onde estávamos! O dia de nosso casamento!

— Cale a boca, querido! Por favor!

— "... gregoriano. Repito: vertente temporal três, Sol III, 1º de julho, ano 2177, gregoriano. Ao ouvirem a pulsação serão, na zona cinco, 09h45min. *Plim*. Os que estão equipados para receber correção sonora aproximada esperem pelo tom"...

A coisa começou com uma nota grave e subiu até doer em meus ouvidos. Dora acrescentou:

— Outro *plim* temporal e correção sônica serão dados dentro de cinco minutos, hora a bordo ou hora na zona cinco, Tellus, que estão alinhadas com a hora legal oficial designada como "dia" para ponto de interceptação nesta vertente temporal. Hazel, amor, uma particular para você.

— Sim, Dora?

— Aqui estão os sapatos de Richard... (Plunk e eles caíram em cima da cama. Vindo de parte nenhuma.) ... e as duas outras roupas dele... (Plop.) ... e acondicionei as roupas de baixo e meias com elas. Quer que eu adicione uns dois uniformes de pára-quedista? Tomei as medidas de Richard enquanto vocês dormiam. Estas não são laváveis, são feitas de tecido Hércules, não sujam, não podem se gastar.

— Quero, Dora, e obrigada, querida. Foi muito atencioso de sua parte. Eu ainda não comprara para ele nada senão trajes de passeio.

— Eu notei. (Plop — outro embrulho.) — Dora continuou: — Estivemos carregando e descarregando a noite toda. Os últimos hóspedes saíram às 09, mas eu falei à Capitã Laz sobre seu desjejum de aniversário, e ela não permitiu que Lazarus os incomodasse. Mensagem de Lazarus: se lhes for conveniente, poderão ter a gentileza de acabar com essa frescura e se apresentar no QGT? Fim da mensagem. Transmissão da ponte de comando, ao vivo.

— Hazel? Capitão Laz falando. Vocês dois podem deixar a nave às 10h? Eu disse a meu intransigente irmão que 10h era o tempo de partida que ele poderia esperar.

Hazel suspirou.

— Sim, iremos para a nave de bolso imediatamente.

— Ótimo. Parabéns a ambos de minha parte e de Lor e Dora. Que esta data se

reproduza por muitos e muitos anos! Foi um prazer tê-los a bordo.

Chegamos à nave de bolso com dois minutos de sobra, eu carregado com os embrulhos e o gatinho e me acostumando aos novos sapatos — bem, um velho, o outro novo. Descobri que "nave de bolso" referia-se à nossa velha amiga Gay Tapeadora. O fim de um curto corredor levava diretamente a uma porta em seu costado direito. Mais uma vez, senti falta daqueles banheiros em dobra temporal. Os netos de Hazel pilotavam para nós e nos disseram que ocupássemos os assentos de trás. Pol saiu da nave e nos recebeu:

— Oi, vovó! Bom dia, senhor.

Eu disse bom-dia e Hazel beijou os dois netos, de passagem, nada de perder segundos, sentamos e colocamos os cintos de segurança. Cas pediu comunicação de condições:

— Comunique estado de cintos de segurança.

— Cintos de segurança em posição — comunicou Hazel.

— Ponte! Pronto para decolagem. Laz respondeu:

— Lançamento executado.

Instantaneamente estávamos no céu e em estado de imponderabilidade. Pixel começou a espernear. Engaiolei-o com as duas mãos. Acho que era a imponderabilidade que o espantava... mas como podia ele dizer? Para começar, ele não pensava nada.

A Terra apareceu a estibordo, aparentemente cheia, embora não fosse possível saber com certeza de tão perto assim. Estávamos de frente para a parte média da América do Norte, o que me disse que Laz era mais do que um piloto meramente competente. Caso houvéssemos estado na habitual órbita de 24 horas, concêntrica com o equador da Terra, estaríamos sobre o equador a 90 oeste, isto é, sobre as ilhas Galápagos. Achei que ela escolhera uma órbita inclinada em cerca de 45 graus e sincronizada para 10h, de bordo — e tomei uma nota mental para conferir isso depois, se e quando eu pudesse dar uma olhada no diário de navegação.

(Um piloto não pode deixar de conferir o trabalho de todos os demais pilotos. É uma espécie de doença profissional. Sinto muito.)

De repente entramos na atmosfera, descendo 36 mil quilômetros no tempo de uma pulsação. Gay espalhou as asas. Cas inclinou-lhe o nariz, nivelou, e mais uma vez tivemos peso, a uma gravidade — e Pixel gostou ainda menos dessa mudança. Hazel tomou-me Pixel e acalmou-o. Ele se aquietou. Sentia-se, acho, mais seguro com ela.

Com as asas recolhidas para hipersônico, a única maneira como a vira, Gay é principalmente um foguete. Com as asas abertas possui grande área de sustentação, e plana que é uma beleza. Estávamos a uns mil metros de altura, mais ou menos alguns metros, e sobre terra agrícola em um belo dia de verão — claro, salvo por nuvens *cumulus* aqui e ali no horizonte. Um dia para um homem sentir-se jovem novamente...

— Tomara — disse Cas — que a translação não o tenha incomodado. Se eu tivesse deixado isto ao critério de Gay, ela o teria posto no chão em um único salto. Ela fica nervosa com fogo antiaéreo.

— Eu *não* sou nervosa. Sou racionalmente prudente.

— Você está certa, Gay. Ela tem razão para ter cuidado. Os Avisos de Precaução a Pilotos relativos a este planeta, nesta vertente temporal e neste ano, dizem que devemos supor armas antiaéreas em volta de todas as metrópoles e grandes cidades. De modo que Gay desce abaixo do radar que comanda as baterias antiaéreas...

— Sua esperança — disse a nave.

— ... de modo que aparecemos simplesmente como um avião subsônico particular no radar do controle de tráfego aéreo, se houver. Isto é, não há nenhum no lugar onde nos encontramos.

— Otimista — zombou a nave.

— Deixe de encher. Já localizou seu ponto de pouso?

— Há muito tempo. Se deixar de perder tempo e me der permissão, pouso logo.

— Como quiser, Gay. Virei-me para Hazel:

— Hazel, eu estava esperando conhecer minha nova filha mais ou menos por esta ocasião. Wyoming.

— Não se aborreça, querido, ela nunca saberá que estivemos viajando. Esta é a maneira de levar a coisa até que essa criança tenha idade para compreender.

— Ela não vai saber, mas eu vou. Estou desapontado. Muito bem, vamos esquecer isso.

A paisagem piscou novamente e estávamos no chão. Cas recomendou:

— Por favor, verifiquem se não estão deixando alguma coisa a bordo.

Logo que descemos e nos afastamos da nave, Gay Tapeadora desapareceu. Olhei para o espaço que ela ocupara. Vi a casa de meu tio Jock a uns 200 metros de distância.

— Hazel, em que data Dora disse que estamos?

— Terça-feira, 1º de julho de 2177.

— Foi isso o que pensei ter ouvido. Mas quando pensei bem, cheguei à conclusão de que eu devia ter-me enganado. Agora vejo que ela não estava brincando: 77. Onze anos no passado. Amor, aquele velho celeiro caindo aos pedaços é onde aterramos no sábado passado, há três dias. Você me empurrou na cadeira de rodas de Ezra até a casa. Amor, o celeiro que estamos vendo foi demolido há anos. Aquilo é apenas o fantasma dele. Isto é ruim.

— Não se amole com isso, Richard. Em saltos no tempo a gente se sente assim, na primeira vez em que entra em um *loop*.

— Eu já vivi todo o ano de 2177! Não gosto de paradoxos.

— Richard, trate a situação exatamente como o faria em qualquer outro lugar, em qualquer outro tempo. Ninguém vai notar o paradoxo, de modo que, ignore-o também. A probabilidade de ser reconhecido enquanto vive paradoxalmente é de zero para qualquer era fora de seu próprio tempo de vida normal... mas, em geral, de apenas um em um milhão mesmo que você salte no tempo até um lugar perto de casa. Você saiu desta área quando era muito jovem, não?

— Eu tinha 17 anos no ano 2150.

— Então, esqueça. Você não pode ser reconhecido.

— Tio Jock vai me reconhecer. Voltei para visitá-lo algumas vezes. Embora não recentemente. A menos que você conte aquela visita há três dias.

— Ele não vai lembrar-se de nossa visita há três dias...

— Não vai, hem? Claro, ele tem 116 anos de idade. Ou terá dentro de 11 anos, a partir de hoje. Mas não está senil.

— Você tem *razão*, ele certamente não está senil. E tio Jock está acostumado a *loops* temporais. Como você deve ter descoberto a esta altura, ele pertence ao Comando do Tempo e é bem antigo. Na verdade, é o chefe de estação mais graduado da América do Norte na vertente temporal três. A evacuação na noite passada do QGT foi feita para esta estação. Não percebeu isso?

— Hazel, eu nem passei dos rudimentos ainda. Há 20 minutos eu me encontrava em nosso camarote — Dora estava estacionada no solo em Tertius, ou foi isso o que pensei — e eu estava pensando se devia tomar ou não outra xícara ou levá-la de volta para a cama. Desde então, estou correndo tão rápido quanto posso para me emparelhar com minha própria confusão. Sem êxito. Sou apenas um velho soldado e um escritor comercial inofensivo. Não estou acostumado a estas aventuras. Vem, vamos. Quero que você conheça minha tia Cissy.

Gay nos colocara no chão no lado da estrada que passa em frente da casa de tio Jock. Andamos pela estrada por algum tempo, eu carregando os embrulhos e girando a bengala e Hazel com a bolsa de mão e o gatinho. Há alguns anos, tio

Jock mandou construir em volta de sua fazenda uma cerca muito mais sólida do que era comum em Iowa naqueles dias. Mas não fora construída ainda quando saí de casa e me alistei em 2150. Mas estava quando a visitei em... 2161? Mais ou menos.

A cerca era uma grossa tela de aço, dois metros de altura e cavaletes de seis fios de arame farpado por cima de tudo isso. Acho que o arame farpado foi acrescentado depois. Não me lembro.

Nas partes internas dos cavaletes havia fios de cobre montados em isoladores de cerâmica. A cada 20 metros, uma tabuleta:

*PERIGO!!!
Não Toque Sem Abrir
O Comutador — Mestre # 12*

No portão, outra tabuleta, maior:

*AGÊNCIA DE LIGAÇÃO INTERBUREAU
Divisão de Pesquisa Bio-ecológica
Escritório Distrital
Entrega de Materiais Radioativos
pelo Portão Quatro — Apenas
nas Quartas-feiras
7-D-92 — 10-3so
Os Impostos que Você Paga Convertidos em Serviços*

Pensativa, disse Hazel:

— Richard, não parece que tio Jock resida aqui neste ano. Ou então estamos na casa errada e Gay errou suas coordenadas. Eu talvez tenha que pedir ajuda.

— É a casa certa e tio Jock morou — mora — aqui este ano. Neste ano de 2177, sobre o qual estou mantendo a mente aberta. Essa tabuleta é a cara de tio Jock. Ele sempre teve idéias esquisitas sobre privacidade. Em certo ano, foram piranhas e um fosso.

Descobri um botão no lado direito do portão e apertei-o. Uma voz metálica, tão artificial que tinha que ser de um ator, anunciou: "Afasto-me meio metro da câmera. Mostre seu distintivo. Fique de frente para a câmera. Vire 90 graus e mostre o perfil. Esta propriedade é protegida por cães de ataque, gás e atiradores de elite."

— Jock Campbell está?

— Identifique-se.

— Sou eu, o sobrinho dele, Colin Campbell. Diga a ele que o pai da moça descobriu tudo.

A voz metálica foi substituída por outra, que reconheci:

— Dickie, você está metido novamente em encrencas?

— Não, tio Jock. Eu simplesmente quero entrar. Pensei que *você* estava me esperando.

— Alguém com você?

— Minha mulher.

— Qual é o primeiro nome dela?

— Vá pro inferno.

— Mais tarde, não me apresse. Preciso, inicialmente, saber o nome dela.

— E eu não topo a brincadeira. Vamos embora. Se encontrar Lazarus Long... ou o Dr. Hubert.. diga a ele que estou com o saco cheio dessas brincadeiras infantis e que não topo. Adeus, tio.

— Pare! Não se mova. Você está na minha mira. Virei-me sem responder e disse a Hazel:

— Vamos começar a andar, amor. A cidade fica um bocado longe, mas alguém vai aparecer e nos dar uma carona. As pessoas por aqui não são cordiais.

— Posso ligar pedindo ajuda. Da maneira como fiz no Rafles. — E levantou a bolsa.

— Pode? A ligação não seria retransmitida para esta casa, qualquer que fosse o onde, o quando ou a vertente temporal? Ou será que não consegui entender nada da coisa? Vamos começar a andar. É minha vez de levar o gato feroz.

— Tudo bem.

Hazel não parecia preocupada por não termos conseguido entrar na casa de tio Jock ou Quartel-general do Comando do Tempo, ou o que quer que fosse. Quanto a mim, sentia-me feliz, de coração leve. Eu tinha uma bela e adorável mulher. Não era mais pernetá e sentia-me anos mais moço que minha idade oficial. Se ainda possuía essa idade. O tempo estava maravilhoso, de um jeito que só Iowa conhece. Oh, seria mais quente à medida que o dia se adiantasse (é preciso sol quente para dar bom milho), mas naquele momento, às 10h15min, o tempo era ainda balsâmico. Quando esquentasse realmente, minha esposa e o gato estariam na sombra, em algum ambiente. Mesmo que tivéssemos que parar na casa da fazenda seguinte. Vejamos, de quem... Dos Tanguays? Ou o velho vendera a propriedade em 2177? Não tinha importância.

Não me preocupei com a falta da moeda corrente legal, nem com a falta de

ativos de qualquer tipo. Um belo dia de verão em Iowa não deixa espaço para preocupações. Eu podia trabalhar, e trabalharia — espalhando estêreo, se fosse o tipo de trabalho disponível. E logo depois espalharia estêreo de outro tipo, trabalhando em outras coisas à noite e nos domingos. Em 2177, Evelyn Fingerhut não havia se aposentado ainda, de modo que eu arranjaría outros pseudônimos e lhe venderia o mesmo velho lixo. As mesmas histórias — bastando retirar os números de série.

Mudar os números de série, mudar um pouco as linhas corporais, passar-lhe uma demão de pintura, cruzar a fronteira do estado, e o mundo é do cara ousado! Aí é que está o segredo do sucesso literário. Editores sempre alegam que estão à procura de novas histórias, mas não as compram. Compram a mesma "velha mistura", como antes. Porque o leitor que paga à vista quer ser distraído, não estarrecido, nem instruído, nem amedrontado.

Se as pessoas realmente quisessem novidades, o beisebol teria morrido há dois séculos... em vez de continuar sempre popular. O que pode, em nome de Deus, acontecer em um jogo de beisebol, que todos não viram muitas vezes antes? Ainda assim, pessoas gostam de assistir a jogos de beisebol. Bolas, eu mesmo gosto de assistir um jogo de beisebol acompanhado de cachorro-quente e cerveja.

— Hazel, você gosta de beisebol?

— Nunca tive oportunidade de descobrir. Quando surgiram as drogas contra aceleração, vim à Terra para me formar em direito, mas nunca tive tempo de assistir beisebol, mesmo na máquina de fazer idiotas. Trabalhei durante todo o tempo em que estudava direito e vivia muito ocupada! Foi a época em que eu era Sadie Lipchitz.

— Por que foi? Você disse que não gostava desse nome.

— Quer mesmo saber? A resposta ao "por quê?" é sempre "dinheiro".

— Se quer que eu saiba, você me diz.

— Patife. Isso aconteceu pouco depois da morte de Slim Lenke Stone e... O que, em nome de Deus, é esse barulho?

— É um automóvel.

Olhei em volta à procura da fonte da zoeira.

Começando por volta de 2150 ou um pouco antes (vi o primeiro no ano em que me alistei) o grãfinismo supremo de um fazendeiro de Iowa era possuir e dirigir uma réplica funcional do "automóvel", o veículo de transporte pessoal do século XX. Claro, não um veículo acionado por motor de combustão interna e que usava um derivado de rocha petrolífera. Mesmo na República Popular da África do Sul havia leis contra o envenenamento do ar. Mas com seu Shipstone escondido e

uma trilha sonora para fornecer o barulho de um *soi-disant* MCI, a diferença entre uma réplica funcional e um "automóvel" autêntico não era tão visível assim.

Este era a mais bacana de todas as réplicas, um Tin Lizzy, "um carro de passeio Ford, Modelo T, 1914". Era tão respeitável como a Rainha Victoria, com a qual, aliás, se parecia. E pertencia a tio Jock ... como eu desconfiara quando ouvi a barulheira infernal.

Voltei-me para Hazel:

— Hei, segure Pixel e acalme-o. Ele certamente nunca ouviu nada parecido. E afaste-se bastante do acostamento da estrada. Essas carroças têm comportamento errático.

Continuamos a andar. A réplica emparelhou conosco e parou.

— Querem uma carona, gente? — perguntou tio Jock De perto, o barulho era horrível.

Virei-me e sorri alegre para ele e respondi, articulando as palavras de modo que não podiam em absoluto ser ouvidas acima do ruído:

— Velho coroca, coroca já era há 87 anos.

— O que foi que você disse?

— O bilhar jamais substituirá o sexo, ou mesmo tomates. Tio Jock baixou a mão e desligou a trilha sonora. Continuei:

— Obrigado, tio. O barulho estava assustando nosso gatinho. Grande gentileza sua em desligá-lo. O que foi que o senhor disse? Não pude ouvir por causa do zoeira do motor.

— Perguntei se queriam carona.

— Ora, obrigado. Está indo para Crinnell?

— Eu pensava em levar vocês de volta para a casa. Por que foi que você fugiu?

— Você sabe por quê. O Dr. Hubert, ou Lazarus Long, ou qualquer que seja o nome que ele está usando esta semana, mandou-o fazer isso? Se mandou, por quê?

— Apresente-me, em primeiro lugar, se faz favor, sobrinho. E perdão, por não me levantar, madame. Este corcel é assustadiço.

— Jock Campbell, seu velho bode, não ouse fingir que não me conhece! Vou cortar e fazer castanholas de seus culhões. Pode crer!

Pela primeira vez que me lembre, tio Jock pareceu chocado e confuso.

— Madame?

Hazel, notando-lhe a expressão, disse rapidamente:

— Fomos invertidos? Desculpe. Sou a Major Sadie Lipschit, Comando do Tempo, DOL., designada para Suserano. Conheci-o em Boondock há cerca de 10 de meus anos subjetivos. O senhor me convidou para visitá-lo aqui, e fiz isso, no ano 2186, segundo me lembro. Confere?

— Confere. Uma inversão clara. Major, estou realmente contente em vê-la. Mas ainda mais feliz em saber que vou encontrá-la novamente. Vou esperar ansioso por esse momento. Hazel respondeu:

— Nós tivemos um tempo divertido, isso lhe garanto. Estou casada com seu sobrinho agora... mas você continua a ser um bode velho. Desça dessa carroça de brinquedo e me beije como se fosse a sério.

Apressado, tio Jock desatarraxou o rotor e desceu. Hazel entregou-me Pixel, o que lhe salvou a vida. Após algum tempo, o velho bode disse:

— Não, não a conheci antes. Eu não poderia esquecer nunca.

Hazel respondeu:

— Eu o conheci antes. Nunca esqueço. Deus, é bom vê-lo novamente, Jock. Você não mudou. Quando foi que passou pelo seu último rejuvenescimento?

— Há cinco anos subjetivos atrás... apenas o suficiente para ficar marinado. Mas não deixei que rejuvenecessem meu rosto. Quando foi o seu?

— Mais ou menos os mesmos subjetivos. Não estava na hora ainda, mas eu precisava de cosméticos porque pensava em casar com seu sobrinho. De modo que tomei um reforço, juntamente com o rejuvenescimento.

— Eu sei. Dickie teve que se alistar porque o cerco estava se apertando em volta dele de todos os lados. (Uma deslavada mentira!) Mas tem certeza de que seu nome é Sadie? Este não foi o nome que Lazarus me deu como palavra-teste.

— Meu nome é o que eu quero que seja, da mesma forma que com Lazarus. Meu Deus, estou contente porque transferiram o QGT para sua fazenda na noite passada! Beije-me, de novo.

O que ele fez. Finalmente, eu disse, humilde:

— Em estradas públicas, não, gente, não no condado de Poweshiek. Isto aqui não é Boondock.

— Mate-se com sua vida, sobrinho. Sadie, o Quartel-general não foi trazido para aqui na noite passada. Isto aconteceu há três anos.

"A maioria nunca tem razão."

L. Long 1912-

Voltamos no carro para a casa, Hazel na frente com tio Jock, Pixel e eu atrás com as bagagens. Como um favor a Pixel, a réplica Modelo T movia-se tão silenciosamente como um fantasma. (Fantasmas movem-se, realmente, tão silenciosos assim? Como foi que começaram esses clichês?) O portão abriu-se ao som da voz de tio Jock e nenhuma defesa letal foi acionada. Se houvesse alguma. Conhecendo tio Jock, desconfio que havia — mas não as anunciadas.

Fomos recebidos na varanda pelas tias Til e Cissy. Enquanto tio Jock entrava, minhas tias davam à minha esposa as boas-vindas com todo o calor dos costumes do campo. Depois, passei o gatinho a Hazel e fui recebida por elas mais ou menos como Hazel cumprimentara o tio, mas sem nenhum *loop* temporal para nos confundir. Poxa, era bom estar em casa! A despeito de minha adolescência um tanto tempestuosa, as recordações mais felizes de minha vida estavam ligadas e esta velha casa.

Tia Cissy parecia mais velha naquele dia, em 2177, do que me lembrava desde a última vez em que a vi — 2183, teria sido isso? Seria isto uma pista para o fato de tia Til sempre parecer ter a mesma idade? Uma viagem ocasional e Boondock podia produzir milagres.

Estariam as três — não, todas quatro, incluindo tia Belden — cumprindo alistamentos com a Fonte da Juventude como uma das mordomias?

Teria tio Jock metabolicamente a idade de 30 anos, embora conservando o rosto, o pescoço e as mãos de um velho a fim de coonestar o enigma? (Isto não é de sua conta, Richard.)

— Onde está tia Belden?

— Foi passar o dia em Des Moines — respondeu tia Til.

— Volta para a ceia. Richard, eu pensava que você estava em Marte.

Consultei o calendário que levo na cabeça.

— Pensando bem, estou.

Tia Til olhou-me atentamente.

— Você está em um *loop*?

Tio Jock apareceu justamente a tempo de dizer:

— Parem com isso! Esse tipo de conversa é proibido. Vocês todas sabem disso. E estão todas sujeitas ao Código.

Rapidamente retruquei:

— Eu não estou, o que quer que seja isso. Sim, tia Til, estou em um *loop*. Voltando de 2188.

Tio Jock fitou-me com aquele olhar que me assustava tanto quando eu tinha 10 ou 12 anos.

— Richard, o que significa isto? O Dr. Hubert disse-me que você tinha ordens de se apresentar ao Quartel-general do Comando do Tempo. Agora mesmo, fui lá dentro e telefonei a ele comunicando sua chegada. Mas não entra no Quartel-general quem não tenha prestado juramento e esteja sujeito ao Código. No mínimo, se entrasse, de lá não sairia. Você disse, antes, que estava encrencado, mas pode parar de mentir agora e me contar o que está havendo. Eu o ajudarei, se puder. Sangue é mais grosso do que água. Assim, desembuxe.

— Não estou em nenhuma encrenca que saiba, tio, mas o Dr. Hubert quer me meter em alguma. Está sugerindo a sério que minha apresentação ao Quartel-general do Comando do Tempo poderia resultar em que eu não sairia dele vivo? Não prestei juramento ao Comando e não estou sujeito ao seu Código. Se está falando sério, então eu *não* devo me apresentar ao Quartel-general. Tia Til, tudo bem se a gente passar a noite aqui? Ou isso lhe causaria embaraço? Ou a tio Jock? Sem consultá-lo, nem mesmo com os olhos, tia Til respondeu:

— Claro que você vai ficar aqui, Richard, você e sua querida esposa são bem-vindos hoje à noite, enquanto quiserem ficar e voltar. Esta é sua casa, e sempre foi.

O tio encolheu os ombros e ficou calado.

— Obrigado! Onde é que ponho estes embrulhos? No meu quarto? E preciso fazer arranjos para este feroz felino. Sobre alguma caixa de areia da última ninhada? E embora Pixel tenha tomado o café da manhã, acho que ele poderia tomar um pouco de leite.

Tia Cissy deu um passo à frente.

— Til, eu cuido do gatinho. Mas ele não é uma gracinha? Estendeu a mão. Hazel entregou-lhe o bichano.

Tia Til continuou:

— Richard, seu quarto está com um hóspede, um tal Sr. Davis. Humm, acho que, sendo julho, o quarto norte do terceiro andar seria muito confortável para você e Hazel...

— Hazel! — interrompeu-a tio Jock — Essa foi a palavra de teste que o Dr. Hubert me deu. Major Sadie, este é um de seus nomes?

— É. Hazel Davis Stone. Agora, Hazel Stone Campbell.

— Hazel Davis Stone — repetiu tia Til. — Você é por acaso a filhinha do Sr. Davis?

Minha esposa empinou bruscamente as orelhas.

— Isso depende. Há muito tempo eu era Hazel Davis. Esse se chama "Manuel Davis"? Manuel Garcia O'Kelly Davis?

— Ele mesmo.

— Meu paizinho! Ele está *aqui*?

— Vai estar na hora da ceia, espero. Mas... bem, ele tem seus deveres.

— Eu sei. Estou no Comando há 46 anos subjetivos e papai mais ou menos o mesmo tempo, acho. De modo que raramente nos vemos, sendo o Comando o que é. Oh, Deus do céu, Richard! Eu vou chorar, Faça com que eu pare!

— Eu? Moça, estou apenas esperando o ônibus. Mas pode usar meu lenço. — Que lhe ofereci.

Ela aceitou-o e enxugou os olhos.

— Bruto. Tia Till, a senhora devia ter surrado mais ele.

— Tia errada, querida. Essa era tia Abigail, que foi cobrar seu prêmio no outro mundo.

— Tia Abigail era brutal — comentei. — Usava uma vara de pessegueiro em mim. E gostava.

— Devia era ter usado um porrete. Tia Til, não posso nem esperar para ver papai Mannie. Faz tanto tempo.

— Hazel, você o viu aqui mesmo... *ali* mesmo — disse eu, apontando para um ponto a meio caminho até o velho celeiro — há apenas três dias. — Hesitei. — Ou foi há 37 dias? Trinta e nove?

— Não, não, Richard. Nenhum dos dois. Pelo meu tempo subjetivo, já fazem mais de dois anos. — E acrescentou para as outras: — Isto tudo é ainda tão novo para Richard. Ele foi recrutado, no seu tempo subjetivo, há apenas uma semana.

— Mas eu não fui recrutado — protestei. — É justamente por isso que estou aqui.

— Nós veremos isso depois, querido. Tio, isso me lembra uma coisa... E tenho que vergar um pouco o código para fazer isso. Isso não me preocupa. Sou lunariana e nunca cumpro leis que não me agradam. Mas o senhor é realmente tão vidrado em regulamentos que não vai ouvir minha conversa sobre as "próximas atrações"?

— Bem... — começou tio Jack lentamente. Tia Till soltou uma risadinha de mofa. Tio Jock voltou-se para ela e disse:

— Mulher, do que é que você está rindo?

— Eu, eu não estava.

— Humm. Major Sadie, minhas responsabilidades e deveres requerem uma certa flexibilidade na interpretação do Código. Isso é alguma coisa que eu preciso saber?

— Na minha opinião, é.

— Esta é sua opinião oficial?

— Bem, se você coloca a questão dessa maneira...

— Esqueça. Talvez seja melhor você me dizer e deixar que eu julgue.

— Sim, senhor. No sábado, 5 de julho, 11 anos à frente, 2188, o QGT será transferido para New Harbor, na vertente temporal cinco. O senhor irá também. Toda sua propriedade acho.

Ho Jock inclinou a cabeça.

— Isto é exatamente o tipo de informação derivada do *loop* que o Código foi criado para suprimir. Porque pode, com grande facilidade, gerar retroalimentação positiva e resultar em heterodinação e possível pânico. Mas eu posso recebê-la calmamente e dela fazer bom uso. Hummm. Posso lhe perguntar o porquê da mudança? Desde que parece improvável que eu vá também... e certamente não a minha propriedade. Isto aqui é uma fazenda em funcionamento, pouco importa o que esconde.

Interrompi-o:

— Tio, eu não estou limitado por nenhum código idiota. Aqueles cabeças quentes da Costa Oeste terminaram finalmente de falar e se separaram?

As sobranceiras dele subiram.

— Não... Realmente? Eu não pensava que um dia eles conseguissem deixar a maconha.

— Conseguiram. Naquele dia de maio de 88. No dia em que Hazel e eu estivemos aqui, no sábado, 5 de julho, as Falanges Angelenas haviam capturado Des Moines. Bombas estavam sendo lançadas por toda parte aqui. Você pode pensar, hoje, que não cairia fora daqui. Mas sei que estava para fazer isso naquela ocasião. Eu estava lá. Estarei lá. Pergunte ao Pr. Hubert... Lazarus Long. *Ele* pensou que este lugar era perigoso demais para conservar por mais tempo. Pergunte a ele.

— Coronel Campbell!

Eu conhecia aquela voz. Vierei-me e disse:

— Oi, Lazarus.

— Esse tipo de conversa é estritamente proibido. Entendeu o que eu disse?

Tomei uma profunda respiração e disse a Hazel:

— Ele não vai aprender nunca. — E depois a Lazarus: — Doutor, o senhor vem tentando me obrigar a permanecer em posição de sentido desde que nos conhecemos. Não vai dar certo. Será que não pode meter isso na cabeça?

Em algum lugar, em alguma ocasião, Lazarus Long recebeu algum tipo de treinamento em controle emocional. Nesse instante o vi pedindo ao treinamento que o ajudasse. Precisou de uns três segundos para invocar o que quer que tivesse usado, pois depois falou tranquilamente, em tom de voz mais baixo:

— Deixe-me tentar explicar. Essa conversa é perigosa para a pessoa com quem fala. Fazer prognósticos, quero dizer, com base em conhecimentos adquiridos em um *loop*. É um fato comprovado que, repetidamente, acontece que isso é um desserviço à pessoa a quem informa quando lhe fala sobre alguma coisa em seu futuro que aprendeu no *seu* passado. Quanto ao motivo por que isso é verdade, sugiro que consulte um dos matemáticos que lidam com tempo — o Dr. Jacob Burroughs, a Dra. Eliabeth Long, ou qualquer pessoa do quadro de matemática do Comando. Ou fazer uma pesquisa na biblioteca de nosso Quartel-general — arquivo "Cassandra" e arquivo "Idos de Março", para começar, e em seguida ler o arquivo "Nostradamus".

Long virou-se para tio Jock

— Jock sinto muito a este respeito. Rezo para que não permita que os problemas de 88 tornem sua família triste nos seus anos que faltam até àquela data. Eu nunca pensei em trazer seu sobrinho aqui, ainda não-treinado nas disciplinas do Tempo... Nunca pensei, absolutamente, em trazê-lo para cá. De fato precisamos dele, mas esperávamos recrutá-lo em Boondock, sem necessidade de trazê-lo ao Quartel-general. Mas ele recusou-se a se alistar. Quer tentar mudar-lhe a opinião.

— Eu não tenho certeza de que exerça alguma influência sobre ele, Lafe. O que é que você me diz, Dickie? Quer saber o que uma boa carreira no Comando do Tempo pode significar? Você poderia dizer que o Comando sustentou-o durante toda sua infância... e poderia porque é verdade. O xerife ia pôr em leilão esta fazenda e tomá-la de nós... quando me alistei. Você era apenas um garotinho... mas talvez se lembre de uma época em que a gente só comia pão de milho e não muito de outra coisa. Depois, as coisas melhoraram e ficaram melhores... lembra-se? Você tinha uns seis anos de idade.

Recuei um bocado no pensamento.

— Lembro-me. Acho que me lembro. Tio, eu não sou contra me alistar. Você está no Comando, minha mulher está, vários amigos meus estão. Mas Lazarus vem tentando me vender gato por lebre. Tenho que saber o que é que eles querem que eu faça e por que querem que eu o faça. Dizem que me querem,

para uma missão com probabilidades de apenas 50-50 de que eu saia vivo. Com essas chances, não há propósito em discutir benefícios de aposentadoria. Não quero que nenhum burocrata do Quartel-general seja assim tão displicente com meu pescoço. Preciso saber se essas probabilidades fazem sentido antes de aceitá-las.

— Lafe, exatamente que missão é essa que você tem para realizar, meu rapaz?

— A missão Adam Selene, na Operação Suserano Galático.

— Acho que nunca ouvi falar nela.

— E agora deve esquecê-la, uma vez que não faz parte dela e não foi montada a partir deste ano.

— Isto torna difícil para mim aconselhar meu sobrinho. Eu não devia ser posto a par?

Hazel interveio.

— Lazarus! Acabe com isso!

— Major, estou discutindo assuntos oficiais com o chefe da estação do QGT.

— Conversa fiada! Você está, novamente, tentando obrigar Richard a arriscar a vida sem saber por quê. Quando concordei em fazer isso, eu ainda não o conhecia. Agora que o conheço, e admiro, ele é *sans peur et sans reproche* — e sinto vergonha de jamais ter tentado. Mas de fato tentei... e quase consegui. Mas você entrou no lance com sua *finesse* de rinoceronte... bagunçou tudo, como era previsível. Eu lhe disse naquela ocasião que o Círculo teria que convencê-lo, eu lhe disse: e agora você está tentando que o parente mais próximo de Richard — seu pai em tudo o que conta — o pressione em seu lugar. Que vergonha! Leve Richard ao Círculo. Deixe que *eles* lhe expliquem... ou deixe que ele volte para casa! Deixe de remanchar! Faça isso.

O que eu sempre pensara que fosse um armário no gabinete do tio acabou mostrando que era um elevador interno. Lazarus Long e eu entramos juntos. Ele fechou a porta. Notei que enquanto um elevador comum tem em geral os números dos andares com um botão ao lado, o que havia ali era um grupo de símbolos iluminados — signos do Zodíaco, pensei, mas depois mudei de opinião. No Zodíaco não há morcego, nem aranha viúva negra e certamente nenhum estegossauro.

No fundo, sozinha, uma serpente comia a própria cauda — a serpente mundana, Ouroboros. Um símbolo repugnante, na melhor das hipóteses.

Lazarus pôs a mão sobre o símbolo.

O armário, ou gaiola do elevador, ou pequena sala, mudou. Como, não tenho

certeza. Ele simplesmente piscou e ficou diferente.

— Por aqui — disse Lazarus e abriu a porta do lado oposto.

Estendendo-se a partir daquela porta havia um longo corredor que nunca caberia dentro da casa de meu tio. Mas as paisagens que eu via pelas janelas que margeavam o longo corredor tampouco se ajustavam à fazenda. A terra lembrava Iowa, sim, mas uma Iowa que não fora tocada pelo arado, nunca desmatada para a agricultura.

Entramos nesse corredor e logo depois estávamos no fim dele.

— Por ali — disse Lazarus, apontando.

Um arco apareceu na parede de pedra. Do outro lado, uma passagem escura. Olhei em volta para falar com Lazarus. Ele desaparecera.

A mim mesmo, eu disse: Lazarus, eu lhe disse para não brincar comigo... e virei-me para voltar pelo longo corredor, para passar pelo gabinete do tio Jock, reunir-me a Hazel e sair dali.

Não havia nenhum corredor atrás de mim.

Prometi a Lazarus uma porrada na cabeça e segui a única rota disponível. Ela permaneceu escura, mas sempre com uma luz um pouco mais à frente. Pouco tempo depois, cinco minutos, ou menos, terminou em uma pequena e confortável sala de estar, bem iluminada por luz que não vinha de parte nenhuma. Uma voz metálica, sem inflexões, disse:

— Por favor, sente-se. Você será chamado. Sentei-me numa espreguiçadeira e pus a bengala de lado.

Numa mesinha ao lado vi revistas e um jornal. Lancei um olhar a cada uma delas, procurando anacronismos. Não encontrei nenhum. Os periódicos eram todos os que eu recordava de terem circulado em Iowa na década de 70: traziam as datas de julho de 2177, ou antes. O jornal era o *Grinnell Herald-Register*, datado de sexta-feira, 27 de junho de 2177.

Comecei a botar o jornal na mesinha, já que o *Herald-Register* não é exatamente interessante. O tio era assinante de um diário de Des Moines impresso em casa por computador e, claro, do *Kansas City Star*, mas nosso jornal local só era bom pelas notícias que trazia da universidade, notas locais e os tipos de "notícias" e "notas sociais" publicadas para estampar tantos nomes locais quanto possível.

Mas um anúncio chamou-me a atenção: no domingo, 20 de julho, apenas durante uma noite, na Des Moines Municipal Opera House, o Halifax Ballet Theater apresentaria *Sonhos de Uma Noite de Verão*, com a nova e sensacional estrela Luanna Pauline, no papel de Titania.

Li aquilo duas vezes... e prometi a mim que levaria Hazel para assistir ao

espetáculo. Seria um aniversário especial. Eu conhecera a Sra. Gwandolyn Novak no Baile do Dia 1º no Regra de Ouro, o dia de Neil Armstrong, 20 de julho um ano antes (pouco importa esse *toló loop* temporal), e isto constituiria uma deliciosa reprise da véspera de gala de nosso dia de casamento (sem, desta vez, um grosseiro mal-educado entrando de bicão em nossa festinha e morrendo em nossa mesa).

Um espetáculo em uma gravidade seria decepcionante depois de ter visto a Rainha das Fadas fazendo travessuras, alta no ar? Não, isto era uma viagem sentimental, não teria importância. Além do mais, Luanna Pauline fizera (faria, fará) sua reputação dançando em uma gravidade — e seria um contraste fascinante. Poderíamos ir aos bastidores e lhe dizer que a víramos dançar o papel de Titania a um terço de gravidade no Circus Room do Regra de Ouro. Oh, claro... embora o Regra de Ouro só viesse a existir três anos depois! Comecei a compreender por que o Código impunha limitações a conversas ociosas.

Esqueça. No Dia de Neil Armstrong eu presentearia minha esposa com esta comemoração sentimental.

Enquanto eu olhava para o *Herald-Register* um desenho abstrato na parede transformou-se em um lema em letras brilhantes:

Um Ponto no Tempo Salva Nova Bilhões

Enquanto eu olhava, a frase mudou para:

Um Paradoxo Pode Ser Paradomodificado

Em seguida:

A Minhoca Deseja Morrer

Terminando em:

Não Se Esforce Muito: Você Pode Conseguir

Eu estava tentando decifrar o último quando ele mudou subitamente para "Por que Está Olhando para uma Parede Vazia?" — e era uma parede vazia. Depois nela apareceu, grande, a Serpente Mundana e, dentro do círculo que formava com sua nauseante maneira de alimentar-se, letras se perseguiam umas às outras. Depois se nivelaram em linha reta:

Pondo Ordem no Caos

E sob isso:

O CÍRCULO DE OUROBOROS

As palavras foram substituídas por outra arcada; e a voz metálica disse:

— Por favor, entre.

Peguei a bengala, cruzei a arcada e descobri que fora transportado para o centro exato de uma grande sala circular. Há essa tal coisa de serviço em excesso.

Havia mais de uma dúzia de pessoas sentadas em volta da sala em uma plataforma elevada de cerca de um metro de altura — um teatro de arena no qual eu fazia o papel principal... no sentido em que o inseto espetado sob a objetiva do microscópio é o astro do *show*. A voz metálica recomeçou:

— Diga seu nome completo.

— Richard Colin Ames Campbell. O que é isto? Um julgamento?

— Sim, em certo sentido.

— Os senhores podem suspender os trabalhos agora mesmo. Não vou me submeter a nenhum julgamento. Se alguém está sendo julgado, são todos os *senhores* — uma vez que não quero nada dos senhores e os senhores parecem querer alguma coisa de mim. Cabe aos *senhores me* convencer, e não o contrário. E não se esqueçam disso.

Virei-me lentamente em um círculo, olhando para meus "juizes". Descobri um rosto amigo, Hilda Burroughs, e me senti imensamente melhor. Ela me jogou um beijo. Peguei-o e o comi. Mas fiquei também muitíssimo espantado. Eu esperaria encontrar essa minúscula beldade em uma reunião que exigisse elegância e graça... mas não como membro de um grupo que me fora descrito como o mais poderoso conselho de toda a história e de todos os universos.

Depois, reconheci outro rosto: Lazarus. Ele inclinou a cabeça. Retribuí. Ele falou:

— Por favor, não fique impaciente, coronel. Permita que continue o protocolo.

Respondi:

— O protocolo ou é útil ou deve ser abolido. Estou em pé e todos os senhores estão sentados. Isto é um protocolo que estabelece dominação. E podem metê-lo naquele lugar! Se não me derem uma cadeira em 10 segundos, vou embora. Sua cadeira me servirá.

Aquele robô invisível de voz metálica colocou uma cadeira espreguiçadeira atrás de seus joelhos com tal rapidez que não teve desculpa para ir embora. Afundei-me nela e pus a bengala atravessada sobre os joelhos.

— Confortável? — perguntou Lazarus.

— Estou, obrigado.

— Ótimo. O item seguinte no protocolo é... apresentações. Acho que não vai achar isso censurável.

A voz metálica recomeçou, nomeando os membros — "Companheiros" — do Círculo de Ouroboros, entidade governante do omniversal Comando do Tempo. A cada nome chamado minha cadeira virava para o companheiro citado. Mas eu não sentia movimento.

— Mestre Mobyas Toras, de Barsoom, vertente temporal um, codinome "John Carter".

"Barsoom?" Bobagem! Mas descobri que estava em pé fazendo uma mesura em resposta ao sorriso suave e um gesto que sugeria bênção. Ele era antigo, pouco mais que ossos e peles. Usava espada, mas eu tinha certeza de que não manejara uma delas durante gerações. Estava envolvido em tecidos pesados de seda, muito parecidos com os usados por monges budistas. A pele era mogno polido, mais vermelha do que a de qualquer "pele-vermelha" americano — em suma, ele parecia exatamente igual às descrições fictícias nas histórias de Barsoom... um resultado fácil de conseguir com maquiagem, uns dois metros de tecido, e uma espada como adereço.

Mas, se assim, por que me levantei?

(Porque tia Abby tinha me escolado à pancada no tocante a qualquer falta de respeito com os mais velhos?)

Tolice. Eu soube que ele era autêntico quando botei os olhos em cima dele. O fato de minha convicção ser absurda não altera nada.)

— Sua Estrela da Sabedoria, Árbitro dos Noventa Universos, vertentes temporais compósitas, codinome "Cirano".

Sua Sabedoria sorriu para mim e me remexi como se fosse um cachorrinho. Não sou juiz de sabedoria, mas tenho certeza de que homens com pressão arterial alta, qualquer histórico de problemas cardíacos ou T.I.A. não devem se aproximar muito dela. Estrela, Sra. Gordon, é tão alta ou mais alta do que eu, pesa mais e toda ela é de músculos, com exceção dos seios e daquela leve camada que suaviza as linhas femininas. Ela usava muito pouca roupa para o Condado de Poweshiek, mas um bocado para Boondock.

Estrela pode não ser a mulher mais bela de todos seus muitos universos, mas talvez seja a mais *sexy* — da forma ardente de uma bandeirante de tropa de

escoteiros. Simplesmente cruzar uma sala onde ela está deve transformar um menino em homem.

— Woodrow Wilson Smith, Senior das Famílias Howard, vertente temporal dois, codinome "Leslie LeCroix"

Lazarus e eu, mais uma vez, trocamos inclinações de cabeça.

— Dr. Jubal Harshaw, vertente temporal três, codinome "Neil Armstrong".

O Dr. Harshaw ergueu a mão em uma meia saudação e sorriu. Respondi da mesma maneira — e tomei uma nota mental para abecá-lo, talvez em Boondock, a respeito das muitas lendas sobre "O Homem de Marte". O quanto era verdade e o quanto ficção?

— Dra. Hilda Mae Burroughs, vertente temporal quatro, codinome "Ballox O'Malley".

Hilda e eu trocamos sorrisos.

— Comandante Ted Smith, vertente temporal cinco, codinome "DuQuesne".

O comandante Smith era um atleta de queixo quadrado e olhos de azul-gelo. Usava uniforme militar sem condecorações, trazia à cintura uma pistola no coldre, e exibia um bracelete pesado cravejado de pedras.

— Capitão John Sterling, vertente temporal seis, codinome "Vertente temporal alternada Neil Armstrong".

Olhei para o herói de minha infância e pensei na possibilidade de eu estar dormindo e tendo um sonho muito vivido. Hazel me dissera e repetira que o herói de sua novela espacial era real... mas nem mesmo o repetido uso da codifrase "Operação Suserano Galático" me convencera... e naquele momento ali estava ele: o inimigo do Suserano.

Ou era mesmo? Que prova?

— Marechal-do-espaco Samuel Beaux, vertente temporal sete, codinome "Fairacre".

O marechal Beaux tinha mais de dois metros de altura, uma massa de pelo menos 110kg, tudo isso de músculos e couro de rinoceronte. Usava uniforme preto como a meia-noite e uma carranca, e era tão belo como uma pantera negra. Fitou-me com olhos de selva.

Lazarus tomou a palavra:

— Declaro que há *quorum*. O Círculo está fechado. A Dra. Hilda Burroughs falará agora pelo Círculo.

Hilda me sorriu e disse:

— Coronel Campbell, fui convocada para lhe explicar nossos objetivos e o

suficiente de nossos métodos para que compreenda como a missão que lhe estamos pedindo que realize se encaixa no plano-mestre, e por que ela deve ser cumprida. Não hesite em me interromper, argumentar ou pedir mais detalhes. Podemos continuar esta discussão a partir de agora até a hora do almoço. Ou pelos próximos 10 anos. Ou por um período realmente longo. Tão longo quanto necessário.

O Marechal-do-espaco Beaux interrompeu-a com:

— Fale por si mesma, Sra. Burroughs. Eu vou sair dentro de 30 minutos.

— Sambo — repreendeu-o Hilda —, você devia ter-se dirigido à mesa. Não posso deixar que vá embora até que diga o que lhe cabe, mas, se precisa sair, pode falar agora. Por favor, explique o que faz e por quê.

— Por que esse homem está sendo mimado? Nunca me pediram antes que explicasse meus deveres a um recruta novato. Isto é ridículo.

— Não obstante, peça-lhe que faça isto. Lazarus tomou a palavra:

— Sambo, sei que isto não tem precedente, mas todos os Companheiros, incluindo os três que não estão presentes, concordaram em que a Missão Adam Selene é essencial à Operação Suserano Galático, que a Suserano é essencial à Campanha Boskone, que Boskone é essencial ao Nosso Plano de Longo Prazo... e que o Coronel Campbell é essencial à Missão Adam Selene. O Círculo se fechou a este respeito, sem voz dissidente. Precisamos dos serviços de Campbell, prestados total e livremente. De modo que temos de convencê-lo. Você não precisa ser o primeiro a falar... mas se espera ser liberado pelo Círculo dentro de 30 minutos, é melhor que fale.

— E se resolver que não falo?

— O problema é seu. Você tem liberdade de pedir exoneração. Todos nós temos, em qualquer ocasião, e o Círculo tem liberdade de terminá-lo.

— Está me ameaçando?

— Não. — Lazarus olhou para o punho. — Você remanchou durante quatro minutos, contra uma decisão unânime do Círculo. Se está disposto a cumprir a decisão do Círculo, seus minutos estão se esgotando.

— Oh, muito bem. Campbell, eu sou o oficial-comandante das forças armadas do Comando do Tempo...

— Correção — interrompeu-o Lazarus Long. — O Marechal-do-espaco Beau é o Chefe do Estado-maior do...

— É a mesma coisa!

— Não é, e eu sabia exatamente o que fazia quando organizei as coisas dessa maneira. Coronel Campbell, o Comando do Tempo intervém às vezes em

batalhas decisivas da História. De Histórias. A junta de historiadores do Comando procura identificar cúspides em que o uso judicioso de força pode mudar a história de maneiras que acreditamos, em nossa limitada sabedoria, que serão melhores para a raça humana — e esta política influencia fortemente e é influenciada pela Missão Adam Selene, tenho que acrescentar. Se o Círculo se fecha em uma recomendação dos historiadores, uma operação militar é montada e um comandante-em-chefe para cada operação é escolhido pelo Círculo.

Lazarus virou-se e olhou diretamente para Beaux:

— O Marechal-do-espaço Beaux é um comandante militar de altíssima competência, talvez o melhor em toda a história. É em geral escolhido para comandar. O Círculo, porém, escolhe o comandante de todas as forças-tarefa. Devo acrescentar que o Chefe do Estado-maior é um auditor sem direito a voto. Não é Companheiro do Círculo. Sambo, tem mais alguma coisa a acrescentar?

— Parece que você fez meu discurso.

— Porque você estava remanchando. Mas tem liberdade para corrigir, emendar ou detalhar.

— Oh, esqueça. Você devia dar lições de locução.

— Você deseja ser excusado?

— Você está me dizendo para ir embora?

— Não.

— Vou ficar ainda um pouco para ver como você lida com esse palhaço. Por que simplesmente não o convocou e designou-o para a Missão Selene? Ele é um tipo criminal óbvio. Olhe para o crânio dele, observem-lhe a atitude em relação à autoridade. Em meu planeta natal, jamais usamos algo tão ordinário e indigno de confiança como voluntários... e não temos uma classe criminal porque os convocamos para as forças armadas tão logo botam a cabeça de fora. Não há melhores combatentes que tipos criminais, se os pegamos jovens, mantêm-os sob uma disciplina férrea e mais apavorados com seus sargentos instrutores do que podem ficar com inimigos.

— Isso basta, Sambo. Por favor, evite dar opiniões não solicitadas.

— Eu pensava que você fosse um paladino da liberdade de expressão.

— E sou. Mas não há esse tal de almoço gratuito. Se quer fazer um discurso, alugue seu próprio auditório. Este foi pago pelo Círculo. Hilda, por favor, querida..

— Muito bem Richard, a maioria das intervenções recomendadas por nossos historiadores e matemáticos não se constituem em força bruta, mas em ações

muito mais sutis, executadas por agentes de campo individuais... como sua pequena, Hazel, que é uma verdadeira raposa quando se trata de roubar um galinheiro. Você sabe o que estamos tentando conseguir com a Missão Selene, mas não sabe para o quê, acho. Nossos métodos para prognosticar o resultado de mudanças introduzidas na história são menos que perfeitos. Seja apoiando um lado numa batalha decisiva, ou fornecendo algo tão simples a um estudante de escola secundária como uma camisinha à meia-noite e, dessa maneira, evitando o nascimento de um Hitler ou um Napoleão, não podemos nunca prever os resultados tão bem quanto precisamos. Em geral temos que fazer a mudança e em seguida enviar um agente de campo àquela vertente temporal a fim de comunicar o efeito das mudanças.

— Hilda — interrompeu a Lazarus —, posso dar um exemplo horrível.

— Claro, Woodie. Mas ande logo. Estou pensando em terminar antes do almoço.

— Coronel Campbell, venho de um mundo idêntico ao seu, mais ou menos por volta de 1939. As divergências, como é habitual, apareceram com mais intensidade no começo dos vãos espaciais. Tanto seu mundo como o meu tinham tendência para histeria religiosa. No meu, chegou ao auge com um evangelista de televisão chamado Nehemiah Scudder. Seu tipo de inferno, enxofre e procura de bodes expiatórios — judeus, claro, nenhuma novidade nisto — chegou ao auge numa ocasião em que o desemprego chegou também ao auge e o déficit público e a inflação se descontrolaram. O resultado foi uma ditadura religiosa, um governo totalitário tão brutal como meu mundo jamais viu.

— De modo que — prosseguiu — este Círculo montou uma operação para remover Nehemiah Scudder. Nada tão grosseiro como assassinato. O método específico que Hilda mencionou foi usado. Um aluno de escola secundária que não tinha camisinha recebeu uma de um operador de campo e o pequeno sacana que se tornou Nehemiah Scudder nunca nasceu. De modo que a vertente temporal dois — a minha — foi dividida e a vertente temporal 11 veio a ser criada, igual, mas sem Nehemiah Scudder, o Profeta. Tinha que ser melhor, certo?

— Errado. Na minha vertente temporal a III Guerra Mundial, a guerra nuclear — às vezes conhecida por outros nomes — danificou grandemente a Europa, mas não se disseminou.

A América do Norte, sob o Profeta, optara por ficar fora dos assuntos internacionais. Na vertente temporal 11, a guerra começou um pouco mais cedo, no Oriente Médio, e se espalhou por todo o mundo, da noite para o dia... e 100 anos depois ainda era impossível achar qualquer forma de vida superior a baratas nas massas continentais que haviam sido as frias e verdes colinas de Terra. Continue, Hilda.

— Obrigada, demais! Lazarus me deixa, com um planeta brilhando nas trevas como uma brasa, a fim de demonstrar que precisamos de melhores métodos de previsão. Temos esperança de usar Adam Selene — o computador supervisor Holmes IV, conhecido como "Mike" — os programas e memórias que o tornam único — para acoplar aos melhores computadores de Tertius e alguns outros planetas em uma lógica mamute que possa corretamente projetar os resultados de uma mudança definida na história... de modo que não troquemos Nehemiah Scudder — que pode ser suportado — por um planeta arruinado, que não pode ser suportado. Lazarus, devo mencionar o superespionagem?

— Acaba de mencioná-lo, de modo que é melhor explicar.

— Richard, estou muito longe de meu campo de ação. Sou uma simples dona-de-casa...

Um gemido subiu no salão. Lazarus pode tê-lo liderado, mas pareceu ser unânime.

— ... que carece de conhecimentos técnicos. Mas de fato sei que o progresso em engenharia depende de instrumentos preciosos e que estes instrumentos, desde o século XX — meu século — dependeram dos progressos em eletrônica. Meu marido número um, Jake Burroughs, e as Dras. Libby Long e Deety Carter estão trabalhando em um pequeno instrumento que combina o volteador espaço-tempo de Jake com a televisão e o espionagem comum. Com ele você poderá observar não só o que sua esposa está fazendo, enquanto você está longe, mas também ver o que ela estará fazendo dentro de 10 anos a partir de agora. Ou 50. Ou 500!

— Ou — continuou — poderia permitir ao Círculo de Ouroboros saber qual seria o resultado de uma intervenção antes que fosse tarde demais para não fazê-la. Talvez Com a capacidade excepcional de Holmes IV... talvez sim. Veremos! Mas é tão certo quanto alguma coisa pode ser neste mundo mercurial que Mike Holmes IV pode melhorar imensamente o desempenho do Círculo de Ouroboros mesmo que o super-espionagem nunca se transforme em realidade.

Finalizando, disse:

— Desde que estamos nos esforçando muito para tornar as coisas melhores, mais decentes e felizes para todos, espero que compreenda que a Missão Adam Selene merece trabalho. Alguma pergunta?

— Tenho uma pergunta, Hilda.

— Sim, Juba!

— O nosso amigo Richard foi doutrinado no conceito de O Mundo como Mito?

— Eu mencionei de passagem isso, certa vez, quando lhe disse que nós quatro — Zeb, Deety, Jake e eu — fomos expulsos de nosso planeta e apagados do roteiro. Acho que Hazel fez algo melhor nesse sentido. Richard?

— Nada que eu pudesse compreender. Nada que fizesse sentido. E — desculpe, Hilda — eu achei sua história difícil de engolir.

— Claro, querido. Eu mesmo não acredito nela. Exceto bem tarde da noite. Jubal, seria melhor que você a contasse.

O Dr. Harshaw respondeu:

— Muito bem. O Mundo como Mito é um conceito sutil. Foi às vezes denominado de solipsismo de multipessoas, a despeito da ilógica interna dessa expressão. Ainda assim, a não-lógica pode ser necessária, uma vez que o conceito nega a lógica. Durante muitos séculos, a religião dominou como explicação do universo — ou multiuniverso. Os detalhes de religiões reveladas diferiam muito, mas elas eram basicamente a mesma: em algum lugar alto no céu — ou embaixo na Terra — ou num vulcão — em algum lugar inacessível — havia um velho usando camisolão que sabia de tudo, era todo-poderoso, criava tudo, premiava e castigava... e podia ser subornado. O Dr. Harshaw continuou, após uma pausa para tomar respiração:

— Às vezes esse Todo-Poderoso era mulher, mas não com frequência, uma vez que os machos humanos são em geral mais altos, mais fortes e mais beligerantes. Deus foi criado à imagem do Pai.

Proseguiu o Dr. Harshaw:

— A idéia do Deus Todo-Poderoso caiu sob ataque porque não explicava coisa nenhuma. Simplesmente punha em todas as explicações uma fase mais longe. No século XIX, o positivismo ateu começou a substituir a idéia do Deus Todo-Poderoso naquela minoria da população que tomava banho costumeiramente.

"O ateísmo teve voga limitada, uma vez que, de maneira idêntica, nada explica, sendo meramente ateísmo de cabeça para baixo. O positivismo lógico baseava-se na ciência do século XIX que, acreditavam piamente os físicos daquele século, explicava inteiramente o universo como uma espécie de mecanismo de relógio.

"Os físicos do século XX despacharam rapidamente essa idéia. A mecânica quântica e o Gato de Schrödinger jogaram para o espaço o mundo regulado como um mecanismo de relógio, de 1890, e substituíram-no por uma névoa de probabilidades, na qual tudo podia acontecer. Claro, a classe intelectual não notou isso durante muitas décadas, uma vez que o intelectual é um homem altamente educado que não consegue resolver problemas rudimentares de aritmética e orgulha-se dessa incapacidade. Não obstante, com a morte do positivismo, o deísmo e o criacionismo voltaram com mais força do que nunca.

"Em fins do século XX — corrija-me quando me enganar, Hilda — Hilda e sua família foram expulsas de Terra por um demônio, que denominaram de "a

Besta". Fugiram em um veículo que você conheceu, Gay Tapeadora, e em sua busca de segurança visitaram muitas dimensões, muitos universos... e Hilda fez a maior descoberta filosófica de todos os tempos."

— Aposto que você diz isso a todas as moças!

— Tem razão, querida. Visitaram, entre lugares mais mundanos, a Terra de Oz... Espiguei-me na cadeira com um arranco. Não dormira muito na noite passada e a aula do Dr. Harshaw induzia ao sono.

— Você disse "Oz"?

— Eu lhe digo três vezes: Oz, Oz, Oz. Visitaram, de fato, o reino encantado sonhado por L. Frank Baum. E o País das Maravilhas inventado pelo Reverendo Sr. Dodgson a fim de agradecer a Alice. E outros locais conhecidos apenas da ficção. Hilda descobriu o que nenhum de nós notara antes porque estávamos dentro dele: O Mundo é Mito. Nós mesmos o criamos — e nós mesmos o mudamos. Um fabricante de mitos realmente competente, como Homero, como Baum, como o criador de Tarzã, criam mundos substanciais e duradouros... enquanto os mentirosos e fabulistas medíocres, sem imaginação, nada criam de novo e seus tediosos sonhos são esquecidos. Nesse fato observado, Richard — não religião, mas fato verificável — baseia-se o trabalho do Círculo de Ouroboros. Hilda?

— Apenas um instante, antes de suspendermos a sessão para o almoço. Richard, tem algum comentário a fazer neste instante?

— Você não gostaria.

— Desembuxe, rapazinho.

— Eu não apenas não arriscarei minha vida baseada em um absurdo verbal, mas farei tudo o que puder para impedir que Hazel se meta nisso. Se realmente querem, e necessitam, os programas e memórias daquele ultrapassado computador lunar, há pelo menos duas maneiras melhores de consegui-las.

— Continue a falar.

— A primeira simplesmente usa dinheiro. Funde uma organização de fachada, uma contrafação acadêmica. Canalice dinheiro para a Universidade Galileu sob a forma de donativos, entre pela porta principal na sala do computador e tire o que quiser. A outra maneira é usar força para fazer um trabalho real. Não envie um casal idoso para tentar arrombá-la. Vocês, samaritanos cósmicos, não me convenceram.

— Deixe-me ver seu ingresso!

Quem falava era o Negrinho Sambo, o Marechal-do-espaço.

— Que ingresso?

— O que lhe dá direito de deslindar o inescrutável. Mostre-o, Você é simplesmente um grandíssimo covarde, medroso demais para cumprir seu simples dever.

— Sou mesmo? Quem foi que o nomeou Deus? Escute, rapaz, estou muito contente porque a cor de sua pele combina com a minha.

— Por que assim?

— Porque, se não combinasse, eu seria chamado de racista pela maneira como o desprezo.

Observei-o sacar a arma à cintura, e minha bengala, droga, caíra no chão. Eu ia estendendo a mão para pegá-la quando o raio por ele disparado me atingiu, à esquerda.

Embora ele fosse atingido de três lados, duas vezes no coração e uma na cabeça, por John Sterling, Lazarus e o comandante Smith — três atiradores peritos, um único tiro teria sido suficiente.

Eu não estava sentindo dor, ainda. Mas sabia que era um tiro nos intestinos — grave, final, se eu não tivesse logo ajuda.

Mas alguma coisa estava acontecendo a Samuel Beaux. Ele inclinou-se para a frente, caiu da cadeira, tão morto como o Rei Charles, e seu corpo começou a desaparecer. Não sumiu, desapareceu em faixas, pelo meio, depois pelo rosto, como se alguém estivesse apagando alguma coisa em um quadro-negro. Depois, ele desapareceu inteiramente e não restou nem sangue ali. A própria cadeira dele desapareceu.

E o ferimento na minha barriga desapareceu também.

"Talvez chegue o dia em que o leão e o cordeiro durmam juntos, mas continuo apostando no leão."

Henry Wheeler Shaw, 1818-1885

— Não seria melhor — protestei — que eu sacasse uma espada de uma peada? Se querem realmente vender o produto? Esse plano todo é idiota!

Em uma mesa de piquenique no pomar leste, estávamos sentados eu, Mannie Davis, o Capitão John Sterling, tio Jock, Jubal Harashaw — e um certo Professor Rufo, um velho careca que me foi apresentado como assessor de Sua Sabedoria e (impossível!) seu neto. (Mas tendo visto com meus próprios olhos avermelhados os resultados da feitiçaria da Dra. Ishtar, eu não estava disposto a usar a palavra "impossível" com a mesma facilidade de uma semana antes.)

Pixel estava conosco também, e tendo há muito terminado o almoço, tentava na grama pegar uma borboleta. Eram antagonistas equivalentes, mas a borboleta no momento ganhava pontos.

O céu brilhante e sem nuvens prometia uma temperatura de 38 ou 40 graus em meados da tarde. Minhas tias haviam resolvido almoçar na cozinha com ar condicionado. Mas soprava uma brisa e estava razoavelmente fresco sob as árvores — um dia bonito, exatamente certo para um piquenique. E me lembrou-a conversa que tivemos com o Padre Hendrik Schultz no pomar do Old MacDonald's Farm há apenas uma semana (e 11 anos no futuro).

Exceto que Hazel não estava ali.

Isso me aborrecia, mas eu fazia um esforço para não demonstrar. Quando o Círculo se abriu para o almoço, tia Til apareceu com uma mensagem:

— Hazel saiu com Lafe há alguns minutos — disse. — Pediu-me para lhe dizer que não vem para o almoço, mas que espera estar com você no fim da tarde... e virá para a ceia sem falta.

Uma mensagem danada de sumária! Eu precisava discutir com Hazel todas as conversas e acontecimentos ocorridos no Círculo. Droga, como era que eu podia resolver alguma coisa até que tivesse tempo de discuti-la com minha mulher?

Mulheres e gatos fazem o que fazem e não há nada que um homem possa fazer a esse respeito.

— Eu lhe vendo uma espada numa pedra — disse o Professor Rufo. — Barata. Como nova. Usada apenas uma vez pelo Rei Arthur. A longo prazo, a espada não lhe adiantou grande coisa e não posso garantir que o ajude... mas não me importo de ter um lucro com ela.

— Rufo — disse meu tio —, você venderia ingressos para seu próprio enterro.

— Não "venderia". Vendi. Juntei o bastante para comprar uma peruca de que precisava com urgência... porque havia muitas pessoas que queriam estar certas de minha morte.

— E você os enganou.

— Em absoluto. Os ingressos não diziam que eu estava morto. Davam simplesmente direito a "carregar o caixão" no meu enterro. E foi um belo enterro, o mais bonito que já tive... especialmente no clímax, quando me sentei no caixão e cantei o oratório de *A Morte de Jesse James*, representando todos os papéis. Ninguém pediu devolução do dinheiro. Alguns foram embora antes mesmo de eu chegar à nota aguda. Criaturas rudes. Vá ao seu próprio enterro e você logo descobre quem são seus verdadeiros amigos. — Rufo virou-se para mim. — Quer aquela espada na pedra? Barata, mas tem que ser à vista. Não posso vendê-la a crédito. Sua expectativa de vida não é tão boa assim. Digamos, 600 mil dólares imperiais em notas pequenas? Nenhum valor superior a 10 mil.

— Professor, eu não quero uma espada na pedra. Acontece apenas que toda esta missão tola parece com o absurdo do "princípio encantado" dos romances dos dias anteriores a Armstrong. Não podem fazer isso abertamente com dinheiro, nem em segurança com força suficiente para reduzir a zero as perdas, mas tem que ser eu e minha esposa com nada mais que uma faca de escoteiro. É um plano nojento. Até mesmo uma revista de confissões verdadeiras o rejeitaria. É logicamente impossível.

— Quinhentos e cinquenta mil e eu pago o imposto de consumo.

— Richard — interveio Jubal Harshaw —, é a lógica em si que é impossível. Durante milênios, filósofos e santos tentaram elaborar um esquema lógico para o universo... até que Hilda apareceu e demonstrou que o universo não é lógico, mas caprichoso, dependendo sua estrutura exclusivamente dos sonhos e pesadelos de sonhadores não-lógicos. — Encolheu os ombros, quase derramando a cerveja. — Se os grandes cérebros não tivessem sido ludibriados pela convicção compartilhada de que o universo tinha que conter uma estrutura consciente e lógica, que poderiam descobrir por análise minuciosa e síntese, teriam notado o fato gritante de que o universo — o multiuniverso — nem contém lógica nem justiça, exceto nos casos em que nós, os outros como nós, impomos essas qualidades a um mundo de caos e crueldade.

— Quinhentos mil, e é minha última oferta.

— Se assim, por que Hazel e eu devemos arriscar nossos pescoços? — E acrescentei: — Pixel, deixe esse inseto em paz!

— Borboletas não são insetos — disse sério o Capitão John Sterling. — São flores

autopropelidas. A Sra. Hazel me ensinou isso há muitos anos. — Estendeu a mão e suavemente levantou Pixel. — Como é que você o faz beber?

Mostrei-lhe, usando água e a ponta do dedo. Sterling melhorou o método, oferecendo ao gatinho uma pequena poça na palma da mão. O gatinho lambeu-a e nesse momento foi um gato lambedor correto, apanhando, com a língua enrolada para cima, a água oferecida.

Sterling me incomodava. Conhecia-lhe a origem, ou pensava que conhecia, e assim tinha problema em acreditar nele mesmo quando lhe falava. Ainda assim, é impossível não acreditar em um homem quando o vemos, e *ouvimos*, mastigando aipo e batatas fritas.

Ainda assim, ele possuía um aspecto bidimensional. Nunca sorria ou ria. Era infalivelmente polido, mas sempre mortalmente sério. Tentei agradecer-lhe por ter salvo minha vida, atirando naquele como-é-o-nome-dele? Sterling não me deixara prosseguir:

— Meu dever. Ele era sacrificável. Você, não.

— Quatrocentos mil. Coronel, ainda há aí ovos *à la diable*? Passei os ovos recheados a Rufo.

— Posso lhe dizer o que o senhor deve fazer com a espada na pedra? Em primeiro lugar, puxe a espada, e em seguida...

— Não sejamos grossos. Trezentos e cinquenta mil.

— Eu não a queria nem como brinde. Eu estava apenas apresentando um argumento.

— Fique com uma opção, pelo menos. Vai precisar dela para a grande festa da estréia, quando transformarem isto em novela de tevê.

— Nada de publicidade. Esta é uma das condições que me foram impostas. Se eu topar a parada!

— Nenhuma publicidade até *depois*. Tem que haver publicidade. A missão pode acabar nos livros de história. Mannie, conte por que você nunca publicou suas memórias da Revolução.

— Mike está dormindo — respondeu o Sr. Davis. — Não quero que o incomodem. *Nyet*.

— Manuel — perguntou tio Jock —, você tem uma autobiografia inédita?

Meu padastro inclinou a cabeça.

— Necessário. O professor morreu, Wyoming morreu. Mike talvez tenha morrido também. Sou a única testemunha da história autêntica da Revolução Lunariana. Mentiras, montes de mentiras, de terrenos que não estiveram lá. — Coçou o queixo com a mão esquerda, a que eu sabia ser artificial. Ou pelo menos

foi o que me disseram. Essa mão parecia exatamente igual à outra. Transplante? — Armazenada na memória de Mike antes de eu seguir para a Faixa de Asteróides. Nós salvamos Mike... depois publicamos, talvez. — Davis fitou-me. — Quer saber como conheci minha filha Hazel?

— Ora, como não? — respondi, e Sterling acenou enfaticamente.

— Foi na segunda-feira, 13 de maio de 2075, em L-City. Conversa que não acabava mais no Stilyagi Hall, sobre como combater o Administrador do Presídio. Nada de revolução, apenas uma estúpida e triste conversa sem fim, gente infeliz. Bem na frente, sentada no chão, uma menininha magrela. Cabelos ruivos, nem seios tinha. Dez, talvez 11 anos de idade. Ouvia cada palavra, batia palmas com força, estava profundamente séria.

"Os Jaquetas Amarelas, os tiras do Administrador, arrombam as portas e começam a matar. Fiquei ocupado demais para me preocupar com magrelas ruivas. Os Jaquetas mataram meu melhor amigo... e foi aí que a vi em ação. Lançou-se no ar, rolou feito bola, atingiu o Jaqueta Amarela nos joelhos. Ele caiu. Quebrei-lhe o queixo com a esquerda — não esta mão, esta é a número dois — e passei por cima dele, arrastando minha mulher Wyoming — não era mulher na ocasião. — A magrelinha ruiva desapareceu, não a vi durante semanas. Mas, amigos, esta é a verdade dura como pedra, Hazel, ainda menina, lutou com tanta disposição e habilidade que salvou seu papai Mannie e mamãe Wyoh dos tiras do Administrador muito antes de ela saber que era nossa." Manuel Davis sorriu, saudosos.

— Nós a encontramos, a Família Davis a escolheu... como filha, não como esposa. Era ainda um bebê. Mas não bebê no que interessa! Deu um duro danado todos os dias, todas as horas, todos os minutos, para libertar Luna, o perigo nunca a deteve. Quatro de julho de 2076, Hazel Meade Davis, a mais jovem camarada a assinar a Declaração de Independência. Nenhum camarada mereceu isso mais do que ela!

O Sr. Davis tinha lágrimas nos olhos. Eu, também. O Capitão Sterling levantou-se.

— Sr. Davis, sinto-me humildemente orgulhoso de ter ouvido essa história. Sr. Campbell, foi um prazer desfrutar sua hospitalidade. Coronel Campbell, tomara que se resolva a lutar ao nosso lado. Precisamos do senhor. E agora, se me derem licença, tenho que ir embora. Uma vez que o Suserano Galático não prolonga seus almoços, eu também não devo.

— Besteira, John — disse tio Jock —, você precisa relaxar de vez em quando. Vamos novamente caçar dinossauros. O tempo passado no Mesozóico não vai prejudicar sua busca. O Suserano nunca saberá que você está longe. Esta é a grande beleza dos saltos no tempo.

— *Eu* saberia que estou longe. Mas lhe agradeço muitíssimo. Gostei muito

daquela caçada.

Fez uma medida e retirou-se. Baixinho, disse ao Dr. Harshaw:

— Lá vai verdadeira nobreza. Quando finalmente destruir o Suserano, ele será apagado. Ele sabe disso. Mas isso não o detém.

— Por que é que ele deve ser apagado? — perguntei.

— Ahn? Coronel, sei que isto não é novidade para o senhor... mas o senhor é, ou foi, fabulista, não?

— Sou ainda, tanto quanto sei. Acabei uma história longa e enviei-a a meu agente há apenas 10 dias. Tenho que voltar ao trabalho logo... tenho mulher para sustentar.

— Neste caso o senhor sabe que, para fins de elaboração do enredo, especialmente em histórias de aventuras, heróis e vilões são pares complementares. Um precisa do outro.

— Sim, mas... Escute, vamos falar claro. Esse homem que acaba de sair é realmente o personagem que Hazel — e o filho dela, Roger Stone — criaram para a novela *O Flagelo das Rotas Espaciais*?

— É, sim. Hazel e o filho criaram-no. Sterling sabe disso. Escute, senhor, todos nós somos ficções, os sonhos fabulistas de alguém. Mas em geral não sabemos disso. John Sterling sabe e é suficientemente forte para ficar à altura disso. Conhece seu papel e destino e os aceita.

— Ele não tem que ser apagado.

O Dr. Harshaw pareceu perplexo:

— Mas o senhor é um escritor. Hummm... um escritor literário, talvez? Em histórias sem enredo?

— Eu? Não sei como escrever literatura. Escrevo histórias. Para impressão por computador, três-d ou mesmo livros encapados, mas de todos os tipos. Pecado, sofrimento e arrependimento. História de faroeste. História espacial. Guerra. Assassinato. Espiões. Histórias marítimas. O que quer que seja. Hazel e eu vamos recriar a novela clássica dela, com o Capitão Sterling no papel principal. Como sempre. De modo que história é essa de "apagá-lo"?

— Você não vai deixar que ele destrua o Suserano Galático? Você deve, você *tem* que deixar, já que o Suserano é tão perverso como Boskone.

— Oh, certamente! Nas primeiras 13 semanas. Devia ter acontecido há anos.

— Mas ele *não pode*. A novela foi suspensa com o herói e o vilão ainda vivos. Desde então, Sterling foi obrigado a travar apenas uma ação de retaguarda.

— Oh, bem, daremos um jeito nisso. *Suserano delanda est!*

— Neste caso, o que é que Sterling faz?

Fiz menção de responder, mas compreendi de súbito que a pergunta não era uma busca de informação, mas socrática. Para cada ótimo gato um ótimo rato. Um herói da estatura de Sterling tinha que combater um vilão tão poderoso como ele. Se ele matasse o Suserano, tínhamos que bolar o Filho do Suserano, com o mesmo número de testículos, dentes do mesmo comprimento, temperamento tão ruim como o do pai, e fumaça saindo pelas orelhas.

— Não sei. Pensaremos em alguma coisa. Envelhecê-lo, talvez, e botá-lo para pastar como comandante da Academia da Patrulha Estelar. Coisa assim. Não há necessidade de acabar com ele. Um trabalho como esse não exigiria um vilão tão horrendo como o Suserano.

— Não exigiria? — perguntou tranqüilizador Harshaw.

— Eu, não. Estou semi-aposentado. Tudo que faço agora é *A Família Stonebender*, uma novela estritamente humorística, nenhuma necessidade de um bom vilão. Agora que conheço a verdade do Mundo como Mito nunca mais criarei um vilão de verdade... e graças a Klono, nunca fiz isso, não realmente, uma vez que acredito apenas parcialmente em vilania.

"Bem, de qualquer modo, não posso responder por Hazel. Sou o escritor menos graduado, encarregado da pontuação, o que contribui com o tempo atmosférico e a paisagem. É ela quem controla o enredo. De modo que tenha que mudar de assunto. Tio Jock, que história foi aquela que disse ao Capitão Sterling sobre caçada de dinossauros? Uma de suas piadas? Como daquela vez em que você serrou 10 quilômetros quadrados da banquisa do Mar de Ross e rebocou-a até Cingapura, nadando com braçadas laterais?"

— Não em braçadas laterais o caminho todo. Isso não é possível.

— Ora deixe disso. Dinossauros.

— Qual é o problema com dinossauros? Gosto de caçá-los. Levei comigo John Sterling uma vez. Ele abateu um magnífico *tyrannosaurus rex*. Gostaria de experimentar?

— Você está falando sério? Tio, você sabe que eu não caço. Não gosto de atirar em nada que não pode atirar em resposta.

— Ohhhh! Você me entendeu mal, sobrinho. Nós não matamos os pobres animais. Matar dinossauros é mais ou menos tão esportivo como matar uma vaca. E a carne não é tão boa. O dinossauro de mais de um ano de idade é duro e não tem gosto. Experimentei, há alguns anos, quando se pensou durante algum tempo em usar carne de dinossauro para alimentar famintos na vertente temporal sete. A logística, porém, era pavorosa, e quando se estuda bem o assunto, há pouca justiça em matar lagartos estúpidos para alimentar pessoas estúpidas. Eles

mereceram aquela fome. Mas caçar dinossauros com máquinas fotográficas é realmente divertido. Fica mais esportivo se você vai atrás dos grandes carnívoros e consegue desentocar um macho quando ele está se sentindo nervoso e *sexy* — melhora nossa velocidade na corrida. Ou então... Dickie, há um lugar perto de Wichita onde lhe posso prometer *triceratops*, vários tipos de pterodáctilos, bicos-de-pato, lagartos-trovão e talvez um estegossauro macho, tudo no mesmo dia. Logo que acabar esta travessura vamos tirar um dia de folga e fazer isso. O que é que você diz?

— É tão fácil assim?

— Com o equipamento instalado o Mesozóico não é mais longe do que o QGT ou Boondock. Tempo e espaço são ilusões. A maquinaria de irrelevância Burroughs o colocará no meio de um rebanho de disparates que pastam e transam antes que você possa viver 65 milhões de anos.

— A maneira como o senhor apresentou o convite parece implicar que supôs que eu aceitei a Missão Adam Selene.

— Dickie, o equipamento de fato pertence ao Comando do Tempo... e é caro, o quanto não vamos discutir. Foi construído para dar apoio ao Plano Longo Prazo e seu uso recreativo é incidental. Sim, insinuei isso. Não vai aceitar?

Mannie Davis fitou-me, rosto sem expressão. Rufo levantou-se e disse em voz alta:

— Vou ter que me mandar. Estrela tem um trabalho para mim. Obrigado, e obrigado, pela última vez, Jock. Foi um prazer conhecê-lo, coronel.

Afastou-se rapidamente. Harshaw ficou calado. Soltei um profundo suspiro.

— Tio, posso fazer isso, se Hazel insistir. Mas vou tentar dissuadi-la. Nada me foi dito que me convença de que estou errado nas duas opções que sugeri. Qualquer uma delas é um método mais sensato de recuperar os programas e memórias que constituem Holmes IV, ou Mike... e sinto prazer em dizer que eles devem ser resgatados. Mas os meus métodos são mais lógicos.

— Não é uma questão de lógica, coronel — observou Harshaw.

— É o meu pescoço, doutor. Mas, a longo prazo, faça o que Hazel desejar... acho. Acontece apenas que...

— Acontece o quê, Dickie?

— Odeio entrar em ação com informações inadequadas! Sempre odiei. Tio, nas últimas semanas, ou 10 dias — é difícil calcular, da maneira como salto de um lado para o outro — fui perseguido por um absurdo inexplicado e, bem *assassino*. O Suserano de que fala está no meu encaixo? O fato de eu estar metido nisto explica o número interminável de vezes em que escapei por um triz? Ou estou ficando paranóico?

— Não sei. Fale-me desses fatos.

Comecei a falar. Logo depois, Harshaw tirou uma caderneta do bolso e começou a tomar notas. Fiz um esforço para me lembrar de tudo: Enrico Schultz e sua estranha observação sobre Tolliver e a menção de Walter Evans. A morte dele. Se houve. Bill. O estranho comportamento da administração do Regra de Ouro. Aqueles roladores e os assassinos em cada um deles. Jefferson Mao. Os atacantes no Raffles...

— Isso é tudo?

— E não basta? Não, não é tudo. Que carga titia estava carregando? Como foi que deram um jeito de nos fazer voar em um monte de sucata que quase nos matou? O que Lady Diana e seus estúpidos maridos estavam fazendo lá no meio do deserto? Se tivesse meios, eu gastaria dinheiro sem conta com *sherlocks* para descobrir o que estava acontecendo, o que me visava realmente, o que foram apenas meus nervos e o que foi simplesmente coincidência.

— Não há coincidências—disse Harshaw. — Um aspecto em que o Mundo como Mito mais simples do que a antiga teologia é o simples fato de que *não* há acidentes, nada de coincidências.

Tio Jock disse:

— Jubal? Eu não tenho autoridade para isso.

— E eu tenho. Sim. — Levantou-se. — Nós dois, acho. Meu tio levantou-se também.

— Dickie, meu rapaz, espere sem sair daqui. Vamos nos ausentar por cinco minutos, mais ou menos. Um trabalho a fazer.

Quando se afastaram, foi a vez de Davis se levantar.

— Com licença, sim? Preciso trocar o braço.

— Claro, papai Mannie. Não, não, Pixe! Cerveja não é bebida de gatinhos!

Pelo meu Sonychron eles estiveram ausentes durante sete minutos. Mas não, isso era evidente, pelo tempo deles. O tio usava agora barba cheia. Harshaw exibia uma cicatriz nova, de faca, rosada, de um lado a outro da bochecha esquerda. Fitei-os.

— Deus do céu! O que foi que aconteceu?

— Tudo. Há ainda cerveja? Cissy — disse ele, sem levantar a voz —, poderia nos arranjar mais um pouco de cerveja? E Jubal e eu não comemos há algum tempo. Horas. Dias, talvez.

— Já está indo — respondeu a voz desencarnada de tia Cissy. — Querida? Eu

acho que você deve tirar um cochilo.

— Mais tarde.

— Logo que você comer alguma coisa. Quarenta minutos.

— Deixe de me apoquentar. Você podia me arranjar uma sopa de tomate? Para Jubal, também.

— Eu levo a sopa e mais coisas para seu piquenique. Em 45 minutos, enquanto você tira um cochilo. Isto é oficial. Quem diz é Til.

— Lembre-me para lhe dar uma surra.

— Sim, querido. Mas não hoje. Você está exausto.

— Muito bem. — Tio Jock virou-se para mim. — Vejamos, o que é que vou lhe dizer primeiro? Aqueles roladores? Seu amigo Hendrik Schultz cuidou daquele. Pode estar certo de que está acabado. Descobrimos que ele era um investigador de campo *ichiban*. Pode esquecer a paranóia no tocante àquele, Dickie... Dois adversários, os Senhores do Tempo e os Modificadores de Cenários... ambos em seu encaixo e um no encaixo do outro. Você tem uma vida encantada, filho... nasceu para ser enforcado.

— O que é que você quer dizer com... Senhores do Tempo e Modificadores de Cenários? E por que eu?

— Talvez não sejam os nomes que eles dão a si mesmos. Os Senhores e os Modificadores são grupos que fazem o tipo de coisa que o Círculo faz... mas a gente não se dá bem. Dickie, você não acha que em todos os universos, 666 ou mais, nós do Círculo seríamos os únicos a perceber a verdade e tentar fazer alguma coisa a respeito dela, pensaria?

— Não sei de nada sobre isso, nem de um jeito nem de outro.

— Coronel — interveio o Dr. Harshaw —, uma das grandes deficiências do Mundo como Mito reside no fato de que lutamos... e às vezes perdemos... com três tipos de antagonistas: vilões por iniciativa própria, como o Suserano Galático, e grupos como o nosso, mas condicionados por intenções diferentes — más, em nossa opinião, talvez boas, na opinião deles — e o terceiro e mais poderoso, os próprios criadores de mitos — tais como Homero, Twain, Shakespeare, Baum, Seift e seus colegas no panteão. Mas não esses que mencionei. Os corpos deles morreram, mas eles continuavam a viver no *corpus* imortal do mito que cada um criou... o que não muda e por conseguinte não nos coloca em perigo.

— Mas — continuou —, há criadores de mitos que estão vivos, todos perigosos, todos casualmente indiferentes enquanto revisam um mito e apagam um personagem. — Harshaw sorriu sombriamente. — A única maneira como podemos sobreviver com isso consiste em compreender, em primeiro lugar, que é o único jogo na cidade e, segundo, que não dói. Apaga. Risca e tira o X da

história.

— Como é que o senhor sabe que não dói?

— Porque me recuso a aceitar qualquer outra teoria! Continuamos com nosso relatório?

— Dickie, rapaz, você perguntou: "Por que eu?" Pela mesma razão, Jubal e eu deixamos um almoço agradável para trabalhar como doidos e lançar muitos outros em difíceis e perigosas investigações. Por causa da Missão Adam Selene e de seu papel decisivo nela. Tanto quanto podemos saber, os Senhores do Tempo querem seqüestrar Mike enquanto os Modificadores de Cenário querem destruí-lo. Ambos os grupos, porém, querem-no morto. Você é uma ameaça aos planos deles.

— Mas naquela ocasião eu nem havia ouvido falar ainda em Mike, o Computador!

— Era a melhor ocasião de matá-lo, não acha? Cissy, você é não só bela, mas agradável de ter em volta de mim. Além de seus talentos ocultos. Simplesmente, deixe a comida aí. Nós nos servimos.

— *Blagueur et gros menteur*. Você ainda tem que tirar aquele cochilo. Mensagem de Til. Você não deve aproximar-se da mesa do jantar até que tenha raspado essa barba.

— Diga àquela atrevida que prefiro morrer de fome a ser dominado por mulher.

— Sim, senhor. E eu penso igualzinho a ela.

— Paz, mulher.

— De modo que me ofereço para fazer sua barba. E cortar seu cabelo.

— Aceito.

— Depois de seu cochilo.

— Caia fora. Jubal, já provou esta salada em geléia? É uma coisa que Til faz excepcionalmente bem... embora todas as minhas três donas sejam ótimas cozinheiras.

— Você diz isso por escrito?

— Eu lhe disse para sumir. Jubal, viver com três mulheres exige fortaleza de ânimo.

— Eu sei. Eu fiz isso, durante muitos anos. Fortaleza mais um estado de espírito angelical. E gosto por vida mansa. Mas um casamento coletivo, como em nossa Família Long, combina as vantagens da vida de solteiro, monogamia e poligamia, sem as desvantagens de nenhuma delas.

— Não vou discutir, mas fico com minhas Três Graças enquanto elas me

deixarem ficar com elas. Agora, vejamos... Enrico Schultz. Não houve tal protagonista.

— E daí? — respondeu. — Ele deixou algumas manchas horrendas na toalha de minha mesa.

— E daí ele tinha outro nome. Mas você sabia disso. A melhor hipótese é que fosse membro da mesma quadrilha de seu amigo Bill... que era um vilão sorridente, se um deles jamais sorriu, além de um ator consumado. Nós os chamamos de Os Revisionistas. A motivação tinha que ser Adam Selene. Não Walker Evans.

— Por que foi que ele mencionou Walker Evans?

— Para abalá-lo, talvez. Dickie, eu não sabia da existência do General Evans até que você provocou o assunto, uma vez que esse debate ainda está no meu futuro. Meu futuro normal. Agora entendo como pesa em sua mente. Pesará. Lembre-se, eu não sabia que recebera baixa como inválido dos Cruzados do Contrato Andorrano até que você me disse.

— De qualquer modo... todos os "Amigos de Walker Evans" estão mortos, com exceção de você, e um que foi para a Faixa de Asteróides e não pôde ser encontrado. Isto até 10 de julho de 2188, 11 anos à frente. A menos que você queira falar com qualquer um deles vivo em uma data não muito à frente.

— Não vejo razão para isso.

— Foi o que nos pareceu. Agora, o próprio Walker Evans. Lazarus cuidou disso... e de um exemplo de mudança do mundo, em parte para lhe mostrar o que pode ser feito. Nenhuma tentativa foi feita para revisar a batalha. Seria difícil, em 2177, revisar uma batalha em 2178, sem mudar inteiramente a sua vida. Ou matar você naquele ano, ou você não perder a perna e continuar no serviço — sim, agora sei a respeito de sua perna, embora isto só vá acontecer adiante. De qualquer maneira, você não iria para o Regra de Ouro, não casaria com Hazel... e não estaríamos sentados aqui, conversando sobre este caso. Mudança de mundo é coisa delicada, Dickie... e é melhor ser feita em doses homeopáticas.

"Lazarus envia-lhe duas mensagens. Diz que você não deve sentir nenhuma culpa pessoal por aquela *débauche*. Agir assim seria tão idiota como um subordinado de Custer sentir culpa pelo que aconteceu no Little Big Horn... ao que ele acrescenta que Custer era um general muito mais brilhante do que Evans jamais foi. Lazarus fala como pessoa que passou por todos os postos, de pracinha a marechal-em-chefe, numa experiência de muitos séculos e 17 guerras.

"Essa é a primeira mensagem. A segunda é a seguinte: diga a seu sobrinho que, sim, horroriza gente boa. Mas acontece. Só aqueles que vão além do fim das luzes e calçadas sabem como essas coisas acontecem. Diz que tem certeza de

que Walker Evans não guardaria aquilo contra você. Dickie, do que é que ele está falando?"

— Se ele quisesse que você soubesse, teria lhe contado.

— Razoável. O General Evans era um homem de bom gosto?

— O quê? — Olhei fixamente para meu tio — e depois respondi, relutante: — Bem, não. Eu diria que não. Eu o achei duro e um pouco fibroso...

— Agora temos tudo às claras...

— Sim, diabos o levem!

— ... e eu posso lhe contar o resto, a mudança de mundo. Um operador de campo colocou uns dois pacotes de ração sob o corpo do general. Quando moveu o corpo, você os encontrou... e foi a conta para que nenhum dos Amigos de Walker Evans jamais chegassem ao grau necessário para superar o tabu. De modo que aquilo nunca aconteceu.

— Neste caso, por que é que eu me lembro daquilo?

— Lembra-se?

— Por que...

— Você se lembra de encontrar rações de campo abandonadas sob o corpo. E como se sentiu bem.

— Tio, isto é loucura.

— Isso é mudança de mundo. Durante algum tempo, você teve uma recordação. Depois, uma recordação vaga de uma recordação. Depois, nada. Aquilo nunca aconteceu, Dickie. Você passou por uma situação danada de difícil e perdeu uma perna. Mas você não comeu seu oficial-comandante.

Titio continuou:

— Jubal, o que foi que nos sobrou e que é importante? Dickie, você não pode esperar que todas as suas perguntas sejam respondidas, nenhum homem pode esperar isso. Hummm, oh, sim, aquelas doenças. Você teve duas delas. O resto foi publicidade. Ficou curado em uns dois dias. Depois, mantiveram-no em um campo de memória controlada e lhe colocaram uma nova perna... e fizeram mais alguma coisa. Não tem se sentido melhor ultimamente? Mais vivo? Mais enérgico?

— Bem... tenho. Mas isso data do dia em que me casei com Hazel, não de Boondock

— As duas, provavelmente. Durante o mês em que você esteve à disposição, a Dra. Ishtar deu-lhe um reforço. Soube que o transferiram da clínica de

rejuvenescimento para o hospital no mesmo dia em que o deixaram acordar. Oh, mas eles realmente fizeram um bom trabalho em você, rapaz. Deram-lhe uma nova perna e fizeram-no 30 anos mais moço. Acho que devia processá-los.

— Oh, acabe com isso. O que me diz daquela bomba de calor? Mais publicidade?

— Talvez sim, talvez não. Não foi decidido, apenas especificada a pulsação temporal. A coisa é...

Harshaw interveio:

— Richard, pensamos agora que poderemos talvez levar a cabo a Missão Adam Selene antes que a bomba de calor seja necessária. Há alguns planos. De modo que a bomba de calor, neste exato momento, está no *status* do Gato de Schrödinger. O resultado depende da missão. E vice-versa. Veremos.

— Esses planos... Vocês estão supondo que vou topiar.

— Não. Estamos supondo que não vai.

— Hummm... Se estão supondo que não vou, por que estão se dando ao trabalho de me contar tudo isso?

Em sua voz cansada, titio respondeu:

— Dickie, meu rapaz, milhares e milhares de homens-hora foram gastos para atender à sua exigência infantil de que fosse removido o véu que ocultava o desconhecido. Você acha que vamos simplesmente botar fora os resultados? Sente-se aí e preste atenção. Humm, fique fora de Luna City e do Regra de Ouro após junho de 2188. Há mandados de prisão para você por oito assassinatos.

— Oito! Quem?

— Hummm: Tolliver, Enricho Schultz, Jonson, Oswald Progant, Rassmussen...

— Rassmussen!

— Conhece-o?

— Usei o fez dele durante 10 minutos. Nunca botei os olhos em cima dele.

— Não vamos perder nosso tempo com essas acusações de assassinato. Tudo o que significam é que alguém está atrás de seu couro, em L-City e no Regra de Ouro. Com três grupos de viajantes do tempo em seu encaixo, isso não é de surpreender. Você vai querer que sejam cancelados. Podem ser, mais tarde. Se necessário. Se você não for simplesmente para Tertius e esquecer tudo. Oh, sim... aqueles grupos de códigos. Não eram uma mensagem, apenas um macete para que você abrisse a porta. Mas você não se deixou matar tranquilamente, como devia ter feito. Dickie, você é um criador de casos.

— Poxa, sinto muito.

- Mais alguma pergunta?
- Vá tirar seu cochilo.
- Ainda não. Jubal. Agora?
- Claro.

O Dr. Harshaw levantou-se e foi embora.

- Dickie.
- Sim, tio.
- Ela o ama, realmente o ama, rapaz. Só Deus sabe por quê. Mas isso não significa que ela lhe diga sempre a verdade ou seja sempre no seu interesse. Fique avisado.
- Tio Jock, não adianta nada avisar um homem sobre sua esposa. Você aceitaria um aviso meu a respeito de Cissy?
- Claro que não. Mas sou mais velho do que você e muito mais experiente.
- Responda-me.
- Vamos mudar de assunto, em vez disso. Você não gosta de Lazarus Long.

Sorri alegremente para ele.

— Tio, a única coisa que me convence que ele possa ser tão velho quanto se diz é que seria necessário mais do que uma vida comum para se ser tão rabugento e geralmente insuportável como ele é. Ele me irrita todas as vezes. E o filho da mãe agrava a questão fazendo com que eu lhe deva favores. Este pé... de um clone dele — sabia? E aquela briga esta manhã. Lazarus matou o estúpido, qual era o nome dele, que tentou me matar. Mas o Capitão Sterling e o Comandante Smith fizeram a mesma coisa, e provavelmente mais rápidos que ele. Ou talvez não. De qualquer modo, tive que agradecer aos três. Droga, eu gostaria de salvar a vida dele uma única vez para equilibrar a escrita. O filho da mãe.

- Isso não é maneira de falar, Dickie. Abby teria lhe dado uma coca.
- E teria mesmo. Retiro o que disse.
- Além do mais... seus próprios pais nunca casaram.
- Muitas vezes me disseram isso. Pitorescamente.
- Quero dizer, literalmente. Sua mãe foi minha irmã predileta. Muito mais moça do que eu. Bonita menina. Eu a ensinei a andar. Brinquei com ela quando estava crescendo, estraguei-a de todas as maneiras que pude. De modo que, naturalmente, teve o que antigamente se chamava de "problema", ela veio procurar o irmão mais velho. E sua tia Abby. Dickie, não foi que seu pai não estivesse presente. O fato era que seu avô antipatizava com ele, antipatizava tanto quanto você... antipatiza com Lazarus Long.

— Não me refiro ao Sr. Ames. Você ficou com o nome dele, mas ele conheceu e casou com Wendy depois que você nasceu. E nós ficamos com você e o criamos. Sua mãe viria buscá-lo, após um ano — disse que Ames merecia isso —, mas não viveu até lá. De modo que Abby foi sua mãe em tudo, menos em biologia.

— Tio, tia Abby foi a melhor mãe que um menino podia querer. Escute, aquelas surras com vara de marmeleiro foram boas para mim. Eu sei.

— Fico satisfeito em ouvir você dizer isso, Dickie. Eu amo todas as suas tias... mas nunca haverá outra Abby. Hazel me lembra dela. Dickie, já se decidiu?

— Tio, vou combater isso até o fim. Como é que vou deixar que minha mulher se arrisque num trabalhinho em que ela só tem uma chance de 50-50 de sair viva? Especialmente quando ninguém tentou ainda me demonstrar por que meus métodos não são melhores.

— Eu estava apenas perguntando. Os matemáticos estão submetendo a teste outra equipe — uma vez que você não parece disposto. Veremos. Seu pai era teimoso e seu avô era teimoso. Não é de surpreender que você também seja. Seu avô — meu pai — disse redondamente que preferia ter um bastardo na família do que um Lazarus Long. De modo que tivemos um. Você. E Lazarus foi embora e nunca soube nada a seu respeito.

— Não é mesmo de surpreender que você e seu pai não combinem. Parecem-se demais. E agora ele vai tomar seu lugar na equipe que vai cumprir a missão Adam Selene.

"Nossa pândega agora terminou."

William Shakespeare, 1564-1616

Morrer não é difícil. Até um gatinho pode fazer isso.

Estou sentado de costas para a parede na velha sala de computador, no Complexo do Administrador, em Luna. Pixel está aninhado no meu braço esquerdo, Hazel no chão, ao nosso lado. Não tenho certeza de que Pixel esteja morto. Pode estar dormindo. Mas não vou perturbá-lo para descobrir. Na melhor das hipóteses, ele é um bebê muito ferido.

Sei que Hazel ainda está viva porque a vejo respirar. Mas ela não está em bom estado. Como eu gostaria que eles se apressassem.

Tampouco posso fazer muita coisa por qualquer um deles porque não tenho nada com que trabalhar e não posso me mover muito. Perdi uma perna e não tenho uma prótese. Isso mesmo, aquela mesma perna direita — a perna de Lazarus — amputada a fogo pouco acima da linha do transplante. Acho que não posso me queixar — sendo um trabalho de queimadura, ela está cauterizada, não perdi muito sangue. Não começou a doer muito ainda. Não aquela dor branda que parece um maçarico. Isso vem depois.

Será que Lazarus Long sabe que é meu pai? O tio lhe disse isso por acaso?

Hei, isto torna Maureen, aquela maravilhosa, bela criatura, minha *avó!*

É... talvez seja melhor eu me preparar.

Estou um pouco tonto.

Não tenho nem mesmo certeza de que isto está sendo gravado. Tenho comigo um gravador de batalha, mas é do tipo minúsculo, de Tertius, que não conheço bem. Ou estava ligado e eu o desliguei ou estava desligado e eu o liguei. Não tenho certeza de que Pixie esteja morto. Talvez fosse melhor eu me preparar.

Era um bom grupo, o melhor, equipado com tal poder de fogo que achei que nossas possibilidades eram boas. Hazel estava no comando, naturalmente...

Major Sadie Lipschitz, chefe do grupo de ataque

Capitão honorário Richard Campbell, XO

Porta-estandarte Gretchen Henderson, JO

Sargento Ezra Davidson

Cabo Ted Bronson, conhecido também como W. W. Smith, conhecido também

como Lazarus Long, conhecido também como Lafayette Huber, M.D. — serviços suplementares, médico da equipe.

Manuel Davis, civil, operador de campo especial.

Lazarus insistiu em ser chamado de "Ted Bronson" ao ser designado cabo da força-tarefa. Trata-se de uma piada de cocheira, acho. Não me disseram o que significava.

A porta-estandarte Henderson voltara à ativa vários meses depois de ter tido seu menino. Era de uma esbelteza sólida, morena e bela, e as fitas de combate em seu belo busto estavam onde deviam estar. O Sargento Ezra sempre pareceu soldado, logo que ganhou pernas, e suas fitas mostravam isso também. Um bom grupo.

Por que me deram a patente honorária de capitão? Fiz a pergunta logo depois de Hazel ter me tomado o juramento como membro do Comando — e recebi uma resposta tola ou sensata, dependendo da tendenciosidade de cada um. Porcut (disse Hazel) em todos os livros de história em que o fato fora mencionado eu figurava como segundo em comando. As histórias não davam outros nomes, mas não diziam que agíramos sozinhos, de modo que ela se resolveu por mais poder de fogo e escolheu o grupo. (Ela decidiu. Escolheu. Não Lazarus. Não alguma bateria de cérebros do QGT. Isso me agradou.)

Gay Tapeadora era guarnecida também por seu primeiro grupo — Hilda, comandante; Deety, XO e estrogadora; Zeb Carter, piloto-chefe; Jake Burroughs, co-piloto equipamento de irrelevância — e a própria Gay, consciente, senciente e capaz de pilotar... o que não acontecia com qualquer outra nave equipada para irrelevância, exceto Dora (que era grande mais para esse trabalho).

A comandante da nave, Hilda, estava sob as ordens da comandante da força de ataque. Eu teria esperado que a coisa pegasse aí... mas fora Hilda quem propusera isso.

— Hazel, vai ter que ser assim. Todo mundo tem que saber quem é o chefe. Quando a coisa bater no ventilador, não podemos parar para conversar.

Um bom grupo. Não havíamos treinado juntos mas éramos profissionais e nossa comandante deixou as coisas tão claras que não precisamos de treinamento.

— Atenção para as ordens. O objetivo desta força é capturar itens selecionados por Davis e trazê-los de volta, e a Davis, a Tertius. *Não há outro objetivo.* Mas se todos nós formos mortos e Davis e o material que selecionar chegarem a Tertius nossa tarefa terá sido um sucesso.

"O plano é o seguinte. Hilda nos pôs no muro leste, lado de estibordo, na pulsação escolhida, depois que o QGT nos avisar que está pronto para ativar. Deixaremos a nave na seguinte ordem: Lipschitz, Campbell, Henderson, Davidson, Bronson,

Davis. Coloquem-se à frente e à retaguarda nos banheiros para saírem nessa ordem.

"A sala do computador é quadrada. Lipschitz para o canto sudeste, Henderson para o canto sudoeste, Campbell para o canto noroeste, Davidson para o canto nordeste. Pares em diagonal cobrem todas as quatro paredes, de modo que dois desses pares cobrem duplamente todas as paredes. Bronson é o guarda-costa de Davis. sem ponto fixo.

"À medida que Davis trabalhar, caixas cheias serão colocadas na nave. Henderson e Davidson transportarão os itens para a nave, da forma determinada por Davis, e serão ajudados dentro da nave por Deety. O comandante da nave e pilotos permanecerão de sobreaviso para cair fora a toda pressa e ajudarão apenas transportando itens para trás. Bronson não, repito, não moverá bagagem. Sua única tarefa é servir de segurança a Davis.

"Quando Davis me disser que terminou a tarefa, voltamos à nave com toda rapidez, em ordem inversa — Davis, Bronson, Davidson, Henderson, Campbell, Lipschitz. Hilda, você dará a ordem de cair fora logo que quiser, após ter Davis e o material que ele veio buscar a bordo, dependendo da situação tática. Se houver problema, não espere por ninguém. Use sua capacidade de julgamento, mas ele lhe deve dizer para salvar Mannie e os artigos que veio buscar, pouco importando quem ficou para trás."

"Alguma pergunta?

Há quanto tempo estou perdendo a consciência? Meu Sonychron foi uma das primeiras baixas. O grupo que Hazel escolheu era... Não, eu já disse isso. Acho que disse.

O que foi que aconteceu com a Árvore-San?

A pulsação temporal escolhida estava certa depois que Hazel deixou a sala do computador no sábado, 5 de julho. O grupo que captava a pulsação racionou que se estivesse à nossa espera quando chegássemos ao Raffles então aquele antagonista (os Senhores do Tempo?) não estaria nos procurando na sala do computador. Não havia maneira de fazer isso antes. Hazel comunicara que "Adam Selene" estava na sala do computador quando estivera lá.

Fizemos a coisa bem rápida, quase rápida demais. Quando Hazel estava deixando a Gay, parou de repente, eu imediatamente atrás dela — esperou por um momento e desceu.

Parou porque viu suas próprias costas, deixando a sala.

Tenho que mandar dizer a tia Til que Hazel e eu não chegaremos para a sopa.

A cabeça me dói e os olhos me incomodam.

Não sei como Pixel subiu para bordo de Gay. Como esse bebê se move!

Jubal Harshaw diz: "A única coisa constante nesses mundos mutáveis de fantasia é o amor humano." Isso é suficiente.

Pixel moveu-se um pouquinho.

Foi bom ter os dois pés durante alguns dias.

— Richar'?

— Sim, bem-amado.

— Hummm?

— Ela me disse, meses atrás.

— Não compreendo.

— Paradoxo.

Comecei a interrogá-la sobre isso. Ela dormia novamente. A compressa que eu colocara sobre o ferimento dela estava gotejando. Mas não tenho mais nada, de modo que não a toquei.

Não vou ver tia Belden nesta viagem. Que pena.

O que foi que aconteceu com meus arquivos? Estão ainda no outro pé?

Hei! Amanhã é o dia "em que estaremos todos mortos" se Tolliver não estiver.

A primeira hora passou sem nenhum incidente. Mannie trabalhou ininterruptamente, mudou de braços uma vez, começou a encher caixas. Gretchen e Ezra levaram-nas para a nave, entregaram-nas, voltaram a seus postos entre viagens. A maior parte disso parecia ser de programas que Mannie extraía para seus próprios cubos, usando equipamento que trouxera. Eu não podia ver. Depois, começou a encher as caixas com maior rapidez, colocando cilindros dentro delas. As memórias de Adam Selene? Não sei. Talvez eu tenha observado demais.

Mannie espigou-se e disse:

— Isto completa! Feito. Em resposta ouvi:

— Miau!

E eles nos atacaram.

Caí imediatamente, a parte inferior da perna levada pelo raio. Vi Mannie cair. Ouvi Hazel gritar: "Bronson! Leve-o para bordo! Henderson, Davidson... aquelas duas últimas caixas!" Não ouvi o resto porque estava atirando. Toda a parede leste estava aberta. Atravessei-a com minha arma a plena capacidade. Mais alguém estava atirando. Ao nosso lado, penso.

Depois, houve silêncio.

- Rich'r:
- Sim, amada.
- Foi div'tido.
- Foi, amor. Todo ele.
- Rich'r... aquela luz, no fim do túnel. — Sim?
- Eu espero você... lá.
- Querida, que você vai sobreviver a mim!
- Procure-me. Eu...

Quando aquela parede se abriu, acho que vi qual-era-o-nome-dele? Poderia o estúpido que o apagou recolocá-lo na história? Para nos cortar as asas?

Quem era que estava escrevendo *nossa* história? Iria deixar que vivêssemos?

Quem quer que mate um gatinho, é cruel, perversamente cruel. Quem quer você seja, eu o odeio. *Desprezo-o!*

Consegui acordar com um esforço, dei-me conta de que caíra no sono enquanto estava de vigia! Tinha que me controlar porque eles poderiam voltar. Oh, Deus seja louvado! Gay Tapeadora voltará. Não podia imaginar porque Gay não tinha voltado. Problema especificando a pulsação temporal certa?

Podia ser qualquer coisa. Mas eles não vão simplesmente nos deixar aqui.

Salvamos Mannie e o material que ele retirou. Nós *vencemos*, o diabo leve vocês todos!

Tinha que ver o que sobrara de armas, munições. Eu não dispunha de nada mais. Minha pistola de raios estava vazia, sabia. Mas, e minha arma de cintura? Não me lembrava de a ter usado? Desapareceu. Tenho que procurá-la por aí.

- Querido?
- Sim, Hazel? (Ela vai me pedir água e não tenho nenhuma!)
- Sinto muito que pessoas estivessem comendo.
- O quê?
- Tive que matá-lo, queridíssimo. Ele havia sido designado para matá-lo.

Coloquei o gatinho em cima de Hazel. Talvez ele tenha se movido, talvez não — talvez os dois estivessem mortos. Consegui me levantar sobre um pé, segurando-me a uma estante do computador, depois arreei novamente. A despeito da longa prática em saltitar a um sexto de gravidade, descobri que nem estava forte o suficiente nem tinha bom equilíbrio — e estava separado de minha bengala, pela primeira vez em anos. Ela estava, pensei, no banheiro dianteiro de Gay.

De modo que rastejei, tendo cuidado com a perna direita. Ela estava começando a doer. Não encontrei armas carregadas. Afinal e dolorosamente voltei para junto de Gwen e Pixel. Nenhum dos dois se mexeu. Eu não podia ter certeza.

FIM

A handwritten signature in black ink that reads "Robert A. Heinlein". The signature is written in a cursive, flowing style with a prominent initial 'R' and a long, sweeping underline.

[1] *Golden Rule* no original: regra de ouro, preceito áureo (não fazer aos outros o que não desejamos que nos façam). (N. do T.)

[2] Em inglês, "*mistress*" (senhora) significa também amada, amante, concubina. (N. do T.)

[3] Seqüência de instruções executadas reiteradamente até aparecer uma condição predominante que provoca seu término ou até que se cumpra determinado critério (*apud* Dicionário de Informática, LTC Editora). Usada como *loop* em linguagem de computador. (N. do T.)